Comentário Bíblico Broadman

Volume 7

Oseias - Malaquias

Velho Testamento 7

Prefácio

O Comentario Biblico Broadman apresenta o estudo bíblico atual no contexto de uma fé forte na autoridade, adequação e confiabilidade da Bíblia como a Palavra de Deus. Ele procura oferecer ajuda e orientação ao cristão que está disposto a realizar o estudo da Bíblia como uma busca séria e gratificante. O editor definiu assim o escopo e o propósito do COMENTÁRIO para produzir um trabalho adequado às necessidades de estudo da Bíblia tanto dos ministros como dos leigos. As descobertas da bolsa de estudo bíblica são apresentadas para que os leitores sem educação teológica formal possam usá-los em seu próprio estudo bíblico. Notas de rodapé e palavras técnicas são limitadas a informações essenciais.

Os escritores foram cuidadosamente selecionados por sua reverente fé cristã e seu conhecimento da verdade da Bíblia. Tendo em mente as necessidades de um leitor geral, os escritores apresentam informações especiais sobre idioma e história, onde ajuda a esclarecer o significado do texto. Eles enfrentam problemas da Bíblia - não só em linguagem, mas em doutrina e ética -, mas evitem pontos finos que têm pouca influência sobre como devemos entender e aplicar a Bíblia. Eles expressam seus próprios pontos de vista e convicções. Ao mesmo tempo, eles apresentam visões alternativas quando tais são defendidas por outros estudantes sérios e bem informados da Bíblia. As opiniões apresentadas, portanto, não podem ser consideradas como a posição oficial da editora.

Este COMENTÁRIO é o resultado do planejamento e preparação de muitos anos. Broadman Press começou em 1958 para explorar necessidades e possibilidades para o presente trabalho. Neste ano e novamente, em 1959, líderes cristãos - particularmente pastores e professores de seminário - foram reunidos para considerar se um novo comentário era necessário e a forma que poderia ter. Crescendo com essas deliberações em 1961, o conselho de curadores que rege a imprensa autorizou a publicação de um comentário multivolume. Outro planejamento levou em 1966 à seleção de um editor geral e um Conselho Consultivo. Este conselho de pastores, professores e líderes denominacionais reuniu-se em setembro de 1966, revisando planos preliminares e fazendo recomendações definitivas que foram realizadas como o COMENTÁRIO foi desenvolvido.

No início de 1967, quatro editores de consultoria foram selecionados, dois para o Antigo Testamento e dois para o Novo. Sob a liderança do editor geral, esses homens trabalharam com o pessoal da Broadman Press para planejar o COMENTÁRIO em detalhes. Eles participaram plenamente da seleção dos escritores e da avaliação dos manuscritos. Eles deram generosamente tempo e esforço, ganhando a mais alta estima e gratidão dos funcionários da imprensa que trabalharam com eles.

A seleção da versão padrão revisada do texto bíblico para o COMENTÁRIO foi feita em 1967 também. Isso surgiu de uma análise cuidadosa de possíveis alternativas, que foram totalmente discutidas na reunião do Conselho Consultivo. A adoção de uma versão em inglês como um texto padrão foi reconhecida como desejável, o que significa que somente as versões padrão King James, American Standard e Revised Standard estavam disponíveis para consideração.

A versão King James foi reconhecida como ocupando o primeiro lugar nos corações de muitos cristãos, mas como sofrendo de imprecisões na tradução e obscuridades no fraseado. O American Standard foi visto como livre desses dois problemas, mas deficiente em um estilo inglês atraente e uso atual amplo. A Revised Standard mantém a

precisão e clareza do American Standard e tem um estilo agradável e um uso crescente. Desta forma, goza de uma forte vantagem sobre cada um dos outros, tornando-se, de longe, a escolha mais desejável.

Ao longo do COMENTÁRIO, o tratamento do texto bíblico visa uma combinação equilibrada de exegese e exposição, reconhecendo reconhecer que a natureza dos vários livros e o espaço atribuído modificarão adequadamente a aplicação dessa abordagem.

Os artigos gerais que aparecem nos Volumes 1, 8 e 12 são projetados para fornecer material de fundo para enriquecer o entendimento da natureza da Bíblia e os aspectos distintivos de cada Testamento. Aqueles no Volume 12 se concentram nas implicações do ensino bíblico nas áreas de adoração, dever ético e missão mundial da igreja.

O COMENTÁRIO evita modismos teológicos atuais e mudanças de teorias. Ele se preocupa com as realidades profundas dos tratos de Deus com os homens, sua revelação em Cristo, seu evangelho eterno e seu propósito para a redenção do mundo. Procura relacionar a Palavra de Deus nas Escrituras e na Palavra viva com as necessidades profundas das pessoas e com a humanidade no mundo de Deus.

Através da interpretação fiel da mensagem de Deus nas Escrituras, portanto, o COMENTÁRIO procura refletir a relação inseparável da verdade com a vida, do significado à experiência. Seu objetivo é respirar a atmosfera de vida. Procura expressar a relação dinâmica entre a verdade redentora e as pessoas vivas. Que ele sirva como um meio pelo qual os filhos de Deus escutem com maior clareza o que Deus o Pai lhes diz.

Oséias

Roy L. Honeycutt, Jr.

Introdução

Raramente é a revelação de Deus mediada por uma profundidade de angústia pessoal e sofrimento como se encontra na agonia de Oséias. Somente o sofrimento posterior de Jesus transcende a tristeza pessoal de Oséas como um meio de revelação divina. Jesus e Oséias compartilharam um nome em comum, o que significa salvador, salvação. Mas, mais do que isso, eles compartilhavam o vínculo de uma identificação comum com a tristeza como veículo do ministério. No cadinho de sua angústia e sofrimento, eles testemunharam a concepção e o eventual nascimento desse propósito divino que acreditava suas vocações.

O sofrimento e a alienação eram muitas vezes os tristes acompanhos de Oséias e Jesus. Tanto eram os dois que Wheeler Robinson escreveu uma vez sobre a mensagem de Oséias sob o título *The Cross of Oseias.* A totalidade do sofrimento do profeta constituiu o que Robinson chamou de "vale de lágrimas" do profeta. No entanto, através de tal vale, andou na solidão e na desolação. Ossés finalmente encontrou a "porta da esperança". Através da avenida de um amor concebido em o coração de Deus, mas compartilhado nos laços da comunidade da aliança, Oséias testemunhou a transformação de sua crise em um veículo de revelação divina.

I. Nome

Em comum com outros livros proféticos, o título "Oséias" deriva do nome do profeta. O inglês "Oséias" ocorre quatro vezes na Bíblia inteira (1: 1, 2 ; Rom. 9:25), mas a palavra (*hoshea'*) é idêntica a Hoshea (ver Números 13: 8 ; 2 Reis 15: 30; 1 Cron. 27:20 ; Neh. 10:23). Aparentemente, Oséias é transliterado com "s" em vez de "sh", a fim de evitar possíveis confusões do profeta e do rei, ambos com o mesmo nome hebraico (*Hoshea'*). O nome significa salvação e de acordo com Números 13: 8 , 16 é o nome original de Joshua (*Yehoshua'*). O nome é apropriado tanto do motivo de libertação na família de Oséias quanto da necessidade de salvação nacional, que foi tão evidente durante o tempo em que ministrou.

II. Os tempos do profeta

Acionar o ministério de Oséas nos dias de "Uzias, Jotão, Acaz e Hezelá" (1: 1) cria um intervalo cronológico de aproximadamente um século (*cerca de* 783-687 AC). Mas provavelmente foi a intenção do escritor sugerir nada mais por isso que oseus era um contemporâneo de Isaías, e isso ele fez usando os mesmos reis de Judá até à data do livro de Oséas, como costumava namorar em Isaías (cf. Isaías 1: 1). Isso está de acordo com a tese de que o título foi formulado em círculos da Judéia, numa época em que o Reino do Norte havia caído. Embora o escritor cite apenas Jeroboão II no título de Oséias (ver 1: 1), a partir de evidências internas, parece que Oseias conheceu não apenas a desintegração do reinado após a morte de Jeroboão II, mas a guerra sírio-efraimítica (*cerca de* 734 AC). Embora seja sugerido que o escritor não tenha sido familiar com a história do século VIII, é mais provável que ele não desejasse estabelecer

limitações cronológicas específicas para o profeta. Ele se contentou em sugerir que Oseias serviu durante a época associada a os dias finais de Jeroboão II e que ele era um contemporâneo de Isaías. O ministério de Oséias se estendeu no mínimo de 748 AC (a morte de Jeroboão II) à desintegração do Reino do Norte *ca.* 722. Além disso, não pode ser mais específico.

Na cena internacional, Oséias viveu naquele período da história dentro do antigo Oriente Próximo, quando Assíria surgiu como um novo império mundial, seguindo um longo período de inatividade. Este ressurgimento do poder assírio foi efetuado sob a poderosa liderança de Tiglath-pileser III (745-727 AC) e continuou sob seus sucessores: Shalmaneser V (727-722), Sargon II (722-704) e Sennacherib (704-681). A referência de Oseas ao "grande rei" (5:13) provavelmente se refere ao Tiglath-pileser III, e sugere os esforços periódicos de Judá para evitar a catástrofe nacional através da participação na política internacional. Mais especificamente, 5:13 pode muito bem referir-se à submissão do rei Hoshea quando ele pagou tributo à Assíria, e tornou-se um vassalo (2 Reis 17: 3ss.), como em 738 AC, Menahem já havia prestado homenagem a Assíria (Mays, p. 91). Embora o Egito já não conhecesse a grandeza de tempos anteriores, havia aqueles em Judá no final do século VIII AC que constituíam um partido pró-egípcio e que acreditavam que o caminho mais sábio para Judá descansava em aliança com o Egito (ver Isa 30: 1 p .; 31: 1 p.). Oséias repreendeu com sabedoria as alianças que Judá criou com a Assíria eo Egito, caracterizando a nação como boba e sem sentido (7:11).

Internamente, a cena política refletiu os eventos tumultuados associados ao rápido surgimento e eliminação de uma sucessão de reis israelitas após a morte de Jeroboão II. Durante esta era, reinaram seis reis dentro de aproximadamente 20 anos, e um rei, Zacarias, reinou por mais dois meses. Essa perturbação do trono se reflete no livro de Oséias (7: 7 ; 10: 3 ; 13:10) e provavelmente contribuiu para a atitude pessimista de Oséias em relação à realeza. A guerra civil entre Israel e Judá (ou seja, a guerra sírio-efraimítica, cf. 2 Reis 16: 1ss. , Isaías 7: 1 ss.) Também surge como foco de preocupação para Oséias (ver Hos. 5: 8ff .) e sem dúvida ajudou a moldar suas atitudes em relação à realeza e à violação da fidelidade da aliança.

III. O casamento do Profeta

A revelação vem através de meios variados dentro do Antigo Testamento, mas o livro de Oséias é único em que o catalisador essencial para a mediação da palavra de Deus foi a crise pessoal associada ao casamento e filhos de Oseas. Seus ensaios conjugais permeiam todos os capítulos 1-3 , e até mesmo nos capítulos 4-14Sua principal preocupação centra-se no tema da fidelidade. Por exemplo, embora a opressão social caracterizasse a época durante a qual ele vivia, como bem se pode observar a partir de um exame de Isaías e Amós, Oséias não habita extensamente nessas áreas. A preocupação predominante com a fidelidade da aliança caracteriza a totalidade do livro. Essa preocupação foi a superação das crises familiares de Ossas. Integral à interpretação do livro é uma compreensão da natureza de seu casamento e das características básicas do baalismo cananês.

O casamento de Oséias tem sido objeto de variadas interpretações. Eles podem ser amplamente categorizados em duas divisões: (1) aqueles que assumem que Oséias realmente não se casaram e que a narrativa deve ser entendida como uma das várias

formas literárias propostas, e (2) as interpretações que assumem que Oseias realmente fez se casar, se a noiva era ou não era na época uma prostituta.

Entre aqueles que assumiram que o motivo do casamento não são históricos, são comentadores antigos e modernos. Ibn Ezra, que viveu no final da Idade Média, sugeriu que o relato é "o registro de uma visão que deve ser interpretada alegoricamente". Neste século, EJ Young interpretou o casamento alegoricamente, para que a narrativa não relate um real casamento, mas sim a forma literária usada para transmitir uma ameaça. Há pelo menos três argumentos que pesam contra uma interpretação alegórica: (1) O nome da esposa é sem significado na narrativa, e se a narrativa não ocorreu de fato, seu nome inocente foi estranhamente maligno; (2) detalhes históricos específicos, como o desmame da criança (1: 8) defendem a historicidade; e (3) o "escândalo moral", que aparentemente é a principal razão para forçar alguns a uma visão não histórica, não é aliviado pela visão alegórica.

Praticamente todos os estudos contemporâneos de Oséias pressupõem a historicidade da narrativa matrimonial. Os que insistem na historicidade da narrativa, no entanto, se dividem em dois grupos básicos: (1) aqueles que assumem que Gomer era uma prostituta, seja sagrada ou profana, no momento do casamento e que Oséias casou-se com ela como um ato simbólico que atestou o amor de Javé por Israel sem fé; e (2) aqueles que assumem que Gomer não era uma prostituta no momento do casamento e que ela só se tornou infiável após o casamento ser consumado. É justo dizer que a principal razão para interpretar o comando de se casar com uma prostituta como a reflexão posterior de Oséias sobre sua experiência total reside no problema moral que se levanta ao assumir que o Senhor ordenou a um profeta se casar com uma prostituta. K. Owen White, por exemplo,Assim, White sugere que a questão da historicidade é determinada a priori pela compreensão do caráter de Deus.

Além de razões convincentes para tomá-lo de outra forma, assume-se que a visão literal se destina. A posição assumida aqui é que Gomer estava no momento de seu casamento com Oséias, uma prostituta; também que ela provavelmente era uma prostituta do templo dedicada a Baal, embora isso não possa ser demonstrado a partir do próprio texto. O casamento com uma prostituta foi especificamente proibido para os sacerdotes de Israel (cf. Lv 21: 7), mas a necessidade da proibição pressupõe que tais casamentos foram praticados por alguns israelitas - ou então não haveria necessidade da lei. Se Gomer fosse, como se presumiu aqui, uma prostituta sagrada dedicada a Baal no momento de seu casamento, a pungência e o significado dessa ação são ainda mais significativos para a compreensão da relação entre Yahweh e Israel. Pois Israel cometeu prostituição nacional ao se entregar ao culto cananeu (ver Mays, pp. 25f).

Assim, o casamento de Oséias foi como descrito na narrativa. Fiel ao comando de Deus, Oséias se casou com uma prostituta, uma conhecida por ser assim no momento do casamento. Oséias amava Gomer, apesar de suas ações, a amava com um pathos e se sentia refletida para o pathos de Deus. Impulso por um amor que era mais do que simpatia, Oséias procurou Gomer, a prostituta do templo, apesar disso, e, de fato, vivia em sua própria carne a agonia que descansava profundamente no coração de Deus.

IV. Teologia cananéia e Livro de Oséias

A teologia cananéia é de singular importância para a interpretação de Oséas, especialmente o papel de Baal como o deus da chuva e as ênfases de fertilidade da religião cananita. Baal, um deus mais novo no panteão cananeu, que substituiu em grande parte a " *Ilha* na literatura disponível para um exame da teologia cananéia", era o deus da chuva e da tempestade do inverno (sinônimo de Hadad ou Hadad-rimmon). Baal (*ba'al*) significa "senhor" e sugere o conceito de propriedade de um local particular (Baalbek, Baal-Gad, Baal-Peor, etc.). A teologia cananéia alcançou, no entanto, uma concepção mais abrangente de Baal como o senhor de todos.

Como o deus da chuva do inverno e da tempestade Baal estava exclusivamente relacionado ao bem-estar da terra. Foi ele quem conquistou as águas caóticas, triunfando anualmente sobre o mar e o rio e, por sua vez, espalhou as chuvas sobre a terra. Baal era também um deus morrer e ressuscitar, morto no verão por Mot, o deus da seca (cf. o Heb. *Mot* , morte). Mas quando a deusa Anat, consorte de Baal, mata Mot, a seca está quebrada; e Baal, deus da chuva e da tempestade, sobe da morte para trazer as chuvas que cultivam a terra. Por causa do significado exclusivo de Baal para uma sociedade agrária, Israel atribuiu logo os dons da terra a Baal, em vez de Javé (cf. 2: 8). Além disso, Israel aparentemente chegou ao ponto de chamar Yahweh pelo nome de Baal: "Já não me chamarás," Meu Baal "(2:16).

O segundo aspecto da teologia cananéia, que é fundamental para a interpretação do livro de Oséias, é a ênfase cananéia sobre a fertilidade e o papel da prostituição sagrada. Confrontado com o mistério da vida que foi liberado na união sexual de homens e mulheres, algumas teologias primitivas concluíram que uma união cósmica concomitante do deus e da deusa liberaria o mesmo poder procriador dentro da ordem mundial, assegurando assim a fecundidade do rebanho e rebanho, campo e pomar. Central para o culto à fertilidade foi a (s) prostituta (s) culpada (s) que experimentaram a união sacra com um (s) macho (s) como um elemento integral do esforço cultual para precipitar uma união comparável do deus e deusa em uma escala cósmica. Embora tais práticas representem uma visão decididamente limitada da natureza e do caráter de Deus, eram mais do que orgias sexuais voltadas para satisfazer os desejos carnais dos adoradores. Eles representavam, pelo contrário, a resposta dos homens antigos à ameaça de catástrofe e caos, especialmente quando se relacionavam com a seca do verão e a necessidade de produtividade. No entanto, muitas dessas práticas podem ser condenadas pela revelação bíblica, elas devem ser entendidas a partir da perspectiva dos adoradores antigos. Diante do sem sentido da vida, desenrolando todo o ciclo da natureza, tais ênfases de fertilidade representavam a resposta do homem à questão da estabilidade e da ordem dentro de toda a criação. No entanto, muitas dessas práticas podem ser condenadas pela revelação bíblica, elas devem ser entendidas a partir da perspectiva dos adoradores antigos. Diante do sem sentido da vida, desenrolando todo o ciclo da natureza, tais ênfases de fertilidade representavam a resposta do homem à questão da estabilidade e da ordem dentro de toda a criação. No entanto, muitas dessas práticas podem ser condenadas pela revelação bíblica, elas devem ser entendidas a partir da perspectiva dos adoradores antigos. Diante do sem sentido da vida, desenrolando todo o ciclo da natureza, tais ênfases de fertilidade representavam a resposta do homem à questão da estabilidade e da ordem dentro de toda a criação. No entanto, muitas dessas práticas podem ser condenadas pela revelação bíblica, elas devem ser entendidas a partir da perspectiva dos adoradores antigos. Diante do sem sentido da vida, desenrolando todo o ciclo da natureza, tais ênfases de fertilidade representavam a resposta do homem à questão da estabilidade e da ordem dentro de toda a criação.

Grande parte da mensagem de Oséias se concentra precisamente neste aspecto da religião cananeia. O povo de Deus abandonou o Senhor, a fonte do significado e da ordem, e buscou essa ordem e benção de Baal.

V. A Mensagem de Oséias

Do fundo do vórtice da tempestade que girava sobre toda a experiência conjugal, Oséias chegou a uma nova compreensão da natureza do relacionamento do homem com Deus e, em particular, a maneira pela qual os laços de fidelidade podem ser fraturados pela infidelidade.

O *primeiro*A verdade de Oséias se concentra na natureza da revelação e no poder transformador de uma relação pessoal com o Senhor. Revelação no caso de Oséias, e o fenômeno não é exclusivo desse profeta, se concentra em eventos históricos, em atos que tocam a vida de homens e mulheres envolvidos nas tensões da vida. A revelação bíblica é fundamentada na experiência humana, um fenômeno concretizado na ênfase do Novo Testamento na encarnação. O imediato de tal revelação tem como corolário o poder de transformar experiências humanas. Então, como agora, a resposta para as crises da vida não é escapar, mas em transformação e redenção final da situação humana.

Em segundo lugar, o amor é parte integrante do livro de Oséias, um amor que está implícito nas ações do profeta e um amor que se torna explícito quando Osseus enfatiza especificamente o poder transformador e redentor do amor (cf. 2:19 ; 11: 1 ff. ; 14: 4). A expressão implícita do amor pulsa todas as facetas da experiência conjugal de Oséias (ver 1: 1-3: 5), e especialmente na redenção de sua esposa (3: 1 p.). No entanto, deve-se observar que Oséias respondeu com tal qualidades únicas de amor e misericórdia em grande parte porque ele experimentou a mesma qualidade de amor no Senhor (ver 3: 1). Pode-se supor que Oséias, tendo amado tão profundamente a Gomer, veio a ver que o Senhor também amava Israel. Mas o texto hebraico sugere o contrário. Oséias adora Gomer, mesmo quando o Senhor ama o povo de Israel (3: 1). O Senhor é a fonte do amor de Oséias. O amor do profeta é o reflexo espelhado desse amor maior que ele experimentou em Deus.

Oséias nunca usa o "amor" com Israel como sujeito e Deus como objeto. Ele reserva o amor pela devoção de Israel às aberrações cananitas. Por exemplo, Israel gira "para outros deuses e ama bolos de passas" (3: 1), eles adoram a vergonha mais que a sua glória "(4:18), ou eles" amam o sacrifício "(8:13). Israel "amou a contratação de uma prostituta" (9: 1), e eles se tornaram "detestáveis como a coisa que amaram" (9:10). Mas nunca Deus é o objeto do amor de Israel.

Por outro lado, o Senhor é caracterizado como aquele que ama. Naquele dia da nova aliança, ele entrará em um novo esconderijo com seu povo, caracterizado por justiça, justiça e amor íntegro, uma trilogia de atributos característicos da fé da aliança ideal (2:19). O Senhor amou seu povo desde o momento da sua redenção (11: 1), e ele os levou "com bandas de amor" (11: 4). Se não fosse esse o caso, e ele não fosse Deus, ele agiria como um homem e destruiria. Mas ele não é homem, e suas ações são dominadas pelo amor: "porque eu sou Deus e não homem" (11: 9). Em resposta ao arrependimento de seu povo, o Senhor afirma a abundante natureza da graça: "Eu os amarei livremente" (14: 4).

Em terceiro lugar , os profetas não podem ser entendidos além do contexto da aliança da sua proclamação (s). Eles estavam profundamente mergulhados nas antigas tradições legais e da aliança, e são melhor entendidos como reformadores que chamavam os homens para viver à luz da fé da aliança do que como inovadores revolucionários que trouxeram uma mensagem completamente nova ao povo de Deus. Eles estavam comprometidos com a tese de que ninguém pode entender o que significa ser o povo de Deus no momento presente da existência, além da referência constante à tradição da aliança. O papel fundamental do profeta é tanto afirmar como ajudar os homens a alcançar o que significa ser o povo de Deus em uma determinada geração.

De acordo com este fenômeno característico, Oséias se refere constantemente às tradições da aliança (ver Brueggemann, pp. 26). Ele apela ao motivo do Êxodo (cf. Hos. 8:13 ; 9: 3 , 11: 5 ; 13: 4), a era patriarcal (11: 8-9 , Abraão; 12: 2-6 , Jacó), a Período da permanência (5: 1-2 ; 9:10 ; 12: 9b), e a história premonarquial (Gabaa, 9: 9 f .; Gilgal, 9:15). É claro que Oséias reincorpora constantemente o passado e o presente, fazendo deles um todo unificado em que a revelação de Deus e o julgamento de Israel estão ocorrendo. Através da reflexão histórico-teológica (cf. 9: 10), ele reafirma o que significa ser o povo de Deus em sua própria geração. É a esta tarefa que os profetas sucessivos são chamados.

A mensagem de Oseas consiste, portanto, não no que ele deseja pessoalmente, não por seu próprio julgamento sobre as pessoas nem por sua interpretação individual de seu futuro. Em vez disso, como Brueggemann (p. 90) sugeriu: "A maldição que ele deve proclamar não é *sua própria raiva,* mas a consequência de uma quebra. A acusação que ele deve falar não é *sua própria desaprovação,* mas as exigências de Yahweh. As promessas que ele se estende para Israel não são *suas ilusões,* mas as garantias de Yahweh. A convocação que ele fala para uma decisão de Israel não é seu *próprio senso de urgência,* mas a pressão do processo de Deus com seu povo ".

A questão fundamental para Israel, antiga e nova, é a questão: "O que significa ser o povo de Deus em nosso contexto histórico?" Por sua constante reincorporação do passado e do presente, como através de sua constante reflexão histórico-teológica, Oseias procurou responder a esta questão fundamental. Esta é a essência do apelo do profeta e deve ser o foco da pregação profética em um ambiente contemporâneo.

Em quarto lugar, o pecado no livro de Oséias é claramente definido e sua estrutura delineada. No coração, o pecado é infidelidade aos vínculos da aliança, análogos à infidelidade de uma adúltera que abandona o marido e, assim, quebra a aliança do casamento (ver Mal. 3:14). Experiência pessoal de Oséias do mal moral é articulado na biografia de seu casamento desfeito, mas não deixa de ser aparente em sua experiência com o povo de Israel em geral (4: 1 e segs. , . 11ss ; 12:. 7ss), os sacerdotes (4 : 4ss.), E o rei (8: 4 f .; 13:11). A alienação interior e a atrofia da vontade que acompanha o pecado são descritas à força. O povo tem "um espírito de prostituição" que os desviou (4:12). Sua conduta é tal que "suas ações não lhes permitem retornar ao seu deus" (5: 4).

Em quinto lugar, no entanto , há uma ênfase marcada na graça e perdão de Deus que caracteriza a mensagem de Oséias. Em sua ênfase na retirada do Senhor, por exemplo, Oséias afirma que isso é apenas até "eles reconhecem sua culpa e buscam meu rosto" (5:15), sugerindo um elemento salvador no julgamento que Israel deveria

experimentar. Mesmo na ira há amor, e o juízo é temperado com misericórdia; ou quem poderia estar diante do poder do Senhor? Oséias viu uma restrição divina operando no julgamento redentor: "Não executarei minha ira feroz,. . . Pois eu sou Deus e não homem "(11: 9). A infidelidade de Israel é uma doença a ser curada, e como o grande médico que o Senhor promete: "Eu curarei sua infidelidade; Eu os amarei livremente, / porque a minha raiva se afastou deles "(14: 4).

VI. Composição e forma literária

Os livros proféticos são, de fato, coleções de breves declarações oraculares. A imagem estereotipada do antigo "profeta de escrita" que compôs um livro como uma produção literária única não faz justiça à origem da literatura profética. No "caso de Oséias, por exemplo, o profeta sem dúvida falou breves declarações como 2: 6-8 ; 4: 1-3 ; 4: 15-19 ; etc. Essas declarações foram transmitidas por um período de tempo considerável em forma oral antes de se comprometerem a escrever. Como foram escritas por um discípulo profético coletado as unidades menores em complexos maiores e muitas vezes usaram palavras-chave, tanto quanto um escritor ou orador contemporâneo pode fazer, para fornecer transição e continuidade. Com toda a probabilidade, uma seção como 2: 6-16foi uma vez três oráculos distintos: 2: 6-8, 9-13, 14-15 . Estas unidades separadas são agora introduzidas pela mesma palavra, "Portanto". Ao procurar compreender a estrutura apropriada de um determinado complexo, deve estar alerta para uma variedade de "palavras-chave", palavras que sinalizam a introdução de um novo elemento (cf "Naquele dia", que ocorre três vezes em 2: 16-23).

Na queda de Israel, a herança literária desse reino passou a Judá, embora muito provavelmente fosse antes daquela época. A crise iminente pode muito bem ter precipitado a composição de porções do Antigo Testamento que tiveram suas origens orais no Reino do Norte. À medida que o material de Oséias passou para o Reino do Sul, editores da Judéia fizeram certas notas para esclarecer a relação de ênfase particular com o povo de Judá. Uma passagem como o aviso a Judá em 4: 15s. Pode muito bem ser uma adição editorial. No livro de Oséias, as seguintes passagens foram, ocasionalmente, atribuídas a uma fonte da Judéia: 1: 7 e a isenção de Judá (já que Judá obviamente escapou da catástrofe de *aproximadamente* 722 AC); 5:10, 12, 13, 14 ; 6: 4 ; 10: 11b (um versículo em que o Israel original mais tarde poderia ter sido alterado para "Judá" em um esforço para ressaltar a relevância para Judá).

As formas literárias usadas pelo profeta representam uma ampla gama e devem ser examinadas cuidadosamente para ajudar na exegese adequada do livro. Entre as formas usadas pelo profeta estava o discurso do julgamento (4: 1 ff., 6: 7 eseguintes, 11:12 e mais), consistindo na acusação e na sentença do julgamento. Ele também usou o oráculo da salvação ou o oráculo da promessa (14: 4-7; 2: 14ss, 1: 7 ; 11:10 f .; 3: 5). Oséias também apelou para a convocação para o arrependimento (10:12 ; 12: 6 ; 14: 1-3 ; 6: 1-6).

Esboço

1. Título (1: 1)

I. Revelação através de angústia pessoal (1: 2-3: 5)

   1. Rompendo os laços de fidelidade (1: 2-9)

1. Infidelidade religiosa como prostituição (1: 2-3)
2. A fratura da aliança (1: 4-9)

2. O povo de Deus pertence ao futuro: o grande dia de Jezreel (1: 10-2: 1)
3. Os caminhos confusos da fé (2: 2-15)
    1. Acusação: separação, maldição da infidelidade (2: 2-5)
    2. Pronunciamento: as consequências da infidelidade (2: 6-15)
4. O dia da nova aliança (2: 16-23)
    1. Um dia de nova lealdade (2: 16-17)
    2. Um dia de novo começo (2: 18-20)
    3. Um dia de nova relação (2: 21-23)
5. Como Deus ama (3: 1-5)
    1. O amor que controla (3: 1)
    2. O amor que redime (3: 2)
    3. O amor que disciplina (3: 3)
    4. O amor que triunfa (3: 4-5)

II. A controvérsia do Senhor com o seu povo (4: 1-9: 6)

1. A controvérsia do Senhor com a terra (4: 1-3)
    1. Mensagem e mensageiro do Senhor (4: 1a)
    2. A acusação contra o povo de Deus (4: 1b-2)
    3. Anúncio de julgamento (4: 3)
2. Adoração prostituta (4: 4-19)
    1. A fonte da contenção: liderança religiosa (4: 4-6)
    2. Sem distinções: como pessoas, como sacerdotes (4: 7-10)
    3. O espírito de prostituição que se extravia (4: 11-13a)
    4. Como pai, como filha (4: 13b-14)
    5. Aprendendo com a história (4: 15-19)
3. Quando os homens são ensinados pelo Senhor (5: 1-7)
    1. Condenao da liderança recolhida (5: 1-2)
    2. Quando os homens procuram, mas não encontram (5: 3-7)
4. Retorno no contexto da desintegração nacional (5: 8-7: 16)
    1. A crise da guerra civil (5: 8-14)
    2. Uma lamentação do arrependimento e da resposta do Senhor (5: 15-6: 6)

3. Barreiras para arrependimento e renovação (6: 7-7: 16)

5. Semeie o vento, colhe o redemoinho (8: 1-14)

1. A aliança quebrada (8: 1-3)
2. A rejeição dos fabricantes de ídolos (8: 4-6)
3. O absurdo da política externa de Israel (8: 7-10)
4. Adoração superficial (8: 11-14)

6. Então o que você irá fazer? (9: 1-6)

1. A morte da alegria (9: 1-3)
2. A perda de culto (9: 4)
3. Então o que você irá fazer? (9: 5-6)

7. Os profetas são tolos! (9: 7-9)

III. Retrospectiva histórica e crises contemporâneas (9: 10-13: 16)

1. Baal-peor: falsa confiança e glória perdida (9: 10-14)

1. A falsa confiança de Baal-Peor (9:10)
2. A glória perdida (9: 11-14)

2. Gilgal: falsa confiança e perda de amor (9: 15-17)

1. A perda de amor (9:15)
2. A perda de benção (9:16)
3. A perda de segurança (9:17)

3. Betel: fé quebrada e altares quebrados (10: 1-8)

1. Pretensão de adoração e coração dividido (10: 1-2)
2. Virgem inútil e glória perdida (10: 3-6)
3. Um ídolo patético e desânimo final (10: 7-8)

4. Gibeah: a guerra, o fruto da falsa confiança (10: 9-15)

1. A iniqüidade dupla (10: 9-10)
2. Escritura, semente, colheita (10: 11-13a)
3. Falsa confiança e guerra (10: 13b-15)

5. Egito: as consequências do amor (11: 1-11)

1. Amor e ingratidão (11: 1-4)
2. Amor e conflito inevitável (11: 5-7)
3. Amor e angústia do Senhor (11: 8-9)
4. Amor e renovação do compromisso (11: 10-11)

6. Jacob: decepção e traição (11: 12-12: 14)

1. Um estudo sobre a futilidade da traição (11: 12-12: 1)
2. Os Jacob-people (12: 2-6)
3. Decepção e falsa segurança (12: 7-8)
4. O homem pode enganar o Senhor? (12: 9-11)
5. Patriarca ou profeta? (12: 12-14)

IV. Os caminhos da morte e da vida (13: 1-14: 9)

1. A rebelião contra Deus leva à morte (13: 1-16)
    1. Nenhuma outra glória (13: 1-3)
    2. Nenhum outro salvador (13: 4-8)
    3. Nenhum outro rei (13: 9-13)
    4. Nenhuma outra esperança (13: 14-16)
2. Arrependimento e renovação levam à vida (14: 1-9)
    1. O vagabundo e a chamada para retornar (14: 1)
    2. O caminho de volta para os crentes rebeldes (14: 2-3)
    3. O testemunho divino (14: 4-8)
    4. A sabedoria (14: 9)

Bibliografia selecionada

BRUEGGEMANN, WALTER. *Tradição para crise.* Richmond, John Knox Press, 1968. EISSFELDT, OTTO. *O Antigo Testamento: Uma Introdução.* Trans., Peter R. Ackroyd. Nova Iorque: Harper & Row, 1965.

FOHRER, GEORG. *Introdução ao Antigo Testamento.* Trans., David E. Green. Nashville: Abingdon Press, 1968.

FREY, HELMUTH. *Das Buch des Werbens Gottes um Seine Kirche.* Stuttgart: Calwer Verlag, 1961.

CAVALEIRO, GEORGE AF, *Oseias.* Londres: SCM Press, 1960.

MAYS, JAMES LUTHER. *Oséias.* ("Biblioteca do Antigo Testamento"). Filadélfia: The Westminster Press, 1969.

ROBINSON, H. WHEELER. Dois *profetas hebraicos: estudos em Oséias e Ezequiel.* Londres: Lutterworth Press, 1948.

RUDOLPH, WILHELM. *Oséias.* ("Kommentar zum alten Testament".) Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1966.

WARD, JAMES M. *Oseias: um comentário teológico.* Nova York: Harper & Row, 1966.

WEISER, ARTUR. *Das Buch der Z wölf kleinem Propheten.* ("Das alte Testament Deutsch".) Gottingen: Vandqnhoeck & Ruprecht, 1967.

WOLFF, HW *Dodekapropheten I: Oséias.* ("Biblischer Kommentar altes Testament", XIV / 1) Neukirchen: Neukirchener Verlag Kreis Mohrs, 1965.

---------- *Alttestamentliche Predigten: Oséias 1-7* . Neukirchen: Neukirchener Verlag Kreis Moers, 1959.

---------- *Alttestamentliche Predigten: Oséias 8-14* . Neukirchen: Neukirchener Verlag Kreis Moers, 1959.

Comentário sobre o texto

Título (1: 1)

1 A palavra do SENHOR que veio a Oséé, filho de Beeri, nos dias de Uzias, Jotão, Açaz e Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel.

A palavra do Senhor é a expressão mais usada para apresentar um livro profético, sendo usado oito vezes (Oséias, Joel, Jonas, Mica, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias); enquanto "visão" (Isaías, Ezequiel e Obadias), "oráculo" (Naum, Habacuque e Malaquias), e a frase "as palavras de. . "(Jeremiah e Amos) são usados de outras coleções proféticas. Que a frase utiliza a palavra substantiva singular para categorizar todo o livro sugere uma realidade que transcenda as palavras do profeta: a realidade da presença dinâmica de Deus. Esse uso singular enfatiza a unidade da revelação do Senhor dentro das muitas formas do discurso do profeta. Ele usa a pessoa na presença de uma Palavra além das palavras do profeta, mas uma Palavra paradoxal e inseparavelmente vinculada às palavras desse profeta.

A palavra do Senhor simboliza, na medida em que todas as palavras são símbolos, a presença dinâmica e criativa de Deus no poder, tal como é experimentada através da palavra e da ação. Além disso, esta "Palavra do Senhor" é marcada pela ação e vitalidade expressas através da construção verbal: "A palavra de Javé, que era (*hayah* , ser, se tornar) a Oséias". A "palavra do Senhor" é não derivado da especulação ou da sabedoria: "veio", aconteceu como um evento de revelação para um homem particular, e sua proclamação particular é reflexo e expressão desse evento "(Mays, p.20).

"Palavra do Senhor" não significa mais neste caso o discurso único do profeta, mas toda a experiência profética, bem como a palavra de revelação que deve ser proclamada pelo profeta. É a palavra dominante que ordena e dirige a vida do profeta (ver 1: 2-9 ; 3: 1-5). Desde o início, o livro deve ser ouvido como a palavra de Deus. É autenticado desde o início pela consciência da divina fonte, autoridade e poder criativo inerente à missão e mensagem profética, uma consciência fundamentada na realidade do auto-revelamento dinâmico do Senhor na história.

I. Apocalipse através da angústia pessoal (1: 2-3: 5)

1. Quebrando as ligações da fidelidade (1: 2-9)

O casamento de Oséias eo nascimento de filhos sucessivos constituem uma unidade literária distinta (1: 2-9). Dentro do complexo literário maior, o *wayword do catchword* ("e o Senhor disse") é usado para introduzir motivos subsidiários (vs.

2 , 4 , 6 , 9). Seguindo cada frase, uma partícula causal (*ki'* , para) introduz o motivo da ação descrita: "para a terra. . "(V. 2)," para. . . a casa de Jehu "(v. 4)," para. . . a casa de Israel (v. 6), e "para. . . meu povo "(v. 9).

(1) Faithlessness religiosa como Harlotry (1: 2-3)

2 Quando o SENHOR falou pela primeira vez através de Oséas,
o SENHOR disse a Oséias: "Vá, leve a si mesmo uma mulher de prostituição e tenha filhos de prostituição, porque a terra comete grande prostituição ao abandonar o SENHOR " .3 Então ele foi e tomou Gomer a filha de Diblaim, e ela concebeu e deu-lhe um filho.

O primeiro entre os profetas a utilizar a figura do casamento como um símbolo adequado para o relacionamento de Israel com o Senhor, Oséias manifestou crescente ousadia categorizando a fé fé religiosa como prostituição ". Nesse caso, ele foi seguido no uso da analogia Jeremias e Ezequiel (cf. Jer. 2: 1 e 3: 1 p .; Ez. 16: 1 p .; 23: 1 p.). Poucas analogias retratam a relação ideal do homem com o Senhor mais graficamente do que a do casamento, especialmente quando a experiência levou a uma conotação do casamento em termos de amor, mutualidade e unicidade de vida e interesse. Contrariamente, nenhuma analogia especifica mais emocionante e emocionalmente o caráter da fé fé religiosa do que a da prostituição.

Quando o Senhor primeiro falou através de Oséias, poderia ser traduzido mais diretamente com o NEB como "Este é o começo da mensagem do Senhor por Oséias". Isto é, antes, a maneira do escritor de dizer que os quatro discursos do Senhor encontrados em 1: 2-9 ocorreu no início do ministério de Oséias.

O Senhor disse a Oséias que apresenta as primeiras quatro ênfases distintas: a primeira referindo-se a Gomer e as outras três lidando com as crianças. Cada uso da frase é, por sua vez, mais abreviado no texto hebraico, sugerindo que a ênfase muda cada vez mais para o próprio comando divino (Ward).

"Quando o Senhor primeiro falou através de Oséias, o Senhor disse a Oséias. . . "Em um sermão baseado nesse texto, Hans Walter Wolff sugeriu uma vez que ninguém pode falar em nome de Deus que não tenha ouvido pela primeira vez a Palavra de Deus. Somente se tivéssemos realmente ouvido Deus, podemos ter algo a dizer um ao outro que seja poderoso na história. "Permanece, portanto," conclui Wolff, que "quando o Senhor começa a falar *através de* um, ele fala *com* ele" (ver Isa. 53: 1 onde "relatório" ou o que ouvimos é tanto uma "audiência" quanto um "relatório", também, Rom. 10:16 f.). O ministério de Oséias foi fundamentado na suposição de que o que Deus falou através dele foi baseado no fato de Deus ter falado pela primeira vez com ele. Dietrich Bonhoeffer escreveu uma vez: "Eu não poderia pregar se eu não soubesse que eu falo a palavra de Deus - e não poderia pregar se não soubesse que não posso falar a palavra de Deus. A impossibilidade humana e a promessa divina são uma. "

Leve a si mesmo uma esposa de prostituição. "Take" é freqüentemente usado com referência ao casamento; seja um em casamento para outro, como para um filho (Gn 24: 4), ou como a própria esposa (Gn 4:19 ; 6: 2). Não sugere força ou inconveniência. Harlotry é plural na MT (lit., esposa ou mulher de prostitutas) e é uma

ilustração desse uso da forma plural que intensifica as características inerentes ao caule. Tais plurais abstratos geralmente são renderizados em inglês como "-hood, -ness, -ship".

A frase crianças de prostituição poderia ser pressionada para significar que as crianças já nasceram e que oséias se levaram a si mesmo esposa e filhos. O desenvolvimento adicional da narrativa impede tal visão, no entanto, e um está em um terreno mais sólido para assumir que Gomer chegou ao casamento sem filhos.

A ação de Oséias é um retrato em miniatura do relacionamento de Israel com o Senhor. O amor irrestrito de Oseias e o desgosto subsequente são o reflexo espelhado de um amor divino, incondicional e de um desgosto não menos real no coração de Deus do que no coração de Oséias.

(2) A Fractura da Aliança (1: 4-9)

uma. Jezreel (1: 4-5)

4 E o SENHOR LHE disse: "Chama o nome de Jezreel; por algum tempo, e castigarei a casa de Jeú pelo sangue de Jezreel, e acabarei com o reino da casa de Israel. 5 E naquele dia, vou quebrar o arco de Israel no vale de Jezreel ".

O primeiro dos filhos nascidos de Oséias e Gomer era um filho, simbolicamente chamado Jezreel, que lembra a aldeia e a planície associada à purga de Jehu (ver 2 Reis 9: 14ss). O vale chamado "Jezreel" foi produzido por uma falha geológica, e a combinação de seu solo aluvial e água abundante fez dele um dos vales mais férteis em Israel ou Judá. Por causa dessa fertilidade, o vale veio a ser conhecido como "Jezreel" (as porcas de Javé). O próprio Javé disse ter sembrado o vale, refletindo a concepção antiga da relação direta entre fertilidade e benção divina.

Estava dentro do vale de Jezreel e da aldeia de Jezreel, cujo site comanda uma visão do vale, que a sangrenta purga de Jehu foi implementada contra a dinastia de Omri. Lá Jeu matou Jeorão de Israel, Acazias de Judá, Jezabel e os príncipes de Judá e de Israel (2 Reis 9: 14-10: 17). Apesar da aprovação completa de uma geração anterior, no entanto, no tempo de Oséias, o massacre no vale de Jezreel passou a ser visto com repulsa.

Assim, Jezreel, aquele vale de fertilidade e abundância que o Senhor "semeou" se tornaria o vale da destruição da casa de Jeú. Naquele vale semeado pelo Senhor, ele quebraria o arco de Israel, uma ameaça feita quando a linha de Jeú chegou ao fim com a morte de Zacarias, filho de Jeroboão II, que foi morto em Ibleam (2 Reis 15: 8ss.). Mais especificamente, Oséias pode muito bem ter tido referência à ocasião em que Tiglath-pileser III se deslocou por essa área em *aprox.* 733 AC(ver 2 Reis 15:29 , Isaías 8:23). Aquele que já havia sembrado o vale espalhou a dinastia de Jehu.

Oseias aparentemente interpretou a iminente catástrofe política e militar ao longo das linhas tradicionais de responsabilidade corporativa, segundo a qual os pecados de uma geração foram visitados em outra. Teologicamente, Oseias traçou a ruptura de seus tempos às condições sob as quais a dinastia reinante foi inaugurada.

Nenhum homem que viu o filho de Jeo, Jezreel, andando pelas ruas da aldeia, poderia evitar a acusação assustadora do profeta. Como uma aparição fantasmática, o filho de Oseias lembrou para sua geração os campos escuros do vale e as ruas de sangue da antiga vila de Jezreel.

Mas quem poderia nomear seu filho um nome incrível e horrível? Como um pregador alemão perguntou uma vez a sua congregação: "Quem de nós nomearia seu filho" Dachau "Buchenwald" ou "Auschwitz"? "Quem de nós hoje nomearia um filho" My Lai? "Somente um profeta com a profundidade da agonia de Oséias e a amplitude de seu compromisso preocupado incorporaria na carne de sua amada família as características essenciais de seu ministério e mensagem profética.

b. Não Pitied (1: 6-7)

6 Ela concebeu novamente e deu uma filha. E o SENHOR LHE disse: "Ligue seu nome, não tem pena, porque não mais tenho piedade da casa de Israel, para desculpá-los. 7 Mas tenho piedade da casa de Judá, e eu os livrarei pelo SENHOR, seu Deus; Não os livrarei pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros ".

O segundo dos três filhos nascidos de Oséias e Gomer era uma filha, destinada a suportar o nome sem amor. Não teve pena (*Lo'Rahamah* , ela não deve ter pena ou não tem piedade).

Embora a terminologia da aliança não seja usada, é pressuposto. O nome da filha sugere a ruptura desse vínculo de amor da aliança entre Yahweh e sua noiva escolhida, Israel. O verbo usado para caracterizar a filha (*lo' ruhamah*) significa mais do que piedade e pode ser melhor concebido como compaixão, usado de Deus (ver Ex 33:19 ; Deuteronômio 13:17) ou de homem (ver 1 Reis 8:50 ; Jeremias 42:12 , onde é usado de um conquistador). Também é usado de crianças (ver Isaías 13:18 ; 49:15). De acordo com muitos, provavelmente provavelmente deriva do substantivo *rehem*(útero), originalmente sugerindo o sentimento fraterno de aqueles nascidos do mesmo útero (ver *BDB*, p. 933). Não mais para Israel haverá ternura e compaixão compartilhadas por aqueles ligados por sua origem em um útero comum. Sem os laços da aliança, não pode haver compaixão.

Mas eu tenho pena da casa de Judá. O motivo de salvação de v. 7 reflete a perspectiva de um editor judeu posterior. Durante o curso da transmissão dos oráculos de Oseas para o Reino do Sul, alguém procurou enfatizar que o oráculo doom do v. 6 se aplicava apenas ao Reino do Norte. O motivo da libertação, além da intervenção humana - não os livrarei por arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros - sugere um contexto semelhante ao da libertação de Jerusalém durante a crise assíria de 701 BC (ver 2 Reis 19: 32ss).

c. Não são as minhas pessoas (1: 8-9)

[8] Quando ela desistiu. Não teve pena, ela concebeu e deu um filho. [9] E o SENHOR disse: "Chama seu nome, não meu povo, porque você não é meu povo e eu não sou seu Deus".

Com o nascimento e a subsequente nomeação do terceiro filho, um filho, terminologia da aliança está claramente presente, especialmente no nome Não é meu povo. A frase: "Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo", é comumente reconhecido como linguagem da aliança (Jeremias 31:33 ; Ex. 6: 7 ; Deuteronômio 26: 17). O nome "Não-meu-povo" é a antítese da fórmula da aliança e significa a ruptura da vida da aliança. Dentro do contexto da experiência conjugal de Oséias, é equivalente à frase mais comum: "Você não é minha carne e sangue" (Wolff). Embora a frase sugira a possibilidade de que Oséias não fosse o pai dessa criança, seria tênue erguer essa tese sobre a evidência frágil disponível no v. 9 .

A terminologia da aliança também aparece na frase que eu não sou seu Deus. Deve-se notar, no entanto, que "seu Deus" não aparece no texto hebraico, como a nota de rodapé RSV nota adequadamente. O hebraico sugere, em vez disso, literalmente: "E eu (isto é, da minha parte) não sou por você". Especialmente a terminologia da aliança refletida no verbo "Eu sou", que é idêntico aos verbos em Êxodo 3:14 , "Eu SOU QUEM eu SOU " (*'ehyeh'asher'ehyeh*). O verbo também lembra esses outros verbos dentro do contexto maior do Êxodo 3 que sugerem a presença divina (ver Ex. 3:12 ; 4:12). O texto hebraico sublinha, assim, a correspondência íntima entre a confissão de renúncia emOséias 1: 9 e a promessa da aliança da presença divina inerente ao nome pessoal "Javé" (ver Ex. 3:14 , *et al.).*

Há poucas dúvidas, porém, que Oséias escolheu deliberadamente a terminologia íntima da aliança em seu nome simbólico climático. Ao mesmo tempo, ele anunciou claramente a fratura da aliança entre Javé e sua noiva, Israel.

2. O povo de Deus pertence ao futuro: o grande dia de Jezreel (1: 10-2: 1)

[10] Contudo, o número dos povos de Israel será como a areia do mar, que ele nem mediu nem contou; E no lugar onde lhes foi dito: "Você não é meu povo", diz-se eles: "Filhos do Deus vivo". [11] E o povo de Judá e o povo de Israel serão reunidos, e eles designarão para si uma cabeça; e eles subirão da terra, porque grande será o dia de Jezreel.

[1] Diga ao seu irmão: "Meu povo", e a sua irmã: "Ela obteve piedade".

O tema central do oráculo de Jezreel (1: 10-2: 1), que é um oráculo de salvação deliberadamente colocado para seguir um oráculo de julgamento, é a maneira pela qual o futuro testemunhará a realização dos propósitos da aliança. A aliança foi fraturada (1: 2-9) mas não quebrada (1: 10-2: 1). Existem três temas das tradições da aliança que emergem dentro do oráculo de Jezreel. Primeiro, a tradição patriarcal que prometeu numerosas progênies aos descendentes do patriarca ocorre (ver Gn 12 , 15 ; 17 e Hos. 1: 10a). Em segundo lugar, o motivo do Êxodo e o tema de Israel como filhos de Deus (ver Ex. 4:12) reflete-se na afirmação de que chegará o momento em que os descendentes da geração de Oséos serão chamados filhos do Deus vivo. Em terceiro

lugar, a tradição da monarquia e, em especial, a promessa de uma continuação da linhagem de Davi (2 Sam. 7: 1-16) repousa sob o tema da unificação de um líder e de um povo (v. 11). As duas nações agora separadas representam a fratura da promessa davídica de 2 Samuel 7 , uma fratura que, em última análise, deve ser curada através da unidade de um líder comum. Através de um tal apelo às promessas primitivas da aliança, Israel é lembrado dessa constância dentro do caráter divino que contrasta com a infidelidade do homem. O que Deus promete, ele cumprirá.

Esta passagem de esperança e grande expectativa para o povo de Deus está em marcado contraste com as sombrias advertências de 1: 4ss. No entanto, a sua própria presença - seguindo de perto a afirmação clara de que o vale de Jezreel deve ser o lugar da humilhação de Israel - sublinha a realidade de uma graça maior do que o pecado do homem. Aqueles espalhados em Jezreel acabarão por se tornar inúmeros (v. 10), filhos do Deus vivo (v. 11), unidos na devoção através de um único líder (v. 11a) e participantes. naquela compaixão divina que sozinha cura a ruptura das relações fraturadas (2: 1).

3. Os modos enredados da fé (2: 2-15)

Uma acusação profética (v. 2-3), seguida de um triplo pronunciamento das conseqüências da infidelidade (ver "portanto", v. 6 , 9 , 14) constituem a estrutura básica da análise do profeta da experiência religiosa de Israel. Originalmente, os oráculos proféticos separados foram entrelaçados em um todo temático e instrutivo.

(1) Indicação: separação, a maldição da infidelidade (2: 2-5)

2 "Reclame com sua mãe, implore-
porque ela não é minha esposa,
e eu não sou seu marido -
que ela afastou sua prostituição de seu rosto,
e seu adultério entre os seios dela;
3 para não deixá-la nua
e faça-a no dia em que ela nasceu,
e faça dela como um deserto,
e colocou-a como uma terra seca,
e matá-la com sede.
4 Sobre os filhos também não terei piedade,
porque são filhos da prostituição.
5 Porque sua mãe jogou a prostituta;
Aquele que os concebeu agiu de forma vergonhosa.
Pois ela disse: "Eu irei atrás de meus amantes,
que me da meu pão e minha água,
minha lã e meu linho, meu óleo e minha bebida.

Estrangamento (v. 2). O pathos de um amor abandonado é inerente ao grito angustiado do marido-pai: "Defenda com sua mãe. No entanto, o texto hebraico sugere outra dimensão do que o implícito por "implorar". O NEB segue o bem original "na sua tradução", peça a minha causa. " *Riv* é um termo legal que sugere uma controvérsia e é freqüentemente usado da controvérsia de Yahweh com Israel (cf. Isaías 3:13 ; Amós 7: 4 ; Mic. 7: 9). Também é usado de disputas humanas (Prov. 25: 8) e de queixas geralmente (Jeremias 2:29). A observação entre parênteses para ela não é minha esposa,. . . foi identificado com a fórmula de divórcio.Mas, como Mays apontou corretamente, a intenção da passagem é o retorno da esposa, e não a demissão formal. As crianças são assim chamadas a entrar em discussão (ver Isaías 1:18) com sua mãe.

Afastando a prostituição de seu rosto, e seu adultério entre seus seios provavelmente se refere à remoção de roupas ou jóias que identificaram a prostituta, seja sagrada ou profana. No início de Israel, uma prostituta foi identificada pelo véu cobrindo o rosto. Por exemplo, Judá reconheceu Tamar como uma prostituta "porque ela cobriu o rosto" (Gn 38:14). Que alguns tipos de jóias eram de significado religioso é evidente na exigência de Jacó de que as pessoas removem os anéis em seus ouvidos, juntamente com "todos os deuses estrangeiros" (Gênesis 35: 4).

Renúncia (v. 3). Se Gomer não abandonar seus modos adúlteros, Oseias pressupõe sua completa rejeição e humilhação. Ela será despida e expulso. Alguns anos atrás, Curt Kuhl indicou que o despedimento da mulher divorciada nua foi mencionado em um comprimido cuneiforme de Hana e em outro de Nuzi. Em um artigo posterior, Cyrus Gordon apresentou mais provas dos Nuzi Tablets, que datam de meados do segundo milênio AC :

E Wishirwi não tirará nada da minha casa nem vendê-lo-á a ninguém no portão. E se Wishirwi vai a outro marido e vive com ele, meus filhos devem tirar as roupas da minha esposa e eles a expulsarão da minha casa.

É igualmente pertinente para Oséias 2: 2 que a inscrição supõe que as crianças devem executar a vontade do pai se a mãe for infiel à memória do marido. Como Gordon observa: "De fato, a desgraça da mulher é reforçada pelas circunstâncias de que seus próprios filhos a deixaram desnuda e a expulsaram da casa que ela tem envergonhado".

Desolação (vv. 3b-5). A ameaça de fazê-la como um deserto / e colocá-la como uma terra seca reflete a ênfase profética sobre o deserto como um tempo de amaldiçoamento e benção, não marcado pelas tentações invadindo a (s) religião (s) agrária (cf. Jer. 2: 1 p. Ex.). O aluguel da prostituta, sugerido no v. 5 , reflete uma tese central do baalismo, a saber, que, através da união apropriada com a prostituta sagrada, a união dos poderes procriadores cósmicos também foi precipitada, garantindo assim a fecundidade do campo e do rebanho. Por isso, há uma dupla acusação tanto de Gomer quanto de Israel na v. 5: Meus amantes, que me dão o meu pão e a minha água, minha lã e meu linho, meu óleo e minha bebida com estas palavras, Oséias fala com a tentação perene de identificar erroneamente o Doador, de não discernir a mão benéfica de Deus na A recompensa acumulada da própria vida.

(2) Pronunciamento: As Consequências da Infidelidade (2: 6-15)

Três oráculos proféticos, provavelmente falados em momentos diferentes, mas unidos por um tema comum, são introduzidos pela expressão "portanto" (ver v. 6 , 9 , 14). Cada um, por sua vez, isola uma resposta específica que o Senhor fará à infidelidade do homem.

uma. Futilidade e Desespero (2: 6-8)

> *6 Portanto, irei andar com espinhos;*
> *e eu vou construir uma parede contra ela,*
> *para que ela não consiga encontrar seus caminhos.*
> *7 Ela deve perseguir seus amantes,*
> *mas não ultrapassá-los;*
> *e ela deve procurá-los,*
> *mas não os encontrará.*
> *Então ela deve dizer: T irá*
> *e volte para o meu primeiro marido,*
> *pois era melhor comigo do que agora.*
> *8 E ela não sabia*
> *que fui eu quem lhe deu*
> *o grão, o vinho e o óleo,*
> *e quem prodigou sua prata*
> *e ouro que eles usaram para Baal.*

Por causa da infidelidade de Israel, o Senhor agirá de forma a garantir o redirecionamento de sua vida: sua devoção e fidelidade. Em vez de exigir a vida de sua esposa, conforme a lei especificada, o profeta reflete aquela graça que se origina com a presença divina ao reordenar a vida de sua esposa separada. Eu irei até o caminho. . para que ela não consiga encontrar seus caminhos.

A renovação nunca vem a um preço baixo, e a vida da esposa alienada é caracterizada por uma sensação frustrante de desespero e inutilidade, enquanto ela persegue os amantes, mas não pode ultrapassá-los, como ela procura, mas não consegue encontrar (v. 7). Essa frustração e desespero são acompanhos comuns de uma lealdade que é dirigida, controlada e guiada - ao contrário de uma relação que é espontânea e gratuita, a expressão natural de um compromisso mais profundo.

O comentário patético e triste sobre o retorno de Gomer-Israel é encontrado na v. 8 : ela não sabia. . . Como uma criança ingrata que não reconhece que seus pais forneceram sua alimentação e sustento durante todos os dias de sua vida, então Gomer-Israel não conseguiu detectar na abundância de suas provisões a mão da bênção que Yahweh se estendeu. Pior do que isso, ela não só não conseguiu entender que Yahweh, Deus da aliança, tinha sido responsável por suas bênçãos, ela ofereceu essas bênçãos como oferendas ao deus de fertilidade Baal.

Através de causar Gomer-Israel a experimentar a frustração e desesperar de nenhuma outra opção, Yahweh efetivamente guia seu povo de volta para si mesmo, de volta a

essa relação que, uma vez que eles compartilhavam a bem-aventurança de seus dias anteriores. O ordenamento providencial da vida através da abertura de alguns caminhos e o fechamento de outros levaram muitos a seguir o caminho de Gomer-Israel de volta à renovada comunhão e comunhão. Porque este é o caminho do Deus da graça e da fidelidade.

b. A Disciplina de Privação (2: 9-13)

9 Portanto, eu vou levar de volta
meu grão em seu tempo,
e meu vinho em sua estação;
e eu vou tirar minha lã e meu linho,
que deveriam cobrir sua nudez.
10 Agora vou descobrir sua lamentação
à vista de seus amantes,
e ninguém a salvará da minha mão.
11 E vou pôr fim a toda a sua alegria,
suas festas, suas novas luas, seus sábados,
e todas as suas festas designadas.
12 E vou tirar as suas videiras e as figueiras,
do que ela disse,
"Estes são meus contratar,
que meus amantes me deram.
Eu os tornarei uma floresta,
e os animais do campo os devorarão.
13 E eu vou castigá-la para os dias de festa dos Baals
quando ela queimou incenso para eles
e se enrolou com o anel e as jóias,
e foi atrás de seus amantes,
e me esqueceu, diz o Senhor.

O segundo caminho em que o Senhor tratou sua esposa sem fé, Israel, foi a remoção daquela recompensa que lhe conferiu, e ela, por sua vez, atribuiu a Baal. Provavelmente por alguma catástrofe como a seca, embora isso não seja especificamente indicado, o Senhor retomará as bênçãos que ele havia dado: vinho, lã e linho (v. 9). Gomer-Israel será humilhado por sua nudez (cf. 2: 3), uma humilhação mais intensa pela presença inabalável de seus amantes que observam o poder demonstrado e o poder de Yahweh como eles ficam indefesos (v. 10). O som alegre de suas festas (v. 11) será silenciado pela perda de suas videiras e árvores frutíferas (v. 12), ambos associados exclusivamente ao culto de Baal: estes são meus contratações.

O coração da acusação do profeta é resumido na afirmação de que você me esqueceu, diz o Senhor (v. 13). Quando se considera a maneira como o homem moderno acredita gentilmente pela abundância material em que a maioria das pessoas nesta nação entrou,

alguém está disposto a concordar com a observação de Wolff de que não há nenhuma aflição ou necessidade nas pessoas: eles têm tudo o que precisam . Somente Deus necessita, e a renovação da igreja depende do reconhecimento de que o Deus vivo está em necessidade. "A dor de Deus", diz Wolff, "grita no coração de sua palavra:" Eu, você esqueceu. Você não sabe que sou eu quem lhe deu o que você tem. "Talvez quando o último vestígio de nossa abundância estivesse esgotado, nossos recursos esgotados, e o nosso estado mundial esvaziou; talvez, então, um povo insensível à fonte do significado final virá a experimentar a realidade de Deus na privação e desespero de seu desastre.

Aqueles que não querem, ou que não podem discernir a realidade da graciosa preocupação de Deus em sua recompensa (v. 8), podem algum dia reconhecer uma vez uma forma escondida na presença de sua dor. Esta é a segunda maneira pela qual Yahweh lida com pessoas sem fé.

c. O Objetivo do Julgamento: Renovação (2: 14-15)

> *14 "Portanto, eis que eu a atrairei,*
> *e traga-a para o deserto,*
> *e falar com ternura para ela.*
> *15 E ali eu lhe darei as suas vinhas,*
> *e faça do Vale de Achor uma porta de esperança.*
> *E ali ela responderá como nos dias da sua juventude,*
> *como no momento em que ela saiu da terra do Egito.*

A restituição é sempre o objetivo final de Deus, e tanto a futilidade que Israel experimentou como a condição abandonada que veio sobre ela foram para levá-la a seus sentidos, para levá-la de volta ao Senhor e à vida da aliança. A terceira maneira pela qual o Senhor lida com suas pessoas sem fé é fazer do Vale de Achor uma porta de esperança. Lá, ele recriaria essa qualidade de vida e união que caracterizava os anos formativos de sua relação.

Os primeiros dias de Israel no deserto foram idealizados pelas gerações posteriores e aquela era passou a ser vista como a "lua de mel" da relação Yahweh-Israel. Jeremias, por exemplo, disse sobre Israel mais tarde: "Lembro-me da devoção da sua juventude, o seu amor como noiva, ou você me seguiu no deserto, em uma terra sem semeadura" (Jeremias 2: 2). Lá, no meio do deserto, sem outra voz a ser ouvida, o Senhor irá falar com ternura para ela (v. 14), uma frase mais literalmente traduzida, "fale com o coração dela" (ver Isaías 40: 2 para uso comparável). Nossa salvação reside no fato de que a pessoa a quem nos criticamos continua a falar. Mais do que isso, "Ele nos levará para aquele lugar onde ele só pode nos falar" (Wolff, AP, p. 43). A salvação do homem reside na graça de Deus que nos leva a esse ponto em nossa história, onde ele só pode nos falar, mesmo que isso signifique voltar ao deserto para ouvir essa voz. Esta é a nossa esperança: que Deus ainda nos conduzirá a esse lugar onde ele possa falar ao nosso coração.

Embora o povo de Deus nasça de novo no deserto, Deus não quer que o povo dele permaneça no deserto! É aí que ele promete a eles as vinhas dessa nova terra além do

Vale de Achor através da qual Israel passou em ascensão à Terra Prometida (v. 15). Novamente, lembra-se que o povo de Deus é um povo peregrino, nunca estático, mas sempre dinâmico, sempre se movendo em direção ao seu destino como povo de Deus.

O Vale de Achor (perturbação, problema) estava localizado a sudoeste de Jericó e formou uma passagem do vale do Jordão para as terras altas. Foi lá que Acã e sua família foram mortas pelo pecado de Acã (Jos. 7: 16 p.) E por essa razão "até hoje o nome desse lugar é chamado de Vale de Achor", ou seja, Problemas (Josh. 7:26). Não menos significativo do que a morte da família de Acã, no entanto, é o aviso de que "então o Senhor se virou de sua ira ardente" (Josué 7:26). Oséias usou essa experiência não apenas como uma ilustração da maneira pela qual a preocupação de Israel (ver v. 2: 9ff.) se tornaria sua porta de esperança, mas também como uma maneira de dizer que a ira do Senhor foi transformada de seu povo. O profeta indicou claramente que o Senhor levaria o seu povo a esse lugar de renovação e esperava que tal resultasse na conquista da fidelidade da aliança. Que os esforços de Javé sejam bem-sucedidos se refletem na resposta de Israel: "ali ela responderá como nos dias da juventude".

As privações e as dificuldades não garantem o retorno ao Senhor da aliança. Às vezes, expulsam as pessoas mais longe da crença no Deus do amor e da justiça. Mas nem sempre é assim. O vale do problema pode, e muitas vezes, se tornar uma porta de esperança. Talvez Deus guie sua igreja no deserto mais uma vez, para falar com seu coração de forma a acelerar sua devoção e sua fidelidade. Lá, o homem pode nascer de novo numa nova esperança, uma esperança concebida no vale dos seus problemas. Se a reforma for para a igreja, ela deve vir no deserto, naquele lugar onde Deus é o único e onde ele só nos fala.

4. O Dia da Nova Aliança (2: 16-23)

A repetição tripla da frase "naquele dia" (v. 16 , 18 , 21) constituiu uma divisão lógica da ênfase profética sobre a nova aliança (ver Jer. 31: 31ss). Além da discórdia e da fé que o cercam, Oséias discerniu a realidade de um futuro, esperança escatológica que deu sustento e determinação para apresentar a fé. No entanto, como esperança escatológica, o conceito de um novo dia para o povo de Deus estava firmemente fundamentado na situação atual; de fato, surgiu da extremidade dos dias através dos quais os omões passaram.

(1) Um dia de nova lealdade (2: 16-17)

16 "E naquele dia, diz o SENHOR , você me chamará:" Meu marido ", e não mais me chamarás, Meu Baal. 17 Pois eu removerei os nomes dos Baals da boca, e eles não serão mais mencionados pelo nome.

Naquele novo dia de renovação e restauração, os nomes dos Baals serão retirados da boca de Israel e você me chamará, "Meu marido" (' *ishi,* meu homem), e você não mais vai me chamar, "Meu Baal" (*ba'li,* meu Baal, senhor). Conhecer e usar o nome de um deus é compartilhar a comunhão com a deidade particular, ao mesmo tempo sugerindo uma lealdade religiosa (ver Ex. 3: 13 e a necessidade de conhecer e usar o nome Yahweh).

Da literatura extra-bíblica é claro que a religião cananeia conhecia apenas um Baal, não muitos. No entanto, este um deus foi reverenciado em várias comunidades sob uma variedade de títulos, assim como o deus de Israel era conhecido por numerosos apelantes (El Shaddai ou Deus Todo-Poderoso, Ex. 6: 3 ; El Ro'i, Deus de Ver, Gen. 16:13 ; *et al.).* Baal, por exemplo, é conhecido como Balberith (Judg . 8:33), Baalpeor, isto é, o Baal de Peor (Deuteronômio 4: 3), etc.

Obviamente, na vida de Israel havia ocorrido um sincretismo de Javé e Baal. Confrontado com as pretensões de Baal e a religião cananeia, muitos viram isso como outra expressão de Javé e, consequentemente, vieram referir-se a Javé pelo nome de Baal (ver v. 16). Em tempos anteriores, sob Saul, por exemplo, um dos filhos de Saul foi chamado Eshbaal (1 Cron. 9:40), e um filho de Jônatas foi nomeado Meribbaal (1 Cron. 9:40). Além disso, o ostraka samaritano, que data do reinado de Jeroboão II e, portanto, aproximadamente no tempo de Oséias, contém 10 nomes pessoais formados com Baal e 11 formados com Javé (Abibaal, Meribaal, etc.).

Que esperança há para um povo que se esqueceu da singularidade de sua fé, chamando seu Deus pelo estranho nome de outro? Esta é a única esperança do homem: a longo prazo, Deus não deixará os Baalim na nossa boca nem no nosso pensamento: vou remover os nomes dos Baals da boca. Os falsos deuses da cultura dão lugar ao Senhor da história.

(2) Um dia de novo começo (2: 18-20)

18 E farei para você uma aliança naquele dia com os animais do campo, os pássaros do céu e os répteis da terra; e abolirei o arco, a espada e a guerra da terra; e eu vou fazer você se deitar em segurança. 19 E vou te desculpar por sempre; Eu o desprezarei com justiça e justiça, no amor firme e na misericórdia. 20 Vou te desprezar com fidelidade; e você conhecerá o Senhor.

Naquele dia escatológico, o Senhor fará um novo começo com o seu povo, um novo começo significado no retorno simbólico ao tempo primitivo (v. 18) e na iniciação de outro bethrothal (v. 19-20).

Ao longo da literatura bíblica, há uma ênfase consistente na tese de que o tempo do final será como o começo do tempo, que toda a história é análoga a uma hora de vidro, com o fim como o começo. Este motivo apoia a presente passagem. Existe um paralelo entre a divisão tripla de seres vivos (ar, terra, mar) aqui e no livro de Gênesis (ver 1: 20 , 30). Juntamente com isso, é uma ênfase na paz um pouco semelhante a Isaías 11: 6ss.- do qual o estresse é um motivo "paraíso recuperado". Apesar de Mays argumentar que os oseias têm em mente uma concepção de paz que é estritamente local (ver p. 50), limitada a Israel, a passagem parece sugerir muito mais. Haverá um dia de novos começos, uma nova criação em que a paz reinará. Conseqüentemente, vou fazer você se deitar em segurança. "Segurança" significa segurança, e deve-se notar que está diretamente relacionado a confiar em Deus.

Em vv. 19-20, o profeta desloca a metáfora para o casamento, sugerindo a recreação dos eventos que caracterizaram os começos de Israel no momento do Êxodo. Oséias acredita que haverá um novo êxodo, como aquela mais tarde ênfase de Isaías do exílio (ver Isa.

40-55) em cujo trabalho o novo motivo de Êxodo aparece pelo menos dez vezes. Cada uma das palavras usadas para caracterizar o novo esmagamento de Israel é rica, vocabulário da aliança: justiça, justiça, amor firme, misericórdia, fidelidade e conhecimento. Desse noivado não haverá fim, será para sempre (v. 19). Será consumado pelo conhecimento do Senhor (v. 20), a experiência compartilhada com ele se tornando a confirmação da aliança. É extremamente importante observar que o conhecimento é usado como um eufemismo para as relações sexuais no Antigo Testamento (ver Gênesis 5: 1 , *et al.).* Com a intimidade compartilhada sugerida pela consumação do casamento, Oséias resumiu bem a profundidade da intimidade que caracteriza os novos começos que o Senhor faz com seu povo.

(3) Um dia de nova relação (2: 21-23)

> *21* *"E naquele dia, diz o Senhor,*
> *Eu responderei aos céus*
> *e eles responderão à terra;*
> *22* *e a terra responderá ao grão, ao vinho e ao azeite;*
> *e eles responderão a Jezreel;*
> *23* *e eu o semearei na terra.*
> *E eu tenho pena de não ter pena,*
> *e eu digo para não o meu povo, 'Você é meu povo';*
> *e ele deve dizer: "Tu és meu Deus".*

Através da benção divina, todo o ciclo da natureza responde com abundante recompensa pelo povo de Deus. Os céus e a terra respondem de modo a produzir grãos, vinho e óleo (v. 21). Mais do que isso, todo o ciclo de fertilidade responde a Jezreel (v. 22). Aquele que foi espalhado ou sembrado por Deus no desastre previsto em l: 4f. agora será semeada pelo Senhor. Talvez Oséias pretendesse utilizar a polaridade do significado inerente à dispersão e semeadura. Além disso, ele terá piedade de não ter pena, e ele mudará de nome não o meu povo *"Meu* povo". A renomeação das crianças significa, como em 1: 10-2: 1 a nova relação que existe entre o Senhor e seu povo. A ênfase em todo é comparável à passagem "Dia de Jezreel" em1: 10-2: 1 .

Você é meu povo e você é meu Deus são frases desenhadas diretamente da linguagem da aliança (ver 1: 8 e a discussão). O dia da nova aliança é um dia de relações novas (ver Jer. 31: 31), um relacionamento de aliança finalmente cumprido no copo compartilhado de Jesus crucificado (Mt 26:26 f.).

5. Como Deus ama (3: 1-5)

Em contraste com a natureza biográfica dos capítulos 1-2 , o capítulo 3 é autobiográfico. Uma questão básica para a interpretação do capítulo é a relação dos capítulos 1 e 3 , especialmente a seqüência envolvida. A mulher no capítulo 3 Gomer ou outra pessoa? Ou, se a mulher é Gomer, é o capítulo 3 da conta autobiográfica de Oseias dos mesmos eventos descritos por seu biógrafo em 1: 2ss.? Ou, o capítulo 3 é a sequência da experiência dos capítulos 1-2 , descrevendo a maneira como o Gomer foi redimido na sequência da sua infidelidade?

Tradicionalmente, o capítulo 3 foi interpretado como a continuação dos eventos dos capítulos 1 e 2 , uma interpretação completamente plausível. Os argumentos de apoio mais convincentes para essa visão são a posição climática da narrativa na unidade maior dos capítulos 1-3 e o uso de "novamente" em 3: 1 . Se se supõe, no entanto, que Gomer era uma prostituta no momento do seu casamento (ver 1: 2f.), Então é completamente possível que o capítulo 3 seja o relato autobiográfico dos mesmos eventos contidos na biografia anterior de 1: 2f . É menos provável que a mulher do capítulo 3 seja diferente de Gomer.

A posição assumida aqui é que o capítulo 3 descreve a continuação dos eventos relacionados nos capítulos um e dois. Certamente, essa é uma suposição lógica em vista do presente arranjo do material. Foi o propósito do editor colocar a redenção de Gomer e a promessa paralela de esperança para Israel como o clímax do maior complexo de material encontrado em Oséias 1-3 .

(1) O Amor Que Controla (3: 1)

1 ***E o SENHOR disse-me: "Vá novamente, ame uma mulher que é amada de um amante e é adúltera; Mesmo quando o SENHOR ama o povo de Israel, embora eles se voltem para outros deuses e adorem bolos de passas ".***

A ação de Osea foi concebida no que experimentou da natureza de Deus, especialmente sua graça e misericórdia. Ele deve amar uma mulher amada de um amante. E por que ele deve fazer isso, sabendo o que ele faz de Gomer e antecipando, como sem dúvida ele deve ter, a crítica de seus conhecidos? A resposta é clara: assim como o Senhor ama o povo de Israel. Oséias haviam experimentado a profundidade do amor e da graça de Deus, que controla e dirige ações e emoções humanas, até mesmo em caminhos que os crentes não se atreveriam a andar.

A apostasia de Israel é claramente enunciada na referência indireta ao Primeiro Mandamento, do qual o restante dos mandamentos, bem como toda piedade e devoção, circulam: "Vocês não terão outros deuses antes de mim" (Êx 20: 3) . No entanto, de acordo com Oséias, o povo de Israel se volta para outros deuses. Bolos de passas eram iguarias feitas de uvas prensadas (ver Cântico dos Solos 2: 5) que foram distribuídas em certas ocasiões no contexto da adoração (2 Sam. 6:19 ; Isaías 16: 7 ; 1 Crôn. 16: 3). Aparentemente, eles desempenharam um papel particularmente importante na religião cananeana orientada para o agrário.

(2) O amor que resgata (3: 2)

2 ***Então eu comprei ela por quinze shekels de prata e um homer e um lethech de cevada.***

O relato da redenção de Gomer é simples e direto, com pouca expressão desse amor e devoção que indubitavelmente induziram Oséias a agir como ele fez. Cada um dos shekels era aproximadamente o peso de um meio dólar; O homer foi um pouco acima de cinco alqueires, e o lethech (mencionado apenas aqui no Antigo Testamento) era aproximadamente a metade de um homer (ver Mays, página 57). Essa especificação sublinha a historicidade da passagem. Os itens variados e as medidas utilizadas sugerem

que Oseias foi provavelmente pressionado para aumentar o preço de compra de sua esposa, tendo que recorrer à prata e ao grão em oposição a todos ou a um ou outro. Não há como determinar a quantidade precisa que Oseias pagou por Gomer, mas o preço de um escravo foi geralmente calculado em 30 siclos de prata (ver Ex. 21:32 ;Lev. 27: 4). Foi a um preço considerável, para um homem pobre do século VIII, que Oséias redimisse sua esposa. Ele gastou seus bens acumulados em troca de quem o desprezou publicamente. Somente um amor como o de Deus poderia induzir um homem a perdoar e a resgatar.

(3) O Amor que Disciplina (3: 3)

3 E eu disse a ela: "Você deve habitar como meu por muitos dias; Você não deve brincar da prostituta, ou pertencer a outro homem; então também eu serei para você ".

Para determinar sua firmeza e confiabilidade, Oseias isolou Gomer para que ela não jogasse a prostituta. Que o próprio Oseias não teve relações sexuais com ela no momento, é sugerido pela frase, então eu também serei para você. O verdadeiro amor não é nem cego, nem é fraco. Osése pressupõe a disciplina como parte da redenção, demonstrou fidelidade como prova de renovação. O perdão que é genuíno não é fácil nem barato. Ele vem apenas a um ótimo preço. E o perdão e a renovação que não chegam ao preço da disciplina e da penitência tangível são evidências suspeitas e tangíveis de uma concepção barata da graça de Deus.

(4) O amor que triunfa (3: 4-5)

4 Porque os filhos de Israel habitarão muitos dias sem rei ou príncipe, sem sacrifício nem pilar, sem éfalo ou terafim. 5 Depois, os filhos de Israel voltarão e buscarão o SENHOR, seu Deus, e Davi, seu rei; e eles terão medo ao Senhor e aos seus bens nos últimos dias.

Oséias desenha um paralelo entre o retorno disciplinado de Gomer e a renovação de Israel. Tal renovação vem por causa da disciplina.

Essa profundidade de amor como aquela caracterizada por Oséias certamente triunfará. Consequentemente, Oséias insistiu que, após o período de separação e disciplina, Israel respondesse de forma consistente com a fé da aliança. Três ações caracterizam a disciplina de Israel através das duras realidades de suas experiências. Primeiro, Israel *retornará,* a palavra comum associada ao arrependimento, sugerindo uma renovação nacional. O arrependimento deve sempre preceder a restauração. Segundo, Israel virá *buscar o Senhor seu Deus. Procurar* se tornar um termo técnico para buscar a deidade através da adoração (ver 5:15 ; Deut. 4:29 ; Zeph 1: 6). Aqui é usado como sinônimo de "retorno". Em terceiro lugar, Israel terá medo (*pahad*). As traduções em inglês geralmente não fazem distinção entre as duas palavras hebraicas, *yare* e *pahad* (cf. 3: 5 , *Pahad* , e Salmo 33: 8 , *yare*). *Yare '* (temer) é muito mais usado do que *pahad* , e, além do medo, muitas vezes sugere reverência, reverência, honra - no tempo dos pais (Levítico 19: 3), líderes como Moisés e Josué (Jos. 4: 14),

e especialmente deus (Salmo 33: 8). O medo (*yare'*) é o sinônimo mais próximo em hebraico para a religião. *Pahad*, no entanto, normalmente conhece terror ou terror. Pode ser a antítese da confiança no Senhor (Isaías 12: 2). Oséias sugere que Israel esteja em pavor do terror do SENHOR, tendo aprendido através das experiências difíceis da privação a triste lição de que a infidelidade traz disciplina.

Depois (nos últimos dias), novamente, ressalta a esperança escatológica de Oséias (ver 1: 10ff .; 2: 16ss). O profeta foi capaz de enfrentar a desintegração disruptiva de sua própria era com a calma garantia de que a história ainda seria testemunha do supremo cumprimento dos propósitos do Senhor. *Depois,* torna-se o ponto de viragem para Oséias, o fulcro que levanta o profeta e seu povo do poço do desespero nas alturas. Há uma esperança que pode sustentar cada crente, a esperança fundamentada na realidade de Deus e sua participação em toda a história. A história testemunhará o cumprimento de seu grande design para o povo de Deus. Para todos os crentes cansados e preocupados, Oseas diz: "Mas depois. . ".

II. O Controvérsão do Senhor com Seu Povo (4: 1-9: 6)

Os capítulos 4-15 consistem em uma série de oráculos ligeiramente conectados que catalogam os pecados de Israel - principalmente na área de infidelidade religiosa e irresponsabilidade política. Dentro desta seção maior, no entanto, há esforços gerais para estabelecer subsecções amplas. Wolff, por exemplo, sugere que 4: 1-11: 11 , que abre com um apelo à "Palavra do Senhor" (4: 1) e fecha com "diz o Senhor" (11:11), consiste em um única unidade. A segunda unidade se estende, de acordo com Wolff, das 11:12 (12: 1 no texto Heb.) Através do capítulo final. Eissfeldt, por outro lado, vê em 4: 1-9: 9 uma única unidade, enquanto 9:10 apresenta a segunda e última seção que tem como foco de unidade um sentimento de retrospectiva histórica em que o presente pecado e julgamento de Israel estão intimamente ligados aos eventos da história de Israel.

A posição aqui colocada é que 4: 1-9: 9 constitui um segmento básico que cataloga a base para a controvérsia do Senhor com Israel (cf. 4: 1). O terceiro motivo principal é o de julgamento que começa com 9:10 e que de uma maneira ou outra liga o pecado atual de Israel a um evento em seu passado.

1. O Controvérsimo do Senhor com a Terra (4: 1-3)

O tipo particular de forma de fala profética a que essa narrativa pertence é o "procedimento legal" ou "discurso de julgamento" (Isaías 1: 18-20 ; 3: 13-15 ; Mic. 6: 1-5 ; Hos. 2: 2ff.). Oséias começa com a afirmação de que Deus detém tribunal (*riv*) "com os habitantes da terra" (v. 1). Existem três partes principais desta unidade literária: (1) a introdução, que inclui a fórmula mensageira: "Ouça a palavra do Senhor". . . "; e o motivo do processo ", pois o Senhor tem uma controvérsia. . . "; (2) a acusação, vv. 1b-2 ; e (3) o anúncio do julgamento (v. 3).

É impossível determinar com precisão em que ocasião o oracle breve foi falado, mas provavelmente decorre do tempo de Jeroboão II (ver Mays, Wolff). Wolff sugere que serve como uma introdução ao conjunto de 4: 1-11: 11 . Seja ou não isso é verdade, a passagem constitui um resumo vívido da situação que Oseias confrontou.

(1) Mensagem do Senhor e Mensageiro (4: 1a)

> [1] *Ouve a palavra do SENHOR , povo de Israel;*
> *pois o Senhor tem uma controvérsia com os habitantes da terra.*

A "fórmula mensageira" é claramente refletida no chamado profético, ouça a palavra do Senhor. Embora os profetas raramente sejam referidos diretamente pelo mensageiro substantivo (ver, no entanto, Mal. 3: 1), é claro que eles desempenharam a função de um mensageiro. Em Israel antes que o anjo do Senhor era o mensageiro de Deus (cf. Ex. 3: 2 ; Gênesis 16: 7 ss. ; Jz. 13: 9 e ss.). Em "politeísmo, o mensageiro dos deuses (Hermes) é ele próprio um deus, ou os mensageiros são criaturas divinas; Em qualquer caso, eles pertencem ao lado dos deuses ".Como um mensageiro de Deus foi pensado para ser um deus ou um caráter divino, era inconcebível que um homem pudesse servir de mensageiro. Apesar disso, no entanto, os profetas cumpriram • o papel dos mensageiros, dirigidos tanto para o indivíduo como para a nação.

O ministério profético chama um para a declaração de uma "palavra" além das palavras do próprio mensageiro. Isso o chama a essa "palavra" dinâmica e criativa de Deus, que se origina naquela realidade última que o profeta experimenta em sua própria peregrinação histórica. A medida da fidelidade de alguém pode ser estimada pelo grau em que se proclama essa mensagem. Nos dias antigos, a comunicação oral era o principal meio de comunicação, e a fidelidade do mensageiro era imperativa para a transmissão dos propósitos declarados pelo Senhor. Para uma tarefa normalmente atribuída apenas aos deuses ou aos seres divinos, os homens foram chamados: chamados a proclamar a mensagem de Deus, chamados a proclamar essa mensagem com fidelidade e integridade.

Era uma proclamação pública que os oseias dirigiam a toda a sociedade - o povo de Israel, bem como os habitantes da terra. E qual foi o motivo dessa declaração? O Senhor tem uma controvérsia (*riv*). O *riv* era uma controvérsia ou, melhor, uma ação judicial. O verbo aparece em Oséias 2: 4 ; 4: 4 ; Amós 7: 4 ; Miquéias 6: 1 ; 7: 9 , e sugere contender como em um litígio.

O substantivo é usado em 4: 1 e 12: 3 , bem como Miqueias 6: 2 *et al.,* E connota um caso ou processo legal. Poderíamos legitimamente traduzir a frase: "O Senhor tem uma ação judicial com os habitantes da terra".

(2) A acusação contra o povo de Deus (4: 1b-2)

> *Não há fidelidade ou bondade,*
> *e nenhum conhecimento de Deus na terra;*
> [2] *há palavrões, mentirosas, matanças, roubos e cometer adultério;*
> *Eles quebram todos os limites e o assassinato segue o assassinato.*

A acusação é comparável às acusações apresentadas por um procurador em um tribunal moderno. Consiste em bases negativas (v. Lb) e positivas (v. 2).

Bases negativas para a controvérsia. Existem três bases negativas para a controvérsia com o povo de Deus, cada um relacionado à aliança, esse vínculo que uniu o Senhor e seu povo. Não há fidelidade, bondade ou conhecimento de Deus.

A fidelidade geralmente significa a verdade falada (1 Reis 22:16 ; Deuteronômio 13:15), mas isso geralmente significa confiabilidade ou segurança, como "caminho certo" (Gn 24:48), estabilidade (Isa. 39: 8), ou fidelidade, como de homens fiéis (Neh. 7: 2). Especialmente é usado de Deus (ver Salmos 54: 7 ; Ezequiel 18: 9). A fidelidade, a honestidade, a constância, a confiança (seja no pensamento, na palavra ou na ação) e na confiabilidade são sinônimos. É diretamente relacionado a um verbo que significa confirmar ou suportar; Como pilares apoiam a porta do templo (2 Reis 18:16). Os tradutores traduzem essa palavra como "boa fé" (NEB) e "fidelidade" (JB). Quando essas qualidades faltam no relacionamento de alguém com o Senhor, não há mais nenhuma base sólida para a continuação da irmandade. O homem não pode viver com nenhum outro homem nem com Deus, desde que sua relação seja desprovida de fidelidade. Os homens podem assinalar cínicamente que não têm confiança em ninguém, sem depender de qualquer relacionamento. Mas muitas vezes, tais afirmações vazias são apenas esforços vazios e inúteis para afogar seu grito interior e com fome pela comunhão compartilhada e os laços de fraternidade sem os quais nenhum homem pode alcançar a plenitude da vida.

A bondade não faz justiça ao pleno e rico significado do hebreu *hesed* , uma palavra unicamente relacionada à fidelidade da aliança. Existe uma confusão considerável em relação à tradução apropriada de *hesed* , alguns dos quais aparecem no trabalho dos tradutores do RSV. Por exemplo, esta palavra é traduzida de forma variada como "bondade" (v. 1b), "amor" (6: 4) e "amor firme" (6: 6). *Hesed* é usado exclusivamente de amor dentro da aliança. É um amor fiel, um amor que produz intrinsecamente a firmeza e a confiabilidade - em pé contra o *ahab*, a palavra mais geral para o amor. O amor do pacto ou o amor fiel tem uma ampla gama de significados e pode ser usado pelo amor de Deus em relação ao homem, do amor do homem em relação a Deus e do amor fraterno, amor de um homem pelo próximo. Mas, em cada caso, é um amor que é vinculado e definido pelo quadro de uma relação de aliança.

A verdade e o amor estão, portanto, unicamente ligados e, a este respeito, é lembrado a exortação de Paulo a respeito de "falar a verdade no amor" (Efésios 4:15). A natureza interligada do amor e da verdade se reflete ainda mais na afirmação atribuída a Jerônimo: "A verdade sem amor leva à dureza, o amor sem a verdade à fraqueza".

O conhecimento de Deus sugere a partilha íntima e pessoal do Senhor com o crente. Há uma diferença entre o conhecimento sobre um e conhecer uma pessoa. Além disso, há uma diferença entre conhecer um objeto e conhecer uma pessoa (outro assunto, outro conhecedor). Saber no sentido bíblico é compartilhar a união definitiva no nível mais profundo da existência pessoal, como nos laços do casamento (ver Gênesis 4: 1) ou a intimidade da experiência divino-humana. O conhecimento de Deus é um pré-requisito tanto para a fidelidade quanto para a bondade (amor fiel). Hans Wolff ilustra isso através de uma analogia caseira (AP , p. 91):

Os três pertencem juntos. Não se pode dizer que o amor e a lealdade devem ser, mas o conhecimento de Deus não deve ser. Você não pode ter sua árvore de maçã no jardim e

viu todas as suas raízes. Para o que as raízes são para a árvore frutífera, o conhecimento de Deus também é para o amor e a lealdade na terra.

Bases positivas para a controvérsia. Oséias cita cinco dos Dez Mandamentos que estão mais diretamente relacionados ao relacionamento do homem com o sujeito. Ele sugere que o povo de Deus se caracteriza por "jurar, mentir, matar, roubar e cometer adultério" (v. 2). O conhecimento de Deus sempre se concentra em ações específicas em oposição às abstrações teóricas. O conhecimento de Deus pressupõe a retidão ética e moral. Como Frank Stagg sugeriu uma vez em outro contexto, Deus está preocupado tanto com a ortodoxia quanto com a ortografia, o que acreditamos e o que praticamos. O mesmo é verdade para o conhecimento de Deus.

Os excessos que caracterizaram o povo de Deus são resumidos graficamente na sugestão de que eles quebram todos os limites e o assassinato segue o assassinato, ou "eles se estendem e os sangue tocam sangue". Há uma mancha de sangue cada vez maior manchada no tecido da obra de Deus, uma mancha de sangue alimentados pela opressão e violência que inevitavelmente caracterizam uma sociedade desprovida de fidelidade, amor e conhecimento de Deus. Como era então, então é agora.

(3) Anúncio do julgamento (4: 3)

> *3 Portanto, a terra chora,*
> *e todos os que habitam nela languidecem,*
> *e também os animais do campo,*
> *e os pássaros do ar;*
> *e até os peixes do mar são retirados.*

Por isso, apresenta o anúncio do julgamento. A terra, de fato toda a criação, entra em condição de inanimidade e perda de vitalidade. A terra em si chora, sugerindo a ênfase consistente na literatura bíblica sobre a maneira pela qual toda a natureza simpatiza com os pecados e tristezas do homem. A terra compartilha tanto a maldição (ver Gênesis 3:17) quanto a renovação e a bênção da humanidade (ver Isaías 35: 1). Embora uma seca local tenha precipitado o pensamento do profeta, os fundamentos conceituais do v. 3 são mais profundos do que uma catástrofe local. O verso fala, contudo indiretamente, da maldição que cai sobre os disjuntores da aliança (ver Isaías 24: 4 f .; Deut. 27-28). Como Mays (p. 65) sugere incisivamente:

A catástrofe não é apenas uma seca. . . mas uma diminuição terrível de forças de vida que tende a uma ausência total de vida. É o efeito da maldição divina e, neste caso, da violação da aliança. . . . Quando o povo de Deus quebra a aliança, toda a criação sofre as conseqüências de seus pecados (Gn 8:21 , cf. Romanos 8: 19).

2. Adoração Prostituída (4: 4-19)

Começando com v. 4, há uma nova seção, uma denúncia profética de líderes de adoração e participantes. A terminologia de v. 4 , "contend" e "contenção", liga a passagem aos versos anteriores. Que a unidade maior de 4: 4-19 é um composto formado por provas proféticas independentes uma vez que se reflete na flutuação do número: a segunda pessoa que aparece na vv. 4-10 enquanto a terceira pessoa é usada

em vv. 10-13 ; um retorno para a segunda pessoa em vv. 13b-14 e um aviso separado injetado em vv. 15-19 .

Temticamente, a unidade maior pode logicamente ser abordada à luz das cinco ocorrências da partícula causal *ki'* (para ou porque): "porque você rejeitou o conhecimento" (vv. 4-6); "Porque abandonaram o Senhor" (vv 7-10); " Porque um espírito de prostituição os desviou" (vv. 11-13a); "Para os próprios homens se afastarem com prostitutas" (vv. 13b-14); porque "como uma novilha teimosa" (vv. 15-19).

(1) A Fonte de Contenção: Liderança Religiosa (4: 4-6)

> *4 No entanto, ninguém contenda,*
> *e deixar ninguém acusar,*
> *pois contigo é minha afirmação, ó padre.*
> *5 Você tropeçará de dia,*
> *O profeta também tropeçará com você de noite;*
> *e eu vou destruir sua mãe.*
> *6 Meus povos são destruídos por falta de conhecimento;*
> *porque você rejeitou o conhecimento,*
> *Eu rejeito você de ser um padre para mim.*
> *E como você esqueceu a lei de seu Deus,*
> *Também irei esquecer seus filhos.*

Nenhuma pessoa ou instituição provavelmente deverá subir acima da qualidade da liderança que lhes é dada. Os profetas de Israel concentraram-se constantemente na liderança como o cerne dos males da nação - não que as pessoas fossem imunes aos juízos proféticos (ver Mic. 3: 1).

A controvérsia do Senhor é com os líderes religiosos que não têm fé para assumir responsabilidades. Isso é claramente especificado na exortação de Ossas: contudo, ninguém afirme, e deixe ninguém acusar, pois contigo é minha afirmação, ó padre. Os sacerdotes não têm base para uma contra-ação. Que nenhum deles discuta, pois eles são obviamente culpados.

A sugestão de que o sacerdote e o profeta *tropeçam* provavelmente se refere ao julgamento iminente. A mesma figura aparece em Isaías 8:15 ; 59:10 ; Jeremias 13:16 ; 50:32 . Oséias usa a figura cinco vezes (4: 5 ; 5: 5 ; 14: 9). *Dia* e *noite*pode ser um meio de dizer ao longo das 24 horas do dia. Mas o fato de que o sonho era um meio comum de revelação, especialmente para os chamados "falsos profetas", sugere que a referência de Oséias às duas divisões reflete o tempo que os sacerdotes e profetas desempenharam. O Profeta, sem dúvida, faz referência a esses profetas associados aos centros de adoração, que, como Miquéias disse, profetizaram o que as pessoas queriam ouvir (Mic 2:11). A ameaça de destruir sua mãe pode se referir ao julgamento sobre a família dos líderes religiosos (uma ameaça comum, cf. Amós 7:17). A mãe é usada da nação (cf. 2: 2s .) E pode refletir a maneira pela qual Oséias interpretou anteriormente sua própria experiência (cf. 2: 2ss.). Em qualquer caso, Oséias antecipou um momento

de julgamento para os sacerdotes e profetas cultuais. Diante da situação descrita por Oséias, nenhum dos sacerdotes estava em posição de argumentar o caso (v. 4). A culpa dos líderes religiosos era auto-evidente no destino iminente das pessoas.

Mais uma vez no v. 6, Oséias retorna ao tema do conhecimento de Deus. Sem ele as pessoas perecem. Sem identificação pessoal com a vida do Senhor e da aliança, a nação não tem a vitalidade necessária para a vida contínua. Eles são destruídos, um destino tão certo para ser caracterizado por um verbo que indica um estado de ação completo. A mesma palavra é usada para descrever a destruição de uma cidade (Isaías 15:11), um rei (Hos. 10: 7 , 15), animais (Salmo 49:13 , 20) ou pessoas (Hos. 4: 6 ; Ef 1:11.).

O motivo da desintegração nacional é atribuído à ação dos sacerdotes que rejeitaram o conhecimento e se esqueceram da lei de Deus. Rejeitar o conhecimento sugere uma alienação deliberada e deliberada por parte dos sacerdotes. No entanto, alguém se pergunta se a alienação é ou não tão deliberada quanto isso implica. Os homens rejeitam o conhecimento de Deus não só como resultado de ações deliberadas e premeditadas, mas também através de meios mais silenciosos, mas igualmente perigosos. Trate o sagrado como comum, se torna superficial na tarefa ordenada, não consegue sentir a realidade mais profunda escondida atrás das formas de adoração, relegar a vida religiosa ao passado e negar sua vitalidade atual - por cada uma delas, e mais, rejeita o conhecimento de Deus. Oséias usou nesta conjuntura uma estrutura gramatical que ressaltou que os próprios sacerdotes rejeitaram o conhecimento.*você*, de sua parte, *você* rejeitaste o conhecimento!"

Esqueça implica muito mais do que uma perda de memória. Oseias sugere no v. 6b um afastamento da revelação do Senhor, bem como a sua anterior acusação de que Israel se esqueceu do Senhor (2:13). Como Brevard Childs observou:

Esquecer não é um ato psicológico de ter um pensamento passado da consciência, mas um ato externo de adorar outros deuses (Deuteronômio 8:19), de abandonar alguém (Isaías 49:14), de não guardar os mandamentos (Deut. 8:11).

Como os sacerdotes rejeitaram o conhecimento, eles são negados a sua função ordenada. O julgamento vem de uma forma estranhamente paralela ao pecado. Aqueles que rejeitam o conhecimento de Deus são rejeitados por ele. Aqueles que se esquecem da lei de Deus acham que seus filhos, que herdariam o ofício sacerdotal, foram esquecidos, um destino maravilhoso desde que a pessoa antiga concebeu sua própria vida como prolongada por seus descendentes. Esta é a maneira de ossua de dizer que o Senhor fará o fim definitivo e final de quem o esquece.

(2) Não há distinções: como pessoas, como sacerdotes (4: 7-10)

7 Quanto mais aumentaram,
mais pecaram contra mim;
Mudarei a sua glória em vergonha.
8 Eles se alimentam do pecado do meu povo;
Eles são gananciosos por sua iniqüidade.
9 E será como as pessoas, como sacerdote;

Eu os punirei por seus caminhos,
e recompensá-los por suas ações.
10 Comerão, mas não serão satisfeitos;
eles devem jogar a prostituta, mas não se multiplicam;
porque abandonaram o Senhor
para apreciar a prostituição.

A segunda das partículas causais, vem à conclusão deste parágrafo: porque abandonaram o Senhor para apreciar a prostituição. A medida do pecado dos sacerdotes é proporcional ao seu número. Adicione outro sacerdote e o peso do seu pecado é aumentado (v. 7). Embora o aumento numérico seja muitas vezes interpretado como um sinal de bênção e prosperidade, Oseias sugere que talvez não seja assim. Quanto mais sacerdotes serviram no altar, maior o pecado. Por isso, a glória de seu chamado e escritório ficaria envergonhada. O seu escritório se tornaria um objeto de ignomínia e desonra, como no caso de Shebna, que se tornou uma desgraça para a casa de seu senhor (Isaías 22:18), ou como indivíduos em Israel se tornaram pessoas de desonra pessoal (ver Jó 10: 15; Prov. 3:35 ; 6:33).

O sustento dos sacerdotes foi fornecido através da partilha de uma parte do sacrifício. Contra este aspecto, Oséias acusou os líderes religiosos de seu próprio dia de se alimentar do pecado do meu povo, de ser ganancioso por sua iniqüidade. Em vez de levar as pessoas a uma consciência mais completa do conhecimento de Deus, os sacerdotes dirigem sua ganância, seu anseio, seu apetite para a compensação de seu cargo. Eles vieram viver sobre o vício do dia (Jeremias 22:27 , Salmos 86: 4 ; 143: 8 ; Provérbios 19:18). O sacerdócio, como alguém observou, "tornou-se uma profissão lucrativa, preenchida pelos operadores históricos que foram motivados por motivos mercenários".

Os líderes religiosos não podem esperar nenhum favoritismo à mão de Deus. Naquele tempo de cálculo, será como pessoas, como sacerdote, uma expressão proverbial que sugere que Deus não faz distinções. Ele punirá os líderes religiosos que prostituíram seu chamado pelo preço da ganância. Os homens que fazem uma profissão lucrativa de um ministério sacrificial não podem esperar distinção em julgamento.

Os líderes religiosos podem comer (ver v. 8), mas não ficarão satisfeitos (v. 10). Eles estão condenados a essa sede que não pode ser extinta e que a fome que não pode ser satisfeita. Para aqueles que, em algum momento ou outro, pegaram até um vislumbre da "chamada alta", nenhuma outra maneira pode trazer satisfação, especialmente quando é seguida pelo preço de sacrificar a integridade pessoal e a comunhão divina.

A frase que eles devem fazer da prostituta, mas não multiplicar, dificilmente significa que os sacerdotes não conseguiram gerar filhos, pois as crianças não são desejadas de prostituição. O motivo sexual do culto cananês é fundamental para a compreensão desta passagem. Embora os participantes possam se unir com a prostituta sagrada na cerimônia cultual que foi projetada para ativar os poderes procriativos cósmicos, isso também será inútil. O ponto de Oséias é a total falta de satisfação e a total futilidade dos líderes religiosos que perdem seus papéis ordenados em troca das preocupações de vv. 7ff.

(3) O Espírito de Harlotry que leva Astray (4: 11-13a)

11 Vinho e vinho novo
tire o entendimento.
12 Meu povo pergunta uma coisa de madeira,
e sua equipe dá-lhes oráculos.
Pois um espírito de prostituição os desviou,
e eles deixaram seu Deus para fazer a prostituta.
13 Eles sacrificam no topo das montanhas,
e fazer ofertas sobre as colinas,
sob o carvalho, álamo e terebinth,
porque a sua sombra é boa.

Por causa de um espírito de prostituição que os desviou, o povo de Deus é culpado de pelo menos três acusações: (1) eles perderam o entendimento através do uso do vinho (v. 11) (2) os homens abandonaram os meios normativos de revelação para a parafernália cultual dos cananeus (v. 12), e (3) eles se mostraram infiéis aos vínculos da aliança que os uniram ao Senhor e se entregaram ao culto de outros deuses, assim como uma merda daria ela mesma para os amantes; eles deixaram seu Deus para fazer a prostituta.

O espírito de prostituição é o modo do profeta de descrever o desejo irrestrito de Israel de deixar o Senhor. Ela é possuída por um espírito diferente do de Deus, um espírito de prostituição. O Espírito no Antigo Testamento pode ser sucintamente definido como o poder energético da vida. É, por exemplo, o espírito que dá vida, capacita as pessoas para tarefas únicas, concede habilidade e sagacidade, e permite que os homens vivenciem seu compromisso com o Senhor. O "espírito de prostituição" é semelhante à ênfase comparável de Jeremias, que disse sobre Israel no seu tempo: "Ainda assim, você tem uma testa de prostituta, você se recusa a ter vergonha" (Jeremias 3: 3 , cf. 3: 9). Oséias usa o conceito de prostituição para descrever Israel oito vezes diferentes (ver 1: 2 ; 2: 2 , 4; 4:10 , 12 , 18 ; 5: 4 ; 6:10). Ele usa a prostituição com referência a Israel nove vezes (2: 5 ; 3: 3 ; 4:10 , 13, 14, 15 ; 5: 3 ; 9: 1). Que o conceito está firmemente estabelecido no pensamento profético pode ser confirmado através da análise de passagens como Isaiah 1:21 ; Jeremias 2:20 ; Ezequiel 16:15 .

(4) Como o Pai, como a filha (4: 13b-14)

Portanto, suas filhas jogam a prostituta,
e suas noivas cometem adultério.
14 Eu não vou punir suas filhas quando eles fazem a prostituta,
nem suas noivas quando cometem adultério;
pois os próprios homens se afastam com as meretrizes,
e sacrifícios com prostitutas de culto,
e um povo sem entendimento deve vir a se arruinar.

Respondendo ao exemplo de pais e maridos, as filhas e esposas dos indiciados por Oséias jogam a prostituta e cometem adultério. A passagem é única, em parte, porque é uma das poucas passagens do Antigo Testamento que coloca as mulheres deliberadamente ao mesmo nível de responsabilidade que os homens. Os homens não podem esperar viver em outro nível mais baixo, moral do que as mulheres, enquanto esperam que suas filhas ou suas esposas mantenham a pureza moral. Isso, obviamente, não dá suporte a uma ética sexual permissiva. Pelo contrário, assume que Deus julgará os homens na mesma base que as mulheres; não existe uma ética sexual dupla.

Referência nesta junção às prostitutas e prostitutas de culpa introduz prostituição profana e sagrada. A prostituta sugere não só a prostituição no sentido da prostituição, mas o que se chamaria de inglês como fornicação (ver Judg. 19: 2 , MT e Num. 25: 1). É contra o adultério. A frase "prostituta de culto" é uma tradução de *qᵉdeshot*- os santos, de um termo que significa ser santo. Antes do desenvolvimento de conotações éticas, este termo essencialmente era dedicado a um deus. Em outras culturas, como em Israel, as prostitutas do templo eram conhecidas como "sagradas", na medida em que eram dedicadas a um deus. Embora a prática nunca tenha sido aprovada na religião israelita normativa, a própria terminologia é ilustrativa do significado básico do sagrado - ser dedicado a um deus. No contexto da fé israelita, portanto, a santidade continua a significar, quanto à fé cristã, a dedicação a Deus. Assim, os "santos" do Novo Testamento são os santos no sentido de que eles são dedicados ao Senhor. Deve-se acrescentar, no entanto, que os valores morais e éticos entram quando se dedica ao Deus verdadeiro. Pois um assume as qualidades do Deus a quem se dedica.

Não deve ser uma surpresa que tal imoralidade sexual por atacado levou o mensageiro de Deus a fechar, alertando o ouvinte de que um povo sem entendimento venha a se arruinar. Essa falta de discernimento como se manifestou na promiscuidade sexual do dia de Oséias, ou qualquer geração, levará um povo a uma ruína.

(5) Aprendendo da História (4: 15-19)

15 Embora você jogue a prostituta, ó Israel,
Não deixe Judah se tornar culpado.
Não entre em Gilgal,
nem vá até Bethaven,
e não jure, "como o SENHOR vive".
16 Como uma novilha teimosa,
Israel é teimoso;
O SENHOR agora pode alimentá-los
Como um cordeiro em uma ampla pastagem?
17 Ephraim está unido aos ídolos,
deixe-o em paz.
18 Uma bula de bêbados, eles se entregam a prostituta;
Eles adoram a vergonha mais que a sua glória.
19 Um vento as embalou nas asas,
e terão vergonha por causa dos seus altares.

Em uma passagem que pode muito bem decorrer do tempo após a desintegração do Reino do Norte, Judá é aconselhada a aprender com o destino de seu estado irmão, Israel. A partícula causal no v. 16 novamente introduz o motivo da resposta do Senhor ao seu povo: porque Israel é como uma novilha teimosa. O conselho para Judá é triplo.

Primeiro, não se torne como Israel (v. 15). Não se torne como ela em seu culto. Fique longe de Gilgal e Beth-aven, dois dos principais centros cultuais de Israel. Bethaven é a mesma cidade que Bethel. Por causa da infidelidade de Betel, e especialmente da presença de um dos dois bezerros de ouro de Israel, o profeta chama sarcasticamente a casa de Deus (isto é, *Beth-el*), a casa do mal (isto é, *beth-awan*). Além disso, não juras À medida que o Senhor vive, um grito de culpa provavelmente semelhante aos usados por Baal.

Em segundo lugar, não se torne como Israel em sua obediência (v. 16). Poucos em uma geração urbana percebem o quão teimoso pode ser uma novilha. Mas a analogia é totalmente favorável ao Israel rebelde. Um simplesmente não pode tratar uma novilha teimosa na mesma base que se faz um cordeiro suave. Como, então, alguém pode esperar que Deus responda à rebelião de Israel, criando para eles um amplo pasto?

Em terceiro lugar, deixe Israel sozinho (v. 17f.). Qual é a melhor resposta para um povo unido aos ídolos **,** uma banda de bêbados, dada à prostituição, quem ama a vergonha mais do que a sua glória? O conselho de Oseias é incisivo e pertinente: deixe-os em paz!

Ao concluir este aviso, Oseias assume que os ventos de arborização da história já envolveram Israel nas suas asas; Já a nação está no ponto de destruição. Muito tarde agora, mas *eles terão vergonha de seus altares.*

3. Quando os homens são ensinados pelo Senhor (5: 1-7)

(1) Condenao da liderança coletada (5: 1-2)

[1] Ouça isso, ó sacerdotes!
Preste atenção, ó casa de Israel!
Ouça, ó casa do rei!
Para o julgamento pertence a você;
pois você tem sido uma armadilha na Mizpah,
e uma rede se espalhou sobre o Tabor.
[2] E fizeram no fundo do poço do Shittim;
Mas eu vou castigar todos eles.

Participantes. Aqueles que participaram como líderes no fracasso de Israel devem suportar a maior culpa. Há uma progressão decidida na proclamação de Oséias: Ouça (para ouvir ou obedecer), Preste atenção (aceso, para beber com entusiasmo) e Ouvir (acender, girar a orelha e assim dar atenção). O modo imperativo do endereço verbal, a sequência rápida dos apelos e as palavras distintivas utilizadas - cada um, por sua vez, enfatiza tanto a urgência como a demanda por uma resposta atenciosa. O catálogo de

liderança de Oseias é abrangente: sacerdotes, anciãos ou representantes do povo (casa de Israel) e a corte real (casa do rei).

Práticas. Essencialmente, Oséias acusou os líderes de terem falhado na justiça, de fato, por ter roubado as pessoas da vida e da liberdade. A frase que *o julgamento pertence a você* pode referir-se ao fato de que o julgamento iminente está exclusivamente relacionado à liderança ou, mais provavelmente, que o julgamento ou a justiça é a função única da liderança (ver Mic. 3: 1 ; Deut. 1: 17).

Os locais em que ocorreu essa escravidão são instrutivos, pois Oseias citou lugares de singular significado histórico: Mizpa, Tabor e Shittim. Isso não quer dizer que as ações específicas no dia dos Oásis tenham ocorrido nesses sites, mas que a ação dos líderes no tempo de Oséias era análoga aos eventos associados aos três locais. Oséias manifesta uma ênfase consistente na solidariedade do fracasso de Israel; passado e presente são incorporados em um foco essencial. Foi em Mizpá que a guerra civil entre Benjamim e Israel foi planejada (ver Judg. 20: 1 p.). Talvez Oséias visse nos conflitos de sua própria geração um reflexo desses dias de angústia na história inicial de Israel. Por outro lado, é difícil até mesmo estabelecer o Mizpa particular a que se refere Oseias (havia dois Mizpás). Oséias pode ter uma referência a outra maneira em que a liderança falhou em Israel em Mizpá - talvez em conexão com o culto de Baal. *Tabor* era um lugar de adoração no tempo dos juízes (Deuteronômio 33:19 , Judg. 4: 6 , Salmo 68). Shittim era o lugar onde Israel "se uniu a Baal de Peor" (Números 25: 1 p.). A probabilidade é que Oseias escolheu sites em que líderes levaram Israel a adorar deuses falsos, provavelmente Baal.

Punição. Em resposta ao fracasso da liderança, Oséias afirma que Yahweh os castigará. Enquanto a "castiga" é uma tradução legítima, ela também é usada no contexto do ensino e sua disciplina. É usado, por exemplo, da família (Deuteronômio 8: 5 ; 21:18 ; Provérbios 4: 1 ; 19:18) e de pai e filho (Provérbios 31: 1 ; Deuteronômio 8: 5). Isaías o usa de instrução: "Porque ele é instruído corretamente; o seu Deus o ensina "(Isaías 28:26 , Jerão 10:24 ; 30:11). Oseias sugere um motivo redentor baseado em disciplina. Os líderes falharam, mas o Senhor continua sendo seu professor e, através da disciplina da história, irá corrigi-los e ensinar-lhes o que significa ser o povo de Deus.

(2) Quando os homens procuram, mas não encontram (5: 3-7)

> *3 Eu conheço Efraim,*
> *e Israel não está escondido de mim;*
> *Por enquanto, ó Efraim, você jogou a prostituta,*
> *Israel está contaminado.*
> *4 Seus atos não os permitem*
> *para retornar ao seu deus.*
> *Pois o espírito de prostituição está dentro deles,*
> *e eles não conhecem o Senhor.*
> *5 O orgulho de Israel testifica a sua face;*
> *Efraim tropeçará em sua culpa;*
> *Judá também tropeçará com o que.*

6 Com seus rebanhos e rebanhos, eles irão
para procurar o Senhor,
mas não o encontrarão;
ele se retirou deles.
7 Eles trataram sem fé com o SENHOR ;
porque eles tiveram filhos alienígenas.
Agora, a lua nova deve devorá-los com seus campos.

Oséias descreve o povo de Deus como alienado, alienado, incapaz de alcançar esse conhecimento de Deus, que é fundamental para a comunhão da fé da aliança. Pelo menos cinco áreas são citadas como tendo impedido a qualidade de comunhão com o Senhor para o qual os fiéis procuram.

Infidelidade (v. 3). Israel jogou a prostituta, manifestando a infidelidade que é comum à desintegração dos laços conjugais. Existem pelo menos duas características desta infidelidade. Primeiro, é uma infidelidade que é claramente conhecida. Pela construção gramatical utilizado o escritor sugere: "Eu, da minha parte, *eu* conheço a Efraim." O homem não pode esconder sua infidelidade, por *Israel não se me esconde.* Quem é o falante? O profeta? O Senhor? O contexto mais amplo do v. 4sugere que o profeta é o falante, e Wolff caracteriza isso como o discurso do mensageiro. É ilustrativo das passagens em que o profeta como extensão da personalidade divina é tão intimamente identificado com Deus que o falante se move da primeira pessoa (v. 3) para a terceira pessoa (v. 4) sem aviso aparente. Weiser sugere: "Com a palavra" eu conheço você ", Deus coloca as pessoas diante de seu tribunal" (ATD , p. 52).

Em segundo lugar, por causa da infidelidade de Israel, ela é contaminada, já não é aceitável à vista de um Deus santo. Como uma esposa que deixou seu marido está contaminada, o mesmo é Israel. O Antigo Testamento pressupõe que qualquer atividade sexual irregular é uma impureza (que tem como anverso a santidade da virgem e da esposa), seja o adultério (Números 5: 11ss , Ez. 18: 6) ou o relacionamento pré-marital, como no caso de Dina (cf. Gênesis 34: 2 , 5), ou outros casos (cf. Eze. 18:11 ; 33:26).

Um espírito sem fé (v. 4). Retorno, de acordo com Oséias, agora não é mais uma possibilidade humana. Primeiro, seus atos não permitem que eles retornem ao seu deus, assim como as atividades geralmente impedem as pessoas contemporâneas de se voltarem para o Senhor. Os atos ou ações de um homem se tornam o poder obsessivo e compulsivo de sua vida. Eles o impedem de fazer essa qualidade de avaliação reflexiva que levará ao retorno e à renovação. O pecado rouba o homem de sua faculdade para Deus e a força da vontade de obedecer a Deus. Por causa de seus próprios feitos, o povo de Deus construiu uma parede entre eles e o Senhor.

Em segundo lugar, um espírito de prostituição (cf. 2:12), já que o poder de controle energético da vida os possui. Dentro deles, não se refere ao núcleo dos homens individuais, mas ao centro do povo, como em Gênesis 24: 3 ; Números 5:27 ; 1 Samuel 16:13 . No centro da vida corporativa de Israel, existe um espírito sem fé. Como ela poderia retornar?

Em terceiro lugar, não há mais conhecimento de Deus, sem o qual é impossível alcançar a comunhão com ele ou a conduta consistente com as exigências da vida da aliança (cf. 4: 1). O amor com o sujeito humano é reservado por Oséias para o amor de Israel dentro do culto de Baal (4:18 ; 9: 1 ; 8: 9 ; 2: 7 , 9 , 12 , 14 f., 3: 1). Mas "saber" é característico em Oséias de todas as relações com Javé, que deve assegurar a resposta correta (ver 4: 1 , 6 ; 6: 6 ; Wolff, BK , p. 126).

Orgulho (v. 5). Com uma perspicácia acentuada, o profeta conclui que o orgulho de Israel repousa no coração do seu debacle. Como testemunha da acusação, o orgulho de Israel se levantará e testemunhará contra ele no tribunal de Deus. Por causa desse orgulho, que muitas vezes se orgulha do que de outra forma é bom, Israel depende cada vez menos de Deus e mais e mais sobre si mesmo. Por conseguinte, eles tropeçarão, ou seja, experimentam desastres e julgamentos (ver 4: 5).

Adoração superficial (v. 6). Medido externamente, a religião no século xv. Israel teve grande sucesso, já que os homens julgam o sucesso. As pessoas aparentemente aglomeravam os lugares de adoração e ofereciam sacrifícios multiplicados (cf. Amós 4: 4 f.). O som da música encheu os santuários, e os homens observaram meticulosamente os dias sagrados (Amós 5: 21ss). A multiplicidade de seus sacrifícios é representada figurativamente, mas graficamente, pela hipérbole de Oséias de homens que foram com seus rebanhos e rebanhos para buscar o Senhor. Procurar é uma palavra técnica que significa ir até o centro do culto.

No entanto, eles não o encontrarão; ele se retirou deles. A culpa por não ter estabelecido aquela comunhão para a qual Israel procurou reside na maneira em que eles buscaram o Senhor - às vezes com motivos impróprios, em outras ocasiões com um compromisso superficial, e muitas vezes com essa conduta pessoal que contradiz a realidade da fé. Eles buscaram Deus. Mas pode-se buscar Deus e não encontrá-lo. Deus se retira dos homens, tanto antigos como modernos, cujas ações fraturam o relacionamento da aliança. Como Weiser disse: "Para Oséias, o caminho para Deus é inteiramente uma rendição interior a ele e fidelidade genuína; e isso não pode ser substituído pela técnica de um culto ricamente equipado "(ATD , página 52).

Faithlessness (v. 7). A ação de Israel em relação a Deus é uma traição, uma traição dos vínculos da aliança tão parecidos com a aliança matrimonial. Ela é culpada não apenas de ingratidão, mas de traição. Os filhos alienígenas de seus compromissos culturais e religiosos ficaram como principais evidências de sua infidelidade. A lua nova pode ter referência aos dias sagrados que foram corrompidos com o culto de Baal. Ou pode significar que em breve o fim virá. *Campos*significa não tanto o campo de um indivíduo quanto a parcela ou território que cai para um. Por isso, os campos devem ser entendidos como aquele território dividido ou dividido em Israel.

A disciplina de Deus vem não só nos tumultos cataclísmicos da história e nas terríveis crises da existência pessoal, mas na silenciosa e assombrosa retirada de Deus. Através dessa retirada, talvez a igreja possa ser levada a valorizar novamente o que muitas vezes deixou de valorar, a realidade da presença dinâmica de Deus.

4. Retorno no contexto da desintegração nacional (5: 8-7: 16)

A incapacidade de Israel para responder ao Senhor por causa de seus atos e do espírito de infidelidade dentro dela (cf. 5: 4) explica a inclusão nesta junção de uma série de oráculos proféticos unidos pelo motivo comum de desintegração nacional e crise. A resposta de Israel será à luz da ação de Deus de fora. Ela não respondeu e a conversão não é mais possível do lado humano, mas deve vir da iniciativa de Deus. Talvez as crises da história se tornem o fulcro pelo qual a nação pode ser transferida para o arrependimento, a conversão e a renovação da vida da aliança.

(1) A Crise da Guerra Civil (5: 8-14)

8 Sopra o chifre em Gibeá,
a trombeta em Ramah.
Soar o alarme em Bethaven;
tremente, ó Benjamin!
9 Efraim se tornará uma desolação
no dia da punição;
entre as tribos de Israel
Eu declaro o que é certo.
10 Os príncipes de Judá tornaram-se
como aqueles que removem o marco;
sobre eles vou derramar
Minha ira como água.
11 Efraim é oprimido, esmagado em juízo,
porque estava determinado a seguir a vaidade.
12 Portanto, eu sou como uma traça para Efraim,
e como podridão seco para a casa de Judá.
13 Quando Efraim viu sua doença,
e Judá sua ferida,
Então Efraim foi para a Assíria,
e enviado ao grande rei.
Mas ele não é capaz de curá-lo
ou cure sua ferida.
14 Porque serei como um leão para Efraim,
e como um jovem leão para a casa de Judá.
Eu, mesmo eu, rasgarei e vou embora,
Vou levar, e ninguém deve resgatar.

A guerra civil é sempre angustiante, mas essa angústia é agravada quando as questões são desenhadas ao longo de linhas religiosas ou o conflito envolve entidades religiosas como os reinos de Israel e Judá. Albrecht Alt sugeriu que Oséias 5: 8-6: 6 é composta por cinco oráculos originalmente independentes que lidam com várias fases da crise internacional de 735-732 AC. Essas unidades são 5: 8-9; 5:10; 5:11; 5: 12-14 ; 5: 15-6:

6 . Embora haja desentendimento quanto à divisão minuciosa do material de Alt, há pouca questão, mas que ele está correto na identificação de 735 AC e seguindo como o contexto histórico para a passagem maior.

A guerra entre irmãos (v. 8-12), Judá e Israel são condenados por ações tomadas durante a guerra sírio-efraimítica; Israel por ter se mudado para atacar Judá (v. 8-9) e Judá pela retaliação excessiva contra Israel (v. 10).

Em resposta à ameaça de Tiglath-pileser III, Israel se juntou a Damasco (Síria) em uma coalizão contra a Assíria. Para forçar Judá a unir-se à coalizão, Israel e Damasco colocaram Jerusalém sob seige (2 Reis 15:37 ; 16: 5 ; 7: 1-9). É válido supor que, ao fazer isso, os postos fronteiriços entre Judá e Israel, entre os quais estavam Gibeá e Ramah, foram levados por Israel. No oráculo à mão, Oséias assume que Judá irá retaliar e se mover para o norte, levando em sucessão Gibeá, Rama e Beth-aven, isto é, Betel (ver v. 8). Este movimento para o norte é sugerido pela localização geográfica das cidades avançadas - Gibeah sendo aproximadamente 3 milhas, Ramah 5 e Bethel 11 de Jerusalém. Assim, o aviso, soprar o chifre, soando o alarme, nas três cidades sugere a ação de retaliação de Judá após 735 AC. Oséias está certo de que tal fratricídio irá se desencadear na desolação e punição de Israel: declaro o que é certo.

De acordo com Alt, 5:10 (o segundo dos cinco oráculos isolados por Alt) diz respeito à condenação de Judá por ter tomado suas retalações além dos limites de recuperar as cidades avançadas. Judah tornou-se como aqueles que removem o marco. Em Israel, as marcas de fronteira eram sagradas porque marcaram a atribuição da terra como dom de Deus (Deuteronômio 19:14). A remoção do marco foi proibida (Deuteronômio 27:17) e foi objeto de reprovação na literatura da sabedoria do Antigo Testamento, como Provérbios 22:28 ; 23:10 ; Jó 24: 2. Como Mays sugere, "a aventura militar de Judá é reduzida às dimensões do ato culpado de um irmão da aliança contra outro e colocada sob a cura. O Senhor derramará sua ira sobre eles" (pág. 90).

A coalizão que se formou contra a Assíria, e em que Israel procurou forçar Judá, é caracterizada como vaidade, nada. Porque Israel participou de tal insensatez, ele é oprimido, esmagado em julgamento. A referência reflete, com toda probabilidade, a ocasião em que, em 733 AC , a Assíria reduziu Israel a um estado de quase total insignificância e anexou a Galiléia e Gileade, deixando apenas a região montanhosa de Efraim.

Não só Efraim, mas também Judá, fica embaixo do juízo de Deus. Seu poder destrutivo caracteriza-se como a podridão e a podridão seca, que causam tanto destruição com uma ação silenciosa e invisível, mas com certeza inevitável. Há no trabalho na história a progressão silenciosa, mas certa, de julgamento moral a nível nacional e internacional, um fator com o qual qualquer intérprete de qualquer. o tempo deve ser considerado serio. No entanto, é extremamente provável que a figura do discurso de Oséias fosse muito mais comunicativa e repulsiva do que a "mariposa" e a "podridão seca". A palavra para a traça significa o que provoca um desperdício, enquanto a palavra para podridão seca significa podridão ou decaimento , embora seja sempre usado em um sentido figurado, aparentemente dos estragos de vermes (Jó 13:28 ; Provérbios 12: 4; 14:30). O NEB traduz a frase: "Mas eu sou uma ferida furiosa para Efraim, um cântaro para a casa de Judá". O Senhor, o Juiz Soberano da História (v. 13-14). Ephraim foi para a Assíria pode muito bem se referir ao tributo pago por Menahem

em 738 AC (2 Reis 15:19 f.) Ou a submissão de Hoshea *ca.* 732. O ponto é claro em qualquer evento. Israel procurou através da aliança internacional para aliviar a desintegração nacional. O paralelismo sugere que Judá enviou ao grande rei. Esta afirmação é extremamente adequada ao apelo de Acaz a Tiglath-pileser (2 Reis 16: 7ss), apesar do conselho de Isaías (Isaías 7: 3ss).

O foco do argumento do profeta está claramente refletido na afirmação de que eu serei como um leão para Efraim. Atrás dos senhores das nações fica o Senhor da história. Todos os esforços para evitar a responsabilidade e o julgamento nacionais são inúteis. O Senhor está como um leão pronto para atacar a (s) nação (s) de sua própria criação. Atrás do enredo e do contrapunto da política internacional, está a figura muitas vezes não vista do Senhor da história, assegurando pela forma fraca, mas autêntica de sua presença, que a história revelará a realização dos propósitos para os quais o homem foi criado - mesmo que isso signifique em o processo de destruição daqueles chamados pelo próprio nome do Senhor.

(2) A lamentação do arrependimento e a resposta do Senhor (5: 15-6: 6)

15 Voltarei novamente para o meu lugar,
até que reconheçam sua culpa e busquem meu rosto,
e em sua angústia eles me procuram, dizendo:
1 "Venha, voltemos ao SENHOR ;
porque ele tem tom, para que ele possa nos curar;
Ele sofreu, e ele vai nos ligar.
2 Depois de dois dias ele nos reviverá;
No terceiro dia, ele nos levantará,
para que possamos viver antes dele.
3 Deixe-nos saber, vamos pressionar para conhecer o SENHOR ;
Sua saída é certa como o amanhecer;
Ele virá até nós como os chuveiros,
como as chuvas de primavera que regam a terra ".
4 O que devo fazer com você, ó Efraim?
O que devo fazer com você, ó Judá?
Seu amor é como uma nuvem da manhã,
como o orvalho que vai cedo.
5 Por isso, eu os tenho marcado pelos profetas,
Eu os matei pelas palavras da minha boca,
e meu julgamento é como a luz
6 Porque eu desejo amor firme e não sacrifício,
o conhecimento de Deus, e não as ofertas queimadas.

Diante da angústia e da calamidade da guerra civil, Israel responde em arrependimento. Esta unidade maior é composta por três segmentos: uma declaração

sobre o retorno de Deus "para o meu lugar" (5:15); uma liturgia de arrependimento (6: 1-3); e a resposta do Senhor ao conselho de Israel (6: 4-6).

O Silêncio de Deus (5:15). Continuando a terminologia animal de 5:14 , Oséias sugere que o Senhor, como um leão, retornará ao seu lugar - até que Israel o procure com arrependimento obediente. "A noção de" deus ausente ", diz Mays, é uma característica dos lamentos de Israel que falam do Deus que não está" conosco ", não ouve, responde, ajuda, poupa" (Mays, pág. 92). Tal atitude é a antítese da fé da aliança, parte integrante da qual foi a tese que o Senhor estava com seu povo. O nome pessoal de Deus usado na aliança (Yahweh), por exemplo, conhece a presença dinâmica de Deus com seu povo: "Eu estarei com você".

Todo homem conheceu esse silêncio. No entanto, o silêncio de Deus é temperado pela percepção de que sua retirada e silêncio são condicionais. Com o temível silêncio de Deus e a terrível retirada de sua presença, o homem ainda pode voltar a reconhecer a profunda necessidade de sua vida e o vácuo deixado pela perda da voz e da presença de Deus.

Uma Liturgia de arrependimento (6: 1-3). Esta unidade combina uma lamentação da aflição (v. 1) com uma canção de confiança (vv. 2-3) e faz delas um conjunto unificado reunido em torno do motivo do arrependimento. É amplamente sugerido que esses versículos tenham uma estreita afinidade com o uso litúrgico, especialmente com as lamentações comunais no Saltério (Salmos 12 ; 44 ; 60 ; 74 ; 80 ; 90), bem como orações de expiação na literatura profética (ver Jer 14: 1-10 ; 14: 19-15: 4 ; Isa. 63: 15-64: 11 , Ward, pp. 118ff.).

O imperativo Venha seguido da cohortação, deixe-nos voltar, sugere a nota de urgência, o humor imperioso ainda simpatizante do apelo. Tal apelo é fundamentado na natureza e no caráter de Deus. A tradução do RSV para que ele possa nos curar pode facilmente ser mal interpretado se alguém lê "isso" como uma forma causal. O Senhor não se despedaçou para que ele pudesse curar. Em vez disso, pode-se ler isso com a tradução mais precisa do NEB: "porque ele nos tomou e nos curará, ele nos atingiu e ele irá atacar nossas feridas" (v. La). No entanto, isso é mais do que uma declaração sobre a certeza da renovação. É uma declaração fundamental sobre a natureza de Deus, que rejeita fortemente a afirmação de Deuteronômio. "Veja agora que eu, eu mesmo, sou ele, e não há nenhum deus ao meu lado; Eu mato e eu vivo; Eu feri e eu curei;Deut. 32:39). A liturgia em questão está preocupada, não só para prometer a restauração, mas para afirmar a singularidade do Senhor - quem é capaz de entregar sozinho, pois ele só existe como Deus.

Depois de dois dias, ele nos revive; no terceiro dia . "sugere uma variedade de interpretações. Oséias pode significar não mais do que isso em alguns dias, ou seja, pouco tempo, o Senhor vai entregar o seu povo. Mas o uso consistente do motivo do terceiro dia em outros lugares do Antigo Testamento, para dizer nada de fontes extra-bíblicas, sugere que mais está envolvido do que isso.

Em segundo lugar, alguns sugerem que o terceiro dia é uma expressão usada em comum com as religiões extra-bíblicas. Por exemplo, a ressurreição de deuses como Adonis, Osiris, Tammuz e Inanna ocorrem no terceiro dia (ver Wolff, BK , p.150). Esta passagem não fala da ressurreição do deus, no entanto, e o profeta não se baseia nas

narrativas detalhadas sobre o deus moribundo. O motivo principal das contas extra-bíblicas está presente, no entanto, em pelo menos duas formas: (1) o motivo do terceiro dia e (2) a vida no terceiro dia.

Terceiro, James Ward resumiu bem uma outra visão que tem muito para recomendar, e que é adotada neste estudo de vv. 1-3 . Ward observa que o tempo padrão permitido para os israelitas se reunirem no santuário central da confederação foi de três dias (2 Sam. 20: 4 ; Ezra 10: 8-9 ; Jos. 9: 16-17 ; Ex. 3 : 18 ; 5: 3 ; 8:27). "A expectativa (6: 1) que a cura ocorrerá no terceiro dia implica que a ocasião é um festival de peregrinação no santuário central. . . os pilgramas para a liturgia anual da renovação da aliança conheciam os três dias como o prelúdio do evento para o qual viajam, ou seja, a vinda de Deus a seu povo para renovar seu poder e sua saúde "(Ward, pp. 118f.) . Tal interpretação tem muito a recomendar: satisfaz as questões levantadas pelo próprio texto, e faz isso apelando para práticas normativas israelitas.

A certeza de tal cura leva à renovada determinação de conhecer o Senhor (v. 3a). A confiança do adorador se reflete na afirmação de que a renovação do Senhor de seu povo é tão certa quanto os ciclos recorrentes e revitatórios da natureza: a chegada do alvorecer e os chuveiros frutificantes que regem a terra.

Resposta do Senhor (6: 4-6). Apesar do compromisso com o arrependimento sugerido em vv. 1-3 , todo o vv. 4-7 implica que o retorno de Israel foi desprovido dessa constância e compromisso consistente que caracterizam a vida da aliança. Ao comentar sobre isso, Hans Wolff títulos 6: 1-7 "Oração rejeitada". "Nós consideramos," pergunta Wolff, "que há uma oração que Deus rejeita?" Ao responder a sua própria pergunta ele sugere que as palavras anteriores de nosso capítulo (vv. 1-3) é uma oração rejeitada. O profeta proclamou anteriormente que Deus se afastará de seu povo até que eles reconheçam sua culpa e busquem sua presença (5:15). Mas as pessoas ainda não compreenderam a palavra profética em 5:15 (Wolff, AP, pp. 137). Não se manifesta nada nessa liturgia de arrependimento (v. 1-3) desse arrependimento dispendioso que exige confissão de culpa e repúdio de maneiras infiéis.

Em resposta à vasculação rebelde de Israel e à falta de confiança, o profeta "só pode dizer que o seu Deus lhe toca as mãos" (Wolff): O que devo fazer com você, ó Efraim.

A fonte da angústia de Deus não é difícil de isolar. O amor de Israel (2:19) é tão evanescente quanto uma nuvem da manhã ou o orvalho que se dissipa tão rapidamente com o primeiro calor do sol. É por essa falta de confiança que o Senhor enviou as palavras (v. 5) através dos seus profetas e atos de julgamento que se enquadram na natureza envolvente da luz. Pois Deus não está tão preocupado com a estrutura do culto como ele é com a sua realidade, não tão identificado com as formas como com o conteúdo da devoção. Quando os dois estão em contraste, Deus deseja o amor firme e não o sacrifício, o conhecimento de Deus e não as ofertas queimadas. A validade permanente desta visão foi confirmada por Cristo em pelo menos duas ocasiões (Mt 9:13 ;12: 7).

A palavra profética fala com poder e significado contínuos em sua insistência de que a realidade da experiência religiosa é centrada na vida, não presa e vinculada a formas estáticas. Esta palavra também é um aviso constante para que o homem ignore a

demanda de confissão e reprima a necessidade da penitência e da restituição como acompanhamento do perdão genuíno.

(3) Barreiras para arrependimento e renovação (6: 7-7: 16)

Tomando o tema de que Israel respondeu tanto à abertura do Senhor (5:15) como para tornar a renovação impossível (6: 4 f .), Apesar de sua confissão de arrependimento (6: 1-3), o discípulo profético agora coleciona em torno deste tema pelo menos quatro evidências da conduta que impede a renovação (6: 7-7: 16). Embora muitos comentadores vejam em 6: 7-7: 16 uma miscelânea de oráculos sem um único tema unificador, o contexto maior sugere que cada um desses oráculos individuais tenha sido trazido dentro do todo, com a finalidade de ilustrar a afirmação de que o "amor" de Israel é como uma nuvem da manhã "(6: 4). Em rápida sucessão, o escritor isola a história da quebra da aliança (6: 7-7: 2); a ruptura da realeza (7: 3-7); a estupidez da política externa de Israel (7: 8-12); e a traição religiosa de pessoas sem fé (7: 13-16) - .

uma. Breaking Pacto (6: 7-7: 2)

7 Mas, em Adão, transgrediram a aliança;
Ali, eles me trataram sem fé.
8 Gileade é uma cidade de malfeitores,
rastreados com sangue.
9 Como ladrões aguardam um homem,
então os sacerdotes estão juntos;
eles assassinam no caminho para Shechem,
sim, eles cometem vilania.
10 Na casa de Israel, vi uma coisa horrível;
A prostituição de Efraim está lá, Israel está contaminado.
11 Por ti também, ó Judá, uma colheita é nomeada.
Quando eu restauraria a fortuna do meu povo,
1 quando eu curaria Israel,
a corrupção de Efraim é revelada,
e as ações perversas de Samaria;
pois eles lidam falsamente,
o ladrão invade,
e os bandidos atacam sem.
2 Mas eles não consideram
que eu me lembro de todas as suas obras malignas.
Agora, suas ações os englobam,
eles estão diante do meu rosto.

A história da ruptura da aliança (6: 7-11a) impede a restauração do povo do Senhor (6: 11b-7: 2). O tema da impossibilidade de restaurar a fortuna do povo do Senhor reflete a ansiedade anterior do Senhor (6: 4ss).

Primeiro, Oséias aula o local da ruptura da aliança, desde o início até o presente (vv. 7-10). Quatro sites são citados como indicativos da fidelidade evasão de Israel: Adam, Gilead, Shechem e a casa de Israel (Bethel). Os comentaristas geralmente concordam que é impossível recuperar a alusão específica que está relacionada a cada uma das cidades. O intérprete pode ter que se contentar com o reconhecimento de que cada um estava exclusivamente relacionado à transgressão da aliança (v. 7).

Adão também pode ser traduzido como "Adão", mas o advérbio lá valida a tradução de RSV *de'adam* como um nome de local. A referência é mais provável para a cidade de Adão, que é mencionada em Josué 3:16 como o lugar onde as águas do Jordão foram cortadas enquanto os israelitas cruzavam o córrego mais para baixo em Jericó (uma distinção que muitas vezes não é observada) . Ao se referir a este site antigo, o profeta sugere que, desde os primeiros tempos, Israel rompeu a aliança com o Senhor - sua infidelidade não é nada novo. A infidelidade de Israel é um fato inescapável da história.

Gileade é mais comummente usado da tribo ou território a leste do Jordão, embora neste caso o profeta tenha encurtado um nome como Jabesh-Gilead ou Ramoth-Gilead; como Shittim é reduzido de Abel-Shittim em Miquéias 6: 5 . Um evento que pode ajudar a entender a referência de Oséias é o fato de que 50 homens de Gilead se juntaram a Peká no assassinato de Pekahiah (2 Reis 15:25 , ver Mays, p.110). Assim, Gileade pode ter sido usado por Oséias para sugerir que a intriga política e a revolta caracterizaram Israel.

Shechem era um lugar sagrado desde os tempos mais antigos (cf. Jos. 24: 1s.), E v. 9 pode refletir a hostilidade e a violência que se manifestaram na defesa dos centros oficiais de culto. **Como os** ladrões aguardam muitos, então os sacerdotes estão juntos. Então, como em tempos mais recentes, a fidelidade religiosa levou os homens a adotar práticas antitéticas ao seu compromisso.

A casa (*beyeth*) de Israel pode muito bem se referir a Bethel (*Beyth'el*). Como um santuário real (cf. Amós 7: 10) . Betel foi o foco da prostituição de Efraim. Uma das duas bezerros de ouro também estava localizada em Betel (1 Reis 12:29), um fato que era um irritante contínuo para os profetas.

A história de infidelidade de Israel é inclusiva: pacto quebra em Adão, intriga política e assassinato em Gileade, perseguição religiosa em Siquém e prostituição de Betel. O ponto do profeta é claro. Com tal história de quebra da aliança, que continua até o momento presente: "O que devo fazer com você, ó Efraim?" (6: 4).

Em segundo lugar, tendo isolado o local (que é inclusivo: dois locais a leste da Jordânia e dois a oeste), o profeta sugere que tal ação efetivamente frustra a graça e o perdão de Deus (6: 11b-7: 2). Assim que Deus se move para restaurar o seu povo, a infidelidade e a corrupção são novamente reveladas. Deus lembra atos de roubo, negociação falsa e roubo (v. 1). Embora os homens não parem de considerar que Deus se lembra (v. 2a), suas ações os englobam e se levantam diante do rosto de Deus.

b. Poder Política (7: 3-7)

3 Por sua iniqüidade, eles agradam o rei,
e os príncipes por sua traição.
4 Eles são todos adúlteros;
Eles são como um forno aquecido,
cujo padeiro deixa de mexer o fogo,
do amasso da massa até que seja fermentado.
5 No dia do nosso rei, os príncipes
ficou doente com o calor do vinho;
Ele esticou a mão com escarnecedores.
6 Pois, como um forno, seus corações vagam com intriga;
a noite toda sua raiva fala;
Na parte da manhã, ele brilha como um fogo flamejante.
7 Todos eles são quentes como um forno,
e eles devoram seus governantes.
Todos os seus reis caíram;
e nenhum deles me chama.

Zacarias, Shallum, Pekahiah e Pekah foram assassinados nos dias agitados de meados do século VIII. O contexto específico do oráculo é provavelmente o do assassinato de Pekah antes da entronização de Hoséia (ver 2 Reis 15:30). Tanta intriga e violência como isso é indicativo da falta de amor de Israel - devoção à aliança.

Integral à interpretação do vv. 3-7 é a identidade do sujeito plural no v. 3 , como em Por sua iniqüidade, eles agradam o rei. Ao longo da narrativa, os conspiradores são sujeitos às ações descritas. A inauguração, por exemplo, é descrita como um tempo de devastação (maldade) combinada com traição quando os conspiradores alegam o coração do rei por suas indulgências festivas e talvez excessivas.

O enredo dos conspiradores é descrito graficamente pela analogia de um forno, de forma oval e com abertura. Um fogo ardente foi construído no forno e permitido morrer para baixo; Após o qual o pão foi cozido no forno. Os conspiradores, caracterizados como adúlteros por causa de sua infidelidade, aguardam o tempo adequado antes de atacarem (v. 4) - apenas quando o fogo que é deixado sem vigilância enquanto a massa aumenta durante a noite é agitado de carvão fumegante para chamas flamejantes na manhã seguinte (v 6).

A referência ao papel da embriaguez na trama é ilustrada pelo assassinato de Elah de Zimri enquanto o tribunal estava bêbado (1 Reis 16: 8-14). Apesar do fato de que todos os seus reis caíram. . . Nenhum deles me chama. Mais uma vez, Oséias ilustra o fato de que, embora o Senhor deseje o retorno de seu povo, suas ações não permitirão que eles retornem (5: 4). Na verdade, "O que devo fazer com você, ó Efraim" (6: 4).

c. A estupidez das alianças estrangeiras de Israel (7: 8-12)

8 Efraim se mistura com os povos;
Ephraim é um bolo não virado.
9 Aliens devoram sua força,
e ele não sabe disso;
cabelos grisalhos são espalhados sobre ele,
e ele não sabe disso.
10 O orgulho de Israel testemunha contra ele;
ainda não retornam ao SENHOR seu Deus,
nem o busque, por tudo isso.
11 Ephraim é como uma pomba,
bobo e sem sentido
Chamando ao Egito, indo para a Assíria.
12 À medida que vão, eu espalharei sobre eles a minha rede;
Eu os derrubarei como pássaros do ar;
Os castigarei por suas ações perversas.

Em duas analogias separadas, Oséias compara Israel com um bolo meio cozido (v. 8-10) e um pássaro tolo, bobo e sem sentido (v. 11-12). A denúncia de Oseas sobre a confiança de Israel em relação à política internacional é o pano de fundo do oráculo da sociedade comprometida e a figura da pomba tola.

Compromisso teve três efeitos para Israel. Primeiro, levou ao sincretismo com as culturas de outras nações (v. 8). Israel tornou-se como um bolo meio cozido, cozido de um lado, mas cru no outro. Em segundo lugar, o compromisso diminuiu a força de Israel. Como um homem que é sempre o último a estar ciente de sua força dissipada, então os alienígenas devoraram a força de Israel e ele não sabe disso. Os cabelos grisalhos, o sinal do avanço da idade e a diminuição da força, estão sobre Efraim. Em terceiro lugar, o compromisso separou Israel de Deus e, especialmente, o seu orgulho foi feito (v. 10). O orgulho impede o arrependimento (retorno ao Senhor) e milita contra a busca do Senhor. Embora sua perda de força os tenha conduzido ao Senhor, tudo isso não precipitou o retorno.

d. A Traição do Povo de Deus (7: 13-16)

13 Ai deles, porque eles se desviaram de mim!
Destrui-los, porque se rebelaram contra mim!
Eu os redimiria,
mas eles falam mentiras contra mim.
14 Não me choram do coração,
mas eles lamentam as camas;
Para o grão e o vinho, eles cortam,
Eles se rebelam contra mim.
15 Embora eu tenha treinado e fortalecido os braços,

Contudo, eles inventam o mal contra mim.
16 Eles se voltam para Baal;
eles são como um arco traiçoeiro,
seus príncipes cairão à espada
por causa da insolência de sua língua.
Esta será a sua escárnio na terra do Egito.

Pelo menos três ações precipitaram o protesto denunciante de Oséias: Israel se desviou do Senhor, se rebelou contra sua autoridade constituída e falou mentiras contra ele. Em uma passagem próxima ao motivo do Êxodo, o Senhor sugere que ele os teria redimido (uma palavra popular na terminologia da redenção pelo êxodo do Egito) se eles não agissem como eles tinham. A construção da frase é impressionante: "E *eu, eu* os redimiria, mas eles, eles falaram ..." (v. 13). O contraste entre a intenção do Senhor e a ação de Israel é deliberadamente apontado. Confrontados com o fracasso das culturas, ou a captura de produtos alimentares pelo exército assírio invasor, as pessoas desviam a oração. Eles não choram. . . do coração, ou seja, sinceramente; Mas, em cima de suas camas, lamentam, pois o grão e o vinho se destroem. Gashing a si mesmo era um aspecto da adoração de Baal (ver 1 Reis 18:28) e foi especificamente proibido em Israel (Deuteronômio 14: 1 , Levítico 19:28). Dentro da teologia cananéia, a condição seca da terra e outras desgraças foram aparentemente atribuídas à desatenção ou morte de Baal (ver a controvérsia de Yahweh-Baal no Monte Carmelo, 1 Reis 18: 26ss.). O ponto de Oseias é claro. As pessoas procuraram utilizar práticas e teologia religiosas cananitas em um esforço para garantir o favor do Senhor.

Eles lamentam-se e não atacam a Baal, mas a Yahweh. Nisto se rebelam contra mim. Rebelar (*sur* , v. 14) não é a mesma que a palavra em v. 13 (*pasha'*) A palavra em v 14. Meios para virar de lado, especialmente a desviar-se de preceitos do Senhor (Ex. 32: 8). Ao utilizar a teologia pagã e as práticas religiosas, Israel abandonou o Senhor.

Essa ação por parte de Israel é duplamente estranha para o Senhor treinado (ver castigo em 5: 2 , a palavra é a mesma) e fortaleceu seus braços (ver 11: 1ss). Embora o Senhor se importasse com Israel, como um pai cuidaria de um filho, eles voltaram para o bem dele. Ao se voltar para Baal, Israel foi culpado de traição, como um arco que não dispara em linha reta (v. 16). Por isso, a nação se tornará ridícula entre as nações. Como Jeremias teria dito depois: "Uma nação mudou seus deuses, mesmo que não sejam deuses?" (Jeremias 2:11). Mesmo as nações do mundo reconhecem a loucura de uma troca tão estúpida. Israel será ridicularizado por aqueles que ela procurava impressionar (7:11).

5. Semeie o vento, coloque o redemoinho (8: 1-14)

O capítulo 8 é um resumo dos pecados de Israel, especialmente relacionado à quebra da aliança. Oséias estava convencido de que há casos, como no caso da aliança de Israel quebrou, em que aqueles que "semeiam o vento" colhem mais: eles "colhem o redemoinho" (8: 7). Quatro oráculos proféticos originalmente separados constituem esta passagem inteira: a aliança quebrada (8: 1-3), a rejeição dos idolos (8: 4-6), o absurdo da política externa de Israel (8: 7-10) e adoração superficial (8: 11-14).

(1) A Aliança quebrada (8: 1-3)

> [1] *Coloque a trombeta em seus lábios,*
> *pois um abutre está sobre a casa do Senhor,*
> *porque eles romperam minha aliança,*
> *e transgredi minha lei.*
> [2] *Para mim eles choram,*
> *Meu Deus, nós, Israel, conhecemos você.*
> [3] *Israel rejeitou o bem;*
> *o inimigo deve persegui-lo.*

A explosão da trombeta não foi apenas um sinal de advertência, mas um sinal do comando mais alto, como no caso de Joab (2 Sam. 2:28 , cf. 18:16 ; 20:22). No caso em questão (v. 1), a trombeta não soa apenas uma nota clara de aviso para Israel, mas faz isso com uma nota de máxima autoridade.

Aviso (v. 1b). Poucas imagens mais simbolizam graficamente a destruição iminente da nação do que a de um abutre que se elevava acima ou pousava sobre a casa de Deus. O abutre, no entanto, não deve ser confundido com o pássaro Carrion mais comumente conhecido por esse nome. O *nesher* aqui é pensado para ter sido o griffon-vulture ou a águia. O RSV muitas vezes traduz *Nesher* como “águia” (cf. Ez. 17: 3 ; 23: 5). É usado especialmente do invasor babilônico e assírio (verJeremias 4:13 ; 48:20 ; 49:22). Embora listado entre os animais imundos (Lev. 11:13 ; Deut. 14:12), somenteMiquéias 1:16 parece exigir a tradução "abutre". O ponto é claro: o ave de rapina impressionante e imundo já se instalou sobre o povo de Deus.

Acusação (v. 1c). A palavra ameaçadora que Oseas anunciou foi predita sobre uma dupla acusação: romper a aliança e se rebelar contra a lei.

A prioridade da aliança sobre o direito na religião de Israel é significativa. A demonstração da vontade do Senhor (lei, *torah*) não é o pressuposto da aliança, mas é a conseqüência da aliança (Wolff, BK , p. 177). O relacionamento da aliança é anterior à lei, como está claramente implícito na entrega das "dez palavras" (Ex. 20: 1 p.). Como Hermann Cremer observou uma vez: "O Reino de Deus é mais cedo do que as exigências de Deus sobre o seu povo; A obrigação do pacto, a lei, não é fundacional, mas flui para fora desse reino ".

A lei em Oséias é sempre mais do que a instrução individual do sacerdote (Jeremias 18:18 ; Deut. 17:11 ; 33:10) ou mesmo um código de lei. A palavra significa toda a demonstração da vontade do Senhor, que já está consertada por escrito (8:12), mas que não se limita à forma codificada. Transgresso significa rebelar-se contra a autoridade constituída (ver 1 Reis 12:19 ; 2 Reis 1: 1 ; 3: 5 , 7).

Ilustração (vv. 2-3). O versículo 2 é paralelo à quebra da aliança, enquanto v. 3 é paralelo à rebelião contra a lei. *O conhecimento* é fundamental para a vida da aliança, e a afirmação de Israel de conhecer o Senhor pressupõe uma qualidade de relacionamento específica. Embora Israel possa clamar a mim, mas eles

"quebraram *minha* aliança e transgrediram *minha* lei". Sua ação contradiz seu grito de devoção. Além disso, ela desprezou o bem, uma provável referência aos requisitos de Javé (ver Mic. 6: 8 ; Amós 5: 14).

(2) The Rejection Idol Makers (8: 4-6)

> [4] *Eles fizeram reis, mas não através de mim.*
> *Eles criaram príncipes, mas sem o meu conhecimento.*
> *Com sua prata e ouro fizeram ídolos*
> *para sua própria destruição.*
> [5] *Eu gritei seu bezerro, ó Samaria.*
> *Minha raiva queima contra eles.*
> *Quanto tempo vai levar*
> *até serem puras*
> [6] *em Israel?*
> *Um trabalhador fez isso;*
> *não é Deus.*
> *O bezerro de Samaria*
> *deve ser quebrado em pedaços.*

As duplas acusações de vv. 4-6 responda a pergunta anterior de 8: 3 , ou seja, de que forma Israel "desprezou o bem"? Primeiro, a luta de poder pelo trono usurpou as prerrogativas de Deus como delineadas dentro das formas da aliança. "Eles, por sua vez, fizeram reis" sugerem a rápida ascensão e queda de Zacarias, Shallum, Menahem, Pekahiah e Pekah na década e meia após a morte de Jeroboão (ver 2 Reis 15: 8ss). Essa luta pelo trono representava uma usurpação de prerrogativas divinas. Sem o meu conhecimento, sugere que nem o plano nem a iniciativa se originaram com o Deus de Israel (ver Isaías 30: 1). O profeta está na tradição dos homens, como Ahijah (1 Reis 11: 29ss.) ou Eliseu (2 Reis 9: 1s.), que designou reis em nome do Senhor. Oseas permanece firmemente na tradição que apoiou a seleção carismática de reis, e não os revolucionários violentos de seu tempo.

Em segundo lugar, seu pecado se refletiu nos ídolos que criaram - talvez uma referência aos bezerros dourados do Reino do Norte, embora não se limite a essas duas figuras. A ironia de sua ação é sublinhada pelo fato de que a prata e o ouro que eles usam para fazer ídolos são o dom de Deus (cf. 2: 8).

Há uma aparente jogada na palavra desprezada. Assim como Israel "desprezou o bem" (8: 3), então eu desprezei seu bezerro. Aqueles que desprezam a bondade do Senhor acharão que suas obras idólatras foram processadas.

(3) O Absurdo da Política Externa de Israel (8: 7-10)

> [7] *Porque eles semeiam o vento,*
> *e eles devem colher o redemoinho.*
> *O grão em pé não tem cabeças,*

não dará refeição;
se fosse para render,
Aliens iriam devorá-lo.
8 Israel é engolido;
já estão entre as nações
como um navio inútil.
9 Porque subiram a Assíria,
um burro selvagem vagando sozinho;
Ephraim contratou amantes.
10 Embora contratem aliados entre as nações,
Em breve os reunirei.
E eles devem cessar por um tempo
de unção de rei e príncipes.

A referência aos alienígenas serve como o pivô que dirige o restante do oráculo ao problema das alianças estrangeiras. Em uma passagem fortemente sugestiva da anterior condenação de onixias estrangeiras por Oséias (cf. 6: 11 f.), Oséias antecipa a destruição de Israel. A realidade atual da desintegração nacional é enfatizada graficamente no tempo presente do RSV. Oséias não ameaça o desastre, ele o pressupõe: Israel é engolido. Agora, eles estão entre as nações devem ser autorizados a permanecer como uma frase separada, retirada do motivo do vaso inútil: "já estão entre as nações como um navio inútil".

A loucura de tentar garantir a sobrevivência nacional através de alianças internacionais em oposição à confiança divina é apresentada graficamente em duas declarações. Primeiro, uma ação como a de Israel é como a de um burro selvagem vagando sozinho. Em segundo lugar, embora Israel possa contratar aliados, uma aparente referência ao tributo à Assíria, haverá um fim da unção dos reis (v. 10). Não só a nação perde o propósito para o qual foi criada, tornou-se em processo de um vaso inútil, ela deve experimentar a extinção nacional.

(4) Adoração superficial (8: 11-14)

11 Porque Efraim multiplicou os altares por pecar,
eles se tornaram para ele altares por pecar.
12 Se eu escrevesse para ele minhas leis por dez mil,
eles seriam considerados estranhos.
13 Eles amam o sacrifício;
eles sacrificam a carne e comem;
Mas o Senhor não se deleita com eles.
Agora ele lembrará sua iniqüidade,
e punir seus pecados;
eles devem retornar ao Egito.

[14] Porque Israel se esqueceu do seu Criador,
e palácios construídos;
e Judá multiplicou cidades fortificadas;
Mas enviarei um fogo sobre as suas cidades,
e devorará suas fortalezas.

Um tema central emerge claramente nestes versos: a natureza superficial da experiência religiosa de Israel, sua confiança superficial sobre os externos da vida - sejam altares (v. 11), adoração (v. 13) ou fortalezas (v. 14). Originalmente, v. 14pode muito bem ter ficado como uma unidade separada. Essa visão é suportada pela mudança de assunto entre vv. 11-13 (que lidam com a adoração) e v. 14 (que diz respeito às fortalezas).

Altar para Sinning (v. 11). A acusação de Oséias, obviamente, não significa que Israel pretendia que seus altares se tornassem lugares de pecar. Em vez disso, sua acusação é muito parecida com Amos, que abordou a mesma situação geral: "Venha a Betel e transgrede; a Gilgal, e multiplique a transgressão "(Amós 4: 4).

A Negação do Apocalipse *(v. 12)*. O versículo 12 pressupõe que alguma lei já foi escrita (ver referência indireta aos Dez Mandamentos, 4: 2). Como no caso dos altares, a questão não é de quantidade, mas de qualidade. A legislação nunca pode garantir a qualidade do compromisso pessoal exigido pela vida da aliança. Isso requer um coração novo e um espírito novo (ver Ezequiel 11:19) antes que o homem possa alcançar o propósito da lei. A culpa de Israel não foi na incapacidade da lei de precipitar o caráter, mas na sua recusa em responder à revelação de Deus.

Adoração superficial (v. 13). Embora Israel possa amar o sacrifício, o Senhor não se deleita com eles. Comer a carne sacrificial provavelmente se refere aos sacrifícios que foram compartilhados como uma refeição comum entre os participantes. O ponto é claro. Israel adorou os encontros festivos nos santuários e a rodada completa da atividade cultual. Mas ela ainda não havia visto sob a superfície esse significado profundo e interior, que é pré-requisito para a validação da adoração. Enquanto os israelitas fugiram para o Egito para escapar das invasões sucessivas da Assíria, o retorno de referência ao Egito é melhor entendido como uma maneira literária de descrever o inevitável retorno de Israel à condição que conheceu no início. Aqueles que o Senhor levanta podem esperar não mais do que um retorno aos seus primórdios quando eles o abandonam.

A loucura das fortalezas (v. 14). A ênfase está em consonância com a teologia de Isaías, que aconselhou Judá mais tarde no mesmo século a lembrar: "Ao retornar e descansar você será salvo; em silêncio e em confiança, será a sua força "(Isaías 30:15). A dependência de Israel de sua própria preparação militar assegura a destruição. Ela falhou em confiar no Senhor (ver Isa. 7: 10).

6. Então, o que você fará? (9: 1-6)

Oseas pressupõe que Israel perca toda a sua ação em meio a circunstâncias contrárias e contrárias. Ele imaginou que o tempo em que a adoração nos lugares altos, há muito corrompidos pela infiltração das práticas cananitas, chegaria ao fim. O grito penetrante do profeta poderia muito bem tornar-se o lamento de todas as gerações. O que

acontecerá naquele dia em que a alegria não é mais (vv. 1-4) e a oportunidade de adoração passou irrevogavelmente (vv. 5-6)?

A totalidade de 9: 1-6 (Wolff sugere que 9: 1-9 é uma unidade) é um claro discurso de disputa ("palavra") em que o profeta, Deus ou Yahweh é mencionado apenas na terceira pessoa. Temáticamente, as palavras de vv. 1-6 ficam visivelmente próximos uns dos outros. A festa da colheita (cf. 9: 1 f.) É a festa do Senhor que predomina em todo o argumento, e sobre a qual há a disputa viva (ver Wolff, BK , p. 194).

(1) A morte da alegria (9: 1-3)

1 Não se alegra, ó Israel!
Exultar não como os povos;
pois você jogou a prostituta, abandonando seu Deus.
Você adora a contratação de uma prostituta
em cima de todos os andares.
2 A eira e o vinho não devem alimentá-los,
e o vinho novo deve falhá-los.
3 Não permanecerão na terra do SENHOR ;
Mas Efraim retornará ao Egito,
e comerão comida imunda na Assíria.

Para o antigo israelita, a adoração de Deus era uma experiência de alegria plena. Os dias anuais de festival, sem dúvida, participaram dos aspectos mais positivos e alegres dos feriados nacionais. Canção e dança ao acompanhamento de instrumentos musicais combinados com a realidade interna da presença de Deus para fazer do culto de Israel, e o festival da colheita, como neste caso, uma experiência alegre. Contra um fundo como este, as palavras solenes de Oséias se mantêm firmes e arrojadas: não se alegra, ó Israel. Para Oséias, não era hora de se alegrar. O julgamento era iminente. O invasor estava próximo. Seu poder destrutivo já era obviamente aparente. Sem vida e frio, a alegria agora morreu - a lembrança solene de uma vida que já havia sido, mas agora não poderia ser mais.

Proibida de se alegrar (v. 1). A proibição da alegria reflete tanto a escuridão que descansou sobre Israel quanto a integração das práticas cananitas no culto israelita. Exult contrasta com as palavras mais comuns para o louvor e está associado a festivais de colheita e ao culto cananês. Assim, Oséias se preocupa tanto com a infiltração das práticas cultuais não-israelitas quanto com os tempos solenes pelos quais Israel passou. Exultante pode muito bem ter sido um ato cultual relacionado exclusivamente com formas de culto não israelitas. Como Harvey sugere:

Regozijar-se com os atos poderosos de Deus e declarar mis em voz alta para os confins da terra é um louvor e serviço aceitável para Deus. . . Mas a "alegria" como mágica, seja em termos de técnicas específicas de rituais de fertilidade cananitas, seja em termos de uso dos legítimos atos significativos de adoração israelita para forçar a ação de Deus ou forçar seu favor é condenada.

O fracasso da colheita (v. 2). O contexto sugere que o festival da colheita era o contexto específico do discurso argumentativo do profeta. A festa outonal de colheita foi um festival de colheita, e em um desses dias de festa, Oséias ficou diante de Israel para lançar sua acusação (s). O fracasso da colheita é semelhante à ameaça anterior em que o Senhor advertiu Israel que "levaria de volta" seu grão, vinho, lã, etc. (2: 9ss). O contexto histórico da passagem pode muito bem ter Foi um momento de falha de colheita, muito parecido com a calamidade descrita por Amos um pouco mais cedo (Amós 4: 6ss).

Bondage e comida impura (v. 3). Israel não só experimentará o fracasso da colheita, eles entrarão em servidão, retornando ao Egito. A comida impura é claramente um desenvolvimento do motivo alimentar do v. 2 . Não só as colheitas falharão (v. 2), o alimento que Israel come é impuro - refletindo a suposição comum de que a terra do Senhor é limpa, no sentido ritual do santo e do comum. Todo o outro é impuro. O profeta apresenta a tese de que, além do centro de adoração e da santidade associada a ela, a comida não pode ser dedicada ao Senhor, como foi feito com os primeiros frutos. Assim, além do ritual de dedicação, que seria impossível para fora da terra, toda a comida de Israel seria "imunda". Integral à ameaça é a remoção do favor divino: refletido tanto no fracasso da colheita quanto na remoção das pessoas da terra, que era sinônimo de remoção da presença de Deus.

(2) A Perda de Adoração (9: 4)

> [4] *Não derramarão libações de vinho ao SENHOR ;*
> *e eles não devem agradá-lo com seus sacrifícios.*
> *O seu pão será como pão de pessoas;*
> *Todos os que comem dele serão contaminados;*
> *pois o seu pão somente será para eles;*
> *não deve chegar à casa do Senhor.*

Apesar da divisão de parágrafo no RSV, nenhuma ruptura deve ser feita entre v. 3 e 4. O texto em hebraico define claramente a totalidade de 9: 1-5 (e possivelmente v. 6 , embora a estrutura equilibrada não seja tão clara em v 6) em forma poética que exige a coesão da v. 4 com a seção de processo. O tema do v. 3 é recapitulado na v. 4 : com a remoção de Israel da terra vem a perda de adoração. Oséias avisa a Israel que as práticas de culto aceitas serão impossíveis naquela época: derramar libações de vinho (ver Números 15: 1-12 ; Ex. 29:40).) e oferecendo sacrifícios (o que era possível apenas na "terra santa"). Somente o pão santo poderia ser usado na adoração de Deus (ver 1 Sam. 21: 4), mas o profeta avisa a Israel que chegará o momento em que O pão deve ser apenas para a fome do homem. Será inadequado para a casa do Senhor. O pão de Mourner era impuro, pois o contato com os mortos na casa do despedido teria tornado todo pão na casa imundo.

(3) Então, o que você fará? (9: 5-6)

> [5] *O que você fará no dia do festival designado,*
> *e no dia da festa do Senhor?*
> [6] *Pois eis que estão indo para a Assíria;*

O Egito deve reuni-los,
Memphis deve enterrá-los.
Nettles deve possuir suas preciosas coisas de prata;
Os espinhos devem estar nas suas tendas.

É quase impossível para o intérprete moderno entender a total perda e frustração que Oseias implica em sua pergunta (v. 5). Como o exílio impede o culto, o que Israel fará quando o dia marcado para o festival outonal voltará a acontecer? Será impossível participar nessas ocasiões solenes e alegres de adoração. A total desolação da vida de adoração de Israel é graficamente sublinhada na sugestão de que seus lugares de culto serão cobertos de urtigas e espinhos. Suas coisas preciosas de prata podem se referir a utensílios usados na adoração, mas a frase é estranhamente semelhante à acusação de 8: 4: "Com a prata e o ouro, eles fizeram ídolos". As tendas provavelmente se referem aos santuários locais em toda a terra - que ainda existiam, apesar do chamado posterior para a centralização do culto.

Oséias levanta uma questão de busca para cada geração que é tentada a presumir sobre os dons e a graça de Deus, esquecendo-se do verdadeiro Dador da recompensa da vida (2: 8) e abandonando o Senhor como uma prostituta (9: 2). Sua pergunta é sempre apropriada: o que você fará então - quando a alegria da vida e da adoração desapareceram, quando a ocasião para a comunhão compartilhada de adoração corporativa já não é uma possibilidade e a própria terra é abandonada, coberta de urtigas e cardos , ou a poeira de um holocausto nuclear?

7. Profetas são tolos (9: 7-9)

7 Os dias de castigo chegaram,
vieram os dias de recompensa;
Israel deve conhecê-lo.
O profeta é um tolo,
o homem do espírito está louco,
por causa da sua grande iniqüidade
e grande ódio.
8 O profeta é o vigia de Efraim,
as pessoas de meu Deus,
Contudo, uma armadilha de fowler está em todos os seus caminhos,
e o ódio na casa de seu Deus.
9 Eles se corromperam profundamente
como nos dias de Gibeá:
Ele lembrará de sua iniqüidade,
ele punirá seus pecados.

Esta unidade não só proclama o imediatismo do julgamento (v. 7a), mas é um comentário sobre a resposta à mensagem de Oséias, a única avaliação desse tipo dentro

do livro inteiro (vv. 7b-8). Uma ênfase específica sobre a retrospectiva histórica surge no relacionamento que Oséias viu entre o caráter atual de Israel e sua ação em Gibeá (v. 9).

A certeza da punição (v. **7** a). O dia do julgamento já veio para Israel, seja como uma realidade histórica ou como uma certeza futura tão profundamente enraizada sobre a mente do profeta como sendo descrita como um fato consumado. Punição é uma tradução de *pequddah* (visitação). Mas quando o Senhor visita em um contexto como o que o profeta pressupõe, tal visitação significa castigo (Isaías 10: 3 , Mic. 7: 4). Recompensa conhece recompensa, retribuição (Isaías 34: 8) ou recompensa (Mic. 7: 3). É usado em apenas três lugares no Antigo Testamento. Israel deve saber que isso significa que Israel deve experimentá-lo, refletindo a inter-relação entre conhecimento e experiência no Antigo Testamento. Oséias provavelmente fez referência aos avanços assírios e ao exílio parcial de Israel em 733 AC. Já havia um avanço histórico da fatalidade inevitável da nação.

O Destino dos Profetas (v. **7** b-8). Muitos comentários recentes levam v. 7b como uma citação das palavras burlantes e zombadoras das pessoas em resposta à mensagem de Oséias. Como tal, ele se enquadra na categoria de respostas proverbiais como "Coma e beba, porque amanhã morremos" (Isaías 22:13) ou "A quem ele ensinará conhecimento, e a quem ele irá explicar a mensagem?" (Isaías 28: 9f). Este último constitui a resposta burlona do povo, que se encolhe na embriaguez, para o ministério do profeta (Wolff, BK , p.120).

Tolo sugere o homem estúpido. Esta palavra é um termo especialmente favorito em Provérbios: "O sábio de coração atende aos comandos, mas um idiota tentará se arruinar" (Provérbios 10: 8).

Além disso, o profeta foi caracterizado como louco, uma palavra usada por alguém que perdeu sua sanidade (ver Deuteronômio 28:34). É usado com desprezo de um profeta em ambos os Oseias 9: 7 e Jeremias 29:26 . Referir a Oséias como o homem do espírito é um esforço para associá-lo a esses profetas extáticos e frenéticos do início de Israel (ver 1 Sam. 10: 6ss). A tarefa do sacerdote como alguém que "carrega na casa do Senhor sobre todo louco [homem de loucura] que profetiza" (Jeremias 29:26) é instrutivo para a presente passagem.

A fonte de uma avaliação tão pervertida do escritório profético não é difícil de descobrir. Reside, insiste em Oséias, em duas áreas distintas. Primeiro, a *grande iniqüidade* de um povo pode e muitas vezes faz com que as pessoas interpretem mal os ministérios proféticos. Em segundo lugar, os homens consideram os profetas como tolos, estúpidos e loucos por causa do *grande ódio* que eles enfrentam para os profetas cujas palavras são incisivas, claras e audazmente diretas ao chamar a inter-relação da experiência religiosa e de toda a vida. O pecado e o ódio perverterão qualquer relação, profética ou não, antiga ou moderna.

Apesar do fato de que "o profeta é um vigia de efraim com (antes) Deus" (seguindo o texto de Heb.), Os homens colocaram uma armadilha em todos os seus caminhos e encheram a casa de Deus de *ódio.*As palavras do profeta são um lembrete assustador de que o pecado e o ódio de um povo apanhado nos dispositivos de seus próprios fracassos ainda levam os homens contemporâneos a aprisionar, em vez de apoiar o testemunho

profético, também que o ódio ainda permanece na casa de Deus. Tais palavras antigas indiciam a igreja moderna quando se deixa iludir pela iniqüidade e o ódio, muitas vezes em nome da religião, outras vezes, em um esforço para manter o status quo de uma ordem social que já está lavando antes dos olhos da igreja . Mas seja qual for a fonte, para a vergonha de todo crente, o ódio ainda habita na casa de Deus. E isso diante do chamado consistente para o amor, não o ódio, como a marca registrada da comunidade redimida.

A Falha das Pessoas (9: 9). A corrupção do Israel contemporâneo é análoga a essa ação de Israel em Gibeá. Mays sugere que Oséias se refere ao episódio vergonhoso dos Juízes 19-21, que quase levou ao extermínio de Benjamim: "Assim, Efraim agora age com o profeta e tão ruinoso será as conseqüências, que o próprio Javé assumirá o dever da punição que a manifestação tribal ocorreu no incidente original "(Mays, p. 131). Quando os homens sufocam a voz de seu mensageiro, Deus não permanecerá silencioso nem inativo. À sua maneira, o soberano Senhor da história transformará em tal povo os estragos da história.

III. Retrospectiva histórica e Crises contemporâneas (9: 10-13: 16)

Entre 9: 9 e 9:10 há uma profunda caesura ou ruptura na estrutura literária que separa claramente o livro (ver Wolff, BK , p.208). Antes desta divisão, as referências históricas foram feitas de passagem, como em 9: 9 , mas em 9: 10ff. A história é usada com ênfase única. A partir desse momento, Oseias seguiu o curso da pecaminosidade de Israel por meio de retrospectiva histórica (Eissfeldt, página 386). Ele localizou o manancial da infidelidade dentro das múltiplas crises do passado de Israel. A história tornou-se para ele uma chave para compreender o presente momento de existência do homem, dando suporte à tese de que o momento atual de alguém só pode ser entendido de forma adequada, uma vez que é capaz de estabelecer seu passado em uma perspectiva adequada.

Em locais sucessivos como Baal-peor (9: 10-14), Gilgal (9: 15-17), Gibeá (10: 1-15) e Egito (11: 1-12 , 13: 1-13), mesmo no próprio antepassado Jacó (12: 1-14), Oséias viu os primórdios da infidelidade presente de Israel. Ao traçar a progressão histórica da erosão da aliança, Oséias não procurou, de forma alguma, isentar sua própria geração da responsabilidade - como fez uma geração posterior nos dias de Jeremias (ver Jer. 31: 29). Com essa técnica, Oséias enfatizou que a infidelidade atual de Israel estava fundamentalmente ligada a essa violação maior da aliança que caracterizara a história de Israel.

1. Baal-peor: False Trust e Lost Glory (9: 10-14)

O ponto de Oseias é claro. A apostasia de Israel e a fé não são novas. Eles são tão antigos como Baal-peor e a entrada na terra (cf. Números 25: 1 p. Ex.). Confrontados com a decisão de confiar no Deus das estepas do deserto ou o deus dos campos semeados e das terras agrícolas, Israel "mudou seus deuses", e em Baal-Peor eles se ligaram a Baal. Com base nessa experiência, Oséias estabelece um princípio legítimo: a confiança falsa é inevitavelmente acompanhada por uma glória perdida.

(1) A Falsa Confiança de Baal-Peor (9:10)

10 *Como as uvas na região selvagem,*
Eu encontrei Israel.
Como a primeira fruta na figueira,
em sua primeira temporada,
Eu vi seus pais.
Mas eles vieram a Baalpeor,
e se consagraram a Baal,
e tornou-se detestável como a coisa que eles amavam.

A vitalidade e o esplendor do relacionamento inicial de Israel com o Senhor são expressos poéticamente nas analogias da v. 10 . A natureza idílica do deserto (cf. Jr 2:.. 1 ss ; . Hos 02:15) é reflectido na sugestão de que Israel era como **g**violações no deserto. As uvas normalmente não crescem na região selvagem, e encontrar uma videira ali constituiu um favor particular. Ou, Israel era como a *primeira fruta na figueira,* suculenta além da medida em comparação com o longo período sem frutas frescas. Esse fruto era o ansioso desejo do homem: "como um primeiro figo maduro antes do verão: / quando um homem vê isso, ele come-lo / assim que estiver na mão (Isaías 28: 4 ; cf. Mic 7: 1; Jer. 24: 2). Então, Israel foi o deleite do Senhor, objeto de sua alegria e amor.

O versículo 10 é um estudo em contrastes. O caráter idílico dos primeiros momentos da experiência de Israel com o Senhor é contrabalançado pela deslealdade logo manifestada no cadinho de testes em Baal-Peor. Baal-peor (v. 10) é uma referência ao Shittim, um site nas planícies de Moab, a nordeste do Mar Morto, onde Israel acampou antes de atravessar o Jordão. Entre os inúmeros eventos que aconteceram houve relações ilícitas entre os homens de Israel e as filhas de Moabe (Números 25: 1). No coração, o mal era a heresia do paganismo e não a imortalidade sexual sozinho. Em Shittim, "Israel se uniu a Baal de Peor" (Números 25: 3).

Israel em Shittim confrontou a questão fundamental de várias gerações que enfrentam transição cultural: o deus do passado é adequado às crises do momento? Declarado em termos israelitas: o Senhor, o Senhor do Sinaí eo deserto, são adequados para a nova vida agrária? A questão é apropriada da situação contemporânea. O Deus e o Pai do Senhor Jesus Cristo são adequados para a transição cultural que a igreja está experimentando? Ou, devemos recorrer a novos deuses como as pessoas foram tentadas a fazer quando os fundamentos da existência humana foram questionados e, às vezes, quebrados?

Eles se consagraram a Baal (iluminado, em Heb., Para envergonhar). *Bosheth* veio a ser aplicado a Baal. Por exemplo, um nome pessoal como Ish-Bosheth (ver 2 Sam. 2: 8) é provavelmente uma forma posterior do nome anterior Ish-baal (ou seja, o homem de Baal). O nome dado em um momento em que Baal foi usado como um meio positivo para obter o favor divino (ver 2:16 , *et al* .) Foi posteriormente alterado quando Baal foi repudiado.

Israel tornou-se detestável como o que amaram. O homem se torna como o objeto de seu amor e preocupação. Tanto positivamente quanto negativamente, o homem é

recriado na imagem de sua preocupação final, seja amor ou ódio, medo ou confiança. Por exemplo, uma ênfase chave da fé cristã é que o homem é constantemente transformado em imagem da semelhança do Pai. Ele está sendo recriado no objeto de sua última preocupação. A análise profunda de Oseias é sempre apropriada.

(2) A Glória Perdida (9: 11-14)

> *11 A glória de Efraim se afastará como um pássaro -*
> *sem nascimento, sem gravidez, sem concepção!*
> *12 Mesmo que eles criem filhos,*
> *Eu vou desmoroná-los até que nenhum deles seja deixado.*
> *Ai deles*
> *quando eu me afastar deles!*
> *13 Os filhos de Efraim, como eu vi, estão destinados a uma presa;*
> *Efraim deve levar seus filhos para matar.*
> *14 Dê-lhes, ó SENHOR -*
> *o que você vai dar?*
> *Dê-lhes um útero abortado*
> *e seios secos.*

Qual foi a fonte da glória de Israel? Embora tenha sabido periodicamente tempos de grandeza relativa, a natureza essencial de sua glória descansou na profundidade de sua comunhão com o Senhor da Aliança. A profundidade dessa comunhão foi a medida da sua glória. A vida corporativa de Israel sentiu o toque de glória, essa percepção pesada e impressionante da presença divina. Desde o momento em que Moisés experimentou a glória de Deus no Sinai (ver Ex 33: 18ss.), através das várias experiências episódicas dessa glória na história de Israel, no momento em que Oséias viveu no século VIII - tanto no nível corporativo como individual - Israel conheceu a glória de Deus, aquela presença infecciosa e ardente de Deus , tão impressionante e pesado em sua realidade para o adorador. A existência autêntica é impossível para o homem, além desse toque de glória - a realidade de uma Presença, invisível, mas segura, incompreensível e conhecida em mistério.

Agora, contrariamente à experiência anterior da benção do Senhor e da glória compartilhada, Oséias avisa que a glória de Efraim se afastará como um pássaro. A glória não habitará no meio dos homens ou circunstâncias que refletem confiança falsa no Senhor (ver a partida da glória do Templo, Ezequiel 10: 18). O brilho da glória sempre corroe na presença de desconfiança e deslealdade. Com Wordsworth, Oséias pergunta a cada geração: "Onde está agora, a glória eo sonho?"

Numerosos filhos foram interpretados como um sinal da benção de Deus, enquanto a esterilidade era vista como um sinal de desagrado. Embora uma interpretação literal desse princípio dentro da era contemporânea dificilmente constitua uma interpretação adequada da falta de filhos, foi um tema significativo no Antigo Testamento. Assim, Oséias caracterizou a perda de glória em Israel como um tempo de esterilidade. Movendo-se em ordem inversa aos processos normais de concepção e nascimento, Oseias não vê tempo de nascimento, sem condição de gravidez, sem

concepção - estéril total (v. 11). Mesmo que as crianças nasçam, serão levadas ao matadouro da guerra (v. 12, 13).

O repúdio completo de Israel está claramente refletido na oração ameaçadora do profeta: Dê-lhes, Senhor **-. . . um** útero abortado e seios secos. As palavras não são apenas imprecisas, mas contêm uma polêmica direta contra as ênfases da fertilidade do Baalismo. A mãe de Israel deve ter um útero abortado e seios secos, uma ameaça irônica e humilhante diante da fertilidade prometida pelo culto de Baal. Em julgamento como este, há a manifestação do senhorio. Yahweh refuta o poder de Baal e o culto à fertilidade. Ele é o Senhor da natureza como da história, e de ele provoca os poderes procriadores da vida.

2. Gilgal: Falsa Confiança e Perda de Amor (9: 15-17)

A analogia histórica de 9: 10-14 é complementada pela inclusão de uma unidade adicional cujo foco de preocupação é Gilgal (v. 15-17). O uso continuado de retrospectiva histórica por Oseias como motivo literário é de fundamental importância. Como Ward sugere: "As alusões históricas de Oséias não meramente ilustram um episódio contemporâneo comparando-o com outro episódio do passado. Em vez disso, eles apontam para a continuidade das instituições sociais e das práticas corporativas, atrasadas através da história para suas origens no passado "(Ward, p. 170). Os acontecimentos em Gilgal foram os antecedentes históricos de uma grande preocupação da mensagem de Oséias, a desintegração da monarquia. Assim, assim como ele ligou a heresia do Baalismo com seus antecedentes históricos em Baal-Peor, então ele traça a continuidade entre Gilgal e as falhas monárquicas presentes.

(1) A Perda do Amor (9:15)

> *15 Todo mal da sua é em Gilgal;*
> *lá comecei a odiá-los.*
> *Por causa da maldade de suas ações*
> *Vou expulsá-los da minha casa.*
> *Não os amarei mais;*
> *Todos os seus príncipes são rebeldes.*

A referência a Gilgal é entendida melhor no contexto da ascensão de Saul à realeza. Foi em Gilgal que ele foi estabelecido como primeiro rei sobre Israel (ver 1 Sam. 11: 12). No entanto, a realeza não foi apoiada por unanimidade em Israel, como sugere um exame da fonte antimonárgica nos livros de Samuel. Dentro dessa fonte, por exemplo, o Senhor assegura a Samuel que, na exigência de um rei, o povo "não o rejeitou, mas eles me rejeitaram de ser rei sobre eles" (1 Sam. 8: 7). Mays sugere a este respeito que "Oséias considerou a monarquia de Israel como uma das principais ofensas da nação contra Yahweh (3.4; 7.3-7; 8.4; 10.3, 7, 15)" (Mays, p.136).

O fracasso fundamental no estabelecimento da monarquia foi a rejeição de autênticos líderes carismáticos a favor de uma forma institucionalizada desse líder (pois os primeiros reis também eram carismáticos). Como Wolff sugere: "Que Deus envia ajudantes [como no caso dos juízes, ou seja, os carismáticos] já não é suficiente. Um irá

garantir a continuação da ajuda através da contínua instituição de realeza "(AP, p. 38). O fracasso essencial de Israel foi o de procurar institucionalizar um poder inerentemente carismático. Nunca contente com a natureza carismática da presença dinâmica de Deus, o homem procura institucionalizar esse poder e graça para que possam ser controlados, sempre disponíveis. Como Wolff diz em seu comentário, "assim o homem buscou prosperidade e segurança além de Javé" (BK, p.221). O povo de Deus perpetuou esse fracasso no presente.

Comecei a odiar sugere que o repúdio de Israel começou com a substituição da monarquia pela confederação tribal. Como o amor é a fonte da eleição (ver Deut. 7: 7), então o ódio é sua antítese. O ódio deve ser entendido de forma antropomórfica, pois na conotação comum dessa palavra Deus não odeia ninguém. A palavra expressa, e isso bastante graficamente, a profundidade da ameaça de Oséias e a medida em que o relacionamento da aliança havia se rompido. O ódio é usado por alguém que é menos preferido do que outro, como no caso de Lea, de quem foi dito que Abraão "amou Rachel mais do que Lea" (Gen. 29:30) - mas essa distinção no grau de amor é mais tarde descrito como um ódio: "Quando o Senhor viu que Leah foi odiada" (Gen. 29:30). A mesma distinção no grau de amor provavelmente está implícita em Malaquias 1: 3: "Eu odei Esaú" (Mt. 10:37 , Lucas 14:26).

O amor é uma palavra que conhece o amor eleitoral, aquela qualidade que moveu o Senhor a escolher Israel. Por isso, não os amarei mais, deve ser entendido como uma maneira de dizer que a aliança é anulada em vez de que Deus deixou de se importar. Uma expressão maior de amor geralmente pode anular algumas relações para criar novas. Rebeldes, caracterizados pelo mal e pela maldade, dificilmente esperam continuar dentro da comunidade da aliança.

(2) A Perda de Bênção (9:16)

> *16 Efraim está atingido,*
> *sua raiz está seca,*
> *eles não terão frutos.*
> *Mesmo que eles produzam,*
> *Vou matar seus filhos amados.*

O fim veio para a benção de Deus sobre o seu povo. Ephraim foi atingido, como um homem ferre um animal (1 Sam. 17:35) ou outro homem (Ex. 21:12 , 30) ou uma cidade (Gênesis 32: 9 , 12). Ele é como uma raiz, seca e sem vida no calor do sol, sem frutos. Mesmo que ele ofereça, seus amados filhos serão mortos em guerra. A vida e a terra juntos descansam sob a maldição de uma existência sem amor, desprovida do amor divino e destinada à futilidade e ao nada. Este é o caminho dos homens que procuram garantir seu próprio futuro - seja em Gilgal e no estabelecimento da monarquia ou em uma capital moderna.

(3) A Perda de Segurança (9:17)

> *17 Meu Deus os expulsará,*
> *porque eles não o ouviram;*

Eles serão vagabundos entre as nações.

Em Gilgal, Israel expulsou Yahweh; agora são os autores: meu Deus os expulsará. Embora o exílio seja claramente evidente na ameaça, eles serão vagabundos entre as nações, mais do que o exílio está implícito. Os temas do sem-abrigo e do distanciamento estão claramente presentes. Wanderers sugere o destino de Caim, que foi condenado a ser um fugitivo e um vagabundo (Gen. 4:12 , 14). Os homens que não ouvirem a palavra revelação tornar-se-ão cadáveres, vagabundos, homens que estão sozinhos e desprovidos de companheirismo, sem os quais a existência não tem sentido. O tema do vagabundo é um lembrete assustador da inevitável falta de propósito e futilidade que vem àqueles que rejeitam a vida da aliança.

3. Bethel: Broken Faith e Broken Altars (10: 1-8)

O Capítulo 10 apresenta um novo elemento no qual Israel é dirigido diretamente na terceira pessoa (vv. 1-8). Há uma divisão distinta na v. 9 , pois o endereço profético e o uso da terceira pessoa (vv. 1-8) são substituídos pelo endereço divino e pela segunda pessoa (v. 9-15). Embora exista uma ênfase na paróquia sobre o reinado (vv. 3 f ., 7f.), Central para todo o vv. 1-8 é a ameaça de desintegração institucional, a destruição do sistema religioso de Israel. Em retrospectiva histórica, Oséias viu que a infidelidade religiosa de Israel arraigava no que considerava uma heresia primitiva, a criação do bezerro de ouro em Betel. Quando essa "coisa" (v. 6) surgiu em Betel, Israel se estabeleceu em um curso destinado a resultar na destruição da nação e suas instituições religiosas. Toda a narrativa é um excelente comentário sobre o inevitável acompanhamento de uma fé quebrada.

(1) Culto pretensioso e um coração dividido (10: 1-2)

[1] Israel é uma videira luxuriante
que produz seus frutos.
Quanto mais o seu fruto aumentou
mais altares ele construiu;
à medida que seu país melhorou
ele melhorou seus pilares.
[2] O coração deles é falso;
agora eles devem ter sua culpa.
O SENHOR quebrará seus altares,
e destrua seus pilares.

Com a melhoria do país, houve um aprimoramento paralelo e proporcional da parafernália religiosa (v. 1). Que a generosidade da terra deveria ter provocado uma multiplicação e melhorias devidas e responsivas dos centros de adoração não deve ser uma surpresa. Para um povo que acredita profundamente na soberania do Senhor em toda a ordem criada e que vê na generosidade da terra a benéfica bondade de sua graça e amor, é natural que haja uma crescente atenção aos locais de adoração.

O fracasso de Israel é discernido na observação pontuda de que, no entanto, eles desperdiçaram sua atenção nos locais físicos de adoração e sua parafernália, seu coração é falso (dividido). Dentro da literatura bíblica, o coração é o centro das decisões volitivas, o assento da vontade e do intelecto. Não é o centro das emoções, como é comum demais suposto. O problema de Israel foi uma vontade, uma decisão voluntária e um compromisso sincero. O perigo de um coração dividido é uma ameaça constante à realidade desse culto que causa a comunhão com o Senhor. Foi por causa de um coração tão dividido (falso), e não apenas por causa de uma grande atenção em seus lugares de culto, que Israel deve ter sua culpa. Esses altares sobre os quais Israel despertou a atenção, para não falar de riqueza e tempo, são para perecer (v. 2).

(2) Realeza Futile e uma Glória Perdida (10: 3-6)

3 Por enquanto eles dirão:
"Não temos rei,
pois não tememos ao Senhor,
e um rei, o que ele poderia fazer por nós? "
4 Eles proferem meros comentários;
com juramentos vazios eles fazem convênios;
então julgamento brota como ervas venenosas
nos sulcos do campo.
5 Os habitantes de Samaria tremem
para o bezerro de Bethaven.
Seu povo deve lutar por isso,
e os seus sacerdotes idólatras ferem-se sobre ele,
sobre a sua glória que se afastou disto.
6 Sim, a própria coisa será levada à Assíria,
como tributo ao grande rei.
Efraim será envergonhado,
E Israel se envergonhará do seu ídolo.

Voltando ao seu tema da realeza e seu fracasso, Oséias viu a desintegração da liderança nacional como acompanhamento paralelo da destruição dos altares de Israel. Agora em vv. 2 e 3 sugerem que ambas as consequências estão relacionadas ao coração dividido. Porque seu coração está dividido, Israel não só conhece a desintegração das instituições religiosas (v. 2), mas também a da realeza (v. 3). Oséias vê um futuro tempo de julgamento quando Israel está sem um rei. A razão para isso não é difícil de descobrir. Eles não têm rei porque não têm medo do Senhor. Oséias interpreta consistentemente a realeza como um abberramento da vontade divina. Nessas circunstâncias, quando os homens já não temem o Senhor - um rei, o que ele poderia fazer por nós? Quando os pronunciamentos do rei (s) são meras palavras, desprovidos de qualquer ação cumprindo, e quando sua aliança de realeza é tomada com juramentos vazios, os reis que possam surgir são inúteis. Por causa desse julgamento, surge como ervas venenosas nos sulcos do campo.

A Assíria eventualmente acabou com Israel, levando até a sua imagem dourada como tributo ao rei da Assíria (v. 6). Naquele tempo de vergonha e constrangimento nacional, o objeto central tão significativo para a adoração de Israel foi perdido. Consequentemente, os habitantes da capital tremem, provavelmente com medo da perspectiva de ter perdido o símbolo acima do qual o Senhor foi pensado para reinar. Não só Israel perdeu um valioso objeto cultual, as pessoas perderam o que consideravam evidências tangíveis e a certeza da presença do Senhor. Bem, eles podem tremer. Além disso, as pessoas. . . lamentar e os sacerdotes idólatras, um termo reservado aos sacerdotes dos ídolos (2 Reis 23: 5 ; Zeph. 1: 4), lamenta-se. Como Oseias havia anteriormente enfatizado a glória perdida de Efraim (cf. 9:11), então agora ele fala novamente da glória que partiu. Assim como a glória do Senhor foi perdida quando os filisteus capturaram a arca (1 Sam. 4: 10-22 , especialmente a verso 21-22), então agora a glória do Senhor partiu na perda do objeto de culto (v. 5b).

Bem, Israel pode ter vergonha de tais eventos. Não só o bezerro não conseguiu assegurar a libertação para Israel, a própria coisa foi levada para *a* Assíria. No final, esses ídolos que são produtos de uma fé quebrada inevitavelmente serão decepcionantes. No momento da maior necessidade, eles não são apenas incapazes de entregar seus devotos, mas incapazes de entregar-se ou, melhor, o sistema religioso que eles personificam.

(3) Um ídolo patético e desânimo final (10: 7-8)

> *7 O rei de Samaria perecerá,*
> *como um chip no rosto das águas.*
> *8 Os lugares altos de Aven, o pecado de Israel,*
> *deve ser destruída.*
> *Thorn e Thistle devem crescer*
> *em seus altares;*
> *e eles dirão às montanhas: cobre-nos,*
> *e para as colinas, cai sobre nós.*

O rei provavelmente se refere ao rei de Israel. Mas, como se faz, dentro de uma seção inteiramente preocupada com o culto, Mays sugeriu que, no v. 7, "rei" faz referência à imagem do touro em Bethel (ver Mays, p. 142). Se isso for correto, a analogia é mais apropriada. Como um pedaço de madeira lançado sobre a face das águas, a pronta impotência do bezerro no aperto de forças maiores que ele é resumida graficamente. Se a palavra se referir ao rei de Israel, a figura é igualmente apropriada. Os lugares altos de Aven, uma referência sarcástica a Beth-aven, isto é, Betel, é a epitomia do pecado de Israel. Isso também será destruído. Após a desolação da terra, as espinhas e os cardos crescerão em seus altares (ver 9: 6). Esse caos é um contraste estranho e marcante com as multidões que uma vez invadiram os altos de Bethel (Beth-aven ou Aven), prodigando sua adoração sobre o objeto culto e não sobre o Senhor. Tal desastre e desilusão produzem uma atitude de vergonha e consternação, criando um desejo de estar escondido ou morrer. Em tal tempo, homens chamam para as montanhas, nos cobrem, e às colinas, caem sobre nós.

4. Gibeah: Guerra, o fruto da Falsa Confiança (10: 9-15)

Continuando seu tema de retrospectiva histórica como um meio de esclarecer o caráter da situação de Israel, Oséias liga a atual debacle com o pecado de Gibeá. "Desde os dias de Gibeá, você pecou, ó Israel" (v. 9). Ao relacionar os antecedentes históricos da desintegração de Israel com Gibeá, o profeta sugere que a guerra é fruto da falsa confiança, uma falsa confiança primeiro evidenciada na escolha do rei em vez de depender continuamente da liderança carismática. Essa confiança falsa é claramente manifesta na geração própria de Oséias: "confiaste nos teus carros e na multidão de seus guerreiros" (v. 13).

(1) A Iniquidade Dupla (10: 9-10)

> *9 Desde os dias de Gibeá, você pecou, ó Israel;*
> *lá continuaram.*
> *Não haverá guerra para alcançá-los em Gibeá?*
> *10 Eu irei contra as pessoas rebeldes para castigá-las;*
> *e as nações devem ser reunidas contra eles*
> *quando são castigados por sua dupla iniqüidade.*

O que ocorreu em Gibeah, que era de tal importância que Oséias ligava o pecado de Israel do século VIII a esse evento? Primeiro, a referência pode ser o assalto da concubina do levita em Gibeá, conforme descrito nos juízes 19 e a guerra civil subseqüente que quase testemunhou o extermínio de Benjamim (Judg 20-21). Se esta é a série de eventos para os quais Oseias traçou a condição atual de Israel, seu ponto é claro. Israel desde o início culpou tanto a violação da moral da aliança, como a que se reflete no assalto da concubina do levita e da guerra civil, como a descrita na retaliação contra Benjamin.

Em segundo lugar, Gibeah foi o lar de Saul e, especialmente em vista do aparente compromisso antimonárgico de Oséias, o oráculo atual pode sugerir que a debacle de Israel realmente começou na iniciação do reinado sob Saul. Ward apoia essa posição e sugere que o ponto de Oséias é que "o destino do último rei israelita repetiria o destino do primeiro. Mas em sua morte, o reino também morreria, e assim o trágico experimento com um "rei". . . gostar . . . as nações "(1 Sam. 8: 5) "(Ward, p. 181). Kingship foi um esforço da parte de Israel para garantir o seu próprio futuro, garantir-se um papel nacional ao competir no mercado da política internacional. Tal atitude, de acordo com fontes antimonárgicas em Israel, era essencialmente uma falta de fé e um repúdio à natureza carismática da confederação tribal.

O que se entende pela dupla iniqüidade da v. 10? Oseias provavelmente significa que no tempo da desintegração nacional que está à mão, Israel será punido tanto pela indignação inicial em Gibeah quanto pelas falhas do Israel do século VIII. Essa ênfase adequa bem o seu padrão característico de vincular as crises presentes com seus antecedentes histórico-teológicos. O experimento em realeza que foi inaugurado com Saul chegou a um final ignóbil no desapontador espetáculo exibido pelos reis israelitas durante a era final da existência nacional de Israel. A cessação da nação é, portanto, um castigo por uma dupla iniqüidade: a inauguração do reinado sob Saul e o caráter de realeza no final do século VIII. Era essencialmente uma falsa confiança, a recusa de confiar inteiramente no Senhor, que levava à guerra e à dissolução nacional.

(2) Escritura, Semente, Colheita (10: 11-13a)

11 Ephraim era uma novilha treinada
que amou a trilhar,
e eu poupou seu pescoço justo;
Mas vou colocar Ephraim no jugo,
Judah deve arar,
Jacob deve procurar por si mesmo.
12 Semeje por si mesmo a justiça,
colher o fruto do amor firme;
quebrar o seu pouso,
pois é hora de buscar o Senhor,
para que venha e chove a salvação sobre você.
13 Vocês ingeriram a iniqüidade,
você colheu injustiça,
você comeu o fruto de mentiras.

Usando figuras tiradas da vida agrícola, Oseias avisa que os dias de facilidade acabaram. Embora Efraim tenha sido tratado suavemente por seu Senhor, realizando apenas a tarefa leve da debulha, chegou a hora de colocar o pescoço no jugo. Arar e arrasar são os pré-requisitos difíceis de semear e colher, mas são pré-requisitos necessários. Talvez sejam símbolos do julgamento que se aproxima do horizonte nacional. Ou, talvez, eles são destinados como os meios figurativos pelo qual. Israel é chamado a responsabilidade ética e moral como corolários da vida da aliança. O primeiro é mais provável e, se correto, sugere que a nação está prestes a entrar num tempo de servidão nacional e dificuldade a partir da qual virá a renovação do povo de Deus.

Seguir as difíceis tarefas de arar e angustiar Israel é encorajado a *semear* a terra quebrada com *justiça,* confiante de que aqueles que semeiam as sementes da justiça colherão o fruto do amor firme.

Embora os homens sejam muitas vezes repreendidos por buscar o Senhor em suas crises, tendo negligenciado ele em seus momentos mais alegres, qualquer momento é um momento apropriado para buscá-lo. Certamente, um deve fazê-lo em momentos de adversidade, ou assim sugeriram Ossas. É hora de buscar o Senhor. Para aqueles que o buscam, rompendo a terra em pousio, semeando a justiça e colhendo o amor firme, ele virá e a chuva da salvação sobre você. Esta também é uma faceta da colheita para os homens que semeiam a semente certa.

(3) Falso Confiança e Guerra (10: 13b-15)

Por ter confiado nos seus carros
e na multidão de seus guerreiros,
14 Portanto, o tumulto da guerra surgirá entre o seu povo,

e todas as suas fortalezas serão destruídas,
como Shalman destruiu Betharbel no dia da batalha;
As mães foram cortadas em pedaços com seus filhos.
15 Assim será feito a ti, ó casa de Israel,
por causa da sua grande maldade.
Na tempestade o rei de Israel
deve ser completamente cortado.

A guerra é fruto da falsa confiança, sugere Wolff (AP , pp. 232ss). Este é o significado claro da interpretação de Oséias da pavorosa condição de Israel na última parte do século VIII. Em um momento de tumultos, a guerra surgirá e as fortalezas serão destruídas. A agonia de tal crise será comparável ao massacre quando Shalman destruiu Beth-arbel e as mães foram quebradas em pedaços com seus filhos. O evento histórico preciso que Oseias tinha em mente é questionável, seja o assassinato do filho de Jeroboão (2 Reis 15:10), a campanha de Shalmaneser em 722 AC, ou o tributo pago a um Salamanu de Moab, que é nomeado por Tiglath-pileser III (ver Mays, p. 149). Apesar da incerteza do próprio evento em questão, a intenção é a mesma. Alguns massacres notáveis do passado servirão de comparação razoável para a profundidade da catástrofe iminente de Israel. Em tal momento, o fim completo virá para o reinado (v. 15b).

A razão de uma guerra tão cataclísmica é dupla. Primeiro, Israel confiou nos carros e na multidão de guerreiros, isto é, em oposição à confiança no Senhor. Em segundo lugar, um massacre comparável ao de Shalman é atribuído à grande maldade da terra. A falta de fé e a falta de consciência moral são acompanhamentos duplos de uma relação estática com o Senhor.

5. Egito: as conseqüências do amor (11: 1-11)

O amor de Deus é o motivo de controle do capítulo 11 , um amor manifestado tanto na relação pai-filho que se originou na experiência do Êxodo e no cuidado providencial exercido sobre Israel ao longo de sua existência corporativa. O capítulo é uma acusação histórico-teológica, como o clímax no v. 7 sugere (ver Wolff, BK , página 249). Com exceção do v. 10a narrativa tem a forma do discurso divino escrito na primeira e segunda ou primeira e terceira pessoa. A forma literária apela à história de Israel como meio de ilustrar tanto o amor quanto a misericórdia do Senhor e a maneira pela qual Israel exibiu essa graça e preocupação amorosa. O mesmo tema aparece em outro lugar na literatura profética, especialmente na conta da revelação do Senhor a Israel através de uma série de crises históricas, nenhum dos quais provocou uma resposta positiva por parte de Israel (cf. Amos 4:. 7ss ; . Ez 16: 8ss .). Assim, Oséias continuou seu motivo de retrospectiva histórica como meio de ilustrar a natureza e o caráter da vida de Israel diante de Deus. O repúdio ao amor e à graça começou no Egito e continuou até hoje, sugere Oséias.

(1) Amor e Ingratidão (11: 1-4)

1 Quando Israel era criança, eu o amava,
E, do Egito, liguei para o meu filho.

2 Quanto mais eu os chamei,
mais eles foram de mim;
eles continuaram a sacrificar os Baals,
e queimando incenso aos ídolos.
3 Contudo foi eu quem ensinou a Efraim a andar,
Levantei-os em meus braços;
mas eles não sabiam que eu os curava.
4 Eu os guiei com cordões de compaixão,
com as bandas do amor,
e eu me tornarei a eles como um
que facilita o jugo em suas mandíbulas,
e eu me abaixei para eles e os alimentei.

Chamado é um termo eleitoral e sugere que a experiência criativa quando o Senhor chamou um povo da escravidão para a liberdade, chamou-os para os laços de um relacionamento da aliança que foi finalmente interpretado a partir das perspectivas familiares de filiação, amor e fidelidade.

Desde o início da existência corporativa de Israel, no entanto, o amor incomparável de Deus foi recebido com uma ingratidão que desafia a descrição. A ênfase comparativa de v. 2 , mais eu liguei. . . Quanto mais eles foram, ressalta não só a rebelião de Israel, mas a ingratidão do atendente. Oseias sugere, "como eu liguei, assim eles caminharam de mim". A imagem é a de um filho ingrato e rebelde que se afasta do pai, não apenas desatento, mas deliberadamente insensível à preocupação e aberturas de seu pai. A construção verbal é tal que sugere que a distância do Senhor consistiu em duas ações específicas, mas claramente paralelas: sacrificar os Baals e queimar incenso aos ídolos.

A natureza incrédula da ingratidão de Israel reflete-se na imagem do cuidado amoroso do Senhor e da resposta ignóbil de Israel. No entanto, foi eu quem ensinou Efraim a andar, assim como inúmeros pais ensinaram os filhos a andar. Oséias não deixa nada ao mal entendido, sua gramática sugere "Eu, eu, da minha parte, ensinei". Apesar desse cuidado amoroso, no entanto, o filho do pai era tão insensível que não sabia. Como a mãe de Israel, ele não conseguiu discernir a mão do pai e creditou Baal com o cuidado que recebeu (cf. Hos. 2: 8 , "E ela não sabia").

Oseias desloca sua figura de fala da do filho (v. 1-3) para o boi no v. 4 ? Embora a expressão que alivie o jugo em suas mandíbulas sugere que ele tenha, duas considerações devem ser anotadas antes de chegar a uma conclusão. Primeiro, o motivo do boi quebra o trem do pensamento em todo o vv. 1-4 , a menos que se supõe que o jugo deve ser entendido no sentido figurativo como em Isaías 10:27 , "Seu jugo será destruído do seu pescoço". Em segundo lugar, pela mudança de uma única vogal no texto hebraico (" o "para" u ") pode-se ler" infantil "(' *ul*) em vez de" jugo "(' *ol*). Ward elogia isso em sua tradução:*E eu estava com eles como alguém que levava um bebê para sua bochecha, e eu me abaixei para dar-lhes comida* (Ward, p. 191).

(2) Amor e Conflito Inevitável (11: 5-7)

[5] Devolverão a terra do Egito,
E a Assíria será o seu rei,
porque eles se recusaram a voltar para mim.
[6] A espada ira contra suas cidades,
consumir as barras de seus portões,
e devoram o min suas fortalezas.
[7] O meu povo está inclinado a se afastar de mim;
então eles são nomeados para o jugo,
e nenhum deve removê-lo.

Um pai responsável não pode ignorar a necessidade de disciplina. Nem o Senhor soberano da história. Portanto, vv. 5-7 são uma imagem gráfica do inevitável conflito que aguarda aqueles que respondem ao amor de Deus com ingratidão e rebelião. A disciplina do filho rebelde era uma área de preocupação para Israel (ver Deuteronômio 21: 18-21) e Isaiah usou esse motivo em sua descrição de Judá na mesma era geral que Oséias (Isaías 1: 3).

Em vista da severidade da disciplina no Antigo Testamento, a possibilidade de abandonar Israel que emerge na vv. 5-7 não deve ser surpreendente. Se o filho de Deus, Israel, responde com ingratidão e rebelião, então deixe o filho seguir seu caminho. Deixe Israel voltar ao Egito, deixe Assíria. . . seja seu rei. O jogo de Oseias em palavras e idéias é deliberado. Porque (se) eles se recusaram a voltar para mim, então eles voltarão para o Egito. Se quiserem o Egito, então o Egito terá. Mas não será o Egito antigo, literal, mas sim outra escravidão em que a Assíria será o seu rei. As batalhas furiosas da guerra virão (v. 6) e as pessoas que se inclinam a se afastar de mim serão entregues ao jugo da escravidão e da escravidão.

A imagem do inevitável conflito que se encontra com a ingratidão e a rebelião esclarece o terrível destino do abandono. Quão estranho é que aqueles que querem ser livres de Deus, que não desejam nada de seu cuidado e preocupação amorosa, acham que esse julgamento vem sob a forma de conceder seu desejo. Há poucas frases assustadoras na Bíblia do que a afirmação recorrente de Paulo, que "Deus os desistiu" (Romanos 1: 24 p.). Assim, no caso de Israel, a resposta imediata do Senhor é abandonar o objeto de seu amor - deixe-os seguir o caminho de onde eles vieram.

(3) Amor e angústia do Senhor (11: 8-9)

[8] Como posso te desistir, ó Efraim!
Como posso entregar-te, ó Israel!
Como posso fazer você gostar de Admah!
Como posso tratá-lo como Zeboiim!
Meu coração recua dentro de mim,
Minha compaixão cresce quente e macia.
[9] Eu não executarei minha ira feroz,
Não destruirei novamente Efraim;

Pois eu sou Deus e não homem,
o Santo em seu meio,
e não irei destruir.

Embora Deus possa dar um homem para seguir seus próprios caminhos, Deus nunca desiste de um homem. Com a fidelidade que um pai sente por um filho, Deus continua a cuidar, pela simples razão de que ele continua a amar - porque ele é amor. Como um parishoner explicou por que ele continuou a cuidar de um filho abandonado, ele disse ao escritor: "Ele ainda era meu filho". Há um sentido em que Deus não pode abandonar o homem sem negar a essência de sua própria natureza.

O pensamento de abandonar seu filho, que ele gerou e cuidou da infância à masculinidade, cria uma angústia indescritível no coração de Deus. Ao pensar em desistir de seu povo, tornando-os como aquelas cidades de Adma e Zeboim que foram destruídas junto com Sodoma e Gomorra, o coração de Deus recua: minha compaixão se torna quente e macia. Essa terminologia antropomórfica pode ser questionável para alguns, mas de que outra maneira o homem pode descrever Deus além das analogias humanas? Além disso, com a pessoa de Deus existe a capacidade de sentimentos de angústia e de compaixão. Como Wheeler Robinson sugeriu uma vez, uma visão de Deus que nega sua capacidade de sofrer é teologicamente mais gerenciável, mas também é "alta e seca". "Como são reconciliadas as exigências de disciplina e amor? A reconciliação é possível através da manifestação de um julgamento restrito que é redentorista e não retributivo. Tanto o caráter como o propósito da disciplina devem ser ressaltados: (1) Não executarei minha ira feroz, e (2) não irei destruir. Há uma ira no amor de Deus e um amor na ira de Deus, os quais devem ser mantidos em tensão adequada.

Do ponto de vista humano, muitos homens teriam abandonado crianças ingratas que repudiaram todos os esforços dos pais para desenvolver nelas as qualidades destinadas a produzir a "boa vida". Quando se considera a história quadriculada do povo de Deus, entrecruzada com variadas expressões de ingratidão e rebelião, alguém se pergunta por que Deus não desiste deles. A resposta é simples, afirmada pelo próprio Deus, eu sou Deus e não homem. Existe essa qualidade de paciência criada através da união do amor e da graça de Deus que é capaz não só de perdoar, mas de disciplinar e recriar. Deus mostrou e continua a manifestar tal paciência, como ele busca fazer do seu povo a família que ele sabe que podem ser - e se tornará.

(4) Amor e Renovação do Compromisso (11: 10-11)

10 Eles irão atrás do Senhor,
ele rugirá como um leão;
sim, ele rugirá
e os seus filhos virão tremendo do oeste;
11 eles virão tremendo como pássaros do Egito,
e como pombas da terra da Assíria;
e eu os devolvo às casas deles, diz o Senhor.

A vitória do amor é aparente quando Israel responde à disciplina da história com obediência obediente e obediente. Israel é descrito anteriormente como tendo caminhado rebeldemente para longe do Senhor (11: 2). Depois de terem experimentado as vicissitudes das catástrofes nacionais, o Senhor tem que falar (rugir, ver Amós 1: 2 ; 3: 8) e seus filhos virão tremendo do oeste; . . . Como pombas da terra da Assíria. Embora rebelde inicialmente, mesmo um filho ingrato pode aprender a responder - se ele tiver uma disciplina moderada por uma preocupação amorosa.

6. Jacob: Decepção e Traição (11: 12-12: 14)

Continuando a interpretar as atuais crises de Israel à luz de antecedentes histórico-teológicos, Oséias traça o engano de Israel e a traição ao patriarca Jacó. Sua traição é tanto um aviso para Israel como seu arrependimento e benção são uma exortação a uma ação comparável. Weiser interpreta todo o vv. 3-15 da perspectiva de "Jacob the Deceiver" (cf. pp. 89), enquanto Rudolph une a ênfase sobre os antecedentes patriarcais e a maneira pela qual as ações de Israel são paralelas às de Jacó pelo seu sugestivo termo "o povo de Jacó" (Rudolph, pp. 220ff.). Tanto Jacob quanto os seus descendentes, os "Jacob-people", são caracterizados por decepções e traições. O complexo maior é composto por cinco unidades separadas: 11: 12-12: 1; 12: 2-6; 12: 7-8; 12: 9-11; 12: 12-14. O texto em hebraico coloca 11:12 como o primeiro versículo do capítulo 12 , uma divisão completamente consistente com o padrão de pensamento de 11:12 e 12: 1 .

(1) Um Estudo na Futilidade da Traição (11: 12-12: 1)

> *12 Ephraim me envolveu com mentiras,*
> *e a casa de Israel com engano;*
> *mas Judá ainda é conhecida por Deus,*
> *e é fiel ao Santo.*
> *1 Efraim reúne o vento,*
> *e persegue o vento do leste durante todo o dia;*
> *eles multiplicam falsidade e violência;*
> *Eles fazem uma barganha com a Assíria,*
> *e o petróleo é levado para o Egito.*

O humor invectivo caracteriza a linguagem deste endereço divino (Rudolph, p. 88). O objeto do invectivo é duplo: (1) a infidelidade de Israel ao Senhor (11:12) como manifestado através de (2) sua falsa confiança em potências estrangeiras (12: 1). Mentiras, engano e falsidade caracterizaram a relação que Israel sofreu com o Senhor. Essa falsidade e traição revelam o caráter essencial do pecado de Israel (Weiser, p. 88).

Eles fazem uma barganha com a Assíria, e o petróleo é levado para a Assíria. Esta ação é mais frequentemente interpretada como presente ou tributo. Embora isso possa ser verdade, pelo menos duas facetas da frase devem ser consideradas para suas implicações. Primeiro, Oséias usou a expressão comum para "cortar uma aliança" ao descrever as negociações de Israel com a Assíria. Embora seja um uso não-elológico da aliança, é, no entanto, uma aliança feita com a Assíria. Em segundo lugar, Dennis McCarthy argumentou persuasivamente que o petróleo é levado para o Egito não reflete

nem um presente nem um tributo, mas uma aliança feita com o Egito. Essas duas ênfases sugerem muito mais do que tributo ou um presente com a finalidade de induzir apoio nacional. Que Israel entrou em aliança com outras forças além da deidade nacional, o Senhor, constituiu o caráter de traição.

Essa traição como característica do povo de Deus é descrita graficamente por Oséias como pastoreio (pastoreio)o vento ou perseguindo o vento do leste. Os rebanhos são usados em outros contextos da função normal de um pastor, mas aqui é usado em um sentido puramente metafórico para expressar o absurdo absurdo das ações de Israel. Seus convênios estrangeiros são caracterizados pela mesma "razoabilidade" que a de um homem que poderia procurar pastorear ou destruir o vento. Ou, é tão fútil quanto aquele que persegue o vento oriental durante todo o dia. Por seu uso de "vento leste", o escritor implica uma tempestade e não simplesmente os ventos inquietos que sopram onde quer que eles, totalmente além do controle do homem. Uma expressão semelhante é usada pelo escritor Eclesiastes quanto à incapacidade total do homem de encontrar uma satisfação permanente na multiplicação de suas posses ou em outros esforços não-humanos. Além da presença de Deus, toda ação humana torna-se "vaidade e esforço pelo vento" (cf.Eccl. 1:14 ; 2:11 , 17 , 26). Todo esforço do homem para entregar-se sem relação com o Deus da aliança é tão inútil como a procura de rebanho do (vento ou pegar a tempestade.

(2) Os Jacob-People (12: 2-6)

2 O SENHOR tem uma acusação contra Judá,
e castigará Jacó de acordo com seus caminhos,
e recompensá-lo de acordo com suas ações.
3 No ventre, tomou seu irmão pelo calcanhar,
e em sua masculinidade ele lutou com Deus.
4 Ele se esforçou com o anjo e prevaleceu,
Ele chorou e procurou seu favor.
Ele encontrou Deus em Betel,
e Deus falou com ele -
5 o Senhor Deus dos exércitos,
O Senhor é o nome dele:
6 "Então, com a ajuda de seu Deus, devolva,
Segure-se no amor e na justiça,
e espere continuamente pelo seu Deus ".

O motivo do processo apresenta vv. 2-6 (cf. Hos. 4: 1 ; Mic. 6: 2), um processo dirigido contra Jacó moderno e antigo. Judá pode muito bem ser uma alteração editorial para Israel (ou Efraim) inserido após o tempo em que o material de Oseiasnic passou para o Reino do Sul (ou seja, após a queda de Samaria). A acusação ilustra a solidariedade empresarial que existia entre Israel do dia de Oséias e o antigo progenitor da nação. É a maneira do profeta de sublinhar a solidariedade da história de Israel e a maneira como ela refletia a imagem contínua da traição.

A auto-vontade e a autodeterminação de Jacob estão bem autenticadas. Uma fonte traça seu nome para sua ação no útero (Gen. 25:26). Oséias diz que Jacó levou seu irmão pelo calcanhar. Uma explicação adicional do nome de Jacob também é pertinente: "Esaú disse:" Ele não é bem chamado de Jacob? Pois ele me suplantou estas duas vezes "(Gênesis 27:36). Sua presunção chegou até a Deus, e na sua masculinidade, em um momento em que ele era o mais responsável, ele lutou com Deus e com o anjo. As referências a Deus e ao anjo refletem a experiência em Peniel (Gênesis 32: 24 p.) Onde, como resultado de sua luta, o nome de Jacob foi mudado para Israel - uma mudança indicativa de uma mudança dentro do homem.

A experiência de Jacó é um aviso e uma exortação. É uma advertência contra a vontade própria que leva ao papel de um suplantador, mesmo a lutar com Deus. No entanto, é uma exortação ao arrependimento e à renovação. Que o foco da ênfase de Oseas não é totalmente direcionado aos aspectos negativos da vida de Jacó é claro na afirmação de que Ele conheceu Deus em Betel, / e Deus falou com ele. A vontade própria e a alienação dão lugar a lágrimas e imploram a Deus (v. 4a), a atitude do penitente que efetua um novo relacionamento simbolizado na entrega de um novo nome, Israel para Jacó (ver Gênesis 32:28).). Existem melhores palavras de conselho para pessoas alienadas e distanciadas do que estas? Então, com a ajuda de seu Deus, volte, segure-se rapidamente. . . e espere continuamente pelo seu Deus. Dentro da graça do Senhor, os suplantadores ("Jacobs") podem ser renomeados como aqueles que se esforçam com Deus ("Israel"). O ignomínio e a vergonha dos dias desperdiçados podem ser perdoados e a vida redimida. Esta é a maravilha de ser um povo de Jacob.

(3) Decepção e False Security (12: 7-8)

> *7 Um comerciante, em cujas mãos são saldos falsos,*
> *Ele adora oprimir.*
> *8 Efraim disse: "Ah, mas eu sou rico,*
> *Eu ganhei riqueza para mim mesmo ";*
> *mas todas as suas riquezas nunca podem compensar*
> *a culpa que ele sofreu.*

Trader (*kᵉna'an*) é uma caracterização desprezível de Israel pelo nome Canaan. A palavra *kᵉna'an* significa comerciante e foi usada pelos cananeus por causa de sua reputação de comerciantes itinerantes (Provérbios 31:24 ; Jó 40:30 ; Eze. 17: 4). Israel perdeu sua identidade como povo de Deus e agora pode ser endereçado pelo nome das pessoas que habitavam a terra: Canaanita ou comerciante. Ela mantém falsos equilíbrios na mão (ver Amós 8: 5) e ama-se - provavelmente uma acusação de Israel para a opressão social semelhante à condenada nas denúncias denunciadas de profetas, como Amós (cf. 2: 6ss ;8: 4ss.) ou Miqueias (ver 2: 1ff .; 6: 10ff.).

Quase tão grave como a opressão social que caracterizou Israel (v. 8) foi a maneira flagrante em que ela se exonerou, confiante de que sua riqueza justificou os meios pelos quais ela a obteve - confiante também de que a iniqüidade de seu pecado nunca seria encontrado. Oséias e João do livro do Apocalipse ecoam a voz contínua daqueles que se enriqueceram à custa de sua integridade (Apocalipse 3:17). Mas esse não é o choro constante da respeitabilidade, Ah, mas eu sou rico, ganhei riqueza para mim? A

arrogância flagrante de tais opressores é clara. O RSV traduz v. 8bcom uma série de terceiro pronome singular masculino, apesar da presença dos pronomes da primeira pessoa no texto hebraico. O versículo é universalmente admitido como difícil, mas uma tradução como a seguinte é totalmente justificável: "(Em) toda a minha riqueza não encontrarão (na) iniqüidade (tortura) que é pecado" (ver Ward, p. 208). Este é o grito constante e autoconfiante de homens que acreditam que estão além de descoberta ou condenação. Seu nome é Legion hoje que compartilha essa convicção.

(4) O homem pode enganar o Senhor? (12: 9-11)

> *9 Eu sou o SENHOR, seu Deus*
> *da terra do Egito;*
> *Eu mais uma vez farei você morar em tendas,*
> *como nos dias da festa designada.*
> *10 Falei com os profetas;*
> *Foi eu quem multiplicou visões,*
> *e através dos profetas deram parábolas.*
> *11 Se houver iniqüidade em Gilead*
> *eles certamente não irão ter nada;*
> *Se em Gilgal sacrificarem touros,*
> *seus altares também devem ser como montes de pedras*
> *nos sulcos do campo.*

O uso contínuo da primeira pessoa como sujeito da ação na vv. 9-11 sugere que se confronte um discurso divino unificado nesta conjuntura. Em resposta à afirmação autoconfiante de que ninguém conhecerá os pecados sociais descritos em 12: 7-8 , certamente ninguém irá julgar, há a afirmação de que o Senhor não pode ser enganado. Ele não só sabe, mas atuará dentro da história para corrigir os erros. A passagem afirma a justiça de Deus em sua insistência sobre a ação do Senhor (v. 9), valida o ministério dos profetas como homens enviados pelo Senhor (v. 10) e insiste em que o julgamento venha sobre a iniqüidade de Israel (v. 11).

O mesmo Deus, o Senhor, que tirou Israel do Egito, pode enviá-los para um novo exílio. A festa é provavelmente o Tabernáculo, um tempo na queda do ano em que as pessoas construíram estandes temporários ou "lean-tos" como um meio de recriar a experiência de libertação. O humor ameaçador é óbvio: o Senhor fará morar Israel em tendas (vivas em verdadeiras). Uma nova errância é iminente. O Senhor, que deu a terra, pode retomá-la, e com ela a prosperidade e a riqueza das quais Israel se gabava. Além disso, o Senhor revelou seus propósitos através dos profetas, suas visões e suas parábolas. Conseqüentemente, se houver iniqüidade em Gilead, você pode ter certeza de que isso não será nada. Gilgal se tornará como montão de pedra - um jogo óbvio em palavras, pois Gilgal significa "um círculo de pedras" (ver BID , EJ, pág. 398).

(5) Patriarca ou Profeta? (12: 12-14)

> ***12 (Jacó fugiu para a terra de Aram,***

Israel serviu para uma esposa,
e para uma esposa ele reuniu ovelhas).
13 Por um profeta, o Senhor trouxe Israel do Egito,
E por um profeta ele foi preservado.
14 Efraim deu provações amargas;
então o Senhor deixará o seu golpe de sangue sobre ele,
e voltará sobre ele suas censuras.

Com v. 12, Oseias retorna ao tema de Jacob. Seu propósito é contrastar a ação de Jacó nos primórdios de Israel (v. 12) com a libertação do Senhor do Egito através de um profeta (v. 13). Mays sugere que, durante os últimos anos da história da nação, muitos provavelmente vieram enfatizar a promessa aos patriarcas, central para a qual foi a ênfase na perpetuidade da terra. A aliança com os patriarcas levou a uma concepção estática da benção que acumulou para o povo de Deus. A aliança com Moisés e todo o evento do Êxodo foi mais dinâmica e enfatizou o aspecto redentor da aliança em oposição a uma concepção mais estática das eleições. Ao mesmo tempo, enfatizava mais fortemente do que a aliança patriarcal a natureza condicional do relacionamento da aliança.

O objetivo de Oseias em vv. 12-13 é ampliar a tradição do Êxodo. Sua tese é clara. Jacob fugiu para Aram para procurar uma esposa, dando-se como um servo bondoso no processo (v. 12). Mas o Senhor entregou Israel do Egito por um profeta, provavelmente se referindo a Moisés (v. 13 , também a tradição de Deuteronômio). Conforme Mays conclui: "O profeta, e não a tradição de Jacó, deve receber a atenção do Israel contemporâneo" (p. 170).

Efraim deu uma provocação amarga é uma acusação que, no contexto da vv. 12-13 , sugere que Israel deu ênfase às implicações da tradição de Jacó e da aliança patriarcal à custa da tradição do Êxodo. Eles foram culpados dessa visão estática da religião, que pressupõe que, porque alguém é parte do povo de Deus, as bênçãos da aliança são automaticamente sua perpetuidade: "Temos Abraão como nosso Pai" (Mateus 3: 9)). O Senhor deixará aqueles com uma visão tão estática da experiência religiosa em seu conflito de sangue. . . e voltará sobre ele suas censuras. Uma visão dinâmica da vida da aliança que está vinculada à concepção da graça de Deus como o poder motivador na eleição redentora e a demanda de Deus sobre a comunidade da aliança libertarão o povo de Deus do erro de Efraim.

IV. Os Caminhos da Morte e da Vida (13: 1-14: 9)

A retrospectiva histórica como uma pista para a autocompreensão de Israel é em grande parte terminada com o capítulo 12 , e um novo motivo emerge nos capítulos 13-14 . Enquanto o capítulo 13 faz referências ao passado de Israel, especialmente à sutil tentação do Baalismo e ao primado da experiência do Êxodo, estes são um tanto entre parênteses. Eles são subservientes a outro propósito do que o esclarecimento das crises atuais de Israel por reflexão histórico-teológica sobre o passado. A unidade maior reflete a mesma escolha final descrita pelo Deuteronômio: "Veja, presenciei hoje o dia a vida e o bem, a morte e mal "(Deuteronômio 30:15). Capítulo 13é uma declaração claramente articulada sobre a morte da nação, provavelmente refletindo aqueles dias

imediatamente adjacentes à queda de Samaria. O capítulo 14 é uma declaração igualmente apontada sobre o caminho da vida e da esperança. O profeta está completamente comprometido com a premissa de que a rebelião contra Deus leva à morte (cap. 13). Ele está igualmente convencido de que o arrependimento e a renovação levam à vida (cap. 14).

1. Rebelião Contra Deus cabe à Morte (13: 1-16)

Os comentaristas concordam sobre a natureza ameaçadora de 13: 1s. Ele ilustra a tese de que a revolta contra o salvador leva à morte (Wolff, BK , p. 285). É um relato do fim de Efraim (Weiser), o julgamento final (Rudolph), uma descrição desse processo envolvido no movimento da vida até a morte (Ward); e reflete aquela época em que a morte toma conta (Mays). O capítulo soa o sinal de morte para Israel, e a imagem sóbria com a qual ele fecha é um comentário triste, mas preciso sobre o destino daqueles que abandonam o Senhor. As quatro unidades do complexo maior estão de acordo sobre a singularidade do Senhor. Além dele, não há glória nacional (v. 1-3), nenhum outro salvador (vv. 4-8), nenhum outro rei (vv. 9-13), e nenhuma outra fonte de vida (vv. 14-16).

(1) Nenhuma outra glória (13: 1-3)

> [1] *Quando Efraim falou, os homens tremiam;*
> *Ele foi exaltado em Israel;*
> *mas ele cometeu culpa através de Baal e morreu.*
> [2] *E agora eles pecam cada vez mais,*
> *e faça para si imagens fundidas,*
> *Ídolos habilidosamente feitos de prata,*
> *todos eles o trabalho dos artesãos.*
> *Sacrifique a estes, dizem eles.*
> *Homens beijam bezerros!*
> [3] *Portanto, eles serão como a névoa da manhã*
> *ou como o orvalho que vai cedo,*
> *como a palha que remonta da eira*
> *ou como fumaça de uma janela.*

A forma profética do discurso é uma palavra de julgamento clara composta tanto de uma acusação (v. 1-2) quanto de um veredicto (v. 3). Oséias descreve aquele tempo em que a força da tribo de Efraim era tal que outras tribos tremiam, um tempo em que Ephraim era exaltado em Israel. A proeminência de Efraim é um tema comum dentro do Antigo Testamento, tanto assim que Oséias pode às vezes usá-lo como sinônimo de todo o Reino do Norte (ver também a benção de Efraim, Gênesis 48: 1 , Judg. 8 : 1-4). O status e a influência do passado, para não falar de glória, eram Efraim por causa do relacionamento que ele sustentava com o Senhor. A morte de Efraim aconteceu muito antes da morte real da nação. A morte de Efraim ocorreu quando o Senhor foi desviado em favor de Baal (v. 1).

A acusação continua enquanto Osseus descreve a apostasia presente de Efraim, pecando cada vez mais fazendo imagens motas, ídolos feitos habilmente de suas réplicas prateadas, em miniatura, do bezerro dourado em Betel. A adoração de suas imagens é clara na declaração, os *homens beijam bezerros.* Beijar a imagem do bezerro aparentemente era um aspecto do ritual cananeiro (1 Reis 19:18).

O veredicto (v. 3) segue rapidamente após a acusação (vv. 1-2). Nenhuma nação, nenhum indivíduo, pode esperar alcançar continuidade ou permanência, além da identificação com os propósitos de Deus. O que é duradouro, caracterizado por estabilidade e significado, é, em última análise, ligado a Deus. Em sucessão rápida, Oséias usa quatro metáforas gráficas para caracterizar o caráter evanescente e fugaz daqueles que procuram criar sua própria segurança, ou de outra forma ordenar a vida além do propósito de Deus. Eles são como a névoa da manhã. . . o orvalho. . . a palha. . . fumaça. O ponto de Oseias é claro. Não há glória, nenhuma conquista de finalidades previstas para além do Senhor. Quando Efraim o abandonou, perderam sua posição de liderança. Os homens já tremem em Israel, Efraim está morto. A nação já orgulhosa já se foi - como a fumaça da janela que desapareceu.

(2) Nenhum Outro Salvador (13: 4-8)

4 Eu sou o SENHOR, seu Deus
da terra do Egito;
você não conhece nenhum deus senão eu,
e além de mim não há salvador.
5 Foi eu quem te conheci no deserto,
na terra da seca;
6, mas quando eles alimentaram o máximo,
Eles foram preenchidos, e seu coração foi levantado;
então eles me esqueceram.
7 Então eu vou ser como um leão,
Como um leopardo, esconderia ao lado do caminho.
8 Eu cairei sobre eles como um urso roubado de seus filhotes,
Vou abrir o peito,
e lá os devorarei como um leão,
como uma fera selvagem rasgaria-os.

O tema da acusação (v. 4-6), seguido do veredicto (v. 7-8), continua enquanto oséias enfatizam a singularidade do Senhor e a ingratidão do atendente de Israel. Ele tece a tradição do Êxodo e o tema do deserto em uma ênfase coerente sobre a ação incomparável de Deus.

Eu sou o Senhor é um meio único de auto-afirmação pelo qual o Senhor sublinha sua singularidade para o povo de Deus. É significante que das 167 ocorrências da frase *"Yahweh* no Antigo Testamento 145, ou 86 por cento, ocorrem em livros ou seções de livros que, por todos os cânones de crítica, estão geralmente associados ao período

do Exílio ou ao Êxodo real . Essas ocorrências são Êxodo, 17 ; Leviticus (especialmente o Código de Santidade, 17-26), 49; Isaías 40-66 , 15 ; Ezequiel, 64. O padrão de uso associa a frase com um contexto cultural não-israelita. A frase era uma afirmação distinta e característica da singularidade de Yahweh na presença de outras divindades (ver BBC, Vol. 1, pág. 368).

Você não conhece nenhum deus, exceto eu, é totalmente consonante com o primeiro preceito no Decálogo: "Você não terá outros deuses antes de mim" (Ex. 20: 3). Essa singularidade, tal como implícita na v. 4a, é logicamente expressa na conclusão, Além de mim, não há salvador. Voltando ao motivo do deserto, o profeta afirma que o Senhor *conheceu* Israel no deserto, usando uma construção que remove qualquer dúvida sobre a natureza pessoal e experiencial do conhecimento amoroso:

"Eu, eu conheci você no deserto". Esse conhecimento é muito mais do que uma mera consciência intelectual e sugere o cuidado que o Senhor manifestou durante o período da permanência. A singularidade do Senhor constitui o primeiro elemento da acusação.

O segundo aspecto da acusação retrata a propensão de Israel para esquecer o Senhor. O livro do Deuteronômio, que tem muitas afinidades próximas com Oséias, adverte repetidamente contra o esquecimento do Senhor - mais positivamente, de lembrar o que o Senhor fez. Israel foi especificamente advertido contra o tempo em que eles poderiam esquecer que o Senhor lhes deu cidades que não construíram, cisternas que não cavaram, etc. (Deuteronômio 6: 10ss). O aviso é claro: "não se esqueça do Senhor" (Deuteronômio 6:12). Com a fome e a necessidade do deserto atrás deles, confrontados com plenitude e orgulho, eles me esqueceram. As palavras de Rudyard Kipling são apropriadas para o povo de Deus, qualquer que seja a era: "Senhor, Deus dos exércitos, esteja conosco ainda, para que não esqueçamos".

O veredicto é inequivocamente claro. Aquele que já foi pastor do rebanho virará o rebanho sob a forma da besta selvagem da qual ele defendeu o rebanho. Em uma série rápida de figuras de animais, o Senhor é comparado a um leão, um leopardo e um urso, uma fera selvagem. A analogia é chocante mas precisa - o Senhor da história fará justiça através do trabalho de eventos históricos.

(3) Nenhum outro rei (13: 9-13)

9 Eu destruirei você, ó Israel;
quem pode ajudá-lo?
10 Onde agora é seu rei, para salvá-lo;
onde estão todos os seus príncipes, para defendê-lo -
aqueles de quem você disse,
"Me dê um rei e príncipes"?
11 Eu lhe dei reis na minha raiva
e eu os tirei na minha ira.
12 A iniqüidade de Efraim está ligada,
Seu pecado é mantido na loja.
13 As dores do parto vêm para ele,

mas ele é um filho imprudente;
por enquanto ele não se apresenta
na boca do útero.

Se os oseus se opuseram a toda a concepção do reinado de uma maneira comparável à visão antimonárquica do livro de Samuel ou se ele se opunha ao kingship como ele. desenvolvido em Israel tem sido debatido há muito tempo. Com sua maneira corporativa de ver a história total de Israel, talvez ele não fizesse nenhuma distinção entre os dois. Mas se ele se opôs ao kingship como tal ou a instituição como foi expressa em sua geração, Oseias afirma claramente a futilidade do reinado. O discurso divino (ver o uso da primeira pessoa) assume a forma de disputa, ou discurso argumentativo, que contém elementos de julgamento e aviso. Pode muito bem ter sido entregue durante uma controvérsia entre Oséias e as pessoas.

O fundamento do discurso de julgamento é apresentado na declaração sobre o reinado (v. 9-10). A ineficácia da realeza é claramente refletida na afirmação da intenção do Senhor de destruir Israel e a ênfase que ela envolve sobre a incapacidade de qualquer um para ajudar. De um povo que buscou orgulhosamente um rei (ver 2 Sam. 8), o Senhor pergunta: Onde agora é o seu rei? Os reis na minha ira podem refletir a fonte antimonárgica de 1 Samuel, que afirma que, ao rejeitar Samuel, o povo realmente rejeitou o Senhor (ver 1 Sam. 8: 7). Este ato inicuo de Israel é selado, vinculado por um dia de avaliação, tanto quanto os registros legais do dia foram armazenados por um tempo posterior. Oséias assim ligou a morte da nação com o fracasso da realeza, provavelmente interpretando toda a realeza como uma abberração da vontade divina ao tempo de Samuel. Em última análise, não pode haver rei senão Yahweh.

A morte da nação não veio sem a oportunidade de renovação e nova vida. Não foi que Israel não teve a oportunidade de começar de novo, o que é que, em sua rebelião, ela se recusou a iniciar tal renovação. Atribuindo a autodeterminação e a vontade para um bebê não nascido, os oseus compararam a Inacção de Israel com um filho inconsciente cujo tempo de entrega veio, mas que não se apresenta na boca do útero. O feto que não sai do útero, seja qual for a razão fisiológica, enfrenta certa morte. Uma nação como Israel, o povo de Deus de qualquer época, que recusam a vida quando é oferecida não pode antecipar nenhum destino melhor do que a morte que Israel experimentou nas mãos da Assíria.

(4) Não Outra Esperança (13: 14-16)

14 Vou resgatá-los do poder do Seol?
Devo resgatá-los da morte?
O Morte, onde estão suas pragas?
O Sheol, onde é sua destruição?
A compaixão está escondida dos meus olhos.
15 Embora ele possa florescer como a planta de junco,
o vento do leste, o vento do Senhor, virá,
saindo do deserto;
e a sua fonte secará,

Sua primavera deve ser seca;
tira o tesouro dele
de todas as coisas preciosas.
16 Samaria deve suportá-la construída,
porque ela se rebelou contra o seu Deus;
eles devem cair à espada,
os seus pequeninos devem ser divididos em pedaços,
e suas grávidas ficaram abertas.

Os poderes da vida e da morte estão nas mãos do Senhor. Não há outra esperança para o homem do que a comunhão ininterrupta com ele através dos laços da aliança. Diante da luta da vida e da morte do povo de Deus, o que o Senhor deve fazer? Ele os resgatará do poder do Sheol? Devo resgatá-los da morte?

Ou ele deve permitir que a morte tenha influenciado, aniquilando o povo de Deus por sua obstinação e rebelião, como expressado em sua recusa em reivindicar a oportunidade de vida e renovação enquanto a oportunidade ainda era viável?

Paul ; took a positive view of Oseias's statement, probably following the Septua-gint at ^his point: "O death, where is thy victory? O death, where is thy sting?" (1 Cor. 15:55). The Septuagint supports the indicative rather than the interrogative mood: "I shall rend them out of the hand of death, and I shall redeem them out of death." The question of the RSV is not clear from the Hebrew text, which may be read as either an indicative or an interrogative. The crux of the interpretation rests in v. 14b, Compassion is hid from my eyes. The point seems clear. The Lord will no longer have compassion; there is an end to the patience of God. Consequently the answer to the two rhetorical questions in v. 14a é não. O Senhor não os resgatará do poder do Seol. Ele não os redimirá da morte. Em vez disso, ele chama a Death and Sheol para trazer o seu pior: ODeath, existem suas pragas? O Sheol, onde é sua destruição?

Os versículos finais do parágrafo descrevem a certeza da aniquilação, à medida que a morte e o seletor se elevam contra a terra. Embora Efraim floresça por algum tempo, ele logo se seca, assim como a planta de junco diante do vento quente da tempestade no deserto, o vento do Senhor que seca a terra, tirando-a da vida. A morte horripilante de Samaria é assistida por abusos grotescos: os seus pequeninos serão quebrados em pedaços, e suas mulheres grávidas se abriram (cf. Amós 1:13; 2 Reis 15:16 ; 17: 5).

2. Arrependimento e Renovação Líder à Vida (14: 1-9)

Como julgamento e salvação são entrelaçados na unidade de abertura do livro (capítulo 1-3), então, na seção de encerramento, a morte e o Efe, julgamento e salvação, constituem os pólos opostos da palavra profética. Wolff sugere que a observação de Lutero: "Onde há o perdão dos pecados, também há vida e felicidade", encontra uma ilustração muito mais antiga no capítulo de encerramento de Oséias (Wolff, BK , pág. 309). Temáticamente, o capítulo 14 está intimamente relacionado com o capítulo 11 , especialmente na ênfase comum sobre o amor de Deus.

Central para 14: 1-3 é a referência ao Senhor na terceira pessoa, enquanto em 14: 4-8 há o discurso divino caracterizado pelo uso da primeira pessoa. A estrutura básica é simples: um apelo para retornar (v. 1-2a), seguido por um modelo para a confissão do penitente (vv.2b-3), e a resposta do Senhor ao arrependimento de seu povo (vv. 4-8). Todo o livro está fechado por um apelo de sabedoria, em anexo, como uma exortação sumária pelo discípulo profético que deu ao livro sua estrutura atual (v. 9).

(1) The Wanderer e o Call to Return (14: 1)

> [1] *Volta, ó Israel, ao Senhor, teu Deus,*
> *pois você tropeçou por causa da sua iniqüidade*

O chamado profético v. 1 é essencialmente uma palavra solicitada, uma exortação para retornar ao Senhor. Não é, como no caso de 2: 4f .; 4:15 ; 8: 5a (cf. 10:12 ; 12: 7), constituem um aviso de julgamento iminente, pois em 14: 1f . O julgamento é uma realidade que está por trás do povo de Deus. O ponto é claro: o Senhor, Deus de Israel, fará um novo começo. O vagabundo que tropeçou ao longo do caminho precisa apenas retornar em penitência e fé para experimentar e renovar a vida. Retorno (*shub*) é a palavra usada caracteristicamente no hebraico bíblico para descrever esse giro que é o acompanhamento do verdadeiro arrependimento. Deve haver um estante na vida do rebelde, pessoas errantes de Deus antes que a renovação e recreação da vida possam surgir. O chamado profético é uma aprovação perene: sem arrependimento, não pode haver salvação (Rudolph, p.240).

Tropeçar é uma figura de fala comumente usada para sugerir o infortúnio (N ° 2: 5 , Isaías 63:13 , Prov. 24:17), mas especialmente do juízo divino (Provérbios 4:19 ; 24:16 ; Jer. 20:11 , Dan. 11:14 , 35). É usado não menos de seis vezes em Oséias, em cada instância, significando o aspecto negativo dos homens que perdem o caminho (cf. Hos. 4: 5 ; 5: 5 ; 14:10, 12).

(2) The Way Back for Wayward Believers (14.2-3)

> [2] *Leve com você as palavras*
> *e volte para o Senhor;*
> *diga a ele*
> *"Tire toda a iniqüidade;*
> *aceite o que é bom*
> *e vamos renderizar*
> *O fruto dos nossos lábios.*
> [3 A] *Assíria não nos salvará,*
> *não iremos cavalgando sobre cavalos;*
> *e não diremos mais: "Nosso Deus"*
> *para o trabalho de nossas mãos.*
> *Em ti, o órfão encontra piedade ".*

Central para qualquer retorno ao Senhor é a confissão, petição e compromisso apropriados. Oséias exorta Israel a oferecer palavras ao Senhor (v. 2a) e ele diz o que deveriam dizer (vv.2b-3). Retornar sozinho não é adequado, Israel deve tomar. . . palavras. Ninguém deve assumir que Deus pode ser coagido ou cajado na renovação da comunhão. Deus não precisa das palavras de Israel, mas Israel precisa desesperadamente articular especificamente sua petição, bem como sua contrição e compromisso.

O conteúdo específico das palavras que o povo de Deus deve tomar ao retornar ao Senhor é claramente indicado na forma de confissão misturada com súplica e compromisso (v. 2b), bem como a desaprovação das características que foram amplamente responsável por essa fenda que surgiu entre o Senhor e seu povo (v. 3).

O modelo de Oséias para um serviço de penitência começa com uma súplica que, em grande medida, é uma confissão. Pergunte: Oséias instrui, o Senhor a tirar toda a iniqüidade; aceite o que é bom. A frase o fruto dos nossos lábios é provavelmente uma referência à oração, embora possa ter referência ao bom discurso de um homem justo (Prov. 13: 2 ; 12:14) e, se assim for, pode paralelar a referência anterior a o bom. Israel do dia dos Oásis tinha sido especialmente tentado a procurar a falsa ajuda da Assíria (5:13 ; 8: 9), depender do poder militar (8:14) e magnificar o culto de Baal, incluindo a fabricação de imagens (13: 2). Oséias ensina o povo de Deus a desautorizar esses aspectos externos. A Assíria não nos salvará, uma verdade incontestável para quem testemunhou a queda do reino. Os cavalos eram recursos preciosos para a guerra (Isaías 30:16 ; 31: 3 ; Deuteronômio 17:16), mas agora Israel promete que não cavalgamos em cavalos, ou seja, usar cavalaria. Também não dirão mais "Nosso Deus", ao trabalho das nossas mãos. O versículo inteiro é uma promessa que envolve total dependência do Senhor como garante da segurança do homem. Em ti, o órfão descobre que a misericórdia é um comentário editorial que ressalta a misericórdia de Deus. A frase sublinha a impotência do Israel penitente e a prontidão de Deus para agir com misericórdia.

(3) A Testemunha Divina (14: 4-8)

4 Eu curarei sua infidelidade;
Eu os amarei livremente,
pois minha raiva se afastou deles.
5 Eu serei como o orvalho para Israel;
ele florescerá como o lírio,
ele deve arcar como o álamo;
6 seus rebentos se espalharão;
Sua beleza deve ser como a azeitona,
e sua fragrância como o Líbano.
7 Devolverão e morarão debaixo da minha sombra,
eles florescerão como um jardim;
eles florescerão como a videira,
Sua fragrância deve ser como o vinho do Líbano.

8 Ó Efraim, o que devo fazer com os ídolos?
Sou eu quem responde e cuida de você.
Eu sou como um cipreste de folhas verdes,
de mim vem seu fruto.

A forma literária nestes versículos é a de um discurso divino, uma forma profética caracterizada pelo uso da primeira pessoa singular, como o Senhor fala. O Senhor testifica sobre sua própria ação em resposta ao serviço da penitência através da qual o povo foi liderado. O fundamento da renovação de Israel é claramente delineado através do uso de três frases separadas, cada uma introduzida pelo pronome da primeira pessoa: vou curar. . . Eu amarei . . . Eu serei como o orvalho. Em torno dessa estrutura triangular é reunida a benção e renovação do povo de Deus.

Primeiro, a infidelidade de Israel é uma doença que deve ser curada, "uma doença até a morte". No entanto, as imagens do médico e seu poder de cura não devem ser interpretadas de forma a deixar a impressão de que a doença de Israel é uma doença humana. A falta de fé a ser curada, sugere Rudolph, "é e continua a ser uma oposição deliberada contra a vontade de Deus" (p.251). Ainda que apropriado a analogia: o Senhor é aqui retratado como o médico divino que cura nossa doença. E nossa oposição decidida à vontade de Deus é uma doença, uma doença da veia mais séria. Em segundo lugar, eu os amarei livremente encapsula em forma de miniatura todo o capítulo 11 . A liberdade do amor de Deus por Israel, que se reflete tão claramente em 11: 8f . emerge no v. 4como o poder da vida e a fonte da cura para a doença mortal de Israel. A salvação do povo de Deus tem seu fundamento em nada mais do que o Senhor, e especialmente em seu amor. Em terceiro lugar, eu serei como o orvalho para Israel, uma figura bíblica comum que significa o poder refrescante e vivificante do Senhor. É usado no contexto da ressurreição e simboliza o poder vivificante do Senhor (Isaías 26:19). Aqui é sugerido o favor do Senhor.

Em uma estrutura tão triangular de cura, amor e favor, surge uma imagem da bem-aventurança de Israel após seu retorno ao Senhor. Os escritores bíblicos retratam frequentemente a natureza idílica da existência do homem através da imagem de um jardim, seja o jardim primitivo e seu simbolismo (Gen. 2: 15) ou aquele momento escatológico em que todo o deserto experimente a transformação (ver Isa . 35: 1 p. Ex.). Entre os profetas, Amós fecha com tal idealização (Amós 9:13) e Miqueias também, em menor grau (Mic. 7:14).

(4) A Sabedoria (14: 9)

9 Quem é sábio, que ele compreenda estas coisas;
quem discernir, faça-o conhecê-los;
pois os caminhos do Senhor estão certos,
e a caminhada vertical neles,
mas os transgressores tropeçam neles.

O versículo 9 destina-se a ser um resumo para todo o livro, e não apenas o capítulo de encerramento. Por isso, elogia o homem sábio para a compreensão do livro e do homem discernidor para experimentar de primeira mão (saber) as exortações, avisos e apelos

variados do livro. A razão para isso é declarada adiante - com razão: os caminhos do Senhor estão certos, e os justos (isto é, os justos) andam neles. Por outro lado, os transgressores tropeçam neles. Como no caso da cruz, segundo Paulo, "a palavra da cruz é loucura para aqueles que estão perecendo, mas para nós que somos salvos, é o poder de Deus" (1 Coríntios 1:18).

Joel

J. Hardee Kennedy

Introdução

Desastres naturais e sofrimentos humanos sempre fizeram exigências especiais sobre homens pensativos e responsáveis. Essas experiências muitas vezes se tornam ocasiões únicas para perguntas sérias e até mesmo definitivas. O livro de Joel é o registro de uma tal calamidade e os consequentes sofrimentos humanos. É também o testemunho de uma interpretação significativa dessa crise fornecida pelos recursos espirituais de um homem de fé. Consequentemente, o livro tem uma qualidade atemporal de ponto e pertinência para cada geração e para cada nova experiência de angústia profunda.

I. O Profeta

O profeta Joel é conhecido apenas pelo livro que tem seu nome. A inscrição (1: 1) indica três fatos explícitos: seu ministério profético, seu nome religioso popular e sua filiação a Pethuel. A informação complementar é em grande parte inferencial através de um estudo dos materiais literários que representam o seu ministério de pregação. Mas sua preocupação com o arrependimento genuíno e sua excelente habilidade literária, para citar apenas dois exemplos específicos, são igualmente claros.

O nome Joel significa que Yahweh é Deus. Obviamente, sua afirmação reflete a lealdade peculiar dos fiéis em Israel, um povo que adorou a Javé como o Deus que os redimiu e os alentou em si mesmo. Além disso, seu uso popular em Israel é atestado pelo fato de que outros doze homens, pelo nome de Joel, são mencionados em passagens do Antigo Testamento que representam o período de Samuel a Neemias.

Joel é identificado como um filho de Pethuel. A Septuaginta e Peshitta têm o nome variável Bethuel (ver Gênesis 22: 22-23). Mas esta nota sobre o fundo paterno não oferece ajuda para a identificação do profeta.

Joel aparentemente morava em Jerusalém. Referências à "cidade,. . . as paredes; . . . as casas, . . . as janelas "em sua descrição do ataque das gafanhas na cidade criam uma forte suposição (2: 6-9). Sua familiaridade com os ritos de sacrifício e seu apelo direto aos sacerdotes tornam a inferência ainda mais credível (1: 8-10 , 13-16).

Que o próprio Joel foi sacerdote é improvável. Ele é descrito no ministério de um profeta, não no papel de padre. Além disso, ele é representado como se dirigindo

objetivamente aos sacerdotes, aparentemente se distinguindo deles (1:13 ; 2:17). Novamente, as numerosas reflexões de seu conhecimento sobre as culturas e as pastagens e seus contatos familiares com as pessoas sugerem muito menos reclusão do que a normal para os sacerdotes.

II. Ocasião e finalidade

A ocasião para a profecia de Joel foi uma invasão da terra de Judá por uma praga de camponeses de proporções sem precedentes. Grandes enxames, talvez enxames sucessivos, de gafanhotos varridos pela terra (1: 2-7). Vinhedos, pomares e grãos foram devastados (1:10). Os materiais básicos necessários para sustentar as ofertas cerimoniais na casa do Senhor foram cortados (1: 9 , 13). Os homens viciados em vinho estavam desesperados, os fazendeiros ficaram perplexos e os sacerdotes sofreram (1: 5 , 9 , 11). Na verdade, toda a população foi levada a um estado de terror e fome (1:12 , 17). Aparentemente, a seca e o fogo adicionaram angústia ao sofrimento de homens e animais e garantiram a destruição de toda a vegetação na terra (1: 17-20).

O propósito de Joel era duplo: chamar o povo de Jerusalém e Judá ao arrependimento e anunciar a chegada iminente do dia do Senhor. A angústia e o sofrimento exigiram às pessoas um consenso sério com seus pecados e uma renovação do relacionamento com o Senhor (2: 12-17). Os gafanhotos e as secas do presente foram apenas sinais ameaçadores da visitação do Senhor no futuro (2: 1-11 ; 3: 1-17). Na busca deste objetivo, Joel exemplificou o gênio de um profeta, particularmente a capacidade de perceber a mão de Deus na história humana e discernir o significado mais profundo dos eventos atuais.

III. Caráter literário

Muitos intérpretes, desde os primeiros dias do movimento cristão até tempos comparativamente recentes, viram o livro de Joel como alegórico. Alguns consideraram sua mensagem como totalmente preditiva e futurista. As descrições dos gafanhotos e a desolação da terra são consideradas altamente aperfeiçoadas para se referir a uma invasão real de insetos. Os loucos retratados no segundo capítulo são identificados como os exércitos das nações pagãs descritos no terceiro capítulo (ver Apocalipse 9: 3ss). Os inimigos devem ser julgados e destruídos. O Senhor e seu povo devem ser triunfantes.

Mas falta evidência de uma interpretação simbólica dos gafanhotos. Na verdade, eles são comparados com um poderoso exército e soldados (2: 4-9). É mais improvável que um símbolo tenha sido comparado com a realidade. Além disso, o profeta exorta seus contemporâneos a reconhecer as terríveis circunstâncias de seus dias. Como uma comunidade prostrada, eles devem procurar a misericórdia do Senhor no arrependimento (1: 4-14 ; 2: 12-14). A mensagem de Joel surgiu, portanto, de eventos que já eram realidades sombrias. Essas realidades aparentemente se tornaram o pano de fundo para sua visão preditiva do futuro que se desenrolava.

Do ponto de vista literário, o livro de Joel cai em duas partes, 1: 2-2: 27 e 2: 28-3: 21 . A parte anterior é composta, em grande medida, de oratória profética. As circunstâncias atuais da extremidade humana foram a ocasião para exortar os homens ao arrependimento, com a esperança de que um maior sofrimento possa ser evitado. Tanto

na forma como no estilo, a mensagem é como a pregação apaixonada que caracterizou os profetas de Israel.

A última parte do livro é marcada pelas características gerais da visão apocalíptica. O movimento maciço e devorador dos gafanhotos aparentemente sugeriu a invasão de exércitos a uma batalha climática. A perspectiva é para o futuro, ominosa e impressionante. Imagens exageradas, especialmente aquelas tiradas dos céus misteriosos, as colinas acidentadas e os campos de batalha sangrentos, iluminam esse futuro com cores vivas e ações vivas. Numa cena que enche o palco da história, o Senhor intervém para julgar as nações e libertar o povo.

A visão de Joel é semelhante a outras passagens em livros proféticos onde o simbolismo visual e o drama abundam e onde o iminente triunfo do Senhor e seu povo é retratado. Para descrever tais passagens, os estudiosos empregam o termo técnico apocalíptico, derivado de um verbo grego que significa descobrir ou revelar. Mas os elementos de forma e assunto acima mencionados sugerem apenas uma diferenciação relativa dos materiais habituais de profecia.

Exemplos notáveis do apocalíptico no Antigo Testamento são Ezequiel 38-39 , Daniel 7-12 e Zacarias 9-14 . As linhas de desenvolvimento posterior podem ser traçadas nos inúmeros livros extrabíblicos que acentuam as peculiaridades deste tipo de literatura. Primeiro Enoch e o livro dos Jubileus são exemplos, provavelmente do período Maccabean. Superando toda uma gama de obras pseudônimas anteriores desse personagem, o livro de Apocalipse no Novo Testamento retém algumas das principais características. Neste grande Apocalipse, os símbolos misteriosos, as previsões de intervenção divina iminente e as promessas de ouro prometidas aos fiéis são os meios de comunicação para comunicar a esperança ao povo de Deus.

IV. Autoria e Unidade

O apocalíptico em Joel desenha sua substância religiosa essencial do "dia do Senhor", assim como os materiais apocalípticos em outros lugares nos livros proféticos do Antigo Testamento. Este termo representa uma expectativa de vida no pensamento religioso e fé dos israelitas. Nesse sentido, é semelhante às frases "naquele dia" (Isaías 2:20 , Zacarias 13: 1) e "nos últimos dias" (cf. Dn. 10:14 ; Mic. 4: 1). No uso geral, o termo é bastante indistinto em relação ao tempo, mas é com força em relação ao evento iminente. Não se identifica com pragas e convulsões na terra ou com sinais misteriosos nos céus; Em vez disso, seu contexto representa esses como acompanhamentos do dia, ou como tokens de sua proximidade.

Para Joel e outros, a certeza moral do dia do Senhor surgiu da fé no Deus que é criador e redentor. Ele e seu povo seriam vitoriosos sobre toda a oposição. Sua realeza justa seria reconhecida universalmente (Isaías 11: 9 , Zacarias 14: 9). Para atingir esse objetivo, ele atua como juiz e liberador.

Ao contrário da expectativa popular, Amós (*cerca de* 760 AC) insistiu que, para Israel, o dia traria julgamento em vez de alegria, a escuridão em vez da luz (Amós 5: 18-20). A mesma ênfase prevaleceu em outros profetas preexilicos que seguiram (Jeremias 4-6 , Zeph. 1: 7-18), embora, como Amós, eles tenham certeza de um entendimento divino com as nações também. Por outro lado, durante o exílio e depois

os profetas retrataram o dia como um tempo de desastre para as nações que oprimiram Israel. Um julgamento severo seria visitado nos gentios. Mas o Senhor interviria em uma libertação triunfante de Israel (Ezequias 38-39 ; Zacarias 12 ; 14). A última perspectiva marca a visão apocalíptica de Joel.

Mas o contraste entre 1: 2-2: 27 e 2: 28-3: 21 dificilmente pode ser interpretado como evidência segura de duas seções independentes. Não é necessário concluir que apenas o chamado ao arrependimento pode ser creditado a Joel, enquanto o restante do livro deve ser considerado uma adição posterior por escritores apocalípticos. Muito mais plausível é a suposição de que a mesma crise que moveu Joel para pregar o arrependimento projetou seus pensamentos também em grandes e impressionantes visões do futuro. A visão do dia do Senhor na primeira seção pode representar o desenvolvimento natural no pensamento do profeta. A evidência persuasiva reside no fato de que a passagem está ancorada solidamente ao seu contexto.

Além disso, com base no pressuposto anterior, o dia do Senhor se torna o tema unificador. A palavra profética não está ausente da última parcela, e a visão apocalíptica não é omitida na parte anterior. As promessas no final da primeira seção são climáticas pela promessa do derramamento do Espírito no início da segunda seção. O dia do Senhor, introduzido na parte anterior, torna-se um tema alargado na última parte, repetindo a previsão da guerra total e duplicando os símbolos estranhos da escuridão e do terremoto.

Certas outras opiniões sobre autoria e unidade são igualmente inconclusivas. Por exemplo, o livro foi considerado uma liturgia profética que foi usada como parte do festival do Ano Novo. A liturgia foi ampliada pela adição de fragmentos apocalípticos, incluindo as idéias religiosas tradicionais, e foi empregada em ocasiões posteriores no culto cerimonial. Mais uma vez, Joel foi visto como um profeta do templo. Isso não significa, no entanto, que a invasão de gafas era uma simples descrição metafórica de desastres em geral, pois o estresse e a vivacidade ultrapassam, de longe, os paralelos nas liturgias cultuais. Isso significa que o livro deve ser entendido como uma combinação de características culturais e históricas.Mas o que Joel funcionou como um profeta do templo não é conhecido. Se os materiais do livro continuaram em uso cerimonial em tempos de adversidade nacional após a era de Joel é incerto. A relação do livro com um festival do Ano Novo israelita, incluindo um reencontro cerimonial do rei e / ou Deus de Javé, é em grande parte inferencial de tais rituais entre outras culturas antigas do Oriente Próximo.

As questões sobre a unidade do livro não são confinadas, no entanto, à intrusão da visão apocalíptica na primeira seção (2: 1-11) e à mudança brusca da situação atual para a perspectiva futura na última seção (2: 28ff .). Há mudanças súbitas da primeira pessoa para a segunda e terceira pessoas (ver 1: 19-20 e 2: 1 f .; 2: 10-11 e 2:12 f .; 3:11 e 3:12). Há modulações curiosas de estilo e humor, incluindo o movimento rápido do verso para a prosa (ver 2: 28-29 e 2: 30 f .).

As mudanças rápidas na pessoa e na perspectiva, no humor e na matéria, não são essencialmente diferentes das de outros livros proféticos. Provavelmente refletem o pensamento intenso e a urgência moral do profeta. Provavelmente são os vívidos espelhos literários das dinâmicas espirituais pessoais que o fizeram ser o profeta que ele era.

Na verdade, não há um terreno adequado para assumir que os materiais do livro são diferentes do que parecem ser: oratório profético magistral que mistura uma narrativa oracular com apelo urgente e uma representação visual do futuro da maneira normal do apocalíptico. Parece melhor considerar o livro como o trabalho de um autor, embora uma história complexa de origens, uso e transmissão possa estar atrás do texto em sua forma atual.

V. Data e cenário histórico

O livro de Joel não pode ser datado com certeza. Possíveis evidências internas estão disponíveis, e estas são obscuras demais para fornecer uma resposta definitiva. Como resultado, as opiniões dos intérpretes são bastante divergentes. Duas datas primárias foram propostas, uma muito cedo e outra bastante atrasada, a primeira durante o reinado do rei Joás em Judá (*aproximadamente* 837 aC) e a segunda em tempos pós-xilic (*cerca de* 400 AC).

A tradição assume uma data inicial, possivelmente porque, na Bíblia hebraica, o livro aparece entre os de Oséias e Amós, profetas do século VIII. Talvez a tradição seja fortalecida pelo fato de que na Septuaginta ocupa o quarto lugar, depois de Miquéias. Mas a posição de um livro no cânon não é uma indicação segura de sua data, como estudos recentes nos livros de Jonah, Ruth e Daniel mostrarão.

A ausência de referência a um rei e a proeminência dos sacerdotes foram considerados evidências de apoio para uma data inicial. Essas circunstâncias parecem perfeitamente adequadas aos dias em que Joiada, o sumo sacerdote, governava o menino Joás (2 Reis 11: 1-21). Mas as mesmas circunstâncias são apropriadas para a comunidade judaica restaurada em Jerusalém após o exílio (ver Ezra-Nehemiah, Zacarias 1-8 , Ageu).

Certos argumentos para uma data tardia são igualmente inconclusivos. A omissão de referência ao Reino do Norte, como se já não existisse, não pode indicar nada mais do que a preocupação imediata do profeta pelo estado de coisas em Judá. A referência a Judá como Israel (2:27 ; 3: 2), considerada por alguns intérpretes como um uso impensável nos tempos preexilic, pode refletir a convicção do profeta de que Judá era o verdadeiro herdeiro de Jacó.

Ainda outros argumentos para as respectivas datas equivalem a cancelamento mútuo. A acusação de males específicos e as exigências de vida ética encontradas nos primeiros profetas (por exemplo, Amós, Isaías 1-12) não estão presentes, mas o apelo a "rasgar seus corações e não suas vestes" (2:13) dificilmente representa um substituindo a religião da liturgia e do legalismo. Em qualquer caso, oferendas de refeições e ofertas de bebidas, os dois rituais mencionados (1: 9 , 13), não eram exclusivamente de instituição tardia (2 Reis 16:13).

Além disso, os oráculos proféticos são marcados por uma expressão tão poderosa como os melhores materiais de pregação dos séculos oitavo e sétimo, ainda que os termos da provável data tardia aparecem. Mais uma vez, numerosas passagens são encontradas em paralelo substancial em outros escritos do Antigo Testamento, por exemplo, 1:15 e Isaías 13: 6 ; 2: 2 e Sofonias 1:15 ; 3:16 e Amós 1: 2 . Mas quem emprestou de quem é uma questão sujeita a argumentos contundentes de ambos os lados. Da mesma forma, o dia do Senhor não pode ser considerado como um novo

conceito, mesmo para a geração de Amós (cf. Amós 5: 18-20), enquanto a reunião das nações para o julgamento (3: 2 , 11-12) e o fluxo de um córrego do templo (3:18) são idéias proeminentes nos livros de Ezequiel e Zacarias (Eze. 38-39 ; 47: 1-12 ; Zacarias 12: 1-9 ; 14: 1- 7; 14: 8), ou seja, no século VI e mais tarde.

Três avisos históricos prometem a base para a determinação da data. Estes são a peste do gafanhoto (l: 2s.), O estado disperso dos Judá-los (3: 1-3) e a venda de judeus como escravos dos gregos (3: 4-6). Mas, como indicador da data, o aviso relativo aos gafanhotos é decepcionante. Os gafanhotos invadiram a terra nos dias de Joel, e a história da desolação sem precedentes deveria ser dita às gerações sucessivas. Mas não há registro em outro lugar desta catástrofe, e aconteceu em uma terra onde as invasões de agulha de menor gravidade eram bastante comuns.

A nota sobre o tráfico de escravos é obscura. Com certeza, os contatos dos gregos com a Palestina se tornaram diretos no século IV AC, mas o tráfico em que os fenícios e filisteus se envolveram vários séculos antes provavelmente resultou na revenda de judeus aos gregos e a outros povos distantes (Amos 1: 6-10).

O aviso remanescente parece implicar uma data pós-xilic. A expressão "restaurar a fortuna de Judá e Jerusalém" (3: 1) é ambígua. Enquanto o idioma pode referir-se à restauração do cativeiro, pode denotar, de acordo com o contexto, uma restauração da prosperidade e do favor divino, quando um retorno do cativeiro não está envolvido (ver Jó 42:10). Mas o povo de Judá é representado como disperso "entre as nações", que "dividiu" a terra (3: 2). A declaração total parece encontrar uma explicação adequada em um evento menor do que o exílio babilônico, começando em 586 AC

Em resumo, uma data pós-xilica em algum momento antes de 400 AC é provável em vista de dois fatores principais. Primeiro, o estado dos Judáhitas, dispersos entre as nações com suas terras divididas e com necessidade de restauração, parece logicamente pressupor o cativeiro babilônico. Em segundo lugar, os materiais apocalípticos, habilmente tecidos na mensagem como um todo, parecem representar estilo e conteúdo em uma fase de transição no desenvolvimento deste tipo de literatura. Mas esses fatores estão longe de serem conclusivos.

VI. Emphases religiosos

O ministério de Joel é um exemplo histórico da inspiração distintiva dos profetas. Presumivelmente, todas as pessoas de Judá estiveram envolvidas na crise de sofrimento e trauma. Aparentemente, Joel sozinho estava envolvido em uma crise de significado religioso e responsabilidade moral. Outros viram as hordas de gafanhotos. Ele discerniu as lições de Deus na história. A diferença entre Joel e os outros de sua geração distingue o pensamento e a consciência de um pregador profético em qualquer idade.

A mensagem de Joel enfatiza a preocupação do Senhor por toda a vida de seu povo. Nenhuma equação é estabelecida entre o grau de fidelidade a Deus e a medida da prosperidade material, pois nenhum é possível. Mas tampouco a separação é assumida entre desastre físico e desintegração moral, pois muitas vezes os dois estão inter-relacionados. O Senhor exortou o povo: "Ainda assim, agora mesmo. . . volte para mim. . . e rasgue seus corações "(2: 12-13). Ele também prometeu sobre o

arrependimento deles: "Eu vou restaurar a você os anos que o gafanhoto enxamete comeu" (2:25). Os compartimentos limpos e exclusivos de "físico e espiritual" e "secular e sagrado", não correspondem ao pensamento de Joel. A mensagem do profeta é um desafio direto à validade desses termos e aos conceitos básicos representados por eles. O verdadeiro Deus é o Senhor de todos.

Permeando o pensamento do profeta - talvez o conceito dominante - é a soberania moral de Deus. Porque o Senhor é justo e compassivo, ele falou através de Joel para chamar os infiéis em Israel do arrependimento. Com base na sua própria bondade e graça, ele anunciou perdão e abundantes favores ao penitente (2: 12-14 , 18-19). Porque o Senhor é esse tipo de Deus, "o dia do Senhor" é uma realidade no curso contínuo da história e nos assuntos atuais dos homens. Para ele, os homens e as nações são responsáveis. Por ele, são julgados.

Além disso, porque o Senhor é justo e misericordioso na totalidade da vida e da história humana, ele proclamou através de Joel o dia terrível da espada e da decisão, bem como o dia abençoado do espírito e do refúgio. No seu propósito, a história se move em direção a sua consumação moral. Assim, "o dia do Senhor" é antecipado como um culminante impressionante. A perspectiva para o futuro é dupla: o medo do julgamento e a alegria da redenção. A justiça deve triunfar completamente sobre a injustiça (3: 9-21).

Para Joel foi concedido o privilégio de revelar o propósito de Deus de "derramar". . . [seu] espírito em toda carne "(2: 28-29). O povo de Deus se tornaria profetas. Os intérpretes não seriam necessários, como antigamente. As palavras supremamente memoráveis foram aplicadas pelo apóstolo Pedro aos acontecimentos de época no Pentecostes após a ressurreição de Jesus (Atos 2: 14-21 , 37-39). Eles foram entendidos por Pedro e outros intérpretes do evangelho para ter referência universal aos crentes em Cristo (ver Hechos 10:45 , Rom. 10:12).

VII. Divisões do Capítulo

O texto hebraico de Joel é dividido em quatro capítulos, refletindo o trabalho dos Masoretes. Estes capítulos compreendem 1: 1-20; 2: 1-27; 3: 1-5; e 4: 1-21. Por outro lado, as versões possuem um arranjo de três capítulos. Consequentemente, nas versões inglesas, seguindo a Septuaginta e a Vulgata, os capítulos 2-3 do hebraico foram combinados em 2: 1-27, 28-32 . O esquema a seguir reconhece as duas grandes divisões que se refletem no arranjo Masoretic, mantendo os números de capítulo e verso normais nas versões em inglês.

Esboço

1. A inscrição (1: 1)

I. Uma palavra profética (1: 2-2: 27)

   1. Destruição sem precedentes por uma praga de gafanhotos (1: 2-12)
   2. Exortação urgente ao jejum e à oração (1: 13-18)
   3. Adicionado a desolação pelo fogo e pela seca (1: 19-20)
   4. Imminência prescrita do dia do Senhor (2: 1-11)

5. Chamada insegura ao arrependimento (2: 12-17)
6. Promessas restaurativas para pessoas arrependidas (2: 18-27)

II. Uma visão apocalíptica (2: 28-3: 21)

1. Evacuação do Espírito do Senhor (2: 28-29)
2. Libertação de um restante arrependido de Israel (2: 30-32)
3. Julgamento das nações em relação a Israel (3: 1-3)
4. Condenação da Fenícia e da Filostia (3: 4-8)
5. Convocação das nações para o dia do Senhor (3: 9-17)
6. A restauração de Judá contrastava com as nações (3: 18-21)

Bibliografia selecionada

ANDERSON, GW *Uma Introdução Crítica ao Antigo Testamento.* Londres: Duckworth, 1959.

BROCKINGTON, LH "Joel", *o comentário de Peake sobre a Bíblia.* Londres: Thomas Nelson e Sons, rev. ed., 1967.

DRIVER, SR *The Books of Joel e Amos, com Introdução e Notas.* ("The Cambridge Bible for Schools and Colleges"). Cambridge: University Press, 2. ed., 1915.

KAPELRUD, ARVIN S. *Joel Studies.* Uppsala: AB Lundequistska Bokhandeln, 1948.

KRAELING, EMIL G. *Comentário sobre os profetas,* Vol. II. Camden, Nova Jersey: Thomas Nelson and Sons, 1966.

MYERS, JACOB M. *Oséas, Joel, Amós, Obadias, Jonas.* ("The Layman's Bible Commentary"). Richmond: John Knox Press, 1960.

NIEL, W. "Joel, livro de", *o dicionário da bíblia do intérprete,* Nashville: Abingdon Press, 1962, vol. EJ.

ROBERTSON, JAMES. "Joel", a *enciclopédia da Bíblia Padrão Internacional.* III. Chicago: Howard-Severance, rev. ed., 1929.

ROWLEY, HH *A Relevância do Apocalíptico.* Nova York: Harper e Row, rev. ed., 1963.

RUSSELL, DS *O Método e a Mensagem do Apocalíptico Judaico.* ("Biblioteca do Antigo Testamento".) Filadélfia: The Westminster Press, 1964.

SMITH, GEORGE ADAM. *O Livro dos Doze Profetas,* II. Nova York: Harper e Brothers, rev. ed., 1928.

THOMPSON, JOHNA. "O Livro de Joel", *A Bíblia dos Intérpretes,* VI. Nashville; Abingdon Press, 1956.

WADE, GW "Introdução a Joel", *The Books of the Prophets* ("Comentários de Westminster") Londres: Methuen and Co., 1925.

WATSON, W. GLADSTONE. "Joel", *o comentário bíblico de Abingdon.* Nova York: Abingdon Press, 1929.

Comentário sobre o texto

A Superscrição (1: 1)

[1] ***A palavra do SENHOR que veio a Joel, filho de Pethuel:***

As palavras de abertura atestam as credenciais do profeta. A palavra do Senhor. . . veio para Joel. (cf. Hos. 1: 1 ; Mic. 1: 1 ; Zeph 1: 1). Eles representam uma fórmula profética comum associada à palavra do Senhor (ver 1 Sam. 15:10 ; 1 Reis 16: 1 , Jeremias 1: 2). A mensagem que Joel entregou não se originou com ele. Ele tinha uma palavra do Senhor, supremamente autoritária e importante.

I. Uma Palavra Profética (1: 2-2: 27)

A primeira ampla divisão do livro, 1: 2-2: 27 , representa a pregação de força e vivacidade extraordinárias. Circunstâncias de extrema destruição física e angústia humana agitaram a capacidade emocional total de Joel. Ele provou ser um porta-voz público magistral e um orador poético capaz.

A profunda fé religiosa do profeta inspirou uma resposta sensível às implicações morais do sofrimento de seu povo. Ele foi movido a anunciar corajosamente o julgamento do Senhor e apelar com compaixão pelo arrependimento genuíno.

1. Devastação sem precedentes por uma praga de gafanhotos (1: 2-12)

[2] *Ouça isso, você envelheceu homens,*
Ouça, todos os habitantes da terra!
Tem acontecido algo assim nos seus dias,
ou nos dias de seus pais?
[3] *Informe seus filhos sobre isso,*
e deixe seus filhos contarem aos filhos,
e seus filhos, outra geração.
[4] *O que o gafanhoto de corte deixou*
O gafanhoto em vaso comeu.
O que o gafanhoto pululando deixou,
o gafanhoto salteado comeu,
e o que o gafanhoto saltou,
O manuscadeiro destruído comeu.
[5] *Desperte, você bêbado e chora;*
e lamento, todos os bebedores de vinho,
por causa do vinho doce,
pois é cortado da sua boca.
[6] *Porque veio uma nação contra minha terra,*

poderoso e sem número;
seus dentes são dentes de leões,
e tem as presas de uma leoa.
7 Isso desperdiçou minhas vinhas,
e quebrou minhas figueiras;
tirou a casca e atirou-a;
seus ramos são feitos de branco.
8 Lamentar como uma virgem cintilada com saco
para o noivo de sua juventude.
9 A oferta de cereais e a oferta de bebidas são cortadas
da casa do Senhor.
Os sacerdotes lamentam,
os ministros do SENHOR .
10 Os campos são destruídos,
o campo chora;
porque o grão é destruído,
o vinho falha
o óleo languidece.
11 Seja confundido, ó pastores do solo,
wail, O vinedressers,
para o trigo e a cevada;
porque a colheita do campo pereceu.
12 O vine withers,
A figueira languidece.
Pomegranate, palma e maçã,
todas as árvores do campo estão secas;
e a alegria falha
dos filhos dos homens.

Joel exortou seu povo a uma reflexão séria sobre a calamidade que havia caído sobre a terra. Ouça. . . dar ouvidos,. . . Diga aos seus filhos. Sua abordagem era direta; Suas palavras eram vigorosas e urgentes. Sua mensagem foi dirigida a todos os habitantes da terra. Todos estavam envolvidos nas condições de sofrimento e tristeza. Todos foram obrigados a considerar o significado de suas terríveis experiências, e todos precisavam de uma palavra de direção de Deus.

O profeta declarou a atual calamidade tão severa quanto sem precedentes. Para estabelecer este ponto, ele se dirigiu aos homens idosos em particular. Nem mesmo aqueles com o maior período de experiência seriam capazes de recordar um paralelo.

Do mesmo modo, o profeta declarou as circunstâncias tão terríveis como inesquecíveis. Gerações sucessivas, seus filhos. . . seus filhos. . . outra geração, teria motivo para transmitir uma conta, com medo.

A calamidade inesquecível e sem precedentes foi uma praga catastrófica de gafanhotos. Quatro palavras de ação hebraicas foram empregadas para descrever o movimento e a destrutividade dos insetos, a saber, cortar o gafanhoto (iluminado, cortador) empanhando o gafanhoto (lit., swarmer), saltear o gafanhoto (litro, funil) e destruir o gafanhoto (iluminado ., destruidor). A idéia de raiz do primeiro termo é cortar, ou possivelmente, cortar (cf. 2:25 ; Amós 4: 9). O segundo termo, provavelmente derivado de um verbo que significa ser muitos ou ser muito, designa um enxame e é o nome mais comum para o gafanhoto (cf. 2:25 , Jeremias 46:23). Enquanto o sentido da raiz do terceiro termo é um pouco obscuro, aparentemente significa pular ou voltar e implica ação rápida (ver 2:25 ;Nah. 3:16). A designação final, derivada da idéia verbal para terminar ou consumir, implica o estágio mais ativo do gafanhoto após a destruição da pele (ver 2:25 ; Isa. 33: 4).

As quatro designações para os gafanhotos foram, possivelmente, nomes locais destinados a indicar quatro estágios de desenvolvimento em seu ciclo de vida, ou talvez quatro hordas sucessivas dos insetos enquanto varreram a terra devorando a vegetação progressivamente. Que foram identificadas quatro espécies diferentes de gafanhotos, ou que as invasões dos insetos em quatro anos sucessivos foram indicadas, são possibilidades menos prováveis. As várias denominações descritivas descreviam os gafanhotos em sua massa de enxames, seu movimento rápido e sua destruição total.

Joel dirigiu-se a vários grupos de pessoas especialmente afetadas pelos gafanhotos, e o primeiro deles era os bêbados. Aqueles com frequência engorrosos pela intoxicação seriam menos sensíveis ao sombrio estado da situação na terra. Mas bêbados e bebedores de vinho seriam especialmente atingidos. O vinho doce amado (ver Amós 9:13), o suco fresco das uvas, foi cortado. Desperte do seu estupor, o profeta exortou. O tempo chegou a chorar e a chorar.

Os gafetos foram descritos metaforicamente como uma nação (Provérbios 30: 25-27), um povo poderoso (ver Deuteronômio 26: 5 , Isaías 60:22) e sem número (ver Salmos 105: 34 ; Jer 46:23). Visto coletivamente, eles eram como um exército invasor. Tal, de fato, é a sugestão da frase surgiu contra minha terra (2 Reis 18:13).

Quando o profeta se referiu à minha terra, minhas videiras e minhas figueiras, ele provavelmente refletiu sua identificação com sua terra e seu povo, e não com o papel de porta-voz de Deus. Ele empathized com seu povo como ele testemunhou a devastação infligida por este exército cujas armas estavam cortando, triturando dentes de serra. Os dentes dos leões e os colmilhos de uma leoa, absolutamente rapaz e destrutivo, eram uma analogia natural. O exército de gafanhas desolou (derramou) as videiras e estilhaçou-se (ou, lascadas, ver as figueiras 10: 7) as figueiras. Cortando, cortando a boca descascadas da casca de vinhas e árvores e deixaram os ramos expostos a serem descalcificados (feitos de branco) pelo sol e pela chuva.

Quando o profeta exortou, Lamentar como virgem, a terra desolada, ou possivelmente a comunidade afligida, foi personificada como uma jovem mulher (ver lágrimas terrestres, v. 10 , também Amós 5: 2). O sofrimento era semelhante a uma virgem

despojada de noivo da juventude (Deuteronômio 22: 23-27). A agudeza da tristeza surgiu do fato de que a continuidade das ofertas diárias no Templo era agora impossível.

A oferta de cereais [farinha e óleo, Lev. 2: 1-16] e a oferta de bebidas [vinho, Lev. 23:13] simbolizava a contínua comunhão do Senhor e seu povo. A ameaça da cessação forçada deste ritual poderia trazer apenas desânimo aos sacerdotes. No entanto, essa era a perspectiva iminente, para o grão, o vinho e o óleo, os ingredientes essenciais para a oferta, já não estavam disponíveis em campos ... desperdiçados.

Quando o profeta exortou os arados e guardas das vinhas a serem confundidos, ele usou uma palavra de sentido e repetição dolorosa. Em várias formas, o verbo ocorre uma vez na v. 10 , o vinho falha e duas vezes na v. 12 , a cinza e a alegria falham. Isso denota a vergonha de alguém desconcertado, o constrangimento associado ao fracasso. Antes da invasão de um exército irresistível de gafanhotos, a colheita de culturas básicas e frutas deliciosas prostrou.

Assim, a alegria da colheita foi transformada em frustração e fracasso.

2. Exortação urgente ao jejum e à oração (1: 13-18)

13 Finge-te com sacos e lamenta-te, ó sacerdotes,
lamento, ó ministros do altar.
Entre, passe a noite no saco,
Ó ministros do meu Deus!
Porque oferta de cereais e oferta de bebidas
são retidos da casa de seu Deus.
14 Santifica um jejum,
peça uma assembléia solene.
Reúna os anciãos
e todos os habitantes da terra
para a casa do SENHOR seu Deus;
e chore ao SENHOR .
15 Infelizmente por o dia!
Pois o dia do Senhor está próximo,
e como destruição do Todo-Poderoso vem.
16 Não é cortado o alimento
diante de nossos olhos,
alegria e alegria
da casa de nosso Deus?
17 A semente cai sob os camadas,
os armazéns estão desolados;
os celeiros estão arruinados
porque o grão falhou.

[18] Como os animais gemem!
Os rebanhos de gado estão perplexos
porque não há pastagem para eles;
até mesmo os rebanhos de ovelhas estão consternados.

Os sacerdotes também foram exortados a lamentar (lamentar, acender, lamentar). Eles foram abordados como um grupo especial por causa do papel peculiar em que eles representavam Deus para o povo e o povo para Deus. Sua primeira responsabilidade foi preparar-se para o ministério espiritual na crise. Devem vestir-se de saco, o pano grosso que simbolizava o sofrimento e a contrição (ver Ne. 9: 1 , Jonas 3: 5-6) e passar a noite no santuário num ritual penitencial noturno (cf. 2 Sam. 12: 16-17 ; 1 Reis 21:27).

A segunda responsabilidade dos ministros do altar (Ezequias 45: 4) foi convocar uma assembléia solene. Dirigido pelos anciãos, provavelmente homens mais velhos no sentido oficial, todos os habitantes da terra se reuniriam na casa do Senhor. Talvez este encontro abrace a comunidade total (toda) pós-xilica em e ao redor de Jerusalém, ou, se em uma data anterior, os representantes de todos os grupos e regiões da terra.

Considerando que as assembléias especialmente proclamadas às vezes mereciam a forte denúncia dos profetas (ver Isaías 1:13 , Amós 5:21), esta ocasião deveria ser separada (santificar) com ritos significativos e propósito sério (cf. 2: 15-16). Um jejum, freqüentemente associado a algum desastre grave (ver Judg. 20:26 ; 1 Sam. 31:13), implicaria a abstenção dos prazeres corporais comuns e reforçaria um grito penitente ao Senhor por misericórdia (ver 1 Sam. 7 : 6 ; Dan. 9: 3-6). E essa foi a preocupação suprema do profeta. Toda a comunidade deve rezar com um protesto vigoroso e importuno (tal é a força do choro) para Deus.

Os motivos para a dupla carga de Joel aos sacerdotes eram explícitos. Primeiro, a comida foi cortada e, conseqüentemente, alegria e alegria da casa onde Deus especialmente se encontrou com seu povo. A destruição do suprimento de alimentos representava a perspectiva de desespero físico. A cessação das ofertas diárias representava a perspectiva de desespero espiritual.

Em segundo lugar, as adversidades presentes foram um sinal terrível do futuro: porque o dia do Senhor está próximo (cf. 3:14 , Isaías 13: 6 , Obad 15 , Zeph 1: 7). O pressentimento do dia era extremamente sinistro, pois, *como a destruição do Todo-Poderoso, ela vem.* Uma assombração cativante no texto, difícil de reproduzir em inglês, aumentou o efeito da previsão: *destruição do Todo-Poderoso.* Duas das muitas tentativas de renderização, "como um poder excessivo do Over-powerer" (Driver, página 46), e "como destruição do All-destroyer", sugerem o estilo vigoroso. Mas mais impressionante do que o som foi o sentido desse termo. *Shaddai*, um nome precoce (ou seja, o período patriarcal) para Deus identificado como Yahweh, aparentemente foi associado com as montanhas. O Deus da loftiness e majestade estava prestes a se manifestar em destruir o julgamento. Infelizmente por o dia!

Pela primeira vez, as palavras do profeta pareciam sugerir que a desolação era agravada pela seca e pelo fogo. A semente cai sob os camadas, perecendo no solo seco. Os animais selvagens (ver v. 20) fizeram seus sons de angústia lamentável (gemido), e o gado desconcertado perambulou (o gado está perplexo) em busca de comida e água. E

mesmo os rebanhos de ovelhas, que normalmente requerem pastagens mais húmidas e verdes, ficaram horrorizados (provavelmente o senso do obscuro verbo consternado, cf. Jer 4: 9).

3. Adicionado Desolação por Incêndio e Seca (1: 19-20)

> [19] *A ti, ó SENHOR , eu choro.*
> *Porque o fogo devorou*
> *os pastos da região selvagem,*
> *e a chama queimou*
> *todas as árvores do campo.*
> [20] *Até os animais selvagens choram para ti*
> *porque os rios de água estão secos,*
> *e o fogo devorou*
> *os pastos da região selvagem.*

A calamidade, o fogo e a chama adicionados levaram a destruição à conclusão. Esse fogo, muitas vezes um símbolo de destruição (Amós 1: 4 , Hos. 8:14), era uma figura para os gafanhotos é possível, mas não provável. O desabafado da semente (1:17) aparentemente não tinha conexão com os gafanhotos, nem os rios de água que secaram. O provável significado do fogo é a seca e o fogo do sol.

Joel fez pessoalmente o que ele exortou outros a fazer. Em uma identificação compassiva com seu povo, ele orou: "Para ti, ó Senhor, eu choro". Ele assumiu com confiança que Deus está preocupado quando o fogo devorou as pastagens do deserto (não deserto, mas pastagem). Ele compartilhou a convicção do salmista: "A terra é do Senhor" (Salmo 24: 1). Além disso, Deus se importa quando animais selvagens estão perto da morte porque as molas estão secas. Ele também se lembrou de que "todos os animais da floresta. . . o gado em mil colinas "pertence ao Senhor (Salmo 50:10). Não é ridículo, mas extremamente sugestivo em seu contexto de desespero, foi o pensamento de que o desejo quente, rápido e os olhos arrependidos (Jr 14: 5-6) das bestas oferecidas implorando a oração (chorar, iluminar, inclinar-se com anseio) ao Deus da misericordia providente.

4. Imigração Portended do Dia do Senhor (2: 1-11)

> [1] *Sopre a trombeta em Sião;*
> *soar o alarme na minha montanha sagrada!*
> *Que todos os habitantes da terra tremam,*
> *porque o dia do SENHOR está chegando, está próximo,*
> [2] *um dia de escuridão e escuridão,*
> *um dia de nuvens e uma escuridão espessa!*
> *Como a escuridão, é espalhado sobre as montanhas*
> *um povo grande e poderoso;*
> *seu tipo nunca foi velho,*

nem serão novamente após eles
através dos anos de todas as gerações.
3 Devastadores de fogo antes deles,
e atrás deles uma barquinha.
A terra é como o jardim do Éden antes deles,
mas depois deles um deserto desolado,
e nada os escapa.
4 Sua aparência é como a aparência de cavalos,
e como cavalos de guerra eles correm.
5 Como com o ruído dos carros,
Eles pularão na parte superior das montanhas,
como o crepitar de uma chama de fogo
devorando o restolho
como um poderoso exército
elaborado para a batalha.
6 Antes deles, os povos estão angustiados,
Todos os rostos ficam pálidos.
7 Como guerreiros eles cobram,
Como soldados, eles escalam a parede.
Eles marcham cada um a caminho,
Eles não se desviam dos seus caminhos.
8 Eles não se empurram,
Cada uma das marchas em seu caminho;
eles atravessaram as armas
e não são interrompidos.
9 Saltam sobre a cidade,
eles correm sobre as paredes;
Eles escalam as casas,
Eles entram pelas janelas como um ladrão.
10 A terra treme diante deles,
os céus tremem.
O sol e a lua estão escurecidos,
e as estrelas retiram suas lâmpadas.
11 O Senhor pronuncia sua voz
antes de seu exército,
pois o seu anfitrião é extremamente grande;
Aquele que executa sua palavra é poderoso.
Para o dia do Senhor é ótimo e muito terrível

quem pode suportar isso?

No desastre atual, Joel percebeu sinais do futuro. Assim, o dia do Senhor tornou-se sua preocupação dominante. As imagens surpreendentes da praga da alfarroba e a seca foram transferidas para imagens ameaçadoras do próximo dia. O profeta declarou o dia ser iminente, chegando. . . perto. Ele descreveu os acontecimentos do dia como escuridão e escuridão (cf. Amós 5:18 , Zeph 1:15), exigindo em todos os habitantes uma sensação urgente de perigo e necessidade espiritual. Como porta-voz do Senhor (anote o pronome na minha montanha sagrada), ele exortou o povo de Jerusalém: Sopre a trombeta (o chifre de carneiro). . . soa o alarme (peal sustentado em oposição a explosões curtas e afiadas para a montagem, ver Num. 10: 5ff .; Amós 3: 6). Então, abrindo o apelo urgente, ele acrescentou: Deixe todos. . . tremer.

A precisão do retrato vívido de Joel dos gafanhotos evocou os comentários de muitos historiadores, naturalistas e viajantes. Estes testemunhos foram compilados por George Adam Smith e John A. Thompson, e um relatório pictórico foi publicado por John D. Whiting. As palavras das testemunhas oculares aumentam a apreciação pelas analogias extraordinárias pelas quais o profeta prevê os incríveis fenômenos que acompanham o dia do Senhor.

Os enxames maciços de gafanhotos eram como nuvens, e o crepúsculo estrondoso resultante sugeriu ao poeta-orador a escuridão espessa. Como a escuridão (ou a madrugada) se espalhou sobre as montanhas, os insetos prolongaram a noite por seus densos números. Como um povo grande e poderoso (ver 1: 6) em força numérica e força física, eles varreram para a terra, assim como um exército invasor do leste atravessaria as alturas das montanhas ao aproximar-se do norte. Em grande enormidade, eles eram para Israel inigualável (como nunca foi, cf 1: 2) e experiência singular (nem será novamente).

Com a atual calamidade e o futuro dia do juízo que se agruparam progressivamente em seu pensamento, o profeta retratado na vivacidade atual (v. 3-11), uma cena de desolação total. Devorar (devora, acende, come) seca, fogo e fogo, acompanha a horda devastadora, antes. . . e para trás. Precedendo este assalto combinado, a terra tem a fecunda pitoresca do jardim do Éden (Isaías 51: 3 ; Eze. 36:35), depois a esterilidade escarpada de um deserto desolado. Com terrível plenitude pelo temor presente e portentoso para o futuro (isto é, o dia do Senhor), nada os escapa.

Os gafanhotos têm aparência de cavalos. A forma da cabeça é a semelhança mais óbvia, e esta é a metáfora básica. Mas sua velocidade em vôo e suas fileiras serrageadas aumentam a comparação. Assim como, como cavalos de guerra, eles correm. Como uma multidão apressando-se, seu som sugere o ruído dos carros na batalha. Esmagando e mastigando, suas bocas vorazes produzem o crepitar de um fogo de pradaria. A analogia agora é explícita, o pressentimento totalmente estabelecido: um poderoso exército elaborado para a batalha.

Mudando do presente para o próximo dia e de volta, e depois misturando os dois, o pensamento do profeta encontrou expressão nas palavras-imagem do oratório visionário. Diante do início sem precedentes, os povos (nações) são atingidos pela consternação. A angústia é semelhante à de uma mulher no parto (ver Isa. 13: 8), e todos os rostos ficam pálidos (não "reunir negrura", KJV, embora o sentido seja

obscuro, cf. Nd 2:10) em terror. Eles testemunham a invasão de um exército cujos soldados. . .La carga e, com a escala direta militar, escalam o muro da cidade. As pessoas se encolhem diante de invasores cujas fileiras disciplinadas não se desviam, cuja marcha não é interrompida pelas armas da mão dos supostos defensores ou da rede de janelas protegidas.

Não admira que nenhum muro nem uma arma possam verificar o avanço! O Senhor intervém: a terra treme. . . os céus tremem (cf Isa. 13:13 ; Hag. 2: 6 , 21). Ele age em julgamento majestoso no controle soberano (talvez também em efeitos universais): o sol e a lua estão escurecidos (ver Isaías 13:10 ; Ez. 32: 7-8). Ele proclama seu mandamento e propósito: O Senhor pronuncia sua voz (associada ao som do trovão, cf. Salmos 18:13). Ele fala como chefe (antes) de seu exército e faz isso por três razões específicas (KJV três vezes "para"): a vastidão de seu anfitrião, o poder exibido na execução de sua palavra e o terror insustentável do seu dia.

5. Chamada insegura ao arrependimento (2: 12-17)

12 "Ainda assim, agora", diz o Senhor,
"Volte para mim com todo seu coração,
com jejum, com choro e com luto;
13 e rasgue seus corações e não suas roupas ".
Retorne ao SENHOR , seu Deus,
pois ele é gracioso e misericordioso,
lento para a ira, e abundante em amor firme,
e se arrepende do mal.
14 Quem sabe se ele não se virará e se arrependerá,
e deixar uma benção por trás dele,
uma oferta de cereais e uma oferta de bebidas
para o SENHOR , seu Deus?
15 Sopre a trombeta em Sião;
santificar um jejum;
chamar uma assembléia solene;
16 juntar as pessoas.
Santifica a congregação;
montar os anciãos;
reunir as crianças,
até lactantes.
Deixe o noivo sair do seu quarto,
e a noiva sua câmara.
17 Entre o vestíbulo e o altar
Deixe os sacerdotes, os ministros do Senhor, chorarem
e dize: "Poupem o teu povo, ó SENHOR ,

e não faça a sua herança uma opróbria,
um argumento entre as nações.
Por que eles deveriam dizer entre os povos,
'Onde está o Deus deles?' "

Joel era porta-voz do Deus da misericórdia. Ele viu os mais severos atos julgadores de Deus como marcados pelo propósito divino de redimir. Portanto, mesmo quando o próximo dia pressionou o momento atual, o momento deu tempo para a decisão: ainda assim mesmo agora.

O apelo urgente não se originou com Joel, mas com o Senhor. A ênfase do profeta está na expressão diz o Senhor, literalmente o oráculo do Senhor. Além disso, a base do recurso, sim, a possibilidade da esperança, foi declarada como o caráter do Senhor. Tomados quase textualmente do Êxodo 34: 6 , a declaração clássica do caráter divino, as palavras correspondem geralmente a outras reflexões desta ênfase na adequação moral do Senhor para lidar com o pecado do homem (por exemplo, Neh. 9:17 ; Salmo 86:15 ; Jonas 4: 2). O Senhor concede seu favor imerecido (gracioso) a todos os homens, reprimindo a pena (misericordiosa) aos culpados, agindo com paciência (lento para a ira, iluminado, longo das narinas) em direção à gentileza rebelde e manifestante (amor firme) para aqueles que se uniram em aliança com ele.

O apelo é explícito: regresse [acender, volte-se] para mim, com a atitude interior e o ato de preocupação primordial, com todo seu coração. Deixe a decisão ter profundidade, totalidade e realidade. Joel não era um mero profeta de culto que acreditasse na eficácia de atos rituais. Com certeza, o jejum era um símbolo apropriado para pessoas atingidas que se arrependessem de Deus e uma oferta poderia sugerir um vínculo espiritual contínuo. Mas o rasgo da roupa de alguém em uma dor demonstrativa não substituiu a queixa contrária da vontade obstinada em resposta a Deus.

A esperança desprovida de presunção pertence a homens penitentes. Quem sabe . . . ? Talvez (tal é a força da linguagem, cf. 2 Sam. 12:22 , Jonas 3: 9) o Senhor se converteria e se arrependeria e deixaria uma benção. Os verbos se voltam e se arrependem indicaram, respectivamente, as circunstâncias externas alteradas e as intenções interiores alteradas que marcam os tratos do Senhor com o seu povo (ver Ex. 32:12 , 14 ; Jer. 18: 10-11 ; Eze. 14: 6). A esperança cautelosa centrou-se na permanência de uma calamidade final (maligna, não moral nesse contexto) e na restauração de produtos abundantes.

Novamente Joel exortou, sopra a trombeta em Sião. Aparentemente, suas palavras foram dirigidas aos sacerdotes (ver 1: 13-14 ; 2:17). Seu objetivo era implementar o chamado ao arrependimento.

Primeiro, deixe as pessoas se reunirem no Templo em uma convocação solene (ver 1:14). Neste caso, o chifre do carneiro soaria o chamado à assembléia religiosa, e não o alarme do perigo aproximado (contraste 2: 1). Isso sinalizaria uma convocação para a população total (os anciãos ... até mesmo lactentes), independentemente das isenções habituais (o noivo ... e a noiva, ver Deuteronômio 24: 5).

Em segundo lugar, que os sacerdotes cantem uma ladainha de oração de intercessão por misericórdia divina. Isso faria como ministros do Senhor, em um papel mediador, de pé entre o alpendre (vestíbulo, ver 1 Reis 6: 3) na extremidade leste do Templo e no altar do holocausto (altar, ver 1 Reis 8:64) no tribunal interior (ver 1 Reis 6:36). Eles choravam em profunda contrição, embora não fossem mencionados pecados específicos, convencidos de que os atos externos não eram suficientes.

Especialmente os sacerdotes implorariam, repousem o teu povo, ó Senhor. Com recurso convincente para a eleição divina de Israel, eles expressariam o mal consagrado. A destruição total, mesmo que merecido julgamento, reduziria a terra e as pessoas do Senhor (herança, ver Deuteronômio 9: 25-29) a um escândalo internacional. Além de seu desprezo e escárnio (uma censura, um byword) pelo infortúnio abjecto do povo, os inimigos pagãos ridicularizariam a aparente impotência e / ou a falta de preocupação do Senhor: onde está o deus? (Salmo 42:10 ; Mic. 7:10).

6. Promessas restauradoras para pessoas arrependidas (2: 18-27)

18 Então o Senhor tornou-se ciumento por sua terra,
e tinha piedade de seu povo.
19 O Senhor respondeu e disse ao seu povo:
"Eis que estou enviando para você
grão, vinho e óleo,
e você ficará satisfeito;
e eu não vou mais fazer você
uma censura entre as nações.
20 "Vou remover o norte da sua parte,
e levá-lo a uma terra seca e desolada,
Sua frente no mar do leste,
e a retaguarda no mar ocidental;
o febre e o cheiro sujo dele se levantarão,
pois ele fez grandes coisas.
21 "Não temas, ó terra;
seja alegre e alegrar-se
Porque o Senhor fez grandes coisas!
22 Não temas, vossos animais do campo,
pois as pastagens da região selvagem são verdes;
a árvore tem seu fruto,
A figueira e a videira dão o seu rendimento total.
23 "Alegre-se, ó filhos de Sião,
e regozije-se no SENHOR , seu Deus;
pois ele deu a chuva inicial para sua reivindicação,
Ele derramou para você abundante chuva,

as primeiras e as últimas chuvas, como antes.
24 As eiras serão cheias de grãos,
as cubas devem transbordar com vinho e óleo.
25 Vou restaurar para você os anos
que o gafanhoto em vaso comeu,
o funil, o destruidor e o cortador,
Meu grande exército, que enviei entre vocês.
26 "Você comerá em abundância e ficará satisfeito,
e louve o nome do SENHOR, seu Deus,
que tem tratado maravilhosamente com você.
E o meu povo nunca mais será envergonhado.
27 Saberás que estou no meio de Israel,
e que eu, o SENHOR , sou seu Deus e não há mais ninguém.
E o meu povo nunca mais voltará
ser envergonhado.

O arrependimento tornou-se uma realidade. O ponto de viragem ocorreu entre 2:17 e 2:18 . Assim, os verbos da afirmação narrativa no último verso aparentemente estão no passado. Então o Senhor ficou com ciúmes. ... tinha pena. Os sacerdotes e a congregação haviam orado. O Senhor respondeu. O relatório da resposta divina reflete uma concepção altamente pessoal e dinâmica de Deus. Não com partidarismo ciumento, mas com zelosa proposição, o Senhor agora demonstrou seu cuidado com sua terra. Não através do sentimento passivo, mas através da compaixão ativa (teve pena), ele agora se interpôs em nome de seu povo.

A resposta do Senhor, relatada com franqueza na primeira pessoa, prometeu ação que já estava em andamento. Expresso por meio de um verbal presente-futuro tenso, a promessa assumiu esta forma: Eis que estou enviando .... Quanto à terra, o Senhor está restaurando os produtos básicos: grãos, vinhos e azeite. Quanto às pessoas, ele procede a tirar sua censura.

O que a promessa implícita foi agora explicitada. O Senhor atua atualmente para remover o norte, o que significa primeiro os gafanhotos devastadores. Um vento soprando geralmente de uma direção do norte, virando do noroeste para o nordeste, destruiria esses destroyers. Isso levaria alguns deles ao deserto tórrido ao sul de Judá, outros (sua frente, seu rosto) no Mar Morto (o mar do leste, o mar frontal) e ainda outros (sua parte traseira, iluminada) .), o seu fim) no mar Mediterrâneo (o mar ocidental, o mar).

Mas a remoção do norte deve ter significado também a destruição do inimigo no julgamento pelo qual a praga de gafanhotos era apenas um prenúncio. Observe três fatos: os enxames de locustídeo geralmente invadiram a terra de uma direção sul; sua frente e sua traseira sugeriram a organização de tropas, avanço e retaguarda; O norte era considerado como a direção da qual os poderes hostis se aproximariam de Israel (Jeremias 1:14 ; Ezequiel 38: 6 , 15). Portanto, o febre putrefacto de gafanhotos afogados, lavados em terras, sugere o terrível destino do inimigo, presente ou futuro.

O próprio profeta agora exclamou com alegria irrestrita. Enquanto antigamente em tristeza ele exortou o arrependimento universal, agora em júbilo ele exortou a ação de graças universal. Enquanto uma vez que o inimigo causou uma grande destruição (o norte-americano ... fez grandes coisas), agora Deus interveio em uma grande restauração (o Senhor fez [presente enfático, faz] grandes coisas).

Quanto ao terreno (terra, luz, solo) que chora (1:10) e os animais que gemem (1:18), que respondam às misericordias divinas: Para os pastos ... são verdes; A árvore tem seu fruto em uma reviravolta maravilhosa de circunstâncias. Quanto às pessoas afligidas (1: 8), que aqueles que são verdadeiramente dedicados a Deus na aliança (filhos de Sião) respondam com misericórdia divina com alegria: se alegra,. . . regozije-se com o Senhor. Pois o Senhor dá a chuva precoce (outubro-novembro) para a estação de plantio e depois procede a derramar a abundante chuva de inverno. O ciclo esplêndido do início e da chuva (março-abril) é restaurado para a colheita completa como antes. Esta restauração como presente divino atestava a reivindicação (iluminada, para a justiça) do penitente, confiando nas pessoas.

Os atuais atos de misericórdia divina asseguraram um futuro de abundância. Os pavimentos circulares lisos, onde o grão foi trilhado e abobadado, devem estar cheios. As cubas de pedra que receberam o suco de uva, ou o azeite, da prensa de vinhos de conexão (imediatamente acima da encosta), onde as uvas ou as azeitonas foram trancadas pelos pés humanos, devem transbordar.

Além disso, a intervenção de Deus assegurou um futuro de esperança. Eu vou restaurar para você os anos que o gafanhoto empanado comeu. Aparentemente, as colheitas superabundantes compensariam mais a grande destruição e seus efeitos persistentes (não haverá anos sucessivos de pragas de gafanhoto).

Seguem outras promessas: você deve saber que estou no meio. . . Meu povo nunca mais será envergonhado. Essas promessas, tomadas em contexto, aplicam-se não só à atual calamidade, mas também ao próximo dia. O Deus que lidou ganhou drously com seu povo evocará neles o reconhecimento de sua presença e sua incomparável divindade. Essa relação com o Senhor será a alternativa à vergonha e a resposta convincente à provocação: "Onde está o seu Deus?" (2:17).

II. Uma Visão Apocalíptica (2: 28-3: 21)

A segunda ampla divisão do livro, 2: 28-3: 21 , representa uma profunda experiência visionária. A face do profeta é voltada para o futuro. O dia do Senhor é iminente. As cenas são vivas e panorâmicas. A ênfase é sobre uma nova ordem - um novo povo - criado pelo Deus que interrompe a história com atos climáticos de julgamento e redenção.

1. Evacuação do Espírito do Senhor (2: 28-29)

28 "E acontecerá depois,
para que derrame o meu espírito em toda carne;
Seus filhos e suas filhas devem profetizar,
seus velhos sonharão sonhos,

e seus jovens devem ver visões.

[29] Mesmo sobre os servos e servos

naqueles dias, vou derramar meu espírito.

O termo depois parece significar mais do que uma transição. Enquanto indica conexão temporal com as promessas da seção anterior, 2: 18-27 , parece também marcar o movimento do pensamento de um nível mais baixo para um nível superior. A distinção não é a das bênçãos materiais inferiores contrastadas com as bençãos espirituais superiores. Em vez disso, as promessas anteriores dizem respeito à restauração daquilo que havia sido destruído, enquanto esta promessa anuncia o que é novo.

A nova relação já foi antecipada na previsão de 2: 24-27 . O povo reconhecerá o Deus incomparável no meio deles. Mas agora a nova qualidade da comunhão foi descrita como o impacto criativo do Espírito do Senhor. E acontecerá ... Derramará o meu espírito em toda carne.

A promessa foi feita no contexto de ungações e doações excepcionais, como para juízes, profetas e reis (Judg. 11:29 ; 1 Sam. 16:13 ; Mic. 3: 8). Foi dada em termos do papel do Espírito na inspiração profética (ver Neh. 9:30 , Zech 7:12) em vez de suas funções na criação e sustentação da ordem e da vida do mundo (Gênesis 1: 2 ; Jó 33: 4 ; Salmo 104: 30). A intimidade com Deus que até então tinha sido confinado a indivíduos excepcionais será compartilhada por todo o seu povo. Não escasso, mas em grande medida, o Senhor derramará sua ilionação e poder. O profundo anseio de Moisés que "todo o povo do Senhor são profetas" será realizado (Números 11:29).

Enquanto toda carne pode se referir à humanidade universal (ver Gênesis 6:12 , Isaías 49:26) ou a todos os seres vivos (ver Gênesis 6:17), neste contexto, o contexto limita o escopo a todo o Israel. Observe o pronome em expressões como seus filhos. . . seus jovens homens. No entanto, em aplicação à comunidade israelita, a promessa era universal, dominando distinções e iniciando uma nova comunidade divina-humana. Sobre os jovens e os velhos, o escravo e o mestre, tanto feminino como masculino, Deus concederá o seu presente. E a percepção e compreensão (visões, sonhos, modos proeminentes de revelação, cf. Números 12: 6) que marcam o verdadeiro profeta serão concedidas a todos.

O relatório de Joel sobre a promessa divina de derramar o Espírito corresponde no essencial a outras visões proféticas sublimes, especialmente as de Jeremias 31: 31-34 e Ezequiel 36: 27-30 . Em todos os casos, as promessas apontaram para o futuro para o cumprimento e para as pessoas em cuja experiência eles seriam atualizados para uma interpretação mais clara. Assim, no Pentecostes após a ressurreição de Jesus Cristo, o apóstolo Pedro reconheceu na vinda do Espírito Santo sobre a companhia dos crentes um cumprimento da mensagem de Joel em uma universalização que excedeu o pensamento do profeta (Atos 2: 1- 28). Além disso, o apóstolo Paulo ampliou a maior realização no corpo dos crentes cristãos, diversificados e unificados, infundidos pelo Espírito, que cria uma vida comum de fé e ministério em Cristo (1 Coríntios 12:13).

2. Libertação de um Reminente arrependido de Israel (2: 30-32)

30 ***"E darei presos nos céus e na terra, sangue e fogo e colunas de fumaça.*** ***31*** ***O sol será virado para a escuridão, e a lua para o sangue, antes do grande e terrível dia do SENHOR .*** ***32*** ***E acontecerá que todos os que invocam o nome do SENHOR serão entregues, porque no monte de Sião e em Jerusalém haverá aqueles que escapam, como o SENHOR disse, e entre os sobreviventes serão aqueles a quem o Senhor chamadas.***

A vinda do Senhor foi antecipada também na libertação de um remanescente de israelitas. Enquanto o próximo dia foi reconhecido como grande e terrível, a ênfase de Joel estava no propósito redentor do Senhor. As palavras entregues e escapar, sugerindo o resgate do desastre, e o termo sobreviventes, que significa fugitivos da guerra, representam essa ênfase.

O escape e a sobrevivência relacionam-se em primeira instância ao abate e ao trauma da guerra. A promessa divina de dar apresentações nos céus e na terra especificou os acompanhamentos da intervenção sobrenatural. O termo presenças representadas ("maravilhas", KJV) é associado freqüentemente com uma palavra geralmente traduzida "signo (s)", e, em conjunto, esses termos denotam sinais impressionantes e atos poderosos (Ex. 7: 3 ; Isa. 8:18). Aparentemente, ambas as idéias estão presentes nesta passagem. Além disso, enquanto o sangue, o fogo e as colunas de fumaça (do termo para a palmeira estátua) são símbolos poéticos que resistem a uma definição precisa, eles indicaram conflitos militares maciços e destruição. O eclipse solar e a lua sangue-vermelha, presságios temerosos no pensamento popular, são figuras elevadas que sinalizaram os poderosos e misteriosos atos de Deus na luta decisiva.

A fuga e a sobrevivência relacionam-se também com uma fé-resposta ao Senhor. O que está implícito no que diz respeito ao vazamento do Espírito é explícito quanto à libertação do remanescente. Pois todos os que invocam o nome do Senhor, isto é, convocam penitentemente a misericórdia de Javé, cujo nome representa o Deus da redenção e da aliança, serão entregues. Mas a promessa é restrita a um restante de fé entre aqueles no monte Sião e em Jerusalém. . . e entre os sobreviventes (presumivelmente aqueles em outros lugares da terra ou do exterior) a quem o Senhor chama. A promessa maior de remanescentes de crentes entre os povos não-judeus seria expressada por outros profetas (ver Isa. 19: 19-25) e aguardar as testemunhas de Jesus Cristo, nosso Senhor (Atos 10: 34-35).

3. Julgamento das Nações em relação a Israel (3: 1-3)

1 ***Pois eis que, naquele tempo e naquele tempo, quando eu restaurar a fortuna de Judá e de Jerusalém,*** ***2*** ***reunirei todas as nações e as trarei para o vale de Josafá, e eu entrarei em julgamento com eles ali, por causa do meu povo e da minha herança, Israel, porque os dispersaram entre as nações, e dividiram a minha terra,*** ***3*** ***e lançaram sortes para o meu povo, e deram um menino para uma prostituta e venderam uma menina por vinho e bebi-lo.***

Pois eis (cf. Isaías 3: 1 , Amós 6:11). Novamente, Joel chamou a atenção para a extraordinária visitação do Senhor. Eu reunirei todas as nações e. . . entrar em

julgamento ... por causa do meu povo. Este anúncio esclareceu a ênfase na fuga e sobrevivência de um remanescente. O Senhor livrará o seu povo naqueles dias e naquele tempo (Jeremias 33:15 ; 50: 4 , 20) quando ele age em juízo sobre as nações. Sua ação será tão revolucionária quanto a reverter o destino e restaurar a fortuna de Judá e Jerusalém (cf. Amós 9:14).

O lugar do julgamento foi designado como o vale de Josafá, já que o ANÚNCIO DO século IV identificou o vale entre Jerusalém e o Monte das Oliveiras (chamado de Cédron no Novo Testamento). O nome não ocorre em outra parte da Bíblia, e uma conexão com Jeosafat, rei de Judá, não é rastreável (2 Crônicas 20: 1-30). Identificações alternativas foram sugeridas, por exemplo, o vale de Hinnom e o Vale do Rei. O nome significa literalmente "o vale de Yahweh julga", e um jogo de palavras é inconfundível na frase "o vale da decisão" em 3:14. Além disso, nenhum vale literal perto de Jerusalém é adequado para uma assembléia tão grande como a contemplada. Que o nome, portanto, foi usado como um símbolo é muito provável. Mas, seja simbólico ou não, o próprio nome e não uma região geográfica sugeriram o impulso do pensamento do profeta: o Senhor julgará as nações.

As implicações éticas e espirituais deste poderoso assento foram focadas na relação das nações com Israel. Na ganância, as nações espalharam os israelitas e dividiram a terra. Em cruel desumanidade, eles lançaram sortes (ver Obad 11), dividindo os prisioneiros entre eles e trocando um filho do sexo masculino por uma prostituta (possivelmente a contratação de uma prostituta) e uma criança do sexo feminino. Essas cargas implicam uma dispersão das dimensões do exílio babilônico (586 AC) e um oportunismo como aquele em que os edomitas (cf. Obadias), filisteus, fenícios (3: 4).), e outros cumprimentaram a queda de Judá. Por tal violação da moral rudimentar, os povos pagãos serão levados em consideração. Mas a sua responsabilidade será também considerada em termos de erros perpetrados contra um povo de relações peculiares com o propósito redentor de Deus no mundo, uma ênfase refletida nas expressões meu povo, minha herança e minha terra.

4. Condenação da Fenícia e da Filostia (3: 4-8)

4 "O que você é para mim, O Tire e Sidon, e todas as regiões da Filístia? Você está me pagando por algo? Se você me pagar de volta, recompensarei sua ação com sua própria cabeça rápida e rapidamente. 5 Pois você tomou minha prata e meu ouro, e levou meus tesouros ricos em suas têmporas. 6 Você vendeu o povo de Judá e Jerusalém aos gregos, tirando-os da sua fronteira. 7 Mas agora eu os levarei do lugar para o qual você os vendeu, e eu recompensarei sua ação em sua própria cabeça. 8 Venderemos os teus filhos e as vossas filhas na mão dos filhos de Judá, e os venderão aos sabes, a uma nação distante; porque o Senhor falou ".

As cobranças apresentadas em 3: 1-3 , a exploração da terra e a redução das pessoas para bens mobiliários, foram agora particularizadas. Os fenícios na planície costeira ao norte do Monte Carmelo (Tiro e Sidom) e os filisteus na planície marítima e os subúrbios a sudoeste de Judá (regiões, círculos iluminados, presumivelmente cinco fortalezas, cf. 1 Sam. 6: 4) saquearam Judá e Jerusalém no momento do colapso, levaram muitos tesouros e vendiam os habitantes para os escravos. Esses atos eram sem

provocação, e um ataque ao povo do Senhor para se vingar de uma injustiça divina imaginada era, de fato, um ataque ao Senhor. Tal parece ser a força do desafio divino expressado em uma dupla pergunta: o que você é para mim,. . . Você está me pagando por algo?

O exposto do erro era apenas o prelúdio de um pronunciamento de retribuição: recompensarei sua ação. . . rapidamente. Esses negociantes em mercadoria humana (Amós 1: 6-10 ; Ez. 27:13) venderam Judáhitas aos gregos, um povo distante (no pensamento daquele tempo) ao noroeste. Mas já o Senhor está despertando suas pessoas cativas (as agitarão) aceso, as mexa). Na reversão polar das circunstâncias, o próprio Senhor venderá os filhos dos captores aos Judáhitas, que os tornará cativos aos Sabeanos, um povo da Arábia distante ao sudeste. A punição corresponderá à culpa.

5. Convocação das Nações para o Dia de "o Senhor (3: 9-17)

9 Proclame isso entre as nações:
Prepare a guerra,
mexa os homens poderosos.
Que todos os homens de guerra se aproximem,
Deixe-os aparecer.
10 Bata seus arados em espadas,
e sua poda se encaixa em lanças;
Deixe o fraco dizer, "eu sou um guerreiro".
11 Apresse-se e venha,
todas as nações ao redor,
junte-se lá.
Traga os teus guerreiros, ó senhor.
12 Deixem-se as nações,
e suba ao vale de Josafá;
pois eu vou sentar-me para julgar
todas as nações ao redor.
13 Coloque a foice,
pois a colheita está madura.
Entre, pise,
pois a imprensa do vinho está cheia.
O excesso de cubas,
porque a sua maldade é excelente.
14 multidões, multidões,
no vale da decisão!
Pois o dia do SENHOR está próximo
no vale da decisão.
15 O sol e a lua estão escurecidos,

e as estrelas retiram suas lâmpadas.
16 E o Senhor rugiu de Sião,
e solta a voz de Jerusalém,
e os céus e a terra tremem.
Mas o SENHOR é um refúgio para o seu povo,
uma fortaleza para o povo de Israel.
17 "Então, sabereis que eu sou o Senhor, seu Deus,
que moram em sião, meu monte sagrado.
E Jerusalém será sagrada
e os estranhos nunca mais passarão por ele.

O pronunciamento do julgamento sobre Fenícia e Philistia pode não ser um oráculo estranho que interrompe? O tema do profeta. Em vez disso, esses povos maltratados fornecerão uma ilustração histórica do tema. A justiça retributiva opera em um mundo que está sob a soberania do Deus da santidade. Isso assegurou a realidade o profeta imaginado em termos de realização divina dramática e reivindicação moral triunfante, daí o dia do Senhor e o vale da decisão.

Só assim, vv. 9-17 são um suplemento poético para 3: 2 , retratando o julgamento divino no vale de Josafá, e fazendo isso com idéias essencialmente paralelas às de Ezequiel 38-39 . Os heraldos do Senhor (presumivelmente anjos) deveriam anunciar o inminente conflito com uma série de imperativos apaixonados. Deixe as nações começar a guerra oferecendo o sacrifício usual (santificar a guerra, 1 Sam. 7: 8-9 , Jeremias 6: 4). Deixe todos os homens de guerra reunir (se aproximar) para atacar (suba) cf. 1: 6). Deixe os recursos totais serem comprometidos: as ferramentas da paz (arado compartilha ... ganchos de poda) convertidos em instrumentos de batalha (espadas ... lanças, possivelmente uma paródia em Isaías 2: 4)), e o homem da deficiência (o fraco) induzido com o zelo de um soldado firme (guerreiro, poderoso).

Para Joel, a convocação evocou uma perspectiva de terror avassalador. Para o grito retumbante, apresse-se ("monte", KJV, para o verbo hebraico incerto) e venha, todas as nações, ele dirigiu a Deus um contra-crédito: tira os teus guerreiros (poderosos, ver v. 9), ó Senhor . Em sua intercessão interminável, ele reconheceu a inadequação dos poderes humanos e reconheceu os anfitriões invisíveis do céu (ver 2 Reis 6: 16-17 , Salmo 103: 19-20) como os verdadeiros defensores do povo do Senhor. O Senhor respondeu: Que as nações se digam,. . . Sentir- se-ei para julgar ... (cf. Dan 7: 8ss). A língua tradicional eriçada com as imagens da guerra, mas a imagem do Senhor sentado para o julgamento representava uma preocupação primordial pela justiça.

Aqueles dirigidos a executar a sentença não foram nomeados, mas provavelmente os ministros celestiais, os guerreiros (poderosos, v. 11), foram destinados. Sua execução de julgamento foi retratada por meio de duas imagens tiradas do campo. Primeiro, eles foram colhedores no campo de grãos, onde a foice é exercida quando a colheita está madura (ver Isa. 17: 4-5 ; Mic. 4: 12-13). Em segundo lugar, eles eram trituradores de uvas na imprensa do vinho no horário do vintage (ver Isa. 63: 1-6 ; contraste Joel 2:24). A justificativa moral do que estavam prestes a fazer foi sugerida primeiro em três metáforas: a colheita está madura. . . . A imprensa do vinho está cheia. O excesso de

cubas. Então o significado das metáforas foi declarado claramente: porque a sua maldade é grande.

A visão do profeta de reunir multidões era uma visão clara, e o barulho do tumulto (multidões, ver "trovão", Isaías 17: 12a) cantarolava já em seus ouvidos. E porque? Pois o dia do Senhor está próximo. A certeza e a proximidade desse evento colossal moldaram seu pensamento sobre a vida moral do homem e sobre o significado da história. A determinação divina entre o bem e o mal não podia ser incerta. Assim mesmo, os sinais ameaçadores de 2:10 foram repetidos em formas verbais que enfatizaram a certeza (são escurecidos e retirados, iluminados, devem ser escurecidos ... devem retirar-se). Nem a decisão divina entre certo e errado seria adiada para sempre. Ele podia ver Deus agir no vale da decisão, invadindo as relatividades do homem e as vicissitudes da história.

As figuras corajosas descreveram a ação do deus associado a Sião, refletiram o terror daqueles anfitriões atingidos no julgamento e asseguraram aos fiéis da segurança. A primeira parte do v. 16 recordou Amós 1: 2a , combinando o rugido do leão (rugidos) e o barulho do trovão (voz). A segunda parte repetiu as próprias palavras do profeta em 2: 10a , retratando a turbulência da tempestade e a violência do terremoto. A conclusão foi paralela ao pensamento dos salmistas (por exemplo, Salmos 14: 6 ; 27: 1): o Senhor é a confiança (refúgio) e a força (fortaleza) de seu povo.

O profeta reafirmou a fé-resposta dos concedidos libertação na crise. O povo do Senhor experimentaria a intervenção divina como uma demonstração da presença do Senhor entre eles e sua atividade em seu favor. Quanto à presença do Senhor: Então, você saberá (reconhecer ou reconhecer) que eu sou o Senhor [Javé] seu Deus, que habitam (iluminado, uma habitação) em Sião. Quanto à atividade do Senhor: *Uma* Jerusalém será santa, e estrangeiros [estrangeiros hostis] nunca passarão por ela (Isaías 52: 1 , Zacarias 9: 8).

6. Restauração de Judá Contrasta com as Nações (3: 18-21)

18 "E naquele dia
as montanhas devem gotejar vinho doce,
e as colinas devem fluir com leite,
e todos os rios de Judá
deve fluir com água;
e uma fonte surgirá da casa do Senhor
e rega o vale de Shittim.
19 "O Egito se tornará uma desolação
e Edom uma deserto desolada,
pela violência feita ao povo de Judá,
porque derramaram sangue inocente em suas terras.
20 Mas Judá será habitado para sempre,
e Jerusalém a todas as gerações.
21 Vou vingar seu sangue, e não vou limpar o culpado,

porque o SENHOR habita em sião ".

Conforme observado anteriormente, a descrição do reconhecimento do Senhor pelo Senhor após o vale da decisão foi essencialmente paralela à do reconhecimento após o arrependimento incidente sobre o flagelo dos gafanhotos (ver 2:27 e 3:17). Agora, em um outro oráculo, a imagem da fecundidade da terra após o vale da decisão era muito parecida com a abundante produção após o arrependimento após a peste do gafanhoto (ver 2:24 e 3:18). A era que se aproxima, ao contrário do passado, com a freqüente seca e a fome, será uma fecundidade abundante, vinho doce e leite. Por causa da relação providencial do Senhor, mesmo os desfiladeiros entre as colinas da terra semi-árida - as senhoras (as camas de corrente) geralmente secam durante a maior parte do ano - devem fluir com água (ver 2:23). A revelação do Deus redentor para as pessoas que adoram trazem cura e vida, pois uma fonte (primavera perene) surgirá da casa do Senhor [o Templo]. Este fluxo perene será tão transformador que uma barriga seca como Cedron (seja a imagem literal original ou não) produzirá abundantes acacias, de modo que ostentando o nome simbólico do vale de Shittim (iluminado, firme de Acacias). O tema em desenvolvimento da esperança profética, com suas antecipações messiânicas confiáveis, será cumprido (ver Ezequias 47: 1-12 , Zacarias 14: 8 e Rev. 22: 1-2).

A ênfase climática do profeta sobre a fecundidade vindoura foi estabelecida com a completude dramática através da antítese mais nítida possível. As terras dos inimigos de Judá tornar-se-ão uma desolação ... Mas Judá será habitada para sempre. No que diz respeito aos inimigos históricos, este foi o decreto divino: vingarei o sangue que não vingei (o sentido provável da cláusula obscura e não vou limpar o culpado). Mas, em relação a Judá, representando a comunidade de fé, esta foi a promessa inspirada: porque o Senhor habita (permanece em permanente) em Sião.

Estes destinos foram declarados com um senso agudo da justiça do deus soberano. Em cumprimento, eles vão descansar sobre as realidades históricas e os princípios morais.

Embora as opressões específicas não tenham sido citadas, o Egito e Edom provavelmente foram nomeados como exemplos típicos de inimigos que infligiram violência e derramaram sangue inocente em suas terras (1 Reis 14:25 ; 2 Reis 23:29 ; Amós 1: 11- 12 , Obadias).

Da mesma forma, esses destinos contrastantes foram declarados com uma sensação de misericórdia do Deus redentor. A continuação de Judá e Jerusalém não foi prometida com base em sua bondade ou conquista. Sua sobrevivência foi interpretada como uma libertação divina, sua renovação espiritual como derramamento do Espírito de Deus.

Mas certos outros profetas forneceram a visão mais ampla e mais rica da misericórdia de Deus. Eles expressaram a mais clara convicção de que a comunidade de fé em que o Deus verdadeiro permanece continuamente incluiria restos das nações, bem como um remanescente de Judá. Na verdade, mesmo os egípcios e os assírios adorariam o Senhor, compartilhando com Judahites a benigna comunhão dos redimidos (Isaías 19: 19-25).

Amos

Ralph L. Smith

Introdução

Durante os dias obscuros da Segunda Guerra Mundial, Walter Luthi, de Basileia, pregou uma série de sermões do livro de Amos que foram traduzidos para o inglês e publicados em Londres em 1940 sob o título *In the Time of the Earthquake* . Luthi começou seu livro dizendo: "É o tempo do terremoto novamente". Mais tarde, ele disse: "Amós falou a palavra de Deus aos homens do terremoto ... em todos os lugares e em todos os tempos". Essas palavras sugerem a relevância do livro de Amós para nosso tempo ou a qualquer momento. Amos viveu no tempo do terremoto, assim como o Reino do Norte de Israel estava chegando ao fim. Amos viu uma conexão entre esses dois eventos. Aparentemente, antes de qualquer outra pessoa em sua geração, Amós ouviu o rugido do leão da ira de Deus e o ameaçador brilho da terra antes do terremoto que sinalizou o julgamento de Deus.

Amós é geralmente reconhecido como o primeiro dos profetas escritos em Israel. Embora houvesse outros profetas antes dele, como Elijah, Elisha e Nathan, Amós introduziu um novo elemento na profecia do Antigo Testamento. Este novo elemento resultou na coleta e gravação de algumas de suas mensagens e experiências e na sua preservação em um livro que tem seu nome. Qual foi esse novo elemento de profecia que Amos introduziu? Não era uma nova doutrina de Deus. Não era uma nova moral ou ética. Não era uma nova forma ou estilo para suas mensagens e não o fato de ele pregar uma mensagem de julgamento. O novo elemento na profecia de Amós que provavelmente levou à coleta de seu livro foi o fato de ele ser o primeiro a pregar uma mensagem de julgamento que significou o fim do reino de Israel. Ele tomou o oráculo do juízo sobre um indivíduo e transformou-o num oráculo de doom para uma nação que quebrou a aliança com Deus. Quando o Reino do Norte de Israel caiu dentro de poucos anos, as pessoas sabiam que um profeta estava entre eles.

I. O Homem

Muito pouco se sabe sobre o homem Amos. Ele nunca é mencionado por nenhum outro escritor bíblico. Toda a informação que temos sobre ele vem deste pequeno livro que tem seu nome. O nome de Amos provavelmente significa "sobrecarregado" ou "portador de fardo" e não deve ser confundido com o de Amoz, o pai de Isaías (Isaías 1: 1). Amos não deve ter sido um nome comum, pois só ocorre sete vezes neste livro (1: 1 ; 7: 8 , 10, 11 , 14 ; 8: 2) e uma vez em Lucas 3:25 , onde se refere a outra pessoa do que o profeta.

Amos morava em Tekoa, uma aldeia em Judah a cerca de 11 milhas ao sul de Jerusalém e 18 milhas a oeste do Mar Morto. Tekoa é mencionado várias vezes no Antigo Testamento. Em 2 Samuel 14: 2 é o lar de uma mulher sábia. Um dos trinta guarda-costas de David morava lá também (2 Sam. 23:26). Foi forçado por Roboão (2 Crônicas 11: 6), e foi o lugar onde Jeosafá ia lutar contra Moabe e Amom (2 Crônicas 20:20). Tekoa é uma região de rockbound estéril cercada por três lados por colinas de calcário e uma vista deslumbrante do Mar Morto a leste. "Ele deu aos antigos nativos da Judéia, pois dá ao mero visitante de hoje, a sensação de viver ao lado da doom".

Amós é chamado de pastor ou pastor e cômoda de sicômoros (1: 1 ; 7:14). A palavra *noqed* usada para o pastor em 1: 1 é incomum. Ele ocorre novamente no Antigo Testamento apenas em 2 Reis 3: 4, onde Mesha, rei de Moab, é falado como pastor ou criador de ovelhas e proprietário. Esta palavra para o pastor denota aquele que possuía ou cuidava de um tipo especial de ovelha que tinha pernas curtas e um rosto feio, mas produzia lã abundante de excelente qualidade. Pode-se inferir a partir desta passagem que houve um assentamento dos guardiões de tais ovelhas em Tekoa. Alguns assumiram que, uma vez que o rei de Moab possuía esse tipo de ovelhas, qualquer pessoa que cuidou deles seria rica, portanto Amós deve ter sido rico. No entanto, Amós provavelmente era um homem pobre, já que suas simpatias definitivamente estavam com os pobres em contra de seus ricos opressores. A palavra *boqer* que é traduzida como "pastor" em 7:14 é uma *legomena hapax*(só ocorre aqui) e provavelmente é uma escrita errada do livro para o pastor em 1: 1 (ver IB, VI, 836). Esta palavra significa um detentor de gado. Não há outra evidência de que Amos fosse um detentor de gado. A referência de Amos a seu "bando" em 7:15 sugere que ele era um guardião de ovelhas e não gado.

Amos também é chamado de "cômoda de sicômoros" em 7:14 (veja o comentário sobre isso no tratamento do texto). Tais sicômoros não crescem na região de Tekoa devido à sua altitude e clima relativamente frio. Portanto, se Amos fosse uma cômoda de árvores de sicômoros, ele deveria ter deixado Tekoa em certas estações para os climas semi-tropicais do vale do Jordão ou da planície do Mediterrâneo.

Embora Amos fosse um pastor e aquele que realizasse tarefas domésticas, ele não era educado. Seu treinamento formal poderia ter sido nulo, mas ele era um observador afiado dos caminhos de Deus e dos homens. Consciência e sensibilidade caracterizaram este profeta. Seu estilo literário é talvez o mais livre e o mais puro no Antigo Testamento.

II. Os tempos

Os tempos eram bons. Os tempos eram ruins. Os tempos eram bons porque havia estabilidade política e paz. Havia prosperidade para muitos e observância religiosa pela maioria. Mas os tempos eram ruins porque os líderes eram letárgicos (6: 1) e despreocupados com a ruína dos camponeses (6: 6). A prosperidade era apenas para os poucos privilegiados, e as observâncias religiosas eram na sua maioria externas e superficiais.

Amós viveu e trabalhou durante os reinados de Uzias, rei de Judá (783-742 AC), e Jeroboão II, rei de Israel (786-746 aC). Durante quase 40 anos, esses dois reis fortes governaram os estados irmãos lado a lado, cada um empurrando os limites de seu país para incluir os territórios que antes pertenciam a Israel sob Davi e Salomão (2 Reis 14:25 , 28 ; 2 Crônicas 26: 6 -15).

Muitas das nações menores da região foram obrigadas a prestar homenagem a Israel e a Judá. Ambos os reinos recolheram pedágios das caravanas que atravessaram suas terras do Egito e do Mar Vermelho para a Síria e Mesopotâmia. Neste período, tanto em Israel quanto em Judá, houve uma transição de um modo de vida agrícola para

comercial. Indústria e cidades surgiram, que deram origem a uma classe de comerciantes e proprietários ricos (2 Reis 15:20).

Esta nova classe rica construiu casas de inverno e casas de verão (3:15) de pedra esculpida (4:11) elaboradamente adornada e decorada. Eles tinham sofás embutidos com marfim, cobertos com a mais refinada seda importada (3:12 ; 5:11), sobre a qual se reclinavam ao comer cortes de carne, bebendo vinho de tigelas e ouvindo tensões de música variada (6: 4-6).

Mas a presença de grandes riquezas não significava que não existisse pobreza na terra. Os extremamente ricos obtiveram grande parte da sua riqueza por sua opressão sem piedade contra os pobres. Os ricos pisotearam os pobres, tirando-lhes exatas de trigo (5:11). Os comerciantes usaram pesos e medidas falsas em suas transações comerciais, além de vender trigo de resíduo (8: 5-6). Porque esses homens sem escrúpulos foram capazes de subornar os juízes (5:12), nenhuma reparação foi deixada para os inocentes. Os pobres foram comprados e vendidos no portão por um pouco (2: 6-7).

A tragédia de tudo isso foi que a estrutura social de Israel foi completamente interrompida. Israel originalmente tinha sido uma comunidade de convênios em que não havia distinção de classe. Todos os homens eram iguais perante a lei, Deus, e uns aos outros. Agora tudo isso mudou. Riqueza, poder e afluência chegaram a alguns em Israel. Mas os afluentes, em vez de usar suas riquezas para beneficiar todo o povo de Deus, desperdiçaram-no em luxos e símbolos de status e usaram seu poder recém-adquirido para manter seus pobres irmãos sujeitos.

Pode-se pensar que, à luz das condições que acabamos de descrever, haveria pouco interesse na religião naqueles dias. Tal não foi o caso. Apenas o inverso era verdade. As pessoas do dia de Amós eram muito religiosas, especialmente as pessoas ricas. O templo em Betel estava sob o patrocínio real (7:13). Os serviços religiosos foram bem atendidos (9: 1). Peregrinações foram feitas a Betel, Gilgal e até a Beersheba distante (4: 4 ; 5: 5 ; 8:14). Os dízimos e as ofertas foram dadas com alegria e pontualidade (4: 4-5). Festivais esplêndidos e impressionantes foram realizados com ótima música e canto (5: 22-23). Havia muita expectativa escatológica. Os adoradores estavam de frente para o futuro sem medo (5: 18a; 6: 1 ; 9: 10b). Eles pensaram que estavam no favor de Deus e sob sua proteção. No entanto, o inverso era verdadeiro. Amós disse que o Senhor desprezava as suas festas e não aceitaria os seus sacrifícios (5: 21-22).

John Paterson diz que as pessoas a quem Amós falou não eram irreligiosas.

Eles estavam escorrendo e pingando com religião - de um tipo. Mas estava tudo quente, febril e sensual. Essa religiosidade não poderia enganar os olhos afiados de Amos. . . . Essa adoração é uma farsa profana porque era o ato de homens e mulheres moralmente impuros e não querendo submeter-se à disciplina de busca de Deus. A ética da coisa feita foi substituída pela ética do coração limpo: a religião tornou-se externalizada e materializada.

III. O livro

O livro de Amós é composto de duas partes principais: as palavras de Amós (capítulos 1-6) e as visões de Amós (capítulos 7 a 9). As palavras de Amos assumem várias formas. Há anúncios de julgamentos em nações inteiras (capítulos 1-2) e em pequenos grupos (4: 1). Existem sermonetes (3: 1-2 ; 4: 1-3 ; 5: 1-3), um cântico (5: 2), aflições (5:18 ; 6: 1 , 4), doxologias (4:13 ; 5: 8-9 ; 9: 5-6); orações de intercessão (7: 2b , 5); e questões retóricas que traem a influência do movimento da sabedoria hebraica sobre o profeta (3: 3-8).

Um registro das visões de Amos é gravado na primeira pessoa nos capítulos 7-9 de seu livro. Há cinco destes, mais do que em qualquer outro livro da profecia do Antigo Testamento. O relato das quatro primeiras visões de Amós (7: 1-3; 7: 4-6; 7: 7-9 ; 8: 1-3) segue um padrão definido. Todos começaram com as palavras: "Assim o Senhor Deus me mostrou" (7: 1 , 4 ; 8: 1) ou "Ele me mostrou" (7: 7). Em seguida, segue a palavra "behold", que apresenta uma descrição do que Amos vê (gafas, secas, prumo, frutas de verão). O terceiro elemento em visões um e dois de Amós é a intercessão do profeta: "Ó Senhor Deus, perdoe, peço-lhe! / Como Jacob pode suportar? / Ele é pequeno!" (7: 2b , 5). A intercessão do profeta é seguida pela resposta de Deus: "O Senhor se arrependeu a respeito disso; / "Não será", disse o Senhor "(7: 3 , 6). Na terceira e quarta visões de Amós, os elementos da intercessão de Amós e do arrependimento de Deus estão ausentes. Em seu lugar, considere que o destino de Israel foi decidido (7: 8 ; 8: 2) e descrições do julgamento a ponto de vir para Israel (7: 9 ; 8: 3). A quinta visão de Amós (9: 1-4) não segue a mesma forma que as quatro primeiras, mas traz a mesma mensagem de julgamento. O livro de Amós termina com uma visão escatológica de um Israel renovado e reino de Davi (9: 11-15).

IV. A Teologia de Amós

Amos em nenhum lugar apresenta uma apresentação sistemática de sua teologia pessoal. Ele certamente teve uma posição teológica básica, embora ele não tenha refletido sobre isso, e certamente talvez nunca tenha tentado expressá-lo sistematicamente ou colocá-lo no papiro. Quando se trata da teologia de Amós, ele está lidando com os pressupostos de Amós - sua posição teológica básica. Devemos deduzir seus pressupostos teológicos do que ele diz e do que podemos aprender a partir de um estudo da história da religião de Israel.

O livro de Amós não é um livro bem fundamentado sobre a natureza de Deus, o homem, o pecado e a salvação. Amos não apresenta argumentos ontológicos, teleológicos ou cosmológicos para a existência de Deus. Ele não está tão interessado em apresentar ao seu povo o que Deus é como ele está em anunciar o que Deus está prestes a fazer. A mensagem de Amós é a mensagem do rugido do leão e do terremoto. Amós estava sob ordens para anunciar o julgamento de Deus sobre o seu povo. Ele foi levado de seguir a ovelha para ficar no conselho de Deus (2: 7). Ele havia ouvido o veredicto final: "O fim veio sobre o meu povo Israel; Nunca mais passarei por eles "(8: 2). Israel como uma nação estava morto antes de seu tempo (5: 2).

A principal preocupação de Amós foi a iminente destruição de Israel. Tudo o que ele disse foi baseado em sua convicção de que o fim de Israel estava perto. Amos subitamente veio a esta convicção através de um encontro pessoal com Deus, mas sua teologia não foi o resultado de uma experiência súbita. As raízes da fé de Amós estavam profundamente inseridas no trato de Deus com Israel e as nações da história.

V. Deus e Israel

O início da teologia de Amós encontra-se na doutrina da eleição. Amos estava no meio das tradições eleitorais de Israel. Ele não iniciou a fé de Israel; ele herdou isso. Ele não era revolucionário, mas um reformador, chamando as pessoas de volta à fé de seus pais. Amós acreditava que Deus havia escolhido Israel de todas as famílias da terra (3: 2) e a levaram para fora do Egito (2:10 ; 3: 1 ; 9: 7). Deus lhe deu uma terra, expulsando os amorreus antes deles (2: 9). Ele levantou dentre os seus filhos os profetas e os Naziritas (2:11) e lhes deram leis especiais para orientá-los na maneira como deveriam ir.

Deus entrou em uma aliança com Israel. Amós não usa esse termo para se referir à relação peculiar entre Deus e Israel, embora, certamente, a teologia de Amós fosse uma teologia da aliança. Talvez Amós evitasse o termo convênio, por causa do mal entendimento de Israel em seu tempo. Parece que Israel acreditava que a aliança era inviolável e que lhe dava privilégios e uma licença que nenhuma outra nação tinha. Amos certamente acreditava no relacionamento da aliança. Ele usou a expressão: "Você só soube de todas as famílias da terra" (3: 2). Herbert Huffmon mostrou que os paralelos semíticos ao verbo hebreu "saber" eram usados em tratados entre imperadores e seus vassalos, cujos tratados eram modelos para a idéia da aliança no Antigo Testamento.

Mas o Senhor para Amós não era apenas o Deus da aliança de Israel. Ele era o Deus do mundo inteiro. De fato, a doutrina da eleição implica a soberania universal de Deus. Pois, se Deus não fosse soberano sobre todas as nações, ele não teria o direito nem o poder de escolher uma nação. Amós acreditava que Deus era soberano sobre todas as nações. Ele escolheu Israel de todas as famílias da terra. Ele liberou seu povo das mãos dos egípcios. Ele expulsou os amorreus antes deles. Ele trouxe os filisteus de Caphtor e os sírios de Kir (9: 7). Mas a sua soberania também se estendeu sobre a natureza (4:13 ; 5: 8 ; 9: 5) e sobre os vizinhos mais próximos de Israel.

VI. Deus e as Nações

A teologia de Amos começou com o relacionamento de Deus com Israel, mas não estava limitado a isso. Incluiu o relacionamento de Deus com outras nações. Em 1: 3-2: 3 Amós lida com os pecados dos vizinhos mais próximos de Israel: Damasco, Filístia, Tiro, Edom, Amon e Moabe. É interessante notar que Amós não hesitou em afirmar que essas nações pecaram repetidamente e gravemente contra os outros e contra Deus. Amós acreditava que Yahweh levaria estas nações responsáveis por seus pecados e que, em certo ponto em sua rebelião, Deus diria que era o suficiente. Ele se afastou e não afastou o julgamento de seus pecados por mais tempo.

Todos os pecados dos vizinhos de Israel não são enumerados. Na verdade, aparentemente apenas um pecado representativo é mencionado especificamente em conexão com cada nação. Mas esse pecado fala muito. Nenhuma dessas nações é acusada de quebrar a aliança, nem de rejeitar a lei de Deus. Seus pecados são os crimes da desumanidade do homem para o homem. Seus pecados podem ser colocados em três categorias: crueldade em guerra, escravidão e ódio. Damasco tinha trilhado Gileade com debulhadores de ferro (1: 3), e Amom rasgou mulheres com filhos para ampliar suas fronteiras (1:13). Philistia e Tyr haviam culpado de privar aldeias inteiras de sua

liberdade e de vender a população em escravidão (1: 6 , 9). Edom recusou-se a reconciliar-se com seu irmão e permitiu que sua ira se rompesse perpetuamente (1:11), enquanto os moabitas expulso sua ira contra o morto rei de Moabe, destrancando seus ossos e queimando-os (2: 1). Tais pecados, mesmo entre os pagãos, não poderiam ficar impunes.

VII. O que Israel tinha feito

Amós deve ter refletido sobre o destino de seu próprio povo à luz do julgamento de Deus sobre as nações. Israel não só pecou da mesma maneira que seus vizinhos pagãos; Ela também quebrou a aliança com Deus.

Com base nas relações especiais de Deus com Israel - sua eleição, aliança, libertação do Egito, dom da terra e revelação na lei - um poderia ter esperado que Israel tenha sido uma nação modelo em justiça e fé. Em vez disso, no entanto, Israel realmente perdeu sua eleição tornando-se como as outras nações. Ela quebrou sua aliança. Ela usou sua liberdade de escravidão para escravizar um grande segmento de seu próprio povo. O dom da terra que ela usava para fins egoístas. Ela rejeitou a lei de Deus e caminhou após as mentiras.

Amós trouxe muitas acusações específicas contra Israel, mas nenhuma foi mais séria que a expressada nas palavras: "Eles não sabem como fazer o bem" (3:10). Que acusação contra um povo de Deus! Israel deveria e poderia ter sabido como fazer direito. Na verdade, há evidências de que Israel já havia sabido como fazer exatamente, mas isso já não era verdade. Fazer o direito tornou-se uma arte perdida para Israel. Amós sempre falava sobre justiça e justiça (5: 7 , 24), sobre a verdade e a bondade (5:10 , 14). Mas todas as indicações são de que Israel já não entendia essa linguagem.

A evidência de que Israel não sabia como fazer o bem pode ser vista nas acusações que Amós trouxe contra Israel. Eles foram culpados de caminhar sobre "pequenas" pessoas (2: 7 ; 5:11 ; 8: 4), de comprá-las e vendê-las como grãos (2: 6 ; 8: 6); de justiça obstrutiva (5:12); de prostituição prática (2: 7); de silenciar os profetas (2:12 ; 7: 12-13). Amós diz que seus juízes estavam tomando subornos (5:12); suas mulheres eram duras, cruéis e embriagadas (4: 1); seus homens de negócios eram sem escrúpulos, desonesto e agarrados (8: 5-6). Eles transformaram seus serviços de adoração em manipulações mecânicas de cerimônias para satisfazer seus desejos e consciências e aplacar o Senhor ao invés de louvá-lo. Israel não se entristeceu com a ruína de José (6: 6).

VIII. Julgamento e esperança para Israel

O que Deus faria diante do pecado de Israel? Ele iria ignorá-lo? Será que ele piscaria nisso? Ou ele pararia de afastar o castigo de Israel? Todo o peso da mensagem de Amós era que seu dia de graça acabou. O fim chegou a Israel. Seus pecados, como os de seus vizinhos, alcançaram o ponto de saturação: "Por três transgressões de Israel, e por quatro não revogarei o castigo" (2: 6).

O fim não chegou a Israel sem aviso prévio. Amós disse que o Senhor não faria nada sem revelar seu segredo aos seus servos, os profetas (3: 7). Sete vezes, Deus havia

pedido que Israel se arrependesse, e ela se recusara a ouvir. Ele convocou a fome (4: 6), na seca (4: 7), na erva e mofo (4: 9), na praga dos gafanhotos (4: 9), na peste (4:10), na guerra (4:10), e no terremoto (4:11). Mas Israel fez ouvidos surdos a cada chamada para se arrepender. Por isso, Deus disse: "Assim eu farei com você, ó Israel; porque eu vou fazer isso com você, prepare-se para encontrar seu Deus. "(4:12). Deus não estava morto para Amós, mas com medo de vida, e ele deve ser encarado.

O que Deus estava prestes a fazer foi deixado perturbadoramente incerto (4:12). É expressado na palavra "isto". Mas em outros lugares do livro Amós deixa claro que ele está se referindo a um exército inimigo que cercará Israel (3:11). O inimigo destruirá as defesas (3:11), o templo em Betel (3:14), e os altares em Gilgal e Betel (5: 5), juntamente com as casas de inverno, casas de verão e vinhas (3:15 ; 5:12 ; 6:11). Noventa por cento da população será morta ou capturada (5: 3). Amos, com um coração pesado, canta um funeral para o seu povo. "Não caiu mais para subir, / é o Israel virgem; / abandonado em sua terra / com ninguém para levantá-la "(5: 2).

Não havia esperança para Israel? Não havia como escapar do inminente julgamento de Deus? Havia apenas uma pequena possibilidade - apenas essa possibilidade encontrada na soberania de Deus. Duas vezes Amos viu o julgamento de Deus vindo e intercedeu por Israel (7: 2 , 5), e Deus desviou o julgamento anunciado. Mas com a terceira visão da linha de prumo, tanto Deus quanto disse a Amós que não orasse mais por seu povo: "Nunca mais passarei por eles" (8: 2 , cf. 7: 9). Isso soa muito final. No entanto, Amós manifesta um "pode ser" para Israel (5:15). No entanto, o profeta deixa muito claro que a única esperança que Israel tem é no próprio Deus e não nas cerimônias (5: 4 , 6 , 14).

Para dizer o mínimo, a mensagem de Amós deve ter sido um choque para muitos de seus ouvintes. Talvez muitas das pessoas não tenham suspeita de que sua nação estava tão perto da destruição. Eles eram cegos para os perigos que os ameaçavam (cf. Hos. 7: 9 para uma descrição da cegueira de Israel). Alguns dos líderes de Israel provavelmente sabiam o que estava acontecendo e perceberam subconscientemente, pelo menos, que, em última instância, o julgamento viesse, mas eles pensaram que conseguiram colocar longe o dia do mal (6: 3).

Mas a grande maioria dos líderes israelenses sentiu-se perfeitamente segura e segura. Confiavam na doutrina da eleição, na sua observação pontual de rituais e cerimônias religiosas, na vinda do dia do Senhor e nas montanhas de Samaria e Sion. Mas Amós despojou seus ouvintes de todas essas falsas garantias um a um e os deixou sem qualquer motivo para se manter, exceto o elenco de si mesmo sobre as misericórdias de Deus. Ele disse que a doutrina das eleições envolve responsabilidade e privilégio (3: 2). Ele disse que sua própria adoração acrescentou pecado ao pecado (4: 4) e que Deus odiava suas festas e não aceitaria seus sacrifícios (5: 21-22). Ele disse que o dia do Senhor seria a escuridão em vez da luz (5:18) e que Samaria caísse e nunca mais se levante (8:14).

Mas, perguntamos, não havia futuro para Israel e para o povo de Deus? Há um raio de esperança no final do livro de Amós (9: 11-15). No entanto, muitos estudiosos rejeitaram isso como o trabalho de Amós com o argumento de que parece contradizer o que Amós havia dito anteriormente: "Eles cairão e nunca mais se levantarão" (8:14), e

com o argumento de que as expressões, "Eu levantarei o estande de Davi que está caído" (9:11) e "Eu restaurarei a fortuna do meu povo Israel" (9:14), são pós-físicos. Alguns negam essa seção a Amos com base no estilo e atitude ética. O que Amos desejava ver, eles dizem, não eram montanhas que caíam vinho doce (9:13), mas a justiça fluindo como um fluxo poderoso (5:24). Estes são argumentos de peso e não devem ser rejeitados levemente. Mas eles não apresentam dificuldades insuperáveis à visão de que Amós é o autor responsável desta passagem.

Três escritores recentes, Clements, Watts e von Rad, defenderam a autenticidade desta passagem. RE Clements (p.121) disse que não existe uma razão convincente para negar este oráculo a Amos ou para descontar a afirmação de que Amós entretinha uma esperança para o futuro de seu povo além do julgamento prestes a cair neles. Watts (página 72) diz: "Um exame cuidadoso dos versos mostra que não há nada aqui que Amos não *poderia* ter dito. Além disso, os motivos típicos da escatologia exílica são totalmente insuficientes. "Um comentário de von Rad é relevante:

Agora, Amós era judeu. Não nos surpreenderia se não houvesse absolutamente nenhuma menção às tradições em que ele estava mais em casa? O oráculo messiânico é claramente restrito na questão do seu conteúdo. Não há nenhuma sugestão de qualquer agitação sensacional em eventos mundiais, como resultado de que os céus e a terra são abalados (ver Hag. Ii. 20ff). O único assunto mencionado é a reconstrução da casa caída, unicamente a restauração de um edifício cujas bases foram colocadas há muito tempo. E o que posteriormente seguirá é a integração do antigo império davídico, que no intervalo sofreu graves danos. Jahweh não deve apagar o que ele "construiu" uma vez; em particular, ele não deve entregar sua reivindicação sobre as nações que foram chamadas pelo nome dele.

Se as últimas palavras no livro de Amós foram realmente faladas pelo profeta ainda não podem ser decididas com certeza. No entanto, é difícil acreditar que Amós era apenas um mensageiro da destruição. A última palavra deste profeta deve ter sido uma palavra de esperança.

Esboço

1. Superscrição e tema (1: 1-2)

I. As palavras de Amós (1: 3-6: 14)

    1. Oracles relativos às nações (1: 3-2: 16)

        1. Oracle contra Damasco (1: 3-5)
        2. Oracle contra Gaza (1: 6-8)
        3. Oracle contra Tire (1: 9-10)
        4. Oracle contra Edom (1: 11-12)
        5. Oracle contra Amon (1: 13-15)
        6. Oracle contra Moab (2: 1-3)
        7. Oráculo contra Judá (2: 4-5)
        8. Oracle contra Israel (2: 6-16)

2. Palavras especiais para Israel (3: 1-6: 14)
    1. Uma palavra sobre eleição (3: 1-2)
    2. Uma palavra sobre relacionamentos (3: 3-8)
    3. Palavras de julgamento (3: 9-15)
    4. As mulheres ricas de Samaria (4: 1-3)
    5. Uma palavra sobre adoração (4: 4-5)
    6. Sete palavras sobre o arrependimento (4: 6-12)
    7. Uma doxologia (4:13)
    8. Um lamento sobre uma nação caída (5: 1-3)
    9. O caminho para a vida (5: 4-7)
    10. Uma segunda doxologia (5: 8-9)
    11. Pecados e julgamento (5: 10-13)
    12. Um convite à vida (5: 14-15)
    13. Lamentação nacional (5: 16-17)
    14. Uma palavra de aflição em relação ao dia de Javé (5: 18-20)
    15. A rejeição de Israel ao culto de Israel (5: 21-24)
    16. Israel está se aproximando do exílio (5: 25-27)
    17. Ai daqueles sem problemas por seus tempos (6: 1-7)
    18. Julgamento sobre aqueles que não se preocupam com os seus tempos (6: 8-14)

II. As visões de Amós com palavras de advertência e esperança (7: 1-9: 15)
1. Visão de gafanhoto e intercessão de Amós (7: 1-3)
2. Visão de fogo e intercessão de Amós (7: 4-6)
3. Visão de uma linha de prumo (7: 7-9)
4. Amós e Amazias (7: 10-17)
5. Visão da fruta do verão (8: 1-3)
6. Um aviso final (8: 4-14)
7. Visão de Javé ao lado do altar (9: 1-4)
8. Uma terceira doxologia (9: 5-6)
9. Morte pelos pecadores; um restante poupado (9: 7-10)
10. Um amanhã brilhante (9: 11-15)

Bibliografia

BUBER, MARTIN. *A Fé Profética.* ("The Cloister Library") Nova York: Harper e Bros., 1960.

CLEMENTS, RE *Prophecy e Pacto.* Londres: SCM Press, 1965.

CRIPPS, RICHARD S. *Um comentário crítico e exegético sobre o livro de Amos.* Londres: SPCK, 1955.

DRIVER, SR *Joel e Amos.* ("The Cambridge Bible".) Cambridge: The University Press, 1942.

EDGHILL, EA *The Book of Amos.* ("Comentários de Westminster") 2ª ed. Londres: Methuen and Co., Ltd., 1926.

FOSBROKE, HUGHELL EW e LOVETT, SIDNEY, "The Book of Amos", *A Bíblia do Intérprete,* VI. Nashville: Abingdon Press, 1956.

HARPER, WILLIAM R., *um comentário crítico e exegético sobre Amos e Oséias.* ("The International Critical Commentary"). Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1910.

HONEYCUTT, ROY L. , *Amos e Sua Mensagem.* Nashville: Broadman Press, 1963.

KELLEY, PÁGINA H. *O Livro de Amós.* Grand Rapids: Baker Book House, 1966.

LUNN, WALTER, *na época do terremoto.* Trans, por FLM Haire e Ian Henderson. Londres: Hodder e Stoughton, 1940.

MARSH, JOHN, *Amos e Miqueias.* ("Comentários da Bíblia da Torcha".) Londres: SCM Press, 1959.

MAYS, JAMES LUTHER. *Amos.* Filadélfia: The Westminster Press, 1969.

SNAITH, NORMAN H. , *Amos, Oséias e Miqueias.* ("Epworth Preacher's Commentaries".) Londres: Epworth Press, 1956.

WARD, JAMES M. *Amos e Isaiah.* Nashville: Abingdon Press, 1969.

WATTS, JOHN DW *Visão e Profecia em Amos.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1958.

WATTS, JOHN DW, *estudando o livro de Amos.* Nashville: Broadman Press, 1966.

Comentário sobre o texto

Superscrição e Tema (1: 1-2)

[1] As palavras de Amós, que estava entre os pastores de Tekoa, que viu sobre Israel nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto. [2] E ele disse:

"O SENHOR rugiu de Sião,
e solta a voz de Jerusalém;
os pastos dos pastores lamentam,
e o topo do Carmelo se seca.

O livro de Amos começa com uma inscrição (1: 1), que provavelmente foi o trabalho de um editor. O editor pode ter sido aquele que colecionou as palavras e visões de Amos, ou aquele que colecionou e organizou os materiais para o livro dos Profetas Menores. A inscrição de um livro da profecia do Antigo Testamento é algo semelhante à página de título de um livro moderno. Geralmente identifica o profeta, a natureza do material no livro (oráculos, palavras, visões, etc.), o tempo que os oráculos foram dados e os destinatários da profecia. No entanto, a página de título de um livro de modem geralmente é afixada no momento da publicação, enquanto que as antigas inscrições geralmente eram compostas pelos coletores dos materiais e não pelo profeta. No caso do livro de Amós, o próprio profeta poderia ter escrito a inscrição, mas isso não é provável, uma vez que o Amos é mencionado pelo nome na terceira pessoa. Quem escreveu esta inscrição deve ter sido cidadão de Judá porque Uzias, rei de Judá, está listado perante o rei de Israel.

A natureza do livro de Amos é descrita na inscrição como palavras de Amós,. . . o que ele viu. Portanto, este é um livro de palavras e visões. Mais do que qualquer outro livro da profecia do Antigo Testamento, Amós é composto de palavras e visões. Outros livros como Jeremias, Ezequiel e Isaías contêm muitas palavras ou oráculos do profeta, mas também contêm muitos materiais biográficos e narrativos. Amos contém muito pouca biografia e quase nenhum material narrativo. Em contraste com Amós, o livro de Jonas é quase toda narrativa com apenas um breve oráculo: "Quarenta dias e Nínive serão destruídos".

Os destinatários da profecia de Amós eram o povo de Israel, as palavras de Amós,. . . que ele viu sobre Israel. Não é certo se "Israel" aqui significa apenas o Reino do Norte, ou se inclui Judá também. Amós parece ter sido comissionado para profetizar contra o Reino do Norte (7:15). No entanto, as referências a Judá, Jerusalém e Zion são encontradas no livro. Zion e Jerusalém são mencionados 1: 2 , mas este verso também poderia ser o trabalho de um editor. Há um oráculo contra Judá em 2: 4-5 . No entanto, alguns estudiosos argumentaram que este oráculo não vem de Amós. Mas a expressão "toda a família que tirei da terra do Egito" (3: 1) não pode ser negado ser o trabalho de Amós, e certamente deve incluir Judá. "Aqueles ... à vontade em Sião" (6: 1) certamente se refere ao povo de Judá. Concluímos, portanto, que, embora o principal impulso da mensagem de Amós fosse para o Reino do Norte, seu próprio povo em Judá não foi esquecido.

O tempo do ministério de Amós é indicado pela expressão, nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto. Uzias reinou de 783 a 742 AC e Jeroboão II reinou de 786 a 746 AC. Portanto, o ministério ativo de Amós deve ter estado em algum lugar entre 783 e 746 AC. Se pudéssemos estabelecer a data exata do terremoto, poderíamos determinar o início da guerra de Amós, ministério e talvez até o fim de seu ministério. Pelo menos um erudito acredita que Amós fez toda sua pregação em um dia, em um período de meia hora.É muito improvável que o ministério de Amós seja tão curto. De fato, se toda a pregação de Amós fosse feita antes do terremoto, seria difícil explicar outras referências aparentes no livro. Amos provavelmente teve o terremoto em mente quando ele disse: "Eu derrubei alguns de vocês, como quando Deus derrubou Sodoma e Gomorra" (4:11). A expressão em 8: 8 provavelmente foi influenciada pelo terremoto. Em 9: 1, o profeta diz: "Fale os capitais até que os limiares agitem". Todas essas expressões traem uma psicologia do terremoto. Na verdade, o estrondo do terremoto parece fornecer música de fundo para o livro de Amos.

O tema ou lema de Amos está estabelecido em The Lord rugidos. É um anúncio do julgamento expresso em uma metáfora como o rugido de um leão. Amós era um pastor e, sem dúvida, experimentou o frio que vem à espinha de um pastor ao rugido de um leão. Ele revelou tragédia e perigo para o pastor e seu rebanho. Amos não é o único profeta a usar a metáfora do rugido do leão para expressar uma mensagem de julgamento. Joel 3:16 e Jeremias 25:30 usam linguagem muito semelhante. É ocioso especular sobre qual profeta "inventou" a frase que é usada aqui. A probabilidade é que todos os três tenham emprestado a expressão de uma tradição comum.

Nos últimos anos, alguns estudiosos adotaram uma abordagem cultual para o estudo da literatura profética. Tais estudiosos não interpretam o rugido da metáfora do Senhor com base no rugido de um leão, mas uma metáfora baseada no trovão contínuo (ver Mays, p.22). Este lema representa então uma teofania em que Deus fala em juízo de Sião e Jerusalém. Zion e Jerusalém são designados como a morada terrestre de Deus.

Os efeitos do julgamento neste verso são descritos em termos de seca, as pastagens dos pastores devem lutar, e o topo do Carmelo desaparece. Carmel significa pomar ou jardim e se refere à montanha proeminente que se aproxima do Mediterrâneo, ao norte da Haifa moderna. Era conhecida pela sua vegetação pesada. Portanto, o tema deste livro é que o julgamento de Deus está prestes a vir sobre Israel como um rugido de leão e uma seca severa até que todas as áreas da terra sejam vitalmente afetadas.

I. As palavras de Amós (1: 3-6: 14)

1. Oracles Concerning, the Nations (1: 3-2: 16)

Amós, como outros profetas do Antigo Testamento, emitiram oráculos sobre nações estrangeiras (Isaías 13-23 : Ezequiel 25-32 ; Jer. 46-51). Estes oráculos não foram pregados às nações estrangeiras, mas a Israel. Muitos esforços foram gastos nos últimos anos para encontrar o cenário original e o uso dessas profecias estrangeiras. Alguns estudiosos acreditam que os profetas de Israel, bem como os sacerdotes do Egito, estavam pronunciando maldições sobre seus inimigos através desses oráculos. Alguns textos de execração antigos foram encontrados no Egito, que foram maldições escritas em efígies de argila. Os sacerdotes pronunciariam a maldição e esmagariam a efígie na crença de que a maldição seria efetiva contra o inimigo. Muitas pessoas não acreditam que Amós, Isaías ou Jeremias sejam usuários de magia ou pronuncias de maldições. No entanto, as pessoas de Israel provavelmente estavam familiarizadas com tais práticas. Baalão foi contratado por Balaque, rei de Moabe, para pronunciar uma maldição sobre Israel (Num 22-23). Em suas profecias estrangeiras, os profetas do Antigo Testamento não estavam tentando pronunciar uma maldição sobre outras pessoas tanto quanto eles estavam tentando avisar a Israel que o mesmo destino esperava os que estavam chegando às outras nações.

É possível que Amós usasse um padrão de culto familiar para organizar suas profecias estrangeiras geograficamente. Observou-se que há oito nações na lista de Amos, assim como havia oito na lista de execração egípcia. À medida que os sacerdotes egípcios chamavam os vizinhos que se encontravam ao redor da terra natal em uma sequência geográfica nos pontos da bússola, finalmente, amaldiçoando os malfeitores no Egito, então Amós nomeia seis nações que cercam Israel e depois vem aos pecadores dentro de Israel. Há algo de ameaçador sobre a maneira como ele atravessa Israel. Ele vai da Síria

no nordeste para a Filistia no sudoeste, até Tire no noroeste, para Moab e Edom, no sudeste, antes de se mudar para Judá e Israel por dentro.

As profecias estrangeiras de Amós estão no início de seu livro. Só podemos especular sobre os motivos desse arranjo, pois isso não acontece em nenhum outro livro. O arranjo pode ter sido por razões psicológicas. Amos provavelmente sabia que a melhor maneira de chamar a atenção das pessoas era falar sobre os pecados de seus vizinhos. Portanto, Amós começou a falar sobre os pecados da Síria, Philistia, Tire, etc., até que ele chamou a atenção e o acordo de seu próprio povo; então ele de repente começou a falar sobre seus pecados. Isso pode ser assim, mas é pura especulação.

Antes de examinar cada oracle separadamente, devemos notar a forma comum desses primeiros oito oráculos. Cada um começa com a fórmula mensageira: "Assim diz o Senhor" (1: 3 , 6 , 9 , 11 , 13 ; 2: 1 , 4 , 6), que é seguido por uma acusação geral, "Por três transgressões de. . . e para quatro. "Então uma acusação específica é feita contra cada nação introduzida por" porque ". Quatro acusações específicas contra Israel são mencionadas. Há um anúncio de julgamento em cada oráculo composto por duas partes. Primeiro, Deus diz que não vai reter mais o castigo: "Não revogarei a punição"; Em segundo lugar, ele agirá em julgamento: "Então vou enviar um incêndio" (não especificamente mencionado sobre Israel). Em alguns casos, os resultados do julgamento são descritos. Também uma fórmula mensageira, "diz o Senhor", é repetida no final de alguns dos oráculos (1: 5 , 8 , 15 , 2: 3 , 11 , 16).

A fórmula do messenger decorre do tempo antes da invenção de escrever quando as mensagens só poderiam ser transmitidas por um mensageiro. Reis ou imperadores, muitas vezes, enviam seus servos ou emissários confiáveis para outros reis ou vassalos com uma mensagem importante. Em Gênesis 32: 3-5 , somos informados de que Jacó enviou mensageiros antes dele a Esaú, instruindo-os: "Assim dirás ao meu senhor Esaú: assim diz o seu servo Jacó".

O profeta no Antigo Testamento era um mensageiro de Javé. Amos fez muito uso da fórmula do messenger.

(1) Oracle Against Damascus (1: 3-5)

3 Assim diz o Senhor:
"Por três transgressões de Damasco,
e para quatro, não revogarei a punição;
porque eles trilharam Gilead
com trilhos de trilhos de ferro.
4 Então enviarei um fogo sobre a casa de Hazael,
e devorará as fortalezas de Benhadad.
5 Vou quebrar o bar de Damasco,
e cortou os habitantes do vale de Aven,
e aquele que segura o cetro de Betheden;
e o povo da Síria irá para o exílio para Kir ",
diz o Senhor.

A expressão Para três transgressões de ..., e quatro ocorrem oito vezes nos dois primeiros capítulos de Amós. Os números não devem ser entendidos literalmente, sim simbolicamente. Três significa o suficiente, completo, completo e quatro significa mais do que suficiente. Amos acreditava que o pecado de uma sociedade poderia chegar a um ponto de saturação além do qual Deus não permitiria que a sociedade fosse sem julgamento. Esse ponto de saturação é representado aqui pelo número "três". Amos acreditava que todas as sociedades que ele mencionava nos capítulos 1 e 2 atingiram o ponto de saturação do pecado e tinham ido além. O quarto pecado representa muitos. Representa o ponto de ruptura, o ponto de não retorno. Pode não ser mais atroz do que outros que foram antes, mas é o capstone de maldição de agelong. Farrar disse:

O pecado é cumulativo. Começando como deixar a água aumentar passo a passo em volume e intensidade. Uma nação pode por muito tempo manter em suas mãos o copo de suas abominações, mas é inevitável que, finalmente, quando se acostumar mais ao pecado, mais ousado em desafio à lei de Deus, enche a taça até a borda e corre , e chegou o tempo em que não deve ser preenchido com "o vinho das suas fornicações", mas com "o vinho da ira de Deus".

Transgressões (*pesha*) é uma das três principais palavras hebraicas para o pecado e, literalmente, significa rebelião. O verbo é usado para se referir à rebelião de Israel contra a casa de Davi (1 Reis 12:19) e da rebelião de Moabe contra Israel (2 Reis 1: 1). A essência do pecado no Antigo Testamento é a rebelião contra um senhor ou um governante.

Damasco é uma das cidades mais antigas do mundo. Está localizado nas encostas orientais da serra anti-Líbano, sendo Mount Hermon de 20 a 30 milhas a sudoeste da cidade. O rio Abana (2 Reis 5:12) ou Amana (Canção do Sol 4: 8), que significa "fluxo frio", atravessa a cidade enquanto o rio Pharpar flui cerca de seis milhas ao sul da cidade. Nesta passagem, Damasco representa a Síria. Naquela época, a Síria era o maior vizinho e rival mais amargo de Israel. Os confrontos na fronteira foram muito frequentes entre a Síria e Israel. A Síria havia invadido Gileade (1: 3), uma parte do território de Israel, mas Israel recentemente recuperou duas de suas cidades do controle sírio, Lodebar e Karnaim (6:13).

Não revogarei a punição. A palavra punição não está no texto. O hebraico literalmente diz: "Eu não vou transformá-lo", o que significa: "Não o recordo ou afastarei". O "ele" pode representar uma palavra do Senhor que foi solta no mundo não retornará Ele está vazio (ver Isa. 55:11). No entanto, "ele" provavelmente se refere ao castigo ou julgamento para os "três e quatro" pecados. Aqui está um pronunciamento direto de Deus através do profeta que o tempo do arrependimento é passado. Deus não irá afastar o julgamento sobre os pecados da Síria como ele faz muito tempo.

Qual foi o pecado fatal de Damacus? Foi que trilhou Gilead com trilhos de ferro. Gilead é um termo geral que se refere ao território a leste do Jordão entre os rios Amon e Yarmuk. A palavra "trilhou" literalmente significa "pisotear". A debulha foi feita pelos pés de animais que pisotearam o grão (Deuteronômio 25: 4 , Jeremias 50:11 , Mic. 4:13). O termo para trenó de trincheira pode se referir a um carrinho ou trenó em cujas rodas ou picos de ferro do corredor foram conduzidos. A referência é provavelmente ao tratamento cruel do povo de Gileade por seus conquistadores sírios. Fosbroke diz: "Sobre os corpos prostrados de um inimigo conquistado, os vencedores cruéis haviam

arrastado os pesados trilhos de ferro, e os dentes irregulares significavam cortar pedaços e trilhar o grão tinha manchado a carne trêmula dos seres humanos" (p 779).

Então vou enviar fogo. Yahweh ainda está falando. A mesma expressão ocorre em 1: 7 , 10 , 12 ; 2: 5 ; "Kindle fire" é usado em 1:14 . Esta era uma expressão comum com os profetas (cf. Hos. 8:14 ; Jeremias 17:27 ; 21:14 ; 49:27 ; 50:32). O fogo aqui significa as chamas da guerra, em parte pelas conflagrações literais e em parte pela destruição geral.

A casa de Hazael refere-se à família ou dinastia de reis sírios fundada por Hazael em 842 AC. Ele foi sucedido por seu filho, Benhadad II, cerca de 802 aC (ver 2 Reis 8: 7-13). Há alguns estudiosos que postulam dois reis com o nome de Benhadad antes de Hazael. Se esse fosse o caso, o filho de Hazael seria Benhadad III.

As fortalezas de Benhadad provavelmente se referem às torres fortificadas nas defesas da Síria. Algumas versões traduzem esta palavra "palácios". Uma fortaleza era uma característica comum de um palácio. Amos está dizendo que o governo e as defesas da nação serão devorados pelos incêndios da guerra. A punição neste caso é compatível com o crime. A barra de Damasco é a barra de bronze ou ferro que assegurou o portão da cidade. O Vale de Aven e Betheden são nomes de lugares na Síria, cujos locais permanecem incertos. Aven significa vaidade e pode sugerir um lugar de adoração de deuses falsos. A Septuaginta traduz esta frase "Vale de On". Foi o nome de uma cidade que era um centro de adoração pelo sol. Baalbek, que está na Síria entre os dois libaneses, era um centro de adoração pelo sol e pode ser referido aqui.

O profeta estava dizendo que cidade e cidade, príncipe e pessoas, todos seriam sujeitos a um julgamento severo, e o povo da Síria seria levado ao exílio para Kir. A localização exata ainda não foi determinada. Em 9: 7 Kir é mencionado como o lugar a partir do qual os sírios vieram. É provável que os assírios levassem os sírios de volta ao seu local de origem? Alguns vêem Kir em Amós 1: 5 e 9: 7 como uma alusão poética. De Kir, eles vieram, para Kir, eles deveriam ir (ver Isaías 37:34 ; Egdhill, p.8)

(2) Oracle Against Gaza (1: 6-8)

6 Assim diz o SENHOR :
"Por três transgressões de Gaza,
e para quatro, não revogarei a punição;
porque levaram ao exílio todo um povo
para entregá-los a Edom.
7 Então enviarei um fogo na parede de Gaza,
e devorará suas fortalezas.
8 Vou cortar os habitantes de Ashdod,
e aquele que segura o cetro de Ashkelon;
Eu vou virar minha mão contra Ekron;
e o remanescente dos filisteus perecerá, "
diz o Senhor DEUS.

Dos inimigos de Israel no nordeste, Amós se volta para os do sudoeste, os filisteus. Os filisteus foram inimigos tradicionais de Israel desde os tempos da conquista de Canaã. Eles eram os povos do mar que vieram de Caphtor (provavelmente Creta, 9: 7) para se estabelecer ao longo da costa, perto da fronteira egípcia. O nome da Palestina é derivado da palavra hebraica *P e lishtim* (filisteus).

Gaza era a cidade mais austral da península filisteina. Quando Rameses III (1175-1144 AC) expulsou os povos do mar do seu país, ele provavelmente os contratou como mercenários, ou os fez seus vassalos e os colocou nas três cidades costeiras de Gaza, Ashkelon e Ashdod. Mais tarde, os filisteus assumiram o controle de duas cidades interiores, Ekron e Gath. Gaza é identificada aqui não apenas como a mais proeminente das cinco cidades, mas também provavelmente como a mais culpada. Nos tempos modernos, esta cidade deu seu nome a toda a região da Faixa de Gaza. Três outras cidades filisteus são mencionadas aqui junto com Gaza: Ashdod, Ashkelon e Ekron. A quinta cidade, Gath, é mencionada por Amos em 6: 2 . Lá parece ser um exemplo de uma cidade destruída, o que pode explicar por que não é mencionado aqui.

O pecado particular pelo qual os filisteus foram condenados foi o pecado do tráfico de escravos, porque levaram ao exílio todo um povo para entregá-los a Edom. Gaza estava localizada à beira do mar e do deserto. Era um porto semelhante ao deserto e ao mar. Com isso, grandes rotas comerciais foram em todas as direções. Todo um povo se refere a uma tribo inteira. Amós acusou os filisteus de capturar e vender tribos inteiras de pessoas para ganhar material, e ele diz que o Senhor enviará fogo (guerra) às suas cidades até o último remanescente ter morrido (vv 7-8).

(3) Oracle Against Tire (1: 9-10)

> *9 Assim diz o SENHOR :*
> *"Para três transgressões de Tire,*
> *e para quatro, não revogarei a punição;*
> *porque eles entregaram todo um povo a Edom,*
> *e não se lembrou da aliança de fraternidade.*
> *10 Então enviarei um fogo na parede de Tire,*
> *e devorará as suas fortalezas ".*

Tire foi uma das cidades mais importantes do mundo antigo. Suas origens remontam ao passado distante. Heródoto disse que Tire foi fundada no século vigésimo oitavo AC Ele é mencionado nos comprimidos Tell-el-Amama do século XIV ACpneu foi famosa por seu poder marítimo. Ela fundou a colônia de Tarsis na Espanha cerca de 1100 AC e Carthage no norte da África cerca de 700 AC. Seus marinheiros circunavegavam o continente africano cerca de 600 AC - "2000 anos antes de Vasco da Gama".Tire estava localizado em uma pequena ilha a cerca de 800 metros do continente. Um excelente porto foi construído no lado sul da ilha pelo rei Hiram, um contemporâneo do rei Salomão. A cidade resistiu a muitos assassinatos até que foi destruída por Alexandre o Grande em 333 AC. Ele encheu o mar, construindo uma calçada do continente para a ilha. Dizemos que no cerco de sete meses, 2.000 de seus cidadãos foram empalados, 6.000 foram mortos pela espada e 30.000 foram vendidos em escravidão.

Surpreendentemente, o pecado de Tiro que Amós condenou não era o culto a Baal, mas o tráfico de escravos, a mesma acusação que ele trouxe contra Gaza. Eles entregaram todo um povo a Edom. Tire era certamente um centro comercial e tinha muitas oportunidades para vender povos cativos como escravos para Edom e para outras nações. Mas o pecado de Tiro era maior que o de Gaza, porque não era apenas um pecado de desumanidade contra os vizinhos, mas também a traição, porque, por tais ações, Tiro quebrou uma aliança *de* fraternidade presumivelmente entre ela e Israel.

(4) Oracle Against Edom (1: 11-12)

> *11 Assim diz o SENHOR :*
> *"Por três transgressões de Edom,*
> *e para quatro, não revogarei a punição;*
> *porque ele perseguiu seu irmão com a espada,*
> *e descarta toda a piedade,*
> *e sua ira rasgou perpetuamente,*
> *e ele manteve sua ira para sempre.*
> *12 Então enviarei um fogo contra Teman,*
> *e devorará as fortalezas de Bozrah ".*

Do nordeste da Síria até a Philistia do sudoeste, para o noroeste da Fenícia, Amós agora se volta para o sudeste de Edom. Ele atravessou duas vezes Israel em sua pesquisa sobre os pecados de seus vizinhos. Edom era uma nação de parentes distantes de Israel. Eles eram os descendentes de Esaú, o irmão de Jacó. Os edomitas haviam ocupado o território ao sul e a leste do Mar Morto pouco antes de Israel sair do Egito. A inimizade amarga parece ter existido entre estes dois povos desde os primeiros tempos. Edom recusou a permissão de Israel para passar por sua terra enquanto Israel estava a caminho de Canaã (Números 20: 14-21). Saul lutou contra Edom (1 Sam. 14:47), e Davi conquistou-a e pôs guirlandas através de todo o seu país (2 Sam. 8: 13-14 ; 1 Crônicas 18: 12-13). Salomão continuou a subjugar Edom e estabeleceu um comércio florescente através do porto de Elath (1 Reis 9:26 , ver também 11: 14-22). Israel dominou Edom até a queda de Samaria, momento em que a Assíria tornou-se a força dominante no Próximo Oriente.

Edom foi mencionado por Amós em 1: 6 , 9como parceira de Gaza e Tire em seu tráfico de escravos. Mas o pecado de Edom, listado no oráculo de Amós contra ela, não era o tráfico de escravos, mas o ódio. Ele perseguiu seu irmão com uma espada. Não conhecemos a configuração histórica exata dessa declaração. Mas a guerra constante entre os irmãos é a carga. E descartar toda lágrima literalmente lê "corromper suas compaixões". O significado é que Edom havia mudado a sensação natural de compaixão para um irmão em uma paixão por sua destruição. Sua ira rasgou perpetuamente, e ele manteve sua ira para sempre. Edom recusou-se a ser pacificado e alimentado e acalentou sua ira ao invés de perdoar seus inimigos. Recalcitância por parte dos indivíduos é lamentável, mas por parte das sociedades é intolerável. Teman parece ser um sinônimo para Edom. Aqui se refere a uma região e não a uma cidade, portanto, nenhuma parede é mencionada. Eliphaz, um dos amigos de Jó, era de Teman (Jó 2:11). Bozrah era a principal cidade do norte de Edom (ver Isaías 34: 6 ; 63: 1 , Jeremias 49:13 , 22).

(5) Oracle Against Ammon (1: 13-15)

> *13 Assim diz o SENHOR :*
> *"Por três transgressões dos amonitas,*
> *e para quatro, não revogarei a punição;*
> *porque eles arrancaram mulheres com filhos em Gileade,*
> *para que eles possam ampliar sua fronteira.*
> *14 Então vou acender um fogo na parede de Rabá,*
> *e devorará as suas fortalezas,*
> *com gritos no dia da batalha,*
> *com uma tempestade no dia do redemoinho;*
> *15 e o rei deles vai para o exílio,*
> *ele e seus príncipes juntos "*
> *diz o Senhor.*

Os amonitas, como os moabitas e edomitas, estavam intimamente relacionados com Israel. De acordo com Gênesis 19: 30-38, os amonitas eram descendentes de Ló por uma de suas filhas. Os amonitas moravam no lado leste do Jordão, ao norte de Moab. Sua fronteira sul juntou-se a Moab no rio Arnon. A capital de Ammon era Rabá, que estava situada à beira do rio Jabbok, a cerca de 25 milhas a leste de Jericó. Rabá é a única cidade de Amom mencionada no Antigo Testamento. Era conhecido como Filadélfia (não Apocalipse 3: 7) no período do Novo Testamento. A localização agora é conhecida como Amã, Jordânia. Os amonitas e os moabitas eram pessoas semitas que adoravam ídolos. Molech (Milcom), o deus de Amom e Chemosh (1 Reis 11: 7 ; 2 Reis 23:10) parecem ser idênticos nos juízes 11:24 . Eles eram deuses de fogo aos quais as crianças eram oferecidas como ofertas queimadas. Amon e Moabe não foram molestados por Israel quando saíram do deserto para entrarem em Canaã. No entanto, Davi subjugou essas nações e tratou-as selvagemente (2 Sam. 12:31).

Amon não estava livre de crueldade ou culpa, porque eles arrancaram mulheres com filhos em Gileade para ampliar sua fronteira (1:13). Uma das tragédias da guerra é que os inocentes e os indefesos são muitas vezes vítimas de atrocidades. Tais atrocidades dos amonitas haviam sido cometidas como um ato de agressão imperialista. Gilead foi atacado do norte pela Síria (1: 3), e agora do sul por Ammon. Mais uma vez, o castigo é, pelo menos, proporcional a uma terra semelhante ao crime. Fogo, grito e redemoinho são termos usados para descrever a destruição de Ammon.

(6) Oracle Against Moab (2: 1-3)

> *1 Assim diz o Senhor:*
> *"Por três transgressões de Moab,*
> *e para quatro, não revogarei a punição;*
> *porque ele queimou a lima*
> *os ossos do rei de Edom.*
> *2 Então enviarei um fogo contra Moab,*

e devorará as fortalezas de Kerioth,
e Moab morrerá em meio ao tumulto,
no meio do grito e do som da trombeta;
[3] *Vou cortar a régua do meio dela,*
e matará todos os seus príncipes com ele ",
diz o Senhor.

Moab ocupou o território a leste do Mar Morto ao sul de Ammon e ao norte de Edom. É uma região de planalto de 50 milhas de comprimento e 30 milhas de largura. Moab estava bem regado e intensamente cultivado. Tinha muitas cidades com uma população combinada de até 150 mil pessoas.

A relação entre Moab e Israel em sua maior parte foi a de antagonismo. Somente no livro de Rute existe o reflexo da paz e das relações amigáveis entre os dois grupos. Apesar de o antepassado de Davi ser Rute, a Moabita, conquistou Moab e submeteu o povo ao tratamento desumano (2 Sam. 8: 2). Em 2 Reis 3 , somos informados de que Jorão, rei de Israel, Jeosafá, rei de Judá, e o rei de Edom marcharam contra Mesha, rei de Moabe, e derrotou-o. Mas quando Mesha ofereceu seu filho mais velho como um sacrifício a seu deus, Chemosh, seus atacantes se retiraram e voltaram para suas terras (2 Reis 3:27). Uma versão moabita desta história foi preservada na famosa Pedra Moabita, que foi encontrada em Dibon, na Transjordânia, por volta de 1868.

A participação do rei de Edom neste ataque contra Moabe poderia fornecer o motivo do pecado de Moab, que Amos escolheu, porque ele queimou para limpar os ossos do rei de Edom. A natureza exata do crime não é conhecida. Não nos disseram se o rei foi queimado vivo ou queimado depois que ele morreu e antes de ser sepultado ou queimado após sua morte e enterro e a exumação de seu corpo. A última possibilidade é a mais provável. Com o ódio implacável e a vingança, os moabitas provavelmente perseguiram seu adversário caído na sepultura e trataram seu corpo com indignação chocante. O ódio desenfreado não vai parar com a morte. Os ossos de Wycliffe foram desenterrados e queimados 44 anos depois de morrer,

Kerioth era uma das principais cidades de Moab. É mencionado em Jeremias 48:41 e na Pedra Moabita. Tumult, shout **ing** e trombeta referem-se à circunstância sob a qual Moab morreria. Tumult refere-se ao barulho da batalha. Gritar é o inimigo atacante. E a trombeta (*shophar*) é o som do alarme de batalha pelo inimigo (Judg. 7:20 , Jeremias 4:19 , Hos. 5: 8). O governante literalmente é "juiz". Moab talvez não tenha tido um rei neste momento. O juiz poderia se referir a um governador ou a um rei.

Amos concluiu suas profecias estrangeiras com seu oráculo contra Moab e imediatamente se dirigiu para seu próprio povo para chamá-las em consideração. Ele havia demonstrado que o Senhor não era deidade local, mas o Deus do mundo inteiro, e que outros povos além de Israel e Judá eram responsáveis por ele. Eles foram responsáveis por ele pelas atrocidades da guerra; por um ódio absoluto; e para comprar e vender seres humanos.

(7) Oracle contra Judá (2: 4-5)

[4] Assim diz o SENHOR :
"Por três transgressões de Judá,
e para quatro, não revogarei a punição;
porque rejeitaram a lei do SENHOR ,
e não manteve seus estatutos,
mas suas mentiras os desviaram,
depois do que seus pais andaram.
[5] Então enviarei um fogo contra Judá,
e devorará as fortalezas de Jerusalém ".

O oráculo contra Judá vem como uma surpresa para alguns modems e deve ter sido um choque para os ouvintes originais. Na verdade, muitos estudiosos levantaram questões sérias sobre este oráculo vindo de Amós, alegando que esse oráculo vem de um escriba posterior que observou a ausência de Judá da lista original das nações e com base na "frieza e convencionalidade" desses versículos em contraste com as denúncias fervorosas e pungentes de Amós (ver Edghill, p. 19). Outros argumentaram que este oráculo contra Judá não se origina com Amós com base em seu estilo Deuteronômico como visto na acusação de quebrar a lei e adorar ídolos. Esse idioma geralmente é datado de cerca de 621 AC(Mays, pp. 41-42). Não se pode negar que este oráculo parece ser deuteronômico. Mas uma voz não poderia condenar Judah por abandonar a lei e andar depois dos ídolos antes de 621 AC ?

Não deve ser surpreendente que Amós inclua Judá em seus oráculos de julgamento porque as condições religiosas e morais eram quase tão ruins em Judá neste momento, como estavam em Israel, se Isaías deve ser acreditado. Colocar o oráculo de Judá antes do oráculo de Israel de uma só maneira suaviza o golpe para os ouvintes de Amós, mas, de outra forma, aumenta a tensão porque o movimento da mensagem leva naturalmente de Judá para Israel.

O pecado de Judá era duplo, rejeitaram a lei (*torah*) do Senhor e desviaram as mentiras de seus pais (2: 4). A lei (*torah*) provavelmente não se refere ao Pentateuco, mas ao ensino ou instrução do Senhor através do sacerdote. No entanto, há evidências crescentes de que Israel tinha um código de leis no início de sua história, semelhante ao código da aliança (Ex. 21-24). Amos parece estar conscientemente aproveitando as leis iniciais. Os pobres e os fracos não deveriam ser oprimidos (Ex. 22: 21-24 , cf. Amós 2: 7 ; 4: 1 ; 5:11 ; 8: 4); A pessoa que entregou a sua roupa em penhor deve restaurá-la antes do pôr-do-sol para que ele possa ter uma cobertura durante a noite (Ex. 22: 26-27 , cf. Amós 2: 8); O interesse não devia ser cobrado em empréstimos a outros israelitas (Êxodo 22:25 , cf. Amós 5:11); e o uso de falsos equilíbrios foi proibido (Deuteronômio 25: 13-16 , cf. Amós 8 ; 5). Amós faz a acusação geral contra Judá de que eles não mantiveram a lei de Deus. No entanto, ele cita exemplos específicos de tais ofensas quando ele vem para Israel. Suas mentiras os levaram a erradicar se refere à adoração de ídolos como a causa do fracasso de Judá em manter a lei.

(8) Oracle Against Israel (2: 6-16)

[6] Assim diz o Senhor:

"Por três transgressões de Israel,
e para quatro, não revogarei a punição;
porque vendem os justos pela prata,
e os necessitados de um par de sapatos -
7 Os que pisam a cabeça dos pobres no pó da terra,
e desviar o caminho dos aflitos;
um homem e seu pai entram na mesma donzela,
para que meu santo nome seja profanado;
8 eles se deitam ao lado de cada altar
sobre vestuário feito em penhor;
e na casa de seu Deus eles bebem
O vinho daqueles que foram multados.
9 "Contudo, destruí o amorreu diante deles,
cuja altura era como o auge dos cedros,
e que era tão forte quanto os carvalhos;
Eu destruí o seu fruto acima,
e suas raízes abaixo.
10 Também te tirei da terra do Egito,
e levou você quarenta anos no deserto,
para possuir a terra dos amorreus.
11 E levantei alguns de seus filhos para profetas,
e alguns de seus jovens para Nazirites.
Não é verdade, ó povo de Israel? "
diz o Senhor.
12 "Mas você fez beber naziritas vinho,
e ordenou aos profetas,
dizendo: "Não deves profetizar".
13 "Eis que vou pressioná-lo no seu lugar,
como um carrinho cheio de roças pressiona para baixo.
14 O vôo perecerá do turno,
e os fortes não devem reter sua força,
nem os poderosos salvarão a vida;
15 Aquele que lida com o arco não deve suportar,
e aquele que é veloz de pé não se salvará,
nem o que monta o cavalo, salvo a vida dele;
16 e aquele que é forte de coração entre os poderosos
fugirá nua naquele dia, "
diz o Senhor.

Por fim, Amós vem dirigir sua mensagem para seus ouvintes imediatos - Israel. Ele começou da mesma maneira que ele começou os sete oráculos anteriores, por três transgressões de Israel e por quatro, e ele faz o mesmo anúncio de julgamento que ele havia feito antes, não revogarei o castigo. Então ele abandona sua forma. Em vez de citar um pecado representativo de Israel, Amos cataloga uma série de seus pecados. Existe uma disputa entre os estudiosos sobre quantos pecados Amos enumera em 2: 6-8. Alguns estudiosos argumentam que há apenas um pecado básico aqui - a opressão dos pobres (Mays, p.48). Outros acreditam que, além do pecado da opressão dos pobres, os pecados da corrupção da justiça, da imoralidade e da intemperança são condenados aqui. É verdade que a corrupção da justiça nos tribunais, o consumo de vinho daqueles que foram multados e a visita da mesma donzela por pai e filho podem estar relacionadas com a opressão dos pobres. Mas Amós certamente não considerava a opressão dos pobres simplesmente como um pecado contra o próximo. Foi também um pecado contra Deus.

Com a expressão, eles vendem os justos por Amos, prateado, acusaram os homens de Israel do pecado do tráfico de escravos, assim como ele havia encarregado Philistia e Phoenecia. O verbo usado aqui é usado para vender pessoas em escravidão em Gênesis 37: 27-28 e Êxodo 21:16 (ver também 2 Reis 4: 1-7). Amós acusou que os justos em Israel (aqueles cuja causa era justa) estavam sendo vendidos em escravidão por motivos não superiores ao dinheiro. O dinheiro era mais importante para os gananciosos representantes da estrutura de poder em Israel do que homens, homens pobres, isto é. Os necessitados são aqueles que estão à vontade, homens que têm necessidades insatisfeitas e desejos insatisfeitos. A palavra necessitada vem de uma raiz que significa desejo. Os necessitados, diz Amos, foram vendidos por um pouco, um par de sapatos. Um par de sandálias poderia se referir ao costume de trocar propriedades no antigo Israel. Se esse fosse o caso, Amós diria que os homens carentes, mas justos, em sua sociedade, estavam sendo vendidos em escravidão e seus bens representados pelas sandálias estavam sendo confiscados.

Duas outras acusações de maus tratos aos pobres são feitas contra os ricos na v. 7. Eles pisoteiam a cabeça dos pobres no pó da terra. Há alguma dúvida sobre a correção do texto neste momento. O KJV traduz isso: "Eles se pisam atrás do pó da terra na cabeça dos pobres". O hebraico pode ser lido de qualquer maneira. De acordo com a tradução do RSV, a expressão significa que a classe dominante rica estava caminhando sobre os pobres, molhando-os no chão. De acordo com a leitura da KJV, os opressores literalmente ofegavam (estavam ansiosos) pelo fato de o pó estar na cabeça dos pobres. A poeira na cabeça de uma pessoa no antigo Israel era um sinal de luto. E desviar o caminho dos aflitos se refere à corrupção da justiça nos tribunais. Esses pobres desamparados foram afastados de qualquer recurso legal simplesmente porque os grandes homens no poder abusavam de seu escritório como administradores da justiça para seus próprios fins.

A expressão que um homem e seu pai entram na mesma donzela, para que meu santo nome seja profanado pode referir-se à prática da prostituição do templo, que parece ter sido atual em alguns lugares no dia de Amós. Mas a palavra donzela não é a palavra regular para a prostituta do templo. A palavra é a palavra regular para garota ou solteira. Portanto, alguns intérpretes viram aqui outra expressão da opressão dos pobres. A donzela, de acordo com essa interpretação, seria uma menina que havia sido vendida em escravidão por causa da pobreza de sua família; e seu dono e seu filho a

usaram como uma concubina, uma prática que foi proibida na lei de Israel (Ex. 21: 7-9 ; Deut. 22:30). O cerne do assunto parece estar na expressão "profanar meu santo nome". De fato, as próximas duas linhas se referem a todo altar e à casa de seus deuses, o que indicaria que algum tipo de culto está relacionado a esses pecados.

Talvez seja melhor ver as expressões que um homem e seu pai entrem para a mesma donzela, eles se debruçam ao lado de cada altar sobre roupas tomadas em promessas, e na casa de seu Deus bebem o vinho daqueles que foram multados como a combinação de pecados morais e cultuais. Muitas vezes, a religião é combinada com uma farsa de justiça e pureza. Esses nobres ricos que haviam enganado o pobre desamparado de seus bens e meios de subsistência agora estavam se dedicando a práticas religiosas crônicas e corruptas - prostituição, banquete e beber intoxicantes tudo à custa dos pobres. Sempre que a igreja se identifica com tais práticas, ela perde seu papel profético. É possível que grande parte do mal-estar social nas sociedades venha porque esta mensagem dos profetas deixou de ser vital? Amos ousou condenar publicamente as práticas corruptas dos líderes econômicos, políticos e religiosos que roubaram e manipularam os pobres desamparados ou tornaram possível que outros o fizessem. Ele viu práticas como a profanação do nome de Deus e como ameaças letais para a sociedade da aliança.

Em vv. 9-12 Amos momentaneamente retira sua atenção dos pecados de Israel para os grandes atos redentores de Deus. *Heilsgeschichte* ou história de salvação é proeminente em grande parte da literatura do Antigo Testamento. Os escritos de Amos não são exceção. Amos lembra a conquista de Canaã (v. 9), o êxodo do Egito (v. 10) e o dom dos líderes espirituais (v. 11). Mas Israel mostrou seu desdém por todos esses dons, forçando os Naziritas a quebrarem seus votos a Deus e ao mandar os profetas a se manterem em silêncio (v. 12).

Por que Amós lista a conquista de Canaã antes do êxodo do Egito? Isso certamente não era a ordem histórica. Parece que a posse da terra estava em jogo na mente de Amós. Ele viu o fim do Reino do Norte como iminente. Isso significava a perda dessa parte da terra para o reino de Deus. Amós viu a possessão de Israel da terra do amorreu como o dom de Deus. Israel ocupou sua terra com a ajuda de Deus, assim como ela saiu do Egito pelo braço estendido de Deus e mão poderosa. Os amorreus eram "ocidentais" do ponto de vista da Mesopotâmia. Eram pessoas que ocuparam a terra quando Israel entrou do Egito e do deserto. Os nomes Amorite e Canaanite são freqüentemente usados indistintamente no Antigo Testamento. Amos parece sugerir que essas pessoas eram gigantes em estatura e força, cuja altura era como o auge dos cedros, e que era tão forte como os carvalhos. Mas, independentemente de quão grande ou forte o inimigo, eles não pudessem suportar o poder de Deus, destruí seu fruto acima e suas raízes abaixo. O último é uma expressão poética que significa a quebra do poder dos amorreus completamente (cf.Ezek. 17: 9 ; Jó 18:16).

A expressão que eu tirei para fora da terra do Egito é a descrição padrão do Êxodo, o evento central na história de salvação de Israel. Israel celebrou, ao longo dos séculos, o primeiro grande ato de graça pelo qual Deus redimiu seu povo da escravidão e os chamou a uma relação de aliança com ele. Ele não os abandonou no deserto, embora ele pudesse ter sido justificado ao fazê-lo. Ele os levou 40 anos no deserto para atingir seu objetivo de possuir a terra.

Ele criou alguns de seus filhos para profetas. Parece que Amós está vendo o dom dos profetas a Israel como uma continuação de sua história de salvação. Deus não se deixou sem um mensageiro depois que as pessoas possuíam a terra. Das crianças em suas casas Deus criou estadistas espirituais. Os profetas eram homens chamados de Deus para anunciar o que ele está fazendo e farão. Às vezes, é difícil para os adultos e os pais, mesmo entre o povo de Deus, procurar seus filhos como profetas de Deus.

Os Naziritas são mencionados por Amós como líderes espirituais dados por Deus a Israel junto com os profetas. Um nazireu era um homem santo (da raiz *nazar* , para jurar, consagrar, separar). Os Naziritas, segundo Números 6: 1-8 , deveriam abster-se de beber vinho, cortar os cabelos e tocar um cadáver. Amos viu os Naziritas como exemplos de moderação e auto-negação em uma era de sensualismo e auto-indulgência.

Amós usa as palavras. Não é verdade **,** ó povo de Israel? para obter um reconhecimento de Israel que Deus realmente fez grandes coisas para eles. Mas Amos vai mostrar como Israel repudiou os grandes atos de Deus ao tentar silenciar os profetas e forçar os Naziritas a quebrarem seus votos. Quando Amós lembrou ao povo de Israel que tinham ordenado aos profetas não profetizarem (v. 12), ele provavelmente estava pensando em sua própria experiência com Amazias (7:13 , 16). No entanto, Amós não foi o único profeta em Israel que foi ordenado a não profetizar (Isaías 30: 10-11 , Jeremias 11:21 ; Mic 2: 6). Silenciar o profeta foi o ato mais autodestrutivo de Israel. Ele selou seu destino porque ela virou as costas para a única avenida de ajuda.

Os versículos 13-16 descrevem o julgamento que está prestes a entrar em Israel. O fogo que estava presente em versos anteriores está ausente, mas o julgamento é seguro e severo. O verso 13 apresenta um problema para o intérprete. A dificuldade pode ser vista comparando o KJV com o RSV. O KJV lê: "Eis que estou pressionado debaixo de você enquanto um carrinho é pressionado que está cheio de guindastes". Esta leitura parece implicar que Deus é pressionado ou sobrecarregado pelos pecados de Israel. John Marsh (p.41) defende essa visão:

O próprio Deus sente o pecado de Israel como um grande fardo (2.13), mesmo que seu povo não esteja ciente disso. É para ele como o peso de um vagão completamente carregado na época da colheita, e eles sempre foram carregados tão completamente quanto os homens ousaram. Deus sente o pecado e a injustiça de seu povo como um grande fardo que ele deve carregar. Como no final ele suportou os pecados do seu povo não é conhecido por Amós, embora aqui seja uma percepção que realmente antecipa a Cruz. (E se substituímos o texto do RV para o AV e assim se livrar da idéia de que Amos sabia que Deus sentia os pecados de seu povo, não conseguimos concluir que essa idéia era conhecida por Oséias [11.8 f.] E Isaías [1.24], e, portanto, não é um anacronismo grave, se é um, supor que Amós pensou em Deus dessa maneira.)

O verbo traduzido, "pressionar para baixo", ocorre apenas neste verso. A maioria dos estudiosos parece preferir a leitura do RSV, uma vez que preserva a voz ativa do verbo hebreu. De acordo com essa interpretação, a ênfase não é sobre o fardo que Deus sente pelos pecados de Israel, mas sobre a gravidade do julgamento que está chegando em Israel. O versículo 13 começa com Behold (ver 6:11 , 14 ; 9: 9), uma palavra que geralmente apresenta algo novo ou surpreendente. Deus fala em primeira pessoa. Ele é o Deus que uma vez foi gracioso e generoso, que agora vem em julgamento. Ele irá pressioná-los para baixo como um carrinho cheio de roças pressiona a terra embaixo. A

palavra pode significar para clivar. Se assim for, então a imagem do terremoto é preservada aqui. Os versículos 14-16 apresentam uma imagem dos homens na guerra santa sendo dispersos em desordem. Amos diz que o rápido não poderá superar seu perseguidor. O forte perderá força e poderoso a vida dele. O arqueiro não aguentará. A velocidade do pé e os cavaleiros não serão capazes de se salvar. Os mais corajosos fugirão nus naquele dia. Esse dia antecipa o dia do Senhor que Amos menciona mais tarde.

2. Palavras especiais para Israel (3: 1-6: 14)

Os capítulos 3-6 , constituídos por uma série de oráculos às vezes ligeiramente relacionados uns com os outros, compõem o coração do livro de Amos. Os capítulos 1-2 incluíram muito material sobre os vizinhos de Israel. Os Capítulos 7-9lidam com as visões de Amos junto com alguns oráculos.

(1) Uma Palavra Sobre Eleição (3: 1-2)

1 Ouve esta palavra que o SENHOR falou contra vós, ó povo de Israel, contra toda a família que eu criei da terra do Egito;

2 "Você só eu conheci
de todas as famílias da terra;
então eu vou punir você
por todas as suas iniqüidades.

Amos e seus ouvintes concordaram em vários pontos da teologia. Eles concordaram com a soberania de Deus sobre todas as nações. Eles concordaram em escatologia. Ambos aguardavam o dia do Senhor. No entanto, eles tinham idéias diferentes sobre o que seria o dia do Senhor. Eles concordaram em eleições e convênios. Ambos, Amós e seus ouvintes, acreditavam que Deus havia escolhido Israel para ser seu povo peculiar: você só conheci todas as famílias da terra. A palavra "conhecido" neste contexto é uma palavra da aliança. Ele é usado para descrever um relacionamento em vez de cognição. Yahweh conhecia todos os homens em um sentido cognitivo, mas ele só entrou em um relacionamento especial com um povo, Israel. Amos e Israel acreditavam. profundamente na eleição e na aliança, mas tiraram conclusões opostas da sua crença.

A maioria das pessoas de Israel aparentemente havia confundido eleições com privilégio e favoritismo. Eles pareciam sentir que, como Deus os escolheu, deve amá-los mais do que qualquer outra pessoa; portanto, eles poderiam contar com mais das bênçãos de Deus, e menos do rigoroso julgamento de Deus. Mas Amós disse, não terminou Sol Amos, pois vou castigá-lo por todas as suas iniqüidades. De alguma forma, Israel presumiu que a eleição eliminou o julgamento e a responsabilidade. Israel acreditava que os benefícios da eleição e da aliança eram automáticos; que eles seriam automaticamente absolvidos de qualquer culpa que pudessem incorrer. Amos diz que o privilégio só aumenta a responsabilidade. Ele afirma que Deus chamará Israel para explicar todas as suas iniqüidades. Nenhum pecado será ignorado. De acordo com Amós, a eleição de Israel não deu às pessoas uma licença para pecar,

(2) Uma palavra sobre relacionamentos (3: 3-8)

3 "Faça dois caminhem juntos,
a menos que tenham feito uma consulta?
4 Um rugido de leão na floresta,
quando ele não tem presas?
Um jovem leão clama de sua cova,
se ele não tirou nada?
5 Um pássaro cai numa armadilha na terra,
quando não há armadilha para isso?
Um laço brota do chão,
quando não tirou nada?
6 É uma trombeta explodida em uma cidade,
e as pessoas não têm medo?
O mal acontece com uma cidade,
a menos que o Senhor tenha feito isso?
7 Certamente o SENHOR Deus não faz nada,
sem revelar seu segredo
aos seus servos os profetas.
8 O leão rugiu;
quem não temerá?
O SENHOR Deus falou;
quem pode profetizar?

A relação entre esta seção e a anterior na eleição não é clara. Alguns estudiosos não vêem conexão entre os dois. Outros encontram o relacionamento na questão no v. 3 , dois caminham juntos, a menos que sejam aceitos? Os dois seriam Israel e Deus. De acordo com essa teoria, Amós estava tentando mostrar que Israel e Deus não estavam de acordo, portanto o julgamento de Israel era inevitável. Ainda outros estudiosos assumem que houve uma reação bastante violenta à palavra anterior de Amós sobre a eleição, e que vv. 3-8 são a defesa de sua mensagem. A passagem consiste em uma série de questões retóricas sobre a relação de causa e efeito. A forma da passagem provavelmente vem do estilo dos professores da sabedoria.

Amos não acreditava que eventos de história ou natureza fossem acidentais. Todo efeito teve sua causa. Quando dois homens são vistos andando juntos no deserto, pode-se concluir que eles fizeram uma consulta para fazê-lo. A causa do rugido de um leão ou o grito de um jovem leão é uma presa (v. 4). A causa da queda de um pássaro para a terra é uma rede que foi espalhada por ela (v. 5a). Uma armadilha apaga quando a vítima toca o gatilho (v. 5b). As pessoas em uma cidade ficam assustadas quando a trombeta parece indicar a aproximação de um inimigo (v. 6a). Quando o mal chega a uma cidade, Deus deve ter feito isso porque é soberano (v. 6b). Portanto, Amós diz que sua pregação é o efeito do chamado de Deus. Assim como as pessoas temem quando um leão rugir, um profeta deve falar quando Deus o ordena (v. 8).

O verso 7 apresenta um problema para algumas pessoas. Alguns estudiosos recentes (Mays, pp. 61-62; Ward, p. 38) se opuseram a que este versículo seja de Amós com base em que é prosa e não poesia; que é indicativo e não interativo; e que sua teologia é deuteronômica. Seus servos, os profetas, são freqüentemente encontrados no quadro dos livros de Reis (1 Reis 14:18 ; 15:29 ; 2 Reis 9: 7 , 36 ; 10:10 ; 14:25 ; 21:10 ; 24: 2), que geralmente são atribuídos ao historiador de Deuteronômio. Todos os estudiosos modernos não concordam que o versículo seja posterior ao tempo de Amos (ver Edghill, pp. 30-31; SR Driver, pág. 162). Independentemente da data, este versículo é uma das linhas mais citadas no livro e é teologicamente significativo. Afirma que Deus não irá julgar o seu povo sem antes revelar seus planos (segredo) a um profeta. Os profetas agiam como mensageiros para Deus, e a maior parte de suas mensagens estavam relacionadas ao anúncio do julgamento. Os deuses dos vizinhos de Israel eram arbitrários e caprichosos. Eles foram pensados para trazer o mal em seus povos sem aviso prévio e sem motivo legítimo. O deus de Israel era fiel e consistente mesmo em julgamento

(3) Palavras do julgamento (3: 9-15)

9 Proclame às fortalezas na Assíria,
e às fortalezas na terra do Egito
e dize: "Ensamble-se sobre as montanhas de Samaria,
e veja os grandes tumultos dentro dela,
e as opressões em seu meio ".
10 "Eles não sabem como fazer o bem", diz o SENHOR ,
"Aqueles que armazenam violência e roubo em suas fortalezas".
11 Portanto, assim diz o Senhor Deus:
"Um adversário deve cercar a terra,
e derrube suas defesas de você,
e suas fortalezas serão saqueadas ".
12 Assim diz o SENHOR : "Como o pastor resgata da boca do leão, duas pernas, ou um ouvido, assim serão resgatados os habitantes de Israel que habitam em Samaria, com o canto de um sofá e parte de um cama."
13 "Ouve e testifique contra a casa de Jacó"
diz o SENHOR Deus, o Deus dos exércitos,
14 "no dia em que punho Israel por suas transgressões,
Eu punirei os altares de Betel,
e os chifres do altar devem ser cortados
e cair no chão.
15 Vou ferir a casa de inverno com a casa de verão;
e as casas do marfim perecerão,
e as grandes casas chegarão ao fim "
diz o Senhor.

Os versículos 9-15 têm uma coisa em comum; Todos estão preocupados com o julgamento. Os versículos 9-12 falam de um julgamento sobre Samaria; 13-14, julgamento sobre Betel; e 15, julgue os símbolos de status da nova classe rica em Israel.

Proclamar é a tradução de um imperativo hifil em hebraico, literalmente, como "fazer provar". As fortalezas na Assíria se referem aos palácios ou lugares de governo e defesa do país. O texto Masoretic tem Ashdod em vez de Assyria. O RSV seguiu o LXX e alguns estudiosos modernos emendando o texto com base em que Assyria fornece um melhor equilíbrio com o Egito na última parte do verso do que Ashdod faz. Ashdod poderia muito bem ser a leitura original. Amós pede aos líderes dos poderes pagãos, dos filisteus e dos egípcios, que venham a Samaria e inspecionem sua degradação moral e espiritual. A implicação é que os vizinhos pagãos de Israel conhecem mais sobre a moralidade básica do que ela.

As montanhas de Samaria se referem ao local da capital do Reino do Norte. Samaria foi construída em uma grande colina na Palestina central por Omri cerca de 870 AC Foi estrategicamente localizado sendo cercado por três lados por vales profundos. Poderia ser abordado para um ataque de apenas uma direção, o nordeste. A cidade estava tão bem construída que os assírios a sitiaram três anos antes de capturá-la em 722 AC. Amós acreditava que, se os pagãos vieram e ficassem nas montanhas ao redor de Samaria, podiam olhar para uma cidade cheia de tumultos e opressão. A palavra traduzida tumultos *é* muitas vezes traduzida como "confusão" ou "pânico" (ver Deut. 7:23 ; *28:20 ;* I Sam. 5: 9 ; 14:20 ; É um. 22: 5 ; Ezek. 7: 7). A palavra para opressões é usada novamente em 4: 1 e refere-se à opressão dos pobres pelos ricos.

Amos declara que seu povo não sabe como fazer o bem. A palavra aqui para "direito" significa o que está na frente de uma pessoa, direto. Quando uma sociedade perdeu o seu caminho ou sensação de direção enquanto Amós acreditava que sua sociedade possuía, ela livra violência e roubo em suas fortalezas. Estas duas palavras, a violência e o roubo (destruição), muitas vezes ocorrem juntos na pregação dos profetas (ver Jeremias 6: 7 ; 20: 8 ; 48: 3 ; Ez. 45: 9 ; Hab. 1: 3). Esta expressão aqui em Amos significa que Israel estava armazenando tesouros por meio de violência e roubo? Ou isso significa que, ao oprimir os pobres, a sociedade só estava armazenando ou adiando o dia da violência? O dia da violência pode referir-se a uma invasão estrangeira ou a uma interrupção interna.

Amos parece estar pensando principalmente em uma invasão estrangeira. Em v. 11 ele diz: Portanto ... um adversário deve cercar a terra. O adversário nunca foi identificado, mas, sem dúvida, Amós estava pensando em Assíria. O versículo 12 é um ditado de sabedoria. É na forma de um provérbio ou símile. Nela Amós compara o fim de uma ovelha ou um cordeiro depois de ter sido devorado por um leão. Na sua destruição, quem tentar um resgate só conseguirá capturar as peças que serão poucas e sem valor. O contexto desta afirmação provavelmente pode ser encontrado na tradição legal de Israel e seus vizinhos em que um pastor teve que produzir provas ao dono da ovelha de quaisquer perdas incorridas com o ataque de uma fera selvagem (ver Ex. 22: 13). O resgate de Israel (libertação) será assim. Somente pedaços de móveis quebrados, o canto de um sofá ou parte de uma cama, permanecerão. O resgate será apenas o resgate da evidência de destruição. Este oráculo não enfatiza a sobrevivência de um remanescente tanto quanto mostra a extensão da destruição.

O significado da última parte do v. 12 não é claro. A dificuldade se concentra na palavra *d ᵉ meshek* , às vezes traduzida "Damasco" (KJV), às vezes "seda" (ASV), "parte" (RSV). Smith-Goodspeed traduz-lo "perna", referindo-se a um sofá. Um estudioso recente argumentou que se refere à "cabeça" de um sofá. Apesar da dificuldade com esta palavra, o significado de todo o versículo é suficientemente claro. Amos está afirmando que o povo privilegiado de Samaria será resgatado da destruição somente quando um pastor resgatar os restos de um animal depois que um leão o comeu.

Os versículos 9-12 falaram da destruição de Samaria, capital política de Israel. Os versículos 13-15 referem a destruição de Betel, a capital religiosa de Israel, juntamente com as luxuosas casas da nova classe rica em Israel. O versículo 13começa com uma fórmula mensageira, ouve e testemunha contra a casa de Jacó. A palavra testemunhar (testemunha) sugere a linguagem de uma ação judicial. Deus está chamando a casa de Jacó (Israel) para tribunal porque eles quebraram a aliança com ele. A casa ou família de Jacó é paralela à "toda a família" que Deus criou do Egito (3: 1). A expressão diz que o Senhor Deus, o Deus dos exércitos é uma acumulação apropriada de nomes para Deus. Este é o único lugar na Bíblia que estes quatro termos expressivos da dignidade divina ocorrem juntos e nesta ordem. A frase "Senhor Deus, o Deus dos exércitos" em hebraico é *adonai eahweh'Elohim ts ᵉ ba'oth* . Senhor é Adonai; Deus é o Senhor; A segunda palavra para Deus aqui é ' *Elohim* ; e a palavra para os anfitriões é *ts ᵉ ba'oth*. A expressão "Deus dos Exércitos" ocorre quase 300 vezes no Antigo Testamento. A maioria das ocorrências está nos escritos dos profetas. Como título, Deus dos Exércitos representa a sua soberania, força e força. Os "anfitriões" podem referir-se ao exército dos exércitos de Israel, ou aos anjos, ou às estrelas, todos os quais eram a favor de Deus. Nesta passagem, Amós usa todas as palavras que seu vocabulário pode fornecer para afirmar que o Deus do poder estava prestes a pôr fim ao reino de Israel.

No dia é uma expressão ameaçadora que se refere ao dia do Senhor. Punir é a mesma palavra usada em 3: 2 . Transgressões é o plural da palavra usada nos capítulos 1 e 2 para se referir às transgressões das nações. Bethel, agora Beitin, está localizado fora da estrada principal, a dez milhas a norte de Jerusalém. Betel foi um lugar histórico na vida do povo de Deus (ver Gênesis 12: 8 ; 28: 10-22 ; 36: 6 ; Judg 2: 1 ; 20:18 , 26 ; 1 Reis 12: 28-33). No tempo de Amós, Betel era o santuário real (7:13). Os Altars tomaram o lugar do altar único de Jeroboão I. Betel foi um centro de peregrinação em Israel, onde vieram vastas multidões de pessoas (4: 4 ; 5: 5). O esplendor do altar em Betel caiu quando Samaria caiu aos assírios em 722 AC Mas o fim do altar e santuário veio quando Josias os destruiu em 621 AC (2 Reis 23:15). O pronunciamento de Amós sobre o julgamento de Deus nos altares de Betel deve ter parecido sacrílego e horrível aos seus ouvintes. Para uma nação no mundo antigo perder seus altares e o templo equivaleria a perder sua existência.

Os chifres do altar eram símbolos ou figuras nas vírgenes do altar dos holocaustos que forneceram um lugar de refúgio sob a proteção da divindade (1 Reis 1:50 ; 2:28). Amós diz que todo lugar de refúgio será despojado de Israel. A segurança sacra de um último recurso será removida.

O que Deus iria fazer para sua própria casa (Betel), ele também faria às casas de seu povo de acordo com o v. 15 . Deus ia ferir a casa de inverno junto com a casa de verão,

e as casas de marfim pereceriam. O marfim era um sinal de luxo. Não está claro se as casas de verão e as casas de inverno estavam localizadas em lugares diferentes ou se representavam histórias superiores e inferiores da mesma casa. É completamente possível que alguns proprietários de terras ricos em Israel possuíssem casas em montanhas e no vale do Jordão ou na costa mediterrânea. De qualquer forma, Amós diz que todas essas grandes casas chegarão ao fim.

Os objetos de julgamento em vv. 9-15 são as fortalezas, as defesas, a capital política (Samaria), a capital religiosa (Bethel) e as luxuosas casas dos ricos. Aparentemente, todas essas instituições estavam envolvidas no pecado de Israel na mente de Amós. Os motivos do julgamento sugerido nesta seção são básicos, mas gerais: tumultos, opressão, violência, roubo e a ausência do conhecimento sobre como fazer o bem. Este último encargo é talvez o pior de tudo. Ele fala de um estado de depravação em que a consciência deixa de funcionar corretamente e o pecador não consegue distinguir o certo eo errado. Página Kelley (p. 53) também disse: "A sequela da desobediência é a crescente incapacidade de obedecer. Quando as pessoas não vão fazer o certo, chegou a hora em que não podem fazer o certo "

(4) As mulheres ricas de Samaria (4: 1-3)

1 "Ouça esta palavra, vocês vacas de Basã,
que estão na montanha de Samaria,
que oprimem os pobres, que amassam os necessitados,
que dizem aos seus maridos: "Trazei, que possamos beber!"
2 O SENHOR Deus jurou por sua santidade
Isso, eis que os dias estão chegando sobre você,
quando eles o levarão com ganchos,
até o último de vocês com anzóis.
2 E você deve sair pelas brechas,
cada um logo antes dela;
e você será lançado em Harmon ",
diz o Senhor.

Amós, juntamente com sua contraparte no sul, Isaías, expôs a vida insensível, grosseira e indulgente das mulheres ricas de Samaria e Jerusalém (ver Isa. 3: 16-4: 1). Um comentário de JE McFadyen é relevante: "Todos os profetas hebreus sabem que, pelo temperamento e qualidade de uma civilização, as mulheres são extremamente responsáveis. Um país é em grande parte o que as mulheres conseguem; se eles são cruéis ou descuidados ou indignos, o país está no caminho da ruína ". (A Cry for Justice, 1912, página 36). Amos chama essas mulheres vacas gordas de Basã. A figura é bastante adequada porque essas mulheres eram mulheres premiadas, já que as vacas de Basã eram vacas premiadas. Ambos eram lindos, gordurosos, bem preparados e brutais. Essas mulheres grossas de Samaria estavam bem acasaladas com seus senhores (maridos de Lord) que estavam armazenando a violência oprimindo os pobres. Em vez de censurar seus maridos por atos de crueldade e opressões, eles comprometeram seus maridos a uma maior opressão dos pobres para que eles (as mulheres) pudessem

satisfazer seu insaciável desejo de beber. O alcoolismo foi um problema entre as mulheres da sociedade no dia de Amós!

Em contraste com a conduta profana das mulheres de Samaria, Deus jura com a sua santidade que ele julgará sobre eles por causa de suas ações. Para Deus, falar é suficiente, mas para ele jurar ou prestar juramento acrescenta ainda mais seriedade e certeza ao que ele tem a dizer (6: 8 : 8: 7). A santidade representa a deidade de Deus - a sua Deusa. A santidade é toda a alteridade de Deus, o que o separa de tudo o resto. A santidade é o poder incrível, dinâmico e ameaçador do divino. Então, quando Amós diz que o Senhor jurou por sua santidade, ele significa que Deus jurou por si mesmo (cf. 6: 8).

Qual o conteúdo do juramento de Deus? Ou seja, sempre apresenta algo importante. Os dias que chegam sobre você se referem ao dia do Senhor, que será um dia de julgamento sobre essas mulheres perversas. O significado de vv. 2b-3 é marcado por palavras obscuras e um texto incerto. As duas palavras para ganchos só ocorrem aqui no Antigo Testamento com esse significado. Em outros lugares eles geralmente significam escudo ou espinho. Talvez as palavras aqui tenham um significado de "gancho" derivado do espinho. As duas palavras parecem ser usadas de forma sinônima em poesia paralela. Os ganchos foram usados para arrastar cadáveres ou para juntar-se em cativeiro para marchar. O último de vocês remove qualquer idéia de fuga que qualquer um possa ter.

Essas mulheres ricas deveriam sair da cidade de Samaria através de violações na parede como o gado atravessando buracos em uma cerca. Eles seriam expulsos poderiam se referir a cativos ou cadáveres. De qualquer forma, a imagem do destino das mulheres não é agradável. Harmon não foi identificado. Alguns estudiosos emendam o texto para que ele leia "Hermon", o que, se correto, daria um toque irônico à ameaça porque Hermon está na região de Basã. Essas vacas Basan seriam levadas ao seu legítimo habitat. Amos diz, de fato, que essas mulheres ricas que trataram os pobres como se fossem gado, no final, seriam tratadas como o gado que são.

Como devemos interpretar o castigo de Amós sobre a vida desses habitantes ricos com seus luxo e excessos? Sem dúvida, o contexto rural de Amós o ajudou a ver os abusos na sociedade de forma mais clara do que os perpetradores dos abusos. Mas Amós não era um asceta. Ele acreditava como a maioria das pessoas em Israel que Deus criou o mundo e o abasteceu com tudo bem. As bênçãos materiais não são maldições em si mesmas, mas podem e devem ser usadas para melhorar a qualidade de vida. O conforto não é necessariamente o mal e o desconforto necessariamente religioso. Amos não estava denunciando as coisas tanto quanto condenava a indulgência egoísta que se manifestava em face da pobreza e à custa de suas vítimas. Amos estava denunciando facilidade e luxo que foi comprado pelo trabalho incessante de outros homens. Ele se opôs ao lazer de alguns homens tornado possível pela servidão de outros homens. Ele se opôs à abundância de alguns homens que tinham sido obtidos por opressão e traição de outros que viviam na fronteira da fome. Ele se opôs a distinções entre os homens com base apenas nas posses, porque na comunidade da aliança todos os homens são iguais perante Deus.

(5) Uma Palavra Sobre Adoração (4: 4-5)

> [4] *"Venha a Betel e transgride;*

para Gilgal, e multiplicar a transgressão;
traga seus sacrifícios todas as manhãs,
seus dízimos a cada três dias;
5 oferecem um sacrifício de ação de graças daquilo que é levedado,
e proclamar ofertas livres, publicá-las;
por isso você gosta de fazer, ó povo de Israel! "
diz o Senhor DEUS.

Pode-se pensar que as pessoas gananciosas, calosas e seguras não teriam interesse em adorar. Esse não era o caso no tempo de Amós. Essas pessoas, que Amós condenou de forma tão espalhafatosa, eram regulares no atendimento aos cultos de adoração e pródiga em seus dons e apoio ao estabelecimento religioso. "Mesmo em uma sociedade construída sobre a injustiça e sustentada pela opressão, o opressor injusto realizará felizmente todos os ofícios da religião" (Marsh, p.48).

Com sarcasmo mordaz e ironia paradoxal, Amos ataca a adoração do povo: venha a Betel e transgrede. Bethel foi o principal centro de adoração em Israel naquele tempo (ver 7:13). Amos, imitando um sacerdote com o imperativo plural "Venha", chamou as pessoas para Betel, mas ele viu o que eles fizeram lá como transgressão. Usando a mesma linguagem zombeteira, chamou a gente de Gilgal, o segundo santuário mais importante em Israel, e disse que lá, eles só multiplicariam a transgressão. Gilgal foi o primeiro lugar onde as tribos de Israel acamparam depois de atravessar o Jordão a caminho do Egito e do deserto. É possível que um festival anual tenha sido celebrado lá para comemorar a conquista de Canaã. Gilgal provavelmente deve ser identificado com Khirbet Mafjir cerca de uma milha e um quarto ao norte da antiga Jericó.

Traga seus sacrifícios todas as manhãs, seus dízimos a cada três dias podem ser sarcasmo. George Adam Smith pensou que Amós estava exagerando e fazendo uma caricatura de seu zelo equivocado. Eles estavam trazendo os sacrifícios que eram necessários uma vez por ano, uma vez por dia; e os dízimos exigidos a cada três anos (Deuteronômio 14:28), a cada três dias. No entanto, estudiosos mais recentes preferem levar essa linguagem como uma descrição do procedimento normal de uma peregrinação a um santuário. Na primeira manhã, os sacrifícios de animais seriam oferecidos, e no terceiro dia os dízimos foram apresentados. Quatro tipos de observâncias rituais são mencionados por Amos nesta passagem. Estes devem ter sido realizados por cada participante na peregrinação. O sacrifício, o dízimo, a oferta de agradecimento e a oferta de "livre arbítrio" provavelmente eram comuns no dia de Amós e não se originaram com o falecido Código Sacerdotal.

Oferecer sacrifícios com fermento foi proibido em certos momentos na história de Israel (ver Ex. 23:18 ; 34:25 ; Levítico 2:11 ; 6:17). Mas Amós não está condenando a oferta de sacrifício com fermento porque era proibido na lei, mas porque a presença de fermento era simplesmente outro sinal de sua afluência. As pessoas achavam que eles tornariam suas ofertas mais aceitáveis usando um ingrediente caro, levedura ou mel de uva (Levítico 2:11) neles. Proclamar e publicar ofertas de livre arbítrio é uma fraude no verdadeiro espírito de devoção espontânea. Jesus teve que avisar seus seguidores para não serem como hipócritas que soavam trombeta quando deram esmola na rua ou na sinagoga (Mateus 6: 2).

Por isso, você gosta de fazer. Essas pessoas gozavam de "igreja", não porque amassem Deus ou outras pessoas, mas porque se amavam. Eles sentiram que, quando fizeram uma peregrinação e realizaram todos os rituais, fazendo presentes e sacrifícios generosos que eles estavam incorrendo no favor de Deus e a admiração dos homens. Portanto, eles se sentiram seguros e honrados. É suposto que a religião faça com que se sinta seguro, honrado e admirado?

Qual era a atitude de Amós em relação ao culto? Muitos estudiosos argumentaram que Amós era diametralmente oposta à oferta de sacrifícios e participava de pligrações. Wellhausen acreditava que Amós 5:25 junto com Jeremias 7:21considerava o sistema de sacrifício como feito pelo homem e não divinamente ordenado. Outros estudiosos, como HH Rowley, argumentaram que os profetas não condenavam o culto, o culto ou o sacrifício per se. Eles realmente condenavam a atitude de muitos adoradores que consideravam a oferta de sacrifício e a observância dos rituais como a garantia automática do favor de Deus.

(6) Sete palavras sobre o arrependimento (4: 6-12)

6 "Eu lhe dei limpeza de dentes em todas as suas cidades,
e falta de pão em todos os seus lugares,
ainda que você não voltou para mim "
diz o Senhor.
7 E também retirei a chuva de você
quando ainda havia três meses para a colheita;
Eu enviaria chuva sobre uma cidade,
e não envie chuva sobre outra cidade;
um campo seria chovido,
e o campo sobre o qual não choveu murchou;
8 então duas ou três cidades viajaram para uma cidade
para beber água e não estavam satisfeitos;
ainda que você não voltou para mim "
diz o Senhor.
9 "Eu te feri com ferrugem e bolor;
Desperdiquei seus jardins e suas vinhas;
suas figueiras e suas oliveiras, o gafanhoto devorou;
ainda que você não voltou para mim "
diz o Senhor.
10 "Mandei entre vocês uma peste à maneira do Egito;
Eu matei seus jovens com a espada;
Eu levei seus cavalos;
e fiz o cheiro de seu acampamento subir em suas narinas;
ainda que você não voltou para mim "
diz o Senhor.

11 "Eu derrubei alguns de vocês,
como quando Deus derrubou Sodoma e Gomorra,
e você era como uma marca arrancada da queima;
ainda que você não voltou para mim "
diz o Senhor.
12 Portanto, assim eu farei com você, ó Israel;
porque eu vou fazer isso com você,
prepare-se para conhecer o seu Deus, Israel! "

Amos acabou de dizer a seus ouvintes o que não fazer para incorrer em favor de Deus. Eles não deveriam tentar ganhar o favor de Deus com sacrifícios pródigos e elaborados rituais executados pontualmente. Agora ele diz o que eles devem fazer. Eles devem se arrepender! Amos acreditava que Deus trouxe uma série de calamidades a Israel para levá-la ao arrependimento, mas ela não voltou para Deus.

Até recentemente, essas palavras sobre o arrependimento foram entendidas historicamente como se referindo a sete calamidades recentes que Deus enviou a Israel para levá-la ao arrependimento. Nos últimos anos, alguns estudiosos interpretaram culposamente esta passagem, sugerindo que vv. 6-12 são uma recitação de maldições semelhantes às de Leviticus 26 e Deuteronomy 28que provavelmente foram recitados todos os anos na cerimônia de renovação da aliança. Por isso, Amós não está enumerando uma série de calamidades recentes que haviam chegado a Israel tanto quanto ele estava recitando uma série de maldições que haviam ultrapassado Israel - as situações com as quais o povo havia sido ameaçado nas cerimônias da aliança (Ward, pp. 40-42) . É completamente possível que a linguagem de Amós tenha sido influenciada pelas práticas cultuais de seu povo. No entanto, esta interpretação não deve excluir a possibilidade de que essas calamidades realmente tenham ocorrido. De fato, para ver essas calamidades como o cumprimento de maldições que foram pronunciadas sobre o povo pelos sacerdotes durante uma cerimônia de renovação da aliança torna a língua mais significativa.

As sete calamidades que Amós considerava como chamadas ao arrependimento eram a fome (limpeza dos dentes, v. 6); seca (v. 7); mofo (v. 9a); gafanhotos (v. 9b); pestilência (v. 10a); guerra (v. 10b); terremoto (v. 11). Todas essas calamidades eram bastante comuns em Israel. A forma desses oráculos é interessante. O pronome de primeira pessoa "I" é usado em toda a passagem. No entanto, você não voltou para mim, diz que o Senhor é repetido efetivamente cinco vezes (v. 6 , 8, 9, 10 , 12). O número sete provavelmente carrega o simbolismo da completude. Os oráculos nos capítulos 1 e 2 foram dirigidas a sete nações antes de chegarem a Israel. Aqui, sete calamidades atingem antes que o último ato de julgamento seja experimentado.

O versículo 12 começa, portanto, sugerindo que Israel havia sido completamente e amplamente avisado. No entanto, as pessoas haviam ignorado os apelos de Deus para o arrependimento; portanto, Deus escolheria outro curso de ação. "Portanto", no livro de Amós, geralmente apresenta o anúncio do julgamento. Assim, eu vou fazer com você, ó Israel é vago e indefinido, talvez intencionalmente. No entanto, Amos é geralmente específico em suas descrições de julgamento. Alguns estudiosos sentem que uma

descrição mais definida do julgamento caiu do texto neste momento (Mays, p. 80; IB, página 808). Contudo, conhecer Deus pode ser suficientemente definido como uma descrição do julgamento.

A frase preparada para conhecer seu Deus foi interpretada em pelo menos duas maneiras diferentes. Alguns estudiosos (Marsh, Driver) levam isso a outro chamado ao arrependimento. Tais estudiosos assumem que Amós acreditava que havia apenas uma maneira de se preparar para encontrar Deus e isso era pelo arrependimento dos pecados. No entanto, a palavra "preparar" é principalmente uma palavra cultual. Geralmente, refere-se à limpeza cerimonial ou ritual que se deve alcançar para se apresentar diante do Deus santo. "Conhecer Deus" muitas vezes se refere a uma teofania, uma aparência de Deus em um culto de adoração. No entanto, à luz da oposição de Amós ao culto é improvável que ele esteja sugerindo aqui que seu povo se prepare para outra observação cultual. Mais uma cerimônia de culto não satisfazia a exigência de Deus, volte para mim. O que Amos esperava era uma teofania, mas não uma teofania cultual. Ele estava esperando uma teofania de julgamento - a vinda de Deus para chamar seu povo para explicar seus erros. Deus não estava vindo em um santuário, mas na história, não para a bênção, mas para o julgamento. Amos estava alertando o povo sobre o que Deus estava prestes a fazer.

(7) A Doxologia (4:13)

> *13 Pois, o que forma as montanhas, e cria o vento,*
> *e declara ao homem qual é o pensamento dele;*
> *que faz a escuridão da manhã,*
> *e pisa nas alturas da terra -*
> *O SENHOR , o Deus dos Exércitos, é o nome dele!*

Em geral, concorda-se que o v. 13 é um hino ou um fragmento de hino por causa do uso dos particípios e pelo louvor de Deus como o Senhor da criação. No entanto, há muito pouco acordo entre os estudiosos quanto à origem deste versículo e o motivo de sua colocação onde está. Qual é a relação entre v. 13 e v. 12 ? Claro que se alguém aceita a tradição de que Amós escreveu todo esse livro, assim como o temos, não pode haver problema aqui, exceto uma dificuldade em entender por que ele colocou um hino de louvor imediatamente após o anúncio de um julgamento terrível.

Este versículo é uma doxologia de louvor do Deus da criação. Alguns estudiosos atribuíram esta passagem e outros elementos hímnicos em Amós (5: 8-9 ; 9: 5-6) a uma data pós-exilic, principalmente por causa da forte ênfase na criação. Alguns alegaram que Israel não tinha uma doutrina desenvolvida da criação até o período postexilico. Tais reclamações não são mais válidas. Amós 4:13 contém cinco frases que descrevem o Senhor como o Senhor da criação. Ele é aquele que forma as montanhas. A palavra "formulários" é da raiz a partir da qual recebemos a palavra oleiro. Às vezes, Deus como criador é descrito em termos de um oleiro no trabalho com argila (ver Gênesis 2: 7). Ele é aquele que cria o vento. A imagem por trás da linguagem deste versículo é a de uma teofania de Deus em uma tempestade (ver ex. 19:16). "Wind" aqui deve ser entendido como um vento tempestuoso que muitas vezes deixa a destruição em seu rastro.

A expressão e declara ao homem o que é o pensamento dele é ambíguo. Não é certo para quem o "seu" se refere. É o pensamento de Deus que ele declara para o homem talvez através da criação e da tempestade? Ou é o pensamento do homem sobre o qual Deus está sempre ciente? Alguns estudiosos consideram esse terceiro material material estranho. No entanto, o provável significado é que Deus é o dador de oráculos, bem como o Senhor da criação. Quem faz a escuridão da manhã descreve Deus como aquele que cria a manhã, mas também como aquele que pode transformar o nascer do sol brilhante na escuridão com uma nuvem de tempestade.

E os passos nas alturas da terra se referem à presença de Deus talvez nas nuvens. Há muitas referências no Antigo Testamento para Deus descer e andar na Terra. Essa linguagem antropomórfica apresenta Deus como presente e no controle de seu universo. Muitas vezes, quando lemos sobre tais teofanias, a Terra se derrete por causa de sua presença ardente (cf. Mic. 1: 3-4). O Senhor, o Deus dos exércitos, é o seu nome, vem ao final de todos os três elementos hímicos e proclama a grandeza de Deus. Ele é o Deus a quem Israel é chamado a conhecer.

(8) Um lamento sobre uma nação caída (5: 1-3)

> [1] *Ouça esta palavra que eu tomo sobre você em lamentação, ó casa de Israel:*
> [2] *"Caído, não mais para subir,*
> *é o Israel virgem;*
> *abandonado em sua terra,*
> *com ninguém para levantá-la ".*
> [3] *Pois assim diz o SENHOR Deus:*
> *"A cidade que saiu mil*
> *deve ter uma centena de esquerda,*
> *e o que saiu cem*
> *deve ter dez restantes*
> *para a casa de Israel ".*

Amos a este ponto falou da queda de Israel como sendo ainda no futuro. Aqui ele fala como se já tivesse acontecido. Ele canta uma canção de funeral (uma fúria) para Israel. A nação é retratada como uma jovem, a. virgem (*bethulah* , não um *almah* como em Isaías 7:14). Mas essa jovem mulher foi assolada por um exército invasor. Ninguém fica para resgatar. Todos os possíveis auxílios humanos foram quebrados. O próprio Deus, que poderia resgatá-la, não será porque, de fato, ele é seu destruidor. A palavra lamentação é *qinah*, que se refere a uma explosão de emoção, mas a uma composição construída para ser cantada por mulheres profissionais. O verbo caído está na ação perfeita (completa), assim como a palavra é abandonada, o que significa que, na mente do profeta, a nação já caiu. Este medidor de qinah é usado na maior parte do livro de Lamentações (também ocorre em 2 Sam. 1: 17-27 ; 3: 33-34 ; Ez. 19: 1-14 ; 26: 17-18 ; 32: 2-16). Alguns estudiosos imaginaram que Amos realmente vestiu o traje de um profissional e cantou essa música em Samaria ou Betel. Se isso é verdade, Amós pode ter sido o primeiro profeta a dramatizar sua mensagem. Tal prática tornou-se comum com Isaías, Ezequiel e Jeremias. Amos parece ser o primeiro profeta a retratar a nação

como uma mulher, uma figura que Oseias faz poucos anos depois. Amós se refere a Israel como virgem, não porque ela fosse pura, mas porque ela era jovem como as nações. Israel tinha apenas duzentos anos de idade. Já estava morta antes de seu tempo. Amos deve ter pensado enquanto cantava sua fúria da tragédia das oportunidades desperdiçadas de Israel para viver e ser uma benção.

O versículo 3 é outro carrozinho. Está escrito no mesmo metro que v. 2 . Ele fala de uma cidade que enviou mil soldados apenas para que cem (10 por cento) deles retornassem, e de uma aldeia que enviou uma centena de soldados apenas para que a mesma porcentagem voltasse. Amós não está pregando uma doutrina de um remanescente aqui. Ele não está enfatizando o décimo que retornará, mas os nove décimos que perecerão. É o mesmo tipo de remanescente que ele descreveu em 3:12 - o remanescente de uma ovelha que foi comido por um leão e móveis quebrados depois que uma casa foi destruída e saqueada. A destruição será completa.

A forma de lamento nos versículos 2-3 poderia muito bem refletir a verdadeira atitude de Amós sobre o futuro declínio de Israel. Amos não gostava de pregar uma mensagem de julgamento. Amós intercedeu pela nação quando ele ouviu falar da queda que se aproximava (ver 7: 2 , 5). Aqui, ele expressa em um lamento sua tristeza por sua queda.

(9) O Caminho para a Vida (5: 4-7)

> *4 Pois assim diz o Senhor à casa de Israel:*
> *"Procure-me e viva;*
> *5, mas não busque Betel,*
> *e não entre em Gilgal*
> *ou atravessar Beer-Sheba;*
> *pois Gilgal certamente irá para o exílio,*
> *e Betel não será nada.*
> *6 Procure o SENHOR e viva,*
> *para sair do fogo na casa de Joseph,*
> *e devora, sem que ninguém apague por Betel,*
> *7 Ó você que torna a justiça ao absinto,*
> *e lançar a justiça para a terra!*

De um canto da morte, Amos se transforma em uma receita para a vida. Uma das tragédias da queda do Reino do Norte foi que era tão desnecessário. Havia um modo de vida aberto para ela se ela tivesse escolhido segui-la, mas sentia falta dela. Amos diz a seu povo que o caminho para a vida era *para* buscar ao Senhor, e "buscar o bem e não o mal" (5:14). A admoestação "para buscar o Senhor" é bastante frequente no Antigo Testamento (Salmo 27: 8 ; 24: 6 ; 105: 4 ; Deut 4:29 ; Jeremias 29:13 ; Isaías 55: 6-7). Geralmente, a expressão significava ir a algum santuário, sacerdote ou profeta - oferecer um sacrifício ou receber um oráculo. O povo de Israel pensou que o Senhor deveria ser encontrado no santuário e sua palavra foi mediada por um sacerdote ou um profeta. Mas Amós disse às pessoas que não buscassem Deus nos santuários. Essa admoestação era diametralmente oposta a tudo o que essas pessoas tinham sido ensinadas. Eles tinham sido ensinados por seus líderes religiosos, ou pelo menos eles

haviam sido levados a assumir que, se observassem o calendário religioso, participaram das festas religiosas, participaram da peregrinação e trouxeram seus dízimos e oferendas para o santuário, eles teriam "Vida". Eles pareciam pensar que tudo o que Deus exigia dos homens era a observação superficial dos rituais religiosos.

Amos ocupava uma visão quase completamente oposta. Ele acreditava que, se a vida de alguém não fosse marcada pela justiça, justiça e bondade, não importava quantas festividades religiosas assistirava, nem o quão grande fosse o dízimo e as ofertas. Tal pessoa não estava fazendo a vontade de Deus e viria sob o julgamento de Deus. O escritor de Deuteronômio sabia que uma verdadeira busca de Deus era um processo interno e não externo: "Mas a partir daí você buscará o Senhor, seu Deus, e você o encontrará, se você o perseguir de todo o seu coração e com todos sua alma "(Deuteronômio 4:29). E Deutero-Isaiah sabia que buscar o Senhor não era simplesmente a observância dos rituais (ver Isaías 55: 6-7).

A palavra *ao vivo* neste contexto poderia se referir à evitação da destruição ameaçada da nação. Também poderia se referir a uma qualidade de vida que era real e significativa para o povo de Deus. É possível que Amós ofereça a Israel uma esperança, ou uma maneira de escapar do julgamento que vem, mas parece que ele tinha pouca fé de que Israel se voltasse para Deus. Por vida, Amós provavelmente significa mais do que apenas a vida física ou a preservação nacional. Ele significa vida com uma dimensão mais profunda e maior qualidade. O escritor do Deuteronômio contrastou as qualidades físicas e espirituais da vida quando ele disse: "O homem não vive de pão sozinho, mas aquele homem vive por tudo que procede da boca do Senhor" (Deuteronômio 8: 3). Ezequiel estava enfatizando essa qualidade de vida mais profunda quando ele disse: "Afastai-vos de todas as transgressões que cometeu contra mim, e entrei-vos um novo coração e um novo espírito! ... então vire e viva "(Ezequiel 18: 31-32).

Israel deveria procurar o Senhor, mas não Bethel (v. 5). Bethel está aqui um lugar ou um deus? JP Hyatt argumentou que havia um deus "Bethel" no mundo antigo. A palavra parece ser usada dessa maneira nas fontes asirias. Hyatt acredita que se refere ao deus, Betel, em Jeremias 48:13 . No entanto, em Amós, Bethel provavelmente se refere ao lugar do santuário real em Israel. O contraste aqui parece ser entre buscar uma pessoa (Deus) e um lugar (Betel, ver comentário em 3:14).

Amós é o único profeta que menciona Beer-Sheba (cf 8:14). Evidentemente, no dia de Amós, o santuário de Beersheba rivalizava com Betel e Gilgal como um santuário de peregrinação. Amós ordena aos cidadãos do Reino do Norte que não cruzem os limites de seu próprio país para irem a Beersheba para adorar. Beersheba estava localizado no sul de Judá, a 28 milhas a sudoeste de Hebron. O nome moderno da cidade é Bir es-Saba ou Tell es-Saba. O motivo de Amós de proibir o povo de ir a Betel, Gilgal e Beersheba era que os santuários não podiam ajudá-los. Na verdade, disse Amós, aqueles que continuam indo aos santuários põem em perigo suas vidas porque os altares foram levados ao exílio ou serão destruídos (ver 3:14 ; 9: 1). Muitos estudiosos observaram a paronomasia que a Amos usa na v. 5b . Na primeira parte da multa, há uma peça de teatro em Gilgal. O hebraico lê o *hagilgal galoh yigleh* (o cativo de Bethel deve ser cativo). O infinito absoluto expressa a certeza da ação. Na última parte da multa, a peça está em Betel (*Bete-el* , a casa de Deus), que se tornará "a casa do nada" (cf. Hos. 4:15).

Em v. 6, a exortação para buscar o Senhor é repetida. Novamente, a promessa da vida está relacionada com a busca do Senhor. Mas desta vez, em vez de proibir peregrinações aos santuários por causa do julgamento que vem nos santuários, Amós adverte sobre um julgamento de fogo inextinguível que pode vir sobre toda a nação aqui referida como a casa de Joseph. Amós ameaçou todas as nações estrangeiras e Judá nos capítulos 1 e 2 com o fogo do julgamento de Deus (talvez se referindo à guerra), mas não ameaçou Israel com fogo naquele momento. Aqui, no entanto, e em 7: 4Deus fala de fogo vindo sobre Israel. Para sugerir que ainda havia na mente do profeta a possibilidade de Israel escapar do julgamento total de Deus. Nós não sabemos em que ponto o ministério de Amós, seu "pode ser" (5:15) e "pior" (v. 6) vem. Havia um ponto em seu ministério quando Deus lhe disse que "nunca mais passaria por eles mais". No capítulo 2, Amós falou do ponto de saturação dos pecados de Israel, da mesma forma que falou dos pecados de seus vizinhos " Por três transgressões. . . e para quatro. "Mas é possível que Amós acreditasse na soberania de Deus tanto que, apesar de Deus ter declarado um julgamento ineludível, Deus poderia encontrar uma maneira de poupar.

Mas o ponto de v. 6 não está na pequena possibilidade de que o julgamento possa ser evitado, mas na ferocidade e na extensão dele. As pessoas hoje acreditam na fervor do julgamento de Deus? Eles acreditam que pode ser como um fogo que explora em uma comunidade ou nação que ninguém pode saciar?

É difícil determinar a relação entre v. 7 e seu contexto. É o último verso na seção 5: 4-7 em que o profeta vem explicando o caminho da vida? Se assim for, então v. 7 é um tipo de construção vocativa, identificando aqueles que estão sendo endereçados como o RSV o tem. Ó vós, que tornais a justiça ao absinto, e lançam a justiça à terra! Estas são as pessoas que precisam procurar o Senhor e não o Betel. Alguns estudiosos (Mays, pp. 90-94; Ward, pp. 74-76) preferem tomar v. 7como o início de uma nova seção que enumera os pecados das pessoas. Tais estudiosos geralmente reorganizam a ordem dos versos e consideram 5: 7 como a primeira parte da seção composta de 5: 10-11. De acordo com esta última teoria, 5: 8-9 compreendem um hino que se intromete na unidade de 5: 7 , 10-11 . Provavelmente é melhor ler a primeira palavra em 5: 7 como um vocativo como o RSV e juntar v. 7 com 5: 4-6 em vez de 5: 10-11 .

O versículo 7 é o próprio coração da mensagem de Amós. O profeta usa duas ótimas palavras pela primeira vez, justiça e justiça, e acusou o povo de tentar revogar a justiça e desconsiderar a justiça. Amos usa a "justiça" (*mishpat*) quatro vezes (5: 7 , 15 , 24 ; 6:12), mas ele também poderia usá-la em todas as linhas porque esta palavra dominava seu livro. À medida que a Amos o usa, a justiça significa justiça administrativa, isto é, justiça que deve ser considerada na assembléia legal das portas da cidade (5:10).

No antigo Israel, cada aldeia era mais ou menos livre para dirigir seus próprios assuntos, ou seja, todas as disputas relativamente menores entre os seus cidadãos foram resolvidas pelas dilações do município ou assembléia. Todas as aldeias eram constituídas por dois tipos de pessoas: cidadãos cheios e os marginalizados (mulheres, crianças, escravos e estranhos). Os cidadãos cheios tinham o direito de possuir propriedade e participar e falar na assembléia legal no portão. Sob a aliança do Sinai, a maioria dos homens hebreus eram homens livres com cidadania plena. Eles poderiam possuir propriedades, falar na assembléia local e exercer o direito de serem ouvidos quando sentiram que tinham uma queixa legítima. Esse sistema democrático funcionou bem, desde que os

homens comparecessem de forma comparativa de forma econômica. Mas quando alguns homens se tornaram extremamente ricos enquanto outros caíam em grande pobreza, o equilíbrio nos tribunais estava perdido. Os membros ricos da comunidade "dominaram" os membros mais pobres da assembléia. Eles recorreram ao suborno quando necessário para obter o seu caminho (5:12). Um homem pobre teve poucas chances de falar ou obter uma decisão favorável nos tribunais no dia de Amós.

Rute 4: 1-12 e Deuteronômio 25: 1-3 fornecem ilustrações da assembléia local servindo como tribunal. A importância de tudo isso era mais do que salvaguardar os direitos de um indivíduo e punir o culpado. A integridade do tribunal e da comunidade foi preservada quando a justiça foi feita.

Amos acusou seus ouvintes de transformar a justiça (absolver os justos) em absinto. Wormwood era uma planta com suco amargo e, em alguns casos, prejudicial (Deut, 29:18 ; Provérbios 5: 4 ; Amós 6:12 ; Jeremias 9:15 ; 23:15 ; Lam. 3:15 , 19) . No absinto do Velho Testamento simboliza sempre o que é desagradável e amargo. A justiça é doce e satisfatória, mas a injustiça é amarga e frustrante.

A outra grande palavra que Amós usa no v. 7 é a justiça. Ele acusa seus ouvintes de lançar a justiça na terra. O verbo traduzido "casting down" (*hinnichu*) literalmente significa "fazer descansar". O contraste é entre uma figura que está inclinada na terra quando deve estar em pé. A justiça deve ser erguida, estabelecida, feita firme no portão (5:15). Mas os ouvintes de Amós jogaram a justiça no chão e estavam pisoteando. A justiça no Antigo Testamento não é primariamente um termo legal. Não é conformidade com a lei ou um padrão, tanto quanto mantém os relacionamentos adequados com outras pessoas e com Deus baseado em uma aliança. Quando os homens ricos oprimiam os pobres comprando e vendendo-os e privando-os de seus direitos nos tribunais, eles não estavam mantendo os relacionamentos adequados dentro da aliança, de acordo com Amós. Todo o tecido da sociedade estava sendo dividido.

(10) Uma segunda doxologia (5: 8-9)

> *8 Aquele que fez as Plêiades e Orion,*
> *e volta a escuridão profunda até a manhã,*
> *e escurece o dia na noite,*
> *que chama para as águas do mar,*
> *e os derrama sobre a superfície da terra,*
> *O Senhor é o nome dele,*
> *9 que faz a destruição se manifestar contra os fortes,*
> *de modo que a destruição chegue à fortaleza.*

Este é o segundo dos três fragmentos de hinos encontrados em Amos. O estilo do hino é geralmente marcado por particípios e pelo louvor de Yahweh como criador e Senhor da natureza e da história. Considerando que, no primeiro hino (4:13), o Senhor foi louvado como aquele que formou as montanhas e criou os ventos, aqui é louvado como o criador das Plêiades e Orion. Normalmente, os estudiosos concordam que os termos hebraicos *kimah* e *k ᵉ sil se* referem às constelações agora conhecidas como Pleiades e

Orion, mas não podemos ter certeza absoluta de que isso é assim. Pleiades e Orion foram duas das constelações mais proeminentes do mundo antigo. Eles são mencionados novamente em Jó 9: 9 ; 38:31. A palavra para Orion aparece no plural em Isaías 13:10 , onde é traduzida "constelações". A palavra traduzida Pleiades significa amontoar ou agrupar. A palavra traduzida Orion significa tolo e pode apontar para alguma noção mitológica antiga de que as estrelas desse grupo representam um guerreiro gigante que se rebelou contra Deus e foi encadeado ao céu. O ponto em Amós é que Yahweh é o criador dos corpos celestes que alguns povos antigos adoraram. O Deus de Israel é soberano sobre os céus.

A segunda coisa que este hino diz sobre Deus é que ele volta a escuridão profunda para a manhã, / e escurece o dia até a noite. "Isto é, o Senhor é o poder por trás da rotação do dia e da noite. A "escuridão profunda" é traduzida como "sombra da morte" na KJV (ver Salmo 23: 4). Anteriormente, pensava-se que a palavra era composta por duas palavras hebraicas que separadamente significavam "sombra" e "morte". No entanto, estudos mais recentes levaram a palavra a ser derivada de um termo arackiano que significa "escuridão profunda".

O Senhor também é elogiado como doador de chuva. Ele pede as águas do mar e as derrama sobre a superfície da terra. A chuva era tão importante para as pessoas do antigo Oriente Médio que tinham um deus da chuva e da tempestade. Em alguns lugares, ele se chamava Baal e outros Hadad. Amos aqui e em 9: 6b afirma que é Yahweh quem dá a chuva. O versículo 9 gira de Deus como o criador das estrelas, governante do dia e da noite, e doador da chuva, para Deus o juiz dos homens e das nações. Ele faz a destruição se manifestar contra o forte. Esta expressão lembra 5: 6 , "para que ele não gire como fogo". O KJV quase certamente está errado na renderização desse verso. Os tradutores seguiram estudiosos judeus medievais e leram o particípio *ham-mablig*, "Força-eneth". No entanto, os estudiosos modernos confiam em outras línguas semíticas para o significado "avançar". Destruição aparece duas vezes neste verso. Está vindo contra o forte e contra a fortaleza. Aqui novamente aparece o idioma da guerra. A força dos homens e suas defesas não são compatíveis com Deus.

Essa passagem está no lugar certo? Deveria aparecer após 5: 7 ou depois de 5: 6 ? Não há como responder essas questões finalmente. O verso 7 pode ser unido ao vv. 10-11 muito bem. No entanto, v. 7 também pode servir como um vocativo no final das exortações em 5: 4-6 . Assim, 5: 8-9 poderia descrever o Deus a quem essas pessoas estavam sendo convidadas a procurar.

(11) Pecados e julgamento (5: 10-13)

> *10 Eles odeiam aquele que repreende no portão,*
> *e eles abominam aquele que fala a verdade.*
> *11 Portanto, porque você pisoteia os pobres*
> *e tire dele extorsões de trigo,*
> *você construiu casas de pedra cortada,*
> *mas não habitarás neles;*
> *você plantou vinhedos agradáveis,*
> *mas você não deve beber o vinho deles.*

12 Pois sei quanto são as suas transgressões,
e quão ótimos são os seus pecados -
vocês que afligem os justos, que tomam um suborno,
e desviem os necessitados no portão.
13 Portanto, aquele que é prudente guardará silêncio em tal tempo;
pois é um tempo maligno.

No capítulo 1, Amós falou da ira dos edomitas contra seus irmãos em Israel. No capítulo 2, ele se referiu ao ódio de Moab para Edom. Esse ódio se expressou em queimando os ossos do rei de Edom. Amos encontra o mesmo tipo de ódio em Israel (v. 10). Desta vez, é o ódio da classe torta, perversa e rica para quem falou em favor dos pobres oprimidos. O verso 10 conecta-se com 5: 7 . No entanto, v. 10 está na terceira pessoa, enquanto a v. 7 está na segunda pessoa. Os dois verbos odeiam e abominam são palavras muito fortes.

A abominação nominal vem da mesma raiz a partir da qual a Palavra é abominável. Amós contava como abominável (como a adoração de ídolos) a tentativa de obstruir a justiça no portão (tribunal). O portão foi a abertura em uma estrutura fortificada construída na parede da cidade para proteger a entrada da cidade. Ao longo de cada lado do arco ou abertura, havia assentos cortados na pedra onde os anciãos se sentariam para consertar conselhos ou dispensar justiça.

Aquele que repreende no portão poderia ser qualquer um dos homens livres na cidade que repreendeu o erro e apoiou o direito (Isaías 29:21 ; Jó 9:33 ; 32:12). A palavra para a verdade é a palavra traduzida frequentemente "perfeita", "completa", "completa". Amos acreditava que a justiça não poderia ser feita a menos que todos os fatos fossem conhecidos. Ele acusou os opressores dos pobres de reter evidências ou de abominar os membros do tribunal que falaram toda a verdade. Essa conduta equivalia a oposição pessoal ao sistema de dispensar a justiça.

Portanto, geralmente marca a transição da declaração de uma cobrança para o anúncio de julgamento. No entanto, no v. 11, o profeta traz outra acusação contra o seu povo antes de pronunciar julgamento sobre eles. Ele diz que você pisoteia os pobres (finos). Amos provavelmente tem em mente a exigência de um imposto sobre o trigo ou quantidades excessivas de grãos dos pobres como aluguel da terra.

A punição no v. 11é adequado para o crime. Os enraizados ricos tinham sido gananciosos por terras e riqueza. Eles construíram casas de pedra esculpida que eram símbolos de luxo. Antes desse tempo, apenas templos e palácios eram construídos a partir de pedra cortada. Os cidadãos comuns construíram suas casas em tijolos de barro. As pessoas ricas tinham plantado vinhas agradáveis, isto é, vinhas que eles esperavam que lhes proporcionassem um grande deleite. Mas Deus disse: "Não habitarás nas casas da pedra esculpida, nem beberás vinhos de vinhas agradáveis". Não era porque tais coisas em si eram malignas, mas porque os donos só podiam pagar essas coisas oprimindo os pobres e privando-os pessoas menos afortunadas de seus direitos. As expressões - "construam casas e não vivem nelas; plantar vinhas e não beber seu vinho "- são parte do idioma da aliança. Podem ser maldições de futilidade (Deut. 28:30 , 38-40). A mesma língua às vezes é usada positivamente para descrever

as bênçãos para a guarda da aliança (Deuteronômio 6: 10-11 ; Josué 24:13 ; Amós 9:14 ; Isaías 65: 21-22 ; Jeremias 29: 5 , 28 ; Ezek 28:26). Ao usar essa linguagem, Amós estava dizendo que o Senhor invocaria as sanções de sua aliança contra os obstrucionistas israelenses da justiça social.

Verso 12 continua a enumeração de acusações contra os opressores ricos. Afligem os justos. A palavra traduzida "afligir" basicamente significa espremer, fazer estreita e angustiada. Eles estavam dando subornos. A palavra suborno é um resgate ou cobertura. A acusação aqui surpreendentemente não é diretamente contra os opressores ricos, mas sobre os cidadãos livres que constituíram o tribunal por aceitar subornos. O doador e o destinatário de subornos são igualmente culpados, porque o necessário é o outro e ambos prejudicam a base da justiça social. A terceira acusação neste versículo provavelmente contra os opressores ricos e os cidadãos veniais livres que estavam tomando subornos. Na oferta e no recebimento de subornos, ambos os grupos estavam deixando de lado os necessitados no portão. A justiça não estava sendo feita por causa do egoísmo dos membros do estabelecimento.

Amos acrescenta uma nova dimensão à sua discussão no v. 12 . Ele diz que o Senhor conhece a magnitude e a multidão das transgressões e dos pecados do povo. Transgressões e pecados representam duas das palavras mais importantes no vocabulário do Antigo Testamento para o mal moral. A primeira palavra significa rebelião. A segunda palavra é uma palavra geral que significa perder a marca. Esta palavra é usada para cobrir um amplo espectro de ofensas no Antigo Testamento. Embora alguns estudiosos pensem que o profeta é o sujeito do verbo "Eu sei", é melhor levar Deus como sujeito. Ele conhece os pecados do homem, embora os homens muitas vezes esquecem esse fato (cf. Hos. 7: 2). Amos acreditava que a instituição básica responsável pela manutenção da justiça na sociedade era o tribunal local. Mas para que o tribunal funcione adequadamente, aqueles que compuseram os tribunais devem cumprir os termos da aliança. Especialmente não teriam falsos testemunhos e não tomarem suborno (ver Ex. 23: 1-3 , 6-8 , Deuteronômio 16: 18-20). Quando Amos viu os tribunais locais corromper, ele sabia que o pecado não se limitava aos líderes políticos e políticos, mas que tinha permeado todo o tecido da sociedade. Tal condição só pode resultar em julgamento, e Amos foi seu locutor.

O versículo 13 é difícil. Alguns estudiosos negaram que Amos escreveu este versículo com o argumento de que seu estilo é diferente do que Amos havia dito antes e porque parece ser diretamente oposto ao que Amos estava fazendo. Ele certamente não tinha mantido o silêncio e ele provavelmente se consideraria prudente (Fosbroke). James L. Mays acredita que este versículo é um comentário adicionado por um seguidor do movimento da sabedoria principalmente por causa da palavra "prudente" (*maskil* , ver Prov. 10: 5 , 19 ; 17: 2 ; 21:11). De acordo com este ponto de vista, v. 13 é um pouco de conselho adicionado ao livro de Amos por um emissor anônimo no sentido de que, quando os tribunais são maus, e os poderosos estão no controle, o homem de julgamento sábio ficará calado, sabendo que falar só pode levar a problemas para ele.

No entanto, v. 13 poderia ter sido escrito por Amos pelo qual ele declarou que o curso prudente para um profeta ou um freeman no tribunal seria manter o silêncio em um tempo maligno; mas Amós não estava defendendo tal postura. Amos poderia ter estado lamentando o fato de sua nação ter chegado a um momento em que era perigoso falar a verdade. Os profetas e os homens livres honestos que falaram a verdade

comprometeram suas vidas. Uma sociedade comete um pecado mortal quando a palavra de verdade é sufocada.

Ainda há uma outra maneira v. 13 pode ser interpretada. Poderia referir-se ao futuro do julgamento. Amos parece indicar no v. 10 que, em seu dia, ainda havia alguns que falavam no tribunal em favor dos pobres, mas que chegara o momento "naquele tempo", não "em tal momento" - quando Será tarde demais para falar em tribunal em favor dos pobres porque não haverá tribunais para falar. Israel estará em cativeiro. Em 8: 11-12 Amós se refere a uma fome vindoura da palavra de Deus. Agora Israel estava tentando silenciar o profeta e os falantes da verdade. Chegou o tempo em que eles buscariam uma palavra do Senhor, mas não a encontrariam.

(12) Um convite à vida (5: 14-15)

> *14 Procure o bem, e não o mal,*
> *para que você possa viver;*
> *e assim o SENHOR , o Deus dos exércitos, estará com você,*
> *como você disse.*
> *15 Odeie o mal e ame o bem,*
> *e estabelecer a justiça no portão;*
> *pode ser que o SENHOR , o Deus dos exércitos,*
> *Será gracioso para o resto de Joseph.*

Três vezes neste capítulo (v. 4 , 6 , 14) Amos admoestou seus ouvintes a buscar o caminho da vida. "Buscai o Senhor e viva". Em 5: 4 , 6 buscando o Senhor, foi contra a busca de santuários ou lugares sagrados. No v. 14Amós diz: Procurem bem e não o mal, para que vivam. Não há dúvidas sobre onde Amos colocou sua ênfase em sua compreensão da verdadeira religião. Não era sobre a observação ritual ou cultual de formas externas. Foi no relacionamento pessoal apropriado com Deus e com o próximo. Então, quando Amós disse em um lugar "Procure o Senhor" e em outro "Procure bom", ele não estava fazendo eles sinônimo. Amós não estava pregando apenas uma religião ética. O buscador de Javé era mais do que um "bem-aventurado". Amos estava enfatizando as duas dimensões da verdadeira religião: a vertical, procuram Yahweh e a horizontal, buscam o bem. *O bem* é usado em vv. 14-15 em contraste com o *mal*.Podemos assumir que, pelo mal Amós, está se referindo a opressão aos pobres ao corromper a justiça nos tribunais. Bom neste contexto seria exatamente o oposto de tal conduta. Pode haver uma barbatana na declaração de Amós na última linha do v. 14 , e assim o Senhor, o Deus dos exércitos, estará com você, como você disse. Deus havia prometido muitas vezes estar com seu povo. Amos não estava absolutamente seguro de que Deus estava com Israel.

O verso 15 usa fortes contrastes. *Odeie o mal e ame o bem.* Amos tinha acusado seus ouvintes de odiar bem em 5:10 . Aqui Amós transforma as mesas e ordena que odeiam o mal e amem o bem, e promete que, se o fizerem, o Senhor pode realmente estar com eles e ter graça com eles. A palavra seja graciosa é de uma raiz, o que significa se curvar para ajudar. A condescendência de Deus para ajudar ou resgatar seu povo é sempre favor sem imitação; é um ato de graça.

Pode ser é de uma partícula condicional que não espera muita esperança de que Deus venha ajudar Israel desta vez, mas é claro que sempre existe essa possibilidade porque a soberania de Deus está além da compreensão do homem. O remanescente de Joseph refere-se àqueles que serão deixados do Reino do Norte após a invasão destrutiva ocorrer (ver 1: 8 ; 5: 3). Joseph é usado aqui para identificar o Reino do Norte porque as duas tribos principais no norte eram as tribos de Joseph Efraim e Manasseh. O restante não é usado aqui em um sentido redentor, mas apenas para enfatizar a grandeza da destruição que se aproxima (cf. 3:12).

(13) Lamentação nacional (5: 16-17)

> *16 Portanto, assim diz o SENHOR , o Deus dos exércitos, o Senhor:*
> *"Em todos os quadrados haverá lamentos;*
> *e em todas as ruas eles dirão: 'ai! infelizmente!*
> *Eles devem chamar os agricultores para o luto*
> *e para lamentar aqueles que são hábeis em lamentação,*
> *17 e em todas as vinhas haverá lamentos,*
> *pois eu vou passar pelo meio de você, "*
> *diz o Senhor.*

Amos começou este capítulo com um canto. Ele cantou pessoalmente uma música funeral sobre sua nação caída. Agora, ele descreve um tempo que chega quando toda parte do país será uma cena de grandes lamentos e todas as aulas da sociedade se juntarão a lamentações. Os quadrados públicos que normalmente eram centros de comércio ocupados seriam cobertos de preto. As ruas estarão cheias de pessoas aflitas, vítimas dos estragos da guerra. As vinhas, geralmente centros de alegria e alegria, tornar-se-ão como paredes de lamentações. Os agricultores, que muitas vezes são o último grupo a ser afetado pela tragédia nacional, lamentarão e os laudos profissionais expressarão seu próprio sofrimento genuíno.

Todo esse luto resultará de um ato de julgamento, pois passar pelo meio de você, diz o Senhor. Amós não explica exatamente como Deus passará pelo meio deles. A maioria dos profetas era vaga sobre o tempo e agente do julgamento de Deus. Jeremias falou de "o inimigo do norte" que ele deixou sem identificar a maior parte do tempo. Amós fala de um inimigo que envolve a terra sem identificá-la (3:11). "Deus passando" certamente lembra a visita do anjo da morte ao Egito antes do Êxodo (Êx 12:12). Duas vezes o Senhor disse que "nunca mais passaria por eles", isto é, Israel (7: 8 ; 8: 2). Amós estava lembrando a Israel de que Deus passara por julgamento enquanto ele fazia aquela noite no Egito. Mas agora ele não passaria mais por eles. Ele passaria pelo meio deles e deixaria uma trilha de lágrimas como ele tinha nas casas dos egípcios.

Amos 5: 1-17 tem sido considerado por alguns estudiosos como uma coleção de oráculos mal colocados e não relacionados. Mas James Ward chama isso de "poema bem construído". Começa e termina com uma lamentação (vv. 1-3 e 16-17). "Procure-me e viva" (v. 6) é combinado com "Procure o bem, e não o mal, para que você possa viver" (v. 14-15). A idéia do remanescente aparece na vv. 3 e 15. O atual orador da verdade se encaixa no futuro homem prudente que permanecerá em silêncio. Essa simetria suporta a unidade de toda a passagem.

(14) Uma Palavra de mágoa sobre o dia de Javé (5: 18-20)

18 Ai de vós que desejam o dia do SENHOR !
Por que você teria o dia do SENHOR ?
É a escuridão, e não a luz;
19 como se um homem fugisse de um leão,
e um urso o encontrou;
ou entrou na casa e se inclinou com a mão contra a parede,
e uma serpente mordeu-o.
20 Não é o dia da escuridão do Senhor, e não a luz,
e escuridão sem brilho nele?

Amós parece ter sido o primeiro profeta a usar a frase "dia de Javé". A expressão aparece apenas na literatura profética (Isaías 2:12 ; 13: 6 , 9 ; 22: 5 ; 24: 8 ; Jer. 46 : 10 ; Ezequiel 7:19 ; 13: 5 ; 30: 3 ; Joel 1: 5 ; 2: 1 , 11 ; 2:31 ; 3:14 ; Obad. 15 ; Zeph. 1: 7 , 14-18 ; Zech 14: 1 , Mal. 4: 5). Também ocorre em Lamentações 2:22. O termo refere-se ao conceito popular de que Yahweh viria em julgamento sobre seus inimigos e com bênçãos para o seu povo. Amos não negou nem refutou a doutrina. Ele simplesmente não concordou com seus ouvintes sobre quem eram os inimigos de Deus e quem era seu povo.

Houve muito debate sobre a origem do conceito no dia de Yahweh. EA Edghill (página 54) disse que surgiu da convicção de que Israel era o povo favorecido de Javé, e que, mais cedo ou mais tarde, ele deve intervir vitoriosamente para restaurar o reino a Israel. Gresmann traça o conceito de volta a uma pretensa e cósmica escatologia compartilhada por Israel com a Babilônia e outras nações. Mowinckel viu a origem do dia de Javé na celebração do festival do Ano Novo, no qual Israel comemorou a vitória de Yahweh sobre seus inimigos cósmicos e históricos e sua renovação de prosperidade para seus devotos. Cerny acreditava que a noção era a criação única de Israel pela fusão de várias idéias sobre a vinda de Javé, como o dia da batalha, a peste e o Êxodo.

Esta seção é introduzida pela palavra Ai. A forma literária é comum em materiais proféticos. A interjecção foi usada como um lamento de tristeza sobre os mortos (1 Reis 13:30 , Jeremias 22:18 ; 34: 5). Aqui, o profeta expressa um gemido por causa da destruição do seu povo.

Este oráculo deve ter sido um choque para seus ouvintes. As pessoas estavam à procura de um dia cheio de sol e alegria. Mas Amós disse que seria um dia de trevas e não luz - um dia de escuridão sem brilho nele. A escuridão é física e simbólica. Muitos profetas descrevem as calamidades do dia do Senhor em termos de nuvens e trevas (Isaías 13:10 ; Ezequiel 30: 3 ; Joel 2: 1-2 ; 10-11 ; Zeph 1: 15-16). Quando Deus lança seus inimigos, os luminosos celestiais falham; nuvens grossas e escuridão cobrem a terra.

No v. 19, Amós se volta para outras ilustrações do Dia de Yahweh. Ele diz que será como um homem que foge de um leão e um urso cai sobre ele (ver Ex. 5: 3), e como um homem que entra em sua casa, normalmente um lugar de segurança, e uma serpente rasteja do parede e morde-o! O julgamento é inevitável. As pessoas podem escapar em um ponto apenas para ser ultrapassado por ele no momento menos suspeito. Os homens

culpados apenas escapam para a morte deles. Israel estava "desejando" (Jeremias 17:16) o dia do Senhor, que nela se sentiram seguros. No entanto, Amos disse que seria o dia da sua morte.

Amos tirou todas as falsas esperanças de Israel. No capítulo 3 ele removeu qualquer conforto que ela tenha tido na doutrina da eleição. No capítulo 4 ele tirou o chão por sua confiança no sacrifício e nos rituais religiosos. Agora ele tira sua esperança futura. A pregação de Amós deve ter sido uma experiência destruidora para seus ouvintes. O dia do Senhor seria o dia de Javé, e não o de Israel. Ele se manifestaria como ele era, não como Israel o concebeu. Naquele dia, ele se reivindicaria a si mesmo e a sua justiça, e não a Israel. Em vez de restaurar o reino para Israel, ele removeria o reino de Israel. Israel não era indispensável para o Senhor, mas o Senhor e a justa conduta eram indispensáveis para Israel.

(15) Rejeição de Yahweh de adoração de Israel (5: 21-24)

> *21 "Odeio, desprezo as tuas festas,*
> *e não me deleito em suas assembléias solenes.*
> *22 Embora você me ofereça suas ofertas de queimadas e cereais,*
> *Não as aceito,*
> *e as ofertas pacíficas de seus animais engordados*
> *Não vou olhar.*
> *23 Tirar de mim o barulho de suas canções;*
> *Para a melodia de suas harpas, não vou ouvir.*
> *24 Mas deixe a justiça descer como águas,*
> *e a justiça como um fluxo sempre fluido.*

Esta passagem está em linha com 4: 4-5 ; 5: 4-6 e passagens semelhantes em outros profetas (Isaías 10: 10-17 ; Hos. 6: 6 ; 8:13 ; Jeremias 6: 19-21 ; 14: 11-12 ; Mal 1:10 ; 2:13). A adoração de Israel em santuários e seus dízimos, oferendas e canções de louvor eram uma abominação para Yahweh. Seu culto era errado, não só porque era idólatra, cismática ou ritualmente incorreta. Foi errado porque os adoradores não eram homens de justiça e justiça.

Odeio é uma linguagem forte. Esta é a terceira vez que este verbo foi usado em Amos. Os opressores ricos dizem que "odeiam aquele que repreende no portão" (5:10). Em 5:15, Amós admoestou esses mesmos homens para odiar o mal e amar o bem. Agora, Deus usa a mesma palavra para descrever sua reação ao culto de Israel. Ele diz, eu odeio - então ele vai ainda mais longe - eu desprezo. Esta última palavra (*ma'as*) pode ser traduzida como "rejeitar" o que pode ser apropriado. É assim traduzido em 2: 4 e em Oséias 4: 6 . Amos pode estar dizendo: "Odeio, rejeito suas festas". As festas foram os festivais de peregrinação anual da Páscoa, Pentecostes e dos Tabernáculos (Ex. 23: 15-18 ; 34:22 , 25 ;Deut. 16: 10-16). Eu não me deleito é literalmente "Não vou cheirar" (Gênesis 8: 26, Levítico 26:31 ; 1 Sam. 26:19 , Isaías 11: 4). As assembléias solenes se referem a uma reunião ou assembléia (Jeremias 9: 2), especialmente uma realizada para uma celebração ou feriado religioso (ver 2 Reis

10:20 ; Joel 1:14 ; 2:15 ; Deut. 16: 8 ; Levítico 25:36 ; Números 29:35 ; Ne. 8:18 ; 2 Crônicas 7: 9).

O verso 22 enumera três tipos de sacrifícios que eram comuns no dia de Amós e diz que Deus não aceita ou olha com favor ou está satisfeito com qualquer um deles. As ofertas queimadas eram sacrifícios em que o animal inteiro era consumido pelo fogo. A oferta de cereais pode ser apenas uma palavra geral para o sacrifício. O oferecimento de paz foi um sacrifício que foi compartilhado pelo ofertante com o Senhor. Parte do animal foi queimado e parte daquilo foi comido pela pessoa que a trouxe (cf. Levítico 3: 1-17). Bichos Fatted refere-se aos animais escolhidos que foram utilizados para o sacrifício. A gordura fez um sabor agradável quando queimada (2 Sam. 6: 7 ; 1 Reis 1: 9 , 19 , 25 , Isaías 1:11). A última linha do v. 22 diz que Deus não olhará ou terá qualquer consideração pelos sacrifícios de Israel.

Em v. 23, Deus ordena a Israel que tire o barulho de suas canções. Isso deve ter sido um golpe para o maestro do coro. Sem dúvida, Israel tinha muitas vozes treinadas em seus coros. As músicas eram barulhentas, não porque os cantores e os instrumentos estivessem musicalmente fora de sintonia, mas porque estavam socialmente e espiritualmente fora da chave (cf. I Cor. 13: 1). A palavra para canção é uma palavra muito geral encontrada muitas vezes nos Salmos. As arpas eram instrumentos de cordas usadas para acompanhar o canto de hinos. A raiz da palavra melodia é a palavra "salmo" traduzido. Deus diz na última linha do v. 23 que ele irá parar seus ouvidos para suas músicas e músicas. Ele não vai ouvir.

Depois de dizer às pessoas que sua adoração é rejeitada, o Senhor diz às pessoas o motivo da sua rejeição (v. 24). É por causa da ausência de justiça e justiça em suas vidas. Tradicionalmente v. 24foi interpretada como uma exortação ao homem de Israel para estabelecer justiça social e justiça em sua sociedade. Amos usa duas figuras para descrever o que Deus deseja. A primeira é a figura de um dilúvio de água que rola pela cama de um barranco seco. Amos diz com efeito: "Deixe a justiça fluir naturalmente, sem obstáculos através de seus tribunais e mercados". É como se Amós acusasse seu povo de reprimir os fluxos da justiça e colocar barreiras no caminho da justiça. Agora Amos usa outra figura que enfatiza a necessidade perene de justiça a ser feita. Justiça e justiça não são qualidades que podem ser estabelecidas uma vez e continuam automaticamente a operar em uma sociedade. Administrar a justiça no portão é um processo que deve ser feito repetidamente todos os dias.

Nos últimos anos, o entendimento tradicional do v. 24 foi desafiado. Pelo menos duas visualizações alternativas foram defendidas. Artur Weiser e E. Sellin reorganizaram v. 24 para se posicionar após v. 25 e levem v. 24 para ser um anúncio de julgamento e lê-lo: "Deixe o julgamento rolar como águas e a justiça (de Deus) como um fluxo perene "Uma visão quase diretamente contrária foi expressada pelo JP Hyatt. Ele toma a justiça para significar salvação, vitória, libertação (Isaías 46:13 ; 51: 1 , 5, 6 , 8) e justiça para significar salvação ou verdadeira religião (Deuteronômio 33:21 ; Isaías 42: 1 ,4). Hyatt entende a passagem para significar que as pessoas devem tirar o barulho de suas músicas para que a libertação possa rolar como águas e salvação como um fluxo contínuo. Estas visualizações alternativas são interessantes. É verdade que as águas são freqüentemente faladas como instrumentos de julgamento no Antigo Testamento (ver Gênesis 6: 9 , Isaías 10:22); Mishpat pode significar julgamento, e sedekah pode

significar salvação. No entanto, à luz do contexto de todo o livro de Amos, é melhor manter a interpretação tradicional deste verso.

(16) Israel está se aproximando do exílio (5: 25-27)

25 "Você me trouxe sacrifícios e ofertas os quarenta anos no deserto, ó casa de Israel? 26 Vocês tomarão Sakkuth, seu rei, e Kaiwan seu Deus-estrela, suas imagens, que você fez para vocês mesmos; 27 então eu o levarei para o exílio além de Damasco ", diz o SENHOR , cujo nome é o Deus dos exércitos.

Esta é uma das passagens mais difíceis do livro de Amós. Problemas textuais, históricos e teológicos estão envolvidos em qualquer discussão sobre isso. Em primeiro lugar, o texto não é certo. Especialmente isso é verdade sobre os nomes dos dois deuses na v. 26 . Um debate teológico foi realizado sobre a questão retórica na v. 25. Israel ofereceu sacrifícios durante as perambulações do deserto e, se não, por que não? Foi porque os sacrifícios nunca foram necessários, ou foi porque Israel não teve oportunidade de oferecer sacrifícios, já que era um tempo de dificuldades? Finalmente, alguns estudiosos (Wellhausen e Cheyne) negaram essa passagem a Amós em parte com base na sua única referência aos deuses estrangeiros em Amós e, em parte, porque a referência ao lugar do exílio é tão específica (além de Damasco).

As dificuldades envolvidas são formidáveis, mas a seguinte interpretação é provavelmente correta. A pergunta retórica no v. 25 deve ser respondida não. Israel não ofereceu sacrifícios e ofertas durante os 40 anos na região selvagem. Quarenta anos é uma expressão deuteronômica (Deuteronômio 2: 7 ; 8: 2 , 4 ; 29: 5 ; Josh 5: 6), mas outras fontes usam a expressão. Os estudiosos geralmente concordam que Amós estava dizendo que Israel, na verdade, não ofereceu sacrifícios durante o período da região selvagem, mas, além disso, eles não concordam com o significado da declaração. Wellhausen e alguns estudiosos modernos como James Ward acreditam nesta passagem (juntamente com Jeremias 7: 21-22) prova que o sacrifício não era uma parte legítima do culto de Israel. Alguns escritores usaram esses versículos para provar que o documento sacerdotal no Pentateuco foi posterior a Amós e Jeremias porque faz do sacrifício uma parte integrante do culto de Israel.

Outros estudiosos admitem que Amós está dizendo aqui que Israel não trouxe sacrifícios a Deus durante o período do deserto, mas que era porque eles não tinham os recursos ou as oportunidades para fazê-lo, e não porque Deus se opunha aos sacrifícios. O ponto que Amos estava tentando fazer foi que o sacrifício não é essencial para um relacionamento correto com Deus ou com o próximo. Aparentemente, Amós acreditava que esse período de deserto errante era um tempo em que Israel estava muito perto de Deus (2: 9-10), e ainda Israel não ofereceu sacrifícios. A proximidade de Deus não dependia de oferecer sacrifícios. Israel poderia ter dispensado sacrifícios, canções e assembléias solenes sem desagradar a Deus; Mas quando as pessoas dispensavam justiça e justiça, nada que eles agradassem.

Um escritor diz que as dificuldades associadas à v. 26 são insuperáveis (Edghill, página 58). As principais dificuldades são o tempo dos verbos (passado, presente ou futuro?), O significado dos termos "Sakkuth" e "Kaiwan" (eles são nomes comuns ou próprios?), E a ordem e a originalidade das palavras seu star-god, suas imagens. O RSV

provavelmente está certo em tomar os verbos para se referir ao futuro. Amos está falando de algo que estava prestes a acontecer (exílio) em vez de algo que aconteceu no passado entre seus pais, ou idolatria que estava sendo praticada atualmente. Sakkuth e Kaiwan provavelmente devem ser tomados como nomes de uma divindade Astral assíria, Saturno. Ambos os nomes foram encontrados nas Fontes da Babilônia (J. Gray, "Sakkuth e Kaiwan" , *BID* ,IV, p. 165). Alguns estudiosos anteriores lêem esses termos como substantivos comuns "tabernáculo" e "santuário". No entanto, o fato de que ambas as palavras foram apontadas com as vogais da palavra hebraica para "abominação é evidência de que esses termos se referiam a uma divindade estrangeira.

O RSV reorganiza a ordem hebraica, "suas imagens, a estrela do seu deus", e faz com que ele leia seu Deus-estrela, suas imagens. O estado original do texto é muito incerto. O ponto do verso parece ser que o profeta não estava condenando Israel por adorar esses deuses assírios ainda, mas ele os ameaçava dizendo que, uma vez que se recusavam a servir a Javé, eles iriam se encaminharem para a Assíria, onde seriam feitos para servem assírias.

O versículo 27 diz que o próprio Deus vai levar a cabo a ameaça expressada na v. 26 . Ele vai fazer com que eles entrem em cativeiro além de Damasco, o que só pode significar Assíria. É interessante notar que este v. 27 é um dos dois versos de Amós citados no Novo Testamento, onde é ligeiramente alterado. Em vez de dizer como Amós "além de Damasco", Stephen disse: "Além da Babilônia" (Atos 7:43).

(17) Ai dos que não são perturbados por seus tempos (6: 1-7)

1 "Ai daqueles que estão à vontade em Sião,
e para aqueles que se sentem seguros na montanha de Samaria,
os homens notáveis da primeira das nações,
a quem a casa de Israel cornel
2 Passe para Calneh e veja;
e daí vão a Hamate o grande;
então, vá até Gath dos filisteus.
Eles são mais do que esses reinos?
Ou o seu território é maior que o seu território,
3 Ó você que colocou longe o dia do mal,
e aproximar o assento da violência?
4 "Ai daqueles que se deitam sobre camas de marfim,
e esticar-se sobre seus sofás,
e coma cordeiros do rebanho,
e bezerros do meio da barraca;
5 que cantam músicas ociosas ao som da harpa,
e, como David, inventam para si instrumentos de música;
6 que bebem vinho em taças,
e unge-se com os melhores óleos,

Mas não se afligem pela ruína de José!

7 Portanto, eles serão agora os primeiros a entrar no exílio,

e a revelação daqueles que se estendem passará ".

Esta passagem contém uma descrição clássica da sociedade afluente do dia de Amós. O profeta caricatura os membros ricos e poderosos da aristocracia de Israel. São homens notáveis da primeira das nações a quem os servos de Israel devem receber permissão para fazer qualquer coisa. Eles deitam-se em móveis bem embutidos (os camponeses dormiam no chão). Eles comem apenas carnes de escolha, cantam músicas ociosas, bebem vinho de taças, se uniram com os óleos mais finos, mas eles não estão preocupados com a ruína de sua nação. Esses homens indulgentes e privilegiados não estavam preocupados com seus tempos.

Uma das razões pelas quais essas pessoas não foram perturbadas pelos seus tempos era que eles se sentiam seguros no significado religioso de Sião e da força militar de Samaria (6: 1). Estavam à vontade em Sião e confiavam na montanha de Samaria. Zion era a cidade escolhida de Deus. Ele escolheu colocar seu nome lá e conhecer seu povo lá. Zion era a morada terrena de Deus em um sentido especial. A inviolabilidade de Sião foi uma doutrina cardinal para muitos nos séculos oitavo e sétimo (cf. Salmos 78: 68-69 ; 132: 13-18). Porque essas pessoas mal entendidas os termos da aliança, pensando que Deus pouparia Jerusalém, independentemente do que fizeram, ficaram à vontade em Sião.

Confiavam na montanha de Samaria. Samaria era uma fortaleza natural que os líderes de Israel devem ter pensado inexpugnável (ver comentário em 3: 9). Esses homens estavam confiantes na preparação militar para vê-los através de qualquer crise. Eles poderiam ignorar a quebra de sua sociedade porque sentiram que a força armada era a solução final. Mas os profetas sabiam que o caminho para a salvação não era através dos militares (Hos. 1: 7 ; 2:18 ; Isaías 2: 7 ; 31: 8 ; 37:33).

Homens notáveis significam homens marcados. Eram homens de distinção. Eles alcançaram sua estação e riqueza por práticas comerciais injustas (ver 8: 5-6) e por corrupção e corrupção dos tribunais. Ao conviver, eles ganharam o controle de todos os canais de negócios e justiça para que todos tivessem que acudir a eles para pedir ajuda. Eles eram a verdadeira estrutura de poder. Amós não condenou o rei pelo abuso de seu poder. A classe alta rica era os grandes criminosos nessa sociedade. Talvez seja dito novamente, porém, que Amós não condenava a riqueza como tal. Ele não estava pregando uma sociedade sem classes. O que Amós condenou foi o abuso e a opressão dos pobres pelos ricos. O fato é que, se Deus viu que as injustiças sociais ameaçavam o tecido da sociedade naquele dia e enviaram profetas para gritar contra eles, ele ainda o faz hoje?

Alguns estudiosos argumentaram que o v. 2 está fora de lugar, uma vez que parece interromper a continuação natural de v. 1 a 3. Outros homens consideram que o v. 2 é uma adição posterior, uma vez que as três cidades mencionadas no verso não caíram o tempo de Amos. O verso 2 é difícil. É um aviso do profeta aos líderes de Israel que outras grandes cidades caíram, assim como suas cidades? Ou, é uma citação desses líderes orgulhosos para provar que eles são o número um? Provavelmente é melhor manter o verso como o trabalho de Amós e levá-lo como um boastão por parte dos

líderes. Não poderia ser uma ameaça, já que é bastante certo que Calneh e Hamath não caíram depois do ministério de Amós.

Amos faz os líderes dizerem aos servos, passam para Calneh e vêem; e daí a Hamate é o grande. A questão, de fato, é: "Eles são (Hamath e Calneh) maiores que esses reinos (Israel e Judá) ou seu território é maior que o seu?". Se essa for a interpretação correta, ele é um caso de bragging absoluto. Em outros casos, Amos repete o que seus ouvintes disseram (5:14 ; 6:13 ; 8: 5 ; 9:10); não é irracional assumir que ele faz o mesmo aqui. Calneh (Calno em Isaías 10: 9) foi provavelmente uma cidade no norte da Síria perto de Carchemish. Não deve ser identificada com o Calneh em Gênesis 10:10, que parece estar localizado na Babilônia. Hamath era uma cidade formidável nos tempos antigos. Estava localizado no rio Orontes, a cerca de 150 milhas a norte de Dan. Provavelmente foi uma cidade próspera no tempo de Amós, mas foi capturada por Sargom II, rei da Assíria, cerca de 721 AC. O rei foi morto e alguns de seus habitantes foram instalados em Samaria pelos assírios (2 Reis 17:24). A referência ao Gath é um enigma. Gath não é mencionado no oráculo contra Philistia em 1: 6-8 . Alguns tomaram isso como prova de que Gath já havia sido destruído. John Bright acredita que Gath poderia estar sob o controle de Judá neste momento. Sargon II fala de conquistar e despojar Gath em 711 AC

No v. 3, Amós parece estar cobrando seus ouvintes com procrastinação e abandono imprudente. Eles estavam adiando, pelo menos, em suas mentes, qualquer dia de avaliação que suas ações implicavam. Eles estavam vivendo no momento, ignorando as consequências. Qual foi o teu cuidado se a sua nação fosse separada como resultado de seus pecados, ou se seus filhos tivessem que viver em um mundo poluído por sua conduta? Ao colocar longe o dia do julgamento, eles estavam semeando as sementes da violência. A violência gera violência. Eles haviam esquecido como fazer o bem e estavam armazenando violência e roubo (3:10). Uma sociedade que se recusa a enfrentar seus problemas e pecados aproxima a sede da violência. Isso provavelmente se refere a um momento em que a violência será entronizada.

Em vv. 4-6 Amós nos leva a uma das mansões em Samaria e nos deixa ver a terra da vida que lideram esses líderes proeminentes e elegantes. Seus sofás sobre os quais eles lolled eram o tipo mais caro. Eles comeram cordeiros e bezerros alimentados com cereais - sem ervas alimentadas com grama para eles. Eles beberam vinho em grandes quantidades. As tigelas em v. 6 eram o tamanho usado para pegar o sangue dos animais sacrificados. O lado estético da vida não foi esquecido. Seus banquetes foram animados pela música, vocal e instrumental. Esses foliões usavam os melhores perfumes e óleos. O ungido aqui chega de auto-nomeação à realeza? Alguns intérpretes (Gress-man e Sellin) viram vv. 3-6 como um ritual de culto privado, como os mencionados em Isaías 65:11 e Jeremias 44:17 pretendia exorcizar pela magia qualquer dia mal vindo. No entanto, esta passagem parece ser uma descrição irônica da vida de pais indulgente do poderoso e privilegiado grupo no tempo de Amós. A tragédia de tudo é vista na v. 6c . Sua nação, Joseph, estava arruinada (quebrada), mas não se importava! O teste dos líderes é que eles se afligem quando seu povo está quebrado. Esses líderes não cuidavam de ninguém além de si mesmos.

Portanto, na v. 7 apresenta o julgamento. Aqueles que tinham sido preeminentes em política e riqueza manterão sua preeminência no julgamento. Eles serão os primeiros a ir para o exílio, e sua folia passará junto com seus sofás importados.

(18) Julgamento sobre aqueles que não foram perturbados por seus tempos (6: 8-14)

8 O SENHOR Deus jurou por si próprio
(diz o SENHOR , o Deus dos exércitos):
"Eu abomino o orgulho de Jacob,
e odeia suas fortalezas;
e vou entregar a cidade e tudo o que está nele
9 E se dez homens permanecerem em uma casa, morrerão. 10 E, quando o parente de um homem, o que o queima, o levará para tirar os ossos da casa, e dirá ao que está nas partes mais íntimas da casa: "Ainda há algum com você?" ele deve dizer: "Não"; e ele deve dizer: "Silêncio! Não devemos mencionar o nome do SENHOR ".
11 Pois eis que o SENHOR ordena,
e a grande casa será ferida em fragmentos,
e a pequena casa em pedaços.
12 Os cavalos correm sobre pedras?
Será que um arar o mar com bois?
Mas você transformou a justiça em veneno
e o fruto da justiça para o absinto -
13 vocês que se regozijam em Lodebar,
que dizem: "Não temos por nossa própria força
Tomou Karnaim para nós mesmos? "
14 Pois eis que eu levantarei contra ti uma nação,
Ó casa de Israel, diz o SENHOR Deus dos exércitos;
"E eles o oprimirão da entrada de Hamath
para o ribeiro da Arabah ".

O julgamento foi anunciado no v. 7 . Os versículos 8-14 descrevem a certeza, extensão e natureza do julgamento. A certeza é expressa em O Senhor jurou por si mesmo. Nada poderia estar mais certo (cf. 4: 2 ; 8: 7 ; Jeremias 22: 5 ; 49:13 ; 51:14). O julgamento foi certo porque o SENHOR aborrece o orgulho de Jacó e odeia suas fortalezas (cf. 5:11 , 21). O orgulho de Jacob provavelmente se refere ao excesso de confiança que Israel teve na montanha de Samaria e à júbilo dos líderes ricos de serem o número um (6: 1). O orgulho em sua própria força deslocou Yahweh como o fundamento do bem-estar da nação. As fortalezas eram odiadas porque eram símbolos de autoconfiança e armazéns de violência e roubo (3:10). A natureza do julgamento seria a entrega de Deus à cidade (provavelmente Samaria) com toda a sua pompa, pessoas e provisões para um invasor inimigo.

Os versículos 9-10 parecem ser um oráculo independente. Eles são prosa no meio da poesia. A cena é de uma das grandes casas depois que o julgamento caiu sobre ela. O versículo 9 parece dizer que o julgamento será total. Dez homens podem ser figurativos para um remanescente (5: 3). Quem é deixado só enfrentará a morte. Verso 10é um

verso difícil. Provavelmente retrata os horrores da pestilência provocados por um cerco. Ele retrata o parente ou o tio da casa atingida que vem para abafar os corpos das vítimas. Ele descobre um sobrevivente (ou outro parente, o queimador) em uma sala de trás e chama para ver se outros permanecem vivos. O sobrevivente (ou queimador) responde não. Então ele diz, Hush! Não devemos mencionar o nome do Senhor. O queimador parece ser um parente que, em circunstâncias incomuns, como uma praga, destruiu os corpos dos mortos em vez de enterrá-los. A cremação era muito rara no antigo Israel (cf. Levítico 20:14; Jos. 7:15 ; 1 Sam. 31:12). É impossível dizer se havia dois parentes ou um. Existem duas palavras hebraicas diferentes. Os parentes tinham a responsabilidade pelos ritos do enterro. Alguns estudiosos interpretam o queimador aqui como aquele que aborrece o incenso em favor dos mortos. A razão não é dada para o comando de não pronunciar o nome de Yahweh. Certamente demonstra um reconhecimento de que o julgamento foi o ato de Deus.

O versículo 11 continua a descrição do julgamento. Desta vez, é por um exército invasor ou terremoto. A palavra behold chama a atenção para algo incomum. O elemento incomum é o fato de que o Senhor ordena o julgamento? Ou é a severidade do julgamento? O significado da ótima casa e casinha não é claro. O Targum e Wellhausen entendeu que se referiam aos reinos de Israel e Judá. Mas os termos provavelmente devem ser tomados literalmente. O mesmo destino ultrapassará os palácios e as cabanas. A destruição estará completa.

A relação de vv. 12-14 para os versículos anteriores não é prontamente aparente Estes versículos podem ser uma unidade, ou v. 12 pode ser um ditado separado. Mas o julgamento é o motivo que corre por esta seção. O versículo 12 contém duas perguntas ridículas e retóricas: os cavalos correm sobre penhascos?

Será que um arar o mar com bois? A resposta a ambas as perguntas é não. Tais ações seriam absurdas. Assim, o profeta diz aos seus ouvintes, a sua conduta é absurda, porque você tornou a justiça ao veneno e a justiça para o absinto (cf. 5: 7).

Existe um pequeno problema textual envolvido na tradução da segunda questão. Literalmente, lê: "Será que um arado com bois? A resposta neste caso seria sim. Mas os estudiosos sentiram o tempo todo que as duas questões são paralelas e devem exigir uma resposta negativa. Então, o KJV inseriu a palavra "lá" e lê a pergunta: "Será que um arado lá [o penhasco] com bois?" No entanto, o erudito hebraico Michaelis observou que o final plural na palavra hebraica para bois pode ser lido como um separo palavra *ñam* , "mar". Então, ele propôs o processo que os estudiosos mais modernos adotaram: "Será que um arado com bois é o mar?"

O versículo 13 também contém um problema. As palavras *são* nomes e nomes comum ou *lobo -dabar* ? Devemos lê-los com o KJV, "nada de nada" e "chifres", ou com o RSV "Lo-debar" e "Karnaim"? Realmente faz pouca diferença, em qualquer caso, o oráculo é uma descrição de curto - Os gestos de alegria sobre uma vitória insignificante como se tivessem sido realizados apenas pelas suas próprias forças. Os versículos 13 e 14 estabeleceram justaposição o orgulho e a queda de Israel. Israel se felicitava por uma recente vitória, que havia sido possível graças ao golpe paralítico de Assíria contra Damasco. Mas Amos ridiculizou novamente seus ouvintes. Eles achavam que tinham chegado como uma nação quando recuperaram o território em Gileade que perderam

(ver 2 Reis 14:25). Eles se gabavam: "Nós, por nossa própria força, tomamos Karnaim para nós mesmos?" Mas na realidade eles fizeram o que não deveria ser feito. Eles entraram na terra, comeram e estavam cheios e se esqueceram de Deus (cf. Deut. 8: 11-14).

O orgulho vai antes de uma queda. O versículo 13 descreveu o orgulho de Israel; v. 14 , sua queda. Pois bem, chama a atenção para algo importante. Eu levantarei contra você uma nação. Um participio é usado nesta passagem para expressar ação iminente. O pronome "eu" é expresso com a interjecção "eis que eu". O próprio Deus escolherá o agente do julgamento. A palavra para a nação geralmente se refere a gentios ou pagãos. Sem dúvida, Amós tinha em mente a nação da Assíria. A entrada de Hamate marcou os limites mais a norte do reino de Salomão e Jeroboão (1 Reis 8:65 ; 2 Reis 14:25). O Brook of the Arabah é possivelmente uma referência ao Brook Zered na extremidade sul do Mar Morto ou ao Rio Amon, perto da fronteira norte de Moab. De qualquer modo, Amós significa dizer que todo o território de Israel, desde os limites do norte até o sul, será desperdiçado por um intruso.

Com este anúncio de julgamento, o livro das palavras de Amós chega ao fim. O profeta nunca identifica o agente humano do juízo porque ele tem os olhos fixos em Deus e a violação voluntária da aliança pela maioria dos líderes de seu povo.

II. As visões de Amós com palavras de advertência e esperança (7: 1-9: 15)

Os últimos três capítulos de Amós (7-9) são constituídos na maior parte de relatos autobiográficos das visões de Amós. Há cinco relatos de visão nesses capítulos, mais do que em qualquer outro livro da profecia do Antigo Testamento exceto Zacarias. É um pouco incomum encontrar todos os profetas oráculos em uma coleção (capítulos 1-6) e suas visões em outro (capítulos 7-9). Que explicação pode ser dada para essa ordenação incomum dos materiais? Qual é a relação entre os oráculos e as visões? As visões vieram antes dos oráculos? Em caso afirmativo, por que eles são colocados no último livro? As visões vieram ao mesmo tempo ou foram espalhadas por todo o ministério de Amos? As visões deram origem aos oráculos, ou eles só estavam conectados com o chamado e a comissão de Amós como uma espécie de polêmica contra seus críticos? Estas são algumas das questões que esta seção de Amos (cap. 7-9) provocam.

Alguns estudiosos encontram nas duas seções principais de Amós, dois livros: um livro das palavras de Amós (capítulos 1-6) e um livro das visões de Amós (capítulos 7 a 9). John DW Watts supõe que o livro de palavras foi composto de trechos de mensagens que Amós pregou no Reino do Norte, que foram lembradas, repetidas e escritas por um amigo ou associado e posteriormente levadas a Jerusalém após a queda de Samaria. Watts acredita que o livro das visões de Amós foi recolhido em Judá como resultado da narração de Amós sobre suas visões aos amigos e sua repetição e preservação (ver John DW Watts, *Visão e Profecia,* p. 50 e *Estudar o Livro de Amos,* pp. 14-15).

Não há nenhuma razão real para que as visões não pudessem ter sido relatadas em Israel, bem como em Judá. Amazias ordenou a Amós que partirese de Betel e retornasse a Judá segundo o relato da terceira visão. Por esta razão, alguns estudiosos acreditam que Amós retornou a Judá antes de dar as contas das duas últimas visões. Nesta base, e se fosse esse o caso, as visões tiveram que ser coletadas em Judá. As visões

provavelmente precederam os oráculos e deram origem a muitos deles. Todos os profetas do Antigo Testamento não relatam experiências de visão. No entanto, muitos deles fazem. Alguns profetas (Ezequiel, Jeremias, Isaías) explicam seu chamado como resultado de uma visão. Alguns profetas descrevem seu ministério e mensagens em termos de visões (Zacarias, Ezequiel). As visões foram um elemento constitutivo da experiência profética.*Roeh* e *hozeh* , cada um traduziu "vidente". Quando Amazias chamou Amós de "vidente" (*hozeh* , 7:12), ele pode ter feito isso porque tinha ouvido falar das visões de Amós.

Qual o uso dos relatórios de visão da Amos? Por que eles foram publicados? Alguns estudiosos dizem que o propósito desses relatórios de visão era oracular ou para proclamação. De acordo com essa teoria, esses relatos de visão foram repetidos oralmente e foram escritos para proclamar a decisão de Deus de destruir Israel (Ward, p. 53). James Mays vê essas contas de visão como polêmicas. Neles, Amós defende sua mensagem contra a teimosa protestação contra a dissensão que o anúncio de julgamento contra toda a nação despertou (Mays, p. 125). Alguns estudiosos não vêem nenhum significado especial na publicação dessas contas de visão. Watts acredita que essas contas foram distribuídas em particular e não foram proclamadas publicamente antes de serem escritas.

É provável que essas visões tenham ocorrido durante um período de tempo e não em um único dia. As primeiras e as quatro visões parecem ser sazonais. O primeiro fala de um evento (o corte tardio) que teria ocorrido na primavera; O evento na quarta visão (cesta de frutas de verão) poderia ter ocorrido apenas no outono do ano. No entanto, alguns estudiosos negam que houve algum evento real por trás das visões. Tais homens vêem as visões como experiências puramente mentais, psicológicas e espirituais sem referência a eventos externos.

Apesar de todas as questões que foram levantadas sobre as contas da visão, as visões devem ter tido um tremendo efeito sobre o profeta de Tekoa. Eles descrevem encontros pessoais com Deus, que deve ter lhe dado uma confiança e uma visão que ele não conseguiu de outra maneira. Ele estava no conselho de Deus, e Deus revelou seu segredo ao seu servo. O leão rugiu, Amós teve que profetizar. Ele condenou publicamente os ricos pelo abuso dos pobres, os juízes por sua duplicidade na administração da justiça e o sumo sacerdote de Betel por colocar sua fidelidade ao seu rei antes de sua fidelidade a Deus. Amós anunciou a queda de Israel, mas teve uma fé profunda e permanente no futuro, porque ele teve um encontro pessoal com Deus.

É geralmente acordado que há relatos de cinco visões aqui (7: 1-3; 4-6; 7-9 ; 8: 1-3 ; 9: 1-4). No entanto, James Ward (página 56) defende apenas uma visão com quatro episódios. As primeiras quatro visões seguem uma forma ou padrão que era comum com muitos dos profetas (cf. Jer. 1: 11-12, 13-14 ; 24: 1-2 ; 38:21 ; Zacarias 1: 20-21 ; 5: 1-4). A forma básica de um relatório de visão inclui: (1) uma fórmula introdutória: "Assim, o Senhor Yahweh me mostrou"; (2) o conteúdo da visão - "Eis. . seguido de uma descrição do que foi visto e ouvido; e (3) um diálogo entre o profeta e o Senhor.

As primeiras quatro visões em Amos se dividem em dois pares. O primeiro par pertence ao tipo chamado "visão de evento", o segundo par para "visão de palavra". As duas primeiras visões não precisam de interpretação. O relatório das visões três e quatro

inclui uma interpretação. Nas primeiras duas contas de visão, Amos começa o diálogo e intercede por seu povo. Nos dois últimos, Yahweh começa a conversa, interpretando a visão e anunciando o julgamento.

1. Visão de Locustídeos e Intercessão de Amós (7: 1-3)

[1] Assim, o SENHOR Deus me mostrou: eis que ele estava formando gafanhotos no início do disparo do último crescimento; e eis, foi o último crescimento após as sondagens do rei. [2] Quando terminaram de comer a grama da terra, eu disse:

"Ó SENHOR Deus, perdoe, eu te rogo!
Como pode Jacob resistir?
Ele é tão pequeno! "
[3] O SENHOR se arrependeu sobre isso;
"Não será", disse o SENHOR .

Assim, o Senhor Deus me mostrou sugere duas coisas: (1) a iniciativa da revelação é com Deus; (2) a revelação neste caso foi através de uma visão porque a palavra traduzida ele "mostrou-me" realmente significa "ele me fez ver" (como um profeta). A palavra behold aparece duas vezes na v. One, o que é muito incomum. Alguns estudiosos suspeitam do texto neste ponto e sugerem que o v. 1b pode ser um brilho adicionado mais tarde para indicar mais precisamente o tempo da aparência dos gafanhotos. O tempo é dado como o início do surgimento do último crescimento - o último crescimento após o corte do rei. Há muitos problemas neste versículo. Um deles é que a palavra *yotser* ("ele estava se formando") é um particípio sem um assunto. O LXX lê a palavra *Yetser*, como um substantivo que significa uma ninhada (de gafanhotos). Alterar o particípio para um substantivo removeria a declaração expressa da agência divina.

A palavra para gafanhotos aparece apenas aqui e em Naum 3:17 . Muitos pensam que esta palavra se refere ao estágio da larva. O versículo 2 assume um estágio mais maduro dos gafanhotos, por isso alguns estudiosos sugerem que a praga dos gafanhotos cobriu um período considerável de tempo. Como Amós estava vendo tudo isso em uma visão, a passagem do tempo poderia ser muito rápida. A palavra para o último crescimento só ocorre aqui no Antigo Testamento. Ou se refere às culturas da primavera ou a um segundo corte após o rei ter tomado o primeiro corte como um imposto para alimentar a cavalaria real. Primeiro Reis 18: 5 pode ou não referir-se a tal costume. Outro problema aparece no verso em conexão com a palavra mowings. O significado primário da palavra é cortar (de ovelha) e apenas significa cortar no sentido secundário.

Apesar de todas as dificuldades técnicas com o texto deste versículo, o significado é suficientemente claro. Amos viu uma terrível praga de gafanhotos se formando. Ele foi mostrado que eles estavam vindo sobre a terra de Israel no momento mais crítico do ano - o tempo de colheita do povo. Ele os observou até terminarem comendo a grama (ervas, toda a vegetação); então ele rezou. As pragas de gafanhotos ocorreram frequentemente na Palestina antiga. Eles devastaram toda a vegetação em seu caminho e trouxeram grande consternação às pessoas. O horror do povo foi ainda maior quando eles viram os

gafanhotos como parte da maldição de Deus sobre o seu povo por quebrar a aliança (Êx. 10: 12-13 ; Deut. 28738-42; Joel 1: 4 ; Nah. 3:15 -17 ; Amós 4: 9).

Quando Amos viu em uma visão a praga dos gafanhotos, ele pediu a Deus para perdoar o seu povo porque estava consciente de algo mais terrível que a perda de culturas. Ele reconheceu os gafanhotos como o julgamento de Deus em uma nação que a consciência do profeta já havia condenado. O verbo perdoar sempre tem Deus por seu assunto no Antigo Testamento. A forma imperativa é usada aqui com uma partícula de súplica. Amos estava implorando, implorando a Deus que afastasse a praga ameaçada de Israel, porque Israel era pequeno. Ele não invocou seu caso com base na aliança. Seu pedido foi feito com base na necessidade. Israel simplesmente não podia sobreviver ao que tinha visto. Israel poderia ter pensado em si mesmo como grande e invulnerável, mas Amos a via como pequena, na necessidade da graça e do perdão de Deus.

Então o Senhor se arrependeu sobre isso. Arrependa-se, quando é usado por Deus, não inclui qualquer senso de pecado, erro ou erro na parte de Deus. Sugere, talvez, uma sensação de tristeza que o julgamento se tornou necessário. Significa desculpar-se. É um antropopatismo freqüentemente usado pelos escritores das Escrituras (Gn 6: 7 ; 1 Sam. 15:29 , 35 ; Jonas 3: 9 ; Joel 2:14) para indicar que Deus se importa, responde a oração, e que um julgamento ameaçado pode ser afastado pela mudança adequada no homem. Não se refere à praga dos gafanhas que Amós tinha visto. Assim, a primeira vez que Deus mostrou a Amós o juízo iminente, Amos o persuadiu a conceder a Israel uma suspensão da execução. Deus poupou Israel por causa da intercessão de um homem. Mas a intercessão só pode atrasar o julgamento de Deus, não evitá-lo. A única coisa que poderia ter evitado o julgamento de Deus em Israel era seu próprio arrependimento e fé. Nestes dois versos de Amós (2: 2 , 5) vemos uma das funções de um profeta que muitas vezes é negligenciado. Todo mundo sabe que um profeta era um porta-voz de Deus, mas poucos se lembravam de que ele era um intercessor em nome de seu povo.Abraão orou por Faraó (Gênesis 20: 7); Moisés orou por Israel no Sinai (Ex 32: 30-34); Samuel orou por seu povo (1 Sam. 12:23); um profeta desconhecido intercedeu por Jeroboão II (1 Reis 13: 5-6); Elias orou pelo filho da viúva (1 Reis 17: 20-21), assim como Eliseu (2 Reis 4:33); três vezes Jeremias foi ordenado a não orar por seu povo (7:16 ; 11:14 ; 14:11).

2. Visão do Fogo e Intercessão de Amós (7: 4-6)

4 Assim, o SENHOR Deus mostrou-se atendido, o SENHOR Deus pedia julgamento pelo fogo, e devorou o grande abismo e estava comendo a terra. 5 Então eu disse:

"Ó SENHOR Deus, cessem, peço-te!
Como pode Jacob resistir?
Ele é tão pequeno! "
6 O SENHOR se arrependeu sobre isso;
"Isto também não deve ser", disse o SENHOR Deus.

A segunda visão de Amos é parte do primeiro par de visões. É muito semelhante em forma e significado para a primeira visão. Deus foi visto *chamando* (comandando) por um julgamento (julgamento) pelo fogo. O fogo pode referir-se ao holocausto da guerra

ou a uma seca severa. Quando Amos observa uma visão, ele vê o fogo consumir o grande fundo. O grande profundo era o oceano primitivo que os antigos pensavam fluir sob a terra (Gn 1: 2 ; 7:11 ; Salmos 24: 2 ; 36: 6 ; Isaías 51:10). O fogo estava prestes a consumir a terra apropriada. Isso se refere ao território de Israel (ver Mic 2: 4) ou a Israel como a porção especial de Deus (Deuteronômio 32: 9). A mensagem era clara - Israel estava condenado. Novamente, Amos rezou, peço-lhe! Amós não orou por perdão desta vez. Seu único pensamento era parar as chamas do julgamento. Ele sabia que os únicos motivos pelos quais ele poderia atrair a Deus eram a necessidade de Israel e a graça de Deus. Novamente o Senhor se arrependeu. Isso também não deve ser. Isso sugere um ominoso julgamento não identificado como fez em 4:12 ; ou refere-se à ameaça imediata de julgamento por fogo vista nesta visão. A palavra Jacob é usada aqui (também em 7: 2) para se referir ao Reino do Norte. Amós é o único escritor do Antigo Testamento a usar o nome Isaac como sinônimo de Israel (ver 7: 9 , 16). Ele também usa Joseph de maneira semelhante (6: 6).

3. Visão de uma linha de prumo (7: 7-9)

7 Ele me mostrou: eis que o Senhor estava de pé ao lado de uma parede construída com uma linha de prumo, com uma linha de prumo na mão. 8 E o SENHOR me disse: "Amós, o que você vê?" E eu disse: "Uma linha de prumo". Então o Senhor disse:

"Eis que estou colocando uma linha de prumo no meio do meu povo Israel;
Nunca mais passarei por eles;
9 os lugares altos de Isaque serão desolados,
e os santuários de Israel serão destruídos,
e eu irei contra a casa de Jeroboão com a espada. "

As terceira e quarta visões diferem ligeiramente do primeiro e segundo, na medida em que Yahweh toma a iniciativa de falar e no fato de Amós não fazer mais intercessões em favor de seu povo. Deus anuncia no final da terceira e quarta visões que o dia da graça de Israel passou. Na terceira visão, Amós vê Yahweh estacionado em uma parede com uma linha de prumo na mão. O muro não está identificado, mas provavelmente foi um muro da cidade. Poderia ter sido a parede de um edifício ou uma cerca de pedras, mas a palavra *homahis é* usada com mais frequência para uma parede da cidade. O muro de uma cidade deu proteção aos cidadãos dentro. Agora, Amos vê a necessidade de se deixar cair. A palavra "linha de prumo" só ocorre aqui e provavelmente se refere a alguma terra de metal, como chumbo ou lata amarrada ao fim de uma corda (veja2 Reis 21:13 ; É um. 28:17 ; 34:11 ; Lam. 2: 8 para outras palavras hebraicas para linha e despencação).

O Senhor disse a Amos: O que você vê? Amos respondeu uma linha de prumo. Aparentemente, Amós viu o objeto, mas não sabia o que significava até que Deus revelasse sua interpretação adequada. A linha de prumo era um instrumento usado para testar a perpendicularidade de uma parede. Assim como um construtor testaria uma parede, Deus iria testar Israel. O Senhor disse: Estou estabelecendo uma linha de prumo no meio do meu povo Israel. A expressão *meu povo* é linguagem da aliança. Mas o fato de Israel estar em aliança com Deus não lhes deu imunidade ao teste (ver 3: 2). Deus os

testaria e os julgaria. O resultado do teste é refletido nas palavras que eu nunca mais passarei por eles. Deus havia "passado" por julgamento de Israel por muitos anos, assim como ele havia afastado o castigo de outras nações (cf.chs. 1-2). Mas agora o destino de Israel é ser o mesmo que as nações. Ele não os passará mais, mas visitará o povo todos os seus pecados (3: 2 ; 5:17). A palavra passa aqui e em 5:17 provavelmente foi usada deliberadamente por Amós para representar a reversão da "páscoa" quando Deus passou pelo Egito em juízo, mas entregou Israel (Êxodo 12:23).

O versículo 9 descreve a natureza do julgamento em termos de seu efeito sobre as instituições religiosas e políticas de Israel. Os lugares altos (centros de culto rurais) e os santuários (os templos em Bethel e Dan) serão desolados e destruídos. Desolado não significa simplesmente abandonado; Isso significa destruído. Amós não condenava os lugares altos e os santuários de Israel porque violavam a lei de um santuário. A tentativa de estabelecer apenas um lugar central de culto em Jerusalém começou com a reforma de Josiah em 621 ACAmos não sugeriu aqui que Israel estava adorando o Deus errado ou adorando no lugar errado. Amós condenou os lugares altos e os santuários de Israel, porque aqueles que os frequentavam eram corruptos. Os adoradores em tais lugares eram imorais, intemperos e egoístas.

O julgamento, segundo Amós, começaria na casa de Deus (3:14 ; Mal 3: 1-3), mas também estenderia a casa do rei. A corte real foi condenada juntamente com os locais de culto e pelas mesmas razões. O rei e seus nobres estavam profundamente envolvidos nos abusos que levaram ao julgamento de Deus (cf. 3: 9-10 ; 4: 1-2 ; 6: 1-2). O rei em Israel era o representante de Deus e era para governar para Deus. Seu domínio era ser marcado pela justiça e pela justiça (ver Salmos 101: 1-8). Jeroboão II reinou há muito tempo, mas suas políticas domésticas permitiram que a pobreza se tornasse opressiva e as injustiças floresciam. Portanto, Deus se levantaria contra essa dinastia governante com uma espada (cf. Hos. 1: 4). A espada na terceira visão é tão ameaçadora quanto os gafanhotos e dispara nas primeiras e segundas visões, mas Amós não ofereceu nenhuma intercessão desta vez. A provocação por parte de Israel foi muito grande e as visões eram muito poderosas.

4. Amós e Amazias (7: 10-17)

10 Então Amazias, sacerdote de Betel, enviou a Jeroboão, rei de Israel, dizendo: Amós conspirou contra ti no meio da casa de Israel; A terra não é capaz de suportar todas as suas palavras.

11 Pois assim Amós disse,

"Jeroboão morrerá à espada,

e Israel deve ir ao exílio

longe de sua terra. "

12 E Amazias disse a Amós: "Ó vidente, vai, foge para a terra de Judá, e coma pão lá, e profetiza ali; 13 mas nunca mais profetize em Betel, pois é o santuário do rei, e é um templo do reino ".

[14] Então Amós respondeu a Amazias: "Não sou profeta, nem filho de profeta; mas eu sou um pastor e uma cômoda de sicômoros, [15] e o SENHOR me levou de seguir o rebanho, e o SENHOR me disse: "Ide, profetize ao povo Israel".

[16] Agora, pois, ouça a palavra do SENHOR .
Você diz: "Não profetiças contra Israel,
e não pregue contra a casa de Isaque.
[17] Portanto, assim diz o SENHOR :
"Sua esposa será uma prostituta na cidade,
e os teus filhos e as tuas filhas cairão à espada,
e sua terra será dividida por linha;
Você mesmo deve morrer em uma terra impura,
e Israel certamente se exilará da sua terra ". "

George Adam Smith referiu-se a esta mensagem como "uma das grandes cenas da história". Relata o conflito entre um sacerdote que falou e com a autoridade do rei e um profeta que entregou a palavra de Deus. A passagem pode ser dividida em três partes: (1) relatório de Amazias ao rei (vv. 10-11); (2) O comando de Amasia a Amós (v. 12-13); (3) A resposta de Amós a Amazias (v. 14-17).

Amós poderia estar relatando suas experiências de visão publicamente quando Amaziah o sacerdote de Betel o ouviu. As duas primeiras contas de visão eram ruins o suficiente, mas Amaziah poderia ter suavizado o alívio depois de cada uma delas porque Amós disse que nenhum deles seria realizado. Mas Amazias detectou imediatamente no relatório da terceira visão uma ameaça contra o rei e o reino, bem como o seu próprio santuário em Betel. Amaziah enviou uma advertência ao rei Jeroboam, que provavelmente estava em seu palácio em Samaria, a cerca de 25 milhas de distância. O fato de Amazias ter alertado o rei do problema de fabricação de cerveja é a prova de que não havia separação de igreja e estado em Israel. O sacerdote provavelmente foi nomeado pelo rei e devia sua suprema lealdade ao rei. Quando Jeroboão estabeleci o Reino do Norte como separado de Judá,1 Reis 12: 26-33). Quase dois séculos depois, o sistema ainda estava em operação. A religião ainda era controlada pelo rei e era o instrumento de sua política. Quando Amazias detectou um perturbador entre os adoradores, ele alertou o rei. Evidentemente, Jeroboam já havia ouvido falar de Amós porque Amós não é identificado de nenhuma outra maneira, exceto pelo nome dele. A acusação que Amaziah relatou era séria. Ele acusou Amós de conspirar contra o rei no meio do próprio povo do rei. Não há provas de que Amós realmente tenha conspirado com alguém para derrubar o governo de Jeroboão. No entanto, como Amós era um profeta, e porque as palavras dos profetas eram pensadas como possuidores de poder para provocar uma maldição ou uma benção, Amazias viu as palavras como uma séria ameaça.1 Reis 11: 29-30 ; 19:15 ; 2 Reis 8: 7-8 ; 9: 1-2). Amaziah deve ter sabido de outras mensagens de Amós porque ele disse que a terra não é capaz de suportar todas as suas palavras.

No v. 11, Amazias pretendia dar as palavras exatas de Amós ao rei. Jeroboão morrerá à espada. Amos não havia realmente dito isso, mas ele havia dito que Deus iria se levantar contra a casa de Jeroboão com uma espada. Amazias não estava muito errada em sua interpretação das palavras de Amós como uma ameaça contra a vida do rei. Amós havia

predito o exílio para muitas pessoas em algumas de suas outras "palavras" (4: 2-3 ; 5: 5 , 27 ; 6: 7 ; 9: 4), e o exílio para as pessoas muitas vezes significava a morte por seu rei .

Depois que Amazias informou ao seu rei, voltou sua atenção para o profeta. Ele se dirigiu a Amos como vidente. Muitos estudiosos entenderam o uso de Amasia do termo como um desprezo ou um objeto de desprezo. Dizem que Amazias estava chamando Amós de um visionário, vítima de alucinações. No entanto, estudiosos mais recentes (Ward e Mays) acreditam que Amazias, pelo uso de "vidente", estava reconhecendo Amós como um profeta legítimo. Ele ficou muito perturbado e tomou suas palavras como uma séria ameaça para o reino e o templo em Betel. Com as palavras ó vidente, vai, foge para a terra de Judá, Amazias estava tentando se livrar de Amós, mas estava fazendo isso com muito cuidado. Ele sugeriu que Amos foge (escape) ao invés de ser deportado.

James Ward (pp. 29-30) dá quatro razões para a sugestão de Amasia de que Amós foge: (1) ele poderia ter faltado autoridade para prender Amos ou para bani-lo; (2) ele pode ter temido represálias dos amigos de Amós ou do público; (3) ele pode ter temido Amós porque viu nele uma pessoa sacrossanta - um homem de Deus; ou (4) ele poderia ter sido um amigo de Amos que não desejava nenhum dano pessoal.

Amaziah, como Jeroboam, parecia conhecer muito sobre Amós. Ele provavelmente sabia que Amós era de Judá, então ele lhe disse para voltar para Judá do qual ele veio. A expressão comer pão pode significar simplesmente viver lá. No entanto, provavelmente se refere ao modo como muitos profetas ganharam seu sustento. Eles receberam presentes e taxas daqueles a quem ministraram (1 Sam. 9: 6-7 ; Mic. 3: 5 , 11 ; 1 Reis 22:13). O ponto de Amazias que exorta Amos a sair foi geográfico. Ele queria que Amos saísse do seu território. Ele disse "coma pão *lá* , e profetiza *lá"* mas não aqui. Amaziah sentiu que, se ele pudesse apenas deixar Amos para sair, todos os seus problemas seriam resolvidos. Ele não contou com as palavras de Amós sobre a destruição total de sua nação sendo cumprida. Ele pensou que Amós era seu problema quando, na realidade, os pecados dele e dos seus povos eram os verdadeiros problemas.

Em v. 13, Amazias proibiu Amós de profetizar novamente em Betel. Ele não acreditava na liberdade de expressão. Ele pretendia fechar a boca de Amós. Ele era um profeta muzzier (cf. 2:12). Sua autoridade para proibir Amos de falar mais no templo de Betel era política. Era o santuário do rei.

Mas Amos não fugiu. Os homens de Deus geralmente não fogem quando surgem problemas. Neemias disse em uma ocasião: "Deveria um homem como eu fugir?" (6:11). Em vez de fugir de Amós, ficou firme e respondeu a Amaziah. Sua resposta tratou primeiro da acusação de que ele era um profeta profissional. Não sou profeta, nem filho do profeta, disse Amós. Esta passagem tem sido objecto de muito debate. Há antes de mais uma questão sobre o tempo do verbo. Não existe um verbo expresso na frase hebraica. É uma frase nominal. A língua hebraica geralmente usava sentenças nominais sem verbos. Em tal caso, o tempo do verbo fornecido era geralmente o do verbo anterior. Se esse princípio fosse seguido neste caso, o tempo passado seria necessário. O ASV usa o passado, "Eu não fui um profeta", mas o RSV usa o presente, "Eu sou".

Provavelmente é melhor usar o tempo passado aqui em vez do presente. O que Amós parece dizer é que ele não era profeta profissional. Ele era um pastor, mas Deus o chamou para ser um profeta (7:15). Agora ele é um profeta e tem uma mensagem de Deus. A expressão "filho de um profeta" costumava referir-se a uma aliança ou ordem profética (1 Reis 20:35 ; 2 Reis 2: 3-4 ; 4: 1 , 38). Amos não estava tentando evadir a acusação de Amaziah alegando ser um leigo. Ele estava simplesmente afirmando que sua autoridade não era do homem - nem um rei nem uma aliança profissional.

Amós disse que ele não era um profeta de nascimento ou de profissão. Por profissão, ele era um pastor e uma cômoda de sicômoros. Ele foi um profeta como resultado de uma chamada e comissão divina. A palavra *bhandler* é incomum. Esta é a única vez que ocorre no Antigo Testamento. É uma forma participativa da raiz *bakar* (gado).

Não há provas de que o gado amos tenha abatido. Portanto, esta palavra pode ser um erro para naked (shepherd) como em 1: 1 .

A palavra para cômoda é também um particípio e é usada apenas aqui no Antigo Testamento. Parece ser uma palavra de empréstimo de árabe ou etíope que significa "um raspador de figos". A árvore de sicômoros faz parte da família de mora e cresce na planície marítima, na Shephelah, no vale do Jordão e no Egito. Nunca é encontrado em altitudes de 1000 pés acima do nível do mar ou superior. Portanto, não poderia ter crescido nas altas planícies de Tekoa. O fruto desta árvore não cresce nos ramos, mas em ramos que sobressaem diretamente das caules em cachos como uvas. É como pequenos figos em forma e tamanho, insípidos e lenhosos de sabor. Podemos deduzir adequadamente duas coisas sobre Amos da v. 14. (1) Ele era pobre. Ambas as tarefas - pastoreio de ovelhas e vestidos de sicômoros - eram bastante fáceis. (2) Amos fez alguns de seus trabalhos longe de Tekoa.

A única referência que Amós faz para o seu chamado está na v. 15 : E o Senhor me levou de seguir o rebanho e. . . disse-me: **"Ide,** profetizei ao meu povo Israel". As palavras que o Senhor me levou lembraram a tradução de Enoque e Elias para o céu (Gênesis 5:24 ; 2 Reis 2:11). O chamado de Davi de um pastor para um rei é expresso em linguagem semelhante (2 Sam. 7: 8 ; Salmo 78:71). Amós estava dizendo que o Senhor tinha abaixado e tirado de sua vida como pastor, empurrou-o para o papel de profeta e deu-lhe uma comissão definitiva para pregar ao povo de Israel. O meu povo representa Israel como o povo da aliança de Deus. O Senhor era aquele a quem eram responsáveis. Deus ocupou a maior autoridade em Israel, não Amazias ou o rei.

Os versos 16 e 17 registram um oráculo contra Amasia e sua família. Este é o único oráculo em Amos dirigido a um indivíduo ou a uma família. A forma é essencialmente o mesmo que os oráculos anteriores que começam, Ouça a palavra do Senhor (3: 1 ; 4: 1 ; 5: 1). O contraste neste oráculo está entre o que o sacerdote disse e o que o Senhor disse. O sacerdote ordenou a Amós que deixasse Israel e não para pregar lá. O Senhor ordenou a Amós que fosse a Israel e pregasse. Amós escolheu obedecer a Deus e não ao homem. A palavra pregar na v. 16c é interessante. Ele vem de uma raiz que significa gotejar ou cair. É usado aqui, em Miquéias 2: 6 , 11 , e em Ezequiel 20:46 ; 21: 2como sinônimo de profetização. Não se sabe se a palavra é usada aqui em um bom senso ou de forma depreciativa. "Gotejar" pode representar a bênção do orvalho na grama (Deuteronômio 32: 2) ou o conselho de um homem sábio (Jó 29:22), mas também pode se referir ao fluxo de palavras da boca de um profeta sob inspiração extática. Em

nossos dias, "deixar uma palavra" poderia sugerir "soltar uma bomba" no meio de um povo.

O versículo 17 retrata o destino de Amazias, sua família, suas posses e sua nação. Sua esposa se tornaria uma vítima da guerra e seria tratada como uma prostituta na rua. Seus filhos pereceriam à espada possivelmente diante de seus olhos. Sua terra (terra) seria dividida e dividida pelos vencedores. E ele mesmo, que tinha sido o guardião da limpeza cerimonial, morreria em uma terra imunda (estrangeira). A última linha do v. 17 é uma repetição literal das palavras de Amasia no v. 11"E Israel, cativo, ficará cativo de sua terra". Amazias tinha ouvido a palavra do Senhor corretamente. Ele era livre para responder com fé ou incredulidade. Ele rejeitou a mensagem e o mensageiro, e ao fazê-lo, condenou-se a si mesmo e aos outros. Teríamos agido de forma diferente? Amaziah, sem dúvida, sentiu-se segura atrás das defesas de Samaria e das observâncias religiosas em Betel. Ele errou ao considerar a palavra de Deus como sendo apenas a palavra de um homem e ao não se examinar a si mesmo e a sua sociedade à luz dos privilégios e responsabilidades da aliança.

5. Visão de frutas de verão (8: 1-3)

1 Assim, o SENHOR Deus me mostrou: eis uma cesta de frutas de verão. 2 E ele disse: "Amós, o que você vê?" E eu disse: "Uma cesta de frutas de verão". Então o SENHOR me disse:

"O fim veio sobre o meu povo Israel;
Nunca mais passarei por eles.
3 As musicas do templo se tornam lamentações naquele dia, "
diz o SENHOR Deus;
"Os cadáveres serão muitos;
em todo lugar, serão expulsos em silêncio ".

Se Amos tenha dado as contas de suas visões de forma audível, é difícil determinar o local onde a conta da sua quarta visão foi dada. Se, como alguns estudiosos argumentam, Amós deixou Betel (voluntariamente ou involuntariamente) após o encontro com Amazias, este relato de sua quarta visão provavelmente foi dado a um pequeno grupo de seus associados em Judá. Mas se Amós não fugiu de Amazias - e quase não há razões para concluir que ele fez - é concebível que ele tenha ficado em Betel para entregar os dois últimos relatórios da visão e os oráculos que foram com eles.

A quarta visão de Amos provavelmente ocorreu no final do verão (agosto ou setembro) porque o objeto que ele viu foi uma cesta de frutas de verão. Essa visão é semelhante à terceira visão em que Deus fala primeiro; o objeto visto precisa ser interpretado; não há intercessão por parte do profeta; e o julgamento é pronunciado em Israel. A cesta de frutas de verão poderia ter sido uma oferta trazida ao altar em Betel, por ocasião do festival de outono de Israel. Durante a maior parte da sua história, Israel celebrou a chegada do novo ano no outono em conjunto com a Festa dos Tabernáculos. A colheita teria sido reunida e as pessoas estariam de bom humor. No festival do Ano Novo, talvez tenham sido realizados certos ritos para assegurar a fertilidade e a benção no próximo ano. Por isso, foi um momento de grande expectativa.

É possível que, em um certo momento do festival, um sacerdote apareça e ofereça um oráculo de garantia de que as chuvas de outono começariam em breve e que as bênçãos de Deus fossem asseguradas. Talvez no momento em que a congregação esperava que o padre aparecesse com sua mensagem de segurança, Amos saiu e anunciou o fim do reino. A palavra *qēṣ* (fim) é uma corrida ou jogo de *palavras* em *qayiṣ* (fruta de verão). O Senhor deu o significado a Amós. Amós disse que viu o fruto do verão, e o Senhor disse: o fim veio sobre o meu povo Israel. Então, em vez da mensagem de esperança que as pessoas esperavam, Amós entregou uma mensagem de desgraça. Em vez de começar um novo ano, todos os seus anos como o povo de Deus chegaram ao fim. Em vez de um tempo de renovação imediatamente adiante, Israel estava agora confrontado com um período de ruína nacional.

Alguns estudiosos consideraram que a v. 3 está fora de lugar. Harper e Edghill colocariam isso depois de 8: 9 onde uma estória completa apareceria: eclipse, abate, enterro desonrado e silêncio do desespero. Mas esse rearranjo não é necessário. O verso 3 se encaixa bem como uma breve descrição do "fim" anunciado no v. 2 . A gramática do verso é muito irregular, mas isso talvez seja devido ao assunto. As canções do templo - canções de antecipação alegre - serão transformadas em lamentos porque os cadáveres estarão em todos os lugares.

6. Uma advertência final (8: 4-14)

4 Ouça isso, você que pisoteia os necessitados,
e levar os pobres da terra ao fim,
5 dizendo: "Quando a lua nova acabar,
que possamos vender grãos?
E o sábado,
que podemos oferecer trigo à venda,
para que possamos tornar a ephah pequena e o siclo ótimo,
e trate enganosamente com falsos saldos,
6 que possamos comprar os pobres por prata
e os necessitados de um par de sandálias,
e vender os resíduos do trigo?
7 O SENHOR jurou pelo orgulho de Jacó:
"Certamente nunca vou esquecer nenhum dos seus feitos.
8 A terra não tremirá nesta conta,
e todos lamentam quem habita nele,
e tudo isso se eleva como o Nilo,
e ser jogado e afundar novamente, como o Nilo do Egito? "
9 "E naquele dia", diz o Senhor Deus,
"Vou soltar o sol ao meio dia,
e escurece a terra em plena luz do dia.
10 Eu transformarei suas festas em luto,

e todas as suas músicas em lamentação;
Eu trarei saco sobre todos os lombos,
e calvície em cada cabeça;
Eu farei como o luto por um filho único,
e o fim dele como um dia amargo.
11 "Eis que os dias estão chegando", diz o SENHOR Deus,
"Quando eu enviarei uma fome na terra;
não uma fome de pão, nem uma sede de água,
mas de suportar as palavras do Senhor.
12 Eles vagarão de mar a mar,
e de norte a leste;
eles correrão de um lado para outro, para buscar a palavra do Senhor,
mas não devem encontrá-lo.
13 "Naquele dia, as vírgenes justas e os jovens
deve desmaiar por sede.
14 Os que juram por Ashima de Samaria,
e diga: "Como o teu Deus vive, ó Dan"
e, "Como o caminho de Beersheba vive"
eles cairão, e nunca mais se levantarão ".

Esta seção talvez não devesse ser pensada como um aviso no sentido de que Amós estava dizendo: "Arrependa-se ou então!" O dia do arrependimento foi passado para Israel. É um aviso no sentido de que o profeta descreve o julgamento que ocorrerá no futuro próximo e explica por que o julgamento virá.

Os versículos 4-7 descrevem os comerciantes gananciosos em Israel. O oráculo começa com a fórmula do mensageiro Ouça isso (ver 3: 1 ; 4: 1 ; 5: 1). As pessoas dirigidas são aqueles que pisam (cf. 2: 7) sobre os necessitados (cf. 2: 6 ; 4: 1 ; 5:12) e fazem com que os pobres (cf. 2: 7) da terra para cessar. Esses comerciantes estavam tentando espremer cada centavo das mãos dos pobres. Suas políticas tornavam impossível a sobrevivência dos pobres. Eles conseguiram abater a pobreza porque suas políticas tornaram impossível o fato de os pobres sobreviverem em tal sociedade. De acordo com a aliança de Israel, os fortes deveriam ajudar os fracos e os desfavorecidos. No entanto, os homens fortes em Israel estavam explorando os fracos. Sua atitude era tal que eles teriam explorado o sábado e as épocas sagradas se tivessem tido a oportunidade (ver v. 5). Eles exploraram os pobres dando pequenas medidas, cobrando preços exorbitantes, usando escalas fraudulentas e vendendo mercadorias adulteradas. Mas Amós disse que Deus jurou não esquecer nenhum dos seus atos

(vv 6-7).

A lua nova refere-se à observância religiosa do primeiro dia de cada mês lunar. Nenhum trabalho deveria ser feito naquele dia. Tal observância era comum em outras nações do antigo Oriente Próximo. No Antigo Testamento, a lua nova geralmente está relacionada

com o sábado (2 Reis 4:23 , Isaías 1:13 , Hos. 2:11). O sábado como a lua nova era um feriado religioso muito antigo em Israel. A principal ênfase desses dois dias foi o descanso e a cessação do trabalho e dos negócios. Estes dias sagrados "reduziram o estilo" dos comerciantes gananciosos. Parecia que eles tinham que se conformar com a lei ou a opinião pública fechando suas lojas, mas eles consideravam o tempo gasto em observâncias religiosas como desperdiçado. Eles dificilmente aguardavam para voltar para seus negócios (v. 5). Para esses homens, os lucros se tornam primários. Ganhar dinheiro tem precedência sobre o respeito por Deus, por seus semelhantes ou por sua integridade pessoal.

O sábado, devidamente observado, é uma salvaguarda contra o abuso dos pobres. O sábado e os interesses dos pobres são muitas vezes unidos no Antigo Testamento (ver o Quarto Mandamento). O sábado é uma salvaguarda para a integridade pessoal porque é um dia de adoração e de renovação. Não é por acaso que uma violação do espírito do sábado resultou em atos abertos de injustiça, porque a pessoa que roubará a Deus de seu tempo roubará seus companheiros de seus direitos. Para os profetas, a religião proporcionou a dinâmica da ética. Eles não sabiam nada de bom para o bem. A virtude não era um fim em si, mas apenas uma maneira de fazer a vontade de Deus. Miqueias definiu o "bem" como o que Deus exigiu (6: 8).

Um efa era uma medida seca igual a um décimo de um homer (Ezequias 45:11). Dois cálculos do tamanho de um efa desceram até nós: (1) os rabinos atribuíram-lhe uma capacidade de 21,26 litros; e (2) Josefo fez o equivalente a 40,62 litros. Assim, uma cesta ou um recipiente com a capacidade de cerca de meio alquimista representaria adequadamente um ephah. Amos acusou os comerciantes gananciosos de fazer o ephah pequeno, provavelmente colocando um fundo falso na cesta para dar menos que uma medida completa. Mesmo no merchandising moderno, os pacotes geralmente aparecem grandes, mas contêm pequenas quantidades para enganar o comprador. Jesus advertiu seus ouvintes a dar mais do que exigia, porque a medida que você dá será a medida que você recupera (Lucas 6:38).

O shekel era um peso de aproximadamente uma meia onça para medir prata e ouro. Antes da fabricação de moedas, cerca do século VII AC , ouro e prata sob a forma de nuggets ou barras foram pesados em balanças. O peso padrão era geralmente o siclo. Mas esses comerciantes duplicados tinham dois tamanhos de shekels. Eles usavam um siclo grande quando estavam vendendo, recebendo o ouro de outras pessoas, mas um pequeno quando estavam comprando, dispensando o ouro ou a prata para outros. Os arqueólogos encontraram em Tirzah e Samaria o que eles tomaram para ser dois tamanhos de shekels (grandes e pequenos) que validariam essa acusação de Amós. Sem dúvida, a prática deve ter sido comum porque os israelitas foram proibidos na lei (Deuteronômio 25: 13-16 ; Lev. 19: 35-36) para ter dois tipos de pesos em suas malas. Quem usou pesos injustos foi uma abominação para o Senhor (Provérbios 20:10).

O versículo 6 apresenta esses comerciantes como comprando pessoas (os pobres) e vendendo os resíduos de grãos. Em 2: 6b foram acusados de vender os pobres. Ou comprar ou vender pessoas era um pecado contra a humanidade para Amós (1: 6 , 9). Deus estava no negócio de libertar escravos. Esses homens estavam criando escravos.

Com v. 7, Amós volta sua atenção para o que Deus faria com referência aos pecados de Israel. Ele diz que Deus fez um juramento pelo orgulho de Jacó de que nunca esquecerá nenhum dos seus pecados. Esta é a terceira vez em Amos que lemos de Deus jurando. Em 4: 2 Deus jura com sua santidade que as mulheres ofendidas serão levadas ao exílio. Em 6: 8, o Senhor jurou por si mesmo que iria entregar a cidade (Samaria) e seu conteúdo para a destruição. Agora, no v. 7 , Javé jura pelo orgulho de Jacó que ele irá visitar (lembrar) sobre o culpado de todos os seus pecados. O orgulho de Jacó normalmente se refere ao orgulho da arrogância de Israel (6: 8 ; Os 5: 5 ; 7:10). Se esse é o significado aqui, então Deus considera esse orgulho tão profundo em Israel que se tornou tão permanente e imutável quanto a natureza de Deus. Portanto, pode ser um objeto para jurar. No entanto, o orgulho de Jacob poderia ser uma referência ao poder, força ou esplendor de Deus (ver 1 Sam. 15:29). Nesse caso, esse versículo seria paralelo a 4: 2 e 6: 8 .

Os versículos 8 a 14 descrevem o destino de Israel resultante da conduta dos comerciantes culpados. O julgamento é descrito em termos de um terremoto, escuridão inesperada, fome, sede inextinguível e a queda do estado para nunca ser restaurada. Amos gostava de usar questões retóricas (ver 3: 3-6). No v. 8 ele usa dois. Cada um espera sim como a resposta. A terra não tem terra na conta? Ele se refere aos pecados dos comerciantes. Eles merecem o julgamento que está por vir. Tremble pode significar vibração e aqui provavelmente se refere à ameaça de outro terremoto. Talvez nenhum desastre seja tão horrível quanto o de um terremoto. Amos e seu povo ficaram muito impressionados com o terremoto que ocorreu dois anos depois que ele começou seu ministério.

Agora, Amos fala de outro terremoto e descreve isso como uma revolta e abaixamento da terra como a ascensão e queda das águas do Nilo (de *ye'ōr* , uma palavra de empréstimo Egyption). O uso da analogia do desbordamento do Nilo para descrever um terremoto provavelmente não é o melhor porque o aumento e a queda do Nilo são graduais. Um terremoto é uma súbita convulsão da Terra. A referência à ascensão e queda do Nilo provavelmente era uma figura familiar em Israel. Pode ter sido uma parte dos velhos hinos de Israel (ver 9: 5b). O Nilo atinge seu nível mais baixo em Assuan no final de maio e aumenta constantemente durante julho e agosto e atinge seu ponto mais alto no início de setembro. Amos pode ter sugerido que o terremoto, em vez de ser um tremor momentâneo, seria uma agitação prolongada que duraria cerca de dois meses (Kelley, p.89).

No v. 9, Amós retorna ao tema do dia do Senhor que ele apresentou em 5:18 . Mais uma vez ele diz que o dia será um dia de escuridão. A linguagem sobre o sol "descendo ao meio-dia" provavelmente surgiu como resultado de um eclipse. Os cientistas determinaram que um eclipse quase total do sol teria sido visível em Israel, 15 de junho de 763 AC. Mas o idioma que Amós usava se referia a mais do que apenas um eclipse do sol. Tal evento anunciaria o início de um período de maldade, sofrimento e perda. Tal linguagem foi usada por profetas posteriores (Joel 2:10 ; 3:15 ; Isaías 13:10) e apocalípticos.

O versículo 10 descreve o dia do Senhor como um dia de luto e pesar indecisos. O Senhor diz: Eu transformarei as suas festas (normalmente as estações de grande alegria) em luto, e todas as suas canções (de alegria) em lamentação (*qinah* , um canto funerário, cf. 5: 1-2). Deus colocará o saco sobre todos os lombos (uma maneira

costumeira de lamentar os mortos, cf. 2 Sam. 3:31 , ou luto uma tragédia nacional, Joel 1: 8) e a calvície em todas as cabeças. Raspar a parte anterior da cabeça para produzir calvície artificial era um sinal de luto (ver Jeremias 48:37 , Ezequiel 27:31). Tal prática foi proibida em Deuteronômio 14: 1 . O luto era ser o luto por um filho único (cf.Jer. 6:26 ; Zech. 12:10). O luto por um filho único era mais amargo do que para outros filhos, porque a morte de um único filho significava o fim da família. Somente os filhos poderiam seguir o nome da família e a tradição. Amos parece sugerir que não haverá futuro para Israel como tal. Sua morte será como a de um único filho.

A expressão o fim significa o fim do luto ou o fim do dia do Senhor? A maioria dos estudiosos toma o antecedente de "fazer" estar de luto. A palavra traduzida "fim" significa a última parte. Provavelmente é melhor entender a expressão como referência para a última parte do luto. A maioria das dores é melhorada com a passagem do tempo. Amos disse que esse luto durará muito tempo, e o final será tão amargo como o primeiro. Mas a pior parte da mensagem em vv. 9-10 não é a escuridão ou a intensidade do. tristeza, mas o fato de que Deus se tornou o destruidor de Israel. Os verbos estão todos na primeira pessoa. O Senhor diz: "Eu vou fazer o sol cair. ... Vou transformar suas festas ... Vou trazer sacos ... Farei como o luto por um filho único ".

Outro oráculo de julgamento é encontrado em vv. 11-12 . Este é um tipo diferente de julgamento dos anteriores. Sempre antes, Amós falou de julgamentos em termos de uma visita de Deus a seu povo (cf. 3: 2). A presença de Deus no meio de seu povo pecador é uma experiência terrível. Mas o que é mais trágico para o povo de Deus é para ele abandoná-los, ficar em silêncio, esconder-se deles. Tal é o caso de Israel de acordo com vv. 11-12 . Veja, introduz algo novo e surpreendente. Os dias que se aproximam referem-se ao dia do Senhor. Deus enviaria outra fome na terra. Ele já havia enviado um para que Israel retornasse a Deus, mas não o faria (4: 6). Uma fome de pão é uma terrível catástrofe para qualquer nação. Mas esta nova fome será mais terrível do que uma fome de pão. Será uma fome de ouvir as palavras (palavra) de Deus. Os profetas sabiam que os homens não viviam solitariamente, mas por toda palavra que prossegue da boca do Senhor (Deuteronômio 8: 3). Os profetas sabiam que havia momentos em que Deus poderia ser encontrado (Isaías 55: 1-7), e a palavra de Deus poderia ser ouvida. Mas eles também conheciam momentos em que ele não podia ser encontrado e quando ele não falava (ver 1 Sam. 28: 6 , Salmo 13: 1).

Amos disse aos comerciantes que pensavam que as estações sagradas e a observância do sábado eram um desperdício de tempo que o dia chegaria logo quando eles buscariam diligentemente uma palavra de Deus. Eles atravessariam a terra de norte a sul e de leste a oeste. A expressão de mar a mar pode significar desde o Mar Morto até o Mediterrâneo, ou pode significar "de um extremo da terra para o outro" (ver Zacarias 9:10 ; Salmo 72: 8). Os antigos pensavam que a Terra estava cercada por todos os lados, bem como acima e por baixo da água. Embora exaustas, essas vítimas de fome correriam de um lado para outro sem querer tentar encontrar uma palavra vivificante, mas não encontrariam nenhuma! É irônico que homens que, em tempos de prosperidade e de segurança aparente, muitas vezes desprezem a palavra de Deus, descobriram mais tarde que era a única fonte de vida. Eles o procuram como pessoas vazias, com corações e estômagos vazios e uma língua seca. Eles descobrem que todos os profetas desapareceram e que Deus se escondeu.

O versículo 13 mostra outra analogia para mostrar a severidade do julgamento que estava prestes a vir sobre o povo de Israel. A figura é a de uma sede de água que será tão severa que o mais forte e o mais justo entre os jovens da nação não será capaz de suportar. O orgulho, força e esperança de qualquer nação está em sua juventude. O que é mais atraente do que as vírgenes justas e os jovens jovens escolhidos? Amós diz que no dia do Senhor, a juventude de sua nação desfalecerá da sede. O vigor da juventude não é suficiente em si mesmo para enfrentar crises morais e espirituais. Somente a palavra de Deus aceita e praticada pode dar força suficiente para fazer isso.

O verso 14 apresenta muitos problemas ao intérprete: (1) Qual a relação desse versículo com os precedentes? (2) Qual o significado de Ashimah de Samaria ou "a culpa da Samaria"? (3) O que significa Como o caminho de Beersheba significa? (4) Este verso foi escrito por Amós, ou é uma interpolação posterior por um escritor que protesta contra a situação em Samaria após o seu reinstalação pelos assírios que estabeleceram seus próprios cultos lá (2 Reis 17: 29-33)? O primeiro problema diz respeito às primeiras palavras. Aqueles que juram. No hebraico esta frase é representada por um particípio plural, "os que são palavrões", mas os que juram não são identificados. São eles as vírgenes justas e os jovens jovens de escolha da v. 13? São eles que vagam de norte a sul e de mar a mar em busca de uma palavra de Deus? Eles são os comerciantes gananciosos descritos em 8: 1-6 ? Ou, eles são as pessoas que foram levadas pelos assírios para habitar a terra em torno de Samaria depois da queda de Israel em 722 AC ? Não há como determinar a resposta correta para essas perguntas neste momento.

Quem era esse povo que jurava por Ashimá de Samaria, o deus de Dan, e o caminho de Beerseba, adoravam deuses falsos e caíam e nunca mais ressurgiam (cf. 5: 2). A tradução "Ashimah" no RSV requer uma mudança nas vogais do texto Masoretic. O hebraico é melhor lido, "a culpa de Samaria", que poderia se referir aos bezerros de ouro que estavam instalados em Betel e Dan. Mas a leitura "Ashimah" é uma possibilidade muito real, pois Ashimah era uma deusa conhecida por ter sido adorada em Samaria pelos homens de Hamath (2 Reis 17:30) e pela comunidade de exilados judeus que viviam em Elefantina no Egito na Séculos IV e IV aC

O deus de Dan e o "caminho de Beersheba" foram considerados deuses falsos porque a palavra *hê* (vidas) é usada em ambas as linhas. *Ele era* usado em hebraico para jurar por deuses falsos e objetos não-circulatórios. *Hā* foi usado quando os juramentos foram tomados em nome do Deus verdadeiro. Então Ashimah de Samaria, o deus de Dan, e o caminho de Beersheba provavelmente se referem a deuses falsos. Este oráculo termina apontando a raiz do problema de Israel. Basicamente, era teológico. As pessoas estavam dando sua fidelidade a deuses falsos, que nunca mais poderiam levantá-los.

7. Visão de Javé Ao lado do Altar (9: 1-4)

> [1] *Vi o Senhor de pé ao lado do altar, e ele disse:*
> *"Fale os capitais até os limiares agitarem,*
> *e quebrá-los na cabeça de todas as pessoas;*
> *e o que sobrou deles, matarei com a espada;*
> *nenhum deles fugirá, nenhum deles escapará.*

2 "Embora eles cavam no Sheol,
De onde a minha mão os levará;
embora eles subam ao céu,
De lá, vou derrubá-los.
3 Embora se escondam no topo do Carmelo,
A partir daí eu vou procurar e levá-los;
e apesar de esconderem da minha vista no fundo do mar,
Aí ordenarei a serpente, e os morderá.
4 E, embora tenham cativeiro diante de seus inimigos,
Lá ordenarei a espada, e os matará;
e eu vou colocar meus olhos sobre eles
para o mal e não para o bem ".

Esta é a quinta e última visão de Amos. Como os quatro primeiros, ele contém elementos de áudio e visual. No entanto, o elemento visual não é muito extenso nesta visão. É descrito nas palavras, vi o Senhor de pé ao lado do altar. Nas visões anteriores, Amós tinha visto gafanhotos, fogo, prumo e frutas de verão. Agora ele vê o Senhor como Jacó o viu em Betel (Gênesis 28:13), como Isaías o viu no templo em Jerusalém (Isaías 6: 1), e como Ezequiel o viu pelo rio Chebar (Eze. 1: 26-28). O versículo la é o relatório de uma teofania. A maioria das teofanias descreve uma aparição de Deus com o propósito de abençoar um povo. Neste caso, no entanto, Deus aparece no altar para anunciar a destruição de Israel. O altar no qual a teofania ocorreu não é identificado. Provavelmente era o altar de Betel, já que esse altar logo seria destruído, como Amos havia previsto, e como é o único sobre o qual temos qualquer registro de visita de Amós (cf. 7: 10-13).

Não deveria ter sido nenhuma surpresa para ninguém que Deus aparecesse um profeta em um altar. Era um procedimento normal. As pessoas acreditavam que o templo era a morada de Deus na terra e que ele os encontrou no altar. O que foi surpreendente foi o fato de que a aparência de Deus não trouxe uma benção, mas uma maldição (v. 4b). Amós disse que a presença de Deus em Israel teria o efeito de um terremoto que quebraria os alicerces do templo e acabaria com Israel.

E ele disse que apresenta a parte de áudio da visão. A revelação em Israel passou por ver e ouvir. Smite é um imperativo, mas nenhum assunto é expresso. Quem deveria fazer o golpe? Era Amós? Foram os anjos? Foi o terremoto? A linguagem pode ser simplesmente retórica. Alguns estudiosos emendariam o texto um pouco para que ele leia: "Vou ferir" em vez de "ferir". A imagem é a das capitais ou colunas (cf. Zeph 2:14) do templo cedendo para que o telhado cair dentro. Os limiares ou fundamentos (ver Isa. 6: 4) tremia como em um terremoto. E os quebrá-los provavelmente se refere aos capiteis. No entanto, a palavra hebraica é muito difícil. Geralmente, significa cortar a ruptura, quebrar ou ganhar pela violência. O significado aqui é provavelmente que as maiúsculas devem ser quebradas nas cabeças de todas as pessoas. A palavra pessoas não está no texto hebraico. Aqui é a obra de Deus que traz o templo em Betel, em um monte de entulho sobre as cabeças dos que adoram nele (Judg. 16: 23-30). E se algum dos adoradores teve a sorte de escapar do desastre do templo que caiu, Amós diz, o Senhor mataria-os com a espada. A espada pode se referir à guerra como o meio pelo qual os

refugiados irão perecer, ou simplesmente pode ser uma maneira de dizer que não haverá fuga.

Em vv. 2-4a, o profeta enumera cinco lugares que podem ser esperados para fornecer esconderijos seguros. Os quatro primeiros lugares constituem dois pares: o Seol e o paraíso, o Carmelo e o fundo do mar. O quinto lugar é o cativeiro. Sheol representa a menor profundidade, enquanto o céu era a maior altura. Amos estava dizendo que os domínios mais remotos do universo não estavam além do alcance de Deus. Existem algumas passagens do Antigo Testamento que parecem dizer que o Seol estava "fora de limites" para Deus, ou pelo menos que os mortos no Seol não têm contato com Deus (Salmo 6: 5 ; 30: 9 ; 88: 10-12 ; 115 : 17). Aqui, no entanto, embora os refugiados do templo em colapso cavem freneticamente para o Seol, a mão de Deus deve alcançá-los e levá-los. E, embora eles subam ao céu, ele os fará descer. Este idioma nos lembra o Salmo 139 ao contrário. Naquele Salmo, a presença universal de Deus foi a fonte de grande conforto. O pensamento era que alguém nunca poderia se afastar de sua presença protetora. Aqui, no entanto, a omnipresença de Deus presta a seu decreto de punição uma finalidade absoluta.

O seol e o céu marcam limites cósmicos; O topo do Carmelo e o fundo do mar representam os extremos de altura e profundidade na Terra. O Monte Carmelo ofereceu muitos esconderijos, mas não de Deus. O "Cão dos Céus" iria buscá-los e levá-los. Se alguns tentassem esconder-se da visão de Deus no fundo do mar, Deus ordenaria a serpente e os mordiria. O mar é provavelmente o Mar Mediterrâneo que vem até a base do Monte Carmelo. No entanto, o mar ou as águas no pensamento semítico muitas vezes representavam os poderes do caos ou das forças em oposição a Deus. Amos sabia que Deus tinha o controle do mar e do monstro marinho. Ele poderia comandar o monstro do mar para morder aqueles que tentavam escapar de Deus. Aqui a serpente do mar é serva de Deus.

O quinto esconderijo possível de acordo com Amós foi o exílio. Algumas pessoas pensaram sem dúvida que a soberania de Yahweh só foi até as fronteiras de Israel. Quando alguém cruzou o território de outra nação, a jurisdição de Javé chegou ao fim (ver 1 Sam. 26:19). No entanto, Amos sabia que não havia tal limitação para o poder de Deus. A região terrestre ou cósmica mais remota ou os limites do império mundial mais forte não poderiam oferecer impedimento à mão de deusa de Deus. Não há escapatória de Deus.

No v. 4b Amos transforma a forma de uma benção em uma maldição. Normalmente, a expressão colocada em meus olhos sobre eles é usada em um sentido benevolente (Gn 44:21 , Jeremias 24: 6 ; 39:12 ; 40: 4). Mas agora Deus fixará seu olhar sobre eles para não abençoá-los (para o bem), mas para amaldiçoá-los (para o mal). Aqui, Amos lembra a essência da religião. Ele havia admoestado seus ouvintes para "buscar o bem e não o mal" (5:14), mas eles se recusaram. Agora, sua recompensa era o mal que eles escolheram.

8. Uma Terceira Doxologia (9: 5-6)

> [5] *O Senhor, Deus dos exércitos,*
> *aquele que toca a terra e derrete,*

e todos os que nele habitam lamentam,
e tudo isso sobe como o Nilo,
e afunda novamente, como o Nilo do Egito;
6 que constrói suas câmaras superiores nos céus,
e fundou seu cofre sobre a terra;
que chama para as águas do mar,
e os derrama sobre a superfície da terra -
O Senhor é o nome dele.

Mais uma vez, parece estranho encontrar uma doxologia (hino de louvor) após um anúncio de desgraça. Esta é a terceira tal doxologia que encontramos em Amós (cf. 4:13 ; 5: 8). Essas doxologias celebram o poder de Deus para criar e controlar as estruturas do mundo e perturbá-las à vontade. A primeira doxologia (4:13) elogia Deus como o criador do universo. O segundo (5: 8) começa com a criação e continua a se referir ao controle de Yahweh sobre a chuva. A implicação é que ele pode mandar a chuva e recusá-la. Agora, nesta terceira doxologia, o poder criativo de Yahweh é transformado em poder destrutivo.

O título de Senhor, Deus (Javé) dos anfitriões é um pouco incomum. Amós usa a expressão "Senhor (Javé), Deus dos Exércitos" sete vezes. Aqui, o título "Senhor" é colocado primeiro na doxologia, provavelmente porque esta visão começou com a palavra "Senhor" (Javé, 9: 1). "Javé dos exércitos" é Yahweh encarregado do mundo. Os verbos em vv. 5 e 6 são particípios, o que é normal no estilo do hino. Yahweh é o único a tocar. . . o único edifício. . . e a pessoa ligando. Os três particípios dão forma ao hino. A primeira linha diz o que acontece quando Deus toca a terra: (1) derrete (ver Mic. 1: 3-4 ; Nah. 1: 5); (2) seus habitantes lamentam (ver 1: 2); e (3) ele sobe e cai (ver 8: 8) como o Nilo ou um terremoto. A presença de Deus no julgamento tem um efeito devastador sobre a natureza e o homem. A segunda linha ", o que constrói suas câmaras superiores. . . "Descreve Yahweh como entronizado acima dos céus.

O verso 6 trata dos céus. Os hebreus retrataram o céu como um cofre (firmamento, Gênesis 1: 6-8), com as extremidades apoiadas na terra (Jó 26:11). Dentro do cofre, os corpos celestes se moveram e os pássaros voaram (Gênesis 1:20). Acima da abóbada ou firmamento foram reservatórios de chuva (Jó 38:22 , 37), e acima destas águas, o Senhor se sentou entronizado. A palavra traduzida câmaras superiores realmente significa ascensão ou etapas. Mas a maioria dos estudiosos acredita que os termos hebraicos surgiram pela dittografia de uma palavra semelhante no Salmo 104: 13 . A palavra " *vault"* é incomum. É usado em outro lugar de um monte de hysop (Ex. 12:22), de bandas de um jugo (É um. 58: 6); e um grupo de homens (2 Sam. 2:23). Significa literalmente, "o que está firmemente unido", daí o firmamento é um arco montado.

O terceiro particípio introduz o Senhor como aquele que pede as águas do mar e os derrama sobre a face da terra. Chamar é para comandar. A referência aqui parece ser o controle de Deus sobre a chuva. A chuva vem ao comando de Yahweh. A este respeito, Amós era diametralmente oposto ao baalismo porque os profetas de Baal pregavam que Baal era o deus que deu a chuva. A chuva na estação e na quantidade adequada era uma

bênção, mas a falta de chuva ou chuva em quantidades excessivas que produziam inundações era uma maldição para Israel e para todos os homens. Aqui Amós está dizendo (como fez em 8: 8) que Deus controla a chuva e, por implicação, toda a natureza. Ele pode trazer julgamento se ele deseja, e neste caso, esse é o propósito dele.

Pode encontrar-se alguma diferença de opinião sobre a identidade do mar na v. 6. James Mays (p. 155), juntamente com outros, acredita que é o mar celestial ou o armazém da chuva que está na mente dos escritores da música. Outros afirmam que é o mar Mediterrâneo que está sendo falado e a referência ao processo natural de precipitação. James Ward p. (119) entende o mar para se referir ao "oceano divinamente controlado", que ao comando de Javé é derramado em uma inundação sobre a terra. Assim, ele vê o oráculo sobre as águas que estão sendo derramadas sobre a terra como uma palavra ameaçadora. Ward também acredita que as três doxologias são parte da condenação de Amós pelo culto. No entanto, provavelmente não era o culto que incomodava Amos tanto quanto a falta de justiça e justiça por parte dos adoradores. Israel tinha esquecido como fazer exatamente (3:10) e evidentemente tinha esquecido a soberania e a justiça de Deus.

9. Morte pelos pecadores; um Remanente Prateado (9: 7-10)

> *7 "Você não é como os etíopes para mim,*
> *Ó povo de Israel? ", Diz o Senhor.*
> *"Não trouxe Israel da terra do Egito,*
> *e os filisteus de Caphtor e os sírios de Kir?*
> *8 Eis que os olhos do Senhor Deus estão sobre o reino pecaminoso,*
> *e eu o destruirei da superfície do solo;*
> *exceto que não destruirei completamente a casa de Jacó "*
> *diz o Senhor.*
> *9 "Pois eu direi,*
> *e agite a casa de Israel entre todas as nações*
> *como se agita com uma peneira,*
> *mas nenhuma seixinha cairá sobre a terra.*
> *10 Todos os pecadores do meu povo morrerão à espada,*
> *que dizem: "O mal não deve ultrapassar nem nos encontrar".*

Com esses versículos, chegamos à passagem em Amos, que é a mais difícil de interpretar devido à sua visão das eleições e por causa do que parece ser uma adição editorial posterior no v. 8b . Muitos eruditos anteriores não acreditavam que um profeta pudesse prever julgamento e esperança (ai e triste) ao mesmo tempo. Portanto, eles não tiveram problemas para atribuir 9: 8b , 11-15 a um autor diferente de e mais tarde do que Amos. Os estudiosos atuais reconhecem que as mensagens de alegria e aflição muitas vezes vieram do mesmo profeta, mas a questão de data e autoria da v. 8b ainda permanece.

O versículo 7 é muito incomum. Em 3: 2, Amós falou sobre a eleição de Israel em termos de exclusividade: "Você só soube de todas as famílias da terra". Agora ele fala

de eleição em linguagem universal. "Você não é como os etíopes para mim, / O povo de Israel?", Diz o Senhor. Amos diz que não há diferença entre Israel e a Etiópia. Ambos são iguais a Deus. A implicação é que Deus é soberano sobre os dois. Ele ama os dois, e ele irá julgar os dois. O resto da v. 7menciona duas outras nações estrangeiras, os filisteus e os sírios. Essas duas nações eram inimigas de Israel. Ambos entraram na terra de Canaã sobre o tempo que Israel fez e travaram uma guerra amarga com os israelitas pela posse da terra. Agora, Amós diz que Deus estava tão por trás dos movimentos dos filisteus e dos sírios na terra de Canaã como ele era o êxodo de Israel do Egito. Deve-se notar que Amós não se refere a nenhuma aliança entre Yahweh e as outras nações.

Qual é o significado das palavras de Amos no v. 7 ? Ele quer dizer que a eleição de Israel acabou e chegou o fim da nação Israel? Ele estava colocando Israel no nível de outras nações, ou ele estava levando outras nações para o nível de Israel? Alguns estudiosos argumentaram que, porque Amós usou a linguagem sacral do êxodo, "Não criei", para as migrações de outras nações, ele estava dizendo que outras nações eram escolhidas de Deus, assim como Israel. Isso provavelmente está colocando mais peso no verbo do que pode carregar.

Amós parece anunciar o fim da relação especial de Deus com Israel, pelo menos, como uma nação. Isso não significa que Deus não terá mais relações com Israel. Isso seria impossível. Mas isso significa que Deus tratará Israel como qualquer outra nação. A nação não terá privilégios especiais. E quando as pessoas pecarem, serão punidas. Na verdade, Amós diz, o reino pecaminoso, qualquer reino pecaminoso será destruído da superfície do solo.

Os etíopes eram cusitas que viviam no território do sul do Egito acima da terceira catarata. O território às vezes é conhecido como Nubia. Sua capital estava em Napata, o atual Jebel Barkal. Etiópia é a tradução grega da palavra hebraica Cush. Os etíopes não são mencionados frequentemente no Antigo Testamento. Moisés casou-se com uma mulher cusita (etíope) que provocou alguma oposição de Arão e Miriã (Nm 12: 1). Cusitas ou etíopes às vezes aparecem como escravos e eunucos em Israel (2 Sam. 18:21 ; Jeremias 38: 7). O uso de um provérbio de Jeremias referente à pele de uma etíope (Jeremias 13:23) sugere pelo menos a estranheza dessas pessoas. Existe uma referência ao preconceito racial aqui devido à cor da pele? Norman Snaith (página 50) nega que exista: "Não há, claro, nenhuma sugestão menor de que a cor de sua pele é o ponto em questão; Não há nenhum mandado em qualquer lugar da Bíblia para esse tipo de idéia. "Certamente, se houve um preconceito racial por parte dos israelitas, Amós o condena quando diz que Israel não é melhor do que os etíopes para Deus. Não há espaço na teologia de Amos por preconceito racial ou fanatismo.)

Caphtor provavelmente se refere à ilha de Creta como o lugar de origem dos filisteus (ver Jeremias 47: 4). No entanto, alguns estudiosos acreditam que o termo se refere a uma área costeira da Ásia Menor porque o LXX usa a Capadócia para Caphtor. Outros estudiosos sugeriram que Caphtor era um termo geral para toda a área do Egeu a partir da qual os filisteus como um dos "povos do mar" tinham chegado. Kir era a pátria dos arameus, como Caphtor para os filisteus. Kir estava localizado na Mesopotâmia, perto do território de Elam (ver 1: 5). O versículo 7 diz que o amor de Deus expressado em bênção e julgamento não conhece fronteira racial ou geográfica. Todos os homens são iguais aos seus olhos, e ele é soberano sobre todos.

O verso 8 ocupa onde 9: 4 deixaram. Os mesmos olhos de Deus que muitas vezes foram pensados em termos de sua vigilância benevolente de seu povo, são descritos como capazes de penetrar em todos os esconderijos de Israel, resultando em sua tomada de julgamento.

Observou-se que o artigo definido aparece no reino pecaminoso. O artigo pode ter uma função demonstrativa, esse reino pecaminoso (Israel). Ou pode ser genérico, denotando uma classe, qualquer (todo) reino pecaminoso. A política do governo de Javé é então destruir todo reino pecaminoso, seja Israel, Edom, Filístia ou Síria (ver Chaps 1-2). A palavra destruir aqui é a mesma que em 2: 9 . Assim como Deus destruiu os amorreus para que Israel possua a terra de Canaã, agora ele está pronto para destruir Israel pelo mesmo motivo. Israel tornou-se o reino pecaminoso.

A maioria dos estudiosos considera que o livro original de Amos está chegando ao fim com 9: 8a . Tais homens acreditam que 9: 8b-15 são o trabalho de um editor judeu que não poderia concordar com Amós que Deus pretendia destruir Israel apesar de seus pecados. Então, a mensagem de destruição total de Amós é modificada e feita para se candidatar apenas aos pecadores e escarnecedores em Israel. A referência à reconstrução do estande de David (9:11) poderia ser pós-visual e a ausência de qualquer elemento ético na imagem do futuro ideal pesa contra a autoria de Amós desta última parte do capítulo 9. Esperávamos que Amós descrevesse a futura utopia como uma época em que a justiça flui como águas e justiça como um fluxo poderoso; não como um momento de restauração política e prosperidade material. Mas isso é o que os homens do século XX podem esperar. No entanto, os profetas antigos não eram homens do século XX.

A possibilidade de que 9: 8b-15 venha de uma mão posterior deve ser admitida. Mas também deve-se dizer que esses versículos poderiam ter vindo de Amós. Gerhard von Rad disse que foram levantadas dúvidas graves quanto à autenticidade desta seção. Tal postura era esperada desde que a profecia de Amós fosse considerada como resultado da luta espiritual e da convicção pessoal. Nenhuma grande contradição em tal profecia seria esperada. Mas quando os profetas são vistos como homens que se dirigiam às tradições sacras de Israel e que eram livres para criticar tais tradições e torná-las relevantes para o seu próprio dia, tais contradições aparentes como aparecem em 9: 8 poderiam muito bem ser o trabalho de o mesmo homem.

O versículo 8b começa com a palavra exceto, Amós acabou de anunciar a aniquilação total de Israel (9: 1-4). Agora, ele (ou outra pessoa) acrescenta um "exceto". Sempre houve "exceto" com os verdadeiros profetas. Martin Buber diz que o verdadeiro profeta não anuncia um decreto imutável. Quando vemos Amós simplesmente como o profeta do juízo divino e negar-lhe as passagens que falam da possibilidade da salvação e dos dias futuros da redenção, estamos roubando Deus e o homem de sua liberdade para responder ao outro (Buber, pp. 103-104). Jonah e Joel disseram: "Quem sabe se ele não se voltará e se arrependerá "(Jonas 3: 9 , Joel 2:14). Amos disse: "Pode ser que o Senhor,. . . será misericordioso com o resto de José (5:15).

A expressão que não destruirei totalmente sugere que um restante seja deixado. A construção hebraica é a de um infinito absoluto seguido por seu verbo cognato e pode significar: "Certamente, eu não cortarei completamente a casa de Jacó." A casa de Jacob provavelmente se refere a toda a nação de Israel em vez de apenas o Reino do Norte .

A idéia de um remanescente iniciado no v. 8b continua na vv. 9-10 . Um restante deve ser poupado. A interjeição For lo, (behold) introduz a afirmação significativa, *eu* ordenarei ou "Estou prestes a comandar". A construção é a de um particípio de pêlo com o pronome pessoal "I" para Deus. O que está prestes a acontecer é o resultado do comando do Senhor soberano. Eu agitarei (porque moverá de um lado para outro, peneire) a casa de Israel (tudo, bom e ruim) entre todas as nações à medida que se agita com uma peneira. O profeta está se referindo ao exílio vindouro como um processo de peneiração. O reino político pecaminoso será destruído e as pessoas serão peneiradas. A figura de peneirar é uma opção. A palavra para *peneira* só ocorre aqui no Antigo Testamento.

Esta peneira provavelmente foi feita de uma grande malha e foi usada para separar seixos do grão. O grão cairia através do arame e ser preservado enquanto as rochas e detritos permaneceriam na peneira e fossem afastados.

O julgamento aqui é representado como uma separação do grão dos detritos (pedras). O grão representa o remanescente em Israel, os seixos dos pecadores. Todos os pecadores morreriam pela espada. Nem um seixo (pecador) cair no chão despercebido e escapar do julgamento. Os pecadores são descritos como aqueles que estavam dizendo que o mal não deve ultrapassar ou nos encontrar. Eles foram aqueles que estavam colocando longe o dia do mal (6: 3). Eles foram aqueles que acreditavam que estavam isentos ou imunes ao julgamento porque eram o povo de Deus. Que tipo de pessoa é quem pensa que pode pecar com imunidade? Ele é uma pessoa que também exaltou uma opinião de si mesmo ou uma opinião totalmente inadequada de Deus. Ele muitas vezes pensa em Deus como querendo ou incapaz de trazer punição sobre ele. Os ouvintes de Amos pareciam ter uma visão irreal de seu próprio valor e uma visão ingênua de Deus.

10. A Bright Tomorrow (9: 11-15)

11 "Naquele dia eu irei levantar
o estande de Davi que está caído
e reparar suas violações,
e levantar suas ruínas,
e reconstruí-lo como nos dias de idade;
12 para que possam possuir o remanescente de Edom
e todas as nações que são chamadas pelo meu nome ",
diz o Senhor que faz isso.
13 "Eis que virão os dias", diz o SENHOR ,
"Quando o arado deve ultrapassar o ceifador
e o treader de uvas, aquele que semeia a semente;
as montanhas devem gotejar vinho doce,
e todas as colinas fluirão com ela.
14 Eu restaurarei as fortunas do meu povo Israel,
e reconstruirão as cidades arruinadas e as habitarão;
eles devem plantar vinhas e beber o seu vinho,

e eles farão jardins e comerão seus frutos.
15 Vou plantá-los sobre suas terras,
e eles nunca mais devem ser arrancados
fora da terra que eu lhes dei, "
diz o Senhor seu Deus.

Em 9: 8b-9, o profeta indicou que um remanescente em Israel seria preservado. Em 9:10 anunciou a destruição dos pecadores em Israel. Em vv. 11-15 fala de um amanhã brilhante e lindo quando o reino de Davi será restaurado; quando Israel recuperará o território que pertencia à nação durante o reinado de Davi, incluindo a terra de Edom; quando prevalecerá a prosperidade material; quando a ira de Deus será mudada para favorecer; e quando o povo de Deus habitará em paz e segurança para sempre.

A expressão naquele dia foi usada em 2:16 ; 8: 3 , 9 , 13 para se referir a um momento de julgamento. Agora, aqui se refere a um dia de esperança e restauração. A cabine de Davi se refere ao reino de Davi. O estande de David é descrito como caído, cheio de brechas e em ruínas. Esta linguagem parece refletir um tempo após a queda de Jerusalém em 586 AC, quando Jerusalém estava em ruínas e não havia mais um filho de Davi no trono. No entanto, o idioma também poderia se referir à divisão do reino após a morte de Salomão em 922 ACDez tribos se separaram da casa de David e formaram o Reino do Norte de Israel desprezando as tradições davídicas. Um estado de coisas tão divisivo para a mente de um sulista leal como Amós poderia ser descrito como "caído, quebrado, arruinado". Amós era uma verdadeira Judéia que tinha suas esperanças para o futuro ligado às promessas de Deus a Davi. A expressão reconstruí-la como nos dias de idade simplesmente se refere à época dourada de Davi e Salomão.

O verso 12 retrata o território que será restaurado para Israel. Todo o território que foi chamado pelo nome de Deus durante os reinados de Davi e Salomão será restaurado, incluindo especialmente o território de Edom. Edom naquele futuro dia será reduzido a um remanescente.

Poderia a referência de todas as nações no v. 12 ser um universalismo e incluir mais do que apenas o território do império de Davi? O salmista falou de um momento em que o domínio do rei de Deus seria de "mar a mar e do rio até os confins da terra" (Salmo 72: 8-11). O próprio deus é representado como entronizado e os príncipes dos povos (nações) se juntam como povo do deus de Abraão no Salmo 47: 8-9 . É interessante observar que Tiago, o irmão de Jesus e o pastor da igreja em Jerusalém, citou Amós 9: 11-12 em Atos 15: 16-17como evidência de que os gentios seriam trazidos para o reino de Deus. No entanto, citando Amos, James fez várias mudanças. Ele mudou "Edom" para "Adão" (homens) e a expressão "diz o Senhor que faz isso", "diz o Senhor, que fez essas coisas conhecidas". O verso 12 não deve ser entendido como dizendo que Israel reconquistará todos os seus antigos inimigos. A relação entre Israel e as nações não será a conquista dos conquistados, porque será o Senhor "quem fará isso".

O versículo 13 descreve um lindo e lindo amanhã em termos de prosperidade material. O Antigo Testamento não prejudica a prosperidade. A prosperidade é vista como o dom de Deus. De acordo com este oráculo, a terra se tornará tão produtiva que uma safra de um ano não será colhida antes do tempo de lavagem para o próximo ano, e

as uvas não serão processadas antes do tempo para plantação no próximo ano. As uvas ficarão tão pesadas nas vinhas da montanha que as encostas parecerão escorrer e fluir com vinho doce. Tal linguagem aparece como resultado da bênção da aliança de Deus em Leviticus 26: 5 .

Eu restaurarei as fortunas foi anteriormente traduzido: "Eu retornarei o cativeiro" (ver KJV). Não é o retorno do exílio que o profeta tem em mente aqui. Em vez disso, reflete uma mudança na atitude e ação de Deus da ira para a misericórdia em relação ao seu povo (ver Deut. 30: 3 , Hos. 6:11 ; Jeremias 29:14 ; Ez. 16:53). Amos havia dito (5: 11b):

> *"Você construiu casas de pedra cortada,*
> *mas não habitarás neles;*
> *você plantou vinhedos agradáveis,*
> *mas você não deve beber o seu vinho ".*

Agora ele ou outro diz (9:14):

> *"Eles devem reconstruir as cidades arruinadas*
> *e os habita;*
> *eles devem plantar vinhas e beber*
> *seu vinho ".*

Deus restaurará suas fortunas. O que eles perderam será recuperado (Joel 2: 24-27).

O último verso procura um tempo de estabilidade e segurança que os cidadãos da Palestina raramente experimentaram. Será um momento em que Deus os plantará em suas terras para nunca mais ser arrancado. A mudança será permanente, e a bênção nunca se afastará. O Senhor, seu Deus, é parte da mudança de fortuna para Israel. Em 4:12 "seu Deus" era um deus de julgamento aqui "seu Deus" é um Deus de esperança.

Estes últimos versos de Amós não são apenas um final sentimental e feliz de uma profecia, de outra forma, indecorosa e indesejada. Eles incorporam a convicção final de que, no final, o propósito de Deus será realizado na Terra: esse propósito inclui a restauração do quebrantamento nas relações entre o homem e Deus e o mundo.

Obadias

Bruce C. Cresson

Introdução

O livro de Obadias é talvez o livro menos conhecido de toda a Bíblia. É o livro mais curto do Antigo Testamento, e expressa um tema impopular - condenação e

julgamento. A maioria dos estudos deste livro centrou-se em torno de três assuntos: (1) Como esse livro veio a ser incluído na Bíblia; (2) onde os valores devocionais podem ser encontrados no livro; (3) qual é a explicação para a incrível semelhança entre Obadias e Jeremiah 49 ? Estes são importantes, mas periféricos para a compreensão da mensagem deste livro profético. O valor e significado de Obadias pode ser encontrado em um estudo e compreensão do livro e sua mensagem.

I. Autor

O autor deste livro continua sendo um dos "desconhecidos" da história literária hebraica. Obadias pode ser um nome próprio, ou pode ser um título, "adorador ou servo de Javé". Muito provavelmente é um nome próprio. Obadias é um nome bastante comum no Antigo Testamento, atribuído a pelo menos onze homens que não este Profeta. Tentativas foram feitas para identificar o profeta com um ou outro desses, especialmente o servo de Acabe (Reis 18: 1-16) que secretamente salvou a vida dos profetas de Javé durante a perseguição de Jezabel. Mas não há evidências para apoiar tais identificações. Nenhuma nota histórica ou genealógica sobre o profeta aparece no livro.

Tentativas de caracterizar o homem de [7] sua visão profética ou oráculo são impossíveis. O material disponível permite apenas dizer que o profeta abriu um ódio justificado para Edom e sustentou a convicção de que Yahweh traria juízos esmagadores sobre eles.

II. Coloque na Canon

O livro de Obadias aparece no hebraico e no antigo testamento inglês entre Amós e Jonas; No Creek (Septuagint) é entre Joel e Jonah. Não existe uma razão discernível para essa diferença de arranjo.

III. Unidade

A brevidade do livro sugere que deve haver pouca questão a respeito da unidade do livro, mas, pelo contrário, esta questão é freqüentemente levantada. Existe uma ruptura óbvia no pensamento e no assunto na v. 15 . A parte inicial (vv. 1-14) é um oráculo que condena Edom por uma conduta cruel e desenfreada em relação aos hebreus e fala da punição que vem em Edom como conseqüência. A parte final (v. 15-21) fala do julgamento que deve vir sobre todas as nações - e especialmente Edom, que deve ser totalmente aniquilado (v. 15-18) - enquanto os hebreus devem ser restaurados gloriosamente e seu território expandido (vv. 19-21).

Os estudiosos geralmente encontram evidências de dois autores em Obadias e dividem o livro vv. 1-14 e 15-21 ou vv. 1-14 , 15b e 15a, 16-21. Alguns acham evidências de três autores, dividindo ainda vv. 15-21 em 15-18 e 19-21. Argumentos para autoria múltipla descansam quase exclusivamente sobre o conteúdo e as ênfases na mensagem de Obadias. A soma de tais argumentos deixou muitos não convencidos.

Importante é a tendência entre os estudiosos recentes (especialmente desde 1950) de defender a unidade essencial de Obadias. Há, no entanto, evidência clara de que um oráculo anterior foi usado pelo autor na v. 1-9 . O tom e a ênfase do v. 19-21 podem

indicar que aqui é uma adição posterior ao texto - talvez mais tarde ou talvez dentro da vida do autor.

A brevidade do livro faz argumentos críticos sobre a unidade baseada em estilo, linguagem e vocabulário quase impossível e mesmo aqueles baseados em ensinamentos religiosos muito difíceis.

Deve admitir-se que, embora existam indícios razoáveis e às vezes convincentes do contrário, não há evidências irrefutáveis que exigem a negação da unidade de Obadias.

IV. Ocasião para escrever

Os versículos 10-14 indicam que alguma calamidade de proporções angustiantes aconteceu com Judá e especialmente Jerusalém. Naquela ocasião, os edomitas se comportaram de uma maneira não se tornando um "irmão", e mesmo de maneiras mais desprezíveis. O ponto de importância aqui é que Jerusalém foi atacada e invadida. Esta invasão e pelo menos alguma medida de devastação de Jerusalém é referida e provavelmente está em um passado não muito distante. Um estudo do Antigo Testamento revelará seis ocasiões possíveis. Apenas dois destes merecem consideração séria. A invasão de Jerusalém pelos filisteus e árabes (2 Crônicas 21:16, 17) é aceito por alguns como a ocasião para a redação de Obadias, mas é improvável. Note que o Cronista sozinho o registra; não há menção em Kings. A conta em Kings é mais completa e menos interpretativa do que as Crônicas. Seria mais do que uma estranheza menor se uma grande calamidade (que Obadias parece refletir) tenha acontecido em Jerusalém e escapou de menção em Reis. No entanto, a historicidade deste evento não pode ser descartada. Identificar este evento como base para Obadias geralmente é feito por qualquer um discutindo por uma data pré-exílica para a profecia.

Vários argumentos podem ser citados em apoio da visão de que a Obadias teve esse evento em mente na sua redação. Obadias não faz referência específica à destruição do Templo. A linguagem de Obadias caracteriza-se pela pureza do hebraico e ausência de aramaismos. Existem algumas indicações de que o profeta ainda está dentro dos limites estreitos da Palestina pré-existente: pode-se argumentar que as nações mencionadas não são os vizinhos de Israel no tempo do exílio, mas seus inimigos anteriores. As referências em Amós (1: 6 , 9 , 11) descrevem pecados similares dos edomitas. Não há referência a uma invasão edomita no país do sul, como teria ocorrido após o exílio. Não há referência ou alusão a Nabucodonosor.

Estes e mais argumentos nebulosos são citados como indicações de uma data inicial para Obadias, refletindo o tempo de Jehoram (*cerca de* 845 AC). Embora os argumentos organizados para apoiar esta data inicial para Obadias sejam numerosos, a soma dos argumentos não é forte nem convincente. Muito depende da ausência de algo ou de um namoro questionado de uma passagem de outro oráculo profético. Quando são reconhecidas as fraquezas dos argumentos de apoio para aceitar a invasão de Judá de 845 AC , a aceitação dessa identificação é mais difícil e deve ser rejeitada como ocasião para a composição do livro.

Os eventos de 587 AC , quando as forças de Nabucodonosor invadiram Jerusalém, são sugeridas como a ocasião mais provável para a profecia de Obadias.

A visão não pode ser apoiada para que Edom fosse um aliado de Judá em 587 AC , nem a afirmação seja demonstrada sem qualquer dúvida de que Edom estava ativamente envolvido no apoio à campanha de Nabucodonosor contra Judá. O último, porém, é claramente indicado pela evidência disponível.

A evidência mais conclusiva da participação de Edomite na catástrofe que aconteceu em Jerusalém em 587 AC é dos Apócrifos em 1 Esdras 4:45 : "Também vós construirá o Templo, que os edomitas queimaram quando a Judéia foi desolada pelos caldeus ". O versículo 50 do mesmo capítulo fala da ocupação edomita do território judeu, provavelmente no Negeb.

Parece provável que os edomitas se ofereçam para o dever de ajudar os babilônios no assalto e tratamento destrutivo da Jerusalém capturada. Isso ocorreu como resultado de vários fatores. Nabucodonosor sabia que os edomitas haviam se envolvido com esses hebreus em conspirar contra ele apenas alguns anos antes (ver Jeremias 27: 1-3). O voluntariado para o serviço no cerco de Jerusalém daria provas convincentes a Nebuchadnezzar da lealdade de Edom a ele. Eles nunca gostaram desses hebreus de qualquer maneira. Provavelmente subjacente a ambas as alianças - primeiro com os hebreus, depois com os babilônios - era o fato de que Edom estava em extrema necessidade de assistência. A primeira pressão dos nabateanos, tribos árabes do deserto que estavam entrando no território dos edomitas, já estava sendo sentida, e Edom buscava segurança em alianças.

O consenso do mundo acadêmico em relação à ocasião do livro de Obadias é que foi a destruição de Jerusalém em 587 AC, sobre a qual os edomitas se regozijaram de maneira tão sem tranças. A possibilidade de uma ocasião pós-xilica para esta profecia, 485 AC , foi proposta por Julian Morgenstern, mas essa é uma hipótese improvável.

V. Relacionamento com outras passagens do antigo testamento

Paralamas impressionantes, ou pelo menos semelhanças, foram apontados entre Obadias e os livros de Joel e Jeremiah. Joel, escrito depois de Obadias, pode muito bem ter refletido em Obadias em 3:19 . O paralelo entre Obadias e Jeremiah 49é mais significativo. Quase textualmente são os paralelos entre Obadias 1 e Jeremias 49:14 ; v. 2 e 49:15 ; v. 3 e 49:16 ; v. 4 e 49:16 ; v. 5 e 49: 9 . O paralelo é menos exato entre v. 8 e 49: 7. A diferença mais significativa entre Obadias e Jeremias 49: 7-22 é que a passagem de Jeremias não contém o conceito do dia de Javé e a restauração de Israel.

VI. O pensamento de Obadias

Odio de Edom. A atitude hostil, mesmo odiosa dos hebreus em relação aos edomitas, é uma faceta frequentemente observada do pensamento do Antigo Testamento. A única palavra terrestre encontrada no Antigo Testamento para os edomitas é a admoestação em Deuteronômio 23: 7, 8 , contra "abominando" e providenciando a admissão de Edomitas para a assembléia de Javé - pelo menos, seus descendentes de terceira geração. Caso contrário, a tradição bíblica é de ódio, geralmente intensa. Esse ódio primeiro é expresso na luta entre os progenitores nacionais antes do nascimento (Gen. 25: 22-23).

Os hebreus sempre foram ameaçados por seus vizinhos e descansaram à vontade apenas quando dominavam sobre eles. Provavelmente, a assistência edomita dada aos babilônios invasores em 587 AC deu um ímpeto renovado ao ódio de Edom. Este calor branco do ódio recém-recheado é retratado graficamente em Obadias.

O ódio de Edom continuou muito além do dia de Obadias. Na verdade, Edom tornou-se um nome de código para "o inimigo" na escrita rabínica judaica. Talvez o antigo ódio aos edomitas seja, em parte, responsável pelo ódio judeu a Herodes, que era um idumeano (Edomite).

O Dia de Javé. Esperava- *se* que o dia da intervenção divina nos assuntos humanos traísse , em sua maior parte, a desgraça; mas também trazendo benção para os fiéis, aparece em Obadias, bem como em outros escritos proféticos. A garantia do juízo justo de Deus é claramente afirmada. No contexto da profecia de Obadias, esse julgamento é particularmente direcionado a Edom.

A soberania de Deus. A afirmação prática da soberania divina é a ênfase mais positiva de Obadias. É expressado na garantia de que ele irá julgar adequadamente a nota de Edom especialmente a conclusão: "O reino (soberania) é de Javé".

VII. Encontro

A data da redação de Obadias não pode ser consertada com certeza absoluta. Consideração da ocasião do livro, referências históricas, ensinamentos religiosos, bem como relação com outros escritos sugerem o tempo do exílio ou o período inicial pós-exilico como a data mais provável. A conclusão do livro é freqüentemente datada até 400 AC

As referências históricas tornam as tentativas insustentáveis de encontrar um lugar para Obadias nos festivais cultuais de Jerusalém antes do exílio. O uso deste oráculo no culto postexilico pode ser razoavelmente, mas não definitivamente assumido. A popularidade do oráculo provavelmente descansou com a ênfase nacionalista que se tornou dominante no judaísmo na era que se estende desde o fim do exílio até os tempos do Novo Testamento.

VIII. Conteúdo

O oráculo de Obadias contém uma previsão do castigo que deve acontecer ou que está acontecendo com Edom, uma descrição da hostilidade de Edom em relação a Judá no dia da sua angústia e uma previsão da vinda do dia do Senhor sobre todas as nações , especialmente em Edom. Juntado a esta previsão posterior é uma expressão de esperança confiante para a restauração e exaltação da casa de Judá. O conceito de nacionalismo judaico é visto nas várias partes do oráculo, no grito de vingança sobre os edomitas odiados, bem como na esperança de restauração da nação judaica.

Esboço

I. Julgamento sobre Edom (1-14)

   1. Introdução (1)

2. Orgulho e destruição de Edom (2-4)
3. A devastação completa de Edom (5-9)
    1. Perda de bens e riqueza (5-6)
    2. Perda de aliados (7)
    3. Perda de sabedoria (8)
    4. Perda de guerreiros (9)
4. Razões para a destruição de Edom (10-14)

II. O dia de Javé: julgamento sobre todas as nações e especialmente sobre Edom (15-18)

III. A expansão do território de Israel no tempo da restauração (19-21)

Bibliografia

BEWER, JULIUS A. *Um comentário crítico e exegético sobre os livros de Obadias e Joel.* ("Comentário crítico internacional"). Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1911.

BUHL, FRANTS PETER WILLIAM. *Geschichte der Edomiter.* Leipzig: Alexander Edelmann, 1893.

MUILENBURG, JAMES. "O Livro de Obadias" , *Dicionário do Intérprete da Bíblia*, ed. GEORGE A. BUTTRICK, Vol. III. Nashville: Abingdon Press, 1962.

MYERS, JACOB M. *Os livros de Oséias, Joel, Amós, Obadias e Jonas.* ("Comentário da Bíblia de Layman"). Richmond: John Knox Press, 1959.

ROBINSON, GEORGE LIVINGSTON. *O Sarcófago de uma Civilização Antiga.* Nova York: The MacMillan Company, 1930.

ROBINSON, THEODORE H. *Prophecy e os Profetas no Israel antigo.* Londres: Gerald Duckworth and Co., Ltd., 1953.

ROBINSON, THEODORE H. e F. HORST. *Die Zwölf Kleinen Propheten.* ("Handbuch zum Alten Testariient"). Tubingen: JCB Mohr (Paul Siebeck), 1938.

SMITH, GEORGE ADAM. *O Livro dos Doze Profetas.* Vol. II. Nova Iorque: Harper e Brothers, 1928.

THOMPSON, JOHN A. "O Livro de Obadias, Introdução e Exegese, *A Bíblia do Intérprete*, ed. GEORGE A. BUTTRICK, Vol. VI. Nashville: Abingdon Press, 1956.

WATTS, JOHN DW *Obadias: Um Comentário Exegético Crítico.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1969.

Comentário sobre o texto

I. Julgamento sobre Edom (1-14)

1. Introdução (1)

[1] A visão de Obadias.
Assim diz o Senhor Deus sobre Edom:
Ouvimos notícias do SENHOR ,
e um mensageiro foi enviado entre as nações:
"Erguer-se! Deixe-nos levantar contra ela para a batalha! "

A mensagem de Obadias é claramente identificada como uma mensagem profética: a visão de Obadias. A visão é aquilo que o profeta "viu" e pode se referir a uma comunicação de transe ou a uma compreensão perspicaz. A fonte é identificada como o próprio Yahweh. O assunto da visão, Edom, também é identificado na declaração introdutória. O restante de v. 1 seria melhor entendido pelo leitor de língua inglesa se a declaração, nós ouvimos notícias do Senhor,. . . "Erguer-se! Deixe-nos levantar contra ela para a batalha! "foram desencadeados entre parênteses. Esta é quase uma declaração secundária do profeta. No entanto, é uma parte integrante do pensamento e uma parte significativa da estrutura poética. A mensagem direta de O Senhor sobre Edom começa com v. 2. A declaração entre parênteses do v. 1 é uma chamada para as pessoas envolventes para se juntarem ao julgamento contra Edom por seu comportamento cruel. É semelhante na idéia ao padrão de julgamento-corte visto muitas vezes na literatura profética (por exemplo, Isa. 1 ; Mic. 6 ; Hos. 4).

2. Orgulho e Destruição de Edom (2-4)

[2] Eis que eu te tornarei pequeno entre as nações,
você deve ser totalmente desprezado.
[3] O orgulho do seu coração enganou você,
você que vive nas fendas da rocha,
cuja morada é alta,
que dizem em seu coração,
"Quem me levará ao chão?"
[4] Embora voce se ergue bem como a águia,
Embora seu ninho esteja definido entre as estrelas,
Daí eu vou te derrubar,
diz o Senhor.

O oráculo da origem divina é que Edom será destruído - feito pequeno e completamente desprezado, mesmo deixado sem um sobrevivente. A pequenez, a insignificância e a destruição, estão em contraste direto com o orgulho e a altivez, a suprema autoconfiança encontrada em Edom. Os verbos hebraicos usados na passagem são perfeitos, mas provavelmente "perfis proféticos", descrevendo o que está acontecendo no momento ou ainda para o futuro. As ações são tão reais para o falante / escritor que são vistas como já concluídas ou "perfeitas"

O versículo 2 pode ser traduzido: "Eis que pequeno, eu te farei entre as nações, te desprezarei demais". Esse parecimento poético esquivo descreve a insignificância da nação edomita. A pequenaza está diretamente relacionada à insignificância, o

significado é mais esclarecido em seu pensamento paralelo: Edom será desprezado grandemente ou excessivamente. A nação *s* - os gentios - compartilhará testemunhar essa humilhação. Pouco, insignificante, desprezado - isso descreverá a nação odiada em contraste direto e brilhante para o orgulho agora e recentemente possuído pelos edomitas.

Versos 3-4a retrata a altivez segura de Edom. Os edomitas são descritos pelo orgulho (insolência) do coração. Esta é uma impiedade presunçosa, uma sensação de auto-suficiente, que os engana. A mensagem bíblica, com insistência, retrata o orgulho como a essência do pecado. Auto-orgulho no Jardim do Éden, na tentativa do homem de exaltar-se enquanto ignora Deus, e a tentativa de Babel de exaltar-se enquanto excluindo Deus são exemplos iniciais dos efeitos fatais de tal orgulho. O profeta Isaías representa o orgulho como o coração do pecado do homem. Jesus retrata a verdade na primeira Beautitude: os pobres em espírito são aqueles que estão desprovidos desse orgulho altivo. Confiar em si mesmo e a própria capacidade de exclusão de Deus é espiritualmente suicida. Os edomitas chegaram a tal posição. Eles viviam em lugares montanhosos altos, seguros e incompatíveis.

A afirmação no v. 3 , moradores nas fendas da rocha, pode se referir a Sela. O nome da cidade significa rock. Esta é a cidade da fortaleza virtualmente inexpugnável mais conhecida pelo seu nome grego dos tempos nabateanos, Petra (Heb., *Sela*).

Seu orgulho é dramaticamente comparado à águia, que tanto faz nidar e sobe nas alturas e é conhecida por ataques mortais e devastadores contra vítimas indefesas e infelizes. Existe um paralelo real entre a águia e os edomitas na mente e nas palavras do profeta. A expressão poética é claramente hiperbólica, mas é gráfica e expressiva. Historicamente, Edom estava em uma posição ameaçada e sua queda era iminente. Como de costume no Antigo Testamento, a tração de tais forças e a destruição que se seguiu são descritas como resultado do controle e direção de homens, nações e circunstâncias históricas de Yahweh. O juízo de Javé é certo: ele trará Edom do seu soberbo e arrogante orgulho para enfrentar as realidades do juízo divino. Não há alturas em que se possa escapar da mão de Yahweh.

3. Devastação completa de Edom (5-9)

(1) Perda de bens e riqueza (5-6)

> *5 Se os ladrões vierem até você,*
> *se saqueadores de noite -*
> *como você foi destruído!*
> *eles não roubariam o suficiente para eles mesmos?*
> *Se os coletores de uva vierem até você,*
> *eles não deixariam escorregar?*
> *6 Como Esaú foi saqueado,*
> *seus tesouros procurados!*

Os versículos 5-6 expressam um pensamento: todas as riquezas e tesouros de Edom serão tirados. A perda é de proporções que até o profeta exclama em uma poética de

lado, como você foi destruído! Este não é o trabalho de ladrões e ladrões comuns. Esses infractores da lei trabalham sob limitações práticas. Eles tomam apenas o que eles querem ou precisam. Talvez eles estejam limitados pelo que eles podem levar. O ladrão não segue uma política de "terra ardida" de devastação absoluta. A imagem é mais a de um conquistador devastador, como Jerusalém enfrentou em 587 AC. Edom não é confrontado com nenhum ladrão comum, mas com a extenuante completude de uma ira destrutiva divina.

A segunda figura que expressa a mesma ideia é a do colhedor na vinha. Ele não tira completamente as videiras. Uma uva é deixada aqui ou aí - os ganhos. Mas a destruição de Edom está completa. Não só a riqueza óbvia será tomada, mas também o oculto. O pensamento aqui joga sobre a natureza da terra. Os tesouros poderiam ser escondidos em fortalezas escarpadas onde, no orgulho auto-seguro dos edomitas, eles certamente parecem fora do alcance de qualquer atacante. Esses tesouros provavelmente foram recolhidos das rotas comerciais que atravessavam o antigo Edom - seja por tributação de caravanas para uma passagem segura garantida ou por piratagem de caravanas não pagas. A riqueza de Esau (ou Edom) será removida mesmo de seus esconderijos escolhidos.

(2) Perda de Aliados (7)

> *7 Todos os seus aliados te enganaram,*
> *eles o levaram até a fronteira;*
> *seus confederados prevaleceram contra você;*
> *seus amigos confiáveis colocaram uma armadilha debaixo de você -*
> *não há entendimento disso.*

Maior que a perda de riqueza é a perda de amigos ou o apoio humano. Edom será deixado em solitário. A tradução do v. 7 para um bom inglês é um problema, óbvio, se diferentes traduções forem comparadas.

Apesar dos problemas, o significado é bastante claro. Os aliados de Edom a abandonaram. Em bom inglês, o sentido do verso pode ser dado:

Seus confederados na aliança o levaram até a fronteira e o deixaram desviado. / Seus amigos confiáveis o superaram e colocaram uma armadilha para você - / Não há como entender isso!

É importante lembrar o significado dos convênios no mundo bíblico. Esses vínculos ou tratados foram voluntariamente celebrados e mantidos com um genuíno sentimento de obrigação. Pode-se confiar no amigo convidado quando todos os outros o abandonaram. Cuidar e proteger o amigo em dificuldade era uma obrigação de relação de tratado ou convênio. Desprezível foi o homem que violou seu juramento de lealdade a um amigo selado na solene cerimônia da aliança.

Esta passagem provavelmente dá mais dívidas do que qualquer outro ao cenário histórico do surgimento deste oráculo de condenação total de Edom. A referência ao "pacto" provavelmente não é em nenhum sentido para o parentesco entre Jacó e Esaú, ancestrais dessas nações. Em vez disso, é provavelmente a disputa em desespero para os

aliados por parte de Edom diante de uma invasão nabateana de sua terra natal. Essa aliança faz remonta ao período imediatamente anterior à queda de Judá (veja Int.).

Edom foi de fato conduzido para suas fronteiras e principalmente fora deles, abandonado, destruído, deixado em repouso sozinho no tempo da invasão nabateana, que estava em processo se não completado no tempo deste profeta. A conquista nabateana de Edom foi concretizada no momento da redação de Malaquias (1: 3).

(3) Perda de Sabedoria (8)

> *8 Não vou naquele dia, diz o Senhor,*
> *destrua os homens sábios de Edom,*
> *e compreensão de Mount Esau?*

O verso 8 é uma pergunta, mas a resposta exigida é clara, sim! Naquele dia, a sabedoria para a qual Edom era bem conhecida será destruída por Yahweh. Naquele dia, na literatura profética, muitas vezes se refere ao dia de Javé ou ao tempo em que Deus vem trazer o último julgamento sobre o homem e as nações. Aqui, no entanto, "naquele dia" refere-se ao dia do julgamento de Edom, ou pelo menos à conclusão do julgamento de Edom. Embora o julgamento esteja provavelmente em curso, o seu ponto culminante ainda está no futuro.

Edom era famoso por sabedoria e homens sábios. Não há evidências literárias existentes sobre essa sabedoria, mas há referências à sua existência em diversos pontos do Antigo Testamento. Job e seus amigos sábios às vezes são identificados com Edom, especialmente os amigos. A perda dessa sabedoria prática, que era a reivindicação de Edom para a fama no mundo antigo, será uma parte da destruição completa para acontecer com Edom.

(4) Perda de Guerreiros (9)

> *9 E os vossos poderosos ficarão consternados, ó temã,*
> *de modo que todos os homens do monte Esaú serão cortados pelo abate.*

A libertação no desastre geralmente é realizada pelos valentes guerreiros ou, no idioma do Antigo Testamento, os homens poderosos. Mas Edom nem sequer tem essa esperança de entender. Teman é usado neste verso em paralelismo poético com Edom. Era uma das principais cidades do antigo Edom e talvez também o nome de um distrito ou área de Edom. O consternado significa quebrado, quebrado, assustado e aponta para a destruição completa: de modo que todos os homens do monte Esaú serão cortados pelo abate. Isso completará a devastação de Edom. É como se, em uma nota final antes de se voltar para outro plano de pensamento, o profeta não está disposto a deixar a possível esperança de que os heróis da terra possam sobreviver: eles e todos os outros serão destruídos.

4. Razões para a Destruição de Edom (10-14)

> *10 Por causa da violência feita ao seu irmão Jacó,*

a vergonha deve cobri-lo,
e você será cortado para sempre.
11 No dia em que você ficou distante,
no dia em que os estranhos levaram sua riqueza,
e estrangeiros entraram em seus portões
e lançou muitas coisas para Jerusalém,
você era como um deles.
12 Mas você não deveria ter regateado durante o dia do seu irmão
no dia do infortúnio;
você não deveria ter se alegrado com o povo de Judá
no dia da sua ruína;
você não deveria ter se gabado
no dia da angústia.
13 Você não deveria ter entrado no portão do meu povo
no dia da sua calamidade;
você não deveria ter regateado o seu desastre
no dia da sua calamidade;
você não deveria ter saqueado seus bens
no dia da sua calamidade.
14 Você não deveria ter parado na separação dos caminhos
para cortar seus fugitivos;
você não deveria ter entregue seus sobreviventes
no dia da angústia.

A destruição de Edom foi descrita graficamente. Mas esta não é a ação de um Deus vingativo, e essas palavras não são simplesmente as palavras de um profeta cheio de ódio desumano aos seus vizinhos. Há motivos para esse ódio genuíno e penetrante. A acusação contra Edom é dada em termos gerais e você será cortado para sempre. "Idades ocultas" são sugeridas como uma melhor tradução *de'olam em* vez de eternidade ou "para sempre" porque transmite a idéia de que será tão longe quanto O homem pode ver e conhecer e até além disso. Esta tradução está de acordo com a visão prática e não especulativa dos hebreus.

A ocasião dessa violência feita a Jacó, ou a nação descendente de Jacó, é então descrita. Quando estranhos levaram a riqueza de Jacó e os estrangeiros entraram em seus portões e lançaram sortes para Jerusalém - quando tudo isso aconteceu, os edomitas ficaram à distância ou recusaram-se a ajudar; ainda mais, eles se comportaram como os invasores. Esta é a calamidade que aconteceu antes de Jerusalém na introdução. Aqui as circunstâncias da captura e destruição da Babilônia em Jerusalém em 587 ACdeve ser visualizado. Após um cerco de cerca de 18 meses, a cidade de Jerusalém foi morrida de fome e espancada. À impotência, e as forças de Nabucodonosor (estrangeiros) finalmente entraram na cidade. Com a vingança nascida de perigo, atrasos e dificuldades encontradas em um prolongado cerco, um exército da

antiguidade saqueou, saqueou, matou e destruiu na cidade que finalmente caiu. Isso era compreensível para os antigos. Que os edomitas, que ocupavam a mesma posição que Judá em relação à Babilônia, deveriam se comportar como se os soldados conquistadores fossem absolutamente impensáveis. Assim, a completa devastação de Edom foi merecida.

Em vv. 12-14 oito declarações estabelecem as acusações específicas pelas quais Edom merece e receberão punição. Essas oito declarações contêm três acusações básicas: (1) alegria desenfreada e abertamente expressa pelo infortúnio sofrido por Judá, (2) saqueando a cidade de Jerusalém como indefeso, e (3) interceptando os refugiados da cidade conquistada, quer aprisionando eles, escravizando-os, ou entregando-os para os conquistadores da Babilônia ou para os comerciantes de escravos. É tentador prepaular estes três com um quarto: recusa em se envolver na causa ou nas necessidades do vizinho. Uma primeira leitura veria essa idéia em posição distante. Provavelmente esta é a declaração introdutória de uma série de cláusulas paralelas e progressivas.

A ordem da poesia em vv. 12-14 é de menor envolvimento a maior, de menor a ação mais devastadora - a ordem ascende tanto no envolvimento quanto na ação devastadora. Essas afirmações seguem a explicação introdutória de que Edom ficou em frente (distante ou em frente), assim, em oposição a Judá e Jerusalém.

II. O Dia de Javé: julgamento sobre todas as nações e especialmente sobre Edom (15-18)

15 Pois o dia do Senhor está próximo de todas as nações.
Como você fez, deve ser feito para você,
suas ações devem retornar em sua própria cabeça.
16 Pois, como você bebeu sobre o meu santo monte,
todas as nações ao redor devem beber;
eles beberão e tropeçarão
e será como se não estivessem.
17 Mas no monte de Sião haverá aqueles que escapam,
e será santo;
e a casa de Jacó deve possuir suas próprias posses.
18 A casa de Jacó será um fogo,
e a casa de Joseph uma chama,
e a casa do restolho de Esaú;
eles devem queimá-los e consumi-los,
e não haverá sobrevivente à casa de Esaú;
porque o Senhor falou.

O tema aqui apresentado, como um novo começo é feito nas imagens proféticas, é o dia do Senhor. Este conceito está presente no mainstream da tradição profética hebraica desde a época de Amós até os tempos do Antigo Testamento. A visão popular do dia de Javé era que seria um dia glorioso. Deus viria em juízo justo e com completa destruição sobre os vizinhos e opressores do seu povo. Foi, portanto, um dia desejado com ansiosa

antecipação. Era esperado que, naquele dia, o alívio da opressão e uma gloriosa exaltação fossem visitados pelos hebreus.

Os profetas preexilicos em particular foram os que ensinaram que o dia do Senhor traria o justo juízo de Javé sobre todo o que era ruim ou fora de conformidade com a vontade do Senhor, incluindo aqueles que poderiam ser encontrados em Judá ou Israel. Há alguma indicação de que, nos tempos pós-xilados anteriores e anteriores, a ênfase voltou-se para o julgamento divino a ser visitado pelos estrangeiros perversos. Os hebreus já foram punidos. O exílio e as dificuldades de atendimento foram punição suficiente. O pensamento de que a nação tinha sido amplamente castigado é mais claramente expresso em Isaías 40: 2. Obadias não comenta sobre o destino dos ímpios na nação hebraica. Ele está falando sobre as outras nações neste oráculo. Ele reconhece a soberania de Javé sobre todas as nações, como ele declara que este dia do justo juízo do Senhor está prestes a cair sobre todas as nações.

Muitos intérpretes inverteram as duas declarações no v. 15 , anexando "Como você fez, será feito para você, / Sua recompensa em sua própria cabeça" para a versão 14 como uma conclusão para a condenação veemente de Edom. A declaração inicial no verso é então interpretada como uma introdução ao vv. 16-18 . No entanto, não existe uma razão convincente que exija a inversão das partes deste verso. Há uma seqüência de pensamento válida no verso tal como está: este castigo de retaliação descrito é uma expressão da suposição teológica atrás do conceito do dia de Javé.

Os versículos 16-18 não contêm nenhuma referência explícita a Edom e aos edomitas, mas a condenação de Edom está implícita. Ela era a mais odiada e condenada de "todas as nações".

Beber no v. 16 sugere não receber refresco, mas julgamento e punição. O principal problema no versículo é identificar o assunto do verbo. A segunda pessoa refere-se a Edom anteriormente e as referências a Edom, ou mais provavelmente às nações, na v. 15 são singulares. Aqui, a segunda pessoa do plural é usada. Este fato sugere uma mudança no assunto. Provavelmente Judá é o assunto aqui - Judá já foi punido. Que Judá é o assunto pretendido é sugerido pelo fato de que Edom é uma das nações em torno da referida na última parte do versículo e pelo paralelo encontrado em Jeremias 49:12 .

A tradução do RSV está fora de harmonia com o texto hebraico: "Eles beberão, derrubarão e serão como se não tivessem estado". A deglutição sugere o castigo completo, ou seja, usando o "copo" de castigo divino que resulta na obliteração das nações estrangeiras ofensas.

Os versículos 17-18 mostram uma imagem de contraste. Enquanto a devastação completa aguarda as nações, para o povo de Deus há esperança. No monte de Sião haverá libertação - escape. A idéia de uma libertação parcial refletida em muitas traduções, como aqui deve haver aqueles que escapam - pode ser lida corretamente na mensagem do ensino do Antigo Testamento em outros lugares, mas não faz parte do texto aqui. Monte Sion está idealizado nesta passagem. É santo. Deve ser inviolável. Assim como os seus habitantes são sagrados e invioláveis. Todos devem ser entregues.

É possível traduzir a linha final de v. 17 ou a casa de Jacó deve possuir suas próprias posses ou "a casa de Jacó possuirá aqueles que os despojaram". A segunda tradução é mais significativa no contexto completo da mensagem profética . Os edomitas tomaram o território dos hebreus. Eles devem perdê-lo para os hebreus. Verso 18liga o pensamento geral do juízo divino sobre as nações ao assunto específico de Obadias. Edom deve ser totalmente destruído. Os hebreus sobreviventes purificados e justos tornam-se os instrumentos do juízo divino. O fogo é um símbolo freqüente do Velho Testamento para a visitação divina e julgamento. Edom deve ser aniquilado como um fogo varrendo através de um campo de estrume deixando apenas uma terra carbonizada. O contraste está completo: refúgio no monte de Sião, mas nenhum sobrevivente para Edom.

As lições para essa geração e para as gerações futuras estão claramente estabelecidas. Um Deus justo não pode e não admite o pecado. Deus castiga aqueles que se afastam dele para confiar em suas próprias forças. Mas, ao mesmo tempo, há esperança. Deus nunca castigou sem fornecer uma avenida de fuga ou um lugar de refúgio para aqueles que ouviriam e atendessem sua palavra.

III. A Expansão do Território de Israel no Tempo de Restauração (19-21)

19 Os do Negebe possuirão o monte Esaú,
e os da Shephela, a terra dos filisteus;
eles devem possuir a terra de Efraim e a terra de Samaria
e Benjamim possuirá Gileade.
20 Os exilados em Halah, que são do povo de Israel
deve possuir a Fenícia até Sarepta;
e os exilados de Jerusalém que estão em
Sepharad
deve possuir as cidades do Negeb.
21 Os salvadores devem subir ao monte de Sião
para governar o monte Esaú;
e o reino será do Senhor.

Três elementos básicos aparecem nesta passagem. (1) O território hebraico invadido pelos povos vizinhos será recuperado. (2) Haverá uma expansão geral do território detidos pelos hebreus. (3) É previsto o estabelecimento do reino de Javé.

O versículo 19 sugere que os edomitas, filisteus, samaritanos e amonitas provavelmente se espalharam para utilizar e controlar o antigo território de Judá durante seu exílio. Isso aconteceu claramente com os Edomites. É provável, também, com os outros três vizinhos. Eles perderão esse território que eles compreenderam, bem como suas próprias terras. O verso 20 apresenta dificuldades. O texto hebraico, literalmente, lê: "E os exilados de Jerusalém, que estão em Sefarad, devem possuir as cidades do Negebe". Uma leitura de várias traduções mostrará tentativas amplamente diferentes para tornar isso em um bom inglês. A idéia geral, no entanto, é clara: os exilados que retornam devem possuir um território ampliado.

O livro de Obadias termina com a nota sublime de esperança para a salvação para Edom e para o estabelecimento do governo soberano de Javé. Essa salvação é mediada pelo Monte de Sião ou pelos hebreus.

Espero pelo futuro nos dias obscuros do exílio e os dias quase tão escuros logo após o exílio foram compreensivelmente ligados à destruição do inimigo. A restauração de Israel e a destruição de Edom foram de mãos dadas. Como Israel poderia ser restaurado enquanto Edom segurava sua terra? Somente com a destruição de Edom, a restauração poderia ser realizada e o reinado escatológico de Deus fosse inaugurado.

A fé de um profeta como Obadias é de muitas maneiras excepcional. Em dias de escuridão e desespero, ele viu um futuro brilhante. Ele acreditava que Deus estava no controle da história e que a justiça certamente seria feita. Ele antecipou o momento em que o domínio justo de Deus seria uma realidade presente.

Jonah

AJ Glaze, Jr.

Introdução

O livro de Jonas é um trabalho fascinante que tem intrigado estudantes bíblicos ao longo dos séculos. Como é para ser interpretado? Que tipo de literatura é essa? Obviamente, isso difere substancialmente dos outros escritos proféticos, pois é uma narrativa sobre um profeta, em vez de um registro de seus enunciados. Além disso, o elemento milagroso tornou-o um dos mais conhecidos e, ao mesmo tempo, talvez o menos entendido de todos os livros do Antigo Testamento.

Não há dúvida de que a popularidade do livro para muitas referências literárias é encontrada em círculos judeus, muçulmanos e cristãos. Aqui, o Antigo Testamento atinge um dos seus maiores pontos de revelação, como Deus é claramente visto em seu relacionamento com a criação e a história. Ao mesmo tempo, sua tênue preocupação com toda a sua criação, todas as pessoas, é apropriadamente retratada.

O livro é mais do que um esboço biográfico do profeta histórico (2 Reis 14:25) que tentou desertar quando chamado a uma tarefa difícil e impopular. É mais do que um relato milagroso de um enorme monstruo do mar e uma planta estranha em uma terra distante. É uma obra-prima literária de inspiração divina, desenvolvida sistematicamente ao longo do que conhecemos hoje como uma história curta. Da história judaica surge a figura de um profeta nacionalista que trágicamente tentou escapar de seu dever. Seu ressentimento em relação ao amor universal de Deus reflete a estreita exclusividade de todos os que limitariam o favor divino a alguns poucos em qualquer idade.

I. A data do livro

O livro foi tradicionalmente considerado como sendo composto pelo profeta do século VIII, cujo nome é chamado (2 Reis 14:25). Jonas, filho de Amittai, profetizou durante o reinado de Jeroboão II (786-746 AC). Para aqueles que consideram a narrativa biográfica, os eventos ocorreram na primeira metade do século VIII AC e foram escritos "pouco depois do retorno de Nínive". . . pouco antes do reinado de Tiglath Pileser "(Young, página 254).

A bolsa de estudos moderna, no entanto, sugeriu uma data posterior para a composição literária do livro, que parece identificar de forma mais adequada a situação da vida e o propósito do autor. No entanto, deve-se observar que a busca pela data da autoria não questiona automaticamente a historicidade ou plausibilidade da conta. Se o livro foi escrito cedo, por que não há referência a isso em outros escritos bíblicos?

Não há nenhuma dica de que o próprio Jonah escreveu o livro, pois é evidentemente uma história sobre ele e não por ele. Ele é referido na terceira pessoa, com exceção de 1: 9 ; 2: 2-9 ; 4: 2 , 8b , 9b. Além disso, o livro contém expressões usadas na literatura hebraica tardia, bem como em aramais (ver Bewer, p. 12). A referência "Nineveh foi" (3: 3) refere-se a um período passado, e o tamanho indicado da cidade parece refletir um estado lendário crescente.

Além dessas observações, há uma relação teológica decidida com outros escritos do Velho Testamento que parecem ser de dependência. Ao mesmo tempo, o livro apresenta um conceito universal superior aos ensinamentos conhecidos dos contemporâneos imediatos de Jonas. Há uma forte dependência de Jeremias no pensamento e na linguagem (por exemplo, Jonas 1: 2 e Jeremias 1:10 , Jonas 2 e Jeremias 51:34 , 44 , Jonas 3:10 e Jeremias 18: 7-8). O livro reflete o amplo espírito humanitário monoteísta-missionário de Deutero-Isaiah (ver Isa 51: 4-6 , 9-11 , 13 ; 42: 6). Finalmente, o manuseio do milagroso parece indicar um período anterior ao apocalipse do tipo Daniel, que serve como ponte entre a literatura tradicional (profética) e simbólica.

Aparentemente, o salmo que aparece no capítulo 2 é vitalmente relacionado ao propósito didático do autor e, aliás, oferece outra pista sobre a data. Durante muito tempo, sua relação com muitos dos salmos foi reconhecida. Uma vez que alguns deles foram escritos após o século VIII AC , as semelhanças implicariam a possibilidade de uma data posterior de composição para o hino de Jonas também. No entanto, qual é a função do salmo aqui (2: 2-9)? Qual é a situação da sua vida? Na sua localização atual, não se encaixa no quadro da narrativa. Não há menção ao peixe; a penitência não está incluída; a libertação já foi realizada; e as expressões parecem referir-se ao afogamento (por exemplo, 2: 5-6) em vez de ser engolido por um enorme peixe. Alguns autores sugeriram que este é um salmo culto tardio que talvez tenha sido inserido por "um editor que quisesse vivificar e ampliar a experiência de Jonah na barriga do peixe". No entanto, essa teoria não explica adequadamente o propósito ou o uso; e destrói a simetria literária e didática que o livro contém quando o salmo é visto como parte integrante do todo.

Antes de rejeitar o hino como uma parte básica do livro, pareceria sábio ver se ele faz parte do propósito do autor. Para entender melhor, é importante notar a solidariedade da unidade social em Israel.O indivíduo não é uma unidade isolada; Ele vive em constante reação aos outros. Consequentemente, a unidade social ou grupo parental é pensado

para ser um todo unificado ou psíquico. Neste relacionamento vital também é importante reconhecer, não só o valor de lamentos individuais e salmos de ação de graças, mas também a facilidade com que a expressão individual pode ser transferida para uso congregacional. O inverso é igualmente verdadeiro. Um hino escrito para a comunidade será basicamente interpretado através da experiência do indivíduo. Não é surpreendente ver o "eu" de muitos dos salmos considerados em termos da unidade coletiva.

Alguns autores, como Snaith e Smith (pp. 500, 514-15), interpretaram o salmo de Jonas como uma oração da nação. Embora exista um voto individual de sacrificar mais uma vez no santuário (2: 9), após a libertação da morte (por exemplo, 2: 6-7), as expressões de angústia e libertação são uma reminiscência da atividade passada de Deus na história de Israel (ver comentário em 2: 4). Era simples mudar de indivíduo para comunidade.

Este salmo é mais do que uma chance de inserção? Talvez uma análise interna ofereça alguma visão e indique sua importância. O salmo é dividido em duas divisões principais (2: 2-4, 5-7), e então tem uma breve estrofe de elogio (vv. 8-9). Ambas as principais divisões tratam o tema da angústia e da libertação e concluem com a expressão "seu templo sagrado". A "angústia" do hino é uma história passada e se encaixa na liturgia do povo-ação de ação-ação de louvor do Israel postexilico. Isso implica um relacionamento, pelo menos pelo culto da comunidade, no qual a situação de vida da angústia está relacionada à nação no exílio (ver Jer. 51:34 , 44). "Libertação" (2: 9) foi efetuado, e agora o salvo pode olhar novamente para "seu templo sagrado" (2: 4) , bem como adorar lá (2: 9). O segundo Templo foi terminado (516 AC), e provavelmente o autor do salmo de Jonah era um membro da comunidade pós-xilica e poderia, naturalmente, dirigir seu rosto para o Templo.

Qual é a função do salmo? O autor do livro (veja a discussão de "O Autor") provavelmente selecionou um hino do Templo existente usado na adoração e colocou-o no capítulo 2 seguinte v. 10 (veja o comentário sobre este versículo), tornando este o ponto crucial no transição didática da experiência de Jonah (indivíduo), o profeta do século VIII, para a da comunidade pós-xilica (ver discussão sobre "O Propósito"). O salmo parece ser mais vital para a narrativa do que simplesmente uma oração da barriga do peixe. Além disso, seu conteúdo e estrutura coincidem com a finalidade e "idade literária" do resto do livro.

Em resumo, o salmo implica uma data pós-xilica, ou seja, a angústia acabou (ver comentário 2: 2-9); também, a consideração gramatical do livro mais as implicações teológicas da dependência sugerem que o período pós-xilico é preferível à sua composição. Jesus Ben Sira em Eclesiástico (49:18; *ca.* 180 AC) inclui Jonas em sua lista dos doze profetas. Evidentemente, o livro deve ter sido completado bem antes de seu tempo ou teria encontrado seu caminho, como Daniel, no Hagiographa. À luz desses fatores, a situação histórica no tempo de Ezra e Neemias parece adequar-se melhor às condições inferidas e à situação da vida. Uma data aceitável para a composição literária do livro cairá no período geral de 450-400BC - talvez mais perto de 400.

II. A interpretação

Como o livro deve ser interpretado? Que tipo de literatura é essa? Em resposta, tem havido muitas sugestões ao longo dos anos. Para algumas pessoas é simplesmente uma testemunha ocular do que aconteceu com o profeta. É pensado por muitos que a referência de Jesus a Jonas apoia a interpretação literal. Por outro lado, muitos intérpretes sentem que Jesus naturalmente teria escolhido se comunicar com seus ouvintes em termos de suas tradições e conceitos sem entrar em questões envolvidas de interpretação ou sem pretender confirmar o literalismo da história.Seu propósito era ilustrar as verdades espirituais. De qualquer forma, uma interpretação do século VIII é satisfatória para muitas pessoas na medida em que se harmoniza com uma visão geral de que todos os eventos bíblicos são história literal. (A data tardia sugerida da composição não pretende desacreditar a historicidade do livro.)

Outros intérpretes consideraram a narrativa como uma fábula mitológica. Para eles, a indicação de um homem que foi engolido e entregue por um grande monstro marinho foi suficiente para sugerir um personagem lendário para o livro. No entanto, isso não encontrou aceitação generalizada. O autor não ultrapassa maravilhas consideradas credíveis pelos padrões hebraicos. Ao mesmo tempo, as diferenças entre Jonas e outras narrativas envolvendo grandes monstros do mar são muito visíveis. Aqui, o grande peixe é acessório ao propósito. Os hebreus acreditavam que Deus poderia e realizaria feitos extraordinários ou sobrenaturais para o seu povo. No entanto, no Antigo Testamento, essas manifestações permanecem dentro de limites que distinguem entre controle divino do universo e fábulas.

O livro também foi considerado como alegoria e parábola. Embora ambos tenham alguns aspectos atraentes para a interpretação, eles não possuem uma abordagem geral adequada para lidar com a narrativa. O conceito de alegoria torna-se cada vez mais arbitrário, à medida que são buscadas referências veladas à história de Israel, e a falta de consistência tende a produzir uma mistura de alegoria e parábola. Considerar o trabalho como uma parábola oferece dificuldades em que este método subjuga todos os detalhes ao tema principal do trabalho.

A narrativa aparentemente não pretende ser um simples documentário das aventuras de Jonas; nem parece ser uma alegoria, uma parábola ou uma exposição tipológica do destino de Israel ou do Messias. Parece melhor, portanto, considerá-lo como uma obra-prima religiosa consumada apresentando sua moral ao longo das linhas do que conhecemos hoje como uma história curta. Aparentemente, o período postexilico produziu pelo menos três dessas obras: Jonah, Ruth e Esther.

Conforme indicado anteriormente, o propósito didático foi primordial na apresentação. Aparentemente, o autor se referiu conscientemente às formas literárias existentes no desenvolvimento da narrativa e, como base, ele escolheu a figura histórica de um profeta nacionalista reconhecido, Jonas (2 Reis 14:25), sobre quem provavelmente existiu uma tradição oral adicional. Além disso, a literatura simbólica do Exílio serviu de fundo a partir do qual o público naturalmente entenderia a lição implícita (ver Ezequiel 37 , Jer. 51:34 , 44).

O desenvolvimento do estilo de "história curta" parece ter sido uma "contribuição não intencional dos autores judeus". Como Francisco observa: "Sua arte nunca foi consciente ... eles tinham uma história para contar e falou simplesmente e lindamente ".

Existem várias razões para selecionar este método de interpretação: (1) Conserva o uso do antigo testamento do histórico; (2) a estrutura simétrica e ordenada do trabalho indica um propósito didático; (3) subjuga tudo à ideia subjacente; (4) o início abrupto foi uma relação proposital com 2 Reis, enquanto a história da nação se mantém como um antecedente gramatical; (5) a ausência de moralização final deixa a verdade em julgamento auto-evidente (o final abrupto); (6) a omissão de detalhes não esenciales com inclusão ocasional de minúcias mostra o controle e a interpretação do autor por meio do estilo narrativo; (7) alguns caracteres são apresentados; (8) são feitos contrastes impressionantes, e a personalidade é desenvolvida através do diálogo, trama e tema.

Para concluir: será geralmente acordado que os intérpretes responsáveis reconheçam os sérios problemas inerentes aos detalhes do livro de Jonas, mas diferem amplamente em sua interpretação. O leitor se sentirá livre para adotar a visão que lhe proporciona a visão mais significativa da mensagem central do livro. Além disso, ele tem a responsabilidade de fazer exatamente isso. A posição adotada neste tratamento é que o estilo narrativo, bem como os argumentos já dados para uma data de composição muito mais tarde do que o século VIII, parecem exigir uma outra abordagem, proporcionando uma compreensão mais frutuosa do livro e da sua mensagem.

III. O autor

Se uma data aceitável para Jonah é perto de 400 AC e o livro é entendido como uma história curta, quem poderia ter escrito? Uma série de fatores sugerem pistas.

Os judeus da Babilônia desenvolveram uma forte desconfiança para os estrangeiros. Eles sentiram que os variados grupos nacionais na Palestina pós-xilica os impediram de restaurar uma comunidade verdadeiramente judaica (Ezra e Neemias). Por outro lado, a evidência indica que todos os principais judeus não foram levados a Babilônia após a queda de Jerusalém, pois alguns fiéis permaneceram na terra (ver Jeremias 40) ou fugiram para o Egito (Jer. 42). Evidentemente, a comunidade pós-exílica foi dividida teologicamente. A influência de Jeremias, bem como o amplo espírito humanitário de DeuteroIsaiah, contrastava com o nacionalismo mais exclusivo dos líderes oficiais. O escritor de Jonas compreendeu a percepção da preocupação de Deus por todas as pessoas.

Além disso, durante a restauração sob Zorobabel, tanto o profeta quanto o sacerdote reapareceram como membros do culto central que cooperavam na reconstrução do Templo. Infelizmente, a perda gradual de influência do profeta, iniciada durante o exílio, foi acentuada na Palestina pós-moderna quando a "era messiânica de ouro" não se materializou imediatamente (ver Ageu e Zacarias). Aparentemente, a ordem profética gradualmente se tornou subordinada à crescente escola sacerdotal e foi reduzida ao cargo de pessoal do Templo, principalmente responsável pelo lado musical do culto "combinando os papéis de instrumentistas e cantores".

O apoio à sugestão é encontrado na história reconstruída das Crônicas onde a forma verbal que significa profetizar é usada para denotar a função do cantor do Templo. Nesta luz, grande parte do elemento oráculo dos Salmos pode ser atribuído a este grupo. Ao mesmo tempo, isso explicaria a fonte do hino individual-comunidade (2: 2-9) encontrado no livro. Esta passagem serve uma função básica na composição e oferece um ponto de transição lógico para o desenvolvimento didático da narrativa.

Em resumo, parece que um remanescente piedoso da escola profética, que queria protestar contra o nacionalismo extremo do crescente poder sacerdotal, preparou Jonas, uma das últimas obras proféticas do Antigo Testamento.

IV. O objetivo

O exílio babilônico acentuou o antagonismo entre judeus e gentios. Enquanto isso, os líderes judeus oficiais olhavam cada vez mais para a lei e sua observância como o elemento essencial de sua experiência religiosa. Desenvolveu em Israel um senso de superioridade e exclusividade que levou a um particularismo egocêntrico que tendia a excluir todas as outras nações do círculo da misericórdia e cuidado de Deus. Felizmente, nem todos os judeus assumiram essa posição estreita e intransigente. Outros viram a grandeza do amor de Deus e, impulsionados por um ideal superior de relacionamento humano, viram-se como instrumentos de Deus para a salvação do mundo.

O livro de Jonas expõe o nacionalismo estreito e mostra o design redentor universal de Deus para toda a humanidade. Entre os verdadeiros adoradores, havia aqueles que entenderam que a nação não cumpriu sua missão e que Deus lhes estava dando outra chance de ser um verdadeiro reino de sacerdotes (Êx. 19: 5-6). Procuraram despertar a consciência nacional. Que melhor método poderia haver do que olhar para trás na história da nação para criar um campeão do nacionalismo judaico, cuja estreita exclusividade levou-o à tragédia pessoal e ao fracasso?

O livro de Jonas foi levado diante de Israel como um resumo da mensagem de seus maiores profetas para que ela pudesse entender o amor que abraçava o mundo de Deus.

Desta forma, a narrativa aborda a atitude abrangente e a mensagem do cristianismo.

V. Texto, Unidade e Canon

O texto de Jonas está em boas condições (ver Smith, p. 500). Embora tenha havido inúmeras emendas sugeridas destinadas a formar uma composição mais lógica, as questões de importância serão tratadas no tratamento do texto (ou seja, 2: 4 ;2: 6-7 ; ordem 2: 2-9 ; 3: 8 , etc.). Outras emendas sugeridas não parecem melhorar a interpretação e envolver um certo grau de subjetividade. Bewer reconhece "certas dificuldades no texto", mas sugere que "os remédios necessários são leves" (p.21). Smith observa que a Septuaginta exibe algumas traduções erradas e algumas leituras variantes (pp. 500-01). Poucas das variantes são de sérias conseqüências, no entanto, e aparentemente houve uma tradição comum subjacente aos dois textos.

A objeção mais séria à unidade, é apresentada pelo salmo encontrado em 2: 2-9 (ver discussão anterior sobre a data do livro e o comentário sobre o texto); no entanto, parece haver um terreno adequado para aceitar isso como parte da composição original contribuindo para o propósito didático do autor.

Como já observamos, Ecclesiasticus incluiu Jonas na lista dos profetas (*cerca de* 180 AC). Josefo reconheceu Jonas como parte integrante da Escritura judaica. Não há evidências de que o valor canônico do livro tenha sido questionado, como foi o caso de algumas outras obras do Antigo Testamento no sínodo de Jamnia. Uma vez que a composição literária parece ter estado no período postexilico, surge a questão, como

Jonas poderia entrar no cânone profético junto com Amós e Oséias? Como uma composição tardia pode ser tão prontamente aceita?

O livro provavelmente encontrou seu lugar no cânon por causa da lição profética que contém. Smith observa corretamente que era "a substância do livro" que justificava sua "aceitação entre os profetas" (p.448); e Bewer apoia essa visão dizendo que foi aceito "em virtude de seu ensino e de seu espírito, que são os dos maiores profetas" (p.11).

No que diz respeito à aceitação de uma composição tardia, talvez o autor tenha usado uma tradição oral disponível para complementar os fatos registrados em 2 Reis 14:25 . Se o livro fosse completamente de caráter fictício, provavelmente teria enfrentado um problema quase insuperável em sua aceitação e inclusão no cânone. Além disso, se não se baseasse em alguma premissa histórica, provavelmente teria sido amargamente opor pela escola sacerdotal cuja autoridade parece atacar. Além disso, uma avaliação de outras obras proféticas indica forças históricas no trabalho, tanto no homem quanto na mensagem. Jonah parece não ser uma exceção. O fato de aceitação pelo povo é um homenaje notável a um autor desconhecido que entendeu bem a missão de seu povo.

VI. Uso de Jonas por Jesus

O uso de Jonas por Jesus (Mt. 12: 38-42 ; 16: 4 ; Lucas 11: 29-32) foi apresentado frequentemente como uma consideração decisiva para a historicidade da conta e, conseqüentemente, como evidência para uma data do século VIII de composição. Sentiu-se que o uso de uma história imaginada como se fosse uma história padecesse a integridade de Jesus. No entanto, não parece provável que Jesus quis escrever uma questão de crítica bíblica.

Mesmo aceitando o relato histórico do livro como válido, em uma situação de ensino, um imaginário Jonas poderia ter sido um sinal tão adequado como seria um filho pródigo imaginário ou um bom samaritano. Muito provavelmente, o uso que o Senhor fez de Jonas era o de uma ilustração literária. Jesus tirou suas ilustrações da vida e da literatura religiosa, bem como da história real. Ele usou essas ilustrações para ensinar verdades espirituais, e ele não lidou com a questão da autoria ou namoro do Antigo Testamento. Ele revela a Deus em seu ativo, julgando e salvando ações. O "sinal" de Jonas (Lucas 11: 29-32) está relacionado ao arrependimento, ou seja, um aviso para se arrepender antes que a destruição venha. Além disso, nesse sentido, Jesus é um sinal para o povo de sua geração.

VII. As Ensinanças

Sobre Deus. (1) Deus é intensamente pessoal e, como tal, é vitalmente preocupado com o bem-estar de todos os homens em todos os lugares. (2) Deus é absolutamente justo em seu relacionamento com o homem, e o pecado não é tolerado em pagãos ou em seus servos. (3) Deus é gracioso, paciente e abundante em bondade amorosa. (4) Deus é onipotente e, como tal, é Senhor da história, bem como da criação. (5) Deus é omnisciente e universal.

Sobre o homem. (1) O homem é finito e não pode escapar da presença divina. A obediência à vontade de Deus é essencial para o bem-estar do homem e da

sociedade. (2) Todos os homens são capazes de receber e responder aos estímulos divinos. (3) Existe um parentesco natural essencial de todos os homens. (4) O verdadeiro arrependimento é uma mudança do mal na fé em relação a Deus. As catástrofes podem ser evitadas pelo arrependimento. (5) Os valores temporais do homem podem estar em contraste com os valores eternos de Deus.

Sobre a Profecia. A profecia comporta uma condição inerente, expressa ou não. O elemento condicional depende sempre da futura resposta do homem.

Sobre a Responsabilidade Missionária. Existe uma responsabilidade missionária irrevogável para os eleitos de Deus. Salvação, convênio e missão estão propositadamente inter-relacionados.

Sobre a oração. Existe uma eficácia na oração: a oração sincera da penitência é ouvida, assim como a provocada pelo sofrimento e pelo medo.

Esboço

I. O profeta rebelde e seu castigo (1: 1-16)
   1. A rebelião (1: 1-3)
      1. A comissão (1: 1-2)
      2. O voo (1: 3)
   2. O castigo (1: 4-16)
      1. A tempestade (1: 4-6)
      2. O julgamento (1: 7-9)
      3. A sentença (1: 10-14)
      4. Punição e admiração (1: 15-16)

II. O profeta reprimido e a oração (1: 17-2: 10)
   1. O adiamento (1: 17-2: 1 , 10)
      1. O profeta foi engolido (1:17)
      2. O profeta em oração (2: 1)
      3. O profeta entregue (2:10)
   2. A oração de ação de graças (2: 2-9)
      1. A angústia e libertação (2: 2-4)
      2. A necessidade e a libertação (2: 5-7)
      3. O louvor para a libertação (2: 8-9)

III. O profeta obediente e os resultados de sua pregação (3: 1-10)
   1. O profeta obediente (3: 1-4)
   2. Os resultados de sua pregação (3: 5-10)

1. A resposta das pessoas (3: 5)
2. A resposta do rei (3: 6-9)
3. A resposta de Deus (3:10)

IV. O profeta resentido e a repreensão de sua estreiteza (4: 1-11)

1. O profeta ressentido (4: 1-4)
2. A repreensão por sua estreiteza (4: 5-11)
    1. O profeta aguarda a destruição da cidade (4: 5)
    2. A repreensão preparada (4: 6-8)
    3. A repreensão aplicada (4: 9-11)

Bibliografia selecionada

AALDERS, G. CH. *O Problema do Livro de Jonas.* Londres: The Tyndale Press, 1948.

BEWER, JULIUS A. *Um comentário crítico e exegético sobre Jonas.* ("The International Critical Commentary Series"). Terceira edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1951.

DRIVER, SR *Uma Introdução à Literatura do Antigo Testamento.* Reimpressão da nona edição. Edimburgo: T. & T. Clark, 1950.

FORCE, MAYNARD A. *Jonah Speaks.* Minneapolis: The Lutheran Bible Institute, 1950.

KENNEDY, JAMES HARDEE. *Estudos no Livro de Jonas.* Nashville: Broadman Press, 1956.

KNIGHT, GEORGE AF *Ruth e Jonah.* (The Torch Commentary Series.) Londres: SCM Press, 1950.

MYERS, JACOB M. *Rosea Joel Amós Obadias Jonah.* ("The Layman's Bible Commentary"). Richmond: John Knox Press, 1960.

PEROWNE, TT *Obadias end Jonah.* ("The Cambridge Bible for Schools and Colleges".) Cambridge: The University Press, 1887.

SMART, JAMES D. "O Livro de Jonas," *A Bíblia do Intérprete,* VI. Nova York: Abingdon Press, 1956.

SMITH, GEORGE ADAM. *O Livro dos Doze Profetas.* Edição nova e revista. Vol. II. Nova Iorque: Doubleday, Doran and Co. Inc., 1929.

YOUNG, EDWARD J. *Uma introdução ao Antigo Testamento.* Grand Rapids: Wm. B. Eerd-mans Publishing Company, 1956.

Comentário sobre o texto

I. O Rebelde Profeta e Seu Castigo (1: 1-16)

1. A Rebelião (1: 1-3)

[1] Ora, a palavra do SENHOR veio a Jonas, filho de Amittai, dizendo: [2] Levanta-te, vai a Nine-veh, essa grande cidade, e chora contra ela; porque a sua maldade surgiu antes de mim. " [3] Mas Jonas levantou-se para fugir para Tarsis da presença do SENHOR . Ele foi até Joppa e encontrou um navio indo para Tarsis; então ele pagou a tarifa, e foi a bordo, para ir com eles para Tarsis, longe da presença do SENHOR .

(1) A Comissão (1: 1-2)

O livro começa com Agora, como se fosse uma continuação de um ciclo de histórias e, assim, dê uma indicação do caráter excepcional da narrativa. Evidentemente, o autor estava preparando seu público para uma interpretação de maior alcance do que simplesmente atende o olho. Não há necessidade de concluir que este é um fragmento de um trabalho maior. Em vez disso, o autor aparentemente se refere à atividade passada (história) de Deus com seu povo, apela a uma personalidade anterior do profeta (2 Reis 14: 24-25) e utiliza uma forma gramatical popular entre ex-historiadores judeus historiadores. A construção foi gradualmente abandonada em Israel posterior.

A palavra do Senhor *é* uma linguagem profética habitual. Pode implicar um discurso ou discurso ou "a soma daquilo que é falado". Além disso, como expressão da comunicação divina ao homem, a palavra pode representar uma ação ou evento. Um aspecto da função profética foi "a libertação de uma palavra de Deus, que se torna objetivamente poderosa, muito além do alcance pessoal da atividade do profeta". Na verdade, a palavra entrou então em sua própria história independente, como uma realidade ativa no total Experiência dos profetas. Eles começaram a conhecer os sentimentos de Deus e tiveram suas reações contra os pecados dos homens. "Assim", a palavra se tornou carne, "carne em Amós, carne em Isaías, carne em Jeremias, carimbada com sua natureza e situação individual humana, e ainda a palavra de Deus".

Em Jeremias, a palavra foi considerada um poder como o do fogo (5:14) ou um martelo (23:29). Em Isaías, foi pensado para ser permanente (40: 8) e realizaria o que o Senhor desejou (55:11); Foi criativo e passou a ser considerado um agente ativo semelhante ao anjo ou ao rosto de Javé.

O livro começa com a atividade divina como Deus inicia o processo comunicativo. Ao mesmo tempo, o homem, como se vê em Jonas, é capaz de receber inteligentemente e seguir moralmente a revelação divina. Na narrativa, no entanto, não há indicação do método usado na revelação da palavra; obviamente, a palavra atingiu o objetivo pretendido.

Jonas, filho de Amittai, que foi considerado um verdadeiro e bem sucedido profeta (2 Reis 14 : 2), foi o destinatário da comunicação divina. Embora não se saiba nada sobre o pai, Amittai (verdade), a expressão gramatical implica uma personagem real e não um conceito alegórico. Jonah (pomba) no contexto total tem um significado mais profundo do que o simples nome pessoal do principal personagem histórico do livro. A pomba (Jonas) veio a ser identificada com Israel em sua missão; Jonah (a pomba) não aceitou voluntariamente sua missão no mundo. O drama do homem tem um paralelo trágico na história da nação.

Além do livro de Jonas e a referência em 2 Reis 14:25 , nada mais é conhecido do profeta; seu período histórico coincide com o reinado bem sucedido de Jeroboão II (786-746 AC)

Após a comissão do profeta, a natureza do ministério é definida. Levantar e ir são imperativos cuja combinação significa interjecção. O profeta serviria como o porta-voz de Yahweh em Nínive, a grande metrópole assíria. A primeira menção bíblica da cidade é encontrada em Gênesis 10:11 . Estava localizado na margem leste do rio Tigris em frente ao que agora é conhecido como Mosul. O período da sua maior glória veio no reinado de Senaquerib (705-681 AC), que foi mais tarde do que o profeta Jonas. A cidade foi destruída cerca de 612 AC logo após o zênite de sua expansão territorial sob Ashurbanipal (D. 626 AC). O site atual é composto por dois grandes montes, Kuyunik e Nebi Yunus, com um complexo de ruínas em uma circunferência bastante pequena. O autor indica que foi uma grande cidade, tanto em tamanho como em importância (ver 3: 3).

O profeta foi ordenado a *chorar* contra a cidade, o que significa proclamar ou recitar a mensagem de Deus. A tarefa seria difícil porque ele deveria entregar uma mensagem de condenação contra um povo estrangeiro em sua terra natal. Ele enfrentaria a barreira do idioma, bem como o possível perigo físico para sua própria pessoa. Na verdade, o autor mostra que estas são considerações menores (ver Jonas 3) como contra a falta de vontade do profeta de conceder a graça de Deus (4: 2) a outras pessoas além da sua.

O motivo da comissão segue: porque a sua maldade surgiu antes de mim. O mal passado havia atraído a atenção de Deus e seu efeito continuou no contexto temporal da narrativa. A sua maldade é uma expressão geral do erro, em vez de uma indicação específica de qualquer pecado particular. No entanto, de muitas fontes, as crueldades da Assíria são bem conhecidas (cf. Nah. 2: 11-12 ; 3: 1 s.). Com esta observação, o autor afirma claramente que Yahweh não era uma deidade local ou puramente nacional. Ele era o Senhor de toda a terra e castigou o mal onde quer que fosse encontrado (Amós 1-2).

(2) O vôo (1: 3)

O autor se move rapidamente para a reação de Jonas. A revelação de sua tensão interna é registrada mais tarde (4: 2); No entanto, aqui uma série de eventos piscar de repente na tela. Os detalhes minuciosos são omitidos e o leitor é varrido graficamente enquanto o fugitivo é atraído para dentro de uma tempestade furiosa de proporções terríveis. Jonah surgiu com a intenção de fugir para Tarsis. Ele procurou escapar da presença do Senhor. No entanto, havia outros planos para o servo recalcitrante.

Por que Jonas tentou escapar da presença de Deus? O que significa aqui? Parece improvável que Jonas tenha representado um conceito localizado de Deus como acreditado em alguns círculos em seu tempo (ver 1 Reis 20:23). Poucos anos depois, no mesmo período geral, o poder universal de Yahweh foi claramente expresso por Amós (760 AC , ver capítulo 9). Também não parece ter medo pessoal dos assírios ferozes, pois Jonas demonstrou coragem em uma crise (1: 9 , 12). Pelo contrário, parece ser o seu conhecimento da natureza de seu Deus que produziu o seu voo. Kennedy sugere que foi uma intensa luta psicológica e moral que provocou sua ação (p. 13). Sem dúvida, foi profundamente assentado, pois resultou em rebelião aberta e uma viagem oceânica para

um profeta hebreu. Basicamente ele não estava disposto a ver os ninivitas se arrependerem e assim evitar o julgamento iminente. Embora ele soubesse que era impossível escapar do poder de seu Deus, ele queria se ausentar do lugar específico onde ele havia recebido sua comissão para que não fosse repetido em termos ainda mais enfáticos. Ele desejava viajar o mais longe possível do santuário de seu deus, e, de forma correspondente, ele começou a caminhada para o oeste, que era de fato a direção oposta da cidade de Nínive. Em vez de ser um participante humano construtivo no propósito divino, Jonah procurou evitar suas responsabilidades. Com efeito, o voo foi uma tentativa de renunciar à sua comissão como porta-voz de Deus.

A identificação tradicional de Tarsis como uma cidade fenícia no sul da Espanha precisa ser reconsiderada. Albright sugere, a partir de inscrições encontradas na primeira metade do século IX AC na Sardenha, que o nome significa refinaria ou fundição. Consequentemente, "Tarshish" (fundição) aparentemente era o nome usado para certas colônias dos fenícios. Isso significaria que Jonas tomou uma da "frota de Tarsis" (ver 1 Reis 10:22 ; Salmos 48: 7 , Ez. 27:25 , etc.) de barcos projetados para transportar o metal fundido, com talvez a Sardenha como o destino pretendido. Em outra abordagem, Snaith sugeriu que a Társis significa "para o oeste mais distante" ou para o fim do mundo.Gordon acrescenta que se refere a "uma porta distante, às vezes idealizada, que não pode ser identificada com nenhum local. . . Na literatura e nas lendas populares, tornou-se um paraíso distante ".

Qualquer sugestão indica que Jonas procurou ir o mais longe possível da presença de seu deus, e Tarsis era o porto mais distante disponível. Conseqüentemente, ele foi ao porto marítimo de Jerusalém, Joppa, o Jaffa moderno, que agora faz parte de Tel Aviv. Joppa era uma cidade antiga, agora conhecida das inscrições egípcias e assírias, bem como das cartas de Amarna (ver 1 Rei 5: 9 ; 2 Crônicas 2:16 ; Ezra 3: 7 ; 1 Macc 10:76 , *ca.* 148 AC). Embora fosse o melhor porto na Palestina até Herodes construir a Cesaréia, era muito inseguro e oferecia pouca proteção contra os ventos ou mares.

Jonas encontrou um navio indo a Tarsis. Ele pagou a tarifa e foi a bordo. O texto Masoretic lê que ele pagou "sua" tarifa que se refere ao navio. Conseqüentemente, os comentaristas judeus interpretaram que ele pagou "seu preço" e concluiu que Jonah deve ter sido um homem extremamente rico porque comprou o navio inteiro. A Septuaginta afirma que ele pagou "sua" tarifa, provavelmente a interpretação correta.

2. O Castigo (1: 4-16)

(1) A Tempestade (1: 4-6)

4 Mas o SENHOR lançou um grande vento sobre o mar, e houve uma tempestade poderosa no mar, de modo que o navio ameaçou romper. 5 Então os marinheiros tiveram medo, e cada um gritou para o deus; e jogaram as mercadorias que estavam no navio no mar, para iluminá-las por elas. Mas Jonas entrou na parte interna do navio e desceu, e ficou profundamente adormecido. 6 Então o capitão veio e disse-lhe: "O que você quer dizer, dorminhoco? Levante-se, invoque seu deus! Talvez o deus nos faça pensar, que não perecemos ".

Existe uma variação agora na ordem das palavras normal no texto Masoretic. O assunto que normalmente segue o verbo é colocado primeiro na frase para a ênfase. O profeta tomou sua decisão, e agora a cena muda bruscamente para o lado da atividade divina, quando Deus faz um movimento contrário. Mas o Senhor, por sua vez, lançou um grande vento para combater o progresso do profeta rebelde. O palco está agora configurado para uma nova série de ações consecutivas.

A tempestade começa com uma descrição do vento (*ruach* , respiração ou espírito), que em si reporta a agitação a Deus. O vento é seu agente, não um poder independente (Salmos 104: 4 ; 135: 7). A tempestade de expressão subsequente (*sa'ar*), é onomatopoética, insinuando o som do vento enquanto ele grita pelo equipamento do navio. Novamente, a ordem das palavras normal é alterada e, graficamente, o navio é visto lutando sob o peso da tempestade. Literalmente, "o navio certamente pensou que isso resultaria em quebrar", ou seja, ameaçou romper (ver 1 Reis 22:48 ; Atos 27:41).

Os marinheiros não ficariam rapidamente assustados com uma tempestade comum; No entanto, a tempestade desceu com tanta fúria que os "sais antigos" imediatamente temiam. Para os leitores, eles seriam pagãos, provavelmente fenícios. Cada um clamou a seu deus, pois eles pensavam que, em tal situação, o deus ofendido deve ser aplacado. A próxima ação é exibida rapidamente à medida que os homens começam a jogar à margem da carga, combinando esforço pessoal prático com a oração. As mercadorias ou utensílios significar “tudo terminado, feito ou produzido.” O propósito era *para* iluminar o navio para que ele iria cavalgar as ondas mais prontamente e responder mais rapidamente ao movimento do leme e remos.

Mais uma vez, a seqüência consecutiva de ação está abruptamente quebrada: Mas Jonah havia descido abaixo. Sua ação era diferente da do resto a bordo e algumas explicações eram necessárias. O seu parece ser uma ação anterior ao contexto do tempo imediato; Jonah estava abaixo quando a tempestade quebrou. Ao prosseguir, ele estava deitado e estava profundamente adormecido. Este é um sono pesado, quase hipnótico, o que sugere a presença da deidade, ou o efeito do temor e do medo (Dan 8:18 ; 10: 9). Jonah estava fisicamente e emocionalmente exausto de sua jornada, pois não poderia contrariar a vontade expressa de Yahweh com impunidade emocional. Novamente, a conduta dos marinheiros é colocada em um contraste favorável com o do profeta de Deus.

O capitão, ou o chefe dos marinheiros, se aproxima e repreende severamente o profeta. O mestre do navio está totalmente espantado ao encontrá-lo no sono profundo, especialmente porque Jonas tinha dito aos marinheiros que ele estava fugindo de seu deus (ver 1:10). A forma dorminhoca é melhor entendida como tendo a idéia principal da frase em vez do vocativo, ou "O que você quer dizer dormir?"

Pela segunda vez no capítulo (ver 1: 2), Jonah foi ordenado a surgir, mas agora em circunstâncias diferentes. Desta vez, ele deveria ligar (chorar) pela libertação junto com a da tripulação. O capitão não queria ignorar qualquer deus possivelmente ofendido. Na situação dramática, o autor dirige o absurdo do politeísmo pagão (ver Isa. 40: 18). No entanto, a mensagem é clara: todos os homens buscam a luz do Deus verdadeiro, mesmo aqueles na escuridão da ignorância. Aqui, o contraste é acentuado, pois o destinatário da verdade universal permaneceu no estupor do sono enquanto os pagãos trabalhavam febril e desesperadamente pela salvação.

Acrescentado à figura é a situação irônica de um "marinheiro pagão" que suplica com um profeta hebreu para rezar ao seu deus. O incrédulo vê claramente o perigo e desperta o crente do sono da falsa segurança. A forma talvez geralmente expressa uma esperança. O deus não é uma referência ao conceito monoteísta do único Deus verdadeiro, mas sim a esperança de que o "deus" responsável por uma tempestade tão severa possa ser contatado. Dá um pensamento é que um aramaico definido é encontrado aqui e na seção aramaica de Daniel (6: 4). Grammaticamente, a frase que não perecemos implica que "não continuamos perecendo", aparentemente, a mão da morte já colocou seu controle sobre o navio e seus ocupantes.

O autor não indica se o profeta orou ou não em resposta ao comando. Na narrativa rápida, os detalhes minuciosos eram de pouca importância. O contexto implica que Jonah simplesmente seguiu o capitão para o convés superior, onde os acontecimentos subseqüentes do capítulo 1 são transparentes.

(2) O julgamento (1: 7-9)

7 E disseram uns aos outros: "Venha, lançemos muitas coisas, para que possamos saber em quem conta este mal veio sobre nós". Então, eles lançaram muitas coisas, e o lote caiu sobre Jonas. 8 Então disseram-lhe: "Diga-nos, por quem esse mal veio sobre nós? Qual é a tua ocupação? E de onde você vem? Qual é o seu país? E de que povo é você? " 9 E ele disse-lhes:" Eu sou um hebreu; E temo ao SENHOR , Deus dos céus, que fez o mar e a terra seca ".

A narrativa move-se rapidamente revelando as emoções dos marinheiros como cada homem, buscando um altivez da morte, falou com o companheiro. Os homens também pensavam que sua salvação era encontrar o indivíduo responsável por incorrer na ira de alguma divindade. A opinião geral era que o elenco de um lote poderia indicar a pessoa. No entanto, eles não estavam absolutamente certos do resultado, e um subjuntivo é usado, para que possamos saber. O elenco de lotes foi usado como um meio de chegar a uma série de decisões em Israel, bem como por seus vizinhos pagãos (Ezequiel 21:21 ; Provérbios 18:18 ; Núm. 26: 55-56 ; Josh 7:14 ; 1 Sam. 10: 20-21 ; Atos 1:26).

Os lotes eram provavelmente pedras ou flechas inúteis de cores diferentes, uma das quais indicaria a afirmativa e a outra negativa. Os marinheiros sentiram que talvez um julgamento por sorte indicasse o responsável pela tempestade, então eles procederam a lançar muitas (plural), e (singular) caiu sobre Jonas.

Após o julgamento pelo lote, um teste por questão segue rapidamente. Os marinheiros queriam testar a validade do lote por uma confissão ou rejeição pessoal pelo acusado. O autor mostra que os pagãos tinham uma nobreza de espírito exibida por justiça e capacidade de resposta judicial, apesar da opinião contrária de Israel. Eles não estavam dispostos a condenar Jonah sem dar-lhe a oportunidade de se defender. Jonas, no entanto, não mostrou o mesmo espírito em relação aos ninivitas.

É claro que os marinheiros eram extremamente cautelosos e atingiram a tempestade e o homem. No texto em hebraico, o pedido é acompanhado por duas formas gramaticais

que suavizam a demanda: (Por favor) diga-nos (rezamos) em cuja conta. . . . O julgamento prossegue com cinco perguntas rápidas e pertinentes: "Em quem conta esse problema é sobre nós?" "O que é seu negócio?" (Isto é, aqui neste navio em vez de sua ocupação). "De onde você veio?" (Sua casa poderia estar sob uma maldição divina). "Qual é o seu país?" "Qual a sua nacionalidade?" A resposta a essas perguntas esclareceria a decisão do lote.

Jonah responde a última pergunta primeiro: sou um hebraico. A emergência trouxe algumas de suas qualidades mais nobres, embora ainda não quisesse entregar todos os seus preconceitos (ver cap. 4). A palavra hebraico é colocada na posição enfática e é o termo pelo qual os israelitas eram conhecidos por estrangeiros. Este não é o nome nacional da honra pelo qual eles se chamaram, os "filhos de Israel". O termo é basicamente encontrado nas narrativas do período mais antigo em que é usado por estrangeiros referentes a Israel (ver Gn 14:13 ; 41:12 ; 43:32 ; 1 Sm 4: 6.) e por israelitas fazer um contraste nacional com estrangeiros (cf. Gen. 40:15 ; Ex 03:18. ;Jer. 34: 9 , 14).

O uso precoce também aparece de Mitanni, na Ásia Menor, para o Egito como apelante, ou seja, "quem atravessa" ou um nômade. Provavelmente relacionou-se com o *habiruor* Akkadiano "aquele que cruzou (a fronteira)", ou seja, o estrangeiro. Com a passagem do tempo, o termo se desenvolveu gradualmente como o nome étnico específico de um povo conhecido como Hebreus. A aparência da expressão arcaica identificou a narrativa mais adequadamente com o passado e desenhou o elemento nacionalista de Israel mais intimamente na teia do pensamento do autor pós-exilic do livro.

Seguindo a identificação nacional, o credo religioso de Jonas aparece: e temo ao Senhor. Em sua mente, os dois foram juntos e, com essas duas definições básicas, ele responde as perguntas dos marinheiros, embora ele continue seu testemunho de fé especificando quem é o Senhor (ver 1:10 , antes lhe havia dito o motivo da sua viagem). Mais uma vez, a ordem das palavras é mudada, chamando a atenção para o Senhor, o Deus dos céus. Esta expressão foi freqüentemente usada por autores pós-plasticos (cf. Ezra, Neh., Dan., 2 Cron. 36:23 ; Salmo 136: 26).

Temo ao Senhor (lido, "eu sou um temor de Javé") demonstra que, em vôo, o profeta não abandonou completamente sua fé, pois a força do testemunho implica uma ação contínua de temer. Jonas, no meio da crise, tornou-se o missionário de Yahweh para os pagãos apesar de si mesmo. O testemunho mostra a superioridade absoluta de seu Deus que fez o mar e a terra seca. As religiões da natureza localizada dos pagãos não ficariam diante do poder universal demonstrado de Yahweh.

(3) A Sentença (1: 10-14)

10 Então os homens tiveram muito medo e disseram-lhe: "O que é isso que você fez?" Porque os homens sabiam que ele estava fugindo da presença do Senhor, porque ele havia contado a eles. 11 Então disseram-lhe: "O que devemos fazer para você, para que o mar se acalme caia por nós?" Porque o mar tornou-se cada vez mais tempestuoso. 12 Ele disse-lhes: Levanta-me e joga-me no mar; então o mar vai se

acalmar por você; pois eu sei que é por causa de mim que esta grande tempestade veio sobre você " .13 No entanto, os homens recuaram para levar o navio de volta à terra, mas não podiam, pois o mar crescia cada vez mais contra eles. 14 Por isso clamaram ao SENHOR : "Nós te imploramos, óSENHOR , não perecemos pela vida deste homem, e não nos ponha sangue inocente; porque tu, SENHOR , fizeste o que lhe agradou.

Os marinheiros a princípio temiam a tempestade; agora Yahweh é adicionado como um objeto de medo. Os marinheiros são chamados de homens, enfatizando a idéia de fraqueza ou doença. Graficamente, o profeta e os marinheiros são reduzidos ao elemento de sua humanidade e fragilidade comuns. Eles são igualmente indefesos, e seu parentesco, bem como a dependência mútua do Deus verdadeiro, são colocados em foco. Aparece no texto uma forte expressão verbal de medo - "eles temiam com um grande medo" - eles tinham muito medo.

Os homens aterrorizados reagiram à total insensatez da tentativa de Jonas de fugir de um Deus como o Senhor: "O que é isso que você fez!" Ao invés de um inquérito, é uma reação: a desobediência ao Criador Todo-Poderoso é uma ofensa impensável! Pois os homens sabiam (sabia) que ele estava fugindo. . . porque ele havia contado a eles. Poucos detalhes explicativos foram dados. O versículo 10b é um flashback e exige uma reconstrução mental rápida de eventos. Jonah respondeu algumas perguntas antes de assegurar a passagem no navio. Em primeiro lugar, os marinheiros descartaram o "motivo religioso" da viagem; No entanto, com a tempestade, o lote e o interrogatório posterior, eles finalmente acreditavam que Jonah era responsável e sua ação era mais incrível.

À medida que a tempestade se tornava cada vez mais tempestuosa, os marinheiros pensavam que Javé exigia a rendição de Jonas (ver 2 Reis 17: 25-27); No entanto, uma vez que não tinham certeza, eles perguntaram ao profeta: "O que devemos fazer com você, para que o mar se acalme caia por nós?"

Em face da crise, Jonah mostrou um lado mais nobre do seu personagem. Sua desobediência tinha ameaçado a vida de homens inocentes, e seu senso de justiça exigia que ele aceitasse seu próprio castigo. Ele ordenou que ele fosse jogado ao mar. No entanto, esta ação não representa uma mudança na sua compaixão pelos pagãos (ver 4: 1-3). Ele ainda não queria que a misericórdia de Deus fosse oferecida aos ninivitas; no entanto, ele estava ciente do perigo para os marinheiros (v. 12) e que seu sacrifício era provavelmente a única esperança para sua sobrevivência. Em tudo, ele manteve o espírito do rebelde e "queria a fuga moral e o silêncio da morte" (Kennedy, página 32). Era a voz de sua consciência, não a compaixão, que falava.

Mais uma vez, a ação consecutiva é quebrada e uma probabilidade injetada. Ele sabia que ele era a causa da tribulação; No entanto, ele sentiu que talvez seu sacrifício acalmecesse o mar. A tradução, "e o mar" pode "cessar de você", é preferível diminuir (v. 12b). Ele sabia que Deus havia começado a tempestade e poderia acabar quando desejava.

Após a resposta do profeta, os marinheiros fizeram o último esforço para voltar para a terra (v. 13): os homens remaram com força (aceso "cavado" na água). No entanto, eles não conseguiram avançar contra o vento e ondas cada vez maiores. Era evidente que Yahweh não estava satisfeito com seu plano. O sacrifício de Jonas era inevitável, mas antes do ato, os marinheiros gritaram ao Senhor, pedindo que não fossem culpados pela morte do profeta. O medo e o espanto dos homens é novamente enfatizado no texto hebraico por um duplo uso de partículas de súplica: Nós te suplicamos, ó Senhor, (por favor) não perecemos para a vida deste homem.

Eles pedem que Deus não coloque no sangue inocente, ou seja, que sua ação não seja considerada assassinato intencional. A inocência não se refere a Jonas, que havia sido identificado como culpado e reconheceu seu pecado. O profeta não tinha feito nada para merecer a morte nas mãos dos marinheiros, e como o caso era de Javé, eles não queriam ser vítimas depois de divino desagrado (ver Deuteronômio 21: 8). Na psicologia hebraica, o sangue é equivalente à vida. O derramamento de sangue envolve alguma forma de retaliação.

A oração dos marinheiros termina com o reconhecimento do poder absoluto de Javé, "porque Tu, ó Senhor, fizeste o que lhe agradou". Aqui a verdade é levada para casa: os gentios, mesmo os marinheiros pagãos, estão abertos ao poder e à persuasão de Javé Os pagãos podem orar a Deus e serem ouvidos a despeito da opinião de Israel, os pagãos são capazes de se voltarem positivamente para Deus, enquanto Israel se desvia da idolatria, e os marinheiros pagãos salvariam a vida do profeta do Senhor, enquanto Jerusalém, a favorita mataria e arrasou os que foram enviados para ela (Mateus 23:37), os marinheiros salvariam um homem, enquanto o emissário de Deus acharia prazer na destruição de uma cidade inteira (4:11). Curiosamente, os marinheiros pagãos se tornaram agentes que ajudaram a realizar a vontade de Javé, para que outros não crentes (Nínive) possam receber a palavra redentora de Deus (Isaías 45: 1, onde Cyrus é usado como instrumento redentor).

(4) Punição e Impolo (1: 15-16)

15 Então tomaram Jonas e o jogaram no mar; e o mar cessou de raiva. 16 Então os homens temeram muito o SENHOR , e ofereceram sacrifício ao SENHOR e fizeram votos.

O movimento em estilo, ritmo e pensamento se acumulou em crescendo até este momento climático. Jonah é jogado no mar e, abruptamente, a orquestra completa do som literário cessa. A tempestade diminui, e a melodia silenciosa do reverente temor e respeito pelo Yahweh segue.

Os marinheiros reconheceram o Senhor como objeto de seu medo, pois ele demonstrou seu poder soberano sobre os homens e a natureza. Com admiração e temor, eles temeram muito o Senhor, pois eles também eram capazes de reconhecer e confessar que o Deus de Israel era todo-poderoso e universal. Eles também tiveram acesso a ele através da fé e podiam adorá-lo.

Os marinheiros honraram seu medo oferecendo um sacrifício e fazendo votos. Nenhuma tentativa é feita para explicar a origem do sacrifício ou o tipo de votos. Esses elementos

não são essenciais para o propósito da narrativa. É claro, no entanto, que a verdadeira adoração não estava exclusivamente relacionada a um povo particular (Israel) nem a um lugar particular (Jerusalém, ver Salmos 51:17). O primeiro movimento termina com a mensagem clara de que os pagãos podem ser conduzidos à oração, temor ao Senhor, e assim se tornam adoradores de Javé. A reticência e o pecado dos eleitos de Deus, Jonas e Israel, para reconhecer sua missão divina os trouxeram para a tragédia. Os marinheiros que cumpriram seu propósito desapareceram da consideração na narrativa.

II. O profeta reprimido e a oração (1: 17-2: 10)

1. O Reprieve (1: 17-2: 1 , 10)

(1) O Profeta Engolido (1:17)

17 E o SENHOR nomeou um grande peixe para engolir a Jonas; e Jonas estava na barriga dos peixes três dias e três noites.

A cena novamente muda para o lado da atividade divina. O Senhor nomeou ou selecionou um grande peixe para engolir Jonas. Quatro vezes o nome do verbo é encontrado no livro (v. 17 ; 4: 6, 7, 8), e em cada ocasião, o Senhor é o assunto. Assim, o peixe não era uma criação especial. Deus selecionou ou atribuiu a tarefa a uma criatura do mar existente. O grande peixe é a expressão usada para descrever o monstro marinho. A Septuaginta traduz a palavra como um enorme peixe, ou baleia, e é seguido por Mateus 12:40 .

Estes poucos versículos (1: 17-2: 1 , 10) têm sido objecto de um estudo muito crítico. No entanto, não foi o propósito do autor definir a criatura do mar ou antecipar a descrição científica moderna. Atrás do século ovo, Jonas está de acordo com Israel. O aparelho literário rico em metáforas e imagens poéticas indica o propósito mais amplo do autor, e as alusões foram evidentes para o público-alvo. O relacionamento com uma das profecias de Jeremias era claro: Israel, engolido por Babilônia, seria entregue (Jeremias 51:34 , 44). Em nenhum dos casos, o autor teve dúvidas sobre a capacidade de Deus de usar sua criação para realizar sua vontade, mesmo para preservar maravilhosamente a vida de Jonas ou a nação nas situações mais incomuns. O Deus da história controla a natureza tanto quanto o homem. Ele reage ao pecado (Nínive) e à desobediência (Jonas); ele está trabalhando ativamente em seu propósito redentor entre homens e nações.

Deus ordenou ao monstro do mar que engolisse o profeta, e ele permaneceu dentro da criatura três dias e três noites. Com esta ação, um duplo propósito foi realizado; A libertação do afogamento foi efetuada e uma medida corretiva parcial foi aplicada ao profeta rebelde. Pelo menos, Jonas obedeceu a Deus quando a comissão foi repetida, embora ele não tenha aceitado neste momento a lição vital da universalidade do amor de Deus. O verbo de engolir significa engolfar ou sobrecarregar. É usado tanto literal como figurativamente (ver Jó 20:15) e parece servir ambas as funções aqui na implicação didática para o Israel pós-xilico.

A experiência incomum de Jonah não apresentou nenhum problema de fé na comunidade judaica. Na verdade, este é apenas um detalhe menor no desenvolvimento da mensagem. No entanto, foram feitas muitas tentativas para explicar esses

versículos. Infelizmente, esta é a parte mais conhecida do livro, e muitas opiniões foram apresentadas para e contra a sua credibilidade. No entanto, que Jonah foi engolido é apenas um aspecto milagroso de muitos encontrados no livro (ver a preservação da vida três dias e noites no peixe, 1:17 ; o arrependimento maravilhoso de Nínive, 3: 5 , 10 ; a planta , 4: 6 ; natureza intimamente submetido a finalidade divina, 1: 4 ; 4: 7-8).

Não há dúvidas quanto à capacidade de grandes monstros do mar para engolir objetos do tamanho de um homem. O milagre reside na preservação da vida "três dias e três noites". As explicações sobre como isso pode ser racionalmente aceito são supérfluas e além do ponto. Como Francisco observa: ". . . Se o Deus de Deus é suficientemente grande, os elementos milagrosos não são perturbadores, mesmo para a mente moderna ".

Além disso, pareceria imprudente aceitar uma abordagem didática da interpretação do livro simplesmente por objeções ao milagroso. Sem dúvida, é um livro incomum e, embora seja impossível desentornar absolutamente os limites subjacentes da tradição oral histórica do propósito didático da narrativa, o milagroso não é impossível, impróprio, nem inconsistente com a finalidade do autor.

Muitos cristãos devotos sentem que a narrativa não deveria ser tomada literalmente. Alguns consideram consistente com a literatura folclórica popular do período. Myers escreve que "é o caminho do autor fazer com que o profeta volte o mais rápido possível às suas tarefas" (p. 168).

Para outros, os escritos bíblicos subseqüentes sugeriram uma interpretação completamente diferente do propósito original do autor. Com base no uso de Jonas por Jesus (Mt. 12: 39-41 ; 16: 4 ; Lucas 11: 29-32), a mensagem foi considerada profecia preditiva (veja também Oséias 6: 2) indicando o tempo específico intervalo entre o sepultamento e a ressurreição de nosso Senhor (ver discussão em Int. , "Uso de Jonas por Jesus").

Outra posição mais extrema considera o livro essencialmente como tipologia messiânica. Em Jonas, o projeto foi estabelecido quanto ao tipo de morte e ressurreição de Cristo: ". . . Jonah sendo lançado nas profundezas do Seol e, no entanto, educado vivo é uma ilustração da morte do Messias pelos pecados não dele e da ressurreição do Messias "(Young, p. 256).

Kennedy observa que "enquanto isso é uma inventividade interpretativa interessante, é totalmente injustificada pelos fatos conhecidos das Escrituras. Além disso, representa uma exegese artificial e é traiçoeiro em suas implicações hermenêuticas "(p. 31).

Houve tentativas para defender a plausibilidade de uma interpretação literal baseada em "evidências científicas" que desenvolve uma hiper-destravação extrema semelhante àqueles que negam sua "credibilidade científica".

Tentativas foram feitas para explicar os três dias e três noites como um período de apenas 24 horas para acomodar a expressão ao relato do Novo Testamento do sepultamento e ressurreição de Jesus. A expressão mais provável é uma generalização semelhante aos "vários dias" atuais sem especificar nenhum limite de

tempo. Aparentemente, significa que ele estava no peixe tempo suficiente para ele ter morrido se não fosse o poder de sustentação de Deus (ver João 11:17).

É evidente que muitas pessoas hoje sobrepõem, conscientemente ou não, um padrão de pensamento do Novo Testamento sobre uma obra-prima do Antigo Testamento e, assim, atrapalham ou até reduziram para ridicularizar um elemento sublime da revelação de Deus. Não há necessidade de pressionar a conta para defender ou atacar, mas simplesmente deixa projetar sua própria mensagem. Que Jesus foi usado por Jesus como uma ilustração é uma homenagem ao seu valor e lugar no pensamento da comunidade de seu tempo. O autor inspirado simplesmente procurou enviar sua mensagem. Seu interesse não era restringir a conta a períodos absolutos ("três dias e três noites"), nem era projetado como tipologia (Jonah imperfeito não é um tipo adequado de nosso Senhor). Ele não procurou racionalizar o milagroso para o plausível, nem o desacreditou como ridiculamente impossível.

(2) O Profeta na Oração (2: 1)

> [1] ***Então Jonas orou ao SENHOR, seu Deus, da barriga do peixe,***

A seção narrativa aqui é encontrada em 1: 17-2: 1 , 10 . O texto hebraico começa o capítulo 2 com 1:17 do RSV. Parece preferível considerar os três versos como originalmente consecutivos em ordem (ver Int \. , Na data do livro). Isso implica que o salmo (2: 2-9) foi transposto. Logicamente, como um hino de ação de graças para a libertação, não é apropriado na sua posição atual, como seria o seguinte v. 10 (ver Bewer, página 22). Se essa visão for aceita, a oração do profeta em 2: 1 é apenas referida, não registrada.

O autor simplesmente indica que Jonas finalmente se tornou disposto a orar. O capitão tinha admoestado que ele fizesse antes, mas, aparentemente, ele não estava disposto. Seu senso de justiça, não a submissão, levou o comando aos marinheiros pagãos que o lançaram no mar. Isso foi apenas um amargo pedido para a fuga da morte. Um escriba posterior, possivelmente sentindo a necessidade de uma oração gravada, provavelmente transpôs o que o autor colocou após a v. 10 .

(3) O Profeta Entregue (2:10)

> [10] ***e o SENHOR falou com o peixe, e vomitou Jonas sobre a terra seca.***

Mais uma vez, o poder do Senhor é demonstrado enquanto falava com o peixe, e Jonas foi vomitado sobre a terra firme. O princípio subjacente do poder da Palavra de Deus foi demonstrado (cf. Gênesis 3: 14 ; 1 Reis 17: 4 ; também a relação didática com Jer. 51:33 , 44).

2. A Oração de Ação de Graças (2: 2-9)

(1) A Distress and Deliverance (2: 2-4)

> [2] *dizendo:*
>
> *"Liguei para o SENHOR , fora da minha angústia,*

e ele me respondeu;
fora da barriga do Sheol eu chorei,
e você ouviu minha voz.
3 Pois você me lançou no fundo,
no coração dos mares,
e o dilúvio era redondo sobre mim;
todas as suas ondas e as suas ondas
passou por cima de mim.
4 Então eu disse: "Eu sou expulso
de sua presença;
Como devo voltar a olhar
em seu templo sagrado?

Conforme sugerido na Introdução, o salmo de latas (vv. 2-9) ou hino foi aparentemente retirado do culto existente, expressando ação de graças para a libertação do exílio e, como tal, parece ser fundamental no propósito didático do autor (cf . Int. Para discussão sobre o salmo relacionado à data do livro). Talvez o vv. 2-9 foram colocados originalmente após v. 10 .

As duas primeiras linhas do poema indicam seu tema: angústia e libertação. O elemento de perigo (passado) ou aflição é repetido (2: 4, 5 , 7), e em cada ocasião a entrega é apresentada como tendo sido realizada.

A frase inicial tem um paralelo próximo no Salmo 120: 1 . O ressalto do substantivo vem do significado do verbo para ligar, restringir ou cãibras. O termo expressa admiravelmente a situação individual de Jonas, bem como a analogia feita com a nação. Na amargura da angústia, o escritor chamou ao Senhor, a fonte de todo poder, e Deus lhe respondeu (Salmo 18: 4-6).

Sheol significa nenhum país, submundo ou mundo inferior. Considerou-se a morada dos mortos, que continuaram a existir de forma vaga e sombria, pois a morte não poderia ser concebida em termos da vida. Assim, a morte, no sentido estrito do termo, foi considerada a forma mais fraca da vida (cf. 2: 5). Por outro lado, qualquer fraqueza na vida era uma forma de morte.

Em perigo, o grito veio da barriga do Seol, ou da beira da morte, e Deus ouviu sua voz. O fato de que Deus havia ouvido implicava que o autor já havia sido libertado da morte na época da composição do poema (Salmo 30: 2-3).

Pois você me lançou no fundo é relacionado ao verbo imediatamente anterior e expressa o sentimento de ser abandonado por Deus. O versículo 3 pode ser interpretado literalmente como uma expressão da experiência de Jonas, ou, como em outras passagens, pode indicar uma profundidade figurativa de problemas e angústia (ver Jer. 7:15 , 29 ; 52: 3). O profundo também significa "mar profundo" (Salmo 68:22) ou figurativamente um sofrimento profundo, ou seja, sendo dominado pelo Salmo 88: 7, onde a vida do salmista (v. 3) aproximou-se do Seol.

O salmista aqui disse que Deus o tinha lançado no coração dos mares (Ezequiel 27: 4 , 25). Seas é um plural de "extensão local" ou uma combinação de várias partes externas. À medida que afundava, literalmente ou figurativamente, o dilúvio era redondo, ou seja, as correntes subaquáticas o cercavam completamente. O dilúvio é normalmente um rio que nunca falha, e ocasionalmente é usado em conexão com o oceano primitivo (ver Salmos 24: 2).

Todas as suas ondas e suas ondas passaram sobre mim é semelhante ao Salmo 42: 7b . A expressão é usada figurativamente de uma pessoa viva longe da pátria. O pronome "I" de então, eu disse, está na posição enfática devido ao contexto emocional, bem como às necessidades rítmicas da estrutura do verso. O autor expressa cada vez mais a intensidade emocional de sua angústia quando ele se move de v. 3a ("me lance no fundo") para v. 4a ("afastado de sua presença").

A expressão expulsada de sua presença é uma reminiscência da atividade de Deus ao expulsar os habitantes de Canaã antes do povo escolhido (Êxodo 34:11 , Gênesis 3:24); aparentemente, a história de Israel está novamente indiretamente implicada, já que o exílio permanece no fundo.

Por trás do desenvolvimento do "tema da libertação", o desafio de ser uma "benção para todos os povos" (Gn 12: 3). No Salmo 31:22, uma expressão semelhante é encontrada, embora o salmo de Jonas siga o esboço geral do Salmo 31 , não há evidências que indiquem uma dependência para qualquer um. É evidente, no entanto, que o hino de Jonas seguiu um padrão existente de hinos conhecidos de ação de graças louvando a Deus por libertação ou salvação (ver Salmo 116).

A expressão de angústia extrema atinge seu clímax na primeira estrofe quando o salmista sentiu que ele havia sido expulso da presença de seu Deus. Do fundo, sua oração foi ouvida. Indubitavelmente, na mente do autor, isso seria um corretivo para qualquer mal entendido sobre o vôo pretendido de Jonas da presença física de Javé (1: 3). Também seria aplicável a problemas de natureza psicológica.

Jonas não está sozinho aqui no Antigo Testamento; O livro de Jó voltou para o problema do sofrimento na forma de sofrimento. Além disso, os ensinamentos de Deutero-Isaiah (por exemplo, Isa. 45) e Jeremias (por exemplo, Jeremias 18) precedem a composição literária de Jonas. Eles ensinaram que Deus poderia usar o sofrimento para alcançar seu fim, e, na hora crítica, o homem poderia encontrar seu presente de Deus.

O desprevenido da presença de Deus foi explicado literalmente como sendo expulso de "na frente dos teus olhos". Implica ser lançado da terra dos vivos, ou seja, no Seol vagamente definido. Neste período, o Senhor foi considerado mais o Deus dos vivos do que os mortos (Isaías 38: 10-11 , cf. Salmos 6: 5 ; 88: 5 , 10-12).

O RSV traduz o versículo final da estrofe como uma pergunta: como devo voltar a olhar para o seu templo sagrado? A seguinte tradução é preferida: "Contudo, eu posso olhar novamente para o seu templo sagrado". Seguindo o pathos do versículo anterior, alguns escritores sentem que uma declaração de esperança é prematura ou fora do contexto (ver Bewer, p. 45). Conseqüentemente, eles fazem uma emenda textual com base na versão de Theodotion e traduzem a partícula "ainda" (' *ak*) como uma pergunta "como?"

(' *ik*). O RSV aceita a emendação. Em oposição a esta posição, o elemento de esperança aqui não parece ser prematuro. Na verdade, já foi expressa no verso introdutório, onde é claramente expressado que Deus ouviu o grito do salmista (v. 2). A expressão "ainda" encontrada no Texto Massorético parece estar completamente em consonância com o contexto total, e não há necessidade nem evidência objetiva suficiente para justificar uma emenda.

Gramática, "ainda" indica uma força restritiva enfatizando o que segue em contraste com o que precedeu. Envolve algo contrário ao que foi dito ou é esperado. O autor parece expressar a realidade de sua libertação prévia dizendo "ainda posso olhar novamente (imperfeito) sobre o seu templo sagrado". A escuridão da aflição foi atenuada pela luz do poder de Deus.

O Santo (apartness ou sacredness) implica um lugar especial separado, feito sagrado pela presença de Deus (Salmos 5: 7 ; 1 Reis 8: 29-30 , 48 ; Dan. 6:10). O aspecto essencial da santidade é de poder. A santidade de objetos no Antigo Testamento é conferida por Yahweh.

Para a mente judaica, o templo em Jerusalém era o lugar onde habitava o Senhor. Em direção ao Templo, o judeu olhou quando orou (cf. Dan 6:10), e a esse Templo seria esperado que a oração fosse feita. No momento sugerido da composição do livro, o segundo *templo* era o centro do culto de Israel. Aqui foram realizadas as grandes festas anuais, e a Diaspora voltou em peregrinação. Aparentemente, foi a partir desse centro que surge o protesto digno do livro. As pessoas foram chamadas a uma compreensão mais vital de Deus, a um relacionamento mais puro com a humanidade e a uma aceitação da missão inerente à eleição de um povo de Deus.

(2) A Necessidade e Libertação (2: 5-7)

5 As águas se fecharam sobre mim,
o fundo era redondo sobre mim;
as ervas daninhas estavam envolvidas em minha cabeça
6 nas raízes das montanhas.
Eu fui para a terra
cujos bares se fecharam para sempre;
ainda assim você trouxe minha vida do poço,
Ó SENHOR meu Deus.
7 Quando minha alma desmaiou dentro de mim,
Lembrei-me do SENHOR ;
e minha oração veio até você,
no teu santo templo.

A segunda estrofe retorna ao tema do primeiro e efetivamente desenvolve o contexto emocional de profunda angústia e libertação. As águas fecharam-se sobre mim (2 Sam. 22: 5-7 ; Salmos 18: 4-6 ; 116: 3-4 , 17-18 ; 69: 1-2 para expressões estreitamente

relacionadas). O seguinte é uma tradução literal da frase: "as águas me cercaram, até a vida (*nephesh* , Psalm 124: 2-4 , 7-8).

No pensamento hebraico, acreditava-se que os vários membros do organismo físico do homem continham propriedades psíquicas, enquanto o próprio homem formou um todo psíquico, ou seja, formou uma unidade de poder vital. Provavelmente a vida ou o *nephesh* originalmente significavam pescoço ou garganta e com o tempo significava respiração. Johnson sugere que, em um extremo, isso implica o princípio vital revelado na forma de vida consciente.

No entanto, na tendência da língua semítica para a polarização, o termo que significa que a pessoa também pode denotar um cadáver. A morte separou a unidade da existência do homem; No entanto, isso não implicou uma extinção completa da vida. Em vez disso, a morte era pensada como a forma mais fraca da vida enquanto o homem vivia como uma sombra de seu eu anterior. As águas abrangiam assim o salmista que achava que sua existência estava a ponto de ser mudada da vida para a morte.

O profundo, relacionado ao *tiamtu* ou ao *tiamat* assírio , dá o aspecto do oceano primitivo do que o "profundo" de um mar comum (para outros usos de "profundo", Gênesis 1: 2 , Isaías 51:10 ; Salmos 33: 7 ; 36: 6 ; 78:15). A expressão de angústia foi assim acentuada, já que a escuridão do abismo era redonda sobre a cobertura do salmista até o ponto de desespero total. A sensação de tragédia se torna mais dramática: as ervas daninhas do mar estavam envolvidas em minha cabeça nas raízes das montanhas. A Septuaginta, seguida de várias versões, faz uma pequena alteração na vogal das raízes, lendo "fim" ou "último". Como as algas crescem no fundo do oceano, a profundidade de angústia e desesperança é vista.

A "situação da vida" não parece ser aquela dentro de um peixe, pois as algas parecem ser aquelas que crescem naturalmente. O contexto geral é o de um afogamento e pode sugerir a quase extinção de Israel no exílio da Babilônia.

O versículo é consistente com a cosmologia hebraica que pensava que a Terra era fundada sobre um oceano subterrâneo no qual as extremidades das extremidades das montanhas se estendiam como colunas (Salmo 24: 2 ; 18:15 ; Eccl. 16:19).

O pensamento continua enquanto o salmista afunda no mundo inferior - a terra cujos bares se fecharam para mim para sempre. Ele estava entrando na terra dos mortos (Isaías 38:10 ; Jó 38:17), do qual a vida nunca mais retornaria. Foi pensado que o Sheol estava abaixo do oceano subterrâneo e, nos hinos de ação de graças, as águas figurativas da morte ou da aflição aparecem repetidamente (veja anteriormente: 2 Sam. 22 ; Salmos 18 ; 69 ; 116 ; 124). A experiência é de ter chegado aos portões da morte quando de repente o Senhor libera do Poço (v. 6b). As barras significam um feixe físico de um portão da cidade (Judg. 16: 3), ou pode ser usado figurativamente como no Salmo 107: 16 (provavelmente um hino de ação de graças para o retorno do exílio).

O autor pensou que ele estava condenado para sempre à separação da terra dos vivos. O tempo e a eternidade estão intimamente relacionados no Antigo Testamento, com o pensamento aqui implicando distanciamento do tempo, longo prazo ou futuro

indefinido. Para sempre, relacionado à eternidade, é um desenvolvimento posterior da filosofia grega. Aqui, os portões estavam fechados para o "afastamento do tempo".

Agora, com admiração e gratidão, o texto apressadamente se volta para a ação salvadora de Yahweh enquanto ele traz o mortal mortal da morte. O Pit é muitas vezes uma expressão paralela ao Seol (ver Salmos 16:10). Ele vem do verbo para afundar. O formulário também é usado como uma armadilha ou fosso. (Salmos 7:15 ; 9:15), uma prisão subterrânea (Isaías 51:14) ou o sepulcro (Salmo 30: 9). Se o autor de Jonas tivesse composto o salmo, provavelmente teria se referido à libertação do peixe em vez do poço. O salmo se encaixa bem no propósito didático do autor.

A vida (salvação) do salmista foi devido à ação redentora de Javé, seu Deus. O nome Lord (Yahweh) está intimamente relacionado no pensamento teológico do Antigo Testamento com a redenção da escravidão egípcia. Seu poder também foi visto no retorno do exílio babilônico.

Mais uma vez, o salmista lembrou-se de seu desespero: quando minha alma desmaiou. A expressão também é comum em outras orações de ação de graças no Saltério (cf. Salmos 107: 5-6 ; 142: 3). Sem dúvida, alguns dos hinos individuais de libertação foram escritos ou usados durante o exílio. Tal uso no cultus imediatamente após o exílio seria esperado como individual e, através da personalidade corporativa, como lembretes nacionais da libertação de Deus da mão do opressor. Se tal fosse o caso, a identificação do salmo de Jonas na mente da comunidade teria levado mais claramente a interpretação desejada pelo autor do livro.

A ordem das palavras normal é transformada em patentes de empréstimo para a situação à medida que a consciência do salmista desaparece. A alma aqui é novamente *nephesh* (ver comentário em 1:14 ; 2: 5).

Então, no último momento, o salmista lembrou-se de Yahweh. A ordem das palavras normal é novamente quebrada no texto Masoretic. O objeto, Yahweh, precede o verbo e, como tal, é enfatizado. Deus estava atento à súplica conforme o v. 6bindica.

A oração veio (imperfeita) para ti, no teu santo templo. Havia necessidade e eficácia na oração. Javé estava pronto para ouvir e ajudar aqueles que olhavam para ele com sinceridade.

A estroma fecha-se com a forma imperfeita do verbo. Se o profeta tivesse expressado sua confiança dentro do peixe, a forma do verbo esperado teria sido perfeita. O uso do imperfeito com a conjunção consecutiva "e" relaciona a salvação com o contexto passado enfatizando o contraste de então e agora (ver 2: 4).

(3) O Louvor pela Libertação (2: 8-9)

> *8 Aqueles que prestam atenção a ídolos vãos*
> *abandone sua verdadeira lealdade.*
> *9 Mas eu com a voz de ação de graças*
> *vai sacrificar-se a ti;*

O que prometi eu pagarei.

A libertação pertence ao Senhor! "

A grandeza de Deus, como evidenciado em seu ato salvífico, é reconhecida e o hino fecha com uma exortação e um último tributo a Deus. É inconcebível que alguém considere os ídolos vãos, uma não-identidade, pois não pode ajudar. Aqueles que retém essa forma de adoração realmente abandonam sua única e verdadeira fonte de ajuda, isto é, Javé e, assim, abandonam sua verdadeira lealdade ou devoção (Salmo 31: 6). A expressão dupla ídolos vãos (vaidades mentirosas) é praticamente uma repetição da mesma idéia. Vain é uma figura de algo insustancial ou inútil, por exemplo, um ídolo (ver Deuteronômio 32:21, onde a vaidade é traduzida "ídolos"; Jer. 10:14 ; 14:22). Em outras palavras, é qualquer coisa (exceto Deus) na qual se confia. A palavra repetitiva ídolos significa um vazio de fala ou mentira, bem como o vazio de conduta ou inutilidade. Outro salmista escreveu: "A menos que o Senhor construa a casa, os que a construíram trabalham em vão" (Salmo 127: 1, cf. v. 2). As literais "vaidades mentirosas (sem valor)" implicam falsos deuses ou ídolos e julgam fortemente seu valor.

Na idolatria, os adoradores abandonam sua verdadeira lealdade ou abandonam sua devoção. A palavra lealdade (*chesed*) apresenta um problema quanto à melhor tradução no contexto. Em seu uso, o termo implica três aspectos básicos do amor: o amor (misericórdia) de Deus em relação ao homem (Salmo 40:10), o amor (lealdade fiel) do homem (e da nação) em relação a Deus (Mic 6: 8), e o amor (companheirismo fiel) do homem em relação ao homem (1 Samuel 20: 14-16). Em contraste com o amor incondicional de Deus (' *ahabah*), *chesed* é vitalmente relacionado a uma aliança. O amor (' *ahabah*) de Deus traz a aliança a ser. O amor (*chesed*) de Deus é o meio de sua continuação. Como Snaith observa, o primeiro é o "Election-Love" enquanto o outro é o "Pacto-Amor".

O contexto de Jonas trata da relação (*chesed*) do homem para com Deus. Qualquer tradução sugerida deve se mover nesta área: "sua lealdade devida", "lealdade firme" no sentido de confiança, ou "sua própria misericórdia". À luz de todas as considerações, aqui a idéia de devoção e, portanto, lealdade parece mais preferencialmente relacionado ao amor da aliança. Atrás de tudo isso é um conceito emocional real que é vital para a compreensão do termo. Eles abandonaram o amado, o elemento emocional ou sua devoção.

O poeta aprendeu uma lição: abandonar o Senhor era a essência da tolice (ver cap. 1). Agora segue sua decisão positiva de permanecer leal ao seu deus apesar das ações dos outros (cf. Jos. 24: 15b). O enfático mais a conjunção adversa, mas contrasta com os idólatras. Na presença da congregação, no adoração solene do Templo, com prazer oferecerá o seu sacrifício (Salmo 42: 4). Thanksgiving é o de louvor em canções de culto litúrgico, bem como em procissões pelo coro ou comunidade (Salmos 26: 7 ; 50: 5 , 23).

Mas, mais do que o sacrifício, o salmista pagará o que prometeu (Salmos 50:14 ; 116: 14). O voto foi uma promessa ou promessa voluntária (Deuteronômio 23: 22-23) de natureza material ou espiritual. O impacto desta afirmação para a narrativa do livro

certamente implicaria um voto incondicional de obediência a Javé por parte do profeta Jonas (ver 1:16). E quanto ao Israel postexilizado? O poeta expressou o profundo conteúdo emocional de sua obrigação moral ou dívida para com Deus, e tendo feito seu voto, agora se move para o próximo ato de adoração: eu pagarei. Embora o voto não fosse obrigatório, uma vez que ele deveria ser realizado.

O hino conclui com uma nota de triunfo e alegria. A libertação pertence ao Senhor (a salvação vem de Javé). Esta é uma confissão, um louvor, um credo e um resumo do salmo. Na verdade, Deus sozinho salva e entrega.

III. O Profeta Obediente e os Resultados de Sua Pregação (3: 1-10)

1. O Profeta Obediente (3: 1-4)

1 Então a palavra do SENHOR veio a Jonas pela segunda vez,
dizendo: 2 Levanta-te, vai a Nínive, esta grande cidade, e proclame-lhe a mensagem
que eu digo. 3 Então Jonas se levantou e foi a Nínive, conforme para a palavra
do SENHOR . Agora, Nínive era uma cidade extremamente grande, três dias de
viagem em grandeza. 4 Jonas começou a entrar na cidade, indo um dia de viagem. E
ele clamou: "Ainda quarenta dias, e Nínive será derrubada!"

A Comissão renovou *(v. 1)*. A recuperação do escritório profético não foi alcançada através do mérito pessoal de Jonas, nem houve uma convicção real de sua parte de que ele deveria cumprir a diretriz divina. No entanto, Deus não o censurou por sua desobediência; Ele simplesmente reiterou seu comando. Em face da insistência paciente de Deus, o profeta obedecia a regae (ver cap. 4). Ele havia aprendido pelo menos uma lição: ele não podia escapar nem renunciar a sua comissão à vontade. Ele não aceitou "teologicamente" o propósito de Deus para sua viagem, mas ele sabia que ele devia obedecer.

A Natureza da Comissão *(v. 2)*. Esta é uma repetição da chamada inicial (1: 2) com uma ligeira modificação: proclamar a ela em vez de "chorar contra ela". No uso tardio, há pouca diferença nas preposições "a" e "anteriormente" usadas anteriormente. Eles são freqüentemente trocados indiscriminadamente. A Septuaginta interpreta aqui: "e prega nele de acordo com a pregação anterior que eu falei para ti".

Que a mensagem era de Deus é claramente vista no enfático, acompanhado por um particípio traduzido como eu digo. Deus estava naquele momento fornecendo a proclamação ou mensagem, ou seja, "proclamar (a Nínive) a mensagem que eu lhe dou".

A Obediência à Comissão (v. 3-4a). Há um contraste óbvio agora com o capítulo 1 : o profeta surge para ir a Nínive. Deus deu a seu profeta uma segunda chance, e embora a atitude de Jonas estava errada, ele obedeceu e foi usado como instrumento

Na segunda metade da v. 3 há uma pausa na ação consecutiva. Isso imediatamente chama a atenção para uma mudança, e o palco é definido para uma declaração entre parentes, agora Nineveh era uma cidade extremamente grande. Parece que o autor, que

vive muito depois da destruição da capital da Assíria (612 AC), volta as tradições de uma cidade muito boa. (Os que preferem uma data anterior para o livro sentem que o tempo passado expressa o que Jonas viu em sua visita.) O Texto Massorético afirma que Nínive "foi uma ótima cidade para Deus". O RSV interpreta isso de forma idiomática como uma cidade extremamente grande . A inclusão da expressão "a Deus" no texto hebraico implica a compaixão moral e espiritual de Javé ao ver as massas de pessoas na grande metrópole pagã.

A cidade era tão grande que era uma jornada de três dias de largura. Essa expressão nebulosa causou muito debate, e foram apresentadas objeções sérias sobre a precisão histórica de tais dimensões. As ruínas reais da cidade compreendem uma circunferência de cerca de oito milhas, enquanto Diodoro Siculus relatou que a muralha da cidade medeia cerca de 60 milhas (480 estádios). É possível que a expressão implique um uso maior do termo Nínive, ou seja, maior Nínive, incluindo as cidades vizinhas e aldeias de Kuyunjik, Calah, Nebi Yunus, Selamieh e Khorsabad. Este circuito exigiria uma jornada de três dias para formar aproximadamente uma circunferência de 60 milhas. Outros sugeriram que a expressão oriental três dias A viagem não se refere à circunferência nem ao diâmetro, mas sim à cidade com suas ruas irregulares. Poderia ter sido facilmente considerado uma viagem de três dias.

O propósito do profeta era espalhar a mensagem para o povo. Consequentemente, o mensageiro levou a palavra de Deus ao complexo giratório de uma metrópole oriental. Através das ruas e da praça, ele foi ao povo, não ao tribunal. Foi o choro das pessoas que chegaram ao coração da corte (3: 6)! Independentemente do problema interpretativo, a mensagem inspirada é clara: o arrependimento vem, mesmo em áreas pagãs, da proclamação da palavra de Deus (3: 5).

Jonas começou a entrar na cidade, o coração do poder assírio, um dia de viagem. Continuando apenas com os detalhes mais breves, a narrativa se move rapidamente. O profeta era o instrumento humano usado para apresentar a palavra divina em um ambiente hostil. Assim que a mensagem foi entregue, o mensageiro (ver cap. 3) desapareceu enquanto o poder da palavra seguia seu curso independente. Foi a mensagem e resposta, não o instrumento, que "tocou" o rei (3: 6).

A Proclamação Apresentada *(3: 4b).*A mensagem proclamada foi ainda quarenta dias, e Nínive será derrubada. Novamente os detalhes estão faltando. A linguagem usada pelo profeta não era de primordial importância. O aramaico era a "linguagem diplomática" do dia; no entanto, isso não resolveria o problema de comunicação porque ele se dirigiu às massas que provavelmente não estavam familiarizadas com esse idioma. Talvez sua pregação consistiu em uma frase repetida incessantemente. Isso seria extremamente impressionante no ambiente oriental com sua simplicidade e audácia; um estrangeiro com sotaque monótono que suportava era predizer a destruição. A figura austera do profeta hebreu desgastado pela viagem com sua roupa caseira, como um sopro de aridez do deserto no meio da pompa e do luxo do pagão Nínive, ganhou uma reação incomum que varreu como fogo na cidade.

A mensagem que Jonah entregou foi simples, concisa e sem esperança expressa. A Septuaginta e o Latim antigo indicam que a destruição viria em "três dias"; No entanto, os quarenta dias do texto hebraico são suportados por Aquila, Symmachus e Theodotion.

A palavra derrubada também significa virada. O tempo da retribuição estava à mão com a certeza da destruição indicada em vez de sua maneira. Em Gênesis 19:29, o verbo também é usado em conexão com o derrube de Sodoma e Gomorra. Apesar da ausência de esperança na mensagem, o autor sabia que seus leitores entenderiam, como Jonas, que Nínive fosse poupada de arrependimento. Essa esperança implícita baseou-se no conhecimento sobre a natureza de Deus.

Foi sugerido com base na narrativa subseqüente que 4: 5 deve seguir aqui, fazendo com que Jonah saia da cidade imediatamente após o pronunciamento da desgraça. A continuação da narrativa desta maneira seria atraente, mas a transposição não é necessária.

2. Os Resultados da Sua Pregação (3: 5-10)

(1) A resposta do povo (3: 5)

5 E os povos de Nínive creram em Deus; eles proclamaram um jejum, e vestiram-se de saco, do maior deles ao menor deles.

Para a consternação do profeta (ver cap. 4), as pessoas reagiram em fé à mensagem e acreditavam em Deus. Literalmente, "eles acreditavam em Deus". O uso da preposição "em" anexado à forma para Deus, mais o verbo acredita, significa confiar em Deus. As pessoas (os homens - a mesma forma usada para os marinheiros em 1:10), pelo medo de um desastre nacional, acreditavam na mensagem divina enviada pelo profeta, ou seja, eles acreditavam que a palavra de Deus seria verdadeira.

É difícil aqui interpretar a total conotação de sua crença, pois não há evidências de um impacto duradouro em escala nacional. No entanto, não há dúvida quanto à autenticidade de seu medo, nem preocupação, pois eles proclamaram um jejum e vestiram o traje da penitência. O arrependimento foi alcançado, e Deus honrou sua reação (3:10).

A falta de evidências externas para a conta não altera a verdade do autor de que o amor de Deus alcança redentoramente os indivíduos, mesmo que as políticas nacionais sejam inconsistentes com a lei moral de Deus. Como se viu na interpretação "profética" do século IV AC , o arrependimento prolongou a existência nacional de Nínive. Talvez o fracasso em alcançar uma fé viva mais abrangente decorre da reticência da maioria para aceitar Yahweh como o único deus.

No entanto, a resposta pública foi tão esmagadora, de comum acordo antes do edital real, as pessoas expressaram com símbolos externos (rápido e saco) a sensação de penitência interior. O movimento envolveu o elemento mais distinto da sociedade, o maior deles, bem como o humilde, o menor.

(2) A Resposta do Rei (3: 6-9)

6 Então as notícias chegaram ao rei de Nínive, e ele se levantou do seu trono, tirou a túnica e cobriu-se de saco, e sentou-se em cinzas. 7 E fez proclamação e publicou através de Nínive: "Pelo decreto do rei e seus nobres: Não deixe nem

homem nem animal, rebanho ou rebanho, qualquer coisa; Não se alimentem nem bebam água, [8] mas deixem que o homem e o animal sejam cobertos de sacos, e que eles chorem poderosamente a Deus; sim, que cada um se afaste do seu caminho maligno e da violência que está nas suas mãos. [9] Quem sabe, Deus ainda pode se arrepender e se virar de sua ira feroz, para que não perecemos? "

A notícia (iluminada, a palavra) ou o caso chegou ao governante da cidade. O elemento da "palavra", ou seja, a mensagem de Deus através do seu profeta, não deve ser ignorado aqui. O caso chamou a atenção do rei, pois a penitência geral da cidade não podia passar despercebida. O efeito da palavra (mensagem e caso) projetado na situação convenceu o rei da necessidade de resposta pessoal. A maré crescente da preocupação popular que havia começado entre as pessoas atingiu seu clímax, e incluiu o governante e seu tribunal. A ação local popular espontânea recebeu a sanção da autoridade central.

A reação favorável do rei à palavra profética é um contraste bem-vinda com a de muitos dos governantes de Judá e Israel. A palavra do Senhor provocou uma resposta favorável, mesmo entre os Assírios temidos, e para todos os povos a mensagem deve ser enviada.

A referência ao rei de Nínive foi considerada como outra indicação do caráter não histórico do livro, pois em nenhum outro lugar é um rei da Assíria tão classificado. Neste ponto, parece haver evidências inadequadas para considerar seriamente a objeção. Pelo contrário, há provas substanciais de que Nínive não era a capital oficial da nação durante os dias de Jonas. Nesse caso, o rei teria sido o oficial de honra ou "limmu" assírio, o oficial eleitoral escolhido para o ano para ser governador da cidade. A exclusão do nome da tradição transmitida seria de acordo com o status secundário de seu escritório. O termo rei (*melek*) em seu uso secundário pode significar príncipe ou régua.

Como símbolo de sua penitência pessoal, o rei tirou o manto, ou seja, a grande roupa dispendiosa que era a parte magnífica e dispendiosa de seu vestido. Dos bas-relíquios assírios, o vestido do rei é conhecido por ter consistido em uma roupa longa e fluida com franjas e tassles. Foi segurado na cintura por um cinto. Sobre este manto, uma segunda peça de vestuário para uso geral aberta na frente era usada. Ao redor dos ombros aparece uma capa com cordas com tassled.

O governante então cobriu-se (vestiu-se) com saco e sentou-se em cinzas. O contraste é impressionante: do vestuário real até o casaco grosseiro do penitente; do trono real a uma pilha de cinzas (ver Job 2: 8 , Isaías 58: 5 , Mateus 11:21). O uso de sacos e cinzas freqüentemente acompanhou tristeza ou tragédia em geral, seja pessoal (por exemplo, 2 Sam. 3:31) ou público (por exemplo, Jeremias 6:26). Poderia ser um símbolo de luto ou calamidade (Es.44: 1-3), arrependimento do pecado (Jó 42: 6 ; Neh 9: 1), humildade (Dan 9: 3-5)), ou qualquer combinação destes elementos. O material do saco era grosseiro, barato e prontamente disponível para todos. O uso voluntário do rei dramatizou o aspecto da iminente calamidade e a necessidade urgente de arrependimento.

Imediatamente, o rei fez proclamação, ou literalmente tinha um decreto feito no sentido de "gritar". O decreto substantivo no uso do aramaico como um edito encontra-se apenas na literatura do Velho Testamento (cf. Dossi 3:10 ; Ezra 6 : 1 , 3). O uso anterior está relacionado ao gosto ou ao julgamento. O déspota oriental convocou apressadamente o conselho real para que os nobres possam estar associados com ele na emissão do edito. Com efeito, o decreto encontrado no v. 7b-10estabeleceu oficialmente o luto já em andamento.

O jejum incluiu o homem (isto é, a humanidade ou os seres humanos, ver Gênesis 5: 2) e os animais. Besta indica criaturas vivas além da humanidade. Aqui a ênfase é colocada nos animais domésticos. A inclusão do animal simboliza humilhação total. Os animais utilizados como animais de carga deveriam ser despojados de todas as armadilhas pretensiosas. O rebanho, geralmente encontrado no genérico, refere-se a bois, enquanto o rebanho indica o gado pequeno, *isto é,*ovelha e cabra.

O jejum era ser total, uma vez que o cuidado providencial de Deus incluiu os animais (ver Salmos 50:10) e homens. Todos os setores dentro do poder do rei participaram até o ponto de abster-se da água. Durante o período não especificado do decreto, os animais não deveriam ser levados a pastar nem dar água. O abaixamento do gado seria um constante lembrete para a população da gravidade da situação e da urgência do arrependimento. A inclusão dos animais no decreto não era única. Heródoto indica que o exército persa, uma vez, cortou os manos de seus cavalos em uma expressão simbólica de luto quando um de seus generais foi morto na batalha. Judith 4: 9-10 oferece uma ilustração judaica onde toda a população e gado foram incluídos no luto e no jejum.

O decreto continua no texto Masoretic com uma conjunção de coordenação simples. O rei agora apela à humildade e à oração, pelo homem e pelos animais. Sugeriu-se que o elemento estranho de lidar com os animais a serem cobertos com saco e se arrepender fosse feito por causa dos homens. Várias emendas foram sugeridas; no entanto, os problemas gramaticais apresentados são mais graves do que a própria expressão "ilógica". A ambiguidade aparentemente não ocorreu aos governantes, ou autor, na emissão do decreto. A destruição iminente prevista da cidade exigia ação, e não semântica!

Os sinais exteriores de remorso foram para ser validado pelo verdadeiro arrependimento, *l* et convertam cada um do seu mau caminho, ou o luto seria inútil. O edito tem um conceito espiritual excepcionalmente elevado, expressando claramente as exigências morais de Javé (ver Isa. 58: 3-9).

Agora, há uma mudança do homem genérico (' *adam*) para cada um (' *ish*), ou mais especificamente, o homem individual. O texto hebraico é específico: os membros masculinos da sociedade oriental foram considerados responsáveis pelos assuntos externos, e para isso a exortação vai se transformando do mal e da violência. Os pecados especificados são de caráter geral: o caminho maligno é uma ampla expressão para a maldade, enquanto a violência especifica um sentimento físico de maldade, cruel e implacável.

O edital revela os pecados relacionados aos assuntos internos da nação, em vez das atrocidades internacionais condenadas tão amargamente por outros escritores do Antigo Testamento (ver N. 3: 1-4). Os termos foram inclusivos e levaram à auto-condenação,

pois a aplicação do princípio incluiu todos os habitantes em sua culpa pelos erros individuais.

Turn é a expressão hebraica do arrependimento. Aqui é um "sobre o rosto", e envolve uma decisão ou ato de vontade. A emoção do medo sozinha é inadequada. O arrependimento exige uma mudança de vida e perspectiva. O rei pagão ensina uma lição teológica vital a Jonas e a Israel

O decreto continua na v. 9 . A seguinte tradução sugerida difere do RSV: "Quem é um conhecedor deixa-o virar, e (o) Deus pode ser misericordioso (compassivo) e pode se afastar da fúria de sua ira e não podemos perecer". A frase inicial "quem quer que seja é um conhecedor "recebe uma marcação de acento secundário no texto hebraico, e não parece ser usado de forma interrogativa. Infelizmente, o verso é complicado, e houve uma tendência para fazer de Deus o assunto da frase inicial. Ao fornecer "se" e fazer "quem" interrogativo, é traduzido "quem pode dizer se Deus vai se transformar. . . ? "(KJV).

Embora não haja dúvida sobre o uso interrogativo de "quem" (ver Isaías 29:15 , Salmo 90:11), a afirmação de que esta é a melhor tradução aqui é aberta para consideração com base em seu uso. Quem, seguido do humor subjuntivo aqui em Jonah, pode ser consistentemente traduzido como "quem" ou "quem quer que seja" e realmente parece ser a tradução preferida em tais casos.

"Quem é um conhecedor" é o sujeito de "virar". O formulário traduzido pelo RSV sabe é usado no sentido de perceber ou discriminar. Isso implica a necessidade de uma discriminação real por parte dos indivíduos. Aqui, o giro está relacionado ao homem, em vez de Deus, ou seja, quem discerne a gravidade da situação e aceita o edito real, que ele se vire ou se arrependa.

A seguinte frase ". . . e (o) Deus pode ser compassivo (misericordioso). . "Traz o pensamento do verso a sua metade do caminho. O humor anterior do decreto continua. O rei não é positivo para que Deus poupe a cidade; no entanto, ele "poderia". A continuação do subjuntivo "pode" ou "talvez" injeta a possibilidade de que Deus possa poupar a cidade se o arrependimento fosse efetuado.

O RSV traduz que Deus ainda pode se arrepender. Deus pode se arrepender? Isso implica alguma imperfeição de sua parte? A forma usada aqui é do verbo hebraico *nacham* e é contrastada com "virar" (*shub*) ou o arrependimento do homem pecador. *Nacham* é derivado da idéia de "respirar pesadamente" ou "ofegante". O uso envolve os extremos da respiração pesada, tanto na tristeza como no consolo, ou seja, no sofrimento como se sofre ou em alívio quando se consola. Há um elemento de emoção tanto no profundo alívio quando uma experiência crucial é passada e a respiração pesada que vem no meio do conflito interno.

Em Jonas, o elemento de compaixão é enfatizado - "e ele pode ser misericordioso" ou "pode fazer um suspiro de alívio" - porque o rei implica que a natureza básica de um "deus" deve ser a bondade para com os homens. O rei tem o cuidado de não presumir demais porque ele diz "(o) Deus pode ser misericordioso".

A próxima frase (v. 9) segue: ainda pode. . . vire (*shub*) de sua ira feroz. O verbo volta ou se arrepende (*shub*) agora é aplicado a Deus, mas não no sentido moral do arrependimento do homem; ou seja, Deus pode voltar sua raiva que estava no processo de cair sobre eles. O verbo é usado de Deus no Antigo Testamento em um sentido antropomórfico neutro e, como tal, está relacionado a virar, retornar, trazer de volta ou voltar (ver Ex 32:12 ; Num. 10:36 ; 2 Reis 20 : 11 ; Ez. 34:16).

A qualidade moral é no arrependimento do homem, e então Deus pode girar para abençoar (por exemplo, Mal 3: 7) ou para punir (por exemplo, Josué 24:20). Ao se referir a Deus, há também aqui um uso moralmente neutro, o que não implica limitação ou pecado ao Omnipotente. Deus é livre e age com base em seu amor e misericórdia (*chesed*). Jeremias 18: 8 , 11 coloca a necessidade do arrependimento (*shub*) no homem, para que Deus possa ser aliviado (*Nacham*) para fazer o que ele sempre deseja, ou seja, abençoar o homem. No entanto, se o homem pecar e se recusar a obedecer, Deus descerá do bem e punirá, embora isso seja contrário ao seu desejo básico. Em conclusão, qualquer expressão do arrependimento de Deus deve ser entendida no sentido não-moral.

No verso 9, o hebraico inclui uma conjunção simples "e". A mesma relação subjuntiva se aplicaria a "virar" e a "arrepender-se". Feroz, traduzido como um adjetivo, decorre da idéia de queima e, na verdade, é um substantivo na Texto em hebraico. A combinação com raiva significa fúria de raiva. A raiva é derivada da idéia de respirar ou resmungar. Embora a idéia de raiva seja primária, a narina nominal também é derivada da forma. A frase que perecemos não implica estar preso à morte, ou seja, "para que não possamos continuar morrendo". O decreto acaba por ter feito uma exortação ao homem e a Deus.

(3) A resposta de Deus (3:10)

10 Quando Deus viu o que fizeram, como eles se desviaram do seu caminho maligno, Deus se arrependeu do mal que ele havia dito que faria com eles; e ele não fez isso.

A realidade do arrependimento, como eles se tornaram (*shub*) do seu caminho maligno, foi visto em ações e não em palavras. O giro é melhor considerado como um passado anterior, porque Deus viu que "eles se viraram". Jesus considerou este arrependimento de Nínive como a extraordinária maravilha da narrativa: "Os homens de Nínive surgirão no julgamento com esta geração e condená-la-ão; porque eles se arrependeram na pregação de Jonas, e eis que algo maior que Jonas está aqui "(Lucas 11:32).

Deus então era compassivo, arrependido (*nacham*), ou seja, cedeu ou foi aliviado da necessidade de puni-los como ele havia prometido. Por causa da penitência pessoal, Deus poderia perdoar os homens e assim poupar a cidade (ver 3: 5). Esta não foi uma mudança na parte de Deus, pois ele obteve seu propósito redentor. Claramente, Israel mostrou o amor universal de Deus. Existe uma amplitude na misericórdia de Deus que se estende a todos os homens em todos os lugares.

A mensagem de Jonas não continha nenhuma condição, nem a ameaça foi suavizada por qualquer elemento de esperança conhecido. No entanto, quando os homens mudaram, Deus "soltou um suspiro de alívio" na medida em que a destruição poderia ser evitada. Agora, Deus poderia fazer o que originalmente queria fazer.

O livro de Jonas reconhece a "natureza condicional da profecia": o cumprimento depende da atitude futura e das ações do homem. Deus pode revogar o castigo em perfeito acordo com a sua natureza, ou reverter o elemento da esperança (cf. Eze. 33: 10-20). A mudança na parte do povo é aquela que determina a ação final de Deus (ver Jer. 18). Além disso, a condição pode ou não ser expressa.

IV. O Profeta Resentido e a Repreensão de Sua Narração (4: 1-11)

1. O Profeta Resentido (4: 1-4)

1 Mas desagradou muito a Jonas, e ele estava com raiva. 2 E orou ao SENHOR e disse: "Peço-te, SENHOR , não é isso o que eu disse quando ainda estava no meu país? É por isso que eu me apressou em fugir para Tarsis; Pois eu sabia que és um Deus gracioso e misericordioso, lento para a ira, e abundante em amor firme e arrependido do mal. 3 Portanto, agora, ó SENHOR , tira minha vida de mim, te rogo, pois é melhor morrer do que viver. 4 E o SENHORdisse: "Fazes bem em zangar?"

O Grande Desagrado do Profeta (v.1). Novamente, as conjunções consecutivas retornam a narrativa ao seu rápido movimento anterior. Jonah não teve que esperar pela expiração do prazo imposto para conhecer a mudança no plano de Deus. Assim que Jonas viu o arrependimento, ele sabia que a cidade seria poupada. A mudança de acontecimentos foi "extremamente desagradável" para ele e ele estava com raiva, ou literalmente, "ele passou a ser quente para ele." Descontente vem de um verbo que também significa ser triste, prejudicial ou mal. É reforçado com o uso de um substantivo derivado do mesmo caule, indicando maior desagrado. Ele estava com raiva no sentido de que ele estava "queimado" ao passar dos eventos. A Septuaginta suaviza a expressão enquanto interpreta: "e Jonas ficou profundamente triste, e ele ficou confuso".

A Auto-justificação do Profeta (v. 2). Evidentemente, Jonas sentiu que sua honra profética estava em jogo. Além disso, ele não queria ver a misericórdia de Deus fluir para um povo diferente do seu, especialmente a Assíria. O remontamento do profeta vem na forma de uma oração, que mitiga um pouco a sua amargura. Pelo menos ele rezou, o que lhe deixou algum grau de prestígio, e através da oração dirigiu sua queixa ao Senhor. A oração começa com uma expressão idiomática: não é isso o que eu disse? ou seja, "Eu não disse assim?" Pelo menos ele disse isso em seu coração se não abertamente. Jonas procurou justificar a sua reação presente, bem como a sua rebelião passada (cap. 1), e o contexto explica quando eu ainda estava no meu país. Jonas estava basicamente disposto a ver Nineveh poupada e sua previsão não cumprida. Por essa razão, ele se apressou em fugir para (em direção) Tarsis.

Jonas conheceu o caráter de seu Deus através de sua própria experiência e através do seu povo. Os atributos morais enumerados aqui foram tirados do Êxodo 34: 6ss. , A secção que serve como uma introdução para o “Decalogue ritual” Uma repetição

também pode ser encontrado em Salmo 86: 5 , 15 ; 103: 8 ; Joel 2:13 (ver Mic. 7:18 para algumas semelhanças).

Deus foi considerado como gracioso, um adjetivo derivado do verbo para mostrar o favor, como no caso de ouvir o grito de um devedor. Podemos pensar que isso é graciosamente benevolente; isso implica a entrega de coisas boas ao justo e ao injusto. Deus é designado como misericordioso ou compassivo. Isso vem do verbo ao amor, que em seu tom intensivo significa ter compaixão. Esta é a atitude benevolente de Yahweh em relação a toda a humanidade. Ele é simpatizante de todas as necessidades. Além disso, ele é lento para a ira ou longo sofrimento. Sua raiva não rompe imediatamente sobre a descoberta do pecado e as deficiências (ver o comentário em 3: 6).

Em seguida, segue a expressão amor *íntegro* (*chesed* , cf. 2: 8). Este é o amor da aliança de Deus que abunda em sua misericórdia ou misericórdia contra o homem. Este atributo se expressa na redenção do pecado, na libertação de inimigos e problemas, na preservação da vida, tanto física como espiritualmente, bem como na fidelidade da aliança. Esta é a principal característica de Deus no seu tratamento com o homem, e a história de Israel é a demonstração do princípio. Além disso, Deus é compassivo (*arrependido*) em relação ao mal (ver comentário 3: 9 para a discussão do arrependimento de Deus).

Com essas virtudes, Jonas não estava a cumprimentar a Deus por sua preocupação misericordiosa com Nínive. Pelo contrário, ele preferiu que a ira de Deus caia em retribuição na cidade inimiga. Ele restringiria a misericórdia de Deus somente a Israel. O verso é de tom sarcástico enquanto o profeta procura indiciar Deus. Neste momento, a misericórdia de Deus (*nacham*) ou o arrependimento estava desagradando para ele. A ironia da situação está claramente representada; Se a compaixão de Deus (*nacham*) tivesse sido estendida a Israel, teria sido considerado um elogio para a natureza de Deus!

O pedido de morte *(v.* 3). Jonas se considerou um profeta desacreditado (Deuteronômio 18: 21-22), e prefere morrer do que ver o amor de Deus concedido a Nínive. Sua súplica lembra algo de Moisés quando o peso do povo foi pesado sobre ele (Números 11: 10-15), e mais especificamente, o de Elijah, enquanto tentava escapar da mão de Jezabel após sua vitória sobre o profetas de Baal no Monte Carmelo (1 Reis 19: 4).

GA Smith observa que a diferença entre Elias e Jonas era “que, enquanto Elias estava com ciúmes *por* Yahweh, Jonah estava com ciúmes *de* ele” (p. 526). Deve notar-se, no entanto, que nenhum deles tentou tirar a própria vida. A vida era considerada uma sagrada confiança proveniente de Deus.

A Pergunta de Deus (v. 4). Esta é uma pergunta gentil que não requer uma resposta imediata; no entanto, continha uma sugestão de repreensão, porque Deus procurou mostrar a Jonas o absurdo de sua reação. O propósito era levar o profeta a reflexão para que ele pudesse se ver. Você faz bem em se irritar? A raiva refere-se à v. 1 , e é do mesmo verbo para queimar ou ser aceso: "Você acha que se justifica em estar tão bravo?" Na mente do profeta que jogava não havia necessidade de responder: ele tinha

já se vingou e sua ação para sua própria satisfação! Em silêncio sombrio interrompeu a entrevista e se preparou para sair da cidade.

2. A Repreensão de Sua Narrowness (4: 5-11)

(1) O Profeta Aguarda a Destruição da Cidade (4: 5)

5 Então Jonas saiu da cidade e sentou-se ao leste da cidade, e fez uma cabine para ele lá. Ele se sentou debaixo da sombra, até que ele visse o que seria da cidade.

Não há uma expressão clara sobre quando o profeta deixou a cidade. O contexto simplesmente indica que era antes do vencimento dos quarenta dias. Ele saiu ainda esperando que sua previsão fosse de alguma forma efetuada e que a vingança só seria suspensa temporariamente. Talvez fosse difícil para ele acreditar que o arrependimento de Ninevite era genuíno. Ele escolheu o *leste* por causa da elevação que lhe proporcionaria boa observação.

Ele fez um estande, ou seja, um abrigo cru ou temporário que forneceu sombra do sol quente. Na festa da colheita, os estandes eram feitos de ramos e eram usados pelas pessoas para morar. Ali estava o infeliz profeta, esperando ver o que seria da cidade. Indubitavelmente, a presença do orgulhoso e austero profeta hebreu sentado em sombreado silêncio, meio louco de vexação e observando a cidade como um abutre, produziu um efeito psicológico contínuo sobre os habitantes de Nínive.

(2) A Repreensão Preparada (4: 6-8)

6 E o SENHOR Deus nomeou uma planta, e fez subir sobre Jonas, para que fosse uma sombra sobre a cabeça, para salvá-lo de seu desconforto. Então, Jonah ficou extremamente feliz por causa da planta. 7 Mas quando o amanhecer surgiu no dia seguinte, Deus nomeou um verme que atacou a planta, de modo que se secou. 8 Quando o sol se levantou, Deus designou um vento estonteante do leste, e o sol batia sobre a cabeça de Jonas, para que ele estivesse fraco; e ele pediu que ele pudesse morrer e disse: "É melhor eu morrer do que viver".

Por um tempo, a cabine proporcionou sombra, mas logo as folhas se secaram no clima quente e seco. Deus então preparou uma planta que provou ser uma diversão para Jonah, bem como sombra útil. De repente, parecia que Deus estava a favor de sua vigília solitária. A aparência milagrosa e o crescimento da planta tiveram que ser atribuídos a Deus! No entanto, o Senhor estava preparando cuidadosamente uma lição para seu servo solitário. A paciência de Deus e a catarse da reflexão durante os longos dias teriam seu efeito, como na experiência de Elijah durante sua jornada de 40 dias para o Monte Horeb (1 Reis 19).

Mais uma vez, o verbo designado (cf. 1:17) é usado como o Senhor Deus, preparou sua lição de objeto. A planta é uma variedade de jardim não identificada. Existe uma planta assíria chamada *kukanitu* e um *kiki* egípcio que foram considerados como possibilidades. A Septuaginta traduz a palavra como "calabacinha", ou seja, *cucurbita*

lagenaria , uma videira que cresce e magra rapidamente. A identificação não tem justificativa objetiva e, provavelmente, foi derivada do costume de verão ao longo do Tigris de plantar cabaças que cresciam rapidamente e subiam pelas tendas ou cabanas usadas para dormir.

A planta parece relacionada etimologicamente com a raiz egípcia e, se verdade, seria a planta de óleo de *pingo* rápido (*ricino*) com suas folhas largas. No entanto, a falta de identificação positiva causou confusão ao longo dos anos e produziu uma controvérsia bastante amarga entre Jerônimo e Agostinho quando o primeiro mudou a tradução aceita de "cabaça" para "hera".

A falta de identificação positiva não prejudica a lição do autor; o crescimento incomum, independentemente das espécies da planta, indica a intervenção milagrosa de Deus enquanto ele acelerava o curso normal da natureza.

A planta ea sombra eram instrumentos na lição de Deus para salvar Jonas de seu desconforto, ou melhor, "livrá-lo do seu mal". O autor, chegando ao tema principal de sua narrativa, afirma que Deus envolve ativamente o mundo (história), não só para salvar, mas também para libertar o seu povo do mal. O profeta encontrou um verdadeiro prazer na planta que era mais do que a antecipação da sombra. Ele começou a dirigir sua atenção para ele em vez de a cidade e por isso ele estava extremamente feliz. O crescimento milagroso interessou-o e serviu como um tipo de companheirismo durante a vigília solitária. Assim, ele começou a tirar os olhos da introspecção longe de si mesmo. O autor contrasta maliciosamente a felicidade sobre uma forma material de conforto pessoal e infelicidade sobre um desejo pessoal insatisfeito.

O prazer foi curto, no entanto, por de repente a tragédia atingiu. Outra intervenção divina ocorre quando Deus designou milagrosamente ou selecionou um verme humilde para desempenhar seu papel. Observou-se que, em dias quentes após uma chuva de lutas, a área de Nínive é abundante em lagartas pretas que podem tirar as folhas do *ricino* em uma única noite.

O verme .. . atacou (feriu fatalmente) ou cortou a planta e a matou. O seguinte verso registra o aumento do sol, o que implica que o verme atacou a planta durante as horas frias da noite em que Jonas estava descansando. Mais uma vez a conjunção consecutiva destaca a cadeia de eventos que se deslocam rapidamente. Mais uma vez Deus nomeou ou selecionou outro elemento de sua criação para auxiliar na lição de objeto. Um vento oriental sensual soprou através da terra desértica do deserto, que intensificou a angústia física e mental do profeta. O vento do leste, conhecido na Palestina como um sirocco, é um movimento extremamente quente e seco do ar, causando simultaneamente um aumento acentuado da temperatura e queda na umidade. Dá a impressão de que toda a umidade é removida do ar. Esses dias estão tentando emocionalmente os habitantes da região.

O sol e o sirocco combinaram para fazer com que o profeta desesperasse por sua vida. Na angústia física, ele manteve seus poderes mentais o suficiente para retornar ao seu desânimo anterior e, completamente exausto, começou a clamar pela fuga da morte: é melhor eu morrer do que viver. Literalmente, "ele começou a gritar por sua vida".

(3) A Repreensão Aplicada (4: 9-11)

9 Mas Deus disse a Jonas: "Fazes bem em zangar com a planta?" E ele disse: "Faço bem em zangar, com raiva de morrer". 10 E o SENHOR disse: "Você tem pena da planta, para o qual você não trabalhou, nem o fez crescer, que surgiu em uma noite e pereceu em uma noite. 11 E não deveria ter pena de Nínive, essa grande cidade, em que há mais de cento e vinte mil pessoas que não conhecem a mão direita da sua esquerda e também muitos gado?

Deus começa a mostrar ao profeta voluntário atingido o absurdo de sua atitude. Jonas agora estava bravo com a destruição de uma planta sem valor, que surgiu em uma noite e pereceu em uma noite . *A* alguns dias antes ele havia ficado com raiva porque uma cidade inteira não foi destruída! Ao admitir sua ira sobre a planta, Jonas prepara o caminho para o argumento irrespondível que se segue, e Yahweh conclui com força a lição. O enfático Você de v. 10 (Você tem pena da planta) está em contraste com o enfático I de v. 11 (não deveria ter pena de Nineveh?) Ambos os pronomes são incluídos em sua forma longa ou escrita para a ênfase.

Jonah estava preocupado com uma planta quando estava egoisticamente relacionado com sua pessoa; Javé estava preocupado com os habitantes de uma grande metrópole. Jonas estava preocupado com algo para o qual ele não havia trabalhado; Javé estava preocupado com a sua criação.

A conjunção inicial da v. 11 é unida ao "eu" enfático, apresentando um contraste de modo a sugerir uma pergunta. Deus não deveria se preocupar com mais de cento e vinte mil pessoas que não conhecem a mão direita de sua esquerda?

Geralmente foi aceito que, ao lado do penitente, havia 120.000 "crianças inocentes" que não eram responsáveis pela moral. Isso indicaria uma população total de cerca de 600.000 ou mais, um número considerado por muitos excessivo para o período. No entanto, levando em conta o conhecimento atual e as áreas populacionais circundantes, o número não seria altamente improvável, nem parece tão fantástico quanto se pensava.

No entanto, há outra interpretação que poderia alterar a estimativa de população acima; A forma de pessoas *é'adam* , e é seguida por quem não conhece, ou seja, aqueles que não têm conhecimento experiencial. A expressão pode ser entendida de forma idiomática: "a população (*" adam "*) não conhece (da experiência) do certo do errado", no sentido de que eles não receberam a instrução moral que Deus encomendou a Israel para compartilhar (ver Gn 12 : 3). A soma, então, representaria a população total da cidade. Isso parece credível. Uma inscrição de Nimrod (Calah of Gen. 10:11) indica que Ashumasirpal II (883-859 AC) deu um banquete para 69.574 pessoas (talvez a população da cidade), e Nínive era uma cidade muito maior.

No entanto, a essência da lição não está na exatidão da figura da população. O total pode ser geral; a aula é específica. Além da grande população, havia muitos gado, pois, afinal, mesmo os bois eram certamente superiores às plantas. Deus, de forma emocionante, mostra seu amor por toda a sua criação.

Com lógica irresistível, o 'autor fecha a narrativa e se abstém de acrescentar informação adicional sobre Jonah. A lição afunda profundamente na mente dos leitores. A exclusividade estreita do pensamento religioso que limita o alcance do amor universal de Deus está condenada à inevitável tragédia. A graça e a misericórdia de Deus são para toda a humanidade.

O livro termina com um contraste impressionante entre Deus e Jonas: Deus - salvaria tudo enquanto Jonas salvaria algum; A visão de Deus é universal enquanto Jonah é particular. Essencialmente, entre Jonas e Deus houve um conflito de vontades.

Neste conflito, o profeta Jonah representa um exemplo trágico de falha pessoal. Ele é um patriota rebelde, obstinado e obstinado com pouca percepção da tarefa de um profeta. Ele ama a Deus e ainda procura escapar do seu dever. Ele está profundamente preocupado para que Deus cometa um erro trágico ao perdoar os odiados ninivitas e, no entanto, ele está disposto a oferecer-se para que marinheiros inocentes perecessem por sua desobediência.

Ele tinha um poder incomum para a pregação, mas ele não ama aqueles a quem ele dirigiu sua mensagem.

Em contraste com o espírito exclusivo de Jonas e o nacionalismo judeu, um autor desconhecido foi movido para alturas sublimes, pois mostra a ternura de Deus que procura envergonhar os pequenos preconceitos em insignificância. O autor, sem querer, mantém um forte contraste com Jonah. Aqui, a compreensão profunda da verdadeira mensagem profética e do espírito da fé de Israel levou-o a ver claramente o chamado a uma missão mundial. Verdadeiramente ele é um membro digno do seleto grupo de profetas de Deus, e por sua visão inspirada, Jonah, o primeiro tratado missionário formal foi escrito. Através dele, Deus chamou Israel de novo para sua tarefa. Foi dada uma segunda chance de cumprir sua missão como serva de Javé, para ser uma "luz para as nações" (Isaías 42: 6 ; 49: 6).

Miqueias

B. Elmo Scoggin

Introdução

I. Profecia e Profeta no Antigo Testamento

O profeta é um homem que está em desacordo com seus tempos. Isso nunca foi mais claramente demonstrado do que na vida e obra do maior de todos os profetas, Jesus Cristo. Em um sentido muito real, isso deve ser verdade para o profeta em todas as épocas.

Os profetas são "algumas das pessoas mais perturbadoras que já viveram" (Heschel, p. Xiii). Isso é verdade não só por causa do que eles disseram, mas também por causa do que eram. A teologia dogmática tende a minimizar e sublimar a parte do profeta e a reduzi-lo a um robô que desconhece o verdadeiro significado de sua experiência com as

realidades que o tocam de fora. Mas o profeta é uma pessoa, não um autômato, nem uma *coisa,* mas um ser à imagem de Deus e um colega de trabalho com Deus.

A origem do fenômeno profético está perdida na antiguidade. Alguns pensam que veio da Babilônia. Outros acreditam que pode ter se originado no antigo Egito. Outros dizem que é dos começos semíticos na Península Arábica. Muitos estudiosos hoje assumem a posição de que, apesar de sua origem ser ocaida, entrou na religião hebraica do Antigo Testamento por meio dos cananeus.

No momento da sua aparição nas Escrituras do Antigo Testamento, a profecia já possui um caráter distintamente hebraico. Foi batizado na fé monoteísta, e no século VIII tornou-se claramente o que poderíamos definir hoje como uma pregação corajosa e contemporânea. Heschel diz que "a profecia pode ser descrita como exegese da existência a partir de uma perspectiva divina" p. xviii). Os profetas falaram com suas próprias gerações sobre problemas e problemas específicos. Eles não gastaram suas energias em generalidades. Suas palavras foram direcionadas diretamente ao coração das questões com as quais eles lidavam.

Havia uma tensão constante entre o *profissional, os* falsos profetas e os verdadeiros porta-vozes de Deus. O verdadeiro profeta encontrou seu chamado e mensagem confirmada pelos poderosos resultados de sua pregação. Ele foi chamado e mudado pela palavra divina. Assim, vem o poder de Deus no meio da cena humana. Isso nunca foi uma questão simples para o profeta nem para o ouvinte. Com tanta frequência quanto Deus carregava o profeta com sua mensagem, muitas vezes as pessoas estavam ofendidas pela palavra profética. O profeta deve viver com dois fatos difíceis: Deus não o deixará em paz e o homem não o tolerará.

Os ouvintes do profeta são muitas vezes perplexos com suas palavras e pelo seu comportamento. Ele fala com as realidades presentes no endereço direto e muitas vezes acompanha suas palavras com vívidos atos simbólicos. Seus ouvintes querem linguagem florida que se destina a nada específico, especialmente a si mesmos. Com "fogo em seus ossos", o profeta chama o homem para a realidade. Ele exige envolvimento existencial em um contexto "este-presente-mundo". Sua mensagem está enraizada na história, mas é destinada a dar sentido ao presente. Ele quer que "os olhos vendados sejam desbloqueados e as orelhas paradas" (Isaías 6:10).

A verdadeira honestidade do phophet em seu tratamento da situação contemporânea muitas vezes faz com que sua mensagem pareça grosseira e até vulgar. Ele nunca foi afastado de seu dever pela crassness e degradação da sociedade. Ele "diz como está". A nação que produziu os profetas teve um presente para ver e revelar suas faltas sem pretensões.

Na época em que os profetas do século VIII vieram em cena, a ênfase ética dos dias anteriores começou a dar lugar aos aspectos cerimoniais e sacrificais da religião. A religião tornou-se formalizada e institucionalizada. Esta condição realmente tornou necessário e produziu o movimento profético.

O principal tema palpitante da profecia não é uma mera predição, é uma exortação. Isso não significa que a previsão não é uma parte importante da tarefa do profeta e um sinal reconhecido da autoridade do profeta (Deuteronômio 18:22 ; Isaías 41:22 ; 43: 9); mas

diz que sua tarefa essencial é falar a palavra de Deus para a cena contemporânea e usar cada presente para levar a luz de Deus a suportar o presente.

Em contraposição, então, a muitas crenças populares, a profecia não é principalmente preditiva. Os profetas eram pregadores destemidos que declaravam "assim diz o Senhor!". Da compreensão do envolvimento e do propósito de Deus para a história humana, eles discerniram grandes e eternos princípios no trabalho e entenderam os resultados óbvios do fracasso do homem em ordenar sua sociedade por esses princípios . A corrupção moral é um pecado fatal. O que o produz é objeto de preocupação profética que visa erradicar as causas do pecado e curar suas feridas.

Heschel diz: "A reflexão profética começa. . . com o abuso e consequente fracasso da liberdade, com a irracionalidade da conduta humana, e aponta para Deus que está acima da história. A história feita pelo homem não é a única dimensão da história. Os profetas nunca ensinaram que Deus e a história eram um, ou que o que quer que aconteça abaixo reflete a vontade de Deus acima. Sua visão é do homem que desafia Deus, e Deus busca o homem para conciliar com ele. O homem tem escolha, mas não a soberania "(pp. 168, 190).

Às vezes, é extremamente difícil para o homem moderno ver que há uma dimensão para a história que não pode ser reduzida a uma equação e programada em um computador. O homem, no entanto, não é realmente Deus, e ele não pode ser completamente o que ele foi criado por Deus para ser até que ele reconheça que toda a vida é realmente maior que a soma de todas as suas partes. "O viés. . . que nada deve ser reconhecido como um dado, a menos que possa ser qualificado *a priori* como capaz de explicação, além de ser pretensioso e questionável, obstruir a visão de grande parte da realidade e afetar seriamente nosso poder para obter uma visão perfeita do que enfrentamos "(Heschel, p. Xiv).

Os profetas chamaram os valores humanos em questão e desafiaram a suposição de que tudo o que fosse o trabalho era de Deus. Conveniência, opinião maioritária, força, todos foram rejeitados como padrões de medida. Isso fazia sentido aos profetas por causa do valor que eles colocavam sobre as pessoas, individualmente e coletivamente, em vez de prestígio nacional, sucesso militar, expansão territorial e coisas similares.

Existem dimensões eternas da história à qual a pregação profética sempre se relacionou. Como resultado, a profecia tinha o que poderia ser chamado de uma aplicação cíclica. O que foi profetizado poderia acontecer uma e outra vez se as condições fossem repetidas. Em outras palavras, as profecias eram variáveis, mas os princípios em que se baseavam eram eternos e invariáveis. Havia aquelas profecias que não perderam seu significado imediatamente após o cumprimento, mas que, à luz do conhecimento atual, são vistas no futuro.

O fato de que o significado da profecia é muitas vezes inesgotável pode ser explicado em parte pelo fato de que "o profeta é diferente dos outros homens. Ele tem uma solidão e uma intensidade que não são típicas. Seus padrões são tais que o colocam sozinhos na companhia de Deus. Sua visão, portanto, é maior do que a visão de outros homens.

No começo, observamos que um profeta é um homem em desacordo com seus tempos. Isso certamente era verdade para Miqueias. Ele chocou o seu povo ao ser o

primeiro profeta a prever a total destruição de Jerusalém. Ela era culpada de corrupção moral que, segundo Miqueias, era o pecado fatal. Assim, entendemos por que o gosto da palavra de Deus era tão amargo para Miqueias. Em sua visão do futuro, vê o mal no portão de Jerusalém, 1:12 , e isso lhe traz amargura e tristeza, 1: 8.

Embora Miquéias estivesse angustiado e afligido pelos julgamentos a que ele tinha que vir, ele não desesperou. O comando de Deus descansou fortemente sobre ele e pareceu-lhe como a ira de Deus. Miqueias nos ajudou mostrando a causa da ira de Deus e nos dizendo como viver com essa raiva. Ele nos mostrou que nossos pecados suscitam o desagrado de Deus e que o castigo pelo pecado é justo. Podemos suportar esse castigo porque é justo e porque a raiva de Deus não exige que ele nos abandone. Deus nos ama e nos redime, mesmo quando ele castiga nossos pecados.

II. Miqueias e seus tempos

Há incerteza sobre a data de Miqueias. O verso de abertura do livro o coloca nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias. Isso significaria que ele poderia ter pregado tão cedo quanto 737 AC e até 686 AC. É muito provável que os anos reais de seu ministério coincidem aproximadamente com o último quarto do século VIII aC

A evidência interna, apoiada por Jeremias 26: 17-18 , sugere que as profecias de Miquéias provavelmente foram proferidas durante o reinado de Ezequias, e que a inscrição em 1: 1 é muito provável uma adição por uma pessoa posterior, talvez durante o período do exílio . Se houvesse oráculos antes do reinado de Ezequias, eles não foram preservados, a menos que tenhamos em 1: 6 uma profecia da retribuição de Samaria, caso em que teria acontecido nos últimos dias do reinado de Acaz antes de 725 AC. Muitos os estudiosos acreditam que Miqueias, juntamente com outras obras proféticas, foi editada no terceiro século AC e que os editores atribuíram datas iniciais.

Houve aqueles que consideraram Miqueias apenas um pouco mais tarde do que Amós e, portanto, um contemporâneo de Isaías e Oséias. Isso colocaria suas primeiras profecias em torno de 735 AC

Um discerna do texto que Miqueias estava principalmente preocupado com a ameaça assíria de 711 AC. Ele indica que o destino de Jerusalém é ser semelhante à de Samaria em 722-721. Ele foi o primeiro profeta a prever a total e total destruição de Jerusalém. Uma vez que isso não ocorreu como resultado da crise de 711, Miqueias ficou um pouco desacreditada e pode ter se humilhado em uma aposentadoria auto-imposta. A crise recorreu em 701 AC e Miquéias tornou-se novamente ativo. A libertação milagrosa da cidade das mãos de Senaqueribo trouxe novamente Miqueias para desacreditar e provavelmente resultou em uma retirada voluntária da vida pública.

Sua pregação não foi, de modo algum, infrutífera, no entanto, para um profeta posterior (Jeremias 26:19) creditou Miqueias, tendo suscitado o rei Ezequias ao arrependimento e à ação.

O peso da bolsa hoje coloca Miqueias no final do século VIII AC , certamente no último quarto do século.

A frase de abertura da profecia identifica Miqueias pelo nome e pela cidade natal. Moresheth - que é mais corretamente escrito por Moreshah - é identificado por alguns hoje como "Tel Marissa" e por outros como "Tel Judeydeh". Os sites estão a duas milhas um do outro e estão a cerca de vinte milhas a sudoeste de Jerusalém, no sopé próximo a planície costeira. Moreshah era uma cidade satélite de Gath e deitava-se ao norte de "Beit Jubrin". A localização da cidade era estratégica apenas na medida em que era um posto avançado, uma vila fronteiriça e muitas vezes estava sujeito a ataques. Jeremias 26:18 coloca Miquéias em Moresha, durante os dias de Ezequias.

Não temos informações sobre o chamado de Miqueias. Alguns pensam que ele pode ter sido um descendente linear de Eliezer, ou pelo menos inspirado por este Moreshthite anterior. É muito provável que ele tenha sido fortemente influenciado por Amos que haviam vivido vinte milhas a leste em Tekoah. Ele provavelmente foi o último dos quatro grandes profetas do século VIII AC , Amós, Oséias e Isaías sendo os outros três.

Cada um desses profetas tinha sua origem única. Amos era um pastor de montanha; Oseias, um cavalheiro agricultor; Isaiah possivelmente de linhagem real e membro da corte do rei em Jerusalém. Miqueias era um morador da cidade pequena, possivelmente um comerciante ou um forjador. Suas mensagens indicam uma profunda compreensão e simpatia pelos pobres. Ele pode até ter sido um simples campesino. Ele demonstrou a desconfiança de um camponês pela cidade e sua riqueza. Ele era um crítico destemido dos poderosos ricos e não tinha esperança para eles.

Miqueias teve uma consciência social aguda. Alguns pensam que ele mostrou uma maior consciência de males sociais do que Amos. Sua simpatia era com as vítimas da opressão, enquanto suas acusações mais espinhosas foram acumuladas contra os perpetradores da opressão.

Seu nome significa: "Quem é como o Senhor?" E indica claramente que ele era de uma família de adoradores de Deus, embora não se saiba nada de sua família.

Embora obviamente tenha uma origem humilde, ele conheceu Jerusalém e expressou algumas das suas mais fortes denúncias contra a cidade e seus cidadãos. Ele era destemido, disposto a permanecer sozinho contra a visão popular e comprometido com o conceito de que não havia verdadeira religião sem obediência moral a Deus.

Os profetas do século VIII pregavam em um momento em que a política internacional se caracterizava por intriga. A Assíria era o poder dominante, tendo subido a grandes alturas até meados do século VIII. A Síria foi conquistada em 732 AC.Israel caiu em 722 AC. Na época de Miquéias, Judá era um pequeno estado tampão entre a Assíria e o Egito. Com seu sentido afiado da história, Miqueias corretamente avaliou as causas para a queda dos vizinhos de Judá e lançou seus sermões para persuadir Judá a evitar o mesmo destino. Quem poderia, mas profetizar sob tanta urgência?

A situação internacional juntamente com a corrupção dentro de Judá foram as questões que provocaram Miqueias a realizar seu ministério público. A moral era baixa, o governo era decadente, os tribunais eram corruptos, a religião era formalista, a nação havia perdido sua integridade.

Miqueias é classificada com os "Profetos Menores", mas ele é menor de tamanho. Sua influência foi grande durante o dia dele e ainda é poderosa na causa dos necessitados e dos oprimidos. Ele ilustra a definição de Snaith de um profeta como "Um homem que fala uma verdade maior do que ele sabe. . . existe um elemento extra mais do que humano em "o que ele diz".

III. Compilação e texto

Há opiniões contraditórias sobre o texto e a unidade de Miqueias. Roland E. Wolfe diz: "O texto de Miqueias está em bom estado de preservação, o que indica que estava na posse de pessoas que lhe deram muito cuidado durante o período pré-canônico. Contrastando a extrema corrupção nas profecias de Oséias, o livro de Miqueias está na melhor condição de qualquer um dos textos proféticos do século VIII "(p.899).

Por outro lado, JMP Smith diz que o texto de Miqueias é corrupto, apenas oséias entre os profetas menores têm um texto mais corrupto. Na verdade, de acordo com Smith, o texto da Septuaginta é considerado por muitos como mais correto do que o Massoretic Text (p. 5). Bruce Vawter diz: "Segundo apenas para Oséias, o livro de Miqueias está em um estado extremamente mau de preservação".

Existe uma diferença de opinião tão ampla quanto à unidade do livro. No entanto, a maioria dos estudiosos provavelmente concordaria com WP Merrill que o livro de Miqueias como um todo é "confuso, opaco, difícil de entender" (página 142).

Os três primeiros capítulos são quase unanimemente atribuídos a Miqueias. Não há a mesma unanimidade em relação aos quatro capítulos restantes. A história da formação do livro está perdida e provavelmente além da recuperação. Por conseguinte, é praticamente impossível obter um acordo geral sobre qualquer esquema para todo o trabalho.

JMP Smith aceita os três primeiros capítulos como sendo essencialmente o trabalho de Miqueias, mas diz que eles têm mais erros do que seções posteriores por causa do grande número de nomes próprios, a maior idade do material e o amolecimento por editores posteriores do caráter áspero do material anterior (JMP Smith, p. 6). O livro é constituído, na visão de Smith, de fragmentos diversos de períodos amplamente dispersos e pelo menos quatro autores (p.16).

Bruce Vawter pensa que a erudição moderna está chegando à visão de que Miqueias provavelmente proferiu muito mais do material do que lhe foi atribuído pelos críticos mais antigos. Ele diz que os capítulos 1-3 e 6-7 são muito provavelmente Miqueias's. Os capítulos 4-5 são oráculos de salvação entre as duas seções de destruição para alívio. O editor ou redator cuidava pouco ou nada para a cronologia.

Vawter continua dizendo que os capítulos 4-5 , que ele chama de seção "messiânica" de Miqueias, podem ser "o trabalho de nosso profeta". ... Creio que um bom caso agora pode ser feito para esses capítulos como contendo a doutrina messiânica de Miqueias ".

Um dos problemas na profecia bíblica é a mistura de julgamento e esperança. Alguns estudiosos assumem a posição de que os dois não pertencem juntos. Em muitos dos

casos em que a desgraça e a esperança estão lado a lado, alguns estudiosos assumem que a unidade foi perturbada por mãos posteriores.

Isso não desconta o fato de que há uma grande diversidade de assuntos nos profetas. Também não ignora o fato de que existe uma natureza condicional à profecia. Se as pessoas atendem ao aviso profético, a penalidade anunciada pode ser evitada. Jeremias 26: 17-19 diz que tal foi o caso quando Ezequias se arrependeu na pregação de Miquéias. Deus viu a mudança operada pela palavra profética e permaneceu sua mão contra o castigo.

GW Wade (p. Xxiv) aponta que existem casos em que tal explicação não é adequada. Em 4: 1-5 existe uma profecia de esperança que segue o destino sem qualquer transição. É forçado e não natural. Mais uma vez em 7: 7-20, há uma imagem de uma comunidade se tornar penitente por causa da adversidade. Como resultado da penitência, há esperança para o retorno dos exilados e a reconstrução de Jerusalém. Isso não só está fora de harmonia com o desaparecimento dos justos e a prevalência da violência como descrito nos primeiros seis versículos do capítulo 7 , mas também é um contexto fora do tempo. Wade resolve o problema ao atribuir 7: 7-20 a um profeta 70 ou 80 anos após o retorno do exílio.

Como essas adições se juntaram a oráculos originais? A resposta de Wade é que pode haver mais de um Miqueias (pág. Xxv). Como os rolos de pergaminho e papiro eram escassos, eles eram extremamente valiosos e nunca foram parcialmente escritos. Eles foram preenchidos e nenhuma distinção foi feita entre diferentes autores. De fato, a maioria das obras históricas do Antigo Testamento são de autoria desconhecida, principalmente por esse motivo. De acordo com Wade, existem passagens proféticas como Isaías 40-66 e os últimos seis capítulos de Zacarias que são vistos a partir de evidências internas para pertencer a escritores desconhecidos, mas foram adicionados ao trabalho de autores conhecidos.

Muitos estudantes contemporâneos da Escritura acreditam que nossos livros bíblicos atuais são produtos de um processo de crescimento. Havia os documentos básicos ou as palavras que circulavam e aos quais os comentários foram adicionados durante os anos, mesmo os séculos, do desenvolvimento. Miquéias pode ter circulado cinco séculos como um livro vivo e crescente. Miqueias deve ter dado suas declarações públicas antes de 700 aC, altura em que foram coletadas. Cerca de 200 AC , juntamente com outras obras, foram consideradas como escrituras sagradas e já não estavam sujeitas a mudanças e adições.

IV. Teologia de Miqueias

A mensagem de Miqueias era direta, direta, até o ponto. Ele estava contra as condições morais e religiosas defeituosas de seu tempo. Ele apontou a inelutável conexão entre o pecado e sua punição. Ele viu claramente que os pecados que ele condenou levariam à ruína política. Por esta razão, ele viu a última destruição de Jerusalém como a única saída possível dos pecados de Judá. Ele não teve nenhuma alternativa, então, mas para condenar a desonestidade, um sacerdócio corrupto e profissional, os tribunais que vendiam justiça, os homens enriqueceram roubando os pobres.

Miquéias, com Amós, Oséias e Isaías, tentaram purificar a religião de Israel ao enfatizar uma alta doutrina de Deus. Ele deu articulação simples a este tema, enfatizando a natureza ética das demandas de Yahweh sobre o seu povo. Deus deseja justiça e misericórdia, não animais sacrificados. Ele quer o caráter certo, não a forma religiosa. O favor de Deus não é comprado, é concedido, e os ideais divinos da justiça e da justiça são perseguidos por eles próprios.

O profeta não conseguiu entender como as pessoas que Deus escolheu deliberadamente, e para quem ele tinha feito tanto, jamais poderiam esquecê-lo e se voltar contra ele.

Como o pecado traz seu próprio castigo, Jerusalém sofreria a total destruição e a desolação por seus pecados contra Deus. O julgamento era o único prospecto. Foi preciso grande coragem para Miqueias prever a destruição de Jerusalém. Sua pregação era tão dinâmica que Ezequias iniciou um movimento de reforma que parecia remover a ameaça. Esta reforma, no entanto, apenas atrasou a ameaça e não manteve o julgamento que certamente viria. Marsh diz que Jerusalém "cambaleou de crise para crise" até sua morte nas mãos da Babilônia mais de um século depois.

Na opinião deste escritor, Miqueias foi subestimado por muito tempo. Felizmente, agora parece haver uma apreciação crescente por seus dons literários.

Esboço

I. Introdução (1: 1-4)
   1. Subscrição editorial (1: 1)
   2. Hino na honra de Javé (1: 2-4)

II. Profecias do juízo (1: 5-3: 12)
   1. Lamento para Samaria e Jerusalém (1: 5-9)
   2. Previsão do exílio (1: 10-16)
   3. Profecias contra males sociais (2: 1-3: 12)
      1. contra os inventores do mal (2: 1-11)
      2. um interlúdio de esperança (2: 12-13)
      3. contra os líderes políticos (3: 1-4)
      4. contra profetas enganosos (3: 5-8)
      5. contra os líderes - políticos, legais, religiosos (3: 9-12)

III. Visões de um futuro glorioso (4: 1-5-15)
   1. Promessa de paz pela fé em Javé (4: 1-8)
   2. A vitoria de Javé sobre os inimigos do seu povo (4: 9-5: 1)
   3. Novo governante sobre o povo de Israel (5: 2-6)
   4. Uma era de paz e benção (5: 7-15)

IV. Da controvérsia à vitória (6: 1-7: 20)

1. A controvérsia de Deus com seu povo (6: 1-8)
    1. O caso contra o povo (6: 1-5)
    2. Religião, ritual ou espírito? (6: 6-8)
2. Deus pede a Jerusalém (6: 9-16)
3. Uma nota de desespero (7: 1-6)
4. A vitória da fé (7: 7-20)

Bibliografia selecionada

BAAB, OTTO J. *A Teologia do Antigo Testamento.* Nashville: Abingdon-Cokesbury, 1959.

EICHRODT, WALTHER. *Teologia do Antigo Testamento.* 2 vols. Filadélfia: The Westminster Press, 1967.

HESCHEL, ABRAHAM J. *The Prophets.* Nova Iorque: Harper e Row, 1962.

KNIGHT, GEORGE AF *Uma teologia cristã do Antigo Testamento.* Richmond: John Knox Press, 1959.

LINDBLOM, J. *Prophecy in Ancient Israel.* Filadélfia: Muhlenberg Press, 1962.

MERRILL, WILLIAM PIERSON. *Profetas do Alvorecer.* Nova Iorque: Fleming H. Revell, 1927

SMITH, GEORGE ADAM. *O Livro dos Doze.* Vol. 1. Edição Revisada. Nova York: Harper e Brothers, nd

SMITH, JMP *Miqueias, Sofonias, Naum, Habacuque, Obadias, Joel.* ("Comentário Crítico Internacional") Edimburgo: T. & T. Clark, 1911.

VON RAD, GERHARD. *Teologia do Velho Testamento.* 2 vols. Nova York: Harper e Row, 1965. WADE, GW *Miqueias, Obadias, Joel e Jonah.* ("Comentários de Westminster") Londres: Methuen, 1925.

WOLFE, ROLLAND E. "Miqueias". *A Bíblia do Intérprete.* Vol. 6. Nashville; Abingdon, 1956.

Comentário sobre o texto

I. Introdução (1: 1-4)

1. Superação editorial (1: 1)

1 A palavra do SENHOR que veio a Mica de Moresheth nos dias de Jotão, de Acaz e de Ezequias, reis de Judá, que viu sobre Samaria e Jerusalém.

Um editor desconhecido, possivelmente o redator ou o compilador do Livro dos Doze, prefixou este versículo para a coleção. Ele identifica o profeta pelo nome, o coloca em sua cidade natal, coloca-o em um contexto histórico definido, afirma que a mensagem a seguir é a palavra de Javé, identifica Samaria e Jerusalém como os principais objetos do juízo profético e designa Miqueias como um profeta visionário, aquele que discerniu as

mensagens de Deus vislumbrando-as ou vendo-as através dos poderes da mente e do espírito.

Miqueias é um nome simbólico, uma forma abreviada de Micaiah. Significa "Quem é como Yahweh?" É duvidoso que o simbolismo do nome tivesse algum significado especial no que diz respeito à mensagem desta profecia.

A declaração de abertura original provavelmente estava limitada à Palavra do Senhor que veio a Miqueias. Alguma variação desta fórmula simples foi prefixada para quase todos os livros proféticos. De acordo com muitos estudiosos (por exemplo, Eichrodt, Vol. II, p. 76, Lindblom, p. 250), esta fórmula foi o que levou a autoridade das profecias escritas ao pleno poder.

Miqueias não dá detalhes sobre sua própria experiência de fé, mas se supõe do poder de suas declarações que a mão de Deus foi colocada firmemente sobre ele, de modo que ele não podia deixar de declarar "Assim diz o Senhor" (3: 5). A palavra de Deus ainda vem para aqueles que ouvirão e obedecerão ao chamado profético.

2. Hino na honra de Javé (1: 2-4)

> *2 Ouça, vocês, povos, todos vocês;*
> *escute, ó terra, e tudo o que está nele;*
> *e deixe o SENHOR Deus ser uma testemunha contra você,*
> *o Senhor de seu templo sagrado.*
> *3 Pois eis que o SENHOR sai do seu lugar,*
> *e descerá e pisará os altos da terra.*
> *4 E as montanhas derreterão sob ele*
> *e os vales serão fissurados,*
> *como cera antes do fogo,*
> *Como as águas derramaram um lugar íngreme.*

O mundo inteiro, todos os povos e toda a natureza, são chamados a atenção. Yahweh está prestes a fazer uma intervenção dramática. Ele pisará os altos da terra. O profeta revela uma visão universal do relacionamento de Deus com a criação: escute, ó terra, e tudo o que nele existe. Isso indica algo da importância que o profeta atribui a uma palavra divina. A palavra de Deus mereceu atenção durante a criação. Esta mesma terra de chamada é encontrada em Isaías 1: 2 . Esses profetas acreditavam que suas palavras eram de origem divina e, portanto, de importância não só para Israel, mas para toda a criação.

A preocupação de Deus é com todo o mundo, mas isso de forma alguma significa que é geral como distinto da preocupação específica. A profecia de Miqueias, embora dirigida a Samaria e Jerusalém pelo nome, é de significado mais que imediato e local. Nenhuma nação vive fora da preocupação de Deus. Todos os homens vivem suas vidas à vista e na presença de Deus.

A primeira parte do v. 2 nos lembra o chamado do salmista: " fica quieto e sabe que eu sou deus" (46:10)). Essa afirmação de Deus em nossas vidas indivisas muitas vezes cai sobre ouvidos surdos. Nós nos tornamos tão envolvidos em nossa ocupação que nada mais parece importante o suficiente para ter precedência sobre o que estamos fazendo no momento. É preciso uma grande maturidade para nós mantermos nossas prioridades e nossas prioridades em constante revisão. No entanto, este é o requisito mínimo de uma visão profética da história. Como são os discípulos de Jesus! Quando ele propôs enviá-los, a preocupação era com os valores humanos, com os "confortos de criaturas". Ele disse-lhes essencialmente: "Não dê prioridade às coisas periféricas. Procure primeiro o reino de Deus e a sua justiça, então todas as coisas periféricas seguirão naturalmente "(Mateus 6: 31-33).

A conveniência temporária tem uma maneira de assumir extrema importância para a maioria de nós. Pode-se chamar alto e reivindicar nossas lealdades nunca cessa. Nesses momentos, a previsão "logo nos leva de volta à realidade. Mesmo o profeta tem seus ataques solitários e desencorajadores com as rotinas da vida. No entanto, a reivindicação de Deus em nossas mais altas lealdades nunca cessa. Naqueles momentos em que estamos no nosso melhor, ouvimos o chamado constante: "Preste atenção! Incline-se desta maneira, todos os povos e todas as coisas! "

No v. 2 , temos uma visão maravilhosa do caráter universal da mensagem profética. Nada na criação está isento do domínio de Deus. O chamado universal e insistente de Deus é seguido pela descrição de uma teofania no v. 3-4 . A implicação é que, assim como a natureza se curva e muda com a presença de Deus, a sociedade humana está sujeita a ele. Se as montanhas derreterem ao desejo de Deus e correrem como cera derretida ou como águas derramadas em um lugar íngreme, quão fracas e desamparadas são as famílias humanas antes da vontade de julgar.

É verdade que Israel pensou e falou sobre Yahweh em termos antropomórficos, mas, como mostra von Rad, estes eram sempre gigantes: a beleza mais elevada em toda a criação era o condescendente de Yahweh e a entrada na existência histórica de Israel (Vol. I, pp. 146 , 366).

Existem várias interpretações desta e teofanias semelhantes (por exemplo, Judg. 5: 5 ; Nah. 1: 5 ; Hab. 3: 6). Wade (p.4) diz que a atividade divina é descrita através de imagens físicas. As nuvens de tempestade que se movem ao longo das montanhas são véus para o brilho da presença divina. A descida de Deus é acompanhada por violentas tempestades que causam lâminas, inundações e fendas.

JMP Smith (pp. 35-36) acha que as teofanias são acompanhadas por tempestades mais que ferozes. Também estão incluídos os fenômenos naturais mais violentos, como terremotos e erupções vulcânicas. Essa demonstração do poder de Yahweh significa que o julgamento está à beira da execução. As nações, todas elas, são convocadas, não como testemunhas, mas como auditores de vital interesse, a quem deve considerar diligentemente o que ouvem, pois o caso de Israel é parte integrante do caso do mundo. O castigo de Israel de Israel é um testemunho contra todas as nações.

Quando o profeta pede que os povos e a natureza se juntem para ouvir a mensagem de Deus, ele está dizendo, em essência, que quando Deus fala, o céu e a Terra são afetados.

Os pronunciamentos proféticos foram encaminhados para a cena contemporânea. Os movimentos e esquemas das nações eram muitas vezes os sinais que provocavam que os profetas falassem. Mas as proclamações dos profetas eram mais do que simples estimativas inteligentes da situação política atual. Esses homens combinaram a astúcia política com a visão religiosa do propósito de Yahweh na história. O castigo vindouro foi obra da mão de Yahweh em disciplinar seu povo. Deste modo, Yahwehtread sobre os altos da terra. O encontro de Israel com seus vizinhos, então, era essencialmente um confronto com Yahweh.

O próprio Senhor Yahweh tornou-se uma testemunha contra o seu povo. Eles são chamados de testemunhas apenas para a justiça de suas acusações contra eles. O Senhor usa as convulsões da natureza, bem como a sua palavra para testemunhar contra o seu povo. Nas palavras de Tait, a santidade de Deus deve agir e falar quando confrontado com os pecados do homem.

II. Profecias do Juízo (1: 5-3: 12)

1. Lamentação para Samaria e Jerusalém (1: 5-9)

5 Tudo isso é para a transgressão de Jacob
e pelos pecados da casa de Israel.
Qual é a transgressão de Jacob?
Não é Samaria?
E qual é o pecado da casa de Judá?
Não é Jerusalém?
6 Portanto, farei da Samaria um monte no campo aberto,
um lugar para plantar vinhas;
e derramará suas pedras no vale,
e descobrir suas bases.
7 Todas as suas imagens serão espancadas,
todas as suas contratações serão queimadas com fogo,
e todos os seus ídolos vou arruinar;
pois da contratação de uma prostituta os recolheu,
e para contratar uma prostituta, eles retornarão.
8 Por isso, lamento e lamento;
Eu vou desnudado e nu;
Vou fazer lamentações como os chacais,
e luto como os avestruzes.
9 Porque sua ferida é incurável;
e chegou a Judá,
chegou ao portão do meu povo,
para Jerusalém.

O profeta está usando o exemplo de Samaria para ensinar uma lição de objeto a seu próprio povo. Eles estavam obviamente familiarizados com a história de Samaria e não ficaram surpresos ao ouvir que o profeta dizia que o destino de Samaria tinha sido atado a seus pecados. O povo tinha ouvido a afirmação profética de que as fortunas das nações estão, em última análise, sob controle divino. Mesmo quando as nações abordam seus próprios objetivos e aparentemente pensam que eles controlam seus próprios destinos, eles são realmente agentes de Deus e às vezes os usa para castigar outras nações, enquanto cumpre todos os seus propósitos históricos.

A lição histórica não foi difícil de encontrar no caso de Samaria. A ira de Yahweh sempre é provocada pela apostasia. Samaria praticara idolatria, e Javé tinha exercido juízo contra ela. Como o pecado de Jerusalém é o mesmo que o de Samaria, seu destino será o mesmo que o de Samaria. De fato, Isaías (10:11) articulou a mesma idéia: "Não devo fazer a Jerusalém e seus ídolos como fiz com Samaria e suas imagens?"

O texto hebraico do v. 5 refere-se aos "lugares altos de Judá", mas o RSV usa leituras de fontes não-hebraicas para tornar o texto mais harmonioso com o contexto. O RSV é sem dúvida certo neste caso e se refere ao pecado da casa de Judá.

Há aqueles que sustentam que Miquéias proferiu esta profecia antes da queda de Samaria, talvez em 725 AC ; Eles usam v. 6 para provar seu caso. Isso não é de modo algum certo, no entanto, e a mais moderna bolsa de estudos teria problemas com essa posição. Se o versículo chegar a 725 AC , isso também é uma profecia da destruição de Samaria.

A maioria dos estudiosos acredita que este versículo foi escrito cerca de 714 AC e que representa o primeiro esforço de Miqueias em profetizar. Não há nada na gramática e sintaxe hebraica que exige que a passagem seja traduzida no futuro e não no tempo presente. Assim, o público do profeta pode ver Samaria como um exemplo histórico. Seu povo é morto, esparramado e exilado, e suas belas estruturas de pedra estão caindo aos pedaços e rolando a encosta íngreme uma pedra após a outra. Todas as suas imagens devem ser espancadas. Esse tipo de destino espera todas as cidades que têm ídolos para o seu deus. Jerusalém não será uma exceção.

O peso da mensagem de Mica é que o pecado traz seu próprio castigo. O pior de todos os pecados foi a adoração de deuses falsos. Samaria demonstrou a loucura desta terra do pecado. Agora, Jerusalém deve sofrer o mesmo destino. Qualquer que seja o preconceito que possa ter sido contra a possibilidade da queda de Jerusalém foi provar infundado. Ela não era inviolada e era tornar-se uma pilha desperdiçada, assim como Samaria. Chegou ao portão do meu povo, a Jerusalém.

Julgo do contexto geral que Miqueias considerou Samaria responsável por infectar toda a Palestina com a doença moral que levou à sua ruína. Começou em Samaria, mas, como a malignidade espiritual que era, espalhou-se por todo o corpo até o coração de Jerusalém.

Samaria já estava em ruínas oito ou dez anos e Jerusalém não havia aprendido nada da queda de Samaria. Assim, o pecado de Samaria realmente se tornou o pecado de Jerusalém. A corrupção se atrinchou para a sociedade de Jerusalém que o povo estava cegado pela lição da história escrita tão grande no destino de Samaria.

É útil lembrar que Samaria é muitas vezes um sinônimo para o Reino do Norte, Israel, e que Jacob também é usado às vezes para denotar todo o Reino do Norte. Da mesma forma, Judá e Jerusalém podem designar o Reino do Sul. Zion pode defender Jerusalém e pode até defender a cidade quando a cidade representa o Reino do Sul.

Aparentemente, cada cultura e civilização deve aprender as lições da história de novo. Muitas vezes ouvimos que a história é um grande professor, mas há muitas indicações de que nunca aprendemos as lições mais importantes exceto pela experiência. Certamente os homens lutaram guerras suficientes para ter aprendido a loucura da guerra. No entanto, as quatro guerras mais destrutivas da história foram travadas no século XX. A história está espalhada pelos cadáveres dos impérios mortos - Egito, Israel, Grécia e Roma, para citar apenas alguns. No entanto, nossa nação e nossas nações vizinhas correm o mesmo caminho inútil para a auto-realização e a auto-preservação que provaram a destruição das nações antigas. "A história é o veredicto de Deus sobre a humanidade".

Muitos estudiosos acreditam que v. 7 é uma interpolação sobre idolatria adicionada por um intérprete talvez 200 anos após o tempo de Miqueias. Tal interpretação não entra em conflito com o significado básico da passagem. Seja pela mão de Miqueias ou a de um editor postexilista, o verso mostra a forte oposição de certos judeus ao tipo de adoração de ídolos que foi praticada em Samaria e levou à sua destruição final.

O princípio é o mesmo em qualquer caso. A idolatria é prostituição espiritual. Os ganhos que advêm dele são tão maus e impermanentes quanto o lucro de uma prostituta "sagrada" em um lugar sagrado pervertido.

Os profetas muitas vezes exibiram suas mensagens (por exemplo, Eze. 3: 1 , 15 , 25 ; 4: 1 f .; Isa. 8: 1 , 18 ; 20: 2-3). Miqueias usou essa técnica para enfatizar a seriedade de seus pronunciamentos. Não se sabe exatamente o que se entende pela linguagem do v. 8 . É duvidoso que Miqueias percorresse a cidade desnuda e nua. Ele provavelmente se aproximava de uma tanga ou fivela simples, enquanto cantava ou gritava sua profecia. Em sua condição quase desnuda, ele próprio era uma parábola do que os cidadãos de Judá logo se tornariam.

Não podemos dizer do contexto se ele confinou esse comportamento estranho a Jerusalém. Ele pode muito bem ter visitado muitas das principais cidades e aldeias de Judá neste seminude state. Na verdade, esse comportamento estranho pode ter sido um dos métodos pelos quais ele atraiu a atenção do rei, Ezequias.

O som dos chacais uivando à noite pode ser relaxante e estranho. O lamento das avestruzes é triste e triste. O público de Miqueias estava familiarizado com esses sons e entendeu sua aplicação deles à situação em Jerusalém.

Um aluno da Bíblia precisa ter em mente que a pequena Palestina é um mundo em microcosmos. A tendência é assumir que o Reino do Norte e o Reino do Sul eram grandes domínios. No entanto, existem algumas cidades americanas, maior Nova York e maior Los Angeles, por exemplo, que não só têm muitos mais habitantes do que qualquer um desses reinos, mas também ocupam mais território do que qualquer um desses reinos israelitas em vários momentos de sua história.

Assim, fica claro quão facilmente as influências passaram entre esses dois reinos. Miqueias viu os pecados e os males que estavam desenfreados em Samaria. Mesmo agora, cerca de oito a dez anos após a queda de Samaria, o profeta está certo das práticas perversas que levaram a capital do norte a derrotar. Como ele se lembra de Samaria antes de sua queda e reflete sobre os motivos de seu fracasso, ele se torna ainda mais consciente do fato de que, de fato, eles são como uma inundação ou uma praga. Eles varreram para os portões da cidade e a dominaram. Profundas decepções e desesperanças são sentidas nas primeiras palavras do v. 9: Por sua ferida é incurável. Talvez Miqueias, embora amargo com o desespero, espere contra a esperança de que sua conclusão cheia de doomas impressione seu povo em suas mentes certas e resensibilize suas consciências.

2. Previsão do exílio (1: 10-16)

10 Diga não em Gath,
não chora;
em Bethleaphrah
Mova-se na poeira.
11 Passe no seu caminho,
habitantes de Shaphir,
com nudez e vergonha;
os habitantes de Zaanan
não aparecem;
os gemidos de Bethezel
deve tirar de você seu lugar de pé.
12 Para os habitantes de Maroth
espere ansioso para o bem,
porque o mal desceu do SENHOR
ao portão de Jerusalém.
13 Aproveite os corcéis para os carros,
habitantes de Lachish;
você foi o começo do pecado
para a filha de Sião,
pois você foi encontrado
as transgressões de Israel.
14 Portanto, você dará presentes de despedida
para Moreshethgath;
as casas de Achzib devem ser uma coisa enganosa
aos reis de Israel.
15 Vou trazer novamente um conquistador sobre você,
habitantes de Mareshah;
a glória de Israel

deve vir a Adullam.
[16] Faça-se calvo e corte seu cabelo,
para os filhos do seu deleite;
Faça-se tão calvo como a águia,
porque eles vão de você para o exílio.

Esses sete versículos apresentam dificuldade para o intérprete e o exegeta. Em primeiro lugar, é difícil decidir qual evento particular provocou a profecia. Há aqueles que concluem que pertence ao período do cerco de Jerusalém e à devastação de Judá que ocorreu entre 704 e 701 AC

Outros associam a profecia à ameaça assíria à Palestina em 711 AC. O profeta pôde ver que Judá estava mal preparada para fazer uma defesa efetiva contra a ameaça do norte.

Em ambos os casos, a imagem é definida no contexto de cerca de 40 anos de prosperidade e relativa facilidade. Sob Jeroboão II de Israel e Uzias de Judá, os reinos divididos haviam prosperado e prosperado. Foi sobre esse período que Amós (6: 1) advertiu: "Ai dos que estão à vontade em Sião [Jerusalém], e aos que se sentem seguros no monte de Samaria".

Era extremamente difícil para os profetas convencer seus ouvintes de que qualquer mal poderia ter acontecido com eles. Não foram prósperos? Isso não era uma indicação do favor de Yahweh? Eles não eram os eleitos de Deus? Não era o fato de que eles eram prósperos provas suficientes de que Yahweh aprovou seu modo de vida?

Não é possível que este seja também um problema para a maioria dos americanos? Vivemos na nação mais próspera do mundo. Temos abundância em todas as mãos, enquanto grande parte do resto do mundo está em pobreza e desejo. Nossos cientistas e técnicos aperfeiçoaram os meios para o nosso conforto e prazer até certo ponto que não há mais de uma geração. Muitos se perguntam por que devemos gastar nossa substância e trabalho em pessoas em casa e em outras terras que não funcionam e parecem estar satisfeitas com a ignorância e a superstição. Essa atitude trai um orgulho perigoso e um egoísmo fatal. Na verdade, ser possuidores de tais bençãos e vantagens nos torna responsáveis para usá-los para a glória de Deus e para a ajuda de todos os seus filhos no mundo. Não vamos cometer o mais trágico erro da história: interpretando eleições e bênçãos como um direito e não como um presente que envolve responsabilidade. Certamente, assim como o antigo Israel foi eleito para ser servo de Deus, também fomos escolhidos para o nosso próprio lugar na história como servos de Deus.

A tarefa dos profetas do século XX não é mais fácil do que a de Mica e seus contemporâneos. Nós, também, devemos alertar o povo de Deus para um serviço obediente e para a vida correta se quisermos salvar nossa nação do trashheap da história. Há inúmeros profetas de desgraça que pensam que esperamos por muito tempo. Eles dizem que nos tornamos tão suaves na abundância que nunca podemos sobreviver ao julgamento que certamente deve vir. Isso permanece para o deus da história julgar. Não vamos falhá-lo!

Em segundo lugar, a passagem é difícil por causa da linguagem. Os estudiosos geralmente concordam que temos aqui um jogo elaborado sobre palavras no texto hebraico. A reconstrução do texto é mais difícil por causa do trabalho dos editores e dos redactores durante o período de crescimento e desenvolvimento. Um jogo de palavras é extremamente difícil de traduzir. Um exemplo clássico é Isaías 5: 7 . É poderoso, mesmo na sua forma traduzida: "E ele procurou a justiça (*mishpat*), / ou seja, derramamento de sangue (*mispach*); / para a justiça (*tsedakah*), mas eis um clamor! "(*ts'akah*). No entanto, nunca se pode sentir a força total das palavras até que ele as tenha entendido em sua configuração hebraica.

Estes versículos em Miqueias são muito mais difíceis. Não só são quase impossíveis de reconstruir, mas eles falam na forma de um enigma para uma situação coloquial.

Wolfe (p. 907) correu quando ele sugere que Miqueias estava em Jerusalém quando ele finalmente se convenceu da gravidade da ameaça assíria à Palestina? Ele decidiu deixar Jerusalém para sua aldeia, a cerca de 20 milhas a sudoeste. Era lógico que ele sonasse o alarme para as cidades ao longo do caminho. Em cada caso, ele tomou o nome da cidade e compôs uma frase de rima ou cativante que capturaria a atenção dos habitantes. É possível que, em cada cidade nova, recitasse os coxos que haviam sido compostos para as cidades anteriores, de modo que, quando chegou a sua cidade natal de Moresheth-Gath, ele tinha um poema de algum comprimento.

Como esses pares foram corrompidos? Provavelmente, editores e escribas mais recentes não obtiveram a importância total de seu significado e os mudaram para se adequarem ao seu próprio sentido do significado em um momento posterior. Eles apenas conseguiram obscurecer o significado de Miqueias.

Nenhuma tentativa será feita aqui para reconstruir a passagem. No entanto, uma breve citação da Merrill (página 145) irá ilustrar como a tradução pode ser lida: "Diga não na Tell-town. Derramou lágrimas em Tear-town. Enrole a poeira na cidade da poeira. Dê um presente de despedida para Gift-town. Fare forth, O Fare-town. Mexa, não se mexa. Aproveite seus cavalos, O cidade do cavalo. Bitter-town, procure amargor. Os reis de Israel serão revoltados na cidade de Balk. "O golpe e o poder dessas figuras estão perdidos em nós, mas eles devem ter acelerado o interesse de quem os ouviu e entendeu da boca do profeta.

O versículo 10 começa com uma frase: não diga isso em Gath, de 2 Samuel 1:20 . Saul e Jônatas foram mortos pelos filisteus, que fizeram com que a notícia fosse publicada em todas as cidades filisteus. Isso afligiu a Davi e, em seu lamento, que ele ensinou ao povo de Judá, ele disse: "Não diga isso em Gath". Ele não queria que os filisteus se alegrassem e exultassem a morte do ungido de Javé. Talvez Miqueias tenha esperado que a seriedade da ameaça assíria não seja aprendida pelos habitantes de Gath, que de fato poderiam atacar Judá do sudoeste se eles saibam que ela era fraca e indefesa. Por outro lado, se Gath já estivesse em ruínas, então temos aqui o uso de um provérbio antigo cujo significado todos entendiam como uma lição de objeto.

A última frase do v. 10 tem um jogo em palavras usando a palavra pó. Em Beth-le-Aphrah, coloque-se no pó (*aphar*). Uma vez que o rolo de poeira e cinza era uma

maneira de expressar tristeza e luto (Jeremias 6:26 ; Ezequ. 27:30), Miqueias provavelmente significa dizer que haverá causa suficiente para o luto tão amargo.

O nome de Shaphir no v. 11 significa beleza ou conforto. Uma cidade ou vila com este nome atrairia e manteria residentes. Quando o inimigo vem, no entanto, os moradores terão que fugir com vergonha feia e nua.

O nome da cidade Zaanan implica que seus habitantes saem, talvez para receber viajantes ou passageiros. No momento da angústia que vem, eles não vão ajudar os fugitivos por medo de que sua própria segurança seja ameaçada.

Os habitantes de Bethezel também vão desconsentir seu nome. Sua cidade era conhecida como a cidade "próxima". Quando os refugiados de Jerusalém e outros lugares fugirem, ouvirão um gemido nele e descobrirá que nenhum intruso é bem vindo nele.

É apenas em pessoas de caráter real que o bem aparece em tempos de amargo julgamento. Na maioria de nós, a adversidade traz o pior. Nós nos tornamos egoístas, gananciosos, auto-centrados e inóspitos em tempos de escassez, necessidade e necessidade. O homem de Deus, no entanto, mostra seu verdadeiro valor quando o tempo de teste chegar e não deixa que as dificuldades o roubem de verdadeiro caráter piedoso.

O nome Maroth no v. 12 significa amargura. Miqueias usa isso para contrastar o nome com as esperanças das pessoas que viveram dentro dele. Se o verbo traduzido aqui aguardar ansiosamente é visto em todas as suas implicações, o significado torna-se mais claro. Provavelmente deve ser entendido como tendo pelo menos os seguintes significados: trabalhar febrilmente para, se contorcer ou torcer e, assim, trabalhar duro e aguardar com expectativa esperançosa. Os habitantes da cidade evidentemente queriam mudar a imagem da cidade. Certamente, o tempo chegaria em breve quando algo bom pudesse chegar a "Cidade da Amargura". Mas, infelizmente! não só o bem não vem, a calamidade do Senhor chegou ao próprio portão de Jerusalém. Que bom, portanto, Maroth pode esperar?

A arqueologia moderna e científica começou a contribuir muito significativamente para a compreensão da Bíblia em muitos pontos. O objetivo da arqueologia, é claro, não é "provar" a Bíblia. Seu objetivo real é simplesmente recuperar e compreender os restos da antiguidade. No entanto, uma das suas contribuições muito importantes para o conhecimento tem sido a sua capacidade de fornecer respostas até então desconhecidas a alguns enigmas bíblicos. Na opinião deste escritor, Miqueias 1:13 é um exemplo disso. Os estudiosos freqüentemente se perguntaram o que pretendia a declaração dirigida a Lachish ;. . . Você foi o começo do pecado para a filha de Sião.

Foi que os cavalos e o carro, tornando possível a guerra mecanizada, foram introduzidos na Palestina do Egito através de Lachish? Foi que Lachish era uma cidade de entrada entre o Egito e Judá e se tornou uma tentação de Ezequias confiar na cavalaria egípcia guarnecida na ocasião? Ou foi, como alguns adivinharam, que alguma prática idólatra perversa iniciada em Laquis sofreu caminho no Templo em Jerusalém? Não foi entendido como este último poderia ser possível. Como poderia uma cidade fronteiriça ter esse tipo de influência na capital?

Eu acredito que este foi exatamente o caso, e a explicação para isso agora é viável como resultado de escavações recentes em Lachish.

Sob a direção do professor Yohanan Aharoni da Universidade de Telavive, Israel, escavamos Arad em 1967, onde encontramos um templo Israelite-Iron Age na ordem do Templo em Jerusalém. Aqui foram encontradas pedras em pé, um altar principal, altares de incenso menores e outros instrumentos de adoração israelita. Juntamente com Aharoni e outros, senti fortemente que deve ter havido tantos templos em outras cidades da fortaleza nas fronteiras de Judá. Em 1968, portanto, renovamos a escavação em Lachish e, felizmente, encontramos o mesmo tipo de complexo do templo. Aqui foram encontradas pedras firmes, altares de incenso e muitos outros instrumentos e vasos de adoração israelita. Tanto em Arad quanto em Lachish, havia fortes evidências de que a adoração nos templos remontava ao tempo de Salomão no século X AC Isso significa, é claro, que o culto formal ao templo estava bem estabelecido em Laquis no momento em que Miquéias pregava no final do século VIII AC

A cidade de Miqueias, Moreshah, não estava a mais de quatro milhas a nordeste de Laquis. Assim, ele certamente estava familiarizado com as práticas de adoração lá. Com toda a probabilidade, alguma prática pagã, possivelmente do Egito, tinha sido incorporada ao culto israelita formal em Lachish. Nos processos normais de trânsito e intercâmbio entre Laquis e Jerusalém, esta perversão pagã foi transportada para o Templo em Jerusalém. Obviamente Miquéias considerou isso o início do trágico declínio e fracasso de Jerusalém.

Há uma dica nas últimas duas linhas de V. 13 da possibilidade de que a distorção e a prostituição da verdadeira adoração em Laquis tenham vindo de Israel-Samaria - antes da sua derrota final em 722 AC , em vez do Egito. Nisso, não podemos ter certeza.

A cidade de Miqueias - Moreshah - é o fardo do vv. 14-15 . Aqui novamente, a nuance fina do jogo hebraico em palavras é perdida na tradução. O nome da cidade quando usado com Gath soa muito como a palavra para uma noiva prometida. As noivas de partida receberam presentes de despedida. Moresheth-Gath logo se afastará de Judá, tirado pelo inimigo de Judá; portanto, o pedido de despedida de presentes.

As casas de Achzib se referem a uma cidade vizinha a cerca de oito milhas a nordeste de Moreshah. O verbo do qual deriva o nome significa mentir, ser enganador. Qualquer esperança ou promessa que os cidadãos de Moreshah podem ter por ajuda e conforto de Achzib provará enganar. Em Jeremias 15:18, o idioma significa um ribeiro ou primavera de "engano" ou falha. Deve ser lido o mesmo aqui em Miqueias, "Achzib será um ribeiro com falhas". Isso retrata uma fonte de água que sempre deve ser confiável. No entanto, quando um homem sedento vai lá para se renovar, ai! As águas falharam, secaram.

Achzib estava um pouco mais perto de Jerusalém do que era Moreshah e um pouco menos exposto do sudoeste. Existem nascentes nas proximidades que normalmente fornecem água abundante. Aqui o profeta aparentemente está dizendo que o rei pode pensar que Achzib pode ser salvo e que será um "ônibus generoso" em tempo de necessidade. Contudo, revelará ser completamente infiel, pouco confiável.

Há uma referência óbvia no v. 15 para a história inicial do reino. Segue imediatamente a referência a Achzib por design deliberado do autor ou editor. Ele sabia bem que a caverna de Adulão (1 Sam. 22: 1-2) estava perto de Achzib. Ele lembrou a história de Davi e os dias tristes que chegaram ao reino mais de 200 anos antes. Ele sabia que Davi, o rei perfeito romantizado, era a glória de Israel, então ele retrata aqui a glória atual de Israel como vindo a um caminho desesperado.

Quando David fugiu de Saul para a caverna em Adulin para se tornar o líder de uma banda de descontentes, toda a área à sua volta estava além das mãos israelitas. Evidentemente, o profeta está dizendo que novamente toda a região, incluindo Moreshah, cairá em mãos estrangeiras. Há aqueles que sustentam que isso significa que a liderança da nação será salvada apenas fugindo para cavernas como David havia feito antes delas.

Existe também a possibilidade de que a referência à glória de Israel seja realmente uma referência à arca da aliança. Deveria ser levado para uma das cavernas de Adullam para custódia. Isso indicaria a terrível destruição de Jerusalém, até o Templo seria saqueado.

O barbear da cabeça era um sinal de luto profundo. Muitos dos vizinhos de Israel seguiram o costume de cortar o cabelo em tempo de luto e colocar o cabelo no túmulo com o falecido. A crença foi realizada por alguns que um presente especial da vida estava contido no cabelo e poderia ser transferido de alguma maneira mística para a vida além do túmulo.

A prática foi condenada na religião israelita. Evidentemente, tornou-se tão arraigado em Israel que finalmente foi proibido nas leis Deuteronômicas (Deuteronômio 14: 1) - evitadamente em um esforço para acabar com todos os vestígios do costume cananita.

Há outras referências bíblicas à prática de cortar os cabelos como sinal de dor, luto e angústia (Amós 8:10 , Isaías 22:12 , Jeremias 16: 6). Este sinal de dor para os entes queridos são usados por Miquéias para deixar claro que Judá deve perder seus filhos no exílio, onde eles servirão o inimigo como escravos. Os antigos não eram adequados para os escravos. Eles foram mortos ou deixados a morrer com tristeza e vontade.

A águia mencionada aqui é provavelmente o abutre-calvo gigante ainda a ser visto em certas secções da Galiléia. Sua cabeça e o pescoço superior são completamente desprovidos de penas, tornando a calvície muito conspícua. Assim será com Judá.

3. Profecias Contra os Mal Sociais (2: 1-3: 12)

(1) Contra os Devisadores do Mal (2: 1-11)

1 Ai dos que inventam a maldade
e trabalhe mal nas suas camas!
Quando a manhã começa, eles a realizam,
porque está no poder de sua mão.
2 Eles codician campos e os apanham;
e casas, e retire-os;

eles oprimem um homem e sua casa,
um homem e sua herança.
3 Portanto, assim diz o SENHOR :
Eis que contra essa família estou inventando o mal,
do qual você não pode remover seus pescoços;
e você não deve caminhar com altivez,
pois será um tempo maligno.
4 Naquele dia, eles devem pegar uma canção contra você,
e lamentar com amarga lamentação,
e diga: "Estamos completamente arruinados;
ele muda a porção do meu povo;
como ele o remove de mim!
Entre nossos captores, ele divide nossos campos ".
5 Portanto, você não terá nenhum para lançar a linha por sorteio
na assembléia do Senhor.

Os abusos do tempo de Miqueias são lidos como um catálogo de nossos próprios pecados sociais contemporâneos. Aqui no capítulo 2 , vemos o uso sem escrúpulos do poder. Esses abusos são feitos por homens que fazem o que quiser porque têm o poder de fazê-lo. Muitos críticos dizem que eles vêem o mesmo hoje no governo em todos os níveis, de nacional para local. O estabelecimento militar é igualmente acusado. Nem as igrejas evitam a acusação, na mesma base.

Este poder foi usado para a cruel opressão e exploração dos pobres. Havia despejos, repressões, pagamento insuficiente, cargas excessivas e similares. A isso poderia ser adicionado hoje pagamentos de horários, empréstimo, escrutínio, propaganda falsa e outros métodos de liderar os pobres para serem comprados demais e ficar presos em uma rede de dívidas de onde eles nunca podem se libertar.

Deus castiga o mal onde quer que ele o encontre, especialmente quando aparece em seu povo escolhido unicamente. A deterioração dos pobres, a corrupção no governo e a desonestidade no mercado são males que Deus não pode tolerar. O profeta é particularmente severo em seus julgamentos contra esses pecados porque são pecados do homem contra o homem.

Os homens malvados ficam acordados à noite planejando esquemas pelos quais eles podem explorar seus semelhantes no dia seguinte. Alguns homens de propriedade e influência usam seu poder para roubar aqueles que estão menos bem: eles codician campos e os aproveitam. Este pecado particular roía os próprios alicerces da nação. O princípio da herança era parte integrante da continuidade para o povo de Israel. Para que o homem pobre e impotente fosse roubado de suas participações pelo poderoso homem rico deveria ter a estabilidade da ordem social sacrificada pela ganância.

Este não é um caso do profeta que defende o status quo. Ele é revoltado pela filosofia da ganância que parece dominar seu país e vê que seu único resultado será um desastre

nacional. O próprio Javé virará a grande ganância do povo contra eles. O que eles tomaram será, por sua vez, retirado deles e dado a estranhos.

Os males mencionados aqui não eram peculiares de Judá. Eles eram particularmente ofensivos para o profeta porque eram tão humanos. A prática dos ricos que reduzem os pobres à pobreza abjeta é comum à maioria das culturas e períodos históricos. O mesmo mal é desenfreado hoje e levará o homem do século XX a se arruinar tão certamente quanto Judah no século VIII AC. O jugo do exílio e do cativeiro é uma ameaça constante. Este é o motivo do Antigo Testamento. O Senhor provoca o mesmo mal que os homens põem em movimento para recuar sobre suas próprias cabeças (Isaías 5:13 ; 30:16). Portanto, a opinião de Miqueias é que aqueles que amassaram grandes propriedades por meios sem escrúpulos os terão tirados.

Nos primeiros onze versos do capítulo 2o juízo e o destino de Judá são explicados em termos de envolvimento e responsabilidade individual. Em outras palavras, o geral é reduzido ao específico, então os pecados dados são nomeados. Os atos de indivíduos e pequenos grupos por seu próprio interesse ganancioso e à custa do bem público comum são condenados. Os mais praticados de tais males são a apreensão de terras por meio da cobiça, a prática do roubo de rodovias e a expulsão de pessoas de suas casas. Aqueles que praticam tais abusos sociais são tão poderosos que podem fazer o que desejam sem medo. Sua ganância se alimenta de si mesma. Porque o controle deles da vida de Judá é realmente um domínio estranho, eles mesmos serão vítimas de seus próprios dispositivos malignos. Os estranhos certamente entrarão e tomarão suas terras, roubá-los de suas posses e expulsá-los de suas casas.

Estes não eram pecados flagrantes. Eles eram pecados morais e sociais, mas tão cuidadosamente planejados e pensavam que eles eram aceitos de acordo com a letra da lei. Pode-se excluir uma hipoteca legalmente antes que o proprietário possa resgatar sua propriedade, mas a moral exige que isso não seja usado como dispositivo de apreensão de propriedade (ver Isa. 5: 8 ; Hos. 5:10 para práticas semelhantes).

O verso 2 mostra os extremos a que a ganância irá. Se os esquemas "legais" inteligentemente planejados não funcionarão, a avareza exige que a força seja aplicada. O verbo apreender neste versículo significa arrebatar-se por meios violentos, como puxar a pele de um homem de sua carne ou rasgar uma criança de enfermagem do mamilo da mãe.

Isso é o que significou forçar um homem de suas terras tribais e lar no século VIII AC De fato, tão importante nos tempos antigos era o direito dos homens de ter acesso às suas terras ancestrais que a lei levítica (Levítico 25:10) forneceu maneiras para que a terra volte a seus proprietários originais a cada quinquagésimo ou ano jubilar.

A motivação para um realinhamento tão radical e a redistribuição da propriedade a cada 50 anos baseou-se na crença de que a atribuição original dos territórios tribais era um ato do próprio Javé. Pelo menos o sábado de anos - sete vezes sete anos - deve ver o retorno à atribuição original de Yahweh.

Miqueias, o homem da pequena cidade, o morador do país, poderia se sentir fortemente sobre os direitos da terra da família e ser violentamente violentado contra qualquer abuso deles. Quando este abuso veio de homens da cidade poderosa, e o pequeno chefe

da família foi vítima com toda a sua herança em perigo, Miqueias ficou incenso ao ponto de proeminente proclamação contra ele.

A maldade opressiva parece a ordem do dia, para que o profeta fale a "Palavra de Deus" - diz o Senhor - à situação. Esta é a palavra definitiva, irrevogável que não falha, nem é anulada. Javé viu os homens malignos trazerem calamidades aos indefesos. Ele vai agora trazer sua própria calamidade especial aos designers desta maldade. Assim como suas próprias vítimas foram indefesas, também serão impotentes e incapazes de libertar seus pescoços do jugo de calamidade de Yahweh. Eles não se arrastrarão com arrogância, suas cabeças em alto, mas se curvarão sob seu jugo como animais carregados de carga.

Talvez seja tão difícil quanto qualquer outra coisa que os judeus ouvirem é a ameaça de que esses estranhos que os despojem rirão com eles e provocá-los com referências históricas. Isso, no entanto, é exatamente o que o profeta declara. "Naquele dia, você será usado como ilustração. Mockingly eles (os captores) lamentarão um lamento dizendo 'estamos completamente arruinados. Ele cancelou a atribuição. Ele deu nossos campos aos apóstatas. '"

A distribuição original da Terra Prometida de acordo com a herança tribal é aqui chamada a julgamento. Deus cancelará o esquema original e reatribuirá a terra aos inimigos rebeldes que, por sua vez, irão provocar os antigos proprietários enquanto se dirigem para o exílio.

O versículo 5 deve ser entendido no contexto das concessões de terra tribais e familiares originais e o cancelamento do mesmo que agora aparece no horizonte. Evidentemente, refere-se ao método pelo qual as atribuições de terra originais foram feitas.

A idéia de que Canaã era a terra de Javé é muito antiga. O povo de Israel estava nisso apenas porque eles eram o próprio povo de Javé. Na verdade, a reivindicação é feita (Lev. 25:23) por Javé que a terra é exclusivamente sua e que Israel está nele apenas como estrangeiros e peregrinos e, portanto, não pode eliminá-lo para sempre. Além das áreas especificamente designadas, havia terras comuns que foram distribuídas periodicamente. Esta parcela foi feita pelo elenco de linhas por lotes. Foi uma cerimônia sagrada e ocorreu no lugar sagrado oficial e / ou reunião-reunião do Senhor. "As linhas caíram para mim em lugares agradáveis" (Salmo 16: 6) é uma memória espiritualizada deste costume.

6 "Não pregai" - eles pregam -
"Não se deve pregar essas coisas;
a desgraça não nos alcançará ".
7 Isto deve ser dito, ó casa de Jacob?
O Espírito do SENHOR É impaciente?
Essas são suas ações?
Minhas palavras não são boas
para aquele que anda corretamente?
8 Mas você se levanta contra meu povo como um inimigo;

Você tira o manto do pacífico,
daqueles que passam confiantes
sem pensar em guerra.
9 As mulheres do meu povo que você expulsa
de suas casas agradáveis;
de seus filhos pequenos que você tira
minha glória para sempre.
10 Levante-se e vá,
pois não há lugar para descansar;
por causa da impureza que destrói
com uma grave destruição.
11 Se um homem deve ir e vento e mentiras,
dizendo: "Vou pregar a você vinho e bebida forte"
Ele seria o pregador para esse povo!

A prática do mal tinha diminuído a consciência da população até o ponto que já não estavam dispostos a ouvir a voz profética. Na verdade, eles dizem: Não pregai ... de coisas tão difíceis. A resposta do profeta no v. 11 é em palavras de zombaria. Com efeito, ele disse: "Este povo quer um pregador que é uma mochila mentirosa; alguém que falará sobre / para o vinho e o whisky. "Yahweh não pode ser enganado por essa pretensão na religião. Ele devolverá o mal pelo mal.

O chamado da população ao profeta para "manter a religião fora da política" e "manter o evangelho" é tão novo quanto as manchetes no artigo de hoje. Há sempre aqueles que querem nunca aplicar a religião à vida. A lição mais profunda a ser aprendida aqui é que nenhuma igreja, de fato nenhuma sociedade, pode suportar por muito tempo que se recusa a cumprir suas obrigações sociais. Se nossa cultura hoje, incluindo nossas igrejas, é escapar do trágico destino do Judá de Miqueias, teremos que enfrentar nossas obrigações sociais em todas as suas implicações religiosas. Isso será muito doloroso para alguns de nós, mas é tão essencial para a nossa sobrevivência quanto o oxigênio que respiramos.

Há uma tendência, tão antiga, como a religião judeu-cristã, para os religiosos "em grupo" assumir que o que faz é bom e aceitável simplesmente porque é feito pelo grupo. A frase de encerramento do v. 6 ilustra o ponto. A desgraça não nos ultrapassará. O profeta rejeita essa idéia com uma pergunta no v. 7 . Isto deve ser dito, ó casa de Jacob? A questão poderia ser interpretada para se referir à declaração no final do v. 6. Penso, no entanto, que introduz a refutação do profeta à idéia equivocada dos religiosos profissionais de que nenhum dano pode vir a eles. Com efeito, ele está dizendo: "Pelo contrário, o Espírito de Deus é encurtado para capitular para a pressão popular? Não! O recorde mostra que as palavras de Deus não dão frutos apenas na posição vertical! "

Apesar do testemunho da história, as pessoas a quem o profeta fala atuam contra o direito. A minoria de confiança é tratada brutalmente como se estivessem sendo invadidas por um inimigo. Mesmo aqueles que seguem suas atividades diárias sem

nenhum mal em mente são tratados como se fossem cativos de guerra de quem as roupas, bem como outras posses são despojadas. Mesmo a confiança mais simples é traída por ganho.

Estes abusos na v. 8 conduzem apenas aos piores pecados descritos na v. 9 . Tendo roubado o transeunte de confiança, esses proprietários de terra e propriedade gananciosas agora invadem o santuário da família, a própria casa e expulsam as mulheres. Isso significa que não há espaço para a família e que nenhuma oportunidade para as crianças serem nutridas e ensinadas nos caminhos de Deus. Isso foi feito em casa. As mães não só fizeram da casa um refúgio para a família, mas usaram a casa para ensinar e treinar seus filhos em assuntos religiosos. Quando as crianças foram expulsas da casa, foram roubadas para sempre da oportunidade de conhecer a glória total de Deus. Existe apenas uma geração entre fé e paganismo.

Os versículos 10-11 mostram o desespero e a desesperança do profeta. A minha opinião é que estas palavras são dirigidas aos poucos fiéis que podem ouvi-lo. "Este não é um lugar para você! O pecado desta magnitude traz seu próprio castigo terrível. As coisas caíram tão baixas que apenas um pregador de mentiras e uma licença podem ouvir essas pessoas. Qualquer um de vocês que são verdadeiras saia antes que seja tarde demais, pois a calamidade corre precipitadamente! "

Também seria possível interpretar v. 11 de forma diferente. Isso poderia ser um contraste entre um verdadeiro profeta e um falso profeta. Miquéias, em essência, dirá: "Você não quer a verdade. Se, no entanto, um "saco de vento" vem e promete pregar mentiras para vinho e bebida forte, você o colocará com tudo o que pode beber e o torna seu pregador "(ver Isa. 5: 11-12 , 22 ; 28 : 7).

Em ambos os casos, a conclusão é a mesma. As coisas chegaram a tal situação que tudo parece desesperado.

(2) Um Interlúdio da Esperança (2: 12-13)

> *12 Eu seguramente reunirei todos vocês, ó Jacob,*
> *Eu reunirei o remanescente de Israel;*
> *Eu vou colocá-los juntos*
> *como ovelhas em uma dobra,*
> *como um rebanho em seu pasto,*
> *uma multidão barulhenta de homens.*
> *13 Aquele que abre a brecha subirá antes deles;*
> *eles vão atravessar e passar o portão,*
> *saindo por isso.*
> *O seu rei passará diante deles,*
> *o SENHOR em sua cabeça.*

Esses dois versículos causaram muita consternação entre os estudiosos. O problema surge do tom muito esperançoso e otimista da passagem. Como essa esperança forte

poderia seguir imediatamente a desgraça e o desespero tão óbvio nos versículos imediatamente anteriores?

Alguns sugeriram que esses versículos podem ter sido o trabalho do Segundo Isaías (Wolfe, pág. 915), ou pelo menos uma adaptação de seus escritos.

Alguns dizem que essas palavras são atrasadas, pelo menos, postexilic, e foram adicionadas pelo redator ou pelo editor. Outros dizem que estão fora de contexto. Os editores ao longo dos séculos continuaram tentando melhorar e organizar o texto. Quando o trabalho de Miquéas tornou-se oficial no cânon, os versos estavam em seu contexto atual.

Esforços foram feitos para reorganizar o texto e atribuir esses versículos ao seu devido lugar. Devem vir antes da v. 1 do capítulo 4 ? Eles não estariam fora de harmonia aqui. Talvez eles devam chegar no meio de 4: 2 imediatamente após o chamado para "ir até a montanha do Senhor". Aqui também eles estariam em harmonia com o contexto. Outros ainda pensam que devem seguir 4: 4 , aquela bela promessa de restauração para cada homem de sua própria videira e sua própria figueira onde ele pode habitar em paz e nunca ter medo. Essa reconstrução, também, seria de acordo com o contexto.

No entanto, não pode ser que eles estejam na sua configuração original? O redator estava muito preocupado com o tom extremamente áspero das palavras de Miqueias e acrescentou esta nota de esperança para suavizar o impacto do pronunciamento do profeta. Concordo com esta posição da Lindblom (p. 281).

A referência a Jacó e ao remanescente de Israel parece significar toda a família original de doze tribos. Nesse caso, Jacob teria seu significado antigo e original da nação antes da divisão, e o resto de Israel significaria apenas o Reino do Norte. O escritor promete um momento em que serão restaurados e reunidos, um bando como nos dias do rei pastor, David, exceto que eles serão muito mais numerosos. A mesma ideia é expressa em Ezequiel 36:10 f. onde é dito que os homens serão multiplicados sobre a pátria restaurada.

Claro, há aqueles que afirmam que esses versículos pertencem a Miqueias e estão aqui porque queria oferecer esperança aos seus condenados. Isso parece altamente improvável. Minha opinião é que esses dois versos, mesmo que de Miqueias, estão fora de contexto, embora o presente arranjo tenha sentido o editor.

A linguagem figurativa do v. 13 é bastante clara e contundente. Aquele que abre a violação é apenas uma palavra no hebraico original. Significa romper, atravessar ou abrir o caminho. É a foto de quem continua e torna possível a saída. Quando usado de um pastor, ele o deixa desmarcando, abrindo um caminho para o seu rebanho. Neste caso, o rei Javé abrirá o caminho aberto e dirigirá a marcha de seu povo de volta ao seu lugar legítimo, sua casa palestina.

(3) Contra os líderes políticos (3: 1-4)

1 E eu disse:
Ouça, você chefes de Jacob

e governantes da casa de Israel!
Não é para você conhecer a justiça?
2 você que odeia o bem e ama o mal,
que tira a pele do meu povo,
e sua carne de seus ossos;
3 que comem a carne do meu povo,
e descasque sua pele de fora deles,
e quebram os ossos em pedaços,
e cortá-los como carne em uma chaleira,
como carne em um caldeirão.
4 Então clamará ao Senhor,
mas ele não vai responder a eles;
ele esconderá seu rosto deles naquele momento,
porque eles fizeram suas ações mal.

No capítulo 3 , retornamos ao tom geral que precedeu imediatamente o interlúdio da esperança em 2: 12-13 .

A acusação dos líderes políticos nestes quatro versículos iniciais é uma das profecias mais vívidas e dramáticas em toda a Bíblia. Aqueles que deveriam ser líderes da vida nacional realmente se tornaram os instrumentos da derrota nacional. A voraz avidez dos governantes estava levando a nação para a ruína.

A referência aqui na v. 1 para Jacob e Israel é, em primeiro lugar, enganosa à luz do que acabou de dizer sobre o mesmo uso em 2:12 . Mas eles provavelmente são sinônimos aqui e foram usados indistintamente pelo profeta. Os termos chefes e governantes são referências aos funcionários do estado. Miqueias expressa choque por sua falta de justiça. Não é para você conhecer a justiça? Suas posições de autoridade implicavam nelas a obrigação de conhecer e praticar a justiça. A pergunta de Miqueias indica que todos, incluindo os que estão em autoridade, sabiam que era incumbido um conhecimento dos princípios da justiça. Também implica surpresa que eles não sejam sensíveis à sua obrigação de praticá-lo.

Miqueias sabia que os líderes entenderam a justiça de suas acusações contra eles. Eles estavam tão cegos e ensurdecados pela avareza e a ganância que eles recusaram prestar atenção às suas palavras. Não só assim, mas eles processaram seus próprios interesses de forma mais vigorosa, a fim de distrair e ocupados de pensar nas palavras do profeta.

No v. 2 , vemos que eles haviam revertido completamente suas prioridades. Você odeia bem e ama o mal. Esta foi uma traição total da confiança que lhes foi dada.

No resto de v. 2 e no v. 3, o profeta usa as figuras de abate, esfola e cozinhando carne para descrever o comportamento dos líderes. No entanto, o açougueiro primeiro abate seu animal antes de remover a pele. Ele ajusta a carne de forma sistemática e corta os ossos para a panela. Isso é muito manso e civil para esses líderes políticos. Eles cuidam as pessoas vivas. Eles rasgam suas peles da carne, depois escolhem a carne viva de seus

ossos. Eles quebram os ossos vivos com tanta fúria e insensibilidade que os ossos brancos mostram através da carne. É como se os próprios pastores que receberam o rebanho estão devorando as ovelhas.

O significado de Miqueias aqui é claro. O homem comum na rua - e Miqueias tornaram-se seu porta-voz - viram a classe superior e dominante como carniceros bestiais. Eles tinham o menor sentimento real para o homem comum como um açougueiro tinha para o animal na caneta de abate.

Qual foi a explicação para isso? Como os líderes confiáveis se tornaram tão insensíveis? O interesse próprio usurpou o lugar do bem comum. Um mal conduziu a outro. Os desamparados, indefesos e fracos, não podiam se defender e se proteger. Tornou-se mais fácil e fácil de projetar e aplicar regras que levariam o pouco de dinheiro e bens que possuíam. O mais gordo tornou-se a fortuna dos governantes, mais rapaces tornaram-se seus apetites para devorar as pessoas que deveriam proteger. Os pastores estavam devorando as ovelhas.

O versículo 4 articula a verdade eterna de que sempre há conseqüências para os feitos. O tempo de retribuição sempre vem. Quando se trata desses líderes, eles podem esperar exatamente o que eles deram. Quando estavam esvaziando as peles, arrancando a carne e quebrando os ossos de seu povo, eles ouviram seus gritos e suas orações por alívio? Não! Assim será quando esses líderes se voltarem para Deus. Ele não os responderá; Ele esconde o rosto deles naquele momento.

O fato não deve perder-se de vista de que esses líderes não eram completamente maus e maus. Na verdade, eles eram bons homens no sentido popular. Eles eram, sem dúvida, homens muito religiosos e piedosos no sentido formal da religião. Eles oraram, deram esmola, ofereceram sacrifícios e talvez mantenham a lei melhor do que a maioria dos homens à sua volta. Wolfe (p. 917) sugere mesmo que, devorando um homem e seus bens, eles louvaram a Deus pelo sistema que lhes trouxera tais lucros. Mas Deus não é tão facilmente enganado. Ele olha para o coração de um homem. Ele esconderá o rosto de qualquer homem que se burlasse da religião. Não é suficiente para a religião pantomime e manter a forma, ao negar o espírito. A religião deve traduzir-se em vida diária e conduta correta, se Deus quiser ouvir e entrar em comunhão com o adorador.

(4) Contra os Profetas enganados (3: 5-8)

5 Assim diz o SENHOR sobre os profetas
que me desviaram meu povo,
que chama "paz"
quando eles têm algo para comer,
mas declarar guerra contra ele
que não coloca nada na boca deles.
6 Por isso será noite para você, sem visão,
e a escuridão para você, sem adivinhação.
O sol descerá sobre os profetas,
e o dia será negro sobre eles;

7 os videntes devem ser desonrados,
e os adivinhadores ficam envergonhados;
todos devem cobrir os lábios deles
pois não há resposta de Deus.
8 Mas, quanto a mim, estou cheio de poder,
com o Espírito do SENHOR ,
e com justiça e poder,
declarar a sua transgressão a Jacó
e a Israel seu pecado.

"Como o profeta, como as pessoas." Que esperança o homem na rua teve que subir acima da liderança da cidade e do Templo? Miquéias considerou esses profetas profissionais, a união dos profetas, como uma das principais razões para a decadência e o mal desenfreado em Judá. Eles agiam de motivação mercenária. Líderes espirituais cujo objetivo real é ganhar para si mesmos sempre desviaram seu povo.

Estes eram profetas da aliança, profissionais que simplesmente se tornaram profetas, assim como alguém se torna agricultor, advogado ou mecânico.

Evidentemente, não sabiam de um chamado para o escritório profético. Conseqüentemente, sua visão do propósito nacional e do destino era muito subjetiva e limitada. Também não eram o tipo pensativo meditativo que buscava e esperava a direção do Espírito Santo. Como resultado, sua visão de Deus e seu propósito histórico eram muito baixos.

Estes eram falsos profetas, na verdade, e a disputa entre eles e os verdadeiros, chamados profetas de Deus, passaram por mais de 200 anos (1 Reis 22). Esses falsos profetas costumavam estar na ascendência, já que muitas vezes falavam uma palavra popular, enquanto os verdadeiros profetas tiveram dificuldade em obter uma audiência.

Os falsos profetas aqui eram homens que pregavam por pagamento. Eles pregariam que as boas notícias pareciam ser desejadas, desde que o preço fosse alto o suficiente - quando eles têm algo para comer. O deus era a barriga dela. Na verdade, se aqueles que buscavam ajuda profética não pagassem bem, receberam uma profecia negativa e, de fato, foram objeto de intriga.

Esses líderes espirituais eram pelo menos tão corruptos quanto os líderes políticos de 3: 1-4 . Aqui, no v. 5 , vemos que eles se juntam ao bloco de energia para obter ganhos de material. Eles se tornaram as ferramentas de líderes políticos sem escrúpulos para fazer com que as pessoas aceitassem os abusos desses líderes. Se eles tivessem que desviar as pessoas para conseguir por si mesmas, isso eles fizeram.

Estes não eram bons homens que simplesmente se tornaram mal informados e equivocados. Eram homens totalmente perversos, que não só conseguiram ganhar, mas criaram o mal em nome de Deus contra quem os resistiu.

É óbvio para o verdadeiro profeta de Deus o que espera homens perversos como estes. O versículo 6 mostra que esses profetas das trevas são eles próprios para se tornar vítimas da escuridão: a noite para você, sem visão. Aqueles que escondidos e escureceram a verdade de Deus falando falsamente apenas por pagamento, encontrarão a si mesmos e as pessoas que induziram em erro na escuridão espiritual, onde não há visão de Deus. Isso provavelmente sugere o dia de Yahweh que os verdadeiros profetas viam se aproximando no horizonte. O grande e triste fato é que esses falsos profetas levaram todo o país à beira do desastre. É um fato da história atestado de muitas, muitas vezes, que os pecados dos líderes são visitados pelas pessoas.

Os profetas da aliança praticavam adivinhação, necromancia e magia de todos os tipos. Assim, eles escolheram ignorar a luz da verdade de Deus. Como eles rejeitaram a luz, seria removido deles. Os seus apetites tinham sido seus deuses, portanto uma fome atingiria a terra, uma fome da palavra de Deus.

Este tipo de falsa profecia será exposta apenas pelo que é. Os falsos profetas venderam seu escritório para ganhar e, assim, perderam. O que poderia ser mais trágico para um profeta do que nenhuma resposta de Deus? Aqui no v. 7, Miqueias deixa claro que este é o destino desses vendedores profissionais da Palavra de Deus. Toda a luz divina será retirada.

Isso vai ser vergonhosamente embaraçoso. O dia de Yahweh irá expor os falsos profetas à vergonha e à confusão. Ele irá demonstrar para todos para ver a incapacidade dessas falhas para ler os verdadeiros sinais da vontade de Deus e trabalhar na história. Eles ficarão tão envergonhados e envergonhados que eles vão cobrir seus lábios. A palavra aqui é mais exatamente traduzida como "bigode". O ato é evidentemente um símbolo de vergonha, tristeza e luto. Pode ter várias explicações. Poderia ser uma forma de disfarce em que a barba cobre o rosto para ocultar vergonha e constrangimento. Alguns acreditam que um desejo de silêncio é indicado. Outros pensam que pode representar um substituto simbólico para barbear em homenagem aos mortos. Ainda outros acreditam que a expressão deriva da prática de cobrir a boca para evitar que os espíritos dos mortos parentes entrem em uma pessoa viva.

Essas possíveis origens de significado parecem ser secundárias aqui. Miquéias pretende dizer que o Senhor não está respondendo a eles e, portanto, não têm nenhuma palavra de Deus. Em outras palavras, os pecados do povo e a ganância para ganhar os separaram da presença de Deus e de sua mensagem.

As coisas são sombrias e o futuro é sombrio, mas nem todas as esperanças são perdidas. Em contraste com o que vimos em 3: 5-7, há esperança. No v. 8 , vemos um verdadeiro profeta, o próprio Miqueias, em contraste com o que foi antes.

A tarefa do profeta de Deus é clara e direta, para declarar todo o conselho de Deus. Neste caso, é declarar a Jacó sua transgressão e a Israel seus pecados. Isso leva mais do que o homem sozinho pode trazer para a tarefa. O profeta deve aguardar Deus. Ele deve contemplar para abrir o caminho para a ação de Deus. Ele deve esperar até que ele esteja imbuído de poder. De tal disciplina vem a liberdade de ser verdadeiramente profético. O poder do Espírito de Deus cresce dentro do profeta torna-o extático e lhe dá a "palavra de Javé". O profeta que assim se abre ao Espírito de Deus resiste à fácil tentação de "fazer" *a* obra *de Deus* .

Neste versículo, Miqueias revela sua total confiança na origem divina de sua mensagem. Ele está cheio de poder, com o Espírito. Daí a sua testemunha se distingue da palavra artificial dos profissionais. O teste da diferença é que o verdadeiro profeta permanece em sua palavra, mesmo que seja impopular. Ele não pode pagar e, de fato, pode alienar seus amigos, mas ele permanece fiel à mensagem que Deus lhe deu. Sua recompensa é sabedoria de que ele permaneceu fiel.

Na experiência de Miquéias, os falsos profetas eram cúmplices dos líderes políticos perversos. Os profetas pensativos, meditativos e cheios de espírito só podem condená-los.

(5) Contra os líderes - Políticos, legais e religiosos (3: 9-12)

9 Ouça isso, vocês chefes da casa de Jacob
e governantes da casa de Israel,
quem aborrece a justiça
e perverter toda equidade,
10 que construem Sion com sangue
e Jerusalém está errada.
11 Suas cabeças dão julgamento por um suborno,
seus sacerdotes ensinam para contratar,
seus profetas são divinos por dinheiro;
ainda se apoiam no Senhor e dizem:
"Não é o Senhor no meio de nós?
Nenhum mal virá sobre nós ".
12 Portanto, por sua causa
Zion será arado como um campo;
Jerusalém se tornará um monte de ruínas,
e a montanha da casa uma altura arborizada.

Os profetas e sábios de Israel tomaram a posição durante toda a história de que Jerusalém era inviolável. Deus poderia enviar castigos de diferentes tipos, fome, terremoto, guerra, pestilência, até o exílio, mas Jerusalém suportaria. Era a cidade de Deus. Seu Templo, sua morada, estava aqui, e ele o defenderia contra todas as ameaças de qualquer tipo. Mesmo que os matizes escuros nas profecias de Miqueias fossem justificados, como demonstraram seus contemporâneos anteriores, Isaías, Amós e Oséias, não podia ser que a própria Jerusalém estivesse em perigo real.

Esta era uma espécie de auto ilusão que levou naturalmente à idéia de que toda a Terra Prometida estava bastante segura de qualquer julgamento divino final.

Miqueias era a mente de um verdadeiro profeta. Com ele, a religião e a moralidade social estavam unidas. Portanto, ele não podia abster-se de acusar toda a comunidade dos líderes de Judá, incluindo os anciãos, juízes, sacerdotes e profetas. Todos fizeram parte da apreensão da terra pela força, pelo assalto rodoviário, pela vitimização de

mulheres e crianças. Eles permitiram que os comerciantes usassem pesos e medidas ilegais e aqueles com dinheiro para explorar os pobres e necessitados por acusações usurvas. Em outras palavras, aqueles que haviam sido acusados por Deus como guardiões da justiça e justiça eram eles mesmos os praticantes dos piores tipos de maldade. Um mal conduziu a outro, de modo que, não importa onde um homem necessitado se voltasse, para os tribunais, os comerciantes, os líderes religiosos, ele se encontrou com as mãos de um sistema perverso, onde ele tinha que comprar o direito.

O versículo 9 indica que todos os líderes perderam o senso de justiça. Sua capacidade de manter suas prioridades na perspectiva adequada foi embotada, amortecida e, finalmente, perdida. Eles abominam a justiça. Tanto era verdade que eles realmente odiavam e rejeitaram a justiça. Isso é trágico, já que a justiça no Antigo Testamento significa direito, direto, justo. Não só odiam a justiça, eles deliberadamente a pervertiram, viraram-no para trás. Como os homens bons podem chegar a tal estado? Sua ganância para as posses do outro homem era tão grande que os cegava para as questões morais envolvidas.

Isso só pode levar a um resultado. A conseqüência, como se viu na v. 10, foi que eles construíram toda a sua sociedade no sangue e errado. Zion e Jerusalém são sinônimos neste verso e não são apenas para a grande capital e venerada capital, mas também para todo o Judá.

Em outras palavras, Miqueias está dizendo que toda a subestrutura da vida nacional baseia-se na miséria, sofrimento, dificuldades e exploração dos necessitados e desamparados. Isso significa que os próprios fundamentos da sociedade são podres e corruptos. Nenhuma dessas estruturas pode suportar as provas do julgamento de Deus. A maior tragédia é que não só os juízes perversos desses males serão levados a julgamento, mas toda a sociedade, toda a urdidura e a trama da vida nacional, pagará o preço pela decadência e decadência moral que remete ao próprio coração da nação. É uma verdade que os inocentes sofrem com os ímpios, as vítimas da opressão sofrem o julgamento que cai sobre os autores da opressão.

O versículo 11 especifica os pecados e os erros mencionados em termos gerais em vv. 9-10 . Um julga da linguagem forte com que Miqueias teve conhecimento pessoal, talvez tenha experimentado, dos abusos dos quais ele fala.

Os velhos sábios que se reuniam no portão e os patriarcas da cidade tornaram-se tão enojados que eles iriam cortar e moldar seus julgamentos para se adequar ao homem disposto a pagar por isso. Assim, os pobres e indigentes sofrem nas mãos daqueles com dinheiro. A prática do suborno não morreu, infelizmente, com a destruição de Jerusalém. Todas as idades e todas as culturas têm sua batalha contra o mal do suborno.

Os sacerdotes funcionários - esta é a única vez que Miqueias usa essa palavra especial *cohen* - não eram mais que mãos baratas. Quando casos particularmente difíceis foram trazidos a eles e eles tiveram que recorrer ao oráculo, eles manipularam-no de forma a favorecer os ricos e influentes, garantindo assim sua própria vantagem, independentemente do resultado para os pobres indefesos.

Os profetas não eram melhores. Eles freqüentemente usavam vários meios mecânicos para garantir um julgamento divino. Divino descreve sua técnica; isso indica uma

adivinhação, um desenho de palha ou algum desses métodos. Eles praticaram a arte por dinheiro. Um pobre homem, então, não poderia obter ajuda deles. Se ele não pudesse pagar, ele não teve uma visão profética.

Seria muito simples descartar esses falsos anciãos, sacerdotes e profetas como falsos. Não eram homens pagãos que haviam usurpado os escritórios divinos e passados deliberadamente pervertendo-os. Estes eram basicamente "homens bons", dignos de confiança pública, mas comprometeram-se com ganância por ganho e desejo de poder. Eles eram externamente religiosos e internos vazios. Eles até se enganaram em acreditar que eram religiosos. Eles passaram por suas rotinas da maneira correta - apoiam-se no Senhor. A palavra aqui traduzida "magra" é a palavra usada no Salmo 23: 4 para "pessoal". A implicação é que tudo o que eles fizeram teve o selo da aprovação de Yahweh. Eles eram tão insensíveis no homem interior que eles acreditavam neles.

Este é o tipo de equívoco que os verdadeiros profetas de pregação tiveram que combater. Ele realmente derivou de uma interpretação errônea perigosa das eleições. O que o mal pode nos atingir? Nós não somos escolhidos por Deus? Deus não está em nosso meio? Não é nossa própria prosperidade um sinal de favor de Deus?

Isso nos lembra muito da falsa pregação de que se alguém ama o Senhor, ele prosperará. Alguns chegam até a acreditar que o dízimo ganha lucro. Muitos de nós conhecemos pessoas boas que amam muito a Deus, mas sofrem todas as terras das deficiências. Outros pagam dezizes de rendimentos escassos e negam-se certas necessidades, nunca avançando financeiramente. Estes sabem que as verdadeiras recompensas de Deus não são materiais.

É um erro trágico assumir que a eleição e o julgamento são naturalmente e necessariamente mutuamente exclusivos. Na verdade, a eleição envolve uma medida de responsabilidade que torna a culpa dos eleitos mais grave do que a de outras pessoas (Amós 3: 2). Toda bênção tem seu dever, cada privilégio é seu perigo, cada oportunidade é sua obrigação.

É difícil entender como as pessoas poderiam acreditar nisso, mesmo que abandonassem Yahweh, ele ainda estaria com eles. Mas eles acreditaram apenas nisso. A idéia da inviolabilidade de Jerusalém é ilustrativa disso. Eles não perceberam que a presença e o favor de Yahweh eram condicionados por suas próprias vidas. Eles viram a relação da nação com o Deus que a escolheu como uma necessidade e não como voluntária de sua parte. Tal relação era sem altas exigências éticas e, portanto, não era essencialmente diferente da das religiões pagãs dos vizinhos de Israel.

O verdadeiro profeta, Miqueias, não podia sofrer esse tipo de insulto ao Deus vivo. Os abusos foram empilhados de modo que na v. 12 não há nada a fazer senão entregar o julgamento. Com um golpe esmagador, Miqueias rompe com toda tradição, mesmo com os profetas pregadores, e pronuncia o destino absoluto de Jerusalém. Zion será arado como um campo; **isso se** tornará um monte de ruínas; Isso acabará por ser uma colina arborizada. Miqueias foi o primeiro profeta a prever o destino de Jerusalém.

Poderia uma heresia mais vil? A cidade de Jerusalém, Javé, e a sua habitação do Templo Yahweh? Ele é tão impotente que ele não pode se defender? Os profetas, os sacerdotes e os sábios da história não tinham garantido a presença contínua de Yahweh

ali? Como se atreve, este pregador do país ruidoso vem à grande Jerusalém e decreta sua destruição total! Os julgamentos podem vir e outras cidades podem cair, mas o próprio Yahweh defenderia sua própria cidade.

Sem dúvida, as palavras mais amargas de todos para os governantes de Judá foram as da primeira frase: por sua causa (por sua causa, na sua conta). A destruição total e total de Jerusalém com tudo o que significa é ser cobrado contra eles. O desperdício, a pilhagem, a carnificina, a morte, a vergonha e o exílio que devem seguir são tudo por causa deles; e eles devem suportar isso. Sem dúvida, eles não acreditavam nisso, mas quando a destruição finalmente veio certamente, eles viram a justiça das palavras de Miqueias e sentiram o peso do fardo da culpa. Vemos de Jeremias 26:19 que, embora a profecia de Miquéias tenha sido cumprida um século depois que ele a proferiu, aqueles que sofreram o julgamento perceberam que Deus manteve sua palavra.

III. Visões de um Futuro Glorioso (4: 1-5: 15)

Os capítulos 4 e 5 são o trabalho de Miqueias no século VIII AC ? O consenso de estudos é que esses capítulos são basicamente de origem pós-exílica. Alguns estudiosos acreditam que existem pelo menos dois documentos básicos que foram juntos pelo editor.

Sugeriu-se que essas passagens foram escritas pelo autor desconhecido de Isaiah 40-55 . Existem muitas semelhanças de linguagem, estilo, idéias e assuntos. Esta possibilidade merece ser considerada em parte por causa de passagens semelhantes em Miquéias 4: 1-3 e Isaías 2: 2-4 . Estes são quase idênticos. Há um versículo extra em Miquéias (v. 4) que não ocorre em Isaías; Caso contrário, eles têm apenas diferenças muito pequenas.

Estudantes dos dois profetas diferem em suas soluções para a questão da origem dessa passagem. Isaías citou Miqueias? Miqueias citou Isaiah? Ambos estavam citando uma fonte muito mais antiga? Ou esta é uma passagem pós-xilica que foi adicionada a ambos os livros pelo autor do Segundo Isaías ou um de seus contemporâneos?

É claro que as questões desse tipo não podem ser decididas por maioria dos acadêmicos, uma vez que todos os estudiosos podem estar errados. Mas o peso da evidência no momento parece-me indicar uma data pós-exilic para este material. Foi introduzido em Miqueias e Isaiah por algum editor ou redator que simplesmente não podia aceitar o tom severo e crítico das profecias originais. Deve-se dizer que a evidência para isso não é avassaladora. Minha própria esperança é que, em breve, as provas mostrem que esses versículos são muito mais antigos do que os contextos de Miqueias ou Isaiah em que são encontrados. Isso terá que aguardar novas pesquisas.

Há aqueles que discordam de uma data pós-xilic e afirmam que Miqueias é de fato o autor desta seção messiânica - capítulos 4 e 5 . Bruce Vawter é um desses. Ele diz que há uma tendência recente de críticas, com base em um estudo contínuo sobre a história religiosa de Israel, o que o leva a acreditar que Miqueias escreveu esses capítulos.

Qualquer que tenha sido a sua origem, esses capítulos apresentam uma visão gloriosamente diferente daquela que domina os três primeiros capítulos. O tema aqui é que o povo escolhido será restaurado porque Yahweh prometeu isso, e sua promessa

não pode ser quebrada. Isso contrasta com o homem e as promessas do homem. O homem com demasiada frequência prova fé e suas promessas são muitas vezes vazias. Deus, no entanto, é verdadeiro e fiel e suas promessas são seguras. Deus sempre realiza o que prometeu. Este é o significado da eleição. Deus havia eleito os israelitas. Não era escolha ociosa, mas uma com propósito e significado. Ao longo de sua história, o povo escolhido ficou aquém, mas Deus demonstrou sua fidelidade, uma e outra vez. Mesmo quando ele castigou e castigou seu povo escolhido, Deus estava manifestando sua fidelidade. Sua terra pode ser destruída e dividida entre estranhos. Seus números podem ser reduzidos a um remanescente radicalmente pequeno, mas seu Deus é fiel e vê o último fim da história desde o início. É o último momento que mostrará sua fidelidade.

1. Promessa de paz através da fé em Javé (4: 1-8)

Esses versos, em resumo, são uma glorificação da cidade sagrada, Jerusalém e, em particular, da colina do Templo. Isto deve ser realizado por uma transmissão constante de todas as nações a Sião para ouvir a lei de Javé e para receber a recompensa de bênçãos que os espera lá.

1 Acontecerá nos últimos dias
que a montanha da casa do Senhor
deve ser estabelecido como o mais alto das montanhas,
e será levantada acima das colinas;
e os povos fluirão para ele,
2 e muitas nações virão, e dirão:
"Venha, vamos até a montanha do SENHOR ,
para a casa do deus de Jacó;
para que ele nos ensine seus caminhos
e podemos caminhar em seus caminhos ".
Pois, de Sion, seguirá a lei,
e a palavra do SENHOR de Jerusalém.
3 Ele julgará entre muitos povos,
e deve decidir por nações fortes de longe;
e eles devem bater suas espadas em arados,
e suas lanças em ganchos de poda;
a nação não levantará espada contra a nação,
tampouco aprenderão a guerra;
4, mas se sentarão cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira,
e ninguém deve assustá-los;
porque a boca do Senhor dos exércitos falou.

O verso 1 começa com uma fórmula idiomática. É várias vezes traduzido nos últimos dias, "últimos dias" ou "fim dos dias"; mas nenhum deles realmente capta o significado completo. Isso não significa o fim dos tempos, o julgamento ou o milênio. Significa, em

vez disso, "a continuação dos dias" ou "o trabalho fora dos dias", e assim o julgamento da história. Em outras palavras, quando alguém vê todos os atos da história, ele verá que Deus confirmou suas promessas, que ele manteve sua palavra e que ele venceu todo inimigo.

Quais serão as evidências disso? Por um lado, em contraste com 3:12 , o monte da casa do Senhor será restabelecido e será o mais alto de todos. Isso não significa que realmente haverá uma mudança física na paisagem e que, por alguma ação milagrosa, Deus levantará o monte do Templo mais alto do que aqueles que o rodeiam. Agora está a alguns pés mais baixo do que aqueles imediatamente ao redor e a várias centenas de pés mais baixos do que as outras montanhas da Palestina, para não falar dos altos picos de outras terras. A figura é simbólica. Tem a ver com o lugar de Sião e sua verdade, lei, instrução nas mentes e corações dos homens.

A palavra estabelecida é importante aqui. "A montanha da casa de Javé será estabelecida como a primeira das montanhas e será mais exaltada do que todas as montanhas". Isso dá uma leitura mais precisa do que o RSV. Será por um ato de vontade que isso será feito. Será "preparado" e "firmemente definido" dessa forma. Sua exaltação, também, é metafórica. Independentemente da altura física real, sua "pendência" será dada a ele. Esta é a mesma palavra usada em Isaías 6: 1 - "Eu vi o Senhor". . . alto e levantado. "Aqui em Miqueias quase tem o significado de adulação. Será o mais respeitado, adorado, reverenciado, amado e honrado de todas as montanhas.

Tanto isso será verdade que os povos fluirão para ele (fluirá como um rio para ele, sobre ele, em torno dele). Isso novamente não é devido ao seu tamanho, forma ou aparência física, mas pelo que simboliza, o que representa.

O verso 2 amplifica essa idéia e explica alguns dos detalhes. Em primeiro lugar, aqueles que correm para ele, fluem sobre e em torno dele, serão de todas as nações. A palavra para as nações aqui é a palavra que às vezes é traduzida como "gentios" como distinta dos judeus. O significado original não tem essa conotação. Significa simplesmente um povo, uma nação. A forma plural como aqui significa qualquer e todas as nações e não se restringe a nações não israelitas. Esta profecia prevê o tempo em que todas as línguas, raças e nações dos homens encontrarão a mensagem do "exaltado" Zion tão desejável que eles virão de longe e perto.

Isso sugere a segunda verdade. Todas essas nações e povos compartilharão entusiasmo pela verdade maravilhosa de Sião. Em coro, eles dirão um ao outro: "Venha, vamos até o monte do Senhor, / para a casa do Deus de Jacó. Evidentemente, será tão conhecido e tão universalmente respeitado que, a partir das quatro pessoas da terra, os homens terão fome.

O idioma original sugere que os eventos falados vêm em uma seqüência lógica e que eles se construam um sobre o outro. Há implícito aqui alguma coisa sobre o "Yah-weh mountain" e a "morada de Jacobs God". Eles estão abertos a todos os homens, mas eles não são forçados a nenhum homem. É somente quando os homens "vão até a montanha de Yahweh" que são capazes de aprender com ele. O Senhor está de braços estendidos, mas não se impõe a nenhum homem. Então, as nações dizem um ao outro: "Subamos ao

monte Yahweh, então ele nos ensinará minuciosamente sobre seus caminhos (caminhos), após o qual andaremos em seus caminhos".

O hebraico para caminhos significa pisar ou pisar. A palavra ensinar significa se atirar ou atirar. A palavra por maneiras (maneiras) significa viajar com ou compartilhar uma refeição. O significado começa a atravessar. "Ele vai atirar em nós - penetre-nos com - conhecimento de seus caminhos trilhados; então caminhamos compartilhando seu caráter - sua vida diária ".

Deveria ocupar-se dessas palavras até que seu significado radical completo tenha surgido sobre ele. Então ele nunca mais pode ser o mesmo. A palavra Yahweh converte-se. Isso faz um homem mais do que nunca foi ou poderia ser sozinho.

Mas o verso não termina aqui. Tudo o que precede é baseado na declaração final. Por que alguém vem até Zion? Por que não estar no Everest ou Ranier ou mesmo Hermon? A resposta fica abundantemente clara: desde que de Sion a verdadeira instrução surge e a palavra de Javé de Jerusalém. Os dois termos "instrução" e "Palavra de Javé" parecem ser paralelos nesta passagem. Eles indicam que a mensagem de Sião é única. É a mensagem de Deus que converterá todas as nações. É indicado, também, que o todo O mundo virá a ver que de Jerusalém foi dita a última palavra autoritária da instrução religiosa.

A transição entre vv. 2 e 3 não são muito claros. É preciso assumir que o sujeito do verbo juiz no começo do v. 3 é o Senhor, que dá a sua palavra de Jerusalém em v. 2 . Uma vez que as nações influenciaram um ao outro para encontrar uma fé comum no Deus de Jacó, ele se tornará o juiz de todas as suas diferenças e disputas. Mesmo as nações poderosas e fortes até os confins da terra acharão que a decisão final depende dele.

Isso permitirá que todas as guerras cessem. Não haverá necessidade de ferramentas e máquinas de guerra. Nenhuma nação terá ocasião de levantar as armas contra outra nação, uma vez que Yahweh julga justa e justamente todas as diferenças. Portanto, os instrumentos de guerra podem ser convertidos em instrumentos de uso pacífico. Eles podem ser voltados para o cuidado do solo, a produção de alimentos e a tendência e a poda da beleza natural em benefício de toda a humanidade.

A sociedade aprenderá as alegrias e os benefícios desse tipo de vida. Então, nenhuma nação tomará as armas contra outra nação, uma vez que não haverá ocasião para fazê-lo. Isso se tornará o modo de vida, o caminho para as nações da terra. Isso, por sua vez, criará uma situação em que não haverá necessidade de aprender as técnicas de guerra. Não haverá motivação para isso, e os homens não desperdiçam seu tempo aprendendo.

Em vez disso, eles vão praticar um estilo de vida totalmente diferente. Aqui no v. 4, Miqueias inclui uma imagem que não se encontra no final da mesma passagem em Isaías. Ele quer mostrar o que a ausência de guerra, a ausência de fabricação das máquinas de guerra e a recusa de estudar e ensinar as artes da guerra são realmente semelhantes.

Não será mais necessário que os homens se juntem, coletem juntos em grupos próximos e aldeias para proteção. Cada homem ou família poderá se dedicar à terra, à agricultura. Ele terá sua videira e sua figueira, não só para vinho e fruta, mas para sombra; e ele terá lazer para apreciá-lo. Uma vez que ele não terá que ir à guerra, ele não terá necessidade de temer o dano e o perigo. Na verdade, ninguém o deixará com medo.

A figura da videira e da figueira como símbolo da paz era antiga e conhecida pelo tempo de Mica. Em 1 Reis 4:25, a figura retrata a paz e a prosperidade do tempo de Salomão. Segundo Reis 18:31 é 200 anos depois e promete o mesmo glorioso futuro para aqueles que se submeterão à autoridade de Senaquerib. Em Zacarias 3:10 a mesma imagem é pintada para aqueles que herdarão a idade messiânica. Vemos, então, que Miqueias estava usando uma figura com a qual todos os seus ouvintes estavam familiarizados.

Ele pode confiar nessa promessa, pois assim como todas as promessas de Yahweh, esta virá a ser confiável. De fato, Yahweh, cuja boca. ... falou estas palavras de promessa, é ele próprio Deus dos exércitos (Senhor dos Exércitos). O maior e mais feroz exército que os homens podem coletar e vestir é, em última análise, sujeito a Yahweh. Esta é mais uma razão pela qual os homens e as mulheres que têm fé no Deus de Israel devem trabalhar, amar e rezar pelo dia em que Deus, de fato, aproveitará os exércitos dos homens e nos ensinará os caminhos para que possamos caminhar seus caminhos.

A frase de encerramento do v. 4 é a chave para a primeira parte do capítulo. A credibilidade do que foi antes pendura essas palavras: desde que (porque) a boca do Senhor dos exércitos falou. É assim que recebemos a palavra de Yahweh. É uma palavra especial que é pronunciada para todas as idades. Toda promessa que precedeu a afirmação da palavra tem validade devido à própria palavra. A natureza peculiarmente distintiva da palavra de Javé é melhor vista em Isaías 55:11 : "Assim será a minha palavra a partir da minha boca; não deve voltar a mim vazio, mas deve cumprir o que eu proponho, e prosperar na coisa pela qual eu a enviei ".

5 Para todos os povos andam
cada um em nome de seu deus,
mas andaremos em nome do Senhor nosso Deus
Para sempre e sempre.
6 Naquele dia, diz o Senhor,
Eu vou montar o coxo
e junte aqueles que foram expulsos,
e aqueles a quem eu afligi;
7 E, com os coxos, farei o remanescente;
e aqueles que foram expulsos, uma nação forte;
e o SENHOR reinará sobre eles no monte de seio
a partir deste momento e para sempre.
8 E vós, ó torre do rebanho,
monte da filha de Sião,

para você deve vir,
o primeiro domínio virá,
o reino da filha de Jerusalém.

O versículo 5 é intrigante, para dizer o mínimo. É similar em alguns aspectos a Isaías 2: 5 , mas difere em uma parte essencial. Isaías não faz a distinção entre Israel e outras nações que Miqueias faz. É possível que o compilador de Miqueias não tenha podido aceitar os termos generosos e inclusivos da salvação retratados em 4: 1-4 e por razões chovinistas nacionais optou por se separar entre Israel e as nações não israelitas? Poderia ser que ele simplesmente não poderia consentir que os pagãos entrassem na comunidade dos crentes do Senhor? Ele é um daqueles que acreditavam que diferentes nações tinham seus próprios deuses e que deveria permanecer assim? Uma explicação mais satisfatória, creio eu, é que o compilador está comparando o futuro ideal retratado nos quatro primeiros versículos com a realidade atual que ele enfrenta no momento. Ele está dizendo que, embora o ideal seja no futuro distante e que as nações ao seu redor não mostrem sinais de se voltarem para o Senhor (na verdade eles ainda adoram seus próprios deuses), Israel, no entanto, seguirá a Javé e caminará em seu nome para todos as idades futuras. Isso não significa que a esperança deve ser abandonada para que todos os homens sejam um e adorem o mesmo Deus, Javé. Ele foi apreciado por Jesus como refletido em sua oração por seus seguidores (John 17:21), e nós ainda apreciamos isso hoje.

Os versículos 6-7 usam uma imagem diferente para transmitir a mesma visão geral do futuro ideal. O rebanho foi espalhado pela violência e pela força. Houve sofrimento, separação e lesão incapacitante. Agora haverá regateamento, cura e restauração com o próprio Javé como seu pastor eterno. É lembrado aqui a imagem do bom pastor em Isaías 40:11 . Com toda a probabilidade, Miqueias e Isaiah estão falando da mesma experiência histórica, o exílio em 586 AC

Quando Jerusalém finalmente caiu para as forças da Babilônia, as pessoas foram submetidas a todos os tipos de indignidades e abusos. Os antigos e os indigentes foram mortos ou deixados a morrer na miséria. Os sãos eram conduzidos como gado para a Babilônia como escravos. O ritmo da marcha foi definido, não pelas necessidades dos cativos, mas pelos padrões de um exército vitorioso a caminho da conquista. Como resultado, muitos exilados morreram no caminho. Os menos resistentes, as mulheres e especialmente as mulheres com crianças pequenas, caíram no caminho em grande número. Aqueles que tiveram a força finalmente para chegar na Babilônia foram feridos, quebrados e esgotados, uma pequena porcentagem daqueles que começaram a marcha.

De acordo com o nosso autor, este remanescente lamentável e quebrado será o núcleo de uma nação forte completamente nova e restaurada. O próprio Deus, que puniu o seu povo rebelde, deixando-os serem vítimas do exílio, será seu pastor. Ele vai pegar os pedaços quebrados, os coxos e aleijados, e torná-los inteiros de novo. O retorno à totalidade será o oposto de sua marcha para a ruína. O ritmo do retorno não será determinado por um exército vitorioso em seu caminho louco em casa. O bom e gentil pastor dará o ritmo de acordo com o mais fraco de seu rebanho. Se houver um pequeno fraco para falhar pelo caminho, ele o amparará em seus braços enquanto guia gentilmente aqueles que amamentam seus jovens ao longo do caminho.

Este remanescente quebrantado e pouco promissor, nas mãos do pastor amoroso, se desenvolverá novamente em uma nação poderosa e poderosa sobre a qual o grande pastor, Javé, reinará desde o presente até a intemporalidade - para sempre. A glória da restauração será reforçada ao ter toda a experiência culminada em Jerusalém, o santo Monte Sion de Deus.

O versículo 8 é uma promessa do retorno da glória a Jerusalém. É um tipo de refrão ou hino para incentivar e recompensar a cidade que sofreu tantos abusos e indignidades. O caráter hímico do versículo sugere a possibilidade de que toda esta passagem (4: 1-8) possa ter se desenvolvido ao redor e fora da liturgia do Templo. Nesse caso, suas idéias básicas seriam mais antigas que a destruição do Templo em 586 aC

As imagens do pastor e do rebanho ainda são preservadas neste verso. A torre do rebanho era um lugar alto, às vezes até uma estrutura feita pelo homem, que desocupava o rebanho enquanto descansava durante a noite. Jerusalém era simbolicamente a torre da qual seu pastor vigiava o rebanho de Javé. Mesmo que Jerusalém agora se encontrava em ruínas, o tempo certamente viria quando ela foi reconstruída e serviria de novo como a torre de vigia exaltada e gloriosa de Deus, enquanto ele cuidava o seu peixe escolhido, Israel.

O termo usado para a colina aqui pode indicar uma altura fortificada, mas também é usado para designar especificamente a ponta sudeste da colina do Templo, Moriah, que fica entre o Templo e a piscina Siloam. Eu sou de opinião que o segundo significado se destina aqui e que Jerusalém deve retornar à sua glória davídica e solomônica como a primeira cidade, a capital do povo unido de Deus. Não ficaria aqui aqui para ver um significado muito maior e mais universal nesta imagem. Espiritualmente falando, isso pode indicar o propósito de Deus de pastorear o rebanho mundial da humanidade. A verdade que ele revelou aos seus profetas era uma e certamente era para todos os homens de todas as idades.

É possível dar uma interpretação diferente para 4: 1-5 . Estes versículos, juntamente com Isaías 2: 2-5 e Isaías 11 podem ser tão antigos quanto o século X AC e podem, de fato, referir-se ao reinado de Salomão. Nesse caso, a montanha da casa do Senhor (4: 1) indicaria a primazia do culto de Javé sobre todas as outras formas de adoração. Verso 3referir-se-ia à autoridade de Salomão, o rei davídico e à natureza ecumênica da comunidade de Jerusalém sob o seu reinado. Muitas das nações que antes lutaram entre si agora foram mantidas unidas, embora apenas vagamente, pelo fato de que Salomão tinha feito tantos "casamentos políticos de conveniência". Pessoas de vários países representados pelas esposas de Salomão vieram a Jerusalém e , por necessidade, aprender a se dar bem um com o outro.

Os versículos 4-5 então seriam explicados pelo fato de que os santuários foram construídos em Jerusalém para muitos deuses adorados pelas esposas de Salomão. Independentemente do país a partir do qual as pessoas vieram, eles poderiam adorar no santuário de seu próprio deus. Cada um se sentaria. . . sob sua videira e sob sua figueira sem medo e sem intimidação, e todos seriam livres para adorar em nome de seu próprio deus.

Nada disso mudaria o fato de que o Deus de Israel era o Senhor e que o povo escolhido de Javé andaria em nome de Javé, seu Deus.

Se esta interpretação estiver correta, parece-me que o editor do nosso texto tomou esse material muito antigo e entregou-o em sua profecia com a idéia de que havia motivos para esperar um retorno a essa antiga glória, em Em que caso ainda era pro-messianic em significado.

2. A vitória de Javé sobre os inimigos do seu povo (4: 9-5: 1)

9 Agora, por que você chora em voz alta?
Não há rei em você?
O seu conselheiro pereceu,
Essas dores o apreenderam como uma mulher em trabalho de parto?
10 Escrita e gemido, ó filha de Sião,
como uma mulher em trabalho de parto;
por agora você deve sair da cidade
e morar no campo aberto;
Você vai para a Babilônia.
Lá você será resgatado,
aí o Senhor te redimirá
da mão de seus inimigos.
11 Agora muitas nações
estão reunidos contra você,
dizendo: "Deixe-a ser profanada,
e deixe nossos olhos olharem sobre Sião ".
12 Mas eles não sabem
os pensamentos do Senhor,
eles não entendem seu plano,
que ele os reuniu como roças para a eira.
13 Levante-se e atar,
Ó filha de Zion,
pois vou fazer o seu chifre de ferro
e seus cascos de bronze;
Você deve vencer em pedaços muitos povos,
e devolverão o seu ganho ao Senhor,
sua riqueza para o Senhor de toda a terra.
1 Agora você está murado com uma parede;
o cerco é posto contra nós;
com uma haste que atacam a bochecha
o governante de Israel.

Os versos são numerados de forma diferente no texto hebraico. O verso 1 do capítulo 5 é v. 14 do capítulo 4 em hebraico. O arranjo original deve ser preferido - daí a inclusão de 5: 1 nesta passagem.

Estes seis versos constituem uma adição editorial à profecia original, e eles dão provas de terem sido escritos imediatamente antes ou durante o período do exílio enquanto Jerusalém estava em ruínas. O escritor lembrou-se da antiga glória de Jerusalém enquanto contemplava sua vergonha atual. Sua raiva brotou dentro dele, e ele expressou seu ressentimento e ódio por todos aqueles estranhos que haviam contribuído para a ruína da cidade de Sião.

O humor aqui está em contraste direto com o que acabamos de ver nos versículos anteriores deste capítulo onde o amor, o calor e a esperança para todos os povos foram expressados. Aqui, nestes últimos versículos, a vingança surgiu em tais alturas que o escritor exige a destruição total dos inimigos de Jerusalém.

O verso 9 compara a cidade angustiada com uma mulher na agonia das dificuldades laboriosas. Ela está tentando produzir, mas não pode, sua dor sendo multiplicada por sua frustração.

A alusão histórica não é completamente clara. Se é durante o período do exílio, então Jerusalém está em derrota, tendo sido saqueada muitas vezes e não conseguindo libertação. Todos os esforços para restabelecer sua vida estão frustrados. Se os últimos dias da monarquia sob Sedequias, imediatamente antes da queda de Jerusalém em 587-586 aC, constituem o período em questão, então pode-se entender o choro em voz alta e o lamento que o rei e o conselheiro se foram. Quando os babilônios ameaçaram violar as fortificações de Jerusalém, Zedequias e sua camarilha governante fugiram da cidade uma noite e abandonaram seus cidadãos ao

Babilônios. Não havia líderes para dirigir a defesa da cidade, resultando em um caos total (ver 2 Reis 25: 1 ff .; Jeremias 52: 1-6). A cidade caiu logo após o vôo de Zedekiah. Ele foi capturado e, juntamente com a cidadania líder de Jerusalém, foi levado cativo para a Babilônia.

Há aqueles que atribuem a passagem ao próprio Miqueias ao invés de um editor, e relacioná-lo ao seige de Jerusalém pelos exércitos de Senaqueribe em 701 AC como descrito em 2 Reis 18:17 e seguintes. A menção de Babilônia em v. 10 torna isso muito improvável, uma vez que a Babilônia não era uma força a ser contada naquele momento. Se a emergência de 701 AC é o pano de fundo para a profecia, o nome "Babylon" provavelmente foi adicionado por um editor mais de 100 anos depois.

O versículo 10 retoma a figura da mulher em trabalho de parto e faz a aplicação completa. A entrega não deve acontecer em breve, nem o sofrimento agonizado deve ser aliviado. Na verdade, deve ser intensificado antes que o alívio venha.

O gemido e o grito em voz alta porque não existe um rei e um conselheiro indica um defeito muito grave no caráter de Jerusalém. Ela não percebeu que seu rei terrenal não era seu verdadeiro rei. Como ela não parece saber que seu verdadeiro rei é Yahweh e que nenhum inimigo pode deslocá-lo e derrotá-lo, ele a deixará se contorcer. A dor se tornará muito mais severa e, finalmente, a expulsará de sua casa, sua cidade, no campo

aberto, longe das muralhas e defesas da cidade. Resgate finalmente chegará em uma terra estranha longe.

A humilhação completa e a derrota que terminam no exílio serão necessárias antes de qualquer alívio pode vir do sofrimento. Deus ainda é supremo, e não permitirá a aniquilação de seu povo. A derrota, a destruição e a perda da nação certamente virão, mas Deus manterá sua honra ao resgatar seu povo do exílio babilônico.

Os dois verbos utilizados para descrever a libertação e o resgate são importantes para a compreensão de suas implicações. A derrota, o sofrimento e o exílio serão extremamente severos e parecerão desesperados pelos padrões humanos. Mas Deus é capaz e vai arrebatar seu povo ou entregá-los no último momento: eles serão resgatados. Isto é para constituir a sua redenção. Ele os redimirá, desempenhará o papel de um parente responsável e "comprá-los". Ele os levará diretamente da palma de seu inimigo.

Versos 11-13 abordar a questão urgente, o que deve ser feito com os vizinhos de Israel e com as outras nações que observaram sua destruição? Eles se reúnem para assistir a agonia de Jerusalém e vêem sua vergonha. Eles se juntam para tentar entregar o golpe da morte. Quando Jerusalém está de joelhos e precisa de ajuda, eles não a ajudam. Na verdade, eles aproveitam sua condição enfraquecida e unem forças com aqueles que estão prestes a esmagá-la. Ao fazê-lo, eles revelam sua própria ignorância dos propósitos de Yahweh. Ele não está inclinado a esmagar Zion. Seu propósito é exatamente o oposto, usar Zion para esmagar seus inimigos. Na verdade, ele está reunindo as nações em torno de Israel para ser como grãos na eira. Israel será o trilho de ferro.

A linguagem de 5: 1 é difícil, assim como a relação do verso com o contexto. O RSV segue o LXX e lê "Agora você está murado com uma parede; / O cerco é posto contra nós. "O KJV lê" reunir-se em tropas, ó filha de tropas ". Como o texto hebraico agora está, é melhor ler" você está se cortando, filha de barras ".

É possível que o escritor deste versículo esteja fazendo uma referência metafórica a uma prática antiga. Em caso afirmativo, ele está dizendo que Jerusalém se alcançou nesta triste situação ao servir deuses pagãos. Ela carrega as cicatrizes de se cortar por estas divindades pagãs, uma e outra vez. Essa adoração de deuses pagãos trouxe alguma coisa boa? Na verdade, na verdade! Muito pelo contrário. Ela agora é vítima de um cerco por seus inimigos. Ela agora sofre a indignação insultante final de ter sua régua ferida na bochecha com uma vara ou vara. Este foi o pior possível de insultos e pode refletir a história real de tal experiência por Ezequias, Joaquim ou Zedequias.

A mensagem parece clara em seu significado maior. Jerusalém, a maior das cidades de Judá, a sede do Templo, está agora indefesa, impotente e incapaz de oferecer qualquer esperança para o futuro do povo de Deus.

Isso contrasta forte com o prometido em 4:13 . Embora o futuro seja promissor porque o Senhor é de fato Deus de toda a terra e não sofrerá seus inimigos para derrotá-lo, a situação humana em Jerusalém indica exatamente o contrário. Se algum bem for para vir e se houver algum futuro, Deus terá de fazê-lo, pois Jerusalém terminou.

Em um sentido inteiramente diferente, este verso também está em contraste com o que está em 5: 2 . A grande Jerusalém está agora a cair em ruínas, e não se pode esperar nada disso. No entanto, o pequeno Belém, que nem sequer pode levantar milhares de homens que lutam quando for o melhor, vai produzir um grande governante para todo o Israel reunificado e restaurado. Esta é uma palavra muito triste para Jerusalém. Não só ela deve ser destruída e completamente arruinada como previsto em 3:12 , mas mesmo quando resgatado do exílio que segue essa destruição, ela deve ser negada a honra de produzir o futuro rei-Messias.

3. Novo governante sobre o povo de Israel (5: 2-6)

> [2] *Mas você, ó Belém Ephrathah,*
> *que são pequenos para estar entre os clãs de Judá,*
> *de você virá para mim*
> *alguém que deve ser governante em Israel,*
> *cuja origem é antiga,*
> *dos tempos antigos.*
> [3] *Portanto, ele deve desistir até o momento*
> *Quando a mulher que está em parto produziu;*
> *então o resto de seus irmãos retornará*
> *para o povo de Israel.*
> [4] *E ele suportará o seu rebanho na força do Senhor,*
> *na majestade do nome do Senhor seu Deus.*
> *E eles habitarão seguros, por agora ele será grande*
> *até os confins da terra.*
> [5] *E esta será a paz,*
> *quando o assírio entra em nossa terra*
> *e pisa em nosso solo,*
> *que levantaremos contra ele sete pastores*
> *e oito príncipes de homens;*
> [6] *governarão a terra da Assíria com a espada,*
> *e a terra de Nimrod com a espada desenhada;*
> *e eles nos libertarão do assírio*
> *quando ele entra em nossa terra*
> *e anda dentro da nossa fronteira.*

Os estudiosos diferem amplamente sobre a menção de Belém no v. 2 . Alguns acham que o texto original tinha apenas *beth ephratah* e que algum editor inseriu Bethlehem. Outros assumem que Belém está na profecia original e foi deliberadamente colocada ali pelo profeta que se lembrou bem de sua história e sabia que esta pequena cidade fora do caminho era onde o grande Rei David se originou. Ele poderia ver um futuro quando outro grande rei virá de Belém. Ele será um segundo e muito maior Davi.

Muitos estudiosos têm conjeturado sobre a frase na v. 2, que diz que Belém é pouco para estar entre os milhares de Judá. Eu acho que o significado é bastante claro. Se lemos o hebraico original cuidadosamente em seus contextos bíblicos e históricos, descobrimos que ele diz: "Mas você **, o**Belém Efrata, são muito pequenas para estar entre os milhares de Judá. "Ephrathah está incluído para designar exatamente o que Belém pretende, já que havia outras cidades desse nome em outras regiões. "Você é muito pequeno" significa que este Belém em particular nem sequer cresceu o suficiente para poder enviar 1.000 homens para a batalha ou para algum outro dever nacional. As cidades e as cidades eram conhecidas pelo número de homens que podiam reunir. Era impensável que uma pequena aldeia que não pudesse levantar milhares de homens poderia produzir um David novo e maior.

A interpretação judaica desta passagem está refletida em Mateus 2: 6 . O escritor de Mateus reflete o entendimento popular que cresceu sobre a passagem. O comportamento de Herodes e seus conselheiros indica que uma interpretação messiânica tornou-se amplamente aceita. Foi assumido pela igreja primitiva que a passagem previu claramente a vinda de Jesus.

As pessoas a quem a profecia foi dirigida certamente precisavam de uma palavra de esperança. Assume-se que as pessoas mencionadas em 4: 11-5: 1 são aquelas a quem a profecia é dirigida. Sua situação era miserável e sem esperança. Um seige foi colocado contra eles e seu líder estava sofrendo indignidades insultantes nas mãos de seus inimigos. O que poderia dar-lhes esperança mais do que a promessa de um libertador que será um segundo David mais poderoso?

Esta profecia não veio no vácuo. Junto com outros oráculos prometendo um futuro glorioso, este saiu de uma expectativa popular de que algum sinal fantástico e incrível indicaria a chegada do governante messiânico. Acreditava-se que o Messias teria uma origem divina, que ele nasceria de mulher, e que ele inauguraria uma nova era de prosperidade e paz. Todos esses elementos estão presentes aqui nestes versos. A sua saída é de eternidade; Quando ela tiver trabalhado, ele se tornará governante; o remanescente de seus irmãos voltará; ele deve alimentar o seu rebanho; e eles habitam seguro em paz até os confins da terra.

Além da pergunta, então, a passagem é claramente messiânica. Não há indicação, no entanto, de que o libertador vencedor seja apenas uma reflexão tardia com Yahweh. Pelo contrário, é verdade. Miquéias vê Yahweh tomando seu trabalho messiânico do mesmo lugar onde ele começou antes com David. Miquéias compartilha essa idéia com Isaías, que não menciona o nome de Belém, mas refere-se a quem virá da linha de Jessé, pai de Davi, cuja região era a de Belém (Isaías 11: 1).

Não só sua origem é ser, mas ele irá cumprir as profecias sobre ele, protegendo e entregando seu povo. Ele será tão notável que todo o mundo o reconhecerá e estará sujeito a ele.

O versículo 3 menciona o momento em que a mulher que está em parto produziu. Essas palavras apontam de novo para os elementos comuns entre Miquéias e Isaías e nos lembre de Isaías 7:14 . Não temos como saber se os dois homens falavam independentemente do Messias esperado ou se eles estavam refletindo aqui um conhecimento compartilhado com uma crença popular em um Messias vindouro.

Da última frase da v. 3 até a primeira frase do v. 5 , temos uma breve descrição do caráter do próximo reino messiânico com três características básicas.

Em primeiro lugar, a era messiânica verá a reunificação de todos os ramos da casa dividida de Israel. "O restante (descanso) de seus irmãos retornará aos filhos de Israel." Eles estão voltando para a família israelita. Isto está de acordo com o sonho que viveu no coração do verdadeiro israelita desde a divisão do reino em 931 AC

A segunda característica tem a ver com a pessoa do rei messiânico. Ele vai ser diferente do habitual rei dos tempos bíblicos. Ele será um rei pastor, em vez de um rei guerreiro. Sua preocupação será o bem-estar de seu rebanho, então ele governará com bondade e gentilidade, e tudo o que ele faz será consistente com o nome e o caráter de Deus. Este maravilhoso governante de qualidades consumadas também foi imaginado por Isaías em 9: 2-7 , da mesma forma que Miqueias o apresenta aqui.

A terceira característica do período messiânico refletida nesses versículos é a sua natureza pacífica em escala mundial. Nada como se nunca tivesse sonhado antes. A paz, a tranquilidade e a segurança do povo de Deus serão contagiosas. Não só assim, mas o próximo rei messiânico será tão admirado e respeitado que ele será considerado ótimo para os fins da terra. Assim, a paz bíblica (*shalom*) reinará suprema, pois significa uma unidade completa e harmoniosa com Deus e com o homem.

A bela imagem do vv. 2-5a é de repente interrompido por um retorno à descrição da terra sob um invasor estrangeiro. Há aqueles estudiosos que vêem vv. 5b-6 como uma adição posterior da mão de alguém que realmente viu estrangeiros invadir a terra. Ele está dizendo que esse é apenas um estado temporário de coisas e que o povo de Deus não só os derrotará e expulsá-los, mas, por sua vez, conquistará e governará os estrangeiros e suas terras.

Se os versos pertencem verdadeiramente à passagem e fazem parte da profecia messiânica original, eles devem estar falando do poder e da vontade do libertador vencedor de redimir a Terra da Promessa de todos e quaisquer atacantes. Nesse caso, os termos Assyria e Nimrod são usados para designar todas e quaisquer incursões do lado de fora. É claro que a conexão histórica mais precisa pode ser vista. O libertador messiânico de vv. 2-4 levantarão líderes, sete pastores e oito príncipes de homens, que entregarão o país e até estendem suas fronteiras para incluir as terras das quais os invasores vieram. Os números sete e oito simplesmente indicariam que haveria líderes mais do que suficientes para lidar com qualquer emergência que possa ameaçar de fora.

4. Uma Era de Paz e Bênção (5: 7-15)

7 Então o remanescente de Jacó será
no meio de muitos povos
como o orvalho do Senhor,
como chuvas sobre a grama,
que demoram para homens
nem espere os filhos dos homens.
8 E o resto de Jacó estará entre as nações,

no meio de muitos povos,
como um leão entre os animais da floresta,
como um jovem leão entre os rebanhos de ovelhas,
que, quando atravessa, pisa para baixo
e lágrimas em pedaços, e não há para entregar.
9 Sua mão será levantada sobre seus adversários,
e todos os seus inimigos serão cortados.
10 E naquele dia, diz o SENHOR ,
Vou cortar seus cavalos de entre vocês
e destruirá seus carros;
11 e vou cortar as cidades da sua terra
e derrube todas as suas fortalezas;
12 e vou cortar feitiçarias da sua mão,
e você não terá mais adivinhadores;
13 e vou cortar suas imagens
e seus pilares entre vocês,
e você deve curvar-se não mais
para o trabalho de suas mãos;
14 e vou destruir seu Asherim entre vocês
e destrua suas cidades.
15 E com raiva e ira eu irei vingar
sobre as nações que não obedeceram.

Estes versículos retomam o tema geral em 4: 1-8, onde encontramos um espírito de boa vontade e tolerância para com todos os povos e nações. É como se 4: 9-5: 6 tivesse sido inserido para diminuir o efeito do que de outra forma é uma passagem inclusiva, tolerante e universalista. De fato, se considerarmos 4: 1-8 e 5: 7 , os encontramos em paralelo muito próximo Isaías 2: 1-5 ; e Miquéias 5: 10-14 é muito parecido com Isaías 2: 6-8 . Por outro lado, o material em Miquéias 4: 9-5: 6 não é tratado em Isaías 2. Esta é uma indicação adicional de que alguém deliberadamente editou esta seção de Miqueias para colocar um ponto de vista particular.

Minha opinião é que esses versos foram cuidadosamente editados por um redator que viu alguma conexão entre v. 7 e vv. 8 e 9. O restante disperso no v. 7 é o mesmo que no v. 8 . A tensão ou contradição entre os dois pontos de vista do remanescente é impressionante. No v. 7, o remanescente deve ser como o orvalho. . . Como chuveiros sobre o crescimento verde. Os solos, os chuveiros e a grama provêm de Deus. O homem não pode fazê-los, nem pode controlá-los. Eles operam em completa independência do homem e são obedientes apenas à vontade de Deus. Assim será o resto do povo de Deus. Onde quer que eles se encontrem, em qualquer terra e entre qualquer pessoa, eles serão nutridos e providenciados por Deus com a mesma certeza e independência da ajuda do homem como*o orvalho* e os *chuveiros* vêm de Deus para trazer vida e crescimento às gramas da terra.

Se esta interpretação estiver correta, então o aplicativo deve ser levado um passo adiante. O crescimento verde da terra é muito necessário para a vida e o bem-estar da Terra. Os ferros e os chuveiros de Deus vêm sobre a forragem para dar vida, e, por sua vez, sustenta e dá vida ao mundo inteiro. Assim também com o povo de Deus. Ele os providencia e nutre para que eles, por sua vez, providenciem a vida espiritual do mundo. Assim, Deus traz triunfo da tragédia da destruição e do exílio de Israel. Quando seu povo está disperso por todo o mundo, seu cuidado com eles e suas abençoações têm implicações para todos os homens em todos os lugares.

Além disso, está implícito nesta primeira imagem do remanescente a verdade de que o propósito final de Deus não depende da vontade do homem de ver o propósito de Deus realizado. As obras de Deus funcionam de forma silenciosa e independente do consentimento do homem, como os ferros de Deus e os chuveiros reabastecem a terra.

A figura remanescente continua na v. 8, mas recebe um formato completamente diferente. É de certa forma contraditória. Em primeira instância, o orvalho de Yahweh descreve a presença de Israel entre as nações; no segundo, Israel é como um leão - o maior dos animais - na floresta. No primeiro lugar, a presença de Israel é como chuvas sobre a grama; no segundo, Israel é um jovem leão em um bando de pequenos animais que destroem, mutilam, matam, abusam à vontade.

É preciso concluir que o v. 8 foi adicionado à profecia original por algum editor nacionalista determinado a fazer com que Israel apareça além de uma presença fraca, humilde e mansa entre as nações ou que a verdadeira interpretação da passagem é diferente da que aparece em primeira leitura. Se a interpretação é completamente "espiritual", o que dificilmente parece provável, então se poderia assumir que o propósito do profeta era mostrar que Israel na era ideal que se aproximava seria uma força espiritual e dinâmica que toda religião menor, de qualquer outra religião, daria para o culto ao deus de Israel, Javé. Esta é uma interpretação forçada e, com toda a probabilidade, não estava na mente do editor. Era sua intenção mostrar a Israel como um poderoso poder, capaz de ter seu próprio caminho à vontade.

Esta interpretação torna bem claro o significado do v. 9 . O porta-voz aborda diretamente Israel e assegura que ela deve ser vitoriosa quando o balanço final da história é atingido. Ela pode estar angustiada no momento, à mercê das nações entre as quais ela está espalhada, mas Deus não passou da história. Israel ganhará e manterá a vantagem e o poder de seus inimigos será suspenso. Eles não serão capazes de puni-la, nem mesmo de molestar e molestar ela, pois sua força será cortada completamente. Isso, aliás, será realizado pelo próprio Deus. Ele levantará a mão de Israel contra seus oponentes, o que é o resultado de que os inimigos de Israel serão completamente interrompidos.

A idade de paz e benção em relação à qual Israel pode olhar com grande esperança depende não apenas do controle das forças externas, do poder dos inimigos de Israel e daqueles entre os quais ela é exilada, mas também no controle e reconstrução das condições dentro de Israel vida nacional. Este lado da imagem é pintado muito graficamente em 5: 10-15 .

Muitas coisas contribuíram para a saída de Israel dos caminhos de Javé, seu Deus. Começou a confiar no poder militar. Ela ficou com inveja de outros grandes

poderes e construiu força militar por razões de segurança. Na verdade, ela havia aprendido a guerra mecanizada dos egípcios e adaptou seus exércitos para cavalos e carruagens. Este é um ataque não disfarçado pelo profeta sobre a guerra mecanizada, uma das mais perversas invenções do homem. Isso significava não só que Israel se afastara da confiança de Javé para confiar no trabalho das mãos dos homens, mas também aquelas inúmeras vítimas inocentes sofrerão privação, fome e morte como resultado dessa apostasia. A guerra ea maquinaria para fazer isso se tornaram um fim em si mesmo. A guerra foi muitas vezes travada por razões totalmente indignas. Como foram os nossos tempos. As guerras começam de uma forma ou de outra,

O profeta prevê uma época em que Israel retornará à fé em Yahweh, tempo em que a maquinaria da guerra será destruída - eu. . . destruirá seus carros - e a vontade de travar a guerra será controlada por um propósito maior e mais nobre. Isso está de acordo com a bela visão em 4: 3 .

Israel também começou a construir cidades e reunir seu povo nas cidades e fortalezas fortificadas. Este foi um dos subprodutos de seu assentamento na Terra Prometida e sua associação com seus vizinhos, principalmente os cananeus. Ela confiou nas coisas que ela aprendeu deles, em vez de no Senhor, seu Deus. Conseqüentemente, ela os imitava e fortaleceu suas fortalezas. A experiência presente, a destruição de Jerusalém e o exílio que se seguiu, foram suficientes para ensinar a ela que suas fortalezas não eram nada. Não podiam salvá-la na hora da sua necessidade mais desesperada. Os assírios não tinham fechado Ezequias em Jerusalém "como um pássaro em uma gaiola"? No dia da verdadeira glória de Israel, o futuro messiânico, Israel dependeria da segurança que só o Senhor poderia dar.

O versículo 12 define outra área em que Israel caiu do favor de Javé. Ela havia aprendido feitiçarias, adivinhações, declarações de fortuna e exclamações de alguns de seus vizinhos orientais. Essas, também, haviam minado sua vitalidade espiritual. Em vez de esperar na voz de seu Deus, os israelitas levaram a necromancia praticada por aqueles que os rodeavam. Com efeito, este foi o primeiro passo para o adultério espiritual, porque isso levaria a confiar em outros deuses do que em Javé.

Como costumamos fazer nos nossos dias, Israel tentou dignificar esta prática ao nomear o nome de Yahweh sobre isso. Mas isso não o satisfazia. Ele nunca está satisfeito com, nem aceita, nada menos que lealdade absoluta e obediência por parte de seu povo. Mesmo quando tomamos algo indigno e tentamos santificá-lo sufocando o nome de Yahweh, não o enganamos. Nós nos enganamos.

A prática da magia na religião sempre leva à idolatria. Foi o que aconteceu na história israelita. Os versículos 13-14 indicam que diferentes tipos de adoração de ídolos encontraram caminho para as práticas religiosas de Israel. Pelo menos três tipos são mencionados nestes versos e, possivelmente, quatro se a palavra cidades ao final do v. 14 for emendada para se harmonizar com as outras palavras para ídolos.

A primeira forma de adoração de ídolos mencionada é a de imagens, estatuárias. Estes foram feitos à imagem do homem ou algum tipo de animal. Essas semelhanças do homem e da besta haviam sido um problema para Israel por um longo tempo, pelo menos tão remotas quanto as andanças do deserto do Êxodo. As imagens não só foram rotundamente condenadas pelos profetas (Isaías 30:22 ; 48: 5 , Hos. 11: 2 , Jer. 10:14),

mas foram estritamente proibidas pela lei mosaica (Ex. 20: 4), levítico lei (Levítico 26: 1), e lei deuteronômica (Deuteronômio 12: 3).

O uso de pilares como residências para os deuses também é condenado como idolatria. Recorde-se que Jacob estabeleceu a pedra que ele usou como um travesseiro para assinalar a aparência de Deus (Gênesis 28:18 , 22) e chamou-a de residência de Deus. Existem muitas outras referências que ilustram o uso dessas pedras em pé. Esta prática, também, foi estritamente proibida pelo código Deuteronômico (Deuteronômio 16:22) porque era outra coisa que o Senhor odeia. Israel também aprendeu essa prática de seus vizinhos pagãos. O Deus vivo, Yahweh, odeia porque isso implica que ele pode se encapsular e localizar. Israel deve entender que ele não é uma deidade local que pode ser presa no tempo e no espaço. Ele é o Deus vivo e onipresente que age.

Ainda pode-se ver monumentos a essa idolatria na Palestina hoje. A pata do arqueólogo mostrou muitos desses, mas nenhum deles mais dramático do que aqueles em

Gezer em Israel, onde o escritor deste comentário passou muitas estações excitantes ajudando a descobri-las.

A terceira forma de adoração de ídolos condenada nestes versos é a do posto de madeira sagrado, o asherah - seu Asherim. Com toda a probabilidade, isso foi adaptado das práticas cananitas. Eram troncos de árvores ou postagens que muitas vezes eram erguidas perto dos altares de pedra. Eles eram possivelmente a representação de uma deusa ou consorte feminina, indicada em 1 Reis 18:19 como a contraparte feminina de Baal. Este ídolo também foi especificamente proibido pelo código Deuteronômico (Deuteronômio 16:21).

Embora essas três formas de adoração de ídolos tenham sido proibidas pelas várias declarações do código da lei e tenham sido condenadas de forma consistente pelos profetas pregadores, eles conseguiram sobreviver no culto de Israel por séculos. Nosso profeta prevê um futuro em que a adoração de Yahweh se tornará tão purificada que o último vestígio de tal prática ídica desaparecerá.

A frase de encerramento do v. 14 parece estar fora de harmonia com o que foi antes. Por que as cidades devem ser mencionadas aqui no final de um discurso sobre a adoração dos ídolos? Há aqueles que acham que não acrescenta nada à profecia e devem ser emendados para ler "ídolos" para corresponder com os outros termos usados nestes versos. Outros pensam que pode ser uma adição editorial muito tardia, ou um brilho marginal que encontrou seu caminho no texto e, em ambos os casos, não faz parte do original. Penso que pode muito bem ser uma parte do texto original, caso em que indicaria a natureza muito radical da reconstituição de toda a vida nacional no futuro Israel.

O versículo 15 , o versículo de fechamento desta seção, apresenta dificuldade real. Parece quase certamente ser uma adição editorial ao acima. É muito provável que o compilador dos provérbios atribuídos a Miquéias não quisesse ver Israel punido tão severamente por idolatrias, enquanto seus vizinhos idólatras, de quem, de fato, ela tinha aprendido tais males, foram libertados. Portanto, ele prediz que a vingança de Deus cairá fortemente sobre as nações pagãs que não obedeceram às exigências de Deus.

Não há aqui um significado contemporâneo maior e mais relevante para o v. 15? Javé não é apenas o deus de Israel. Ele é, de fato, o único Deus. Além dele, não há outro Deus, e ele nunca dará seu poder a outro. Não está de acordo com o caráter do único Deus verdadeiro para ele ser Deus de apenas um lugar pequeno ou apenas um segmento da humanidade. Seu reino é mundial e sua natureza não permitiria que ele fosse diminuído. Consequentemente, todas as nações são responsáveis perante ele. Se eles aguardam, eles devem se voltar para ele e abandonar todas as idolatrias. De fato, seu trabalho e tratos com Israel chegaram ao fim que as outras nações poderiam vê-lo e reconhecê-lo. Além disso, uma das principais razões para a eleição de Israel era que ela deveria ensinar outras nações a seus caminhos. Aqueles que o rejeitam e seguem outros deuses podem esperar a mão pesada da ira de Javé.

IV. Da controvérsia à vitória (6: 1-7: 20)

Há uma ruptura abrupta entre os capítulos 5 e 6 , e encontramos o motivo geral do capítulo 1 reintroduzido. Uma cena de corte é visualizada em que Israel é chamado a se defender porque Yahweh tem uma "controvérsia" com ela. O idioma da seção nos lembra de Isaías 1 e 1 Samuel 12 . Com toda a probabilidade, Miqueias estava completamente familiarizado com essas e fontes similares em forma oral ou escrita.

A opinião acadêmica é dividida quanto à data e autoridade dos dois capítulos finais de Miqueias. Há aqueles que sentem que a linguagem e as alusões históricas exigem uma data pós-xilic. Outros pensam que a seção pode ser o trabalho de Miqueias, mas que chegou muito tarde em sua vida, durante o reinado de Manasseh. Ainda há outros que pensam que Miqueias é responsável pela passagem, exceto para 7: 7-20 , que provavelmente é um salmo exilic tardio.

É minha opinião que 6: 1-7: 6 é, de fato, dos lábios de Miquéias e que foi recolhido junto com seus outros enunciados por seus discípulos. Mais tarde, o editor trouxe o livro para sua forma atual.

1. Conflito de Deus com o Seu povo (6: 1-8)

A cena do tribunal é definida por Yahweh, pois ele indica a natureza do crime de Israel. O povo se esqueceu dos generosos feitos de Yahweh em sua história e se afastou dele. Eles fizeram o erro das eras de assumir que Yahweh ficaria com eles, mesmo quando o abandonassem.

(1) O caso contra o povo (6: 1-5)

1 Ouça o que o Senhor diz;
Levante-se, invoque seu caso antes das montanhas,
e deixe as montanhas ouvir sua voz.
2 Ouça, você montanhas, a controvérsia do Senhor,
e os fundamentos duradouros da terra;
pois o Senhor tem uma controvérsia com o seu povo,
e ele contenderá com Israel.
3 "Ó meu povo, o que eu fiz com você?

No que te canso? Me responda!
4 Porque eu te levantei da terra do Egito
e te resgatou da casa da escravidão;
e enviei-lhe Moisés,
Aaron e Miriam.
5 Ó povo meu, lembre-se do que inventou Balak, rei de Moabe,
e o que Balaão filho de Beor lhe respondeu,
e o que aconteceu de Shittim a Gilgal,
para que você conheça os atos salvadores do SENHOR ".

Mais cedo, na profecia, Miqueias apresentou o castigo que aguarda por causa do pecado e estabelece a possibilidade de bênção, se apenas arrepender-se. Além disso, ele declarou o propósito de Yahweh de preservar um remanescente através do julgamento. Nestes versículos ele mostra ao povo que seus pecados de ingratidão e resistência obstinada aos caminhos do Senhor tornaram necessário o julgamento. Israel pode realmente participar das maravilhas, alegrias e bênçãos inerentes à promessa da aliança do Senhor. O caminho para isso, no entanto, não é através da obstinação da teimosia e da base da ingratidão, mas através do arrependimento sincero.

O processo é julgado para julgamento. Yahweh está disposto a que o registro fale por si mesmo e convida todo o mundo natural, que está consternado com a apostasia de Israel, para testemunhar o julgamento. Em vv. 1-2 vemos todo o mundo criado chamado para testemunhar, das montanhas mais altas até os próprios fundamentos sobre os quais repousa toda a ordem das coisas. Seria um erro assumir que o profeta simplesmente está usando um idioma florido e retórico aqui. Miquéias e outros profetas viram toda a ordem das coisas animadas e inanimadas como envolvidas e conscientes do funcionamento dos propósitos de Deus.

A controvérsia de Yahweh está diretamente relacionada à eleição de Israel. Seu status de eleição é o motivo de sua obrigação de agir de acordo com os requisitos morais de Yahweh. Ela deve estar acima da média em sua conduta perante o mundo e deve produzir abundantes frutos de justiça mais do que se espera de outros porque ela é escolhida. Muito se espera dela porque muito foi dado a ela. A escolha não é, antes de mais, privilégio e bênção, embora seja um privilégio abençoado ser escolhido, mas é principalmente responsabilidade, dever e serviço. Este mesmo motivo é encontrado no capítulo 3 de Amos entre outros lugares.

Em 6: 3-5 história é apelada para uma verificação das acusações contra Israel. Isso acontece repetidamente no Antigo Testamento. A fórmula é preservada até hoje por nossos vizinhos judeus em seu belo seder ou serviço da Páscoa, no qual eles recitam com profundo sentimento a história de sua salvação através do êxodo da escravidão egípcia.

No contexto atual, Yahweh fala em tons suplicantes, pedindo como pai que seus filhos demonstrem como seu tratamento deles pode ter levado a sua atitude atual. Claro, nenhuma resposta vem das pessoas porque elas não têm nenhuma. Eles percebem, ou pelo menos devem, que sua história começou com um ato redentor de Yahweh. Ele os

amou na infância (Hos. 11: 1), os criou do Egito, os redimiu da casa da escravidão e deu-lhes a sua própria terra. Ele forneceu líderes para eles quando eles não poderiam se guiar pela escravidão.

Jantando as suas andanças no deserto, o Senhor também providenciou cuidados milagrosos para Israel. Balaque de Moabe procurou amaldiçoar e destruir Israel, mas sua maldição se transformou em uma benção através de Balaão (Num 22-24).

Na travessia do Jordão, os israelitas também eram beneficiários de ajuda milagrosa. Shittim foi o último acampamento das pessoas antes de entrarem na Terra Prometida. Gilgal foi o primeiro campo no oeste do Jordão. Entre os dois foi o milagre do cruzamento em seco.

Esta recitação histórica deveria ter sido suficiente para permitir que Israel visse que as ações justas de Javé haviam sido redentoras e que Israel não tinha motivo para ser rebelde. Na verdade, se Israel apenas realize seus laços e obrigações com o Senhor, ela poderá servir com alegria. Os seguintes versos indicam, no entanto, que Israel perdeu completamente o ponto.

(2) Religião: Ritual ou Espírito? (6: 6-8)

> *6 Com o que eu venho perante o Senhor,*
> *e inclue-se diante de Deus no alto?*
> *Será que eu venho diante dele com holocaustos,*
> *com bezerros no ano de idade?*
> *7 O SENHOR ficará satisfeito com milhares de carneiros,*
> *com dez mil rios de petróleo?*
> *Devo dar o meu primogênito para minha transgressão,*
> *o fruto do meu corpo pelo pecado da minha alma? "*
> *8 Ele te mostrou, ó homem, o que é bom;*
> *e o que o Senhor exige de você*
> *mas para fazer justiça e para amar a bondade,*
> *e andar humildemente com seu Deus?*

Nestes versos, há dois alto-falantes. As pessoas falam em vv. 6 e 7 enquanto o profeta fala por Deus na v. 8 .

A defesa oferecida pelo povo é muito fraca. É como se eles também tentassem o apelo à história. Em um tom choramingante e ofendido, eles pedem, parafraseando: "Deus é tão difícil de agradar? Não o adoramos regularmente e publicamente? Não gosta de sacrifícios com bezerros de um ano? Que tal cerca de mil carneiros? Vários milhares de córregos de petróleo o agradariam? Não é suficiente que oferecemos nossos filhos primogênitos? Afinal, o quão religioso podemos ser? "

As pessoas estavam fazendo referência óbvia ao fato de que eles faziam tudo o que a lei exigia sobre religião. Na verdade, eles fizeram mais. Seus sacrifícios se tornaram maiores e mais frequentes (2 Cron. 30: 23-26), seu ritual mais elaborado (Amós 4:

4). Eles adicionaram a prostituição do Templo a sua adoração (Amós 2: 7-8), e os sacrifícios humanos ainda eram feitos na terra (Isaías 57: 5 , Jeremias 7:31 ; 2 Reis 16: 3 ; 21: 2). O sacrifício humano é a forma mais extrema de zelo religioso. Há uma nota de sarcasmo aqui quando as pessoas sugerem que talvez eles possam satisfazer Yahweh com essa demonstração extremamente zelosa.

Essa abordagem é tragicamente ingênua. As pessoas sabiam qual era a resposta. Tornaram-se tão envolvidos na religião ritual "ocupada" que haviam esquecido a religião "do coração". Ritual tornou-se um fim em si mesmo e matou o espírito. Este é um perigo constante em qualquer período. É muito mais simples "fazer" a religião do que "ser" religioso. A verdadeira tragédia é que muitas pessoas boas e piedosas se encaixam nesta armadilha. Raramente é um exercício consciente e deliberado. Um gradualmente se desloca para dentro e, às vezes, nem sequer percebe que sua fé é sem vida.

O profeta não foi enganado por essa manobra do povo. Ele sabia que eles estavam tentando se enganar. Eles sabiam muito bem que Deus não quer oferendas que não têm referência à ética e ao caráter. O profeta viu que o caráter e o comportamento ético estão no fundamento da verdadeira religião. Sua resposta na v. 8 é uma das declarações mais dinâmicas da verdadeira religião espiritual a ser encontrada em qualquer lugar.

No cerne da declaração do profeta são as questões mais importantes da existência religiosa. Qual é o caminho do verdadeiro culto? Quais são os elementos, qual o conteúdo da religião essencial? Na resposta a estas perguntas será encontrado o significado interno da vida que Deus quer que o homem conduza.

A demonstração histórica de Deus tornou bem claro para os israelitas que eles poderiam abordá-lo apenas através de uma conduta ética. Os sacrifícios de qualquer tipo não têm sentido quando não são acompanhados por comportamentos éticos. O sacrifício em si não é errado, mas não é acompanhado por uma vida ética é simplesmente irrelevante. As reais exigências de Deus são morais e espirituais; portanto, nenhum ritual pode compensar a ausência de qualidades espirituais. É muito fácil para o homem deixar a forma se tornar um substituto da vitalidade. Isso resulta na institucionalização estática da religião, que é a causa mais sutil da decadência espiritual. Torna-se um substituto do serviço muito mais exigente do intelecto demonstrado nos atos da vontade.

O homem pode ser muito religioso sem ter uma religião vital. O profeta está dizendo aqui, no entanto, que não há justificativa para Israel ter perdido sua religião em religiosidade. Deus a salvou através do Êxodo. Ele prometeu sua lealdade na aliança e demonstrou fidelidade do convênio por atos de graça continuados. Além de qualquer dúvida, as pessoas sabiam em seus corações como se aproximar de Deus. Assim, pode-se esperar que Miqueias diga com firmeza e grande profundidade de sentimento: Ele mostrou a você o homem (' *adam* , humano) o que é bom. O uso *de'adam* (ser humano) é significante. O bom caminho de Deus foi mostrado a todos os povos, não apenas a Israel. Israel foi chamado para ministrar e mediar esse bem em todo o mundo.

A declaração de Miqueias resume a essência da profecia do século VIII. Um ponto particular está relacionado ao uso da gramática. Na verdade, esse ponto é extremamente importante para a compreensão de toda a mensagem do verso. A tradução afirma a primeira pergunta e o que o Senhor exige de você? O verbo para exigir é

o *doresh* hebraico, um particípio ativo. Este formulário verbal mostra a ação em um estado ininterrupto. Não inicia nem pára; Em vez disso, é contínuo, mostrando que a ação definida pelo verbo tem ocorrido o tempo todo. Em outras palavras, Yahweh não é caprichoso. Ele não apareceu de repente com um novo conjunto de regras. Ele sempre teve esse padrão. É característico dele. Este foi seu padrão através da história, demonstrado no Êxodo, afirmado na aliança, repetido em cada geração, e pregado por seus profetas. É a base sobre a qual o povo escolhido foi chamado e sustentado.

No restante do versículo, são estabelecidos três padrões de conduta, ou três princípios pelos quais o verdadeiro homem de Deus ordenará sua vida diária. Todos eles são subsumidos sob a primeira palavra a fazer, ou talvez melhor declarado, para praticar. Cada um dos princípios é fazer parte da vida diária. Eles devem caracterizar a conduta do homem piedoso. Vemos deles que Mica deve ter sido muito familiarizado com Deuteronômio 10:12 e Salmo 51: 16-17 .

Quais são os três princípios, cuja prática Deus tem o direito de esperar? Primeiro, existe a prática da justiça. Isso pode significar muitas coisas. Inclui julgamento, o que significa definir o que é errado, no pleno sentido é a justiça. Deus espera isso de todos os homens. Este é um padrão muito alto e não pode ser cumprido de forma indireta. Tem a ver com o modo diário de vida e envolve o relacionamento de um homem com o próximo. Somente quando um homem atende a este padrão, ele pode ganhar o favor do Senhor. Este favor nunca vem até que alguém tenha cumprido sua obrigação moral com o próximo, sem o qual não se pode ter uma atitude correta de coração em relação a Deus. Para indicar o requisito de outra forma, fazer justamente significa fazer o que é justo e justo entre os homens. O critério para a prática da justiça está no coração de Deus. É o tipo de bem-estar de Deus, e esse é o padrão pelo qual é praticado na sociedade humana. Nas relações humanas, é para decidir o que é certo, e então executá-lo.

Em segundo lugar, o caminho de Deus requer a prática do amor fiel. Este é o amor que não é necessariamente merecido, o amor que não está regulado pela lei. É amor que é concedido, amor gratuito. Este é o tipo de amor do qual veio a aliança. Quando o homem quebrou a aliança, Deus não deixou de amar. Assim, é o tipo de amor que se demonstra no dom de Deus em si mesmo em Jesus Cristo. Portanto, o povo de Deus deve amar seus semelhantes com o amor de Deus. Esse tipo de amor aliado à justiça acima descrita constitui justiça social. Este é o cumprimento da obrigação inerente a um relacionamento, mesmo quando nenhuma lei está presente, e é feito com alegria e prazer porque é o caminho de Deus.

Terceiro, é a maneira de Deus chamar alguém para andar humildemente com seu Deus. Há uma grande dificuldade em encontrar o melhor significado para esta frase, uma vez que a palavra traduzida humildemente ocorre apenas nesta única vez no Antigo Testamento. É usado nos livros apócrifos em hebraico posterior e em alguns dialetos semíticos parentes. No hebraico moderno significa esconder-se, conduzir-se modestamente, ou ser austero ou escasso. No siríaco e na Septuaginta, o idioma significa estar preparado para andar. Nos Pergaminhos do Mar Morto, sem dúvida, significa andar habilidosamente, habilmente ou de acordo com as regras. Meu próprio ponto de vista é que o uso de Miqueias desta frase é para amarrar os dois primeiros princípios, justiça e amor, juntos.

Somente quando está certo com seus semelhantes praticando justiça e amor fiel, ele está realmente preparado para caminhar com Deus. Assim, ele não é arrogante, acima de seu vizinho, condescendendo ao homem e exigindo de Deus. Ele vê que ele é como todos os outros homens e pode "tornar-se escasso", seja propriamente modesto. Isso não significa que ele deve se desprezar ou ser menos do que totalmente homem. Isso significa que ele aceita sua masculinidade e não usurpa o trono divino. Ele encontrou a graça madura para viver sua vida segundo os padrões de Deus.

Há outras implicações importantes na prática de andar humildemente com Deus. Existe uma submissão feliz, alegre e voluntária à vontade de Deus, que resulta na capacidade de ensino. Isso é possível porque o homem verdadeiramente humilde reconhece e aceita sua dependência de Deus. Isso dá um novo significado ao termo bom no início deste verso. O bem é fazer a vontade de Deus e é acessível a todos os homens. O uso de Miqueias do homem (' *adam* , humano) é assim visto como um golpe de grande visão religiosa. Ele parece Paul em Romanos 1:20 . Deus se declarou a partir do fundamento do universo e nunca deixou de demonstrar historicamente sua presença e propósito.

Miqueias e seus contemporâneos do século VIII trouxeram a conduta moral sob o holofote da realidade divina. Eles mostraram que o dever para com o homem era o mesmo que o dever para com Deus. Eles expuseram a pobreza de uma piedade que era desprovida de ética. A religião não podia ser simplesmente a realização de ritos sagrados. Se a religião deve ser verdadeira e vital, deve ser uma experiência interior que não seja meramente ação, mas é essencialmente caráter.

Na análise final, a exigência de Deus é o homem sozinho, o que é o homem, não é algo que o homem possa trazer. Deus não pode ser subornado para virar o rosto para o homem, pois sempre está assim virado. Seu amor é eterno e não permitiria que ele se afastasse do homem. É o homem quem deve corrigir a atitude, o relacionamento, se há ameaça de distanciamento. Quando adoramos a Deus e confiamos nele, somos nós que somos mudados, não Deus.

2. Deus Entreats Jerusalém (6: 9-16)

9 A voz do SENHOR clama pela cidade -
e é uma boa sabedoria para temer seu nome:
"Ouça, tribo e assembléia da cidade!
10 Posso esquecer os tesouros da perversidade na casa dos ímpios,
e a escassa medida que é maldita?
11 Devo absolver o homem com escalas perversas
e com um saco de pesos enganosos?
12 Seus homens ricos estão cheios de violência;
seus habitantes falam mentiras
e sua língua é enganosa na boca deles.
13 Por isso, comecei a feri-lo,
tornando-se desolado por causa dos seus pecados.
14 Você comerá, mas não ficará satisfeito,

e haverá fome em suas partes internas;
você deve guardar, mas não salvar,
e o que você salve, eu darei à espada.
15 Semeará, mas não colherá;
Você deve andar com azeitonas, mas não ungir-se com o petróleo;
Você deve pisar uvas, mas não beber vinho.
16 Pois você manteve os estatutos de Omri,
e todas as obras da casa de Acabe;
e você andou em seus conselhos;
para que eu possa fazer você uma desolação, e seus habitantes sibilam;
então você suportará o desprezo dos povos ".

Normalmente, os estudiosos concordam que esses versículos são o trabalho de Miqueias, embora alguns os atribuam à sua velhice sob Manassés; e alguns insistem que a data é completamente incerta.

Eu não acho que a conexão entre esta seção e 6: 1-8 é tão forçada e forçada como alguns insistem. É verdade que na primeira metade do capítulo o tom é simpático e suplicante, enquanto na última metade é cauteloso e denunciador. No entanto, não é muito natural que o profeta devesse perguntar aos ouvintes que se recusaram a aprender a lição da história, embora eles conheçam em seus corações "o que é bom"?

A seção começa com o anúncio do profeta de que a voz de Yahweh está chamando a cidade. O verbo traduzido gritos muitas vezes significa encontrar ou encontrar e proclamar ou *exclamar.* Aqui, provavelmente, tem ambas as conotações e deve ser lido "encontra a cidade com uma proclamação"; isto é, ele chama a cidade para julgamento ou declara sua última palavra para a cidade.

A segunda linha de v. 9 causou grande preocupação para os estudiosos. Foi várias vezes emendado e corrigido, mas ainda é problemático. Proponho deixar o texto tal como está e traduz-lo de forma vocativa: "Ó, o teu nome sempre fornece entendimento". O texto original da versão 9 seria então traduzido: "A voz de Javé declara à cidade, ó seu nome sempre fornece entendimento -'Listen, O tribo! agora que o reuniu (a cidade)? "Por este dispositivo, a cidade é chamada a atenção e é confrontada com uma ladainha de acusações, enquanto a voz de Deus continua a falar ao final do capítulo.

Com justa indignação Deus denuncia os vários males. Isso se lê como uma continuação dos capítulos 2-3 . Apesar de todos os avisos, as pessoas continuaram acumulando ganhos mal adquiridos. Seus tesouros estão cheios de coisas que adquiriram por meios desonesto. A escassa medida ainda é usada. Esta era uma medida que era enganosa. Ele obteve um montante declarado, mas foi construído de forma a manter menos. Foi essa medida que usou para medir o que foi vendido de seus bens. Esta foi uma medida curta. O comprador pagou por mais do que ele recebeu.

Outros homens compraram e vendem com o uso de saldos. Eles tinham dois sacos de pesos, ambos enganosos. Aqueles usados para comprar tornaram o produto mais barato,

aqueles usados para venda tornaram mais caro. Em outras palavras, pedras de pesagem pesadas para comprar, pedras de pesagem mais leves para venda.

Os homens ricos usaram meios violentos para aumentar suas riquezas. Eles estavam em condições de fazê-lo porque podiam comprar os tribunais e outros em locais de autoridade. Quando conveniente, eles também podem usar violência física porque sua riqueza e posição podem comandar. Os ricos não eram os únicos que eram perversos. Os habitantes geralmente eram quilty de engano e desonestidade. Os pobres e oprimidos, quando a oportunidade veio, eram tão cruéis e agarrados quanto seus poderosos e poderosos opressores. A última frase da v. 12 , sua língua é enganosa em sua boca, é uma conclusão trágica e sumária da acusação contra todas as pessoas. Eles são ruins do início ao fim; Ninguém diz a verdade.

As condições descritas nos capítulos 2-3 e lembradas aqui em vv. 10-12 não podia deixar de julgar. De fato, a relação direta entre o mal e sua punição é mencionada na v. 13 . Todo esse golpe e destruição é por causa de seus pecados.

Como os juízos se expressam? Chegou uma calamidade tão grande que não haverá comida suficiente para satisfazer a fome. O pouco que uma pessoa consegue comer não será suficiente para evitar que o estômago se mude e se machuque. Se houver alguns que possam armazenar algumas coisas, essas coisas não serão seguras, pois elas serão dadas à espada, ou seja, aqueles que vieram matá-las saquearão suas posses materiais.

O profeta indica pelo idioma da v. 15 que o flagelo, o inimigo, fará um trabalho bastante curto de dizimar Jerusalém. Isso acontecerá naqueles poucos meses entre o tempo de plantio e a colheita. Eles não serão capazes de colher as culturas que eles semearam. Assim que eles tenham esmagado as azeitonas e armazenado o óleo do que o invasor virá e levá-lo. O suco de uva que foi pisado não terá tempo suficiente para amadurecer em bom vinho antes que o marauder o leve para seu próprio uso.

Aqui estão todas as evidências de uma invasão devastadora por algum inimigo brutal. Há um derramamento de sangue pela espada. Há pilhagem de riqueza pessoal. Há confisco de todas as necessidades da vida. A terra é arruinada. Não se pode reconstruir o relato histórico com certeza, mas o profeta pode ter falado logo após a invasão assíria de 701 AC. Apesar de Jerusalém ter sido poupada milagrosamente (2 Reis 19:35), grande parte do resto do país estava em ruínas. Com toda a probabilidade, Miqueias está dizendo a aqueles que foram poupados em Jerusalém que um destino pior os aguardava porque não tinham aprendido a lição da história. O cruel destino do campo ao redor da cidade parecia não ter efeito sobre a cidadania de Jerusalém.

Isso fica claro no v. 16, onde as pessoas são lembradas de que eles até têm em sua adoração a Javé as práticas da casa de Omri e Acabe. Esta era a casa governante do Reino do Norte. Todos os males da adoração de Baal foram trazidos pela casa de Acabe: prostituição do templo (Amós 2: 7-8), sacrifício infantil (2 Reis 16: 3 ; 21: 2), assassinato judicial e confisco ilegal de propriedade (1 Reis 21 : 1-15), substituição de profissionais por verdadeiros profetas (1 Reis 22: 1-24) e muitos outros.

Como Judá se tornou tão maligno quanto Israel ao norte, a desolação nas mãos dos pagãos era a única alternativa possível. Este fato é inequivocamente claro pela própria linguagem. Mas, a frase, posso fazer pedidos de explicação. A preposição

hebraica *l ᵉ ma'an* é a chave para isso. Muitas vezes, esta preposição é traduzida "para que", mas isso dá o significado errado em muitos casos (Salmo 51: 4-v. 6 em Heb.), certamente aqui em Miqueias. Assim, lê como se todos esses males tenham sido feitos até o fim que Deus pode, por sua vez, fazer o que ele quer fazer. Alguns lêem esta preposição em um sentido predestinário, assumindo que Deus ordenou o mal, de modo que ele teria desculpa ou motivo de suas próprias ações. Isto é para mal interpretar o idioma completamente. Esta preposição vem do *verbo'anah* - para responder, responder ou corresponder no sentido de ser igual. A preposição, então, aponta o que corresponde ou corresponde ao mal que Jerusalém fez. A única coisa igual ao pecado é a total destruição e desolação. A calamidade será tão grande que Jerusalém será desprezada pelas outras nações.

3. Uma nota de desespero (7: 1-6)

1 ai é eu! Pois eu me tornei
como quando a fruta do verão foi recolhida,
como quando o vintage foi recolhido:
não há cluster para comer,
Nenhum figo maduro que minha alma deseja.
2 O homem piedoso pereceu da terra,
e não há nenhum direito entre os homens;
todos esperam sangue
e cada um caça seu irmão com uma rede.
3 Suas mãos estão sobre o que é mau, para fazê-lo diligentemente;
o príncipe eo juiz pedem um suborno,
e o grande homem pronuncia o desejo maligno de sua alma;
então eles teceram juntos.
4 O melhor deles é como um brier,
o mais certo deles uma cobertura de espinhos.
O dia dos seus vigias, da sua punição, chegou;
Agora, sua confusão está próxima.
5 Não confie em um vizinho,
não tem confiança em um amigo;
proteja as portas da sua boca
daquela que está no seu seio;
6 para o filho trata o pai com desprezo,
a filha se levanta contra sua mãe,
a nora contra a sogra;
Os inimigos de um homem são os homens de sua própria casa.

O fardo desta profecia era demais para o profeta. Quando ele terminou de declarar as próprias palavras de Deus, ele ficou com o coração partido. Não só ele estava

convencido da certeza do julgamento vindouro, que só era o suficiente para causar-lhe grande infelicidade, mas ele foi forçado a admitir que todas as lições da história e a pregação dos profetas não pareciam um bom final . Ninguém ficou impressionado. Ninguém mudou. Como Jeremias um século depois (Jeremias 5: 1), ele é incapaz de encontrar uma única pessoa piedosa. Ele se compara a um homem vagando pelos campos em busca de algo para comer. Não há nada nas videiras em qualquer lugar. Assim como as videiras estão abertas até mesmo de um conjunto depois que os gleaners terminaram a escolha final, então o homem piedoso pereceu da terra. Não há nenhum para ser encontrado em qualquer lugar.

Onde os homens bons e piedosos devem estar lá são homens maldosos e assassinos. Esperar o sangue é estar disposto a cometer assassinato, se necessário, para obter o que se deseja. Esta era a lei comum da cidade. Todo mundo era capaz disso. Não havia tal coisa como confiança e lealdade. A ganância e a luxúria eram tais que os homens trilhariam ou prendariam seus próprios irmãos se isso significasse lucro ou lucro. Nenhum crime era muito hediondo se o preço estava certo. Isso era verdade para todos. Todos os níveis da sociedade são classificados nos dois primeiros versículos do capítulo.

Em vv. 3-4 Miquéias novamente transforma sua raiva nas classes altas. Eles são tão perversos que trabalham no mal com ambas as mãos para fazê-lo mais proficientemente. O príncipe, provável representante das pessoas em lugares de responsabilidade, e o juiz pedem um suborno. Eles não funcionarão oficialmente, a menos que sejam pagos. O grande homem significa qualquer membro da classe superior ou dominante. Ele não guarda segredo seus desejos malignos.

As coisas são tão decadentes que ele faz uma prática regular para abrir abertamente o que é o preço dele. Ele não tem vergonha em deixar a cidade inteira saber que ele pode ser comprado. Ele é tão ganancioso que ele calça após o ganho e está disposto a dizer abertamente que toda a sua vida está embrulhada em obter bens, não importa o preço.

Os príncipes, os juízes e os grandes homens se ajudam mutuamente a cometer crimes contra os indefesos. Eles se enganam e se enganam quando são convenientes, mas, quando necessário, cooperam na tecelagem, trançando e trançando suas enganosas redes de armadilhagem.

O melhor deles, a escolha de toda a multidão, é espinhoso como uma pestana; Ele dói como um hedge de espinhos. Não se pode aproximar desses homens sem sofrer uma lesão dolorosa. Esta trágica condição correu em toda a sociedade. O corpo político estava infectado por toda parte. Nas palavras de Isaías (1: 5-6), "Toda a cabeça está doente, e todo o coração desmaia. / Da sola do pé até a cabeça, / não há solidez nele,. . . "Poder por toda parte! Que acusação contra uma sociedade! Não é surpresa, então, que Miqueias os entregue à condenação. Não havia outro recurso para tal sociedade.

A última metade do versículo 4 descreve o processo simples pelo qual o julgamento deve funcionar. É estranho ao nosso modo de vida, mas os ouvintes do profeta entendeu muito bem. O dia dos seus vigias certamente foi o dia do Senhor falado pelos profetas. Observadores estavam estacionados no muro da cidade para observar a aproximação do perigo. Agora chegou a hora de alertar a cidade. O seu castigo refere-se ao contato real com o inimigo. Ele rompe a parede, entra na cidade e começa seu abate e

saque. Sua confusão, que está agora à mão, refere-se à desorganização total da vida que aguarda aqueles que sobreviveram ao abate e devem ser levados para o exílio.

Em vv. 5-6 vemos a imagem de uma sociedade no seu pior. Obviamente, essa é a condição que se desenvolveu no meio da punição e da confusão. As pessoas que permanecem momentaneamente na cidade imediatamente após a carnificina, e possivelmente antes da marcha do exílio, são como animais. Uma pessoa faria qualquer coisa para sobreviver. Era uma sociedade canibal alimentando-se. O amigo mais próximo ou membro da família seria trair qualquer pessoa para se proteger. Isso está longe do alto padrão de conduta social definido em 6: 8 - "a prática da justiça e do amor fiel".

Isto é ainda mais severo e extremo quando visto contra o pano de fundo da cultura semítica antiga. Caros vizinhos e bons amigos eram confiáveis e respeitados quase como membros da família. Poderíamos compartilhar com eles seus pensamentos e idéias mais particulares. Isso não é mais. As esposas semíticas eram quase propriedade de seus maridos. Eles não ousariam trair seus maridos, até aos seus mais queridos amigos. Não é mais verdade. Para um filho tratar seu pai com qualquer coisa, mas o respeito mais profundo era inédito. Ele agora vai desprezar o pai. Nenhuma filha se atrevia a se rebelar contra sua mãe. Qualquer nora envolvida em uma casa tornou-se sujeita à sua sogra. Agora, ambos se levantam em rebelião contra a mãe do lar. Na verdade, cada membro da família é inimigo de todos os outros membros. É todo homem para si mesmo.

4. A Vitória da Fé (7: 7-20)

7 Mas, quanto a mim, vou olhar para o Senhor,
Esperarei o Deus da minha salvação;
meu Deus vai me ouvir.
8 Não se alegra comigo, ó meu inimigo;
quando eu cair, eu me levantar;
quando eu me sentar na escuridão,
O Senhor será uma luta para mim.
9 Eu irei com a indignação do Senhor
porque eu pequei contra ele,
até que ele implore minha causa
e executa julgamento para mim.
Ele me levará para a luz;
Devo ver a sua libertação.
10 Então meu inimigo verá,
e a vergonha cobrirá aquela que me disse,
"Onde está o Senhor, seu Deus?"
Meus olhos se regozijarão com ela;
agora ela será pisada

como a lama das ruas.
11 Um dia para a construção de suas paredes!
Naquele dia, o limite será muito extenso.
12 Naquele dia eles virão até você,
da Assíria ao Egito,
e do Egito para o rio,
de mar a mar e de montanha a montanha.
13 Mas a terra ficará desolada
Por causa de seus habitantes,
pelo fruto de suas ações.
14 Pastoreie o teu povo com o teu pessoal,
o rebanho da tua herança,
que habitam sozinhos em uma floresta
no meio de uma terra de jardim;
Deixe-os se alimentar em Bashan e Gilead
como nos dias de idade.
15 Como nos dias em que você saiu da terra do Egito
Vou mostrar-lhes coisas maravilhosas.
16 As nações verão e se envergonharão
de todas as suas forças;
Deixarão as mãos na boca;
seus ouvidos serão surdos;
17 eles lamberão o pó como uma serpente,
como as coisas rastejantes da terra;
eles virão tremendo de suas fortalezas,
eles tornarão temível ao Senhor nosso Deus,
e eles devem temer por você.
18 Quem é um Deus como você, perdoando a iniqüidade
e passando a transgressão
para o remanescente de sua herança?
Ele não mantém sua ira para sempre
porque ele se encanta no amor firme.
19 Ele novamente terá compaixão de nós,
Ele pisará nossas iniqüidades debaixo de pé.
Você lançará todos os nossos pecados
nas profundezas do mar.
20 Você mostrará fidelidade a Jacob
e amor firme a Abraão,

como você jurou a nossos pais
dos velhos tempos.

A opinião acadêmica é dividida sobre esses versículos finais da profecia. Alguns poucos os atribuem a todos, ou em parte, a Miqueias. Outros dizem que o tom é exilic e pós-exilic. Outros ainda afirmam que aqui não há nenhum período fixo, em vez de vários períodos, e que temos a coleção de fragmentos de um editor usado para fechar a profecia.

O peso da evidência presente é do lado daqueles que vêem uma coleção ou combinação de vários enunciados. Claro, sabemos que novas evidências podem ser encontradas para mudar a imagem e devemos manter nossas mentes abertas para essa possibilidade sempre. Meu próprio julgamento é que temos um hino ou salmo coletado e organizado pelo editor do livro em algum momento depois de 586 AC, Israel não está esperando seu castigo como em 7: 1-6 . Ela já está nas garras do inimigo e, de fato, ousa esperar a libertação.

A questão não é se Miqueias poderia ter previsto essas coisas; na verdade, essa nunca deve ser a questão em um exame de enunciados proféticos. A questão crucial é, o que a evidência diz? Aqui, a preponderância da evidência indica que um editor usou material de mãos diferentes e possivelmente algum de seus próprios trabalhos para compor um hino ou salmo que mostra a vitória final da fé.

O verso 7 parece ter sido usado para fazer uma transição entre 7: 1-6 e 7: 8-20 . Há razões para pensar que o trabalho original fechou com 7: 6 . Se isso for correto, o v. 7 poderia ter sido facilmente adicionado por um editor inicial que não poderia aceitar o tom pessimista, sem esperança, de 7: 6 como a palavra final. Embora não haja nenhuma esperança terrena, ele faria fé em Javé, seu Deus, que certamente ouvirá o seu clamor pela salvação. Isso nos lembra de Jó quem, quando toda a esperança terrena havia desaparecido, manteve sua fé em Deus.

O editor final começou com v. 8 para moldar seu hino de esperança. Parece no início algo como um salmo imprecatório. Aqueles que mantêm Israel preso e estão dispostos a se alegrar por sua calamidade são advertidos de que sua vergonha é apenas temporária. Ela pode cair no momento, mas ela certamente se levantará. A escuridão a ultrapassou temporariamente, mas o Senhor é a luz dela, uma luz sobre a qual nenhuma escuridão pode ser vitoriosa.

Ouvimos um novo tom na voz de Israel no v. 9 . Ela reconhece a justiça do castigo de Yahweh e compromete-se a julgar o pecado. Seu julgamento é diferente, no entanto, do que os inimigos de Israel acreditam porque tem como objetivo a redenção. Portanto, terminará na purificação e salvação de Israel. Yahweh certamente a livrará de seus inimigos.

A salvação de Israel não virá como algo simples, silencioso, despercebido. Será de forma a despertar o interesse de todos os que vêem. A situação será revertida, e aquele que manteve cativo em Israel e pediu-lhe com zombaria: "Onde está o Senhor seu Deus (seu Deus especial, Javé)?" Ela mesma se tornará objeto de vergonha e desprezo. Na última parte do v. 10, há uma figura vívida da profundidade da vergonha a que o

inimigo de Israel afundará. Ela deve ser como aquelas coisas que são pisoteadas despercebidas sob os pés nas ruas lamacentas e não pavimentadas.

Deve ter em mente que os povos antigos freqüentemente atribuíram tragédias e calamidades nacionais à impotência de qualquer deus que governasse uma determinada nação. Os vizinhos de Israel certamente consideraram essa visão. Quando Israel sofreu vergonha, seus vizinhos riram de Yahweh. Era um sinal de sua fraqueza, de sua inferioridade aos deuses dos captores de Israel. Aqui, no v. 10, o inimigo de Israel certamente duvidava de seu poder se não fosse sua própria realidade. Agora, esse poder será demonstrado para todos verem, e ela que riu do deus de Israel se tornará uma risada.

O salmo muda de tom em vv. 11-13 . Parece que o editor inseriu uma curta passagem direta diretamente a Jerusalém. Alguns acreditam que esses versículos pertencem a uma data posterior a 444 AC e que eles se referem à reconstrução das muralhas da cidade sob Neemias, cujo trabalho foi concluído naquele ano. Outros pensam que essas palavras foram proferidas talvez alguns anos antes do retorno de Neemias e que a perspectiva desse retorno trouxe esperanças para o autor. Isso parece mais provável.

A palavra usada para paredes no v. 11 não é normalmente usada para designar paredes da cidade. É usado para descrever as paredes e as linhas dos limites entre os campos. Inclui, sem dúvida, as muralhas da cidade neste contexto, mas também pode significar as cercas e limites que indicam uma existência normal, pacífica e rotineira de uma existência instalada em uma terra. Isto é insinuado, certamente, na seguinte afirmação de que os limites devem ser amplamente estendidos na pátria restaurada.

O retorno de todos os dispersos de Israel está previsto na v. 12 . O Egito foi todo o caminho para o sudoeste. Assíria foi todo o caminho para o nordeste. Ambos os extremos foram identificados com grandes rios. Havia mares no noroeste e no leste e sudeste. Isso poderia significar que os limites do novo Israel chegariam a esses extremos e que todo seu povo retornaria a ela. Isso também pode significar que Israel se tornará tão grande que as pessoas de todas essas terras irão buscá-la por ajuda. Este pode ser o significado do v. 13 . Todas as outras terras ficarão tão desoladas por causa da iniqüidade do homem que terão que recorrer a Israel. Não haverá outro recurso. Este será apenas uma outra reivindicação da confiança de Israel em Yahweh, seu Deus.

Os versos restantes deste salmo de encerramento (v. 14-20) constituem uma oração para que o Senhor demonstre seu amor e fidelidade infalíveis, retomando sua graça anterior ao seu povo escolhido.

Nós ouvimos comentários sobre o Salmo 23: 4 . A oração é feita para que o SENHOR use sua equipe para pastorear seu povo. Aqui no v. 14 como no Salmo 23: 4A vara particular é a vara da autoridade. Javé, o bom pastor, usou essa vara de sua autoridade para restabelecer o seu rebanho. Ele encontrou para eles uma terra de jardim bonita, isolada e protegida. A frase morar sozinha em uma floresta não significa ser perdida, abandonada e abandonada. Significa ser protegido e não molestado. Este é o tipo de provisão que o pastor faz seguro com a vara de sua autoridade. O peticionário tem uma viva memória histórica e menciona os dias gloriosos dos antigos quando as duas seções mais férteis e mais luxuriantes da Palestina, Basã - esse planalto bonito e arejado a leste

do mar da Galiléia - e Gileade - a região fértil a leste de o Jordão que corre a sul do vale do rio Yarmuk - estava nas mãos dos israelitas.

É feita referência no v. 15 ao êxodo do Egito e todas as maravilhas, reais e imaginárias, que foram associadas a ele. A oração é que Yahweh fará outra demonstração desse tipo. Na verdade, é mais do que uma oração. Agora tornou-se uma firme crença, uma convicção de que em breve ocorrerá.

O suplicante vê que a resposta de Yahweh a sua petição vai causar grande consternação às nações pagãs. Em vv. 16-17 ele os vê humilhados e envergonhados. Eles exibiram seu poder e capturaram o povo de Yahweh e riram dele no processo. Agora eles vão ver seu grande poder e seu heroísmo como nada e ficará envergonhado de ter confiado nele. Eles colocam suas mãos sobre suas bocas como sinal de terror, espanto e maravilha. Eles realmente terão de admirar o Senhor por suas obras maravilhosas, embora eles sejam em total derrota.

Eles serão completamente desconfortáveis. Seus ouvidos chocalharão. Eles não saberão o que estão ouvindo e não poderão acreditar no que ouvem porque não conhecerão seu significado. Eles serão tão completamente derrotados que serão como as coisas rastejantes da Terra. Como cobras, eles respirarão poeira e, como todos aqueles que se arrastam em buracos e lugares fechados, irão rastejar com medo tremendo nos movimentos e ações de Yahweh. Com medo e temor, eles virão finalmente para Yahweh. Certamente é possível, embora de forma alguma tão clara, que a sua volta para Yahweh poderia estar em conversão. Em qualquer caso, seu desempenho eliminará qualquer dúvida de sua mente sobre o seu ser Deus supremo. Certamente, tendo chegado a este ponto, eles o aceitariam como seus.

Os últimos três versículos do livro estão em louvor de Javé, como Deus gosta de quem não há outro. Quem é um deus como você? Esta pergunta no v. 18 é respondida com duas frases participativas. Ele é único, perdoando (levando ou carregando) a iniqüidade. Isso é característico dele. É uma parte do seu modo de vida. A iniqüidade é a torção do caráter produzida pela prática do pecado. Seu comportamento característico é suportar isso. Ele é diferente de qualquer outro deus também porque ele passa, negligencia a transgressão, e ele faz isso de forma característica. O pecado deliberado, intencional e rebelde é o tipo descrito pela transgressão. Uma vez que o principal deleite de Javé é amor firme (fiel), ele nunca se agarrou à raiva.

Os dias gloriosos dos antigos são lembrados novamente na v. 19 . As primeiras misericórdias e compaixões de Javé para Israel serão repetidas. Aqueles que deformaram e torceram o caráter de Israel, Deus pisará. . . sob os pés; seu registro de falhas será lançado nos recessos mais profundos do mar para ser visto e não se lembrou mais.

A memória mais vívida do antigo é a aliança feita no Êxodo. Israel quebrou e mereceu o castigo por fazê-lo (v. 9), mas o Senhor não a quebrou, nem o esqueceu. Ele deu seu juramento e é fiel para mantê-lo. Os descendentes de Abraão e Jacó agora se tornarão os destinatários da verdade gloriosa e do amor constante de Javé, seu Deus, cuja palavra não pode ser quebrada.

Naum

Edward R. Dalglish

Introdução

I. Histórico histórico

1. A Data de Composição. Contrariamente à maioria dos profetas literários, a inscrição de Naum não fornece qualquer aviso sobre o local ou o tempo de sua composição. A omissão, no entanto, é compensada em grande medida por alguns avisos internos no próprio livro. A composição pode ser aproximadamente datada pouco antes da queda de Nínive em 612 aC. A alusão à queda de Tebas (Heb., *No-amon* , ver 3: 8-10) impede uma data antes de 663 AC. Assim, a configuração de O livro pode ser datado algum tempo entre 663 e 612, com uma probabilidade razoável de que Naum escreveu dez anos ou mais antes de 612.

2. História Assíria. Uma breve pesquisa sobre os antecedentes históricos torna-se necessária por causa do envolvimento inextricável da política e dos enunciados de Naum. Nossa atenção deve primeiro ser direcionada para o aumento dramático do poder assírio que seguiu a adesão de Tiglath-pileser III (745-725 AC). Durante o reinado, o Império Assírio controlou o Crescente Fértil do Golfo Pérsico, ao sul, ao norte, nos vales dos rios Tigris e Eufrates, até o Lago Urmias e o Lago Van, para o oeste até o Mediterrâneo, e para o sul ao longo do litoral até Gaza.

A aliança defensiva da Síria e de Israel em 734 aC contra o impulso a oeste da Assíria exigiu a inclusão do reino de Judá. Quando Acaz se recusou a se juntar ao pacto e apelou a Tiglath-Pileser para proteção militar, ele expressou o início do fim da independência, tanto para Israel quanto para Judá (ver Isa 5: 26-30). Como um reino dependente e tributário, Israel poderia tolerar o jugo assírio opressivo durante mais uma década. Então, em 724 AC , Hoshea, o último rei de Israel, se juntou a uma rebelião mal aconselhada. O Reino do Norte foi completamente subjugado por Sargon II, que destruiu a capital orgulhosa de Samaria e incorporou o reino rebelde no sistema provincial assírio (ver ANET , pp. 284 f., 2 Reis 18).

Judá permaneceu leal a seus súditos assírios, mesmo que Ezequias tentasse emancipar a nação. No entanto, Acaz, seu antecessor (735-715 AC) e Manassés (687-642) e Amon (642-640), seus sucessores, parecem ter sido defensores da cultura assíria e ter coagido esse modo de vida sobre a sua Judéia assuntos. Se houvesse necessidade de dissipar qualquer dúvida prolongada das mentes do mundo sábio em Judá quanto à prudência da submissão completa à Assíria, foi bastante retirado quando Esarhaddon invadiu o Egito em 671 AC e quando seu sucessor Ashurbanipal atordoou o mundo por seu consumado derrota e destruição da ilustre cidade egípcia de Tebas em 663 AC

Dentro da grande extensão do Império Assírio, o pequeno reino de Judá juntamente com os estados tributários de Amon, Moabe e Edom assumiu a humilhante vasalagem assíria para sobreviver. Os governadores provinciais e sua comitiva gozavam de um status principesco; a renda interna da Assíria foi implacável nas suas extorsões (3:17 ; 2:

9 , 12). O corpo diplomático anunciou as diretrizes reais de Nínive (2:13 , cf. 2 Reis 19:19 , 23), para serem cumpridas, se necessário, por soldado e corpo de carros de elite.

Mas a sobrevivência política não foi o único motivo da política servil de Judá. Se alguma aparência de integridade fiscal fosse mantida, era essencial que as políticas econômicas de Judá fossem orientadas para a Assíria. Isso asseguraria pelo menos um lugar no mercado comum e ajudaria a subscrever o tributo assírio.

O motivo religioso deve ser agregado ao econômico. Certamente, havia puristas em Judá (e .g., Sofonias, Jeremias e Habacuque), que se queixaram amargamente das mudanças inovadoras e sincríticas que Acaz, Manassés e Amão encorajaram (2 Reis 16-17 ; 21: 1-24 ; 23: 4ff.). Mas Ashur, o deus nacional da Assíria, demonstrou claramente a sua superioridade sobre todos os outros deuses (2 Reis 18: 28-35)? Por que Javé deserrou seu povo em sua hora de necessidade e permitiu que eles caíssem vítimas indefesas para o poder assírio? Yahweh foi incapaz para a tarefa? Além disso, a ética puritana do Yahwism, a demanda por separação de outros povos e a insistência no culto exclusivo de Yahweh encontraram pouca favor com a classe dominante judaica. As surpreendentes conquistas de Ashur, a quem os monarcas assírios atribuíram todas as vitórias, o esplendor fascinante do culto e a sedutora sensualidade de suas práticas de fertilidade associativa induziram muitos em Judá, em particular o "grupo em grupo" assírio, para adotar qualquer um em parte ou em todo, a religião aparentemente mais liberal, mais excitante e mais lucrativa da Assíria.

Mas não era apenas a política de religião, economia e sobrevivência que constituía os "encantos graciosos e mortais" (3: 4) da Assíria, pelo qual as nações foram atraídas e traídas; foram as conquistas sociais e culturais da nação conquistadora - o esplendor da sua corte, a magnificência de sua arquitetura, a superioridade de suas descobertas científicas (medicina, matemática, astronomia, etc.) e seus esforços literários avançados (por exemplo, a milhares de textos na biblioteca de Ashurbanipal). O registro social, o mundo aprendido, o rico influente e o padrão de cultura foram definidos pelos padrões assírios. Os colonos ambiciosos com aspirações aristocráticas devem identificar-se com a influência do regente, ou então permanecerem nobody, forasteiros, filisteus. Por pouco, então, que muitos em Judá estavam dispostos a capitular para encontrar um lugar ao sol (Zef. 1: 4-6 , 8s . ;3: 3f.).

Após a adesão de Tiglath-pileser III em 745 AC , o Império Assírio desfrutou por mais de um século de supremacia incontestável sobre as nações que constituíam seu vasto domínio. Com certeza, o Egito foi perdido cedo para Ashurbanipal, pouco depois de ter instalado Psammetichus I como o senhor do Egito, seguindo o saque de Tebas (663 AC)). Mas o Egito não foi um grande prêmio para a Assíria, do ponto de vista militar ou fiscal, particularmente quando Psammetichus e seu filho Neco podiam ser contados como aliados e amigos fiéis. As guerras que marcaram o reinado de Ashurbanipal também foram travadas com sucesso. Shamash-shum-ukin, seu irmão e rei da Babilônia, uniram os vassalos refactórios da Assíria, incluindo os poderosos elamitas e árabes, em uma audaz tentativa de derrubar a coroa. A luta de quatro anos que se seguiu (*cerca de* 652-648 AC) foi finalmente sufocada, no entanto, quando Ashurbanipal capturou a Babilônia, embora não fosse até *aprox.* 640 que os árabes móveis eram subjugados. No ano seguinte, os Elamitas derrubaram a derrota. Como foi, então, que a poderosa Assíria sucumbiu a um desastre total nas próximas três décadas?

Ashurbanipal pode fornecer parte da resposta a este enigma da história em uma de suas estelas (AB , 11.984). Parece que ele não conseguiu dar a atenção exigida pelos assuntos de estado durante a última parte do seu reinado por causa da doença. Além disso, não se pode deixar de suspeitar que a preocupação do monarca com a sabedoria e as letras de Baylonian deixaram sem supervisão mais assuntos administrativos importantes. Não há dúvida de que a guerra civil que surgiu do perene "problema babilônico" da sucessão dinástica enfraqueceu muito a riqueza nacional.

O sucessor de Ashurbanipal foi Ashur-etil-ilani, cujo breve reinado (626-624 AC) viu a deserção de Babilônia a Nabopolassar em 626, a revolta dos vassalos palestinos em 625 e a união dos medos como um inimigo formidável . O peso total da tempestade caiu sobre Sin-shar-ishkun. Seu primeiro movimento foi expulsar o usurpador Sin-shum-lishir, que ocupou o trono por alguns meses. Mas quando Nabopolassar (625-605 AC) juntou-se às suas forças caldeus aos medos sob Cyaxares (Akkadian: Umakistar); e quando, mais tarde, o Umman-manda, Scythians das estepes do sul da Rússia, se juntou traidoramente à aliança, provou demais para os assírios cansados da batalha.

Os insurgentes gradualmente se mudaram para o norte, consolidando seus ganhos à medida que foram e isolando a Assíria do contato com o sul. Finalmente, Ashur, a antiga capital, caiu para os Medes em 614 AC , enquanto Nineveh foi levada pelos aliados em agosto de 612. A posteridade tem a sorte de ter duas contas da bacia histórica da história: as passagens altamente descritivas no livro de Naum e o relato contemporâneo nas crônicas dos reis caldeus.

A capital orgulhosa incluiu dentro de suas oito milhas de paredes cerca de 1.850 acres (= 2.89 milhas quadradas), representando a altura da conquista assyriana arquitetônica, artística e cultural. Seu esplendor incomparável e riqueza fabulosa podem ser ilustrados pelo fato de que Senaquerib, Esarhaddon e Ashurbanipal construíram lugares lá (ver o "Palácio sem Rival" de Sennacherib, AB , 384-404), enquanto os templos erguidos para Ishtar e Nabu eram o mundo famoso. A pilhagem de seus tesouros estava quase sem precedentes na história.

Após a destruição de Nínive, em que perdeu o pecado-sharhhhun, as forças assírias restantes que escaparam assumiram sua posição em Harran com Ashur-uballit II como sua cabeça real. Ajudado pelo egípcio Neco II, Ashuruballit tentou fazer uma posição no campo aberto contra a entente de babilônios, medos e citas, mas foi profundamente derrotada. No primeiro ano de seu reinado, Nabucodonosor colocou para descansar todas as pretensões egípcias da soberania síria e palestina e apagou as brasas moribundas do remanescente assírio na batalha de Carchemish em 605 AC

3. História da Judéia. O outro foco de nossa revisão do passado histórico deve ser a política doméstica de Judá. Aqui, a análise deve ser restrita às áreas que estão incluídas e são relevantes para o livro de Nineveh. Se a data do "ônus de Nínive" (o assunto apropriado do livro), é definido em *aprox.* 620 AC , embora possivelmente seja um pouco anterior, as políticas políticas e religiosas de Josias iluminam os enunciados de Naum; e o livro, por sua vez, abre uma luz penetrante sobre a dinâmica histórica do período.

Em Judá, como no Oriente Médio antigo, a política e a religião eram inseparáveis. A política de Josias não era diferente. Eles envolveram três objetivos principais: (1) O rei

estava determinado a repudiar a postura pró-assíria de seus predecessores, Ahaz, Manassés e Amão. (2) Ele procurou fazer do Yahwism a religião exclusiva de seus domínios. (3) Josiah tentou reunir a nação (Judá e os restos de Israel) sob uma monarquia davídica com Jerusalém como sua cabeça.

A vassalagem assíria exigiu o reconhecimento formal dos deuses do conquistador pelas nações sujeitas (2 Reis 16: 10-18). A revolta abortivo de Ezequias foi sinalizada por uma rejeição dos deuses Assírias, um movimento que trouxe represálias rápidas de Assíria (2 Reis 18:. 4 , 7 , . 13ff , 22 , 33ff.). Segundo o cronista (2 Chron. 24), Josias purgado Jerusalém e Judá, bem como as províncias do norte (assírios), anteriormente a terra de Israel, desde os símbolos externos do paganismo e seu pessoal tão cedo quanto *ca* . 628 AC (2 Crônicas 34: 3-7).

Seis anos depois, em 622, foi realizada a restauração do Templo em ruínas em que foi encontrada a descoberta do "livro da lei" (2 Reis 22: 8). Muitos estudiosos consideram este livro como o núcleo do nosso livro atual de Deuteronômio (capítulos 12-26 ; 28). A sequência da descoberta do livro foi a completa purgação do Templo de todos os seus acertos idólatras e a tentativa renovada de erradicar o paganismo da antiga terra de Israel (2 Reis 22-23). Que tal renúncia aos deuses de Suzerain pelo estado vassalo equivale a rebelião política parece clara pela ação de Josiah. Esta parece ser uma das razões pelas quais ele contratou o egípcio Neco II na batalha, uma vez que este último era um aliado assírio (cf. 2 Crônicas 35: 20ss).

O anverso da renúncia dos deuses assassinos e da vassalagem foi a tentativa da parte de Josias de fazer do Yahwism a religião exclusiva de seu reino. Este programa pode ser melhor entendido como um processo contínuo, iniciado no início de seu reinado, e encorajado em vez de iniciado pela descoberta do livro da lei. A resultante reforma radical foi, em última instância, a encarnação geral da tese proto-deuteronómica: um deus, uma terra, um povo, um templo.

O aspecto final das políticas de Josias para ser aqui considerado é a tentativa de restabelecer o reino davídico como uma expressão teocrática. As reformas do rei ultrapassaram os limites do seu território e foram realizadas em Betel, onde profanou o antigo altar real e nas cidades de Samaria, onde matou os sacerdotes dos altos (2 Reis 23: 15- 20). O Cronista registra mais atividade real no que antes era Israel, tanto na iconoclastia (2 Crônicas 34: 6 f.) Quanto na inclusão no culto reformado (2 Crônicas 34: 9 , 21 , 32-33). A reunião de Judá e Israel sob um rei davídico recebeu grande apoio dos profetas que não podiam conceber a nação como dividida, mas idealmente como uma, e sem outra dinastia além daquilo a que as promessas foram feitas.

As políticas agressivas de Josias foram tornadas possíveis pela regressão progressiva do poder assírio durante seus últimos vinte e cinco anos de existência. O intrépido monarca tirou o jugo assírio rejeitando o culto assírio de seu reino. Então ele ousou fazer pelo restante das tribos do norte o que ele havia feito para Judá, embora parecesse traição à Assíria quando entrou no território assírio e ousou interferir.

Pode-se sentir a total frustração de um século de dominação assíria. Mas um profeta em Judá, sensível à situação histórica, indignado pelo rapaz conquistador cujo orgulho era exagerado e cuja ganância era insaciável, viu a mudança no equilíbrio de poder na cena internacional. Esse profeta era Naum. Essa mudança ele saudou como o começo do fim

do mal de Judá. Esse monstruoso agressor da Assíria havia frustrado as esperanças do povo de Yahweh por cem anos. A única salvação para Judá e sua realização dentro da história foi a longa destruição do opressor (ver Isaías 10: 12-19 , Zacarias 2: 13ss) . Assim, como um vigia nas paredes, Naum anuncia a libertação que vem para Judá através da destruição condigna do inimigo odiado.

II. Forma Literária

1. Introdução. A bolsa de estudos moderna geralmente assumiu que o livro de Naum pode ser separado em duas divisões principais: 1: 2-15 ; 2: 2 e 2: 1 , 3-13 ; 3: 1-18 . É em grande parte da opinião de que 1: 2-8 / 9 forma um poema introdutório, escrito em uma forma alfabética "que inclui pelo menos as primeiras onze letras do alfabeto hebraico. Além disso, concorda que este poema já foi separado do resto do livro e representa o trabalho de um redator posterior ou um poema alfabético que foi transformado e adaptado como uma introdução aos poemas de Naum.

No entanto, a presença de um salmo alfabético fragmentário que representa as primeiras onze ou mais letras das 22 letras do alfabeto hebraico é assumida em vez de demonstrada. É admitido por estudiosos críticos em geral que as várias tentativas de restaurar o poema alfabético "original" de 22 linhas se reuniram com pouca unanimidade. Várias mudanças seriam necessárias para produzir um poema alfabético, mesmo quando as primeiras onze letras do alfabeto hebraico obtiverem. Infelizmente, o NEB adotou uma reconstrução maciça do texto com os seguintes rearranjos dos versos: 2ab, 3cd, 4abcd, 5abcd, 6abcd, 7abc, 8a, 9c, 10a, 9ab, 11ab, 2cd, 10bc, 10ab, 14 *cabd, 12bcde, 15;* 2: 2 . As duas últimas linhas são omitidas completamente com a sugestão improvável de que o "hebraico insere duas linhas"!

2. Os gêneros e estilos literários. As formas literárias no livro de Naum incluem o seguinte: o hino (1: 2-5); o interrogativo (1: 6 , 9 ; 2:11 ; 3: 7, 8 , 19); o oráculo do bem (1:12) e do mal (1:14 ; 2:13 ; 3: 5); o relatório do arauto (1:15; 2: 1a , cf. 3: 19c); sátira em um comando (2: 1bcde, 8cd, 9ab; 3:14 , 15de) e em uma pergunta (2: 11f .); argumentação (1: 7f .; 3: 8-13); descrição vívida (2: 3-10 ;3: 2-4); uma desgraça (3: 1); e uma cólera taunting (3: 7 ; 3: 18f .).

O livro de Naum sustenta o interesse vivo do leitor por sua grandeza elevada (1: 2-8), retratos gráficos (por exemplo, 2: 3ff .; 3: 2s.), O uso de citações diretas (2: 1bcde, 8cd , 9ab; 3: 7cd); um estilo de staccato com mudança rápida de cena e repetição efetiva (1: 2 ; 3:11). A omissão do artigo definido (usado 14 vezes) liberta a poesia de ser prosaica. Sua ênfase (3:11 , 15) e contrastes impressionantes (3: 7 , 19); são símiles e metáforas vívidas com seu alcance emocionante; o uso efetivo de citações antigas (Ex. 20: 5 ; 34: 6-7 , 14) e aliteração (cf.*buga, um ᵉ bu ᵍ a, um ᵉ bulla ᵍ a* = vazio, desolação, desperdício em 2:10); e sua seqüência lógica, linguagem colorida e desenvolvimento de palavras-chave dão um lugar entre as grandes obras de arte da literatura. Pode ser favoravelmente comparado com um clássico como o Song of Deborah. Por sua intensidade e qualidade lírica, sua tonalidade assombradora e seu caráter épico, o livro é facilmente adaptável à recitação litúrgica; pela brilhante representação de seu tema epinêutico, emprestou-se como um paean de ação de graças ou uma música marcial de cunhagem.

III. Sua Significação Religiosa

1. Introdução. O livro de Naum é parte de uma experiência religiosa hebraica muito maior e deve ser visto como um componente dela. Foi preservada porque foi considerada pela comunidade de fé para expressar uma faceta de sua crença. Como os profetas hebreus em geral, Naum se dirigiu a si mesmo aos problemas imediatos da situação contemporânea. A questão insistente que o confrontou foi a incongruência da tirania da Assíria, que dominava impiedosamente centenas de milhares de mortais por mais de um século. Como essa enormidade pode persistir em um mundo supostamente governado por um Deus justo e onipotente? Com Habacuque, sábios e salmistas, Naum enfrentou o desconcertante mistério do enigmático estado de coisas. O foco de Naum não é dirigido contra as falhas de Judá,

2. A Natureza de Javé. O problema da teodiceia (ou seja, que Deus é justo na categoria da história) é o tema geral do livro. A composição da composição é determinada por dois fatores principais: a situação mundial relevante e a resposta necessária de Yahweh a ela. Assim, o livro começa com os movimentos agressivos de Yahweh que são evocados pela trágica situação mundial. O exílio hímnico poderosamente concebido (1: 2s.) Dilata os predicados dinâmicos de Javé que o confronto provoca. O Senhor é um Deus ciumento (a auto-afirmação do ser divino), vingando (v. 2), colérico (v. 2) vingativa (v. 2), raiva (v. 3), forte (v. 3), recusando limpar o culpado (v. 3), indignado (v. 6), e possuía uma ira apaixonada (v. 6). Estes aspectos da natureza dinâmica de Javé não são traços vingativos, exercitados caprichosamente (ver Mic 2: 7); eles são bastante definidos em justiça e manifestam-se em benignidade no antigo *kerigma* (Ex 34: 6 f.).

3. Javé e o julgamento da história. Os aspectos anteriores da natureza de Yahweh são traduzidos pelo poeta para o que seria seu equivalente no mundo físico. Eles são retratados nas catastróficas convulsões da terra com irresistível grandeza, majestade misteriosa e finalidade destrutiva (l: 3b-6). Este simbolismo impressionante acrescenta um momento dramático aos aspectos dinâmicos da natureza de Yahweh e enfatiza seu controle absoluto sobre a história. Seu caráter e soberania exigem a retificação das desigualdades da situação atual.

A indignação de Javé, tão eloqüentemente afirmada por Naum, é eticamente discriminatória na medida em que diz respeito àqueles que em seus olhos são culpados (1: 3); seus inimigos (1: 8); conspiradores do mal (1: 9 , 11); o vil (1:14) o ímpio (1:15); saqueadores (2: 2); a cidade sangrenta (3: 1); desonesto, rapaz e insaciável de ganho (3: 1); praticando prostituição em estado (3: 4); Traidores de nações mais fracas (3: 4); desprezível (3: 5f .); presunçoso (3: 8); e disseminadores do mal universal (3:19).

A epifania de Yahweh confronta essa imoralidade com o julgamento condigno e resolve a sentença da condenação à cruel nação assíria que construiu seu reino, não aos direitos inalienáveis dos homens e das nações, mas sim da irresponsável estrutura de poder. Além disso, demonstrará a impotência dos deuses e dos templos assírios (1:14 , cf. 2 Reis 18: 33ss. , 19: 12 de fevereiro). As cenas de batalha vívidas e a trágica derrota dos assírios não são senão um julgamento espelhado dos crimes de guerra e das barbaridades que caracterizaram a agressão repreensível de seu militarismo.

Uma faceta da abordagem de Naum ao problema da história é a franca hipótese de que a injustiça, a traição de guerra e a escravidão são parte do inescapável número de homens

em uma sociedade imoral. Há um realismo rígido na exibição do julgamento. Nenhuma resposta limpa é fornecida para o problema nodoso da justiça individual nas complexidades do envolvimento nacional. É admitido como uma doação ineludível do indivíduo na sociedade.

Mas o militarismo não é solução para o problema da história. Thebes é destruído pelos assírios; Os assírios são destruídos pelos babilônios; e assim por diante ad infinitum (ver Mateus 26:52). De fato, o excesso de ganhos mal adquiridos introduz a vida suave, onde a dissipação enerva; mercenários são contratados, a vontade de resistir falha, e o patriotismo morre (3:13).

4. Universalismo e particularismo. É estranho que Naum tenha sido acusado de nacionalismo fanático. Nada poderia ser mais enganador. Há apenas um verso em todo o livro que tem qualquer sugestão de nacionalismo (1:15). O sujeito do princípio ao fim é o Império Assírio, que era coextensivo com a maior parte da humanidade. Foi seu julgamento que, para que uma nação suprimisse a liberdade de outro, era tramar contra Yahweh, tornar-se seu inimigo e encontrar a melhor desgraça. A resposta à escravização universal do homem estava na epifania de Javé para julgar a situação histórica.

Se, então, o Senhor era o emancipador das nações escravizadas para a Assíria, esse fato não implicava mais que a religião de Javé fosse a única verdadeira afirmação religiosa (Isaías 41: 21ss .; 44: 6-8)? E o relatório do heraldo (1:15) foi o evangelho de Judá para manter suas festas e pagar seus votos, para manifestar essa dedicação de si mesmo envolvida nos votos feitos em suas horas sombrias e a restauração dessa comunhão festal com Javé. A injunção cultual pode ter se encorajado para o programa de reforma instituído por Josiah, um programa que envolveu o remanescente do Reino do Norte em uma adoração unida sob um descendente davídico. O papel de Judá como evangelista para as nações (3:19) foi escrito grande na varredura universal da profecia de Naum, fato que até a morte de Josias e o exílio não podiam saciar (Isa. 40-55).

Parece mais provável que o livro de Naum tenha encontrado admissão na liturgia cultual de Israel como um recitativo comemorativo da epifania de Yahweh na história como uma garantia ilustrativa de que o que aconteceu uma vez em uma fecunda conjuntura da história irá obter novamente. Atrás do drama da história foi o autor de suas linhas, linhas que devem ter despertado os adoradores para exultantes elogios e consternados com a sabedoria refletida no drama agitado.

Esboço

I. Superscrição (1: 1)

II. A teofania de Javé (1: 2-15 ; 2: 2)

   1. Javé como um Deus vingador (l: 2-3b)
   2. A teofania propriamente dita (1: 3c-5)
   3. O destino ineludível e consumado (1: 6-11)
   4. Dois oráculos de Javé (1: 12-14)
   5. O evangelista do heraldo (1:15 ; 2: 2)

III. A queda de Nínive (2: 1 , 3-3: 19)

1. A derrota de Nínive (2: 1 , 3-10)
2. O enigma satírico (2: 11-12)
3. O oráculo de Javé (2:13)
4. Uma maldição contra Nínive (3: 1-4)
5. O oráculo de Javé (3: 5-7)
6. A inevitável queda de Nínive (3: 8-13)
7. A desgraça, o desaparecimento e a canção sobre Nineveh (3: 14-19)

Bibliografia selecionada

BILLERBECK, ADOLF E JEREMIAS, ALFRED. "Der Untergang Nineveh und und Weissagungsschrift des Naum von Elkosch", *Beiträge zur Assyriologie* III, 1 (1895), 87-188.

A História antiga de Cambridge. Vol. III: *O Império Assírio.* Cambridge: University Press, 1929. Chs. IV, X, XIII, XIV.

DAVIDSON, AB e LANCASTER, HC S . *Os livros de Naum, Habacuque e Sofonias.* ("Bíblia de Cambridge".) Cambridge: University Press, 1920.

DRIVER, SAMUEL R. *The Minor Prophets. Naum - Malaquias.* ("A Bíblia do Novo Século") Nova York: Henry Frowde, 1906.

HALDAR, ALFRED O. *Estudos no Livro de Naum.* Uppsala: Lundequistska Bokhandeln, 1947.

LUCKENBILL, DANIEL D. *Registros antigos da Assíria e da Babilônia*, Vol. II. Chicago: University of Chicago Press, 1927.

MIHELIC, JOSEPH L. "O conceito de Deus no livro de Naum" , *Interpretação,* II (1948), 199-207.

OPPENHEIM, A. LEO. *Mesopotâmia antiga: retrato de uma civilização morta.* Chicago: University of Chicago Press, 1964.

PARROT, ANDRÉ. *Nínive e o Antigo Testamento.* ("Estudos em Arqueologia Bíblica", nº 3.) Londres: SCM Press, 1955.

PRITCHARD, JAMES B. , ed. *Antigos textos do Oriente Próximo relacionados ao Antigo Testamento.* Terceira edição. Princeton: Princeton University Press, 1969.

SMITH, JMP, WARD, WH e BEWER, JULIUS A. *Um comentário crítico e exegético sobre Miqueias, Sofonias, Naum, Habacuque, Obediah e Joel.* ("The International Critical Commentary"). Nova York: Charles Scribner's Sons, 1911.

STONEHOUSE, GGV *Os livros de Sofonias e Naum.* ("Comentários de Westminster".) Londres: Methuen, 1929.

TAYLOR, CHARLES L. JR. "O livro de Naum", *a Bíblia do intérprete.* Vol. 6. Nashville: Abingdon Press, 1956.

Comentário sobre o texto

I. Superscrição (1: 1)

[1] ***Um oráculo sobre Nínive. O livro da visão de Naum de Elkosh.***

A inscrição do livro de Naum fornece a escassa informação que possuímos sobre o autor. Embora o título do livro não constitua uma parte inerente dos enunciados originais, fornece aqui informações credíveis sobre o autor e sua proveniência e o assunto de seus escritos e sua forma.

O nome de Naum parece ser uma forma adjetiva, derivada do tronco intensivo do significado do verbo para consolar ou para se consolar; pode, portanto, ter o significado, cheio de consolo ou conforto. Pareceria ainda que o nome é uma forma abreviada a partir da qual *-yah* ou *-yahu* foi omitido. Se esta suposição for correta, a forma completa do nome significaria: "[Javé é] cheio de consolo".

Naum é descrito como o **Elkoshite** ou de (a cidade de) Elkosh. Parece que Naum era judeu, uma vez que ele é consistentemente representado como falando com Judá (1:15) e profundamente envolvido em suas políticas interna e externa (1: 9, 2 ; 2 ; 3:18).

O assunto do livro de Naum é a cidade assíria de Nineveh. Mais precisamente, o livro é uma composição judaica, religiosa em harmonia, que prevê a destruição da poderosa capital da Assíria. Este evento catastrófico, cuja magnitude absurda dificilmente pode ser exagerada, afetou radicalmente todo o Oriente Próximo.

A forma que a composição assume é descrita na superscrição de duas maneiras. É denominado como o oráculo (ônus) referente a Nínive e O livro da visão de Naum de Elkosh. Carga e visão são ambos termos técnicos proféticos.

Burden (oracle) encontra a sua explicação mais lógica da passagem clássica em Jeremias 23:33 . Aqui o fardo é usado em um duplo significado: o primeiro é a nuance religiosa da palavra; O segundo é o sentido literal. Que fardo físico é para um homem, que a comunicação de Yahweh, a palavra pesada de Deus, está em sua contrapartida espiritual. É o fardo que a providência divina julga conveniente colocar sobre um. Em Naum, o peso de Yahweh é o que Nínive deve suportar (veja o conceito semelhante de xícara ou lote no pensamento hebraico no Salmo 75: 8 , Jeremias 13:25).

A palavra visão, distinta do fardo, enfatiza o caráter revelador do que foi visto ou em seu modo de recepção (Isaías 1: 1 ; Amós 1: 1 ; Hab. 1: 1). A visão agora se verbalizou por escrito; Era o livro da visão.

II. A teofania de Javé (1: 2-15 ; 2: 2)

1. Javé como um Deus Vengador (1: 2-3b)

[2] *O SENHOR é um Deus ciumento e vingando,*
O Senhor é vingador e furioso;
O Senhor se vinga de seus adversários
e continua a ira por seus inimigos.
[3] *O SENHOR é lento para a ira e de grande poder,*

e o Senhor não eliminará o culpado.

A dinâmica ética de Yahweh, que é pertinente ao tema de Naum, está aqui dilatada: o Senhor está com ciúmes, vingando (três vezes mencionado), continua a ira por seus inimigos e não limpa o culpado. Essa atividade não deve ser interpretada como significando que Yahweh é impetuoso, de baixo temperamento ou vingativo. Pelo contrário, o Senhor está lento para a ira, embora de grande poder. Com a exceção do último, os ph rases formam parte da auto-divulgação clássica de Yahweh (Ex. 20: 5 ; 34: 6 , 14). Não são qualidades descritivas do ser divino, mas atividades dinâmicas. O Senhor é ciumento no sentido de que ele não pode negar a si mesmo; ele não pode ser menos ou diferente do que ele é. Seu ciúme é essa motivação dentro de seu ser, que assegura o que é dele e reage contra todo o que arrogará para si próprio o que é exclusivamente dele. Daí o ciúme se torna o protagonista contra a arrogância da Assíria.

O ciúme divino é então resolvido em aspectos de suas atividades componentes: vingança, ira continuamente exercida sobre seus inimigos, julgamento sobre o culpado, tudo temperado por uma disposição de disposição. O Senhor - e note que o nome é usado cinco vezes em vv. 2-3 - agora está incenso; deve existir uma causa suficiente. E o poeta está antecipando que Assíria provocou tanto ao Senhor que ela se tornou seu adversário, inimigo e acusado.

2. Theophany Proper (1: 3c-5)

Seu caminho é no redemoinho e na tempestade,
e as nuvens são a poeira de seus pés
4 Ele repreende o mar e o torna seco,
ele seca todos os rios;
Bashan e Carmel wither,
A floração do Líbano desaparece.
5 As montanhas tremem antes dele,
as colinas derretem;
a terra é destruída antes dele,
o mundo e todos os que nele habitam.

A predição de Yahweh na primeira estrofe (1: 2-3a) agora se torna o sujeito da teofania propriamente dita. O augusto está entrando na atual hora do evento com terrível pressa (cf. Salmos 18:10 , AB , 576, Jeremias 4:13 , Isaías 66: 15 p.), Para julgar e corrigir a desordem histórica.

Na verbalização de uma teofania muitas vezes, os hebreus concretizaram a metafísica em contrapartes simbólicas da natureza. Assim, quando o Senhor vier a abençoar o seu povo, os céus se alegram, a terra se alegra, os rugidos do mar, os campos exultam e as árvores do campo cantam de alegria (Salmo 96: 11ss). Por outro lado, como aqui, quando o Senhor vem com uma ira iluminada, a natureza é retratada como cataclísmicamente afetada (ver Mic. 1: 3 f .; Amos 1: 2).

3. A fatalidade inescapável e consumada (1: 6-11)

6 Quem pode estar diante de sua indignação?
Quem pode suportar o calor de sua ira?
Sua ira é derramada como fogo,
e as rochas são quebradas por ele.
7 O SENHOR é bom,
uma fortaleza no dia do problema;
Ele conhece aqueles que se refugiam nele.
8 Mas com uma inundação transbordante
ele fará um fim completo de seus adversários,
e perseguirá seus inimigos na escuridão.
9 O que você planeja contra o Senhor?
Ele fará um final cheio;
ele não se vingará duas vezes com seus inimigos.
10 Como espinhos emaranhados, eles são consumidos,
como restolho seco.
Um não saiu de você,
que traçou o mal contra o Senhor,
e aconselhou vilania?

As duas questões pareneticas são a inferência lógica tirada da incrível aparição de Yahweh quando ele confronta ameaçadoramente seus inimigos (v. 6). O poeta passa a fazer a primeira pergunta retórica: se os elementos poderosos da natureza não podem suportar a epifania de Javé no julgamento, como o homem mortal suportará (v. 6 , ver Isa. 33:14)? As respostas às duas questões na v. 6 são tão óbvias que são omitidas, mas dois motivos para tal conclusão são apresentados: a indignação de Yahweh é tão irresistível quanto o fogo (vulcânico?); o calor de sua ira tão insensível quanto as convulsões de um terremoto (Isaías 13:13 ; 66:15 ; Jeremias 10:10).

Mas há outro aspecto de Javé: sua bondade e solicitude para os seus (v. 7). Ele está lento para a ira, mas uma vez que sua indignação justa é despertada, seus inimigos sentirão todo o peso de sua ira (v. 8). Assim, o contraste decidido aplica, em última análise, o tema relevante da doença. A afirmação no v. 7 é uma expressão de importação semelhante a 1: 3a: Javé é "lento para a ira e de grande poder." O jajoso, vingador e iracundo Javé não é apenas lento para a ira; Ele é bom, o refúgio na hora fatídica e moralmente discriminatório e solícito. Se, então, Yahweh é tão benigno, quão reprovável devem ser seus inimigos para levá-lo a medidas tão completas de retaliação. As palavras que seus adversários são mais corretamente traduzidas "seu lugar" (então ASV), referindo-se a Nínive.

A terceira e última estória (vv. 9-11) desta seção torna-se mais específica em relação ao inimigo e igualmente enfática de sua destruição final. Mais uma vez, uma pergunta retórica é posta, desta vez com o assírio em mente, aquele que criou o mal contra o Senhor (v. 9). Que razão possível poderia haver para planos tão errados contra Yahweh? Seu requital é completo e final (v. 10). O assírio, seja o rei ou a nação

personificada, é representado como planejando e aconselhando o *mal*contra o Senhor (ver 1:14 f .; 2: 2 , 11-13 ; 3: 4 , 10 , 19 ; Isa. 10: 5-19).

O vocabulário da literatura política da Assíria está repleto de expressões como "conceber um plano perverso", "traçar abertamente", "um planejador do mal", "um plotador de iniqüidade" e muitas frases semelhantes (AB , 6, 9). , 501, 697). O que os assírios tão freqüentemente imputaram aos seus vizinhos foi, na realidade, uma conquista em suas próprias atividades políticas. Esta política nefasta, exercida imediatamente contra a liberdade e os direitos das nações impotentes e menores, foi dirigida em última instância contra o Senhor (ver Amós 1: 3-2: 3 , também os oráculos contra as nações estrangeiras nos profetas Isaías, Jeremias e Ezekiel). Essa vilania só poderia encontrar-se com o julgamento final, uma afirmação repetida duas vezes com ênfase (v. 8) e ainda com dois ou trêsSímiles contundentes de desastre consumado (vv. 9bc, 10). Como o provérbio assírio, "a palavra da divindade não é falada pela segunda vez" (AB , 603), o Senhor não precisará se vingar duas vezes com seus adversários; Uma vez será suficiente para selar sua desgraça (v. 9c).

4. Dois oráculos de Javé (1: 12-14)

> *12 Assim diz o SENHOR ,*
> *"Embora sejam fortes e muitos,*
> *Eles serão cortados e passados.*
> *Embora eu tenha te afligido,*
> *Não vou te afligir mais.*
> *13 E agora vou quebrar seu jugo de você*
> *e estourará os seus laços ".*
> *14 O SENHOR deu o seu mandamento sobre você:*
> *"Não mais o seu nome será perpetuado;*
> *Da casa de seus deuses, vou cortar*
> *a imagem esculpida e a imagem fundida.*
> *Eu farei sua sepultura, pois você é vil ".*

O primeiro oráculo é uma mensagem de esperança para Judá oprimido (v. 12-13). Consiste em quatro afirmações: (1) a concessão de que o inimigo (ou seja, o assírio) é forte e populoso; (2) a afirmação de que ele, no entanto, ele cortará e desaparecerá;

(3) a admissão de que Judá foi afligido por Javé (através do seu instrumento os assírios, ver Isaías 10: 5-19); e (4) a promessa de que o castigo divino está no fim e que o jugo do opressor logo será quebrado (ver Isa 9: 4 ; 14:25 ; AB , pág. 662).

O segundo oráculo é dirigido contra a Assíria em geral; mas como os pronomes são masculinos, parece que a referência imediata é para o rei como a personificação da nação (v. 14). Os pronunciamentos de doom podem ser analisados da seguinte forma: (1) seu nome não será mais semeado (ou seja, propagado, perpetuado); (2) os ídolos dos templos reais serão cortados (ver Mic. 1: 7 , especialmente AB, 810); e (3) seja que o Senhor enviará o assírio ao seu lugar de enterro por causa da sua vilidade (assim RV)

ou, com uma modificação textual menor, o Senhor fará sua sepultura um desonra. A primeira dessas duas alternativas apresenta algumas dificuldades linguísticas, mas seu significado é que a destruição do assírio é iminente devido à sua vilidade. Na segunda possibilidade, o túmulo do assírio torna-se um lugar de execração, de memória revoltante (cf. AB , 810; 2 Reis 23:16).

5. O evangelho do arauto (1:15 ; 2: 2)

> *15 Eis que, nas montanhas, os pés dele*
> *que traz boas novas*
> *que proclama a paz!*
> *Mantenha suas festas, ó Judá,*
> *cumprir seus votos,*
> *pois nunca mais os ímpios irão contra você,*
> *ele é completamente cortado.*
> *2 (Para o Senhor está restaurando a majestade de Jacó*
> *como a majestade de Israel,*
> *pois os saqueadores os despojaram*
> *e arruinaram suas filiais.)*

Mais uma vez, o poeta muda a forma literária em seu esforço para persuadir Judá da libertação futura (cf. 1: 12f). O novo motivo é aquele do mensageiro que, aproximando-se do seu destino, ascende a uma elevação para que os guardas das muralhas o reconheçam (Isaías 52: 7 f .; 40: 9) e que, sem mais demora, transmita as notícias alegres de emancipação nacional.

Este retrato vívido apresenta quatro aspectos importantes do comunicado. Primeiro, sua *urgência*. É introduzido por uma interjeição e emprega o humor exclamatório. O uso dos pés metônimo, sugerindo o envio do mensageiro, e a subida do heraldo a um promontório para evitar qualquer possível atraso enfatizam a urgência da mensagem.

Em segundo lugar, seu caráter. A imitação imediata da cláusula introdutória é agora substituída por uma concentração de atenção sobre o arauto. Ele é aquele que traz boas novas. "O verbo hebraico é neutro no sentido de que a notícia pode ser boa ou ruim. No entanto, a expressão paralela proclama a paz define o caráter da mensagem. A paz é um dos conceitos mais profundos do pensamento hebraico. Não é a tranqüilidade sozinha, a ausência de guerra, mas a solidez, a integridade, a integridade, a integridade, a saúde, o bem-estar e a unidade.

Terceiro, sua relevância. A mensagem da paz é representada como sendo anunciada em um momento culminante na história de Judá. "Paz finalmente" depois de um século de subjugação assíria. Judá agora pode manter as suas festas e descartar os jejuns (ver Zacarias 8: 18). ela agora pode cumprir seus votos desde que Yahweh realizou a estipulação exigida (ver 1 Sam. 1:11 , 21 , 27). Essa liminar cultual significava, naturalmente, a expulsão da "religião do império", um ato traidor em si mesmo. Sem dúvida, se a mensagem está corretamente datada, ela representa, o apoio do partido

profético à reforma Josianica e o restabelecimento de um puro culto yahwista em seu domínio.

E, finalmente, sua *justificativa histórica.* Os profetas não eram fanáticos nacionalistas. Às vezes, eles aconselharam resistência (ver Isa 31: 4 f .; 37: 21ss); às vezes eles aconselharam a capitulação (Jeremias 27: 12ss). Naum discerne o significado da situação histórica em desenvolvimento: o inimigo estava prestes a cair irreversivelmente sobre Assíria. Isso liberaria Judá.

Um apêndice ao relatório do heraldo é o versículo aparentemente mal colocado (2: 2 = MT 2: 3), no qual ocorrem repetição e avanço. O novo elemento interpretou a destruição da Assíria não apenas como a restauração de Judá, mas também como a restauração do Reino do Norte de Israel. Esta reunião de Judá e Israel sob um monarca davídico foi tentada por Josias.

O componente reiterado é o reconhecimento sincero de que tanto Judá quanto Israel foram vítimas de saqueadores, enquanto uma videira é despojada de seus frutos por piquetes irresponsáveis, sem qualquer consideração pelos ramos. A comparação de Israel com uma videira é um símbolo freqüente no Antigo Testamento (Jeremias 5:10 , Isaías 5: 1-7 , Salmo 80: 8).

III. A Queda de Nínive (2: 1 , 3-3: 19)

1. A Derrota de Nínive (2: 1 , 3-10)

[1] O quebrador apareceu contra você.
Man as muralhas;
assista a estrada;
cinge seus lombos;
colecione todas as suas forças.
[3] O escudo de seus homens poderosos é vermelho,
seus soldados estão vestidos de escarlate
As carruagens piscam como chama
quando reunidos em ordem;
os carregadores são prance.
[4] Os carros se enfurecem nas ruas,
eles correm de um lado para outro pelos quadrados;
eles brilham como tochas,
eles dardos como um raio.
[5] Os oficiais são convocados,
eles tropeçam à medida que vão,
eles se apressam para a parede,
o mantelet está configurado.
[6] Os portões do rio são abertos,

o palácio está consternado;
7 sua amante está despojada, ela é levada,
suas maidens lamentando,
gemendo como pombas,
e batendo seus peitos.
8 Nineveh é como uma piscina
cujas águas fogem.
"Pare! Pare! ", Eles choram;
mas nenhuma volta.
9 Empurre a prata,
saque o ouro!
Não há fim de tesouro,
ou riqueza de todas as coisas preciosas.
10 Desolado! Desolação e ruína!
Os corações desmaiam e os joelhos tremem,
a angústia está em todos os lombos,
Todos os rostos ficam pálidos!

A composição é uma projeção vívida do poeta no futuro dia em que Nineveh será assaltada. A atmosfera carregada desse evento catastrófico se reflete nas expressões de staccato, as imagens de palavras multiplicadas mudando rapidamente de tema para tema e o realismo da retratação.

O desenvolvimento do poema prossegue logicamente do surpreendente relatório de abertura de que o quebrador surgiu contra a Nineveh. O "shatterer" de renderização é de acordo geral com o KJV e o ASV. Outros estudiosos modificam a palavra para chegar a uma tradução de "maul" ou "martelo" (ver Jer. 51:20 , 31f.).

O espantoso comunicado é dirigido a Nínive com anonimato efetivo. Os imperativos que se seguem são as ordens do alto comando para a defesa da cidade (v. 1 , cf. 3:13 ; ANET , 236b). O texto hebraico omite os pronomes possessivos das duas últimas linhas deste versículo, que são gratuitamente fornecidos pelo RSV.

A cena muda bruscamente dos movimentos defensivos internos da cidade sitiada para as manobras militares das forças atacantes fora dos muros (v. 3-5). Uma ideia das táticas militares assírias e babilônicas pode ser obtida através da sua extensa representação nas soberbas esculturas contemporâneas. A atenção é dirigida primeiramente às soldades de elite (v. 3a), depois ao carrinho (vv. 3b-4) e, finalmente, aos oficiais das tropas de assalto. A delimitação dos soldados de infantaria como homens poderosos e valentes, com escudos de bronze polido de tonalidade e uniformes escarlates (Ezequiel 23: 14 f.); os carros de guerra chapeados de metal resplandecentes ao sol (ver 3: 2-3b), os carregadores espirituosos (então LXX, cf. 3: 3), o movimento rápido dos carros furiosos, as tropas de choque que estabelecem o seu mantelet na base da parede - tudo isso combina para descrever as forças irresistíveis que serão jogadas contra Nínive.

O resultado não pode ser duvidado (v. 6). Quando o relatório vem que os portões do rio foram penetrados (AB , 397, 649), o palácio é consternado e seu pessoal assaltado assustadoramente (ver 3: 10f .; AB , 580). Os defensores abandonam a cidade condenada e fogem por suas vidas. Em seguida, segue a cruel pilhagem dos fabulosos tesouros (v. 9 , ver AB , 363-370, 382-401, 408-416). As reações físicas patéticas dos ninivitas traem a angústia traumática da hora (v. 10 , cf. AB , 151, 155; Joel 2: 6).

2. O Riddle Satirical (2: 11-12)

> *11 Onde está a cova dos leões,*
> *a caverna dos jovens leões,*
> *onde o leão trouxe sua presa,*
> *Onde estavam os seus filhotes, sem que ninguém perturbasse?*
> *12 O leão rasgou o suficiente para seus filhotes*
> *e estrangulado presa por suas leoas;*
> *ele encheu suas cavernas com presas*
> *e suas coxas com carne rasgada.*

Não muito diferente das questões retóricas em 1: 9 e 3: 7-8 , 19 , a interrogação aqui colocada tem seu ponto de referência geral nos materiais anteriores. No entanto, a consulta sob revisão parece ser um enigma provocante. Na sua alegoria, o rei assírio é concebido como personagem da nação e retratado como o leão supremo (ver Jeremias 4: 7 ; 49:19 ; 50:17 ; Ezequiel 19: 2-9). A guirlanda e a caverna dos leões representam a Nineveh; as incursões predatórias sugerem que os estragos multiplicados são confiscados das nações conquistadas; A presa abundante armazenada no lagar sugere a insaciabilidade da Assíria; O leão e os filhotes apontam para os nobres e cidadãos da Nineveh.

O poema (2: 1 , 3-10) tem como tema a temível destruição de Nínive, como foi projetado imaginativamente pelo poeta. Neste contexto, o enigma do desastre de Nínive torna-se imensamente aumentado. Como é que, com a força e o poder devastador de um leão (AB , 259), com uma cova não molestada e não contestada, com companheiro e prole, e com presas ilimitadas para aproveitar impunemente (ver Isa. 5:29), a o lar é totalmente abandonado?

3. O Oráculo de Javé (2:13)

> ***13 Eis que estou contra vós, diz o SENHOR dos exércitos, e abalarei os teus carros em fumaça, e a espada devorará os teus jovens leões; Vou cortar sua presa da terra, e a voz dos seus mensageiros não será mais ouvida.***

É interessante que os oráculos divinos sejam encontrados em cada capítulo (1: 12-13, 14 ; 3: 5). As palavras queimam seus carros (Heb., Ela) em fumaça e mensageiros interrompem o motivo do leão em vv. 11-12 e em duas cláusulas do v. 13 . O problema pode ser abordado por emendas menores, e o texto traduzido: "Vou fumar o seu orgulho" (isto é, colônia de leões) e "o som de sua alimentação" (então NEB, ver Ezek. 19: 9). Por outro lado, o poeta pode ter desejado renunciar a parte da alegoria para obter

maior ênfase em termos concretos: o Senhor "queimará seus carros em fumaça" e "a voz dos seus mensageiros não deve mais ser ouvida".

A resposta ao enigma anterior pode ser encontrada neste oráculo: o abandono da cova dos leões é atribuível ao fiat de Javé. O poder militar da Assíria é destruído; e as diretrizes da corte imperial terminarão.

4. A Malediction Against Nineveh (3: 1-4)

> *1 Ai da cidade sangrenta,*
> *tudo cheio de mentiras e botas -*
> *Sem fim para a pilhagem!*
> *2 A fenda do chicote, e o ruído da roda,*
> *cavalo galopante e carruagem delimitadora!*
> *3 Cavaleiro carregando,*
> *espada piscante e lança brilhante,*
> *anfitriões de mortos,*
> *montes de cadáveres*
> *cadáveres sem fim -*
> *Eles tropeçam nos corpos!*
> *4 E tudo para as inúmeras prostitutas da prostituta,*
> *graciosa e de encantos mortais,*
> *que trai as nações com suas prostituições,*
> *e os povos com seus encantos.*

A forma da maldição está relacionada com a antiga maldição da execração (ANET , 328f.; Num. 21: 29 f.; 22: 1-24: 13), na qual a palavra falada, implícita ou proferida em nome da divindade , foi impregnado de poder para garantir a sua realização. Os oráculos contra as nações nos profetas hebreus e as orações imprecatórias, particularmente no Saltério (por exemplo, Salmo 109), estão genericamente relacionados com a antiga maldição.

Que a interjecção hebraica *hoje* (ai, infelizmente) ocasionalmente está associada a um lamento não admite dúvida (por exemplo, Jeremias 22:18 ; 34: 5), mas parece estar aqui claramente relacionado em nuances a uma maldição (cf. Isaías 5: 8 e Hab. 2: 6 com Deut. 27: 15-26). Em 36 dos 51 casos, a interjeição sugere uma interpretação de "ai (ser)". . "Em vez de" ai ", e sua matriz é a da maldição e não a lamentação.

A imprecação é dirigido em um apóstrofo contra a capital assíria por causa de seu militarismo sanguinária (cf. Ez. 24: 6 , 9) e duplicidade ilimitada, que lhe permitiram acumular imensurável espólio ilícitos de nações mais fracas (v. 1).

A forma que o ai supõe é recitada a seguir em palcos de palavras de staccato: carruagens, cavaleiros, hospedeiros mortos e montes de cadáveres, sem medida, obstrutivos (v. 2-3). A propriedade do sofrimento (v. 4) desenvolve a acusação da v.

1 e retrata a culpa da cidade sob a figura de uma prostituta intrigante, cuja forma sedutora e encantos enfeitiçantes enfataram seus clientes e os traíram à sua condenação (cf. Prov 2: 16-19. ; 7: 10-23 ; Is. 47: 1-4). Harlotry aqui não é idolatria ou a sexualidade do culto da natureza, mas as políticas internacionais da Assíria, que prostituíram sua integridade como líder mundial e encadearam suas vítimas em abjetos servilismos (ver Int.; É um. 10: 6-14).

5. O Oráculo de Javé (3: 5-7)

> [5] *Eis que estou contra ti,*
> *diz o SENHOR do anfitrião,*
> *e levantarão suas saias sobre seu rosto;*
> *e eu deixarei as nações olharem sobre a sua nudez*
> *e reinos em sua vergonha.*
> [6] *Eu irei imolar você*
> *e tratá-lo com desprezo,*
> *e fazer você um olhar.*
> [7] *E todos os que olhem para você encolherão de você e dirão:*
> *Wasted é Nineveh; quem lamentará?*
> *De onde devo buscar edredons para ela?*

O enunciado formaliza a sentença de Javé para as prostitutas da Assíria (cf. 2:13 ; 3: 4). Envolve exposição (v. 5), rejeição desdenhosa (v. 6) e deserção (v. 7). Se a exposição para as prostitutas condenadas não for insinuada no Antigo Testamento (ver Ezequiel 16:37 , 39 ; Isaías 20: 4 ; Hos. 2: 3 ; ANET , 183b), as mulheres capturadas na guerra foram freqüentemente submetidas à vergonha de denudação (cf. 2: 7 ; Lam. 1: 8-9 ; Isaías 47: 1 p.) O costume de lançar sujeira na prostituta delinquente não é avaliado em outros lugares. De acordo com a lei hebraica, o adultério foi punido em certos casos por lapidação (Deuteronômio 22: 23 f. , João 8: 5 , 7); mas a prostituição, salvo em instâncias restritas (Levítico 19:29 ; 21: 9), não é especificamente especificada legalmente. Parece, portanto, tanto na exposição como no vazamento de sujeira em uma prostituta punível que estamos lidando aqui com uma prática não escrita em Israel. A prostituta humilhante se tornaria através dessa degradação uma olhada (ver Ezek. 28:17 ; Obad. 12f.), Um espetáculo para todos os que testemunharam o episódio e um para ser cuidadosamente evitado (v. 7a). A cidade real de Nínive, uma vez uma prostituta bem-favorecida, cheia de encantos mortais, solicitando as nações apenas para traí-las, ficará exposta pelo que ela realmente é - um vagabundo imundo sem beleza, virtude ou amigo. Tal destino dará origem a um lamento provocador nos lábios dos espectadores. Há três asserções no texto deste dirge: dois deles assumem a forma de uma questão de reprovação. Nínive será destruída (ver Amós 5: 2); ninguém lamentará o fato; nenhum lugar será encontrado simpatizantes na sua trágica hora (Isaías 51:19 , Jeremias 15: 5).

6. A inevitável queda de Nínive (3: 8-13)

> [8] *Você é melhor do que Tebas*

que sentou pelo Nilo,
com água ao redor dela,
sua muralha um mar,
e água sua parede?
9 Etiópia foi sua força,
Egito também, e isso sem limite;
Coloquei e os libios foram seus ajudantes.
10 No entanto, ela foi levada,
ela entrou em cativeiro;
seus pequeninos foram quebrados em pedaços
à frente de cada rua;
Para os homens honrados, muitos foram lançados,
e todos os seus grandes homens estavam encadeados.
11 Você também estará bêbado,
você ficará aturdido;
você procurará
um refúgio do inimigo.
12 Todas as suas fortalezas são como figueiras
com figos de primeira madura -
se abalados caírem
na boca do comedor.
13 Veja as suas tropas
são mulheres no meio de você.
Os portões da sua terra
estão abertos aos seus inimigos;
O fogo devorou seus bares.

Estes versículos caem logicamente em três partes: a aparente invencibilidade de Tebas (v. 8-9), sua conquista incrível (v. 10); e a certeza da queda de Nínive (v. 11-13). A primeira parte dirige uma pergunta importante para Nineveh: Você está melhor (ou seja, mais forte) do que Thebes, protegido, como era, por sua posição estratégica e encorajado pelo poder militar de seus aliados, Líbia e Put?

A segunda parte descreve o horrível desastre que aconteceu com a orgulhosa capital egípcia: crianças brutalmente assassinadas (ver Isaías 13:16); homens honrados tratados como móveis, degradados em cadeias (ver AB , 776-778). A seção final desenha a conclusão irresistível: Você também (v. 11ab emphatic por repetição e posição), experimentará o mesmo destino. Na verdade, o dia está sobre você quando Nínive compartilhará o mesmo trauma que atordoou o orgulho de Tebas, quando essa cidade foi tomada (v. 11 , cf. 2:10 , Jeremias 25: 15-29 , AB , 151). Naquele dia, a evacuação será sua única preocupação (v. 11b). O poeta então aplica o consentimento à pergunta principal com a qual ele começou o poema inteiro: você não é melhor do que

Tebas; você é militarmente consideravelmente mais fraco. Todas as suas fortalezas cairão prontamente como um prêmio de guerra (v. 12 , cf. Isaías 28: 4); seus defensores são desprovidos de virilidade (v. 13a , ver Jer. 51:30 ; AB 54, 508, 581). Seus portões são, paradoxalmente e todos despreocupados, abertos aos seus inimigos e além da possibilidade de reforçar.

7. Doom, Disappearance and Taunt Song sobre Nínive (3: 14-19)

14 Desenhe a água para o cerco,
fortalecer seus fortes;
entrar na argila,
pique a argamassa
segure o molde de tijolos!
15 O fogo o devorará,
A espada irá cortá-lo.
Isso irá devorá-lo como o gafanhoto.
Multiplique-se como o gafanhoto,
multiplique-se como o gafanhoto!
16 Você aumentou seus comerciantes
mais do que as estrelas dos céus.
O gafanhoto espalha suas asas e voa para longe.
17 Seus príncipes são como gafanhotos,
seus escribas como nuvens de gafanhotos
instalando-se nas cercas
em um dia de frio -
Quando o sol nasce, voam para longe;
Ninguém sabe onde estão.
18 Seus pastores estão dormindo,
Ó rei da Assíria;
seu sono dos nobres.
Seu povo está espalhado nas montanhas
com nenhum para reuni-los.
19 Não há atenuação da sua dor,
sua ferida é dolorosa.
Todos os que ouvem as notícias de você
Aplaude suas mãos sobre você.
Para quem não veio
seu incessante mal?

Este último poema é composto de três strophes. O primeiro elabora o pensamento anterior e explica as conclusões evitáveis: é inútil agora colocar provisões para o cerco e

fortalecer as defesas (ver AB , 31). A espada irá cortá-lo enquanto estiver envolvido (3: 14-15c).

A segunda estrofe leva seu tema a partir da palavra final do primeiro, o gafanhoto. Esta porção subjuga outro fundamento do otimismo inútil assírio: a populacência da nação (AB , 10, 59, 163; Judg. 6: 5), um aspecto da Assíria bem ilustrado pela especificação da multiplicidade de comerciantes, príncipes e escribas. É certo que a Assíria se parece com o gafanhoto em números absolutos, mas ela será como o gafanhoto em outro aspecto: de repente eles voam para longe e ninguém sabe onde, um destino que logo irá ultrapassar Nínive.

A estória final está na forma de uma canção taudada dirigida ao rei da Assíria (v. 18-19). Começa com o anúncio contundente do desaparecimento dos líderes assírios e da população dispersa resultante. Não é uma elegia para os mortos, embora o verso 18ab (ver Eze. 32:22) possa sugerir tal interpretação. É mais uma canção provocada por um inimigo odiado.

Acrescido à perda da liderança asiria e à fragmentação de sua população é o relatório climático: a vítima assíria é fatal. É apenas uma questão de tempo e o tirano estará morto. A notícia é recebida com alegria e alegria universal. Seria uma reação sinistra se não fosse pela justificativa convincente de que a nação que expirava era incessantemente má (AB , 67, 1034, 1072, 1109). Teria sido pura hipocrisia reagir de outra forma.

Naum tinha visto "a glória da vinda do Senhor". Ele tinha visto certeza e terror do julgamento de Deus. Ele estava convencido de que a verdade de Deus não podia ser restringida.

Habacuque

D. David Garland

Introdução

Habacuque é o oitavo livro profético naquela seção do cânon hebraico referido como "os doze". Esta é outra designação para aqueles livros geralmente classificados como Profetas Menores. Entre estes, Habukuk manteve consistentemente a posição canônica entre Naum e Sofonias. Esta posição reflete a crença dos responsáveis pelo cânon de que seu ministério estava relacionado ao mesmo período geral que o de Naum e Sofonias. Tal posição tornaria Habukkuk um contemporâneo de Jeremiah também, uma vez que ele (muitos estudiosos incluem Obadias) profetizou durante o último quarto do século VII aC e / ou durante o primeiro quarto do século VI AC

Como todos os alunos da história do Antigo Testamento sabem, este foi um período muito sinistro na vida de Judá. Foi esse período na história do Oriente Próximo que testemunhou a derrubada dos assírios pelos babilônios e a subsequente expansão de sua soberania no extremo oeste do Egito. Isso significava que Judá tinha sido levado sob o

domínio de Babilônia, da mesma forma que o Reino do Norte tinha sido sujeito à dominação assíria um século ou mais antes.

Além da situação internacional ameaçadora, Judá estava envolvida por sérios problemas internos. Estes são parcialmente refletidos no capítulo 1 . Um olhar sobre alguns dos fatores que contribuíram para as condições dentro de Judá será útil.

A nova esperança e otimismo que resultaram das reformas de Ezequias (715-687 AC) logo se foram. Seu sucessor, Manasseh (687-642 AC), reintroduziu muitas das práticas que foram suprimidas ou excluídas pelo seu antecessor. Isso só poderia resultar na desfavor de Yahweh (2 Reis 21: 3-12). Depois do mais longo reinado na história de Judá, Manassés foi sucedido por seu filho Amon (642-640 AC), que continuou na tradição de seu pai (2 Reis 21:20). Seu reinado foi de curta duração, no entanto, e ele foi seguido por Josiah (640-608 AC), um dos maiores reis de Judá. Sob uma forte influência profética, sem dúvida, Josiah empreendeu extensas reformas. Mas essas reformas, tão bem intencionadas e tão genuínas quanto pareceram ser, não tiveram efeito permanente sobre a nação.

Em 608 AC, Josias foi morto na batalha de Megiddo. Sua morte foi uma perda trágica para a causa da reforma. Ele foi sucedido por seu filho, Joacaz. Após um breve período de três meses, ele foi depositado precipitadamente por Neco, rei do Egito, e substituído por seu irmão Joaquim (608-598 AC), que teve pouco interesse nas preocupações morais e religiosas de Josiah. Portanto, sua entronização indicou um retorno às condições do período pré-Josianic. Era uma era que refletia uma deterioração geral do princípio e da convicção em toda a sociedade. A religião atingiu uma nova baixa. Aqueles que procuram chamar a nação de volta a Deus fizeram isso com grande risco pessoal (Jeremias 26: 20-23). Estes foram dias escuros para Judá. Habacuque, juntamente com seus profetas contemporâneos, ficou muito perplexo com o que ele viu acontecendo na nação. Ele e Jeremias, mais do que os outros, expressaram essa perplexidade. Habacuque não podia entender por que Javé tinha ficado parado e não fez nada. Ele acreditava que a justiça de Deus exigiria que ele atuasse à luz dos males predominantes. Por que ele não fez isso? Como ele poderia permitir a injustiça e a perversidade para continuar? Estas questões são refletidas na seção de abertura do livro de Habacuque.

O profeta

Fora do livro com seu nome, encontramos apenas lendas sobre Habacuque. Sendo assim, qualquer tentativa de lidar com a pessoa do profeta é principalmente conjectura. Presume-se por alguns que Habacuque era um "profeta culto" ao serviço do Templo. Enquanto nesse papel ele teve uma visão que ele gravou para ser usado como uma liturgia nos serviços do Templo. Em qualquer eventualidade, o profeta nos fornece uma excelente visão dos "processos internos da experiência visionária". Sua luta, com os problemas em jogo em sua vida e os de seu mundo, apresenta uma imagem do que deve ter acontecido nas mentes e corações de outros profetas também. Foi uma tentativa de compreender o que Deus estava tentando dizer ao seu povo pela boca do profeta.

Os significados tradicionais do nome do profeta têm sido "acariciar" ou "abraçar". Uma razão para manter esses significados é encontrada na prática antiga de dar nomes de crianças que refletiam as esperanças ou orações dos pais. Nesse caso, a esperança dos

pais de Habacuque era que ele abraçasse Yahweh e / ou seus companheiros na tentativa séria de ajudar seu povo a encontrar uma solução para seus problemas e necessidades. Uma vez que essa foi uma prática tão comum entre os hebreus, esta pode ser a melhor explicação do nome do profeta. A Septuaginta, por outro lado, refere-se a Habacuque como Hambakoum. Hambakoum é bastante semelhante à palavra assíria, *hambakuku* , que significa planta ou vegetal. Isso sugere que o nome do profeta deve ser "planta", "vegetal", ou alguma designação relacionada.

Uma série de lendas persistiram sobre o profeta. Ele foi identificado como o filho da mulher Shunamite em 2 Reis 4:16 e o vigia em Isaías 21: 6 . Uma lenda das Vidas dos Profetas, que data do século IV e lidando com tradições proféticas, sugere que ele pertencia a Beth-zo (a) ela, da tribo de Simeão. Outra teoria, sugerida por uma recensão da Septuaginta de Bel e do Dragão refere-se a "Habacuque, o filho de Jesus, da tribo de Levi". No entanto, eles têm pouco ou nenhum apoio histórico.

A Data da Profecia

A data da profecia tem sido objeto de grande desacordo. A maioria colocaria o livro entre 625 AC e 586 AC. Isto é baseado na crença de que em 1: 6 os caldeus (babilônios) são o ponto de referência. Eles se tornaram uma nação formidável após 625 AC. A data 625-586 também se baseia na falta de qualquer referência ao cerco de Jerusalém ou à deportação para Babilônia em 586. Portanto, o profeta, é assumido, profetizou antes desse tempo .

Enquanto uma data tradicional entre 625-586 AC foi aceita por muitos, tanto liberais quanto conservadores, existem aqueles que detiveram outros pontos de vista. Essas opiniões são baseadas no que se acredita ser a falta de unidade no livro. Em 1: 13-16 , por exemplo, a descrição vívida dos caldeus infere uma conta de testemunha ocular que sugere a formulação deste material naquele momento ou depois, enquanto 1: 5-6 sugere que a expansão caldeu seja futura. Assim, considera-se que 1: 5-6 foi de uma profecia anterior, neste caso cerca de 605 aC, enquanto o restante da profecia foi atribuído a uma data exilic e até pós-exilic. Alguns sentiram que a seção da profecia contendo 1: 5-6, ou mesmo 1: 5-10 (11), foi escrito em torno de 605 AC (cerca de 603 AC) e foi pelo profeta Habacuque, mas que a profecia de Habacuque, como agora temos, foi escrita em meados do século VI antes do surgimento dos persas. No entanto, Habacuque se encaixa no contexto dos babilônios muito melhor do que a ascensão dos persas; portanto, essa posição está em dúvida.

Outros estudiosos afirmam que a referência aos caldeus baseia-se em um erro textual e que os gregos sob Alexandre, que o autor, neste caso um visionário na Palestina em torno de 331 AC , tinham em mente. Isso foi desafiado, no entanto, pela afirmação de que o único nome no livro que não pode ser excluído ou alterado é o dos caldeus.

Qualquer tentativa de namorar a profecia de Habacuque mais tarde do que os gregos tornou-se impossível imediatamente com a referência de ben Sirach, cerca de 180 AC , ao Livro dos Doze Profetas Menores, que certamente incluiu Habacuque.

À luz da discussão acima, parece que uma data associada à ascensão e ascendência dos babilônios e antes da queda de Jerusalém é preferível. Alguns, que procuram ser mais definidos, sugerem 612 AC como o limite superior do ministério do profeta. Esta é a

data da queda de Nineveh, a capital da Assíria. Uma vez que tal evento certamente sinalizaria o último triunfo dos babilônios, isso proporcionaria uma ocasião objetiva para a atitude refletida pelo profeta.

Outra sugestão para o início do ministério de Habacuque é 608 AC , porque acredita-se que as condições refletidas em Habacuque são aquelas conhecidas por existir em Judá após a morte de Josias e durante o período imediatamente anterior à invasão babilônica de Judá. A primeira possibilidade neste último caso teria sido de 605 aC, quando os babilônios finalmente derrotaram as últimas forças da coalizão assírio-egípcia em Carchemish e então entraram no território que havia sido Israel.

À luz desses fatores, parece mais provável que o profeta sirva entre 612 e 605 AC. Se 605 AC é muito cedo como data terminal para o ministério de Habacuque, então o limite externo teria sido a invasão de Jerusalém em 598 (7) AC ou cai em 586 AC

O livro

Habacuque, ao contrário de qualquer outro profeta do Antigo Testamento, era representante de Israel perante o Senhor, em vez de ser o representante de Israel em Israel. Ele tomou a causa de Israel perante Yahweh e procurou sua simpatia em seu nome. Seus colegas representaram Yahweh ao povo e serviram como porta-vozes ao chamá-los de arrependimento e justiça.

Após o título (1: 1), o livro abre com a queixa de Habacuque sobre as condições pecaminosas em Judá e o fracasso de Yahweh em intervir. A compreensão do profeta sobre Yahweh e seus propósitos exigiria seu descontentamento e julgamento ativo sobre a violência e a opressão na terra. Embora pareça da leitura simples da conta que o esboço geral discutido nos parágrafos anteriores é o mais natural, existem os intérpretes que sentem que o clamor foi contra um inimigo de fora, em vez de um contra os responsáveis pelo opressivo condições dentro de. Daqueles detentores da última posição, alguns acreditam que o conflito foi entre os piedosos e os ímpios de Judá, tendo este sido defendido por Joaquim, seu rei.

Alguns dos que sustentam que as palavras de Habacuque estão contra um inimigo sem acreditar na referência aos assírios que foram opressores de Judá e que deveriam ser oprimidos pelos Babilônia. Outros acreditam que a referência seja às opressões babilônias de Judá. Quem fosse o opressor (s), e o sentido simples da passagem parece apontar para aqueles que estão dentro de Judá, que estavam aproveitando seus concidadãos, Habacuque não podia ver nada para indicar que Yahweh tinha percebido as condições prevalecentes. Portanto, a queixa do profeta (1: 2-4).

Em resposta ao protesto de Habacuque, o Senhor declarou que estava à beira de julgar os ímpios. Este julgamento assumiria a forma da invasão dos caldeus (1: 5-11). Mas, ao invés de aliviar o problema do profeta, essa revelação criou um maior para ele. Como o Senhor poderia usar os caldeus, que eram muito mais perversos do que a sua própria nação, para castigar o povo da aliança (1: 12-17)? A própria possibilidade de tal eventualidade só ampliou a consternação de Habacuque. No entanto, o dilema foi modificado de alguma forma pela intenção anunciada pelo Senhor de destruir as forças caldivas depois de terem sido usadas como uma vara para castigar Judá (2: 1-4). De

fato, a libertação dos justos de Judá e de todos os outros oprimidos pelos caldeus era tão definida que se alegrariam pela inevitável queda de seus opressores (2: 5-20).

O capítulo final de Habacuque consiste em uma oração em que o profeta relata os atos redentores do Êxodo como exemplo, ou pelo menos como modelo, para a futura libertação de Javé (3: 1-19). Os atos poderosos de Javé no passado forneceram ao profeta com a certeza de que ele iria intervir em favor de todos os que sofriam nas mãos dos caldeus. Yahweh proporcionaria libertação para eles como ele tinha para Israel no momento do Êxodo.

Embora o esboço geral discutido nos parágrafos anteriores pareça ser o mais natural, não foi incontestável. Sugeriu-se que a ênfase do livro de Habacuque é unicamente sobre o sofrimento de Judá e as outras nações nas mãos dos caldeus, que, no devido tempo, receberão sua justa recompensa por suas políticas opressivas. Como resultado, acredita-se que o livro de Habacuque não tem nada a dizer sobre a opressão dentro de Judá. Só se preocupa com a opressão de fora. Tal interpretação exigiria que 1: 5-11 seja o trabalho de um escritor posterior e, assim, seja excluído do texto aceito de Habacuque ou que seja movido para outra posição no livro. No último caso, os versos seriam colocados antes de 1: 2e, assim, se tornaria os primeiros versos do livro após o título. Essa omissão ou deslocalização, no entanto, deve ser seriamente contestada, uma vez que não há provas que causem duvidas sobre a historicidade da seção. Na verdade, o oposto parece ser o caso. A historicidade de 1: 5-11 parece ser | bem atestado à luz da história reconhecida dos caldeus.

Há uma segunda abordagem para o problema presumido de 1: 5-11 . É que a referência em 1: 5-11 é, de fato, para os caldeus, mas que se refere ao seu papel na libertação dos judeus dos assírios e / ou egípcios no momento de sua ascendência, em vez de seu papel como opressores. Nessa eventualidade, 1: 5-11 seria removido para a posição seguinte a 2: 1-4. Esta sugestão é, se alguma coisa, mais problemática do que a primeira teoria mencionada. Como a primeira hipótese, ela foi desafiada. Mostrou-se vulnerável em vários pontos. Primeiro, a omissão de uma referência textual positiva aos assírios ou egípcios levanta uma formidável questão quanto à sua designação como opressores. Em segundo lugar, a descrição detalhada dos métodos caldeos de guerra sugere um conhecimento de primeira mão por parte do autor. Isso teria sido altamente improvável se a referência fosse aos assírios ou aos egípcios, porque é muito duvidoso que o autor tenha escrito tão sabiamente sobre eventos que ocorreram há tanto tempo antes do seu dia. Finalmente, o método muito arbitrário empregado na transferência de 1: 5-11 para a posição seguinte a 2: 4 levanta uma questão muito séria quanto ao propósito do livro de Habacuque.

Após a pergunta levantada sobre 1: 5-11 , a questão da autoria do capítulo 3 criou um grande problema para os estudiosos. Este capítulo, de fato, foi negado o autor original por muitos. Esta negação baseia-se no fato de que esta seção do livro está na forma de um salmo, e como muitos consideram o salmo como sendo principalmente uma forma literária pós-exílica, todo o capítulo foi posto em causa. No entanto, foi estabelecido, para satisfação dos outros, que a forma se originou muito antes do período pós-exilic. Insiste-se que ele volte para um tempo anterior a David. A Canção de Miriam (Ex. 15: 20-21) e a Canção de Deborah (Judg. 5: 2-31) são citados como exemplos. Por que, então, um uso posterior dessa mesma forma poderia ser considerado impossível ou improvável? Se alguém aceita a premissa de que o formulário é

principalmente postexilico, o terceiro capítulo deve ser datado em conformidade. Naquele caso, teria sido escrito e adicionado em muito mais tarde aos capítulos 1 e 2 - tarde o suficiente para ter permitido o desenvolvimento completo da forma específica.

A evidência interna, no entanto, parece desafiar o argumento de que o capítulo 3 foi escrito dois ou três séculos após o tempo de Habacuque e que o autor original escreveu apenas os dois primeiros capítulos. Uma evidência é a semelhança de linguagem em 1: 4 , 13 e 3:13 e a ligação vital entre 2: 2-5 e 3: 2 . Estes favorecem a unidade do livro. Além disso, o tema dominante nos três capítulos é a crença de que Yahweh livraria seu povo da tirania do opressor. E que melhor momento para essa ênfase do que o tempo de Habacuque! O capítulo 3 , então, com a afirmação de fé do profeta, é apenas a sequência lógica e natural decapítulos 1-2 .

Que o comentário do Mar Morto sobre Habacuque não inclui o terceiro capítulo, um argumento apresentado como evidência de que o autor original não o escreveu, é uma prova inconclusiva de que os dois primeiros capítulos não eram do autor do terceiro. O propósito do pergaminho em Habacuque era fornecer um comentário sobre o livro, não apenas para copiar o texto. Cada passagem do texto foi seguida pela interpretação do escriba, aparentemente em termos de eventos ocorridos durante a vida útil do copista. Pode ter sido que o terceiro capítulo não foi considerado essencial para o objetivo principal do comentário. E como é um salmo, poderia ter sido que a forma literária não se presta ao propósito do autor, assim como os dois primeiros capítulos. Portanto, foi deixado fora do tratamento do livro.

Embora falta um acordo geral, é claro que é possível um caso forte para a unidade do livro. O material de comentário que se segue baseia-se nesta suposição.

As Ensinanças de Habacuque

Habacuque foi referido como o inaugurador da filosofia religiosa. Para ele, a justiça de Deus era fundamental para qualquer compreensão da história do ponto de vista religioso. Com base nessa crença, Habacuque reivindicou o direito de intervir em favor daqueles que sofriam de opressão e injustiça.

O profeta encontrou-se diante de dois problemas. Primeiro, acreditando como fez na justiça de Deus, não podia entender por que os justos devem sofrer; e segundo, ele ficou preocupado com a prosperidade dos ímpios. Ambos esses problemas tinham a ver com a justiça de Deus; e o profeta estava tentando entender, ou pelo menos encontrar uma explicação adequada, o fato de que Deus não havia feito nada em resposta à injustiça generalizada que ele viu na terra.

A resposta de Deus refletiu dois fatos básicos na experiência humana. Primeiro, o tempo de Deus nem sempre é o tempo do homem. Habacuque teria provocado a Deus uma ação precipitada, mas Deus não o fez, nem ele agora, demonstra o seu grande poder senão em consonância com o seu próprio propósito e plano.

Em segundo lugar, no que diz respeito ao propósito e ao plano de Deus, a imagem apresentada por Habacuque envolveu sua soberania. A profecia, ao refletir o propósito de Deus ao levantar os caldeus, reitera o que os outros profetas antes refletiam, e isto é,

que sua soberania é universal. Porque todos os homens estavam sujeitos a ele, ele poderia usar uma nação pagã para servir seu propósito.

No caso presente, se alguém aceita a unidade do livro, o propósito de Deus era julgar Judá por sua opressão e injustiça, enviando um opressor sobre ela. Mesmo assim, a escolha não era sugerir nenhum favor divino para os caldeus, porque depois de terem acostumado a castigar Judá, o Senhor levaria um julgamento sobre eles por se ter permitido usar-se dessa maneira.

O contrário seria o caso daqueles para quem Habacuque tinha preocupação manifesto - os justos que sofreram injustiça e opressão. Enquanto o estado dos caldeus resultaria em sua morte e destruição, os justos viveriam por sua fé, isto é, viveriam por causa de sua firmeza e fidelidade à vontade revelada de Deus.

À luz dessas coisas, a profecia serve um propósito mais profundo do que simplesmente elevar as questões relativas ao sofrimento dos justos e à prosperidade dos ímpios. Habacuque ensina que os justos viverão e os ímpios irão perecer. Isso ainda é verdadeiro - em última análise, se não de imediato. Pode parecer às vezes que a perversidade tem a vantagem ou que Deus é muito lento para agir, mas deve ser lembrado que seu conhecimento soberano e terá um julgamento predeterminado para os ímpios e a vida para os justos. Estes são os fatos inalteráveis da história. É uma lição que cada geração precisa aprender.

Esboço

I. O primeiro protesto de habacuque e a resposta de Yahweh (1: 1-11)
   1. O título do livro (1: 1)
   2. Primeiro protesto do profeta (1: 2-4)
   3. A primeira resposta de Yahweh (1: 5-11)

II. O segundo protesto de Habacuque e a resposta de Yahweh (1: 12-2: 5)
   1. Segundo protesto de habacuque (1: 12-2: 1)
   2. Resposta final de Yahweh (2: 2-5)

III. A canção dos aflições (2: 6-20)
   1. Uma introdução à música (2: 6a)
   2. O sofrimento na agressão (2: 6b-8)
   3. Ai dos exploradores e extorsionadores (2: 9-11)
   4. Ai do cruel e violento (2: 12-14)
   5. Ai dos culpados de desumanidade para o homem (2: 15-17)
   6. Ai sobre o idólatra (2: 18-20)

IV. Oração de Habacuque e teofania (3: 1-19)
   1. Uma declaração introdutória (3: 1)
   2. Oração de habacuque (3: 2)

3. A teofania (3: 3-15)
    1. A glória revelada na teofania (3: 3-7)
    2. O significado da teofania (3: 8-11)
    3. O objetivo do arquivo theophany (3: 12-15)
4. A afirmação da fé por parte do profeta (3: 16-19)

Bibliografia selecionada

BEWER, JULIUS A. *O Livro dos Doze Profetas.* Vol. 2. Nova York: Harper & Brothers, 1949.

CALKINS, RAYMOND. *A Mensagem Moderna dos Profetas Menores.* Nova Iorque: Harper & Brothers, 1947.

COHEN, A. *Os Doze Profetas.* Bournemouth, Hants: The Soncino Press, 1948.

DAVIDSON, AB *Naum, Habacuque e Sofonias.* "A Bíblia de Cambridge". Cambridge. The University Press, 1905.

GAILEY, JAMES H., JR. *Miqueias . . . Malaquias.* ("The Layman's Bible Commentary".) Vol. 15. Richmond: John Knox Press, 1967.

LAETSCH, THEO. *Profetas menores.* St Louis: Editorial Concordia, 1956.

PATERSON, JOHN. *The Goodly Fellowship of the Prophets.* Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1948.

PUSEY, EB *The Minor Prophets, Um comentário* . Vol. 2. Grand Rapids: Baker Book House, 1950.

SMITH, JOHN MP E OUTROS. *Miqueias, Sofonias, Naum, Habacuque, Obadias e Joel.* The International Critical Commentary ". Edimburgo: T. & T. Clark, 1948.

VON RAD, GERHARD. *A Mensagem dos Profetas.* Londres: SCM Press, 1968.

Comentário sobre o texto

I. O primeiro protesto de Habacuque e a resposta de Yahweh (1: 1-11)

Habacuque viveu e profetizou durante os anos em declínio de Judá. Seu ministério deve ser datado durante o último quarto do século VII AC , ou certamente antes da queda de Jerusalém em 586 AC Jeremias, Naum, Sofonias e provavelmente Obadias também profetizaram durante este período difícil na história do Reino do Sul. Israel, o Reino do Norte, já havia caído em 722 AC para os assírios.

O povo escolhido acreditava nos dias da derrota de Senaquerib (Isaías 28) que eles continuariam a triunfar e Jerusalém nunca seria destruída. Mas o Reino do Sul havia chegado aos tempos do mal com o domínio dos babilônios. Habacuque, acreditando que o Senhor era um Deus de justiça e justiça, não poderia conceber que ele permaneça sua mão indefinidamente contra a óbvia iniqüidade associada à nação, seja nas mãos de seus companheiros dentro ou por inimigos de fora, como alguns acreditam. No entanto, o mal continuou inabalável e impune.

Por causa do atraso aparentemente injustificável de Yahweh em intervir, o profeta levantou a questão de por que o julgamento divino havia sido adiado. A questão constitui o seu primeiro protesto (1: 1-4). Em resposta à queixa de Habacuque, Javé declarou que seu propósito seria realizado através dos caldeus (1: 5-11) - uma revelação que só acrescentou à consternação do profeta.

1. O Título do Livro (1: 1)

> [1] ***O oráculo de Deus, que o profeta Habacuque viu.***

O título simplesmente afirma que a profecia é a mensagem que Habacuque recebeu através da revelação.

A mensagem que Habacuque recebeu é chamada de oráculo. O oráculo traduzido substantivo (enunciado, carga ou "elevação" em outras versões) é sinônimo de revelação. É derivado do significado do verbo hebreu para levantar. Conforme usado aqui, sugere o levantamento da voz para anunciar (Ná. 1: 1 , Jer 7:16) uma revelação que veio de Deus. A frase de Deus está faltando no texto Masoretic, mas pode ser adicionada por implicação como está no RSV. O oráculo que Habacuque viu foi de Deus.

2. O Profeta Primeiro Aflito (1: 2-4)

> [2] *O SENHOR , quanto tempo devo pedir ajuda,*
> *e você não vai ouvir?*
> *Ou chore para você "Violência!"*
> *e você não salvará?*
> [3] *Por que você me faz ver erros?*
> *e olhar para problemas?*
> *A destruição e a violência estão diante de mim;*
> *conflitos e disputa surgem.*
> [4] *Então, a lei está perdida*
> *e a justiça nunca acontece.*
> *Pois os ímpios cercam os justos,*
> *então a justiça continua pervertida.*

O livro de Habacuque abre com a queixa do profeta, que pode ter sido entregue durante o reinado primitivo de Jeoiaquim (608-605 AC). O Senhor não fez nada para punir a perversidade em Judá, se o problema for interno e aconteceu há tanto tempo. Habacuque considera tal tolerância do mal a ser inconsistente com sua própria compreensão da natureza de Yahweh e seu propósito para a nação. Ele grita para ele com consternação.

A declaração inicial da profecia toma a forma de uma pergunta. Habacuque pergunta: por quanto tempo eu preciso pedir ajuda? Ele havia chorado por ajuda no passado e continua a fazê-lo no presente. Javé é o Deus da aliança de Israel. Ele deve ouvir aqueles que o invocam e visitar em julgamento aqueles que se opõem a ele e seus

propósitos. No entanto, ele não fez nada em resposta aos apelos persistentes do profeta. Habacuque quer saber por quê. Parece que Yahweh não ouviu. Ou, se ele ouviu, ele não presta atenção. Essa aparente indiferença dá origem à última parte da pergunta, e você não vai ouvir?

A segunda questão no v. 2está intimamente relacionado com o primeiro. Dá o motivo específico da queixa: um grito de violência! O termo hebraico para violência denota errado e prejudicial, tanto físico como ético. Pertence às ações que resultam em violência - falsidade, idolatria, opressão, roubo e injustiça. Alguns acham que o ponto de referência é para o período grego, em vez do tempo anterior de Habacuque, mas sem provas substanciais, embora o idioma usado aqui seja semelhante ao usado no período de Hellenização. O tratamento mais natural parece exigir a data anterior. Seja como for, as perguntas persistem. Como os erros podem ser afetados na vida do povo da aliança? Como o Senhor não pode fazer nada sobre isso? O profeta está levando essas perguntas quando ele diz, e você não salvará? ou entregar?

Habacuque está na realidade buscando a resposta para uma profunda questão teológica. Cada geração está perplexa com o mesmo problema: se Deus realmente existe, por que ele permite a violência?

O profeta não consegue entender por que Deus o fez ver erros e olhar para problemas, ou, como alguns sugerem, por que ele (Deus) se permite ver o mal. A palavra hebraica traduzida erradas diz respeito ao problema provocado pela maldade.

O problema da palavra correspondente é derivado do termo hebraico que significa trabalhar ou trabalhar. Muitas vezes, é traduzido "queixa", e geralmente se relaciona com a tristeza, a miséria ou o trabalho de parto decorrentes da opressão e da injustiça dentro de uma sociedade.

O caos nessa sociedade se reflete na Destruição e violência em todos os lugares da terra. A palavra traduzida destruição, muitas vezes traduzida como "estragar", é o termo hebraico, que significa lidar violentamente, destruir, destruir ou arruinar. Ele denota uma condição decorrente do despojamento e devastação que tipificam uma sociedade sem lei. Em todo lugar, o profeta se volta para lá são atos de violência e destruição. Alguns sugeriram que o verso é descritivo da relação entre pessoas derrotadas e seus conquistadores, caso em que se referem ao sofrimento de Judá e / ou outros oprimidos pelos babilônios, ou mesmo pelos assírios, como alguns afirmam. Uma leitura mais natural é que atos violentos e destrutivos estão criando conflitos e discórdia entre os indivíduos - mesmo na mesma casa.

A palavra conflito, que também pode ser traduzida como "disputa", implica controvérsia. A contenção descreve a briga e animosidade produzida pela anarquia generalizada em Judá, ou se a referência é para um inimigo de fora - o que parece duvidoso - então essa opressão resultou em conflitos.

Um efeito da anarquia é que a lei está atrasada. As instruções de Yahweh (a lei) que regem as condições sociais, morais e religiosas da vida são reduzidas. A palavra representada por slacked significa ser fria ou entupida. A idéia aqui é que a lei perdeu sua eficácia porque já não é observada pela nação. Que a justiça nunca exista é a conseqüência. A principal referência pode ser a injustiça nas decisões judiciais, mas

essa falta de justiça, sem dúvida, impregnou todos os aspectos da vida: jurídicos, sociais, éticos, morais e religiosos.

Um segundo efeito desse estado de anarquia é que os ímpios cercam os justos. Os perversos (os que praticam a maldade) entram, englobam, cercam ou colocam armadilhas para os justos. Aqueles que viveriam de acordo com a lei são negados a justa recompensa da vida justa (reta). O resultado é que a justiça, que é a decisão certa ou ação, continua pervertida. Se a justiça é transformada no caminho errado, a justiça está perdida da vida.

Com perguntas pontuadas e uma abundância de evidências favoráveis, Habacuque faz seu primeiro protesto. O Senhor então responde ao protesto angustiado do profeta.

3. A primeira resposta de Yahweh (1: 5-11)

5 Olhe entre as nações e veja;
admira e seja surpreendido.
Pois estou fazendo um trabalho nos seus dias que você não acreditaria se dissesse.
6 Pois, estou despertando os caldeus,
aquela nação amarga e precipitada,
que atravessam a largura da terra,
para aproveitar habitações não próprias.
7 Pavor e terrível são eles;
Sua justiça e dignidade procedem de si mesmos.
8 Seus cavalos são mais rápidos do que os leopardos,
mais ferozes que os lobos da noite;
seus cavaleiros pressionam com orgulho.
Sim, seus cavaleiros vêm de longe;
Eles voam como uma águia rápida para devorar.
9 Todos eles vem pela violência;
O terror deles vai antes deles.
Eles reúnem prisioneiros como a areia.
10 Em reis eles zombam,
e de governantes eles fazem esporte
Eles riem de todas as fortalezas,
porque amontoam a terra e atam.
11 Então eles varrem como o vento e continuam,
Homens culpados, cujo próprio poder é seu deus!

Yahweh responde à consternação de Habacuque sobre as condições prevalecentes em Judá, voltando sua atenção para acontecimentos na cena internacional. Ele diz ao profeta: olhe entre as nações e veja; / maravilha e seja surpreendido.

Uma vez que os imperativos são plurais no Texto Massorético, as palavras do v. 5 parecem ser dirigidas ao profeta e à nação. Eles são chamados a concentrar sua atenção sobre as nações; O que eles vêem fará com que eles se perguntem e sejam surpreendidos. O hebraico lê "surpreender-se, ser surpreendido". O duplo imperativo dá uma ênfase incomum e sugere que aqueles que olham para a cena ficam estupefatos com o que vêem.

Yahweh não revela imediatamente a natureza do trabalho a ser executado nem o de fazer isso. As palavras traduzidas eu estou fazendo um trabalho representam a frase hebraica "um está trabalhando em um trabalho". O primeiro pronome pessoal não é usado. Aquele que faz o trabalho, bem como a natureza do trabalho, permanece sem especificação até o próximo verso. Isso é feito para efeito. As palavras parecem estar acumulando uma conclusão que as pessoas não acreditariam se contadas. O trabalho a ser realizado é tão incrível que eles não pensariam possível, mesmo que fossem informados. Um evento tão extraordinário deve ser visto como sendo acreditado.

Em v. 6, o Senhor revela como o trabalho será realizado. A referência é assumida (ver discussão no Int \.) Para ser o tempo que os caldeus começaram a representar uma ameaça à existência de Judá. Os caldeus, referidos aqui, eram os habitantes da Mesopotâmia que constituíam a última dinastia babilônica. Esta foi a dinastia, fundada por Nabopolassar, que conseguiu derrubar o segundo Império assírio. Em liga com os medos e sob a liderança de seu filho, Nabucodonosor, as forças de Nabopolassar capturaram a capital da Assíria (Nínive) em 612 AC e conseguiram esmagar a última oposição assíria em Carchemish em 605 AC

Após a batalha de Carchemish, Nabucodonosor perseguiu as forças sobreviventes do Egito, que estavam ligadas aos assírios, no território de Israel e Judá. Com essa ação, Nabucodonosor trouxe essa parte do mundo sob a influência e, para todos os efeitos práticos, sob o controle do Império Babilônico em rápido desenvolvimento. Isso significava que Judá agora estava sujeita aos caldeus. E foi sua falta de vontade viver nesta sujeição que finalmente levou o Reino do Sul ao fim em 586 AC

Habacuque viu nos eventos que levaram ao estabelecimento dos caldeus a obra de Deus, que resultaria no castigo do malvado Judá.

As condições descritas no v. 4 só podem resultar em julgamento - aqueles que se envolvem em injustiça devem ser punidos. Um inimigo de Judá será usado para infligir o castigo. Alguns manuscritos da Septuaginta tornam o significado ainda mais claro, acrescentando que estou despertando os caldeus com as palavras "contra você".

A expressão que estou despertando deixa claro que Yahweh é o autor daquilo que está por vir. É ele quem desperta os caldeus; eles são um instrumento nas mãos dele. No entanto, todos os intérpretes não concordam.

Os caldeus são uma nação amarga e precipitada. Ao caracterizar a disposição de uma pessoa ou pessoa, o amargo implica fúria ou veemência; apressado sugere uma violência impetuosa ou impulsiva de proporções chocantes. Os caldeus não consideram as conseqüências de suas ações, nem para si mesmos nem para os outros. Eles se envolvem em um empreendimento precipitado após o outro. Seu objetivo é conquistar todas as nações e dominar os habitantes e seus bens.

Os versículos 7 a 8 se ampliam sobre os caminhos amargos e impetuosos dos caldeus. Eles são um povo que provoca medo e medo por causa de sua natureza veemente e violenta. Que sua justiça e dignidade procedem de si mesmos é uma indicação de sua natureza insensível. Os caldeus não procuram nem consideram os padrões de Javé. Eles, e eles apenas, decidem o que é justo e certo. Essas pessoas imperiosas assumem então uma dignidade ou uma eminência sobre os outros com uma altivez tanto impensável quanto intolerável. Sua opinião exaltada de si mesmos e sua atitude presunçosa em relação aos direitos dos outros só podem ser igualadas por suas terríveis e terríveis ações.

Seus cavalos são mais rápidos do que os leopardos. Como a velocidade e a capacidade do leopardo de capturar suas presas são proverbiais, a possibilidade de que Judá possa escapar da investida dos caldeus reduzisse-se ainda mais. Os cavalos são mais representados como sendo mais ferozes do que os lobos da noite. O lobo se esconde durante o dia, e seus ataques são mais ferozes no escuro da noite. Aqueles vitimados pelos caldeus não podem sequer antecipar o resto de refeições à noite. O inimigo é implacável e implacável.

Os seus cavaleiros pressionam com orgulho; Eles galopam ou se arrastam de uma maneira altiva e orgulhosa. Os caldeus viajam de longe para se vingar de suas vítimas. Eles pululam sobre uma nação à medida que a águia swoops sobre sua presa com objetivo mortal e velocidade.

A última parte do v. 8 apresenta um desafio para os comentadores. Há três razões para este problema: (1) a recorrência do termo cavaleiros após a sua aparição na cláusula final da frase anterior; (2) a omissão dos cavaleiros na Septuaginta; (3) a interrupção do paralelismo. Alguns afirmam que o uso anterior desta palavra é um brilho marginal. Ainda outros oferecem uma revisão drástica da passagem. Mesmo assim, o significado é inteligível se a última cláusula permanecer. Como o Masoretic Text não oferece nenhum problema no fato de que o paralelismo nem sempre segue um padrão fixo, o verso deve ser deixado como ele lê no RSV.

A caracterização dos caldeus continua na v. 9 . Eles se alimentam de seus inimigos sem motivação além do desejo de cometer violência contra um ser humano. Eles se deleitam com a violência. É o trabalho de suas vidas. Nele, eles acham sua maior satisfação.

A segunda cláusula do v. 9 , mal traduzida no RSV, é freqüentemente expressa: "seus rostos são ansiosamente virados para a frente". Uma aproximação do texto hebraico é "seus rostos devem engolir como o vento leste", o que indica a grande velocidade de a conquista do inimigo. Assim que a conquista ocorre rapidamente, os caldeus parecem empurrar as pessoas ou engoli-las do mesmo modo que o vento do leste destrói tudo antes do seu calor abrasador. O falante declara: Eles reúnem prisioneiros como areia. Os seus cativos são muito numerosos para contar (ver Gênesis 22:17). Os governantes de seus potenciais cativos são objetos de escárnio para os caldeus (v. 10). Eles zombam deles e tratam com desprezo. Quando os invasores se aproximam de uma fortaleza, eles brincam com a facilidade com que a capturam. Eles amontoam a terra contra as muralhas da cidade para proporcionar uma inclinação para dimensioná-los, tornando a conquista da cidade um assunto relativamente simples. Devido ao sucesso dessas táticas, eles se sentem como combatentes superiores; e, nesta base, manifestam uma atitude arrogante em relação aos outros.

O verso 11 dá uma imagem vívida dos exércitos caldanos avançando. Com a facilidade do vento, suas forças superiores varrem as fortalezas e as cidades e passam para outras fortalezas, sempre antecipando seu colapso inicial. Aqueles que se engajam em tanta vontade se tornam homens culpados. Eles, mas aumentam a sua culpa pela sua atitude implacável em relação àqueles que procuram se defender e suas posses.

Esses caldeus - esses despojadores, esses opressores arrogantes - detêm suas próprias forças. Intoxicados pelas vitórias, elevam o poder ao mais alto lugar da exaltação e tornam o objeto de sua adoração e louvor.

Yahweh responde assim ao primeiro protesto de habacuque. Neste momento, ele está fazendo um trabalho que não seria acreditado pelo profeta - ele está despertando os caldeus. Eles são pessoas cruéis e orgulhosas que não olham para o Senhor, mas que deifiquem apenas o poder e a conquista. No entanto, eles são o seu instrumento para julgar os ímpios.

II. Segundo protesto de habacuque e resposta de Yahweh (1: 12-2: 5)

Como sugerido acima, muitos desafiaram a interpretação de 1: 6 como uma referência aos caldeus. Alguns afirmam que as descrições que se seguem à referência correspondem mais adequadamente aos assírios, que estavam envolvidos no estabelecimento e construção de um império, enquanto os caldeus simplesmente assumiram o controle dos assírios. Mesmo assim, a descrição parece ser igualmente apropriada para os caldeus. Especialmente é assim, no caso das referências à velocidade com que conquistaram o território. Isso teria sido mais aplicável à aparente velocidade e ao sucesso dos caldeus do que os assírios.

Outros alegaram que a referência, geralmente aceita como sendo para os caldeus, era na verdade para os gregos. Isto é baseado nos grandes sucessos de Alexandre, o Grande. Em tal interpretação, o termo "caldeus" é traduzido *chittim* e considerado um termo para os macedônios, e a frase "os gregos" deve ser substituída pelo vinho em 2: 5 . Essas sugestões devem ser seriamente desafiadas, no entanto, com base em qualquer reivindicação de unidade no livro.

Se o livro é uma unidade, e a evidência certamente permite tal, então a interpretação dos caldeus de 1: 6 é solidamente baseada. O uso dos caldeus por parte de Javé como instrumento de julgamento sobre Judá cria novos problemas éticos e teológicos para Habacuque. Ele agora quer saber por que

O Senhor usaria essa nação pagã para castigar o povo da aliança.

1. O segundo protesto de habacuque (1: 12-2: 1)

> *12 Não és da eternidade,*
> *Ó SENHOR meu Deus, meu Santo?*
> *Não devemos morrer.*
> *Ó SENHOR , ordenou-os como um juízo;*
> *e você, O Rock, os estabeleceu para o castigo.*

13 Tu, que é de olhos mais puros do que ver o mal
e não pode parecer errado,
Por que você olha para homens infiéis,
e fica em silêncio quando o perverso engole
o homem mais justo do que ele?
14 Porque fazes homens como os peixes do mar,
como arrastar coisas que não têm uma régua.
15 Ele traz todos eles com um gancho,
ele os arrastou com sua rede,
Ele os reúne em sua seine;
então ele se alegra e exulta.
16 Portanto, ele sacrifica a sua rede
e queima incenso para o seu cerco;
pois por eles vive em luxo,
e sua comida é rica.
17 Ele então deve continuar esvaziando sua rede,
e implacavelmente matando nações para sempre?
1 Vou assumir a minha posição para assistir,
e me posto na torre,
e olhe para ver o que ele vai me dizer,
e o que vou responder sobre a minha queixa.

O problema que agora enfrenta o profeta é igual ou talvez maior que o que expressou em seu clamor inicial. É evidente que a resposta de Deus ao seu primeiro dilema confundiu Habacuque. Mais uma vez, ele começa seu questionamento.

Embora a questão no v. 12 possa parecer uma dúvida, é realmente uma questão de confiança. Isso reflete tanto a garantia como a súplica. O profeta está voltando o problema em sua mente, mas no seu ser mais íntimo, ele não tem dúvidas sobre a verdadeira natureza de Deus. Ao fazer essa pergunta retórica, ele revela sua esperança e crença. Há apenas uma resposta para a pergunta e Habacuque sabe essa resposta. Sim, o Senhor é eterno! (Deuteronômio 33:27 , Salmo 90: 2 , Isaías 40:28).

A resposta implícita na questão *é* a base para a esperança adicional expressada pelo profeta: não devemos morrer. A sensação do Texto Masorético parece ser assim, dado que o Senhor sempre foi e sempre será, ele de alguma forma poupará a Judá da destruição total.

As duas últimas cláusulas da v. 12 , meia esperança e meia súplica, implicam que, por causa da natureza de Javé, os caldeus são ordenados apenas para o castigo. Eles não devem acabar com a nação ou o propósito de Deus para isso. Mas, o conhecimento de que os caldeus foram escolhidos para disciplinar Judah levanta outro problema para Habacuque e faz sua próxima pergunta.

A preocupação do profeta agora é por que uma nação tão perversa seria enviada por Yahweh contra seu próprio povo. Habacuque sempre acreditou que seu Deus é muito puro e sagrado para olhar o mal ou o mal (v. 13). Como a natureza de Javé é tal que ele não pode suportar o mal em qualquer forma, seu uso dos caldeus para punir Judá parece ser uma contradição de seu caráter essencial. Habacuque não pode encontrar nenhuma justificativa para o curso de ação de Yahweh. Os caldeus são homens infiéis, trabalhadores da maldade. Como a sua existência contínua pode ser permitida por Deus, em cuja presença o mal não pode habitar (Salmos 5: 4-5)?

A importação total da pergunta do profeta não é esclarecida pelo uso do olhar de palavras em inglês. O termo hebraico assim traduzido significa considerar favoravelmente, e não apenas observar. Se esses trabalhadores da perversidade não são considerados em uma luz favorável por parte do Senhor, por que ele não os faz perecer? Habacuque não entende por que o Senhor permanecerá em silêncio (claro, sem palavras) e permitir que os justos (Judá) sejam vítimas dos ímpios (os caldeus parecem estar em mente, mas alguns, como já mencionado, sugerem aos assírios, gregos, etc.). A raiz do problema é esta: ele não nega que sua nação é perversa. O problema é que a maldade de Judá parece pálida em insignificância quando comparada com a desumanidade e o desprezo manifesto dos outros.

Habacuque procura uma explicação mais satisfatória sobre o uso dos pagãos pelo SENHOR para punir o próprio povo. Seu raciocínio é indicado pela frase que você faz (Deus causou) no v. 14 . O Senhor governa os caldeus, assim como ele governa todas as nações. Como ele é governante de todos, ele é responsável pelas ações de todos. Portanto, ele é responsável pelas ações dos caldeus. Para que Judá seja esmagado completamente, em vez de simplesmente castigado, Deus deve colocar algum limite sobre a crueldade e opressão da nação através de quem ele está trabalhando.

A imagem do profeta sobre o caos que será deixada na sequência dos exércitos invasores é composta por vv. 14-17 . O estado ao qual os homens são reduzidos é o das formas mais baixas da criação. Sua condição é comparável à dos peixes que se desviam sem rumo no mar, golpeados pelas marés. Sem uma regra para guiá-los ou protegê-los, os peixes são indefesos diante do perigo. Judá é tão impotente diante de seus conquistadores.

No v. 15 , o inimigo é representado como pescador. À medida que o pescador se reúne nas suas capturas, também se juntam nas nações. As ferramentas usuais da indústria da pesca - o gancho, a rede e as redes - **são** listadas como símbolos das armas de guerra. Assim como o pescador se alegra quando suas redes estão cheias, o conquistador se alegra e exulta depois de destruir nações e arrastar homens sob seu poder.

Após o sucesso das nações capturadas, o inimigo sacrifica-se à sua rede e queima incenso em sua seine. A rede e a rede, simbólica das armas militares na v. 15 , tornam-se objetos a serem adorados e deuses adorados. Os instrumentos de guerra deram-lhes o que eles mais desejam: poder, autoridade e riqueza. Através do uso do poder militar, eles podem viver em luxo. Sua comida é rica. Ele consome apenas os itens melhores e mais escolhidos.

Porque ele entende a natureza de Yahweh e, como ele também está ciente do caráter do conquistador, Habacuque tem uma última pergunta: Ele deve continuar esvaziando suas

nações e / ou implacavelmente matando nações para sempre? Ainda usando a figura do pescador, o profeta pergunta se não deve haver fim para a conquista implacável e o abate do inimigo.

O versículo final do capítulo 1, obviamente, reflete o desespero do profeta. Ao mesmo tempo, as palavras transmitem uma súplica não dita a Yahweh; eles sugerem que Habacuque acredita que há uma explicação adequada. Por causa dessa confiança, ele se prepara para aguardar essa explicação.

Como um vigia espiando de sua torre de vigia, Habacuque aguarda a resposta de Yahweh (2: 1). Ele olha para ver o que ele vai dizer. . . / e o que vou responder sobre a minha queixa. Ele espera a resposta de Deus para saber o que ele irá responder. A referência é para a explicação que Habacuque dará, tanto para si mesmo como para outros que estão preocupados com a boa interpretação dos eventos.

2. Resposta final de Yahweh (2: 2-5)

2 E o Senhor me respondeu:
"Escreva a visão;
deixa claro sobre comprimidos,
então ele pode correr quem lê isso
3 Pois ainda a visão aguarda seu tempo;
Atinge o fim - não vai mentir.
Se parecer lento, espere por isso;
Certamente virá, não vai demorar.
4 Eis que ele, cuja alma não é reta nele, falha,
Mas os justos viverão pela fé.
5 Além disso, o vinho é traiçoeiro;
O homem arrogante não deve permanecer.
Sua ganância é tão ampla como o Seol ;,
Como a morte, ele nunca teve o suficiente.
Ele reúne para si todas as nações,
e coleta como seus próprios todos os povos ".

Pouco depois de tomar essa posição, o profeta começa a receber instruções de Yahweh, cuja resposta está na forma de uma visão. Isso é derivado do termo hebraico com o significado da raiz para ver ou contemplar. A expressão pertence à capacidade de perceber ou compreender (através do poder habilitador de Yahweh) o que está normalmente além da compreensão humana. A resposta de Yahweh vem como uma visão interior, uma revelação, uma resposta às questões que têm preocupado Habacuque.

Como a visão é tanto para a nação como para o profeta, ele é instruído a escrever a visão. . . em comprimidos. Sem dúvida, estes eram comprimidos de argila que estavam inscritos na mensagem e depois cozidos ou secos para que a escrita pudesse ser

permanente. É difícil determinar o significado do artigo definido no texto hebraico, que lê "os comprimidos". Essa construção pode indicar que os comprimidos especiais sejam usados apenas para esta ocasião ou não pode ser apenas uma referência à prática comum de inscrever anúncios públicos (Isa. 8: 1).

A inscrição nos comprimidos deve ser simplificada. A escrita é ser legível, com letras bem definidas e grandes o suficiente para serem lidas de relance. Então, de forma clara e clara, é a mensagem a ser escrita que até mesmo uma pressa não teria dificuldade em lê-la.

O versículo 3 explica por que a mensagem deve ser escrita e por que ela deve ser escrita de forma clara. A visão aguarda seu tempo (lit., ainda está por um tempo marcado). Embora pareça haver um longo atraso antes da percepção da visão, ele apressa-se (aceso, calça) até o fim. A realização ocorrerá em algum momento futuro já fixado por Yahweh.

A visão, ou a revelação, acontecerão; não mentirá. Não há engano, nem falsidade. Portanto, não deve haver dúvida, sem incerteza. Se parecer lento, espere por isso; / certamente virá, não vai demorar. Tudo acontecerá no horário previsto. O que o futuro espera não estará por trás do tempo marcado.

O versículo 4 *é* a resposta final a todas as perguntas do profeta. Aqui está o coração da revelação de Yahweh, a explicação de todas essas inconsistências aparentes que se mostraram tão vexantes para Habacuque.

A mensagem nos comprimidos revela a verdadeira natureza dos caldeus. A primeira parte do verso, em sua tradução literal, descreve os caldeus como "realmente inchados". . . não é reta (dentro) de sua alma. "O mal aqui caracterizado é o orgulho, a arrogância e a presunção. Um personagem assim descrito é a antítese de um que é vertical.

Implicitamente, a última parte do verso é também um contraste entre o “inchado” e po **e** vertical: ... Mas os justos viverão pela fé. O estado espiritual dos caldeus resultará na morte. Por outro lado, os justos viverão.

Traduzido literalmente, a segunda cláusula do versículo 4 diz: "Mas os justos em sua fidelidade viverão". Os justos não são apenas de Judá, são todos os justos que sofrem opressão. A fidelidade em que vivem se refere aos seus firmeza, firmeza e fidelidade. Através da firmeza e fidelidade à vontade revelada de Javé, os justos viverão.

O termo "fidelidade", conferiu fé no RSV, não transmite o significado preciso da palavra fé do Novo Testamento. Como usado no Antigo Testamento, a fé é a qualidade de vida que chamaria fidelidade, tem o mesmo significado que justiça. Aqueles que são fiéis à vontade revelada de Javé são os justos, os fiéis - suas vidas são caracterizadas pela "fidelidade".

O termo hebraico para "acreditar" é derivado da palavra raiz que significa fidelidade. Não existe uma palavra hebraica que contenha o pleno senso de fé como usado no Novo Testamento. Em Gálatas 3:11 , quando Paulo cita esta passagem de Habacuque, o A "fé" traduzida pelo termo envolve mais do que o conceito de conduta justa ou de uma

vida que é fiel à vontade de Javé. A expressão do Novo Testamento traz o significado espiritual mais profundo de uma crença interna ativa em Deus. Com a idéia implícita de conduta justa , há o pensamento adicional de colocar a confiança ou ter fé em Deus. O conceito do Antigo Testamento de firmeza e fidelidade - embora não seja o equivalente preciso - é uma aproximação próxima desse estado espiritual designado "fé" no Novo Testamento.

A natureza do inimigo arrogante é mostrada na v. 4 , contrastando-os com os justos, o povo de Deus. O versículo 5 , que é difícil de traduzir, continua a caracterizar o inimigo.

A primeira linha na v. 5 (lit., o vinho é um negociante traidor) pode referir-se à embriaguez dos opressores. Neste caso, a alusão seria aos efeitos da bebida.

O vinho contribui para quebrar o seu caráter e habilidade; não os aprimora. Então, novamente, a frase poderia ser uma descrição do inimigo na figura de um bêbado. Se assim for, seria uma comparação da dependência do bêbado com o vinho e o vício da conquista dos caldeus. O bêbado nunca pode beber vinho suficiente, o desejo de beber dele é inextinguível. Os caldeus nunca podem conquistar a terra suficiente, o desejo de poder e posses é inacessível.

Sua ganância é tão larga como o Seol; / como a morte ele nunca teve o suficiente. Tanto a morte como o Seol (a morada dos mortos) são personificados. Eles nunca serão satisfeitos até que todos os homens tenham sido presos por eles. Assim é com os caldeus. Eles nunca serão contentes até que todos os indivíduos e todas as nações sejam sujeitos ao seu controle.

Parece que as conquistas dos caldeus são atribuíveis aos traços mencionados na v. 5 - sua embriaguez e seu apetite insaciável pelo controle dos outros e suas posses. Os conquistadores reuniram todas as nações e colecionavam todos os povos.

Seja qual for a causa de sua agressividade, os conquistadores estão exibindo uma arrogância que coloca seu futuro sob uma nuvem porque o homem arrogante não deve permanecer. Embora não haja acordo geral entre os estudiosos, esta declaração pode significar que os caldeus estão continuamente envolvidos na conquista fora de sua terra natal; eles não permanecem em casa.

É mais provável que a referência seja ao caráter dos caldeus. Por causa de sua atitude arrogante e olhos maldosos, eles não devem permanecer. Esta interpretação seria de acordo com o v. 4 , que afirma que o "inchado" falhará enquanto os justos viverem. Aqueles que possuem os atributos dos caldeus não têm futuro, mas o futuro é assegurado aos justos.

III. The Song of Woes (2: 6-20)

Seguir a resposta final de Yahweh a Habacuque é a provocação dos oprimidos. Aqueles esmagados sob a tirania dos caldeus tomam uma canção de aflições contra o inimigo, que ele mesmo está prestes a ser destruído.

1. Introdução à Canção (2: 6a)

6 ***Nem todos estes tomam sua provocação contra ele, com burla de burla dele e dizem:***

O versículo 6a serve como uma introdução a toda a seção, vv. 6-20 . A frase de tudo isso não é apenas uma referência a Judá. Como "os justos" em 2: 4 , este termo inclui todas as nações que experimentam todo o peso da opressão, seja qual for o opressor, e, como afirmamos acima, a evidência parece favorecer os caldeus.

Os problemas começam com v. 6b . Cinco em número, são pronunciadas por causa de:

(1) agressão (vv. 6b-8); (2) exploração e extorsão (vv 9-11); (3) crueldade e violência (v. 12-14); (4) desumanidade para o homem (v. 15-17); (5) idolatria (vv. 18-20). Todos são expressos com burla de burla dele. O opressor é aludido coletivamente como ele, no sentido de "aquele que comete as atrocidades".

A provocação é um provérbio, parábola ou enigma que é expresso em forma poética. Às vezes, era cantada; outras vezes, foi recitado ou falado. As palavras são as do profeta, que atua como porta-voz de todos os que sofreram nas mãos do opressor.

2. Ai de Agressão (2: 6b-8)

"Ai daquele que agarra o que não é dele próprio -
por quanto tempo?-
e se carrega com promessas! "
7 *Os seus devedores não surgirão de repente,*
e aqueles acordados que vão te fazer tremer?
Então você será um saque para eles.
8 *Porque você saqueou muitas nações,*
todo o resto dos povos te saqueará,
pelo sangue dos homens e pela violência na terra,
para as cidades e para todos os que habitam nelas.

O versículo 6b , a primeira parte da aflição inicial, condena a avareza dos agressores. Uma ganância insaciável por território e riqueza levou os opressores à conquista e ao saque. O arruamento da propriedade de suas vítimas é comparado à tomada de promessas. Quando a demanda por impostos de um senhor não podia ser cumprida, objetos de valor foram retirados de seus assuntos como promessas, ou garantias, de que a dívida seria paga.

O termo hebraico ambíguo aqui traduzido promessas é renderizado "argila grossa" na KJV. Neste contexto, no entanto, as promessas são a leitura mais lógica. A leitura alternativa, e menos plausível, surge de tomar o termo original como um composto e dividi-lo em duas palavras: "grossa" e "lama".

Entre as duas cláusulas do paralelismo é a questão, quanto tempo? Quanto tempo Yahweh permitirá que essa depredação continue? O próprio fato de Habacuque fazer a pergunta indica uma garantia, ou pelo menos uma esperança, de que acabará algum dia.

O versículo 7 afirma que os conquistados não permanecerão sempre em submissão. Eventualmente, os devedores surgirão de repente; Eles se revoltarão contra os opressores. A tradução literal do hebraico é "eles se levantarão com súbita e mordida". O verbo traduzido como "mordida" geralmente se refere à picada de uma serpente, mas esta mesma palavra é encontrada em Deuteronômio 23:20 com o significado de "exprimir Usura ". O uso do termo parece ser legítimo.

Os termos incomuns foram freqüentemente usados em uma provocação para aumentar o efeito. As palavras com dois significados foram escolhidas deliberadamente para tornar os pronunciamentos ainda mais mordazes. A primeira linha do v. 7parece ser um exemplo dessa ambiguidade intencional. O significado, então, é que as nações que pagaram tributo ao opressor devolverão o devido tributo.

Estas condições alteradas não o fazem tremer (aceso, agite violentamente)? A imagem é de um forte vento sacudindo uma árvore e dobrando-a quase no chão. O inimigo será violentamente abalado e feito tremer. Suas posses cairão nas mãos daqueles que agora estão oprimidos. Os conquistadores se tornam um saque para as suas ex-vítimas.

As razões para a reversão das circunstâncias são dadas na v. 8 . O primeiro é que o agressor saqueou muitas nações. Eles colherão o que semearam; o resto dos povos os saqueará. Existem várias interpretações da expressão o remanescente. A explicação mais natural é que o termo alude a aqueles que sobreviverão à ofensiva de seus opressores. Os sobreviventes se unirão e se tornarão o núcleo de uma formidável força contra o inimigo.

Uma segunda razão para a aflição que vem é que eles devem compensar o seu abate e destruição desonesto. Cidades com todos os seus habitantes foram destruídas; Toda a terra sofreu em suas mãos. Os despoilers serão feitos para experimentar o mesmo sofrimento que trouxeram para os outros. Quando chegar a hora de contar, eles verão novamente a morte e a destruição se espalharem pela terra. Mas não será mais o opressor que derruba sobre o inimigo à medida que a águia sai sobre sua presa (ver 1: 8); eles se tornarão a presa. Os destruidores serão destruídos.

3. Ai dos Exploitadores e Extorsores (2: 9-11)

> *9 Ai daquele que ganha maldade para sua casa,*
> *para colocar seu ninho no alto,*
> *para estar a salvo do alcance de danos!*
> *10 Você criou vergonha para sua casa*
> *cortando muitos povos;*
> *você perdeu sua vida.*
> *11 Porque a pedra clamará da parede,*
> *e o feixe da madeira responde.*

O segundo sofrimento é sobre ele que beneficia da exploração e da extorsão (v. 9-11). A riqueza obtida através da violência e da injustiça é um ganho maligno porque os métodos de aquisição são maus. Os opressores construíram seu império, sua casa, por exploração de povos conquistados e extorsão de seus bens. Eles pretendem manter uma economia próspera por esses mesmos meios.

A águia constrói seu ninho em cima de uma borda rochosa, fora do alcance de todo perigo. O inimigo orgulhoso assume que seu império permanecerá tão seguro quanto a águia, a salvo do alcance de danos. Atrás de uma parede protetora de riquezas roubadas e poder auto-assumido, eles sentem que a infortúnio será incapaz de alcançá-los.

Os opressores fizeram todos os esforços para garantir sua segurança. Mas eles não são seguros. Por conquista e destruição - cortando muitos povos - eles perderam suas próprias vidas. As próprias ações tomadas em nome da segurança as colocaram em grave perigo. No final, a vida do agressor será exigida dele. Não haverá motivos para um pedido de inocência e nenhuma avenida de fuga.

As práticas malignas dos conquistadores não passarão despercebidas nem incontestáveis porque a pedra vai gritar da parede, e o feixe da madeira responde. Os materiais com os quais seus edifícios foram construídos foram retirados de nações vencidas. Consequentemente, mesmo as pedras e madeiras desses edifícios testemunharão a violência dos majestosos.

Eles irão gritar em protesto contra as injustiças perpetradas. Não é sugerido que os materiais reais irão gritar. O simples fato de terem sido incorporados em seus edifícios era evidência suficiente. Seu testemunho mudo é o protesto mais alto contra os opressores.

4. Ai dos Crueles e Violentos (2: 12-14)

> *12 Ai daquele que constrói uma cidade com sangue,*
> *e fundou uma cidade em iniqüidade!*
> *13 Eis que não é do Senhor dos Exércitos*
> *que os povos trabalham apenas para o fogo,*
> *e as nações se cansaram por noughtP*
> *14 Para a terra será preenchida*
> *com o conhecimento da glória do SENHOR ,*
> *como as águas cobrem o mar.*

O terceiro ai é uma declaração de julgamento sobre a crueldade e a violência dos opressores. O julgamento virá sobre aqueles que construem suas cidades e cidades pela conquista e derramamento de sangue. Embora não seja declarado por Habacuque, há poucas dúvidas de que os conquistadores fizeram uso do trabalho escravo para construir e manter suas cidades.

Os opressores confiam na conquista como meio de obter escravos, materiais para construção e os recursos para comprar materiais que não podem confiscar. Uma vez que a derrubada de um país implica muito abate e derramamento de sangue, a afirmação

em v. 12 de que o conquistador constrói uma cidade com sangue é tão factual quanto metafórica.

A expressão trabalho. . . para o fogo no v. 13 significa em hebraico "para o que basta para fixar". O termo fogo aparentemente faz referência à devastação deixada na sequência da guerra (ver Amós 1: 4 , 7 , 10) e indica destruição total. As grandes cidades e os imponentes edifícios dos opressores serão reduzidos a cinzas. O Senhor dos Exércitos os deixará em nada; Ele os destruirá. Tudo o que os opressores construíram, eles se basearam em crueldade, violência e derramamento de sangue. Portanto, tudo o que fizeram, eles fizeram em vão. Deus não permitirá que o mal continue indefinidamente.

A justiça do Senhor dos Exércitos é insuficiente para julgar os conquistadores brutais e despóticos. Mas o julgamento é apenas o aspecto negativo da sua justiça. Há também o aspecto positivo, resultado do trabalho de Yahweh no v. 14 .

No versículo 14, Habacuque profetiza a inauguração do reino universal do Senhor sobre a terra. A vinda deste reino será precedida da destruição dessas nações com a culpa dos caldeus, dos assírios, etc. Então, não haverá mais violência e crueldade no mundo. Em vez disso, haverá um reino de largura e profundidade universal, como as águas cobrem o mar, em que o Senhor será reconhecido como soberano (Isaías 11: 9).

Os homens viverão no conhecimento da glória do Senhor. Já não se envolverão nas práticas malignas dos conquistadores. Todos terão conhecimento do poder de Deus e conduzirão suas vidas de acordo com esse conhecimento. Eles reconhecerão seu poder como se manifesta no mundo da natureza, no decorrer da história e na realização de seu propósito. Quando eles reconhecem o Senhor como soberano, os homens habitarão em um mundo livre da falta e do medo (Isaías 2: 3).

5. Ai daqueles culpados da Inhumanidade ao Homem (2: 15-17)

> *15 Ai daquele que faz beber os seus vizinhos*
> *do copo de sua ira, e os faz bêbados,*
> *para contemplar a sua vergonha!*
> *16 Vocês serão saciados com desprezo em vez de glória.*
> *Beba, você mesmo e cambaleie!*
> *O copo na mão direita do SENHOR*
> *virá para você,*
> *e a vergonha virá sobre a sua glória!*
> *17 A violência feita ao Líbano irá dominar você;*
> *a destruição dos animais te aterrará,*
> *pelo sangue dos homens e pela violência na terra,*
> *para as cidades e para todos os que habitam nelas.*

Através do uso da metáfora, o profeta pronuncia julgamento sobre os conquistadores por sua desumanidade ao homem. O opressor faz beber os vizinhos do copo de sua

ira. Esta é uma figura de discurso tirada das experiências comuns da vida. Os perversos e poderosos tornam as mais fracas as vítimas de sua ira e fúria. As vítimas são forçadas a beber o copo de ira e são bebidas. Eles são afetados pelo conteúdo do copo.

O bêbado, afetado pelo intoxicante que ele consumiu, cambaleia. Ele é feito para conduzir-se de uma maneira que traz vergonha e desonra sobre ele, e sua condição o torna impotente para corrigir a situação. As nações vencidas são afetadas pela taça amarga que o opressor obriga a beber. Eles primeiro rodam sob a força direcionada para eles; então eles caem. Como o bêbado, eles são envergonhados e desonrados; e eles são impotentes para mudar sua condição. Os conquistadores observam sua vergonha. Eles têm grande prazer em olhar para o estado humilhante e empobrecido de suas vítimas.

Primeiro, estarão saciados de desprezo em vez de glória. Os tiranos serão cheios de vergonha em vez de glória. As ações sem coração que eles cometem, em vez de trazer honra a sua nação, trarão apenas vergonha e degradação.

A segunda conseqüência da brutalidade dos opressores é que a taça de onde eles fizeram beber será colocada diante deles, e eles serão feitos para beber dela. Este copo de ira não será imposto sobre eles pela mão do homem. Está na mão direita de Javé e será dada a eles por Yahweh. É o cálice da retribuição divina (Isaías 51:17 , 22 , Lam. 4:21).

No tempo designado, Yahweh ordenará a esses conquistadores arrogantes: Beber, você mesmo, e cambalear! Em hebraico, o comando diz: "Bebe também e seja como um incircunciso". A referência a ser incircunciso é uma expressão que transmite a idéia de que eles se provem incircuncisos. Os mestres opressivos esperam ganhar homenagem por suas ações. Na realidade, eles estão trazendo sobre si mesmos uma maior vergonha do que jamais trouxeram sobre os outros.

O versículo 17 revela uma terceira consequência do desprezo implacável dos inimigos dos direitos dos outros. A violência que eles fizeram ao Líbano vai sobrecarregá-los. O Líbano foi uma das principais fontes de cedro, uma madeira muito valorizada como material de construção. Davi e Salomão obtiveram cedro de Hiram de Tiro (2 Sam. 5:11 ; 1 Reis 5: 1-11). As inscrições indicam que os reis assírios também fizeram uso dos cedros do Líbano para fins de construção.

A natureza específica do crime dos opressores não é declarada, mas eles serão punidos por sua parte nos estragos causados no Líbano. Como os homens do mal utilizavam a madeira de cedro na construção dos templos pagãos, suas ações poderiam ter sido consideradas um sacrilégio pelo povo de Javé (Isaías 14: 8). Além disso, os caldeus e outros, aparentemente, não se preocuparam com a condição em que deixaram uma terra depois de terem terminado a pilhagem.

A violência feita ao Líbano é de grande alcance em seus efeitos, pois os invasores fizeram mais do que simplesmente tornar as terras florestais improdutivas. Eles causaram a destruição das bestas. Eles foram responsáveis por derramar o sangue dos homens, eles cometeu violência à terra, às cidades e a todos os que nele habitam. Usando a depredação no Líbano como mais um exemplo da violência dos inimigos, Habacuque pede retribuição. Retribuição pelo assassinato de homens! Retribuição pela destruição de animais! Retribuição para a demolição de

cidades! Retribuição pela desolação da terra! No final, os dispensadores da ira também serão necessários para beber o cálice na mão direita do Senhor,

6. Ai do Idolator (2: 18-20)

18 Qual lucro é um ídolo
Quando o fabricante o moldou,
uma imagem de metal, uma professora de mentiras?
Para o trabalhador confia em sua própria criação
quando ele faz ídolos idiotas!
19 Ai daquele que diz a uma coisa de madeira, acordado;
Para uma pedra burra, Levante-se!
Isso pode revelar?
Eis que está coberto de ouro e prata,
e não há nenhuma respiração nele
20 Mas o Senhor está no seu templo sagrado;
Deixe que toda a terra fique em silêncio antes dele.

O quinto e último sofrimento é pronunciado sobre a idolatria do inimigo. Habacuque aborda o assunto da idolatria perguntando: Qual lucro é um ídolo / quando seu criador o moldou, / uma imagem de metal, um professor de mentiras? Não é lucro - a resposta está implícita na própria pergunta retórica. Que os ídolos são inúteis é um fato bem atestado no Antigo Testamento (ver 1 Sam. 12:21 ; Amós 2: 4 , Isaías 14:10).

O primeiro motivo para condenar os ídolos é que eles são instrumentos de mentira ou decepção. A frase traduzida como professora de mentiras representa a expressão hebraica, "a pessoa que ensina engano". O homem pode fazer um ídolo formando uma figura de metal, pedra ou madeira. E o homem pode fazer dele um deus falso ao atribuir a poderes divinos. Mas o homem não pode fazer uma imagem esculpida para ver, ouvir ou falar. Como, então, um ídolo pode responder às súplicas ou necessidades humanas? Não pode! É apenas um professor de mentiras ou decepções.

Um segundo motivo para a condenação dos ídolos é que o homem confia em sua própria criação, o homem deve colocar sua confiança em Deus, em cuja imagem ele foi criado. Os ídolos fazem com que ele desviar sua fé porque ele confia em uma imagem que ele próprio criou.

A terceira razão para condenar a idolatria é que os opressores criaram para si mesmos idólogos idiotas (idênticos, idólatras sem valor, cf. Isaías 46: 5-7). Os ídolos não têm valor ou lucro. A sua criação é uma perda de tempo. A fé que os homens colocam neles é tão sem sentido quanto os objetos que a geram.

O profeta proclama: Ai daquele que diz a uma coisa de madeira, acordado; / a uma pedra burra, Levante-se! Este pronunciamento no v. 19 é direcionado para aqueles que professam servir e adorar esses ídolos idiotas. As imagens de madeira são chamadas a

Despertar. O próprio fato de que é necessário despertá-los de dormir ou inatividade desmente sua capacidade de ajudar. Que contraste com o Deus de Israel!

Que uma pedra idiota devesse ser chamada a surgir aponta a inutilidade de esperar qualquer ajuda de uma imagem esculpida. Não pode prestar atenção nem responder a um grito (cf. Salmos 35:23 ; 44:23). É só uma pedra idiota.

Reconhecendo a verdadeira natureza dos falsos deuses e a desesperança da idolatria, Habacuque pergunta: isso pode revelar? Um ídolo pode dar instrução ou direção quando é chamado? Não! é, naturalmente, a resposta.

Um ídolo não é um ser vivo (ver Jeremias 10: 4, 5 , Isaías 44: 9-17). É adornado com ouro e prata para que tenha uma aparência esplêndida, mas, sob o brilho, não há ser. Como os homens podem esperar que suas vidas sejam protegidas ou preservadas por um pedaço de pedra ou um bloco de madeira? Uma imagem não conhece a vida. Não pode dar vida e não pode salvar a vida.

No v. 20 , Habacuque contrasta Yahweh com os objetos tolos e inúteis feitos de madeira ou pedra. E que contraste é! O Senhor habita no seu templo sagrado, a sua morada celestial, e ali ele vigia o seu próprio (Isaías 6: 1 ; Mic 1: 2, 3 ; Salmos 11: 4). O povo da aliança conhece uma segurança que os idólatras nunca podem experimentar. O Deus que guarda os justos é o Deus do céu, onipresente e onipotente. Portanto, por causa de quem ele é, deixe toda a terra ficar em silêncio antes dele. Por respeito à soberania de Deus, todos os homens estão em silêncio reverência e admiração diante dele enquanto aguardam sua resposta às condições do mundo.

O inimigo deve chorar, levante-se! e acordado! para seus ídolos. Os idólatras tentam invocações para ordenar aos deuses para responder de acordo com os desejos dos peticionários. Os homens não podem comandar o Senhor dos céus nem dobrá-lo para a vontade deles. Devem esperar em silêncio por sua resposta; e eles devem obedecer suas instruções em todos os detalhes, independentemente do custo (cf. Zacarias 2:13).

IV. Oração de Habacuque e Teofania (3: 1-19)

Este capítulo revela a esperança permanente que o profeta tem de que sua nação seja libertada de seus inimigos. Sua confiança é baseada nos atos poderosos de Javé no passado. Como Deus havia libertado seu povo de seus inimigos nos dias passados, ele os livraria daqueles que os oprimiam assim como de qualquer um que pudesse se voltar sobre eles no futuro.

Existem duas interpretações relacionadas da passagem em vv. 3-15 . Que isso pertence, pelo menos em parte, à libertação de Israel da escravidão egípcia é óbvia. A seção nesse caso é uma descrição de eventos que ocorreram na época do Êxodo. A outra explicação é que a experiência egípcia é um padrão para a libertação futura. Nesse caso, a referência será a vida de libertação que Yahweh realizará no futuro. Em ambos os casos, o significado essencial da passagem permanece o mesmo - Yahweh entregou e vai entregar o seu próprio.

Estritamente falando, todo o capítulo após v. 1 é uma oração. É uma súplica sincera para Yahweh deixar o mundo novamente testemunhar o seu trabalho redentor.

1. Uma declaração introdutória (3: 1)

> [1] ***Uma oração de Habacuque, o profeta, de acordo com Shigionoth.***

Este versículo fornece uma declaração introdutória sobre o conteúdo do capítulo 3 . Alguns chamariam isso de título. O salmo de oração é dito de acordo com Shigionoth. O significado preciso dessa direção musical é desconhecido. Shigionoth (uma forma plural) é derivado de um termo hebraico que significa errar, desviar-se ou rolar. No entanto, é difícil ver o significado do primeiro e segundo significados em relação a uma direção musical. Assim sendo, o terceiro significado deve ser preferido aqui por causa dos movimentos freqüentemente associados aos cantores. Muitas vezes, os cantores fazem "bobinar" na emoção e emoção de seu desempenho.

A Septuaginta combina os primeiros e os últimos versículos do capítulo 3 , com o significado resultante de que o salmo seja cantado para acompanhar "instrumentos de cordas".

2. Oração de Habacuque (3: 2)

> [2] *Ó SENHOR , ouvi o relatório de ti,*
> *e o teu trabalho, ó SENHOR , temo.*
> *Ao renovar os anos;*
> *no meio dos anos, é conhecido;*
> *Na ira, lembre-se da misericórdia.*

A oração abre com um apelo a Yahweh. Num mundo em mudança repleto de anarquia e maldade, o profeta se volta para aquele que permanece.

Alguns sugeriram que o relatório que Habacuque ouviu é o julgamento iminente pronunciado nos dois primeiros capítulos. Javé revelou que o juízo seria visitado pela primeira vez em Judá, depois nos opressores que servem como instrumento de castigo.

Que o relatório alude a alguma pessoa, lugar ou evento específico é a explicação mais plausível (Gênesis 19:13 ; 1 Reis 10: 1 , Isaías 23: 5). Deve-se observar também que os capítulos 1 e 2 referem-se ao passado imediato ou ao presente, enquanto o terceiro capítulo se relaciona com o passado distante. Consequentemente, a referência parece ser aos eventos do Êxodo descritos na seção a seguir (vv. 3-15).

O relatório, ou o relato dos acontecimentos maravilhosos durante a libertação do Egito, traz medo ao profeta - e, por implicação, àqueles para quem ele atua como porta-voz. Habacuque não tem medo de destruição pessoal; Ele está cheio de admiração e reverência. O profeta está impressionado quando reflete as ações passadas de Javé em favor de seu povo.

Pensando em voltar para a preservação do povo escolhido no momento do Êxodo, Habacuque pede que Yahweh repita seu trabalho de libertação. O profeta está buscando ajuda imediata; ele não está orando por intervenção divina em algum momento

futuro. Habacuque se considera estar no meio dos anos, isto é, nos tempos cheios de dificuldade e necessidade. É a esses anos que ele chama a atenção de Deus.

Ao orar para que o seu povo seja libertado mais uma vez, Habacuque pede que Javé possa, no Ira, se lembrar de misericórdia. Foi revelado que o julgamento virá sobre Judá por causa de seus pecados (1: 5ss). Ao refletir sobre esse pronunciamento, o profeta tem medo; Ele sabe que a medida total da ira de Deus poderia trazer destruição total para a nação. Judá merece julgamento, que é a expressão da raiva divina. A única esperança de sobrevivência da nação está na compaixão de Yahweh. Habacuque reza para que a ira de Deus seja temperada com misericórdia.

3. Theophany (3: 3-15)

As obras de Javé na época do Êxodo, que o profeta reza, serão repetidas, são apresentadas em três estrafas.

O termo theophany é derivado da combinação dos termos gregos para "Deus" e "para causar brilhar" ou "mostrar". Uma teofania é uma aparência ou manifestação divina, temporária ou prolongada, de Deus em que ele se revela ou seu propósito para um indivíduo ou grupo. Essas manifestações podem assumir a forma de uma visão, um sonho, um fenômeno natural ou algum outro como Deus pode escolher.

(1) A Glória Revelada na Teofania (3: 3-7)

[3] Deus veio de Temã,
e o Santo do Monte Paran.
Sua glória cobriu os céus,
e a terra estava cheia de seus elogios.
Selah
[4] Seu brilho era como a luz,
raios brilharam de sua mão; e ele velou seu poder.
[5] Antes dele foi pestilência,
e a praga seguiu a dose para trás.
[6] Ele levantou-se e mediu a terra;
Ele olhou e abalou as nações;
então as montanhas eternas foram espalhadas
as colinas eternas afundaram-se.
Seus caminhos eram tão antigos.
[7] Vi as tendas de Cushan em aflição;
As cortinas da terra de Midiã tremiam.

A visão que o profeta contempla é a do Senhor que vem de Teman, e. . . do Monte Paran. Teman é uma referência a Edom, um país localizado a leste do Jordão e ao sul de Judá. O Monte Paran, que estava entre Edom e Sinai, era a região montanhosa a oeste do Golfo de Aqabah. Os que estavam em perigo que olhavam para o Senhor para ajudar

esperavam que ele se aproximasse de Judá das regiões para o sul, uma área na qual ele se manifestara anteriormente a Israel em tantas maneiras milagrosas (ver Ex. 16: 1-36 ; Judg. 5: 4-5).

Selah provavelmente é colocado aqui com a finalidade de instruir o condutor na direção da música. Isso indica alguma terra de interlúdio ou mudança na renderização. Uma vez que a idéia da raiz era levantar ou lançar, parece ser uma referência ao levantamento da voz ou ao aumento do volume do acompanhamento.

Sua glória é o brilho que emana de sua presença, o brilho de sua aparência (Salmos 8: 1 ; 104: 1). Os céus estão espalhados com o esplendor em que Yahweh se revela, e a terra está cheia da luz de sua presença. A terra está cheia de seus elogios porque a manifestação com a qual é preenchida é digna de louvor. Quando os homens contemplam a glória de Deus que abrange os céus e a terra, eles entendem que ele é digno de todo o louvor.

O versículo 4 amplia o conceito da glória de Javé. Seu brilho é tão deslumbrante quanto os raios do sol. Ele está envolvido em brilho etéreo e esplendor. É muito improvável que a expressão raios de luz tenha alguma relação com o raio. "Chifres", a tradução literal da palavra hebraica representada por raios, é usada poeticamente para comparar os raios solares do início da manhã com os chifres de um animal onde o poder da fera é manifesto. O termo não é comumente usado em conexão com o raio, no entanto, como alguns sugerem, verificou-se que se refere a uma divindade que envia o raio e provoca doenças.

Os feixes de luz que piscaram da mão de Javé são a manifestação de sua onipotência. Seu poder ilimitado está velado ou escondido em sua mão até o momento em que ele o envia para cumprir seu propósito.

Quando Yahweh manifestou seu poder no julgamento, a peste e a peste foram as conseqüências. A pestilência é uma doença que traz a morte. A praga (iluminada, chama ou fogo) pode ser uma referência à condição febril do doente. Se esta seção se refere ao Êxodo, e parece mais provável que isso aconteça, a alusão é a peste que devastou os egípcios. Sugere-se que, como uma devastação, serão infligidos aos caldeus. Embora a devastação ainda não tenha tocado a Terra, é afirmado que será acompanhado por esses sintomas.

Os versículos anteriores descrevem o resultado da manifestação de Javé nos céus; A seção que começa com v. 6 descreve a de sua manifestação na Terra. Javé mediu a terra. Ele toma uma posição a partir da qual ele pode pesquisar condições no mundo. Seu olhar agita as nações. O olhar em seus olhos faz com que as pessoas espalhem-se em todas as direções porque temem sua ira.

A própria terra - não apenas os seus habitantes -, a indiferença ao desagrado de Javé, expressada em juízo. Mesmo as características naturais que foram consideradas permanentes e indestrutíveis são alteradas. As montanhas estão espalhadas e as colinas baixam. Uma leitura literal do texto hebraico parece indicar que um terremoto causa mudanças na superfície terrestre.

Seus caminhos eram tão antigos, apresenta um problema de interpretação. Alguns consideram um brilho, afirmando que a expressão não se relaciona muito satisfatoriamente com a outra parte do verso. Outros pensam que a cláusula refere-se aos montes e colinas como os caminhos de Javé de antigamente (Amós 4:13 ; Mic. 1: 3).

Embora a leitura de "caminhos" por caminhos seja uma tradução aceitável, parece mais provável que a cláusula se refira ao método imutável de lidar com os homens de Yahweh. Ele irá entregar as pessoas dos caldeus por métodos semelhantes aos usados para libertar os antigos israelitas dos egípcios. Os caminhos de Deus para alcançar seu propósito para os homens são eternos, seja no dia de Habacuque, no tempo do Êxodo, ou em qualquer outra ocasião importante.

A descrição de Habacuque sobre a teofania continua na v. 7 . Cushan é uma referência às tribos nómadas na área geral de Edom e não deve ser identificada com Cush (Etiópia). Midian e Cushan - uma vez que são sinônimos - podem ser sinônimos para as mesmas tribos ou nomes para seus diferentes ramos. É muito provável que o verso retrata eventos que ocorreram durante o Êxodo. Na mente do profeta, esses eventos estariam associados aos nomes de Madian e Cushan; Na jornada do Egito, os israelitas encontraram os midianitas, que então ocuparam a região do Sinai.

Habacuque vê Cushan e Midian submetidos ao julgamento de Yahweh. A tradução literal de v. 7 é: "Sob a aflição (cerco) vejo as tendas de Cushan; as cortinas (das tendas) da terra de Midian tremerão. "Figuras poéticas são usadas para descrever o terror do povo de Cushan e Midian como Yahweh os coloca sob cerco (em aflição). O medo sentido pelos ocupantes das tendas é refletido na resposta das próprias barracas.

(2) O significado da teofania (3: 8-11)

8 A tua ira contra os rios, ó Senhor?
Sua raiva contra os rios,
ou a sua indignação contra o mar,
Quando você viajou sobre os seus cavalos,
sobre o seu carro da vitória?
9 Tiraste a bainha do teu arco,
e coloque as setas na corda.
Selah
Você cortou a terra com rios.
10 As montanhas viram-te e se contorceram;
as águas furiosas varreram;
O profundo deu sua voz,
levantou as mãos no alto.
11 O sol e a lua pararam na sua habitação
À luz das tuas flechas enquanto aceleravam,
no flash de sua lança brilhante.

As perguntas que Habacuque pede no v. 8 dizem respeito ao efeito da manifestação de Yahweh sobre a natureza como visto na experiência do mar no Egito e na experiência no Jordão. Sua ira contra os rios? A resposta pronta é Não! O profeta sabe que os rios não fizeram nada que faria com que o Senhor os tornasse secos. Sua indignação é contra o mar? Mais uma vez a resposta é Não! A raiva de Deus não é trazida sobre o mundo da natureza para que ele possa mostrar seu desagrado com os rios ou o mar. Sua aparente punição não é senão um meio de cumprir seu propósito mais amplo e mais nobre.

Da mesma forma, a cavalaria de Yahweh sobre as nuvens (seus cavalos e seu carro de vitória) serve um fim maior do que uma exibição de sua presença. Para que seu povo seja libertado de seus inimigos é o propósito da manifestação de Deus com seus efeitos sobre a natureza (ver 3:13).

O verso 9 representa o Senhor na disposição de um guerreiro preparado para a batalha. Ele retirou de seu caso o arco com o qual ele descarrega seus mísseis; ele definiu a corda dos raios que são suas setas. Yahweh é como o guerreiro experiente que fica com a arma pronta enquanto aguarda o momento de ataque. Aqui, a referência parece ser o raio e não os raios solares como em 3: 4 . Armado com o brilho de um raio, Deus está preparado para lutar por seu povo.

Existe pouco desacordo quanto à tradução da primeira cláusula do v. 9 . Por causa da obscuridade do texto hebraico, há uma grande incerteza sobre o significado do segundo. Poucas passagens no Antigo Testamento têm sido a base de uma multiplicidade de traduções que a linha processada e colocou as setas na corda.

Você cortou a terra com os rios, a última linha do v. 9 , pode referir-se a mudanças na superfície da Terra após um terremoto. As fissuras abertas pelos tumultos do solo tornam-se as camas para os rios. Alguns sugeriram que uma tradução melhor do texto hebraico é: "Você escolheu os rios em terras secas". A referência seria então ao Êxodo e não a um terremoto não especificado. Durante a viagem dos seus povos do Egito, o Senhor causou que o Jordão secasse para que eles pudessem atravessar a terra firme.

O efeito da presença de Yahweh sobre o mundo da natureza é continuado na v. 10 , o verbo se contorne é da palavra raiz, o que significa ter dores de parto. As montanhas são retratadas como se contorcendo de dor como uma mulher na garganta do parto.

A segunda cláusula é freqüentemente traduzida para significar que as águas despejam das fendas nas montanhas; mas essa leitura parece improvável, uma vez que o versículo também contém uma referência à resposta do fundo. Em comparação, parece que a expressão das águas furiosas varridas pode ser uma descrição poética de uma chuva de chuva.

O fundo pode ser uma referência ao Mar Vermelho; ou pode referir-se a todas as águas da terra, acima ou abaixo da superfície. O inchaço das ondas é descrito como o profundo levantando as mãos no alto.

O descontentamento de Javé com os inimigos de seu povo afetou seu mundo da natureza. As montanhas, contorcidas pelos convulsivos tumultos dos terremotos, são separadas. As águas inchadas da terra, amarradas pela fúria dos ventos que varrem

através deles, são arremessadas para cima para encontrar as torrentes derramando do céu. É uma imagem incrível que o profeta pinta.

A escuridão acrescenta ao horror quando o sol e a lua não mais brilham (v. 11). Que ficam imóveis na sua habitação indicam uma interrupção nos processos normais da natureza. O relâmpago, que fornece a única iluminação, é comparado à raia de uma flecha ou ao flash de uma lança.

Três interpretações do versículo foram avançadas: (1) De acordo com uma crença antiga, o sol e a lua permanecem na morada a partir da qual eles emitem ao subir e a que retornam ao se estabelecerem. (2) os corpos celestes estão escondidos à vista pelas fortes nuvens de tempestade. (3) o sol e a lua escondem-se em terror da manifestação que permeiam toda a natureza ou escondem-se com medo de que sejam superados ou substituídos pelos brilhantes relâmpagos. Talvez o segundo seja preferido.

O versículo 11 conclui a seção em que a manifestação de Yahweh e seu efeito sobre a natureza são descritas na imagem de uma tempestade.

(3) O Propósito da Teofania (3: 12-15)

> *12 Tu armaste a terra com fúria,*
> *Você pisoteou as nações com raiva.*
> *13 Saiu pela salvação do teu povo,*
> *para a salvação do seu ungido.*
> *Você esmagou a cabeça dos ímpios,*
> *colocando-o nu de coxa a pescoço.*
> *Selah*
> *14 Tu atravessaste os teus derrames a cabeça de seus guerreiros,*
> *que veio como um redemoinho para me espalhar,*
> *regozijando-se como para devorar os pobres em segredo.*
> *15 Tu pisoteaste o mar com os teus cavalos,*
> *o surgimento de águas poderosas.*

Estes versículos revelam a causa do desagrado de Yahweh e seu efeito sobre os inimigos de seu povo. O versículo 12 afirma que o Senhor criou a terra com fúria. A palavra fúria também pode ser traduzida como "indignação", outro termo para a ira de Javé. Sua ira é dirigida contra os inimigos de seu povo, não contra os rios e o mar. As perguntas de Habacuque em 3: 8 são respondidas.

A figura dos bois que atravessam o grão é usada na declaração paralela, você pisoteou as nações com raiva. A palavra traduzida pisoteio representa o termo hebraico para o piso ou o trilho. Quando os bois derramam o trigo ou o milho para separá-lo da palha, o SENHOR também pisoteou as nações para separar os que se opõem a ele dos que vivem de acordo com sua vontade. Ao trazer a destruição aos injustos, ele traz libertação para o seu próprio povo.

O propósito da manifestação de Yahweh é indicado na v. 13 . Ele veio para entregar o seu povo que também é referido como seu ungido (Salmos 134: 9; 139: 38, 51).

Depois de declarar a causa da indignação de Yahweh, o profeta volta novamente ao seu efeito. O inimigo, comparado a uma casa com o telhado removido, foi golpeado na cabeça com um golpe devastador. A leitura literal do hebraico é: "Você feriu severamente a cabeça da casa dos ímpios". O inimigo também é lançado de coxa a pescoço (iluminado, descobrindo a base até o pescoço).

A referência pode ser para os caldeus, retratados como uma casa que foi arrasada. O telhado foi removido; as paredes (o pescoço?) foram destruídas; e a base (a coxa?) foi descoberta. Se, por outro lado, a referência é para o Êxodo, Habacuque está descrevendo o destino dos egípcios, o que parece mais provável.

Habacuque continua a descrição da retribuição divina no v. 14 . A imagem é da completa destruição do inimigo. O texto hebraico afirma que o inimigo é cortado por "seus próprios" eixos ". A referência seria a criação de Javé de tal confusão nas fileiras do adversário que os guerreiros caíam sobre seus próprios camaradas e matá-los. O inimigo é assim derrotado por suas próprias armas.

Por outro lado, é considerado possível, como o RSV fez, traduzir seus eixos para "seus eixos" e colocar o terceiro pronome pessoal (o seu) com a cabeça. A idéia seria, então, que o Senhor tivesse atravessado a cabeça do inimigo com os seus eixos (do Senhor). Aqueles que uma vez dispersaram o povo do Senhor tão facilmente como uma rajada de vento dispersa folhas mortas estão espalhados. Aqueles que semearam ao vento estão colhendo o redemoinho (cf. Hos. 8: 7). A hora da contabilidade chegou finalmente. Já não será permitido ao conquistador capturar sua presa e arrastá-la para sua cova, um lugar secreto conhecido apenas para si mesmo, como fazem as bestas selvagens. Já não será permitido avançar sobre os indefesos de Israel, regozijando-se como para devorá-los.

O versículo 15 conclui o relato da destruição do inimigo. A alusão não é dúvida para o cruzamento israelense do Mar Vermelho durante o Êxodo. Em palavras que expressam esperança para a repetição da obra de libertação de Deus, o profeta diz: "Você pisoteou o mar com seus cavalos". A frase final, o surgimento de águas poderosas, é uma referência à última destruição das hostes do faraó. Assim como o Senhor havia entregado o seu povo dos egípcios, assim os livraria dos inimigos presentes.

A esperança do profeta é expressa na v. 15 ; Sua completa segurança e confiança absoluta em Deus são reveladas no restante do livro. A seção final abre com uma divulgação das emoções de Habacuque enquanto ele se lembra das ações de Yahweh no passado.

4. A Profeta Afirmação da Fé (3: 16-19)

> *16 Eu ouço, e meu corpo treme,*
> *meus labios tremem ao som;*
> *a podridão entra nos meus ossos,*
> *meus passos estão abaixo de mim.*

Espero silenciosamente pelo dia do problema
para invadir pessoas que nos invadem.
17 Embora a figueira não floresça,
nem frutas nas vinhas,
o produto da falha da azeitona
e os campos não produzem comida,
o rebanho deve ser cortado da dobra
e não há rebanho nas barracas,
18 ainda me alegrarei com o Senhor,
Alegrei-me no Deus da minha salvação.
19 Deus, o Senhor, é a minha força;
ele faz meus pés como pés de raça,
ele me faz pisar em meus lugares altos.

Para o corista: com instrumentos de cordas.

As palavras que ouço (iluminado, eu ouvi) parece ser melhor entendido como relacionado a uma conta do Êxodo. Habacuque ouviu o relatório da derrubada dos egípcios por parte do Senhor. É menos provável que o relatório seja da tempestade em que Yahweh se revelou ou do abuso sofrido nas mãos dos caldeus.

A lembrança das obras poderosas de Javé no passado faz com que o corpo do profeta se agite. Parece haver uma eficácia permanente no Êxodo. Ele assegura a libertação futura. Ele treme; seus labios tremem no som, ou relatam. Hoje, provavelmente, expressaríamos a mesma idéia dizendo que ele estava "abalado".

Tão maravilhoso é o pensamento da manifestação passada de Yahweh que Habacuque está cheio de um medo semelhante ao medo. Sua sensação de reverência e admiração é sem dúvida intensificada pela possibilidade iminente de que o Senhor novamente preservará seu povo. Ele os livrou da escravidão egípcia no passado. É a esperança e expectativa do profeta que Deus os livra de seus opressores presentes ou futuros.

A possibilidade de Yahweh manifestar-se mais uma vez em favor do seu povo agrava tanto o profeta que a podridão entra nos seus ossos. O termo podridão, como é usado aqui, indica uma perda total de força (ver Prov. 12: 4 ; Jó 41:19). Habacuque torna-se tão fraco que seus passos se tambouraram debaixo dele; Ele sente que suas pernas não o apoiarão mais.

Embora a primeira parte do v. 16 seja suficientemente clara, é difícil determinar o significado da última frase por causa da obscuridade do texto hebraico. Nem a tradução KJV nem a renderização ERV parecem estar de acordo com o contexto. A leitura de RSV, por outro lado, indica que a confiança suplantou o medo inicial do profeta. Tão confiante é Habacuque que ele silenciosamente aguardará o dia da retribuição que virá sobre os invasores caldeus.

A confiança de Habacuque em Deus, refletida na última parte do v. 14 , é dada expressão plena em vv. 17-19 , uma seção acreditada por muitos como uma adição posterior. Não há dúvida de que o povo de Yahweh será afetado pelo julgamento sobre seus opressores. No entanto, não importa quais possam ser as conseqüências para Judá - embora as colheitas sejam destruídas e o gado se perca - o profeta se alegrará com o Senhor. As tribos devem ser suportadas apenas por uma temporada; No devido tempo, o Senhor livrará o seu povo (cf. Mic 7: 7 ; Salmo 18: 46-48). Até então, o profeta dependerá do Senhor. Ele se alegrará com aquele que é o Deus de **sua** salvação.

O versículo final do livro contém a afirmação de habacuque de sua confiança em Yahweh. Ele é a fonte da força do profeta. Os recursos internos concedidos por Deus o sustentam em tempo de problemas, tristeza e humilhação.

Habacuque encontra suas forças e sua segurança em Yahweh, que faz os pés do profeta como os pés dos retos. O traseiro, cuja velocidade era proverbial entre os hebreus, tem segurança porque ele é rápido e seguro de pé. Ele pula as rochas e cai sem medo. Ele atravessa montanhas e precipícios com segurança e encontra segurança nos lugares altos.

O povo de Judá tem uma segurança semelhante porque eles têm Deus, o Senhor. Com sua ajuda, superarão todos os obstáculos e superarão todos os inimigos. Eles passarão sobre os lugares perigosos e difíceis com segurança. Sua força é de Deus. Sua força é Deus.

As palavras finais do livro são instruções para o diretor do coro do templo. A oração deve ser recitada com um acompanhamento de instrumentos de cordas, um procedimento comum nos serviços. Tanto a recitação liderada pelos sacerdotes quanto a resposta da congregação foram acompanhadas por música.

Ao longo dos séculos, as afirmações de fé, como Habacuque, foram feitas pelo povo de Deus e contribuíram para o seu senso de propósito. O louvor cantando das realizações passadas do Senhor dá a seus seguidores uma garantia renovada à medida que atravessam um mundo perigoso. Eles são lembrados de que "os justos viverão por sua fé" (2: 4). Deus foi sua força nos últimos tempos. Ele será a sua salvação nos tempos vindouros.

Sofonias

Frank E. Eakin, Jr.

Introdução

I. O Profeta e Seu Nome

A personalidade e a certa identidade do profeta Sofonias ("Javé tem tesouro" ou "Javé escondido") são escondidas com astúcia sob sua mensagem. Dentro do livro com seu nome, há apenas uma referência específica ao profeta (1: 1). Sugeriu-se que o profeta Zephania e o sacerdote Sofonias (cf. 2 Reis 25: 18-21 ; Jeremias 52: 24-27) devem ser

equiparados (Williams, pág. 85). Nossa informação atual, no entanto, não permite a identificação segura do profeta e do padre.

A maioria dos comentadores concluiu que Zephania foi um habitante de Jerusalém, principalmente com base em referências internas (1: 4 , 10-11). Além disso, a inscrição (1: 1) o identifica como descendente de Ezequias. Mais uma vez, a interpretação tradicional identificou essa figura com o rei reformador, Ezequias (715-687 AC). Ezequias aparentemente era um nome bastante incomum, o rei Ezequias era a única figura preexilizada assim chamada em nosso texto transmitido. É provável que tenha havido uma razão especial para traçar a ascendência de Sofonias por quatro gerações (a sua é a genealogia profética mais extensa), mas obviamente não há nada sacrossanta em relação a uma inscrição anexa posterior.

Se é preciso que o Ezequias se referisse ao rei (por conseguinte, o bisavô da Sofonias), então, Sofonias era de ascendência real. Esta suposição reúne apoio no livro quando reconhecemos que, embora a casa real (1: 8) fosse criticada, o rei *per se* não era. Além disso, um reúne um ar de aristocracia sobre Sofonias. Ao contrário de seus predecessores do século VIII, especialmente Amos, ele estava preocupado, mas não obcecado com preocupações éticas, pois afetam o homem comum.

II. O fundo para a mensagem de Sofonias

Sofonias deve ser vista em um contexto triplo: problemas internos a Judá, os citas e mudanças significativas de poder no antigo Oriente Próximo.

Sargon II da Assíria conquistou Samaria em 721 AC , esmagando Israel como um estado político viável. Ao mesmo tempo, Judá foi reduzida a um estado vassalo assírio. Durante os reinados de Acaz (735-715 AC), Manassés (687-642) e Amon (642-640), houve um movimento consistente em direção a um tipo de politeísmo em Judá. Isso foi um pouco bloqueado por Ezequias (715-687), apenas para ter suas atividades de reforma frustradas por Manassés.

Josias (640-609 AC) foi o rei responsável por iniciar a reforma deuteronômica em 621. Não podemos discutir aqui a reforma atual (ver 2 Reis 22-23), mas geralmente concorda que o livro do Deuteronômio seja lido contra o cenário da reforma. Este exaltado rei da Judéia foi morto em 609 AC em um encontro com as tropas egípcias do faraó Neco da Dinastia do século XXI. Para Judá, toda a reforma deuutomérica foi questionada pela morte do rei devoto. Neste contexto, surgiu inevitável ceticismo religioso, uma atitude já evidente durante o ministério de Sofonias (como 1:12).

A iniciação do ministério de Sofonias é frequentemente associada à ameaça de um ataque palestino pelos citas. Infelizmente, o livro de Sofonias nunca menciona especificamente os citas (ou qualquer outra pessoa) como o potencial opressor de Judá e nossos registros históricos são insuficientes.

Os citas eram pessoas nômades dos montes da Ásia que derramaram o Vale da Mesopotâmia no século VIII através do Cáucaso. Aparentemente, essas pessoas robustas, conhecidas por sua crueldade e maneira opressiva, inicialmente lutaram contra os assírios ao longo de suas fronteiras do norte. Mais tarde, eles foram aliados com os assírios contra os medos e cimeristas durante o governo de Esarhaddon. Embora a

exatidão da história de Heródoto seja contestada pelos estudiosos, ele indica (I, 104-106) que a influência dos citas se estendeu ao longo da costa palestina, chegando até a fronteira egípcia, onde o faraó egípcio Psammetichus (I, 663-609 BC ou II, 593-588 AC?) protegeu seu reino comprando os citas. Se os citas tentaram ajudar a Assíria quando caiu rapidamente no esquecimento político é incerto. Em última análise, os medos, que estavam aliados com a Babilônia, derrotaram os citas. Um pequeno remanescente dos citas caiu para o norte (Arroz).

O antigo Oriente Próximo raramente experimentou uma arena política calma, e o século VII deve ser contado entre os períodos mais tumultuosos. O Egito foi brevemente dominado pelos assírios sob Esarhaddon (681-669 AC) e seu filho Ashurbanipal (669-627). Quando Assíria começou seriamente a diminuir politicamente, no entanto, o Egito estava em cena para ajudar Assíria contra o poder ainda mais forte da Babilônia. A capital da Assíria, Assur, caiu para os babilônios e seus aliados, os medos, em 614 AC , enquanto Nínive sucumbiu em 612.

Enquanto não devemos discordar para discutir os indivíduos, os principais reis associados com o Império Neobabyloniano foram: Nabopolassar (626-605 AC), governante durante os anos em que a ruína de Assíria foi realizada; Nabucodonosor (605-562), o rei responsável pela conquista de Jerusalém e as deportações resultantes em 597, 587 e 582 (ver Jer. 52: 28-30) que iniciaram o exílio babilônico; e Nabonidus (556-539), que foi julgado um herege pelos sacerdotes de Marduk (deusa principal da Babilônia) por causa de sua amizade aberta da divindade Sin (deus lunar da Babilônia), que foi desprezada por seus súditos por causa de suas longas ausências da Babilônia e que foi o governante em 539, quando Babilônia foi conquistada e se tornou uma parte do Império Persa regido por Ciro.

III. O problema da cronologia

A superscrição afirma que o ministério de Sofonias ocorreu durante o reinado de Josias (640-609 AC). O namoro tradicional assumiu o ministério do profeta antes da reforma de 621. Geralmente é aceito que a invasão citiana da Palestina *ca.* 630-625 AC foi o fator precipitante para o ministério de Sofonias, uma conclusão formulada principalmente com base em uma declaração atribuída ao historiador Heródoto (I, 104-106). Além disso, seria amplamente reconhecido que, quando Sofonias falou, a ameaça de um ataque citiano a Jerusalém pareceu ser iminente.

Reagindo à decadência moral e religiosa que Manassés permitiu que não existisse em Judá, Sofonias proclamou a iminência do dia de Javé (como 1: 2ss, 14-18). É provável que os anos imediatamente anteriores à reforma de Josias se tenham caracterizado pelos males sobre os quais se concentrou o profeta, como o uso de roupas estrangeiras (1: 8) e a assimilação de várias práticas religiosas não associadas ao Yahwism (1: 4 -5 , 8-9 , 12). Característica da voz profética, ele reconheceu que o Senhor da história agiria para castigar seu povo da aliança através do opressor sem nome (Scythes?). E mesmo que as citas aparentemente deixassem Jerusalém intocadas, enquanto marchavam pela Palestina, a caminho do Egito e quando retornavam, a ameaça a Jerusalém estava claramente presente. Da perspectiva de Sofonias, Judá teve apenas uma esperança nesta situação perigosa, o arrependimento (2: 1-3).

O namoro tradicional (antes de 621 aC) assumido neste comentário foi questionado. Essas teorias alternativas podem ser colocadas em duas categorias principais, uma colocação pós-reforma no reinado de Josias ou um ministério durante o reinado de Joaquim (609-598 AC) em Judá durante a ameaça da Babilônia (para uma declaração clara da última posição, veja Williams, pp. 77-88). No comentário, devemos indicar passagens textuais onde talvez surjam problemas quando se usa o namoro tradicional (como 1: 4 , 8-9 , 2: 7, 8-11 , 15 , etc.).

IV. O Problema da Estrutura

É muito difícil determinar a distância a estrutura de uma escrita antiga. No entanto, observamos vários pressupostos. Em primeiro lugar, é geralmente aceito que a seção profética do cânon hebraico atingiu essencialmente sua formulação atual em 200 AC. Não foram feitas alterações importantes após este ponto. Em segundo lugar, podemos assumir que as palavras e os atos dos profetas preexilic foram julgados como sendo de maior importância pela comunidade pós-láilica do que pelo público original. Em terceiro lugar, agora é reconhecido por estudantes de historiadores antigos que os primeiros escritos não registram as palavras exatas de um indivíduo como o leitor exigiria de um registro moderno.

Os livros proféticos demonstram um processo interessante de crescimento da transmissão. Originalmente, o profeta entregou uma mensagem de julgamento contra Israel (Reino do Norte) e / ou Judá (Reino do Sul), embora não se possa rejeitar automaticamente, como adições posteriores, todas as passagens de esperança encontradas nos escritos proféticos preexilic.

A primeira grande alteração foi expandir essas mensagens de julgamento para Israel - os inimigos de Judá. Finalmente, especialmente durante a era postexilica, a atenção mudou para a idade de restauração acompanhada pela subjugação ou conversão dos gentios. Este processo é reconhecível no livro de Sofonias, particularmente como será indicado abaixo no capítulo 3 .

É óbvio que a inscrição não era um elemento original da mensagem do profeta. Esta é uma adição típica descritiva e identificativa que é *mais* do que *por* Sofonias. A autenticidade aqui não levanta nenhuma questão.

É geralmente admitido que 1: 2-2: 3 é essencialmente autêntico. Esta é a seção que corresponde à mensagem profética original mencionada anteriormente de julgamento contra Israel ou Judá, este último neste caso. Neste corpo de material, a iminência do julgamento mundial é anunciada, cujo julgamento encontraria expressão particular em Judá e em sua capital, Jerusalém (1: 2-6). Ao esclarecer as razões para a devastação iminente, tanto os vários funcionários (1: 7-9) quanto as práticas do mercado (1: 10-13) foram criticadas. O profeta então se lançou no tema central de sua mensagem, o dia do Senhor como o braço da ira de Javé (1: 14-2: 3). Na última parte desta seção (2: 1-3), existe a possibilidade de que alguém possa ser protegido deste dia da ira se ele procurar o Senhor e faça os seus comandos. Alguns julgariam esta última seção uma possível adição postexilica, mas no contexto oferece o tipo de possibilidade redentora essencial para a mensagem profética.

Enquanto 1: 2-2: 3 é a seção mais frequentemente julgada autêntica, há, no entanto, questões que surgem. Alguns veriam 1: 7 como mal colocados em seu contexto atual, assumindo que a colocação adequada seja com 1: 14-18 . Outros encontram intrusões editoriais ("naquele dia"), citações emprestadas de profetas anteriores (13b de Amós 5:11) e mudanças questionáveis entre a primeira ea terceira pessoa (Taylor, pp. 1009-1010). Isto é simplesmente para indicar que enquanto este material é geralmente julgado pelos críticos para incluir o material mais historicamente confiável, ele também foi tocado por mãos editoriais (veja particularmente JMP Smith e Taylor para discussão relevante).

Capítulo 2: 4-15 contém uma série de oráculos contra nações estrangeiras: Philistia (2: 4-7), Moabe e Amom (2: 8-11), Etiópia (2:12) e Assíria (2: 13-15). Esta seção coincide com a primeira adição mencionada anteriormente aos escritos proféticos, ou seja, onde a mensagem de julgamento é ampliada e direcionada mais diretamente a nações estrangeiras. Muitos comentaristas atribuem porções maiores ou menores deste capítulo às mãos editoriais. Por exemplo, 2: 7indica uma atitude muito nacionalista em relação à área de Philistia sendo absorvida por Judah. A atitude em relação a Moabe e Amon é típica da reação exílica e pós-xilica de Judá a essas nações e é possivelmente uma derivação histórica posterior. O oráculo sobre a Etiópia é fragmentado e não demonstra a unidade encontrada nos outros oráculos. No oráculo da Assíria, especialmente 2:15 parece exemplificar uma perspectiva pós-evento.

O Capítulo 3 também experimentou as mãos editoriais. A maioria dos comentadores concordaria que vv. 14-20 , que proclamam a era escatológica, são de derivação postexilica. Além disso, os julgamentos diferem radicalmente. Alguns têm dificuldade em associar com certeza qualquer capítulo 3 com Sofonias (como Taylor, página 1011). Outros, embora reconheçam as seções do problema, concluem que no vv principal . 1-13 pode ser julgado autenticamente por Sofonias.

Deixe-se reconhecer que há uma amplo questionamento sobre a confiabilidade histórica do livro quanto a eventos específicos, especialmente após 2: 3 . Ao mesmo tempo, reconheça-se que os julgamentos escolares diferem e não conseguem consenso sobre a maioria dos pontos. Talvez o maior acordo seja encontrado na atribuição postexilica de 3: 14-20 (ver Amós 9: 11-15).

Um com cautela faz julgamentos radicais em relação à vacilação do profeta entre a esperança e o julgamento, pois geralmente o caminho do profeta inclui em sua mensagem tanto a esperança quanto o julgamento. Na verdade, haveria poucas razões para o discurso do profeta se não houvesse possibilidade de um arrependimento genuíno na parte da nação, o que, por sua vez, eliminaria a inevitabilidade do julgamento divino radical. Isto, é claro, se baseia em uma premissa fundamental profética, ou seja, Yahweh foi reconhecido como o Senhor da história que elaborou seus propósitos na arena histórica. Se isso for aceito, então os eventos históricos podem transmitir ou bênção ou benção para o homem, pois as circunstâncias podem levar o Senhor da história a agir.

V. A Mensagem de Sofonias

Uma discussão sobre os propósitos de controle da mensagem de Sofonias se funde com o tema unificador do livro, a chegada iminente do dia de Javé.

O dia de Javé foi um conceito que alcançou a história inicial de Israel. Talvez o conceito originalmente tivesse uma associação com "guerra santa" (von Rad), ou seja, referiu-se ao dia da vitória de Yahweh. Desenvolveu um conceito de conquista geral que uniu este dia à vitória final de Yahweh sobre qualquer inimigo (como Isaías 2: 6-22 , Jer. 30: 4-9). Em tal cenário, a frase também pode levar os conhecimentos da luta da deidade com uma força caótica e cosmológica, uma idéia popular entre os vizinhos de Israel. Também é possível que o conceito surgisse mais especificamente dentro do culto, particularmente em associação com o festival de entronização.

Independentemente da derivação, no século VIII, o dia de Javé foi reconhecido popularmente como um dia de julgamento e destruição dirigidos aos inimigos de Israel (e, portanto, de Javé!), Enquanto o povo de Javé seria vindicado e exaltado. Obviamente, o conceito transmitiu intensos comentários nacionalistas.

Com a proclamação de Amós (5: 18-20), essa concepção popular foi questionada: "Não é o dia do Senhor escuridão, nem luz, e escuridão sem brilho nela?" Amos enfatizou que o alinhamento da aliança de Israel com o Senhor não impediu o julgamento sobre ela (veja as cinco visões de julgamento em Amós 7-9). O relacionamento especial de Israel com Yahweh aumentou sua responsabilidade e, portanto, sua culpa (ver Amós 3: 2).

Foi essa ênfase de Amós sobre a qual Focalizada Zephania (ver 1: 9-11 , 14-17 ; 3: 8). O dia de Javé foi um dia de batalha que resultaria em devastação tanto para Judá quanto para os vizinhos. O profeta enfatizou no capítulo 1 que Judá experimentaria a ira de Javé, e no capítulo 2 ele esclareceu que este julgamento incrível também seria visitado em outras nações. Há uma pitada de manifesto apocalíptico (especialmente em 1: 2-3), onde é indicado que esta destruição atinge não só a humanidade, mas também as forças da natureza.

Infelizmente para o judaísmo, o período postexilico testemunhou um retorno a uma perspectiva nacionalista para o dia de Yahweh. Mais uma vez, a ênfase girou sobre a luta de Javé pelo benefício de seu povo, como testemunhou em Zacarias 14, Isaías 66: 15-23 e Joel 3: 9-21 . A antecipação surgiu que o dia de Javé trazeria justiça e exaltação para Judá e Jerusalém e que todas as nações da terra adorariam o Senhor.

Sofonias também inspirou a mensagem de Isaías, outro profeta do século VIII. Considerando que a mensagem gravada de Amós deu pouca indicação de esperança, a mensagem de Isaías foi infundida com a certeza de que um remanescente do povo de Javé seria preservado (ver Isaías 1: 23-26 ; 7 ; 10: 20-23). Sofonias também enfatizou essa esperança, embora os comentaristas discutam o grau em que ele imaginou esta era escatológica incorporando os inimigos de Judá. Conforme indicado abaixo, no entanto, seria bem possível que Sofonias, como membro da comunidade da aliança, vislumbrasse a inclusão de Yahweh das nações vizinhas junto com Judá enquanto olhava para o futuro.

O impulso primário de Zephania foi fidelidade a Yahweh em vez de questões éticas (nota 2: 1-3 , no entanto). Por que a destruição do dia de Javé? Porque tanto Judá como as nações vizinhas adoraram deuses falsos, o que tornou inevitável o julgamento. As sensibilidades religiosas de Sofonia foram enfurecidas pela ignorância do povo sobre os caminhos de Yahweh e sua recusa em aceitar sua soberania.

O que Zephania viu foi um sincretismo popular ou espírito eclético que permitia ao povo combinar a adoração de Javé com a de Baal (1: 4), as divindades astrais (1: 5) e Milcom (1: 5). Os profetas caracteristicamente eram intolerantes neste momento.

Sofonias reconheceu que a indiferença e o eclectismo religioso foram acompanhados por uma inclinação para o materialismo e a falta de preocupação com a justiça (1: 7-13 ; 3: 3-5). Somente a afirmação de que o Senhor era o Deus da justiça fez com que o indivíduo sentisse obrigado a imitar essa justiça. A indiferença religiosa e o eclecticismo serviram para romper a demanda divina pela justiça.

Da mesma forma, foi apenas como uma fidelidade absoluta foi dada a Yahweh que a dependência final do homem sobre Deus seria reconhecida. Caracteristicamente, os profetas lutaram contra o materialismo e seu espírito capitalista acompanhante. Essa perspectiva ignorou a soberania de Yahweh, a administração do homem e a natureza interdependente da existência do homem. Zephania foi um com a fraternidade profética nessa ênfase.

Sofonias também condenou a irreligião popular que prevaleceu. Certos dos povos imaginavam o Senhor tanto como despreocupado quanto como não participante dos assuntos dos homens: "O Senhor não fará o bem, nem fará mal" (1:12). Tal indiferença a Javé e seu caminho só podem precipitar o julgamento, e este é precisamente o resultado que Proclamação de Sofonias (1: 13ss).

Assim, reconhecemos que havia pouco que fosse novo na mensagem de Sofonias. Principalmente, ele se baseou na mentalidade profética desenvolvida antes de seu tempo, particularmente seus predecessores do século VIII, a mensagem de julgamento de Amós e a esperança de Isaías no futuro.

A poesia de Sofonias não se classificou com a poesia mais bonita e efetiva no Antigo Testamento. Por exemplo, Isaías ou Jeremias eram poetas superiores a Sofonias. Foram utilizados três medidores poéticos, o hexâmetro (3: 3), o kinah (3: 2) e a tetrameleta (2: 2). O crédito vai para Budde (1893) para o reconhecimento precoce de que o medidor mais prevalente era o kinah, um ritmo fúnebre. Este é um metro particularmente adequado para transmitir a piedosa certeza do castigo e julgamento, como se encontra no livro de Sofonias (ver JMP Smith, pp. 174-176).

Sofonias não falou suave nem graciosamente; antes, era uma voz de força enfática que exigia uma audiência, uma voz vigorosa que soava com convicção e clareza. Supondo que o namoro tradicional seja correto, este profeta provavelmente influenciou significativamente King Josiah durante os anos importantes imediatamente anteriores ao início da reforma Deuteronômica.

Esboço

I. A inscrição (1: 1)

II. O aviso a Judá (1: 2-13)

1. A iminência da destruição universal (1: 2-6)

2. Punição de indivíduos por erros específicos (1: 7-9)

3. Julgamento sobre o mercado (1: 10-13)

III. O dia de Javé (I: 14-2 : 3)

1. O dia da ira (1: 14-18)
2. Uma possibilidade para escapar da ira de Javé (2: 1-3)

IV. A condenação de nações estrangeiras (2: 4-15)

1. Filostia (2: 4-7)
2. Moabe e Ammo (2: 8-11)
3. Etiópia (2:12)
4. Assíria (2: 13-15)

V. A mensagem final de ai de Jerusalém (3: 1-7)

1. Jerusalém, rebelde e contaminada (3: 1-2)
2. Corrupção de liderança, constância de Javé (3: 3-5)
3. Recusa de aprender com o exemplo (3: 6-7)

VI. A gloriosa mensagem de restauração e exaltação (3: 8-20)

1. A ira do Senhor sobre as nações (3: 8)
2. Restauração da comunicação (3: 9-10)
3. Preservação e exaltação do remanescente de Israel (3: 11-13)
4. Promessa escatológica para a restauração de fortuna de Jerusalém (3: 14-20)

Bibliografia selecionada

DAVIDSON, AB *Os livros de Naum, Habacuque e Sofonias,* adaptados por HCO Lanchester. ("The Cambridge Bible for Schools and Colleges".) Cambridge: Cambridge University Press, 1920.

EATON, JH *Obadias, Naum, Habacuque e Sofonias.* ("Torch Bible Commentaries".) Londres: SCM Press, Ltd., 1961.

ELLIGER, KARL. *Das Buch der Zwölf Kleinen Propheten,* II. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1950.

GAILEY, JAMES H., JR. *O Livro de Sofonias.* ("The Layman's Bible Commentary".) Vol. 15. Richmond: John Knox Press, 1962.

HYATT, J. PHILIP . "A Data e o Contexto de Sofonias", *Journal of Near Eastern Studies,* VII (1948), 25-29.

RICE, TT *The Scythians.* Londres: Tamisa e Hudson, 1957.

ROBINSON, THEODORE H. e HORST, FRIEDRICH . *Die Zwölf Kleinen Propheten.* Tubingen: JCB Mohr, 1938.

ROWLEY, HH , "O Dia do Senhor", *a Fé de Israel.* Filadélfia: The Westminster Press, 1956.

SMITH, GEORGE ADAM :. *O Livro dos Doze Profetas,* Vol. II, rev. ed. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1928.

SMITH, JMP, WARD, WH e BEWER, JULIUS A. *Um comentário crítico e exegético sobre Miqueias, Sofonias, Naum , Habakk.uk, Obadias e Joel.* ("The International Critical Commentary"). Nova York: Charles Scribner's Sons, 1911.

STONEHOUSE, GGV e WADE, GW *Os livros dos profetas Zephania e Naum.* ("The Westminster Commentaries".) London: Methuen and Company, Ltd., 1929.

TAYLOR, CHARLES L., JR. "O Livro de Sofonias", *A Bíblia do Intérprete,* Vol. 6. Nashville: Abingdon Press, 1956.

VON RAD, GERHARD. "A Origem do Conceito do Dia de Javé", *Journal of Semitic Studies,* IV (1959), 97-108.

WILLIAMS, DONALD L. "A data de Sofonias", *Journal of Biblical Literature,* LXXXII (1963), 77-88.

Comentário sobre o texto

I. A Superscrição (1: 1)

1 ***A palavra do SENHOR que veio a Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias, filho de Ezequias, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá.***

Havia a convicção de que a mensagem enviada pelo profeta não era exclusivamente sua; Em vez disso, sua autoridade derivou de Yahweh. A palavra do Senhor é freqüentemente usada em conjunto com o oráculo profético (Hos. 1: 1 ; Joel 1: 1 ; Mic. 1: 1), mas para o homem moderno esta nomenclatura é muitas vezes mal interpretada. Para o antigo, este conceito não impediu o envolvimento humano e a responsabilidade humana. Não era mais verdade do que agora que Deus fez com que seu porta-voz fosse mudo enquanto a Deidade falava.

Alguns estudiosos usam a frase "fórmula de mensageiro" para retratar a compreensão hebraica. O profeta é descrito como um mensageiro que recebeu uma mensagem de seu soberano. Era a responsabilidade do mensageiro entregar essa mensagem como o entendia em seu destino adequado. Assim, Quando a mensagem foi entregue, obviamente, foi o mensageiro (ou seja, o profeta) que falava. Além disso, ele era responsável perante Yahweh (isto é, seu soberano) pela libertação da mensagem.

Tal compreensão da mensagem profética presta autoridade ao oráculo e explica o fator humano na palavra do profeta. O intérprete profético contemporâneo se beneficiaria de uma avaliação de sua própria função à luz da "fórmula mensageira".

II. O aviso a Judá (1: 2-13)

1. A Iminência da Destruição Universal (1: 2-6)

(1) Universalidade do Juízo de Javé (1: 2-3)

2 *"Vou varrer completamente tudo*

da face da terra ", diz o SENHOR .
3 "Vou varrer o homem e o animal;
Vou varrer os pássaros do ar
e os peixes do mar.
Vou derrubar o perverso;
Vou cortar a humanidade
da face da terra ", diz o SENHOR .

Zephania começou sua mensagem com uma proclamação áspera. Ele estava determinado desde o início a pronunciar a inevitabilidade e a extensão do julgamento de Yahweh.

Versos 2-3 sugestão de sabor apocalíptico. George Adam Smith (p.48) afirmou que o livro de Sofonias registrou "a primeira tentação da profecia com o apocalipse". Isso pode ser um exagero, particularmente porque a revolta cosmológica geralmente associada ao apocalíptico não está presente.

Na verdade, a devastação radical da guerra poderia ser responsável pelo tipo de catástrofe que Sofonias prevê. Ele enfatizava, no entanto, principalmente, que mesmo os elementos da natureza experimentariam a ira de Javé, pois ele varraria completamente tudo da face da terra, ou seja, ele irá remover tudo.

No texto hebraico, um mecanismo alitador é utilizado para enfatizar a totalidade do julgamento de Javé: Eu vou cortar a humanidade (' *adam*) / da face da terra (' *adamah*). A criação de Javé coletivamente sofrerá a ira de seu julgamento, pois o que designamos o animado e o inanimado foram para o hebraico inseparavelmente ligado.

Os perversos, ou seja, os obstáculos, aqueles que fazem fidelidade verdadeira ou difícil a Yahweh, serão cortados. A interpretação aqui é incerta. Os "tropeços" (marg.) Podem se referir a pessoas ou a ídolos. "Caçarei que o perverso tropeçe (ou cambaleie)" talvez seja melhor.

(2) Particularidade da Apostasia de Judá (1: 4-6)

4 "Estenderei a minha mão contra Judá,
e contra todos os habitantes de Jerusalém;
e vou retirar deste lugar o restante de Baal
e o nome dos sacerdotes idólatras;
5 aqueles que se curvam nos telhados
para o anfitrião dos céus;
aqueles que se curvam e juram pelo Senhor
e ainda juro pela Milcom;
6 aqueles que se voltaram de seguir o Senhor,
que não buscam o Senhor nem o perguntam ".

Em vv. 4-6 Sofonias catalogou algumas práticas específicas que precipitariam o julgamento de Javé. É claro que, para o profeta, o problema primário era a fidelidade múltipla à divindade.

Esses pontos específicos de apostasia tornam difícil a datação de Sofonias durante a última parte do reinado de Josias, ou seja, 621-609 AC. Josias agiu para remover essas impurezas (ver 2 Reis 22-23). É improvável, portanto, que tal apostasia tenha sido tão flagrantemente presente durante a última parcela do reinado de Josias. Assim, se datado durante o governo de Josias, parece muito provável que o profeta seja datado antes da reforma, ou seja, 640-621 AC. Como indicado anteriormente, alguém poderia julgar a inscrição enganadora e colocar o ministério de Sofonias durante o reinado de Jeoiaquim, 609-598 AC , quando alguns dos atos idólatras já combatidos por Josias encontraram uma prática renovada.

O todo v. 4 não concorda feliz com seu contexto geral. Embora outros argumentos possam ser empregados, notamos principalmente que está fora de acordo com 2: 1-3 e 3: 11-13, onde a possibilidade de preservação de um remanescente é sugerida.

Na sua catalogação de apostasias específicas, são mencionados vários tipos de culto incompatíveis com Yahwism. Baal era o deus da fertilidade cananeana indígena, o deus da tempestade e também um deus guerreiro. Sua adoração foi sensivelmente orientada, uma vez que ele assegurou a fertilidade por relacionamento sexual com sua irmã-consorte, Anat (Anath bíblico). Uma parte do culto de Baal se concentrou em torno da prostituição sagrada, como o homem identificou com Baal e a fêmea com Anat. Esta prática, participada por todos os devotos e não apenas por funcionários cultuais, foi um ato de magia simpática. Para os devotos entrarem em tal relacionamento atraíram Baal e Anat para um ato análogo e assim assegurou a fertilidade. O baalismo apresentou uma séria ameaça ao Yahwism; e esse perigo, que foi primeiro esclarecido por Elijah (ver 1 Reis 18-19), foi combatido pelos profetas (especialmente os Oseias e Jeremias), os reis reformadores (Ezequias e Josias) e, literariamente, pelos historiadores do Deuteronômio (responsáveis pela edição final de Joshua-Kings).

Os sacerdotes idólatras de v. 4 estão intimamente ligados à referência Baal. O referente não é claro, mas presumivelmente tais sacerdotes idólatras seriam sacerdotes que dirigiam a adoração para qualquer outra divindade do que o Senhor. Tanto o restante de Baal quanto os sacerdotes idólatras serão retirados deste lugar, isto é, Jerusalém, na atividade radical de Yahweh.

A referência ao anfitrião dos céus pertence à adoração astral. Isto foi amplamente praticado entre os antigos semitas, em particular, estava associado aos assírios. Como sinal de sua submissão à dominação assíria, Manassés (687-642 AC) apoiou a adoração astral em Jerusalém, até ao ponto de construir altares para as divindades astrais no Templo (2 Reis 21: 3-5). Como parte de sua reforma, Josiah procurou purgar esse tipo de adoração (2 Reis 23: 4-5).

Milcom era o principal deus dos amonitas. Milcom é uma distorção do nome Melech (ou Melek), que é distorcida no texto bíblico para Molech. Molech utiliza as consoantes hebraicas apropriadas, ML-CH, mas usa as vogais da palavra hebraica para "vergonha" (*bosheth*). Assim, quando alguém lê ou ouvi Molech em vez de Melech, ele

imediatamente reconheceu o elemento da vergonha e que isso era um aborrecimento para o Senhor.

A maioria das referências a Molech estão associadas à prática do sacrifício humano (como Levítico 18:21 ; 20: 2-5 ; 2 Reis 23:10 ; Jeremias 32:35). Presumivelmente, a mesma idéia é transmitida aqui, embora isso não seja especificamente mencionado. O problema do sacrifício humano inevitavelmente incomodou os israelitas, já que praticamente todos os seus vizinhos reconheceram isso como um sacrifício final. O texto bíblico testemunha que reis de Israel e Judá participaram do sacrifício humano (Acabe, 1 Reis 16:34 ; Acaz, 2 Reis 16: 3 , Manassés, 2 Reis 21: 6).

O versículo 6 pode ser um tipo de declaração resumida, seja pela Sofonias ou por um editor. Por outro lado, esta referência pode apontar para uma categoria de pessoa inteiramente diferente, ou seja, o sincretista que invocou o Senhor mais outros deuses, mas o indivíduo que não invocou o Senhor. Seja o sincretista ou o exclusivista, o profeta está dizendo que todos aqueles que não seguem o Senhor experimentarão seu julgamento.

Uma importante lição profética está inserida nestes versículos, a saber, a afirmação da soberania absoluta de Deus. Do ponto de vista hebreu, Yahweh era responsável pela criação, uma afirmação bastante desenvolvida lentamente, mas uma vez surgida, tenentemente realizada. Não só ele criou; O hebraico estava igualmente convencido de que a conservação do cosmos dependia de Yahweh. Se ele cessasse essa preservação, o cosmos retornaria ao caos. Finalmente, o hebraico acreditava que, finalmente, o Senhor levaria à consumação sua ordem criada. Criação, conservação, consumação - todos os três são necessários, os três dependem diretamente de Yahweh.

2. Punição de indivíduos por erros específicos (1: 7-9)

> *7 Guarda-se diante do Senhor Deus!*
> *Pois o dia do SENHOR está próximo;*
> *O SENHOR preparou um sacrifício*
> *e consagrou seus convidados.*
> *8 E no dia do sacrifício do SENHOR -*
> *"Eu punirei os oficiais e os filhos do rei*
> *e todos os que se apresentam com roupas estrangeiras.*
> *9 Naquele dia eu punirei*
> *Todo aquele que salta sobre o limiar,*
> *e aqueles que enchem a casa de seus mestres*
> *com violência e fraude ".*

A atenção gira mais diretamente agora para o próximo dia de Yahweh. Um dia de sacrifício é uma ocasião santa, e geralmente foi aceito que, quando o sacrifício foi colocado sobre o altar, era dever do povo aguardar em antecipação silenciosa, já que o próprio Deus entrou no meio deles. O versículo 7 afirma que o Senhor preparou seu próprio sacrifício, que consagrou seus convidados; tudo está pronto. Infelizmente, o texto não está claro no que diz respeito à identificação dos convidados. Judá serviu

como vítima sacrificial e como convidado? Os convidados eram os exércitos invasores que iriam destruir Judá? Seja como for, a vítima é querida - Judá! E este foi o trauma da situação, a vítima sacrificial foi Judá!

O uso de Zephania por esta ilustração de sacrifício é visto como evidência de suporte para aqueles que equiparam o profeta de Sofonias com o padre do mesmo nome. Este é um apoio bastante tênue, uma vez que os profetas muitas vezes proclamaram tais mensagens orientadas ao sacrifício (como Amós 4: 4-5 , Hos. 6: 6 , Mic. 6: 6-8).

Quatro tipos específicos de indivíduos foram escolhidos para o castigo de Yahweh: (1) os oficiais e os filhos do rei; (2) aqueles que usam vestuário estrangeiro; (3) aqueles que saltam sobre o limiar; e (4) aqueles que encheram a casa de seus mestres com violência e fraude.

Os profetas caracteristicamente criticaram aqueles em liderança quando dirigiram aqueles a sua carga para o vício, em vez de virtude. Os oficiais, portanto, os investidos de autoridade política pelo rei, são inevitavelmente escolhidos. São eles que permitiram que os abusos ocorressem em Judá e em Jerusalém.

Ele menciona os filhos do rei, uma referência longe de transparente. Josiah começou a governar em 640 AC quando ele tinha oito anos; e estamos assumindo que o ministério de Sofonias ocorreu antes que a reforma começasse em 621, provavelmente entre 630 e 625. É altamente improvável, portanto, que qualquer um dos filhos de Josias tivesse idade suficiente para ser criticado pelo profeta. É mais provável que os filhos do rei sejam usados como a frase, filhos dos profetas, ou seja, para designar associação, em vez de linhagem física. A Septuaginta usou a casa do rei aqui, e pode ser que isso seja mais preciso. A representação da Septuaginta levaria um novo problema, no entanto, para isso abrir a possibilidade de que a crítica do profeta fosse também dirigida ao rei.

De particular interesse no texto hebraico, no entanto, é o fracasso em condenar o rei como o responsável pelos abusos. Isso era porque a Sofonias era de linhagem real e, portanto, relutante em criticar o rei? Foi porque o profeta julgou o rei ser inocente? Não podemos tirar conclusões firmes, mas a omissão é de interesse.

Em segundo lugar, ele menciona aqueles que se vestem com roupas estrangeiras. Obviamente, havia certos indivíduos, seja apenas aqueles em lugares altos como plebeus também não estão claros, que estavam vestindo roupas associadas com nações estrangeiras. É provável que as modas assíricas estivessem sendo apedidas, e o mesmo imitador era um sinal tangível de submissão e aceitação da dominação assíria. Seguindo de perto como isso acontece com a condenação do culto astral (v. 5), reconhecemos que a aceitação de roupas estrangeiras transmitiu mais amplamente um estilo de vida que inevitavelmente incluíra culto estrangeiro.

Em terceiro lugar, ele designou todos os que saltam do limite. Novamente, a referência é um pouco ambígua (ver JMP Smith, pp. 197-198). À luz de sua denúncia filisteus em 2: 4-7 , 1 Samuel 5: 5 é instrutivo. Enquanto a explicação dada há uma tentativa de fundamentação histórica para um costume antigo, é possível que a prática fosse filisteu em vez de Judá. Novamente, portanto, a referência poderia ser a absorção de práticas estrangeiras específicas.

É possível, no entanto, que isso se refere a uma prática de ampla aceitação no antigo Oriente Próximo, não ao hábito de um povo particular. O limiar foi julgado na antiguidade para ser a morada de um demônio (ou demônios), portanto, um lugar de perigo particular. Nos tempos romanos, essa crença encontrou expressão no transporte protetor de uma noiva ao longo do limiar.

Também é possível que a frase seja traduzida como "todos os que subam o pedestal", referindo-se talvez àqueles que subiam o pedestal ou o pódio, sobre o qual era um altar pagão. Novamente, portanto, o julgamento seria sobre a prática pagã.

A classificação final destacada por Sofonias refere-se àqueles que encheram a casa de seus mestres com violência e fraude (ver também Jeremias 22: 13-17). Este pronunciamento final pode ser visto como a declaração sucinta do profeta sobre o resultado inevitável de perseguir padrões não-Yahwistic. Em vez de praticar a justiça, a casa do seu senhor (provavelmente o palácio do rei) está lotada com o produto de sua injustiça. Recordamos essa definição clássica de religião profética encontrada em Miquéias 6: 8 . Por causa de ações inicuas, o palácio do rei tornou-se um símbolo de injustiça, embora o rei fosse considerado o vice-rei de Yahweh que devia preservar a justiça na terra.

3. Julgamento sobre o mercado (1: 10-13)

> *10 "Naquele dia", diz o Senhor,*
> *"Um grito será ouvido no Fish Gate,*
> *um lamento do segundo trimestre,*
> *um choque alto das colinas.*
> *11 Wail, O habitantes do Mortar!*
> *Para todos os comerciantes não são mais;*
> *Todos os que pesam prata são cortados.*
> *12 Naquele tempo eu vou procurar Jerusalém com lâmpadas,*
> *e vou punir os homens*
> *que estão espessando em suas pernas,*
> *aqueles que dizem em seus corações,*
> *O SENHOR não fará o bem,*
> *nem fará mal ".*
> *13 Seus bens devem ser saqueados,*
> *e suas casas foram destruídas.*
> *Embora construam casas,*
> *não os habitarão;*
> *embora plantem vinhas,*
> *eles não beberão vinho deles ".*

A Porta dos Peixes era uma porta do norte para Jerusalém (ver Ne., 3: 1 pt ; 12:39), um portão que talvez tenha recebido seu nome devido à proximidade de um mercado de

peixe. A localização precisa do segundo trimestre é incerta; mas presumivelmente se refere a uma adição à cidade, talvez à área do norte cercada por Manasseh (2 Cron. 33 ; 14). A referência para as colinas não é clara, mas pode se referir a uma seção da cidade assim designada ou às colinas sobre as quais Jerusalém estava situada. Finalmente, Sofonias mencionou o Mortar, um substantivo hebraico usado em nenhum outro lugar no Antigo Testamento como um nome próprio. Embora certas pistas não estejam presentes, talvez no contexto que uma localização no norte se destine e provavelmente uma área que foi associada ou servida como um mercado. Todas as referências geográficas em conjunto indicam que Sofonias antecipou um ataque a Jerusalém do norte, assim como Jeremias (ver Jer. 1: 14-15 ; 6: 1-5 ; *et al.).* Deste sentido virá a calamidade que inauguraria o dia de Javé, terrível em sua ira, para ser acompanhada por um grito, uma lamentação, um estrondo alto, os sons típicos da batalha.

No dia de Yahweh, os comerciantes se extinguirão. Os comerciantes em hebraico são literalmente "todas as pessoas de Canaã". Este é um uso genérico do termo e não deve ser entendido como indicando que todas as pessoas de Canaã serão eliminadas. Os cananeus eram comerciantes ou comerciantes do Levant, tanto que "Canaan" e "comerciante" ou "comerciante" se tornaram sinônimos. Na ira do dia de Javé, essa classe de pessoas será separada de seus meios de subsistência.

Um elemento do comércio tinha a ver com o próprio dinheiro. Como não havia uma cunhagem padronizada, era necessário pesar a prata para ter certeza de valor. A razão para associar a pesagem de prata com os comerciantes é óbvia.

Sofonias descreveu o Senhor patrulhando as ruas de Jerusalém com lâmpadas; Mas, ao invés de procurar os justos, Sofonias apontou para o penetrante escrutínio de Javé, que acharia iniqüidade em cada canto. Não havia dúvida na mente do profeta de que a injustiça seria descoberta.

Sofonias usou uma metáfora tirada do processo de elaboração de vinhos para descrever seus compatriotas que encontrariam a ira de Javé: eu punirei os homens que estão engrossando em suas pernas. O vinho teve de ser transferido frequentemente de uma cuba para outra para evitar a acumulação de sedimentos e o espessamento resultante do vinho. As pessoas são tão longas e imperturbadas, espessas e não responsivas, apenas as escórias. Que a figura era proverbial para a indiferença e a inércia é clara de Jeremias 48:11 . Não houve prejuízo para eles, e eles achavam difícil acreditar que a situação mudaria.

Neste contexto, desenvolveu uma irreligião popular: "O Senhor não fará o bem, nem fará mal". O Senhor não se envolve nos assuntos dos homens, uma afirmação que equivale a um ateísmo prático. Sofonias viu a situação de forma diferente (v. 13). O julgamento sacudia as pessoas da sua letargia. Do norte, o dia de Yahweh viria, e o resultado seria a ruptura radical do status quo. As casas construídas não seriam habitadas e as vinhas plantadas não alcançariam a maturidade da produção!

O homem contemporâneo precisa lembrar que suas atividades no mercado não são um fenômeno isolado. Toda a vida é unida, e a trapaça e a injustiça feitas a nossos semelhantes inevitavelmente constroem casas que terão suas contas e cultivarão vinhedos que são insuficientes para a produtividade. O homem moderno geralmente

encontra pouco significado na afirmação de que Yahweh é o Senhor da história, mas para a Sofonias e o profetismo em geral, este era, obviamente, um conceito fundamental.

III. O Dia de Javé (1: 14-2: 3)

1. O Dia da Ira (1: 14-18)

(1) Devastação do dia (1: 14-16)

> *14 O grande dia do SENHOR está próximo,*
> *perto e acelerando rápido;*
> *o som do dia do Senhor é amargo,*
> *O homem poderoso grita alto lá.*
> *15 Um dia de ira é aquele dia,*
> *um dia de angústia e angústia,*
> *um dia de ruína e devastação,*
> *um dia de trevas e melancolia,*
> *um dia de nuvens e escuridão espessa,*
> *16 um dia de explosão de trombeta e grito de guerra*
> *contra as cidades fortificadas*
> *e contra as ameias altas.*

Sofonias estava convencida de que o dia de Yahweh era iminente e que seria acompanhado por uma destruição radical. Seria, conforme descrito por Amós (5: 18-20), um dia de "escuridão e não luz". Sofonias usou uma terminologia particularmente sugestiva ao descrever os terrores do dia de Javé: amargo, o poderoso chora em voz alta, ira, angústia e angústia, ruína e devastação, escuridão e escuridão, nuvens e escuridão espessa, trombão e grito de guerra. O profeta estava convencido de que este dia que perturbaria tão devastadoramente a vida nacional estava próximo e acelerava rapidamente.

O profeta descreveu vividamente o dia da ira nesses versículos, mas, ao contrário de 1: 2-3, onde se pode ver a semente do apocalíptico, a interpretação desta seção é mais clara como um dia de batalha feroz. Todas as figuras utilizadas podem descrever a cena de uma batalha furiosa, e a trombeta e o grito de guerra da v. 16, em particular, apoiam essa interpretação.

Como muitos dos Salmos, os terrores do julgamento estavam à mão; mas o modo desse julgamento não foi especificado. O versículo 16 aparentemente imaginou um ataque (pelos citas) em Jerusalém (ver 1: 12-13). A segunda metade de 1:18 , que é possivelmente, mas não necessariamente, expansão editorial, contemplou um julgamento mais universal. O ponto é claro, particular ou universal, o dia de Yahweh trará perturbação e devastação.

(2) Ineffectuality of Silver and Gold for Deliverance (1: 17-18)

17 Vou trazer angústia aos homens,
para que caminhem como cegos,
porque pecaram contra o SENHOR ;
seu sangue será derramado como pó,
e sua carne como esterco.
18 Nem a prata nem o ouro deles
deve poder entregá-los no dia da ira do SENHOR .
No fogo de sua ciumenta ira,
toda a terra será consumida;
por um final cheio, sim, súbito
Ele fará de todos os habitantes da terra.

O versículo 17 caracteriza-se novamente por terminologia invulgarmente descritiva ao retratar a agonia do dia de Javé. Os homens caminharão como cegos, talvez por causa do confinamento atrás das paredes quando a cidade é atacada. Independentemente disso, os homens estarão na escuridão e sem sentido de direção; E seu sangue ele derramará como pó. Considerando que, agora, os ricos podem ter todos os seus desejos saciados por meio da despesa de prata e ouro, eles encontrarão no dia da ira de Yahweh que bens materiais não contam para nada. O julgamento de Javé vai descansar sobre o que *é* um homem , *e* não sobre o que um homem tem.

Mais importante ainda, era costume das cidades do mundo antigo comprarem atacantes em suas cidades. Nós não sabemos que Sofonias se refere ao evento gravado por Heródoto, quando o faraó Psammetichus pagou tanto aos citas para proteger suas fronteiras, mas a prevalência da prática é certa (como em 2 Reis 15: 17-20 e 18: 13-15). Mais do que ser tão pessoalmente dirigido, portanto, o principal impulso poderia ser para a cidade de Jerusalém *per se*, essa cidade supostamente inviolável. Naquele dia, Jerusalém não poderá afastar os terrores da ira de Javé pela prata e pelo ouro!

2. Uma Possibilidade de Escapar da Ira de Deus (2: 1-3)

1 Venha junto e segure a assembléia,
Ó nação sem vergonha,
2 antes de ser expulsos
como a palha de deriva,
antes de vir sobre você
a feroz ira do Senhor,
antes de vir sobre você
O dia da ira do Senhor.
3 Procure o Senhor, tudo que você humilde da terra,
quem faz seus comandos;
busque a justiça, procure humildade;
talvez você esteja escondido

no dia da ira do Senhor.

Tendo enfatizado o julgamento iminente de Javé (1: 14-18), a seção atual retrata a palavra do profeta a Judá (ó nação sem vergonha). Sua mensagem refletiu principalmente o dia da teologia de Yahweh, característico de Amós, mas, nesta altura, aparentemente foi Isaías que influenciou a Sofonias. Esta é uma última chance para Judá se arrepender, e se o fizer, talvez a feroz ira de Javé não seja visitada sobre ela.

No v. 3 , o profeta ordenou ao humilde da terra que buscasse o Senhor. Humilde connota uma atitude de obediência fiel em relação a Deus; De fato, lembrou-se da referência em Miquéias 6: 8 , "andar humildemente com seu Deus". Se você é humilde, pode ser que você esteja escondido no dia da ira do Senhor. Estar escondido é um termo que transmite uma imagem de proteção, como se um indivíduo fosse protegido do clima. Esta passagem é um bom exemplo da contínua esperança do profeta (e profetismo) na receptividade de Yahweh ao arrependimento do homem. Em alguns casos, como infelizmente é o principal impulso de Sofonias, a esperança era bastante nacionalista.

Como indicado anteriormente, nesta passagem possivelmente temos um padrão de pensamento contrário ao de 1: 4, onde o julgamento sobre Judá foi visto aparentemente como abrangente. Assim, alguns (Taylor, pp. 1022-1023; JMP Smith, pp. 214-215) julgariam o v. 3 uma adição editorial ao livro e um padrão de pensamento característico do judaísmo posterior. Como sugerido em vários pontos, no entanto, a inclusão de uma teologia da confiança não pode ser julgada como estranha à mentalidade profética. O profeta que se pronunciou exclusivamente doom não teve nenhuma mensagem significativa para compartilhar com seu povo.

IV. A condenação das nações estrangeiras (2: 4-15)

1. Filostia (2: 4-7)

4 Pois Gaza estará deserta,
e Ashkelon se tornará uma desolação;
O povo de Ashdod será expulsado ao meio dia, e Ecron será desarraigado.
5 Ai de vocês habitantes do litoral,
Você é nação dos Cherethites!
A palavra do Senhor é contra você,
Ó Canaã, terra dos filisteus;
e eu vou destruí-lo até que nenhum habitante seja deixado.
6 E vós, ó litoral, serão pastagens,
Prados para pastores
e dobras para bandos.
7 O litoral deve se tornar a posse
do resto da casa de Judá,
em que devem pastar,

e nas casas de Ashkelon
eles devem deitar-se à noite.
Para o Senhor, o seu Deus estará atento a eles
e restaure suas fortunas.

O versículo 4 parece se relacionar logicamente com vv. 5-7 . Toda a seção trata da Philistia. O oráculo contra a filisteia, uma nação a oeste de Judá, é altamente nacionalista em seus conhecimentos. Conclui com a aspiração de que as terras ocupadas pelos filisteus fossem entregues a Judá como terra de pastagem exuberante (v. **7).** Mas note que o nacionalismo está um pouco atenuado pela indicação do profeta de que isso seria herdado apenas pelo remanescente da casa de Judá. Isso liga a passagem à seção anterior, onde Sofonias apelou para uma expressão de humilde dependência de Yahweh de que "você pode estar escondido no dia da ira do Senhor" (2: 3).

Este retorno antecipado à vida pastoral retoma um tema muito importante para os profetas, ou seja, a eventual retomada do estilo de vida que caracterizou a nação quando Yahweh deu à luz, o nomadismo. Quando Philistia é deixada desolada, o remanescente de Judá retornará a essa expressão cultural que influenciou significativamente o padrão de pensamento profético.

Neste oráculo contra os filisteus, quatro das cinco cidades que constituíram a liga filisteu são designadas (ver Josué 1: 3). Gath não é mencionado porque já havia passado da existência (ver discussão em Taylor, página 1023).

O oráculo afirma que as pessoas de Ashdod serão expulsas ao meio dia. A interpretação disso é incerta, talvez indicando que a destruição ocorrerá com tanta rapidez que a luta acabará ao meio-dia ou se referirá a um ataque súbito à cidade ao meio-dia quando os habitantes da cidade estão descansando.

Do que é dito sobre as quatro cidades, Cherethites (ver 1 Sam. 30:14 , Ezequiel 25:16) servindo aqui apenas como um paralelo para filisteus (uma ligação com Creta?), Informações insuficientes são dadas a Jink com certeza o oráculo a um período cronológico específico ou a fundamentação concreta para a atividade destrutiva de Yahweh. Devemos assumir que o profeta esperava que o leitor estivesse ciente das dificuldades de Judá com os filisteus desde a entrada de Canaã em aproximadamente 1150 AC ? Ou a ameaça destrutiva é mais uma ameaça militar bem conhecida (como os citas?)?

2. Moabe e Ammo (2: 8-11)

8 "Ouvi as provocações de Moab
e as injúrias dos amonitas,
como eles provocaram meu povo
e se orgulhou contra o seu território.
9 Portanto, enquanto vivo, diz o SENHOR dos exércitos,
o Deus de Israel,
"Moab se tornará como Sodoma,

e os amonitas gostam de Gomorra,
uma terra possuída por urtigas e poços de sal,
e um desperdício para sempre.
O resto do meu povo os saqueará,
e os sobreviventes da minha nação os possuirão ".
10 Esta será a sua sorte em troca do seu orgulho,
porque eles se burlavam e se gabavam
contra os povos do Senhor dos exércitos.
11 O Senhor será terrível contra eles;
sim, ele afligirá todos os deuses da terra,
e a ele se curvará,
cada um em seu lugar,
todas as terras das nações.

A atenção do profeta foi então dirigida para o leste, para as nações transjordanias de Moab e Ammon. Os israelitas conheciam as duas nações desde que o período do deserto vagou (veja Números 21: 13ss). Mais uma vez, o tom do oráculo é altamente nacionalista, pronunciando a desgraça em Moabe e Amon com o resultado prometido na v. 9b .

Esta passagem é um dos apoios mais fortes para namorar a Sofonias durante o reinado de Jeoiaquim. Quando Joaquim se revoltou contra Nabucodonosor (2 Reis 24: 2), as retaliações para a Babilônia foram primeiro instigadas por Moabe e Amom (ver 2 Reis 24: 2). Em 598 AC, Nabucodonosor sitiou Jerusalém. Este contexto obviamente proporcionaria uma colocação válida para o oráculo (ver Williams, página 84).

Por outro lado, o tratamento mais tradicional desta passagem julga o oracle um brilho por um editor posterior. Isso assumiria que o editor estava refletindo sobre a usurpação moabita e amonita de terras anteriormente ocupadas pelos Judahitas durante o exílio babilônico. Isso tornaria o oráculo pós-Sofonias (de fato, postexilizado por consenso geral) e colocaria sua lógica em uma categoria paralela à da atitude de Obadias em relação aos edomitas.

Os sentimentos vindictivos em relação a Moabe e Edom foram possíveis mesmo durante o período de Josianic, no entanto, como já foi indicado pela denúncia de Amós de ambas as nações (Amós 1: 13-2: 3). Ao mesmo tempo, a reação de Amós se baseava no relacionamento antiético do homem com o sujeito, uma preocupação que não se mostra tão grande em Sofonias. Nós veríamos como muito provável que a atitude judaica exilic e / ou pós-xilica de um editor seja refletida.

Independentemente do autor ou data, a intenção do oracle é bastante transparente. Imagina-se que Moabe e Amom se tornarão como Sodoma e Gomara: "Um símile sugerindo, ao mesmo tempo, a profundidade de sua depravação e uma destruição repentina, terrível e total através do derramamento da ira de Javé" (JMP Smith, pág. 226) . Onde eles agora existem, a terra será coberta de urtigas, uma palavra (*charul*) incerto no hebraico, mas aparentemente se refere a uma espécie de erva que

floresce em uma terra devastada. Além disso, a área será preenchida com poços de sal ou se tornará um poço de sal (o último como interpretado por JMP Smith, página 227), uma figura de esterilidade e esterilidade. Tal devastação e privação com a resultante transferência de posse foi no julgamento do profeta a única expectativa lógica. Assim, o resultado deve ser quando um povo não era humilde diante de Javé, quando suas riquezas se debruçavam em sua arrogância (v. 10). Eles e seus deuses (v. 11) serão feitos para homenagem diante de Javé. Nós julgamos a ênfase no v. 11para derivar provavelmente de um editor exilic ou postexilic quando uma preocupação com a exaltação nacional era comum (como em Isa. 45:14 ; 49: 7 , 23).

3. Etiópia (2:12)

> *12 Você também, ó etíope,*
> *será morto pela minha espada.*

O profeta então se virou para o flanco sul de Judá, com foco na Etiópia. Este é um breve oráculo que não causa causa nem resultado de julgamento. Devido à sua brevidade e porque, metricamente, não concorda com seu contexto, muitos comentaristas julgam a passagem uma intrusão editorial posterior. Alguns concluem que o profeta não teve nenhum interesse real nos etíopes, que ele simplesmente os usou para preencher a força dos poderes hostis (como Eaton, p.144). JMP Smith sugeriu que, uma vez que a Etiópia governou o Egito do final do século VIII até o século VII AC o profeta "aborda sarcasticamente os próprios egípcios com esse nome, por causa de sua longa sujeição à Etiópia" (p. 232). Aceitando o oráculo tal como aparece no texto; Ele apoiaria o ministério de Sofonias durante a ameaça de Scythian, pois o registro de Heródoto indica que os citas se voltaram na fronteira egípcia, não que o Egito (ou a Etiópia) sofresse drasticamente.

Conhecendo Sofonias durante o reinado de Joaquim, no entanto, se o Egito e a Etiópia forem equiparados, o julgamento contra a Etiópia pode ser motivado por qualquer uma das duas situações históricas. Por um lado, pode provir da conquista de Judá pelo Egito com a deportação resultante de Joacaz (609 aC) para o Egito e entronização de Joaquim (609-598 AC , ver 2 Reis 23: 31-34). Por outro lado, poderia refletir a derrota do Egito junto com a Assíria pelos babilônios e os medos na batalha de Carchemish em 605 AC (ver Williams, pp. 84-85).

4. Assíria (2: 13-15)

> *13 E ele esticará a mão contra o norte,*
> *e destruir a Assíria;*
> *e ele fará de Nínive uma desolação,*
> *um lixo seco como o deserto.*
> *14 Os rebanhos se deitarão no meio dela,*
> *todos os animais do campo;*
> *o abutre e o ouriço*
> *deve hospedar-se em suas capitais;*
> *a coruja deve hoot na janela,*

o corvo de corvo no limiar;
Por seu trabalho de cedro será descoberto.
15 Esta é a cidade exultante
que habitava seguro,
isso se disse,
"Eu sou e não há mais ninguém".
Que desolação ela se tornou,
um covil para bestas selvagens!
Todo aquele que passa por ela
assobia e sacode o punho.

A atenção foi dirigida então para o norte, isto é, Assíria, a aparente intenção de proclamar o dia iminente quando a Assíria seria uma desolação, sua capital Nínive como deserto. Como símbolo de sua total devastação, o profeta referiu-se à usurpação de animais e pássaros, ambos mansos e selvagens, da área já habitada pelo homem.

O versículo 15 é um cântico funerário antecipado ou mais provável uma declaração pós-evento da condição de Nineveh após sua queda e rápida deterioração em 612 AC. O oráculo retrata não apenas a destruição, mas também a reação de homens que passam, de desprezo, raiva e assombro horrorizado: todo aquele que passa por ela assobia e sacode o punho. Infelizmente, este gesto não é mencionado em outro lugar no Antigo Testamento, por isso somos deixados um tanto para conjecturar quanto às sutilezas de suas implicações.

O profeta agora concentrou a atenção sobre as várias nações que cercaram Judá e enfatizaram a última Assíria. Através de sua mensagem de julgamento, o profeta enfatizou o resultado inevitável do orgulho do homem: a ação de Deus na história para levar a submissão ao altivo. Uma nação não pode dizer que eu sou e não há mais ninguém sem enfrentar as consequências de suas palavras blasfemas (ver Prov. 16:18).

V. A Mensagem Final de Aus de Jerusalém (3: 1-7)

1. Jerusalém, o Rebelde e Defiled (3: 1-2)

1 Ai daquela que é rebelde e contaminada,
a cidade opressora!
2 Ela não escuta voz,
ela não aceita nenhuma correção.
Ela não confia no Senhor,
ela não se aproxima de seu Deus.

Mais uma vez, o profeta voltou à sua primeira preocupação, Jerusalém. Ela era uma cidade rebelde que se recusava a prestar atenção à voz de seu Deus ou a confiar em Yahweh. Além disso, a adoração sincera de Javé estava ausente de Jerusalém; assim, o julgamento era inevitável.

2. Corrupção de Liderança, Constância de Javé (3: 3-5)

> *3 Seus funcionários dentro dela*
> *são leões rugidosos;*
> *seus juízes são lobos da noite*
> *que não deixam nada até a manhã.*
> *4 Seus profetas são despreocupados,*
> *homens infiéis;*
> *seus padres profanam o que é sagrado,*
> *Eles violam a lei.*
> *5 O SENHOR dentro dela é justo,*
> *ele não faz mal;*
> *todas as manhãs ele mostra sua justiça,*
> *cada madrugada ele não falha;*
> *mas o injusto não conhece vergonha.*

Quatro categorias de liderança foram especificamente enumeradas, cada classe à sua maneira corrompida. Os oficiais, isto é, a nobreza ou a aristocracia, e os juízes, ou seja, os anciãos governantes que protegem os fracos, estão ambos depravados. Os oficiais são leões rugindo, esperando suas presas (ver paralelo em Ezequiel 22: 25-28), enquanto os juízes são descritos como lobos da noite, insaciáveis em seu desejo de matar. Na medida em que uma demarcação pode ser feita entre o sagrado e o secular, estes eram os líderes seculares. A situação não teria sido tão impossível se os oficiais sagrados não tivessem sido tão contaminados.

Os profetas são descritos como homens infelizes e infelizes. Embora esta seja a única acusação registrada de Sofonias contra os profetas, o julgamento é severo. Aqueles destinados a incutir fé e lealdade em relação a Yahweh eram eles mesmos infieles e desleais. Os sacerdotes, aqueles responsáveis pelo bom desempenho do culto, profanam o que é sagrado (veja novamente a passagem paralela em Ezequiel 22:26), ou seja, eles desconsideraram os santos e tratam todas as coisas como seculares. Os sacerdotes agiram desconsiderando uma das suas principais funções (ver Levítico 10:10), ou seja, "distinguir entre o santo e o comum, e entre o impuro e o limpo". Não está claro se a violência cometida para A Torah (lei) refere-se a questões legais *per se* ou ao uso anterior, instruções, uma função compartilhada por sacerdotes e profetas.

Assim, não havia nenhuma categoria de liderança na cidade livre de corrupção. A consistência de Yahweh não influenciou a liderança de Jerusalém - eles ignoraram a consistência de Yahweh na justiça e sua firmeza na manutenção da aliança. O profeta pode dizer que suas ações ignoram a regularidade de seu santo governo, que Sofonias comparou com a aparição sistemática do sol. É lamentável que existam alguns sobre quem o bom exemplo passa despercebido: o injusto não conhece vergonha. É uma verdade infeliz, além disso, que às vezes o poder corrompe. Sofonias viu a liderança em Jerusalém como um excelente exemplo dessa verdade.

3. Recusa de Aprender com o Exemplo (3: 6-7)

[6] *"Cortei as nações;*
suas ameias estão em ruínas;
Eu arruinei suas ruas
para que ninguém entre;
suas cidades foram desoladas,
sem um homem, sem um habitante.
[7] *Eu disse: "Certamente ela vai me temer,*
ela aceitará correção;
ela não perderá a vista
de tudo o que eu pedi para ela.
Mas, ainda mais, estavam ansiosos
para tornar corruptas todas as suas ações ".

Sofonias estava convencida de que era a obstinação de Jerusalém que a soletrava. O Senhor, como o Senhor da história, deu exemplos suficientes dos resultados do comportamento iniqüível para Jerusalém ser avisado em relação ao seu futuro.

Não podemos saber agora a referência histórica para as cidades desoladas da v. 6 . Durante a investida dos citas de 630-625 AC , o medo dessas pessoas que trataram tão duramente com os vencidos foi generalizado. Se Sofonias funcionasse durante a última parcela do reinado de Josias ou durante o governo de Jeoiaquim, a queda de Nínive em 612 AC ou a batalha de Carchemish em 605 AC poderia ter dominado seu pensamento.

Embora a referência histórica não possa ser estabelecida sem dúvidas, a intenção da passagem é clara. Jerusalém é povoada por um lote rebelde que se recusa a reconhecer o significado do período histórico tumultuado em que vivem. Eles observam os acontecimentos e depois se apressam para tornar corruptas todas as suas ações. Não era de admirar que o profeta reconhecesse a iminência do julgamento inevitável.

VI. A Gloriosa Mensagem de Restauração e Exaltação (3: 8-20)

1. Ira do Senhor sobre as nações (3: 8)

[8] *"Portanto, espere-me", diz o Senhor,*
"Para o dia em que eu apareço como testemunha.
Pois a minha decisão é reunir nações,
para montar reinos,
para derramar sobre eles minha indignação,
todo o calor da minha ira;
pois no fogo da minha ciumenta ira
toda a terra deve ser consumida.

Até agora, o capítulo 3 registrou a palavra do profeta voltada para uma Jerusalém insensível e sem sentido. Ele, no entanto, não mencionou especificamente o dia de Yahweh. O verso 8 retorna ao tema do julgamento radical associado ao dia de Yahweh anteriormente confrontado no livro. No padrão de pensamento, mais se parece com 1; 2-3. Por causa da corrupção, manifesta-se mesmo entre os escolhidos de Javé e mais particularmente na cidade sagrada (3: 1-7), o dia do julgamento está em mãos. Todas as nações serão reunidas, a ira feroz do Senhor será derramada sobre eles, no fogo da minha ciumenta ira / toda a terra será consumida. Mais uma vez, vemos uma inclinação para o padrão de pensamento apocalíptico.

Foi sugerido (então JMP Smith, p. 247, Gailey, p. 82; *et al.*) Que o comando para esperar era dirigido principalmente ao remanescente fiel de Javé. Se for o restante fiel que se pretende, isso indicaria que, no meio da proclamação do profeta do inminente julgamento devastador, há ainda esperança. Os fiéis ainda podem aguardar a atividade de Javé na convicção de que a Aliança Deus dará sustento e proteção aos fiéis, o "humilde da terra, que faz os seus mandamentos" (2: 3).

2. Restauração da comunicação (3: 9-10)

> *9 "Sim, naquele momento vou mudar o discurso dos povos*
> *para um discurso puro,*
> *que todos possam invocar o nome do Senhor*
> *e sirva-o de comum acordo.*
> *10 De além dos rios da Etiópia*
> *meus suplentes, a filha dos meus dispersos,*
> *trará minha oferta.*

Os versículos 9-10 estão ligados em antecipação ao surgimento de um momento em que o discurso dos povos deve ser unificado, uma seção que remanesce a antiga história da Torre de Babel em Gênesis 11 . Nesse incidente pré-histórico supunha-se que, como resultado do orgulho e da arrogância do homem, Deus confundiu seu discurso para que fosse impossível que a pretensão do homem achasse expressão em consorte com seus companheiros.

A esperança do homem para a remoção de dificuldades de comunicação aparentemente incentivou as associações escatológicas, conforme indicado por Joel 2: 28-3: 21 e a literatura da igreja primitiva (Atos 2). Nesta passagem de Sofonias, encontramos a expectativa de que, no dia de Yahweh, o bloqueio de comunicação estabelecido por Yahweh será removido para que mais uma vez todos os homens tenham um discurso apurado ou, literalmente, "um lábio purificado". Isso pode referir-se a uma unidade de expressão ou uma pureza de pessoa. Nós julgamos o último preferível, uma vez que não é o idioma, mas o indivíduo que deve ser purificado antes de poder comparecer perante o Santo. Sofonias afirmou que naquele dia o homem será como Deus quis que o homem seja: todos eles podem invocar o nome do Senhor / e servi-lo de comum acordo.

Na frase de comum acordo, o profeta * usou uma imagem familiar para seus ouvintes. O hebraico é literalmente "(com) um ombro", e aparentemente o autor pretendia transmitir uma figura de unidade concomitante com sua ênfase no "discurso puro". Os bois foram

ligados ombro a ombro com um jugo único para que eles se juntasse em seu trabalho. Esta é a esperança do profeta para o futuro da humanidade.

O versículo 10 é incerto quanto ao significado porque o texto hebraico não está claro. Usando a representação do RSV, o verso aparentemente sugere que naquele dia o povo judeu amplamente disperso mais uma vez trará sua oferta a Javé, presumivelmente em Jerusalém. A referência aos meus dispersos (Diaspora) neste versículo sugere material exilic. Provavelmente, a referência a Para além dos rios da Etiópia transmite a idéia de que o povo de Javé virá dos recantos mais remotos da terra. Este culto unificado é o resultado do puro discurso característico de todos no dia de Javé.

Esta seção lembra um conceito bíblico significativo, muitas vezes negligenciado, ou seja, a importância da iniciativa divina na relação Deus-homem. A Bíblia é um registro da busca de Deus pelo homem de várias maneiras, e não vice-versa. Deus busca a continuação de seu relacionamento com o homem, mesmo que o homem rejeite Deus. Deus não precisa do homem, mas o homem precisa desesperadamente de seu Criador. A majestade do Criador é vista na estima que ele colocou sobre a sua criação.

3. Preservação e Exaltação do Resto de Israel (3: 11-13)

> *11 "Naquele dia você não deve envergonhar*
> *por causa das ações pelas quais você se rebelou contra mim;*
> *pois então vou retirar do seu meio*
> *seus orgulhosamente exultantes,*
> *e você não deve mais ser altivo*
> *na minha montanha sagrada.*
> *12 Pois vou sair no meio de você*
> *um povo humilde e humilde.*
> *Eles buscarão refúgio em nome do SENHOR ,*
> *13 aqueles que são deixados em Israel;*
> *eles não devem fazer nada de errado*
> *e não levantam mentiras,*
> *nem deve ser encontrado na boca deles*
> *uma linguagem enganosa.*
> *Pois devem pastar e deitar-se,*
> *e ninguém deve fazer com que eles tenham medo ".*

Esta é seguramente uma das seções mais exaltadas no material do profeta. Naquele dia aqui se refere ao tempo após o julgamento ter ocorrido. O altivo nunca mais será; Em vez disso, o humilde será mantido como o remanescente fiel. Este remanescente purificado, como o Senhor, não fará mal (v. 13 , cf. 3: 5).

O significado da primeira parcela da v. 11 é incerto. Pode indicar que o remanescente não sentirá vergonha pelo erro anterior da nação. A própria memória desses erros será eliminada. Isso também pode significar que não haverá motivo para que o remanescente

continue sofrendo pelos pecados anteriores das pessoas, pois os pecados, uma vez comprometidos, não continuarão a caracterizar os remanescentes. De acordo com JMP Smith (p. 250), é bem provável que essa última interpretação tenha sido a intenção. Em ambos os casos, lembrando o padrão de pensamento hebraico, a remoção de responsabilidade corporativa de Yahweh é significativa

Estes versos registram o impulso geral da religião profética. Os profetas estavam convencidos de que um indivíduo deve exercer uma confiança e um compromisso com Yahweh. A auto-exaltação ou o orgulho era a essência da rejeição do homem a Deus.

Esta seção exibe muitos conceitos que encontraram sua expressão mais clara no judaísmo desenvolvido (como orgulho, exultância, vergonha) e, conseqüentemente, muitos comentadores julgam que a passagem é de derivação postexilica.

4. Promessa escatológica para a Restauração da Fortune de Jerusalém (3: 14-20)

14 Cante em voz alta, ó filha de Zion;
grita, ó Israel!
Regozije-se e exulte com todo o seu coração, -
Ó filha de Jerusalém!
15 O Senhor tirou os julgamentos contra você,
Ele expulsou seus inimigos.
O rei de Israel, o SENHOR , está no seu meio;
você não temerá mais o mal.
16 Naquele dia será dito a Jerusalém:
"Não temas, ó Zion;
Não deixe suas mãos crescerem fracas.
17 O Senhor, seu Deus, está no seu meio,
um guerreiro que dá vitória;
Ele se alegrará com você com alegria,
Ele irá renová-lo em seu amor;
ele vai se orgulhar de você com um canto alto
18 como no dia do festival.
"Eu vou remover o desastre de você,
para que você não seja censurado por isso
19 Eis que naquele momento eu vou lidar
com todos os seus opressores.
E vou salvar os coxos
e reunir o pária,
e eu mudarei sua vergonha em louvor
e renome em toda a terra.
20 Naquele momento eu o trarei para casa,

no momento em que eu reuni-los juntos;
sim, eu farei você reconhecer e louvar
entre todos os povos da terra,
quando eu restaurar suas fortunas
diante de seus olhos ", diz o Senhor.

O impulso desta passagem está em marcado contraste com o tom de julgamento do capítulo 1 e muito mais parecido com passagens como Amós 9: 11-15 , Zacarias 14 e Isaías 40-55 . O profeta proclama que o dia de aproveitar a glória de Deus está próximo. O Senhor lutou com sucesso contra os inimigos de Judá. A restauração das fortunas e a remoção de toda vergonha estão no ponto de atualização. Jerusalém, o próprio centro do universo, está prestes a assumir o seu lugar legítimo entre as nações.

Os versículos 14-15 formam uma unidade reminiscente da entronização Salmos (ver Salmos 47 ; 93 ; 95-99). Nesta passagem, sugere-se a entronização de Javé. Israel tem motivos abundantes para se alegrar! O ideal teocrático causou um golpe pela assunção Israel-Judá da monarquia, estava sendo restabelecido. O Senhor, que entregou do Egito e confiou-lhes a terra de Canaã, foi novamente seu rei. O profeta exalta: *você* não temerá mais o mal.

Este ideal teocratico foi uma preocupação primordial dos profetas (como em Is 6. ; . Ez 1-3 ; *et al.)*. Embora seja incorreto ver as ideias escatológicas de forma monolítica, pelo menos uma idéia associada ao eschaton foi que a regra absoluta de Yahweh fosse restabelecida. Este foi o evento a que Sofonias aponta.

Novamente, vv. 16-18 formam uma unidade, seja de um editor diferente é incerto. Vemos mais uma vez o uso de Naquele dia para indicar o momento em que Yahweh lutou com êxito para que seu povo estabelecesse sua vitória e segurança.

O phraselet que suas mãos não se tornam fracas literalmente significa deixar cair ou afundar. A idéia por trás disso é a paralisia pelo medo ou pelo desespero. Por que não ter medo? Por que não ser superado pelo desespero? Versículos 10-17afirmam a mesma verdade, Yahweh está no seu meio.

Reconhecendo a orientação da aliança da fé de Israel e também que este estabelecimento de seu povo é um novo dia, pergunta-se se o uso do substantivo hebraico para o amor na v. 17 teve um significado particular. Norman H. Snaith fornece algumas análises úteis neste momento. O substantivo *chesed* refere-se ao amor da aliança. Este é o tipo de amor que continua o relacionamento da aliança uma vez que foi estabelecido. No entanto, não é *chesed* que o profeta usou neste caso. Ele *usou'ahabah* , uma forma nominal do *verbo'ahab* , outra palavra hebraica traduzida como "amor". Essa compreensão do amor não é pré-condicionada pelo relacionamento da aliança; Em vez disso, é incondicional. Snaith afirma isso bem:' *Ahabah*é a causa da aliança; *Chesed* é o meio de sua continuação. Assim,' *ahabah* é Eleição de Deus - Amor, enquanto *Chesed* é o Seu Apoio - Amor ".

Naquele dia, o Senhor voltará para você de novo quando ele veio para você. A aliança será restabelecida. Talvez no meio do nacionalismo se veja a esperança de um editor postexilico que a nação renovada no amor de Javé possa cumprir a intenção reveladora da aliança original de Javé com os hebreus (ver Ex. 19: 5-6 , Isaías 42: 6) .

O versículo 18 é bastante obscuro no hebraico e pode vincular-se ao material anterior ou a seguir. Parece mais lógico associá-lo ao seu elemento precedente, ou seja, o dia escatológico elimina todo julgamento. O pensamento é uma reminiscência do cancelamento da dívida de Isaiah 40: 1-2 . Aparentemente, a intenção é transmitir que no mesmo dia todas as razões para o julgamento serão removidas ou naquele dia aqueles para quem a apostasia de Israel e o julgamento resultante tenham sido um fardo e uma censura encontrarão alívio. O dia da renovação estava em mãos!

Os versículos 19-20 concluem o material associado a Sofonias. Nesta seção, alguns dos elementos mais tradicionais da escatologia pós-xilica encontram expressão. Os inimigos de Israel são submetidos à sujeição (v. 19), com a exaltação resultante daqueles que, até este momento, contavam pouco (o coxo e o marginado). Ao mesmo tempo, essas pessoas (os judeus) espalhadas para o exterior serão reunidas novamente a Jerusalém enquanto a comunidade é reconstituída em seu esplendor (v. 20). Finalmente, "naquele dia" a promessa a Abraão (Gn 12: 2-3) encontrará a sua máxima realização. Israel será reconhecido em toda a terra. . . Quando eu restaurar suas fortunas diante de seus olhos, ou seja, dentro de sua própria vida. Esta adição postexilica conclui, portanto, enfatizando a exaltação nacional.

Apesar desse nacionalismo, reconhecemos que alguns dos elementos freqüentemente encontrados no pensamento profético-apocalíptico não estão incluídos aqui. Especificamente, nos referimos à ausência da devastadora vitória de Israel sobre as nações vizinhas, particularmente seus inimigos, conforme expressado em Zacarias 12-14 e Obadias. Sofonias se move em um nível religioso superior do que isso.

Embora não possamos reivindicar originalidade significativa para a Sofonias, reconhecemos nele um indivíduo de habilidade incisiva. Ele conseguiu penetrar a farsa da existência de Judá, e sua habilidade para fazê-lo seria mais significativa se fosse de fato a linhagem real (ver Int.). Ao ver o errado e reconhecer as conseqüências do erro, ele falou com clareza e determinação. Se o livro de Sofonias for visto como a maioria dos comentadores analisá-lo, há pouca esperança expressa neste livro. Este profeta foi aquele que viu no dia iminente de Javé, Jerusalém - a única esperança de Judá - do fogo virá o puro remanescente. Sua mensagem, portanto, não é de conforto e consolo; Em vez disso, é uma pontuada por acusação e agonia. Ele não chora com a sua nação como o seu contemporâneo, Jeremias; essa não era sua personalidade. Em vez disso, como Amos, ele se levanta e se confronta. Ele condena e adverte.

A preservação do livro, mesmo em sua forma modificada, é evidência suficiente de que a mensagem de Sofonias foi finalmente reconhecida como a palavra de Deus para Judá. Nós conjecturaríamos, no entanto, que tanto a mensagem como o homem foram julgados de maior importância, uma vez que o dia de Javé foi pensado para ter ocorrido do que era verdade durante o ministério do profeta. Assim, Zephanias foi provavelmente realizada em estimativa consideravelmente mais alta durante os períodos exilic e pós-exilic do que durante seu próprio ministério. Podemos ser gratos pelo reconhecimento da retrospectiva, no entanto, pois foi isso que preservou esta escrita breve mas valiosa.

Ageu

David A. Smith

Introdução

Ageu, juntamente com Zacarias e Malaquias, faz parte de uma importante coleção de profecias pós-físicas. Ageu e Zacarias 1-8 foram abordados bastante cedo para a comunidade de ex-exilados que tinham sido autorizados a retornar à Judéia pelas generosas políticas de Cyrus. Zacarias 9-14 e Malaquias pertencem a um período posterior quando os problemas iniciais do retorno e reconstrução foram passados e problemas novos e diferentes enfrentaram a comunidade judaica pequena e lutadora. A voz profética pós-xilica não é tão impressionante quanto a profecia anterior. No entanto, reflete a presença de uma palavra válida de Deus, porque é relevante para as situações dos profetas. Em última análise, este é o critério pelo qual toda pregação deve ser julgada.

I. O Profeta

O conhecimento do profeta Ageu é limitado aos dados no livro profético que tem seu nome. Seu ministério conhecido se estendeu desde o primeiro dia do sexto mês até o vigésimo quarto dia do nono mês (final de agosto a meados de dezembro) de 520 AC. Este ministério preocupou-se com a construção e glorificação do Templo postexilico e com o estabelecimento de Zorobabel, um líder político, como governante messiânico dos últimos dias antecipados na conclusão adequada do santuário. Ageu é chamado *Nabi '* (1: 1) e estava preocupado com o culto em Jerusalém. Suas preocupações não precisam ter sido tão exclusivas quanto as suas profecias parecem sugerir. O nome de Ageu, derivado da palavra "festival", sugere apenas que o profeta nasceu em um dia de festa.

A referência em 2: 3 às vezes é levada a implicar que Ageu tinha visto o Templo antes da sua destruição em 586 AC. Se assim for, ele era um homem muito velho quando encorajou sua reconstrução em 520. A alusão, no entanto, a "esta casa em Sua antiga glória "não exige que o próprio Ageu tenha visto o templo preexilico. Na ausência de mais provas de ter vivido em Judá antes do exílio, não é necessário considerar seu ministério ter sido o de um homem idoso. Da mesma forma, o uso da Torah sacerdotal (2: *10-14) não* demonstra qualquer base sacerdotal para o profeta. Tais são as conclusões sobre Ageu que podem ser extraídas do livro profético. Ele é mencionado em Ezra 5: 1 e 6:14mas sem informações adicionais. Uma coisa adicional pode ser inferida.

II. Contexto histórico

A queda de Jerusalém em Babilônia em 586 AC completou a subjugação de uma nação e, em grande medida, um modo de vida. A perda do centro do culto e a destruição do seu santuário também foram, aparentemente, o golpe da morte na forma tradicional da

religião israelita. A perda do Templo foi uma catástrofe de todo o apoio entusiasmado e entusiástico dos esforços dos exilados que retornaram da Babilônia indica que Ageu pertencia a esse grupo e não aos que permaneceram em Judá. primeira magnitude. A estima de Israel por este santuário é clara na sua designação como a "habitação" de Javé (1 Reis 8:12 ; Ezequias 43: 7), "lugar de descanso" (Salmo 132: 14) de Javé, "o lugar onde se aparece" perante Javé (Isa 1:12). Na verdade, o santuário de Jerusalém foi designado na teologia e programa de Deuteronômio *"o lugar que Javé deixou seu nome morar"*. Com a exclusão Deuteronômica de outros santuários, o Templo realmente se tornou o único centro da vida e da fé de Israel.

Nas derrotas do período preexilico, Jerusalém raramente já havia sido tomada (2 Reis 18-19), e o Templo nunca foi destruído. Essa santidade do santuário e sua cidade levaram com sua importância cultual ao senso popular da inviolabilidade de Sião (ver Isa. 37: 30-35). O centro sagrado onde morava Deus tinha uma santidade peculiar, nada mais para ser violado por saquear e saquear exércitos inimigos do que pelos ritualmente impuros que estavam proibidos de entrar. Jerusalém era Sião, a cidade de Deus, e o templo era seu lar. Não é de admirar que tanto a previsão de Miqueias quanto Jeremias de sua destruição e devastação tenham recebido uma recepção hostil ou mesmo violenta (Mic. 3:12 ; 6: 9-16 , Jeremias 26: 1-24).

As palavras judiciais contra a cidade sagrada e o santuário podem ter sido adequadamente dirigidas contra santuários no norte, já consideravam lugares menos do que suficientes para adorar a Javé, mas não contra *a* Cidade Santa e o lugar. As garantias de Isaías sobre Jerusalém devem ter sido infinitamente mais satisfatórias para os ouvidos de Judá. Nas horas sombrias da invasão babilônica, a nação se agarrou desesperadamente à segurança do Templo onde estava o trono de Javé (Jeremias 7: 4 ; 14:21) e ao culto pelo qual seu favor foi obtido (Jeremias 6:14 ; 14: 7-9).

A realidade é, porém, um tirano rigoroso que esmaga falsas expectativas sem respeito pelo idealismo religioso. Jeremias e Miqueias provaram ter razão quando Zion foi destruída pela Babilônia. E quando os orgulhosos e poderosos de Judá tropeçaram junto aos lágrimas em Ramá (Jeremias 40: 1 , Mateus 2:18), deixaram para trás cidade e Temple em ruínas. Os fiéis de Israel foram espalhados, e seu culto foi deixado sem um centro sagrado. A Babilônia, aparentemente, tinha realmente "feito para eles". O que o poder de Nabucodonosor não poderia destruir, no entanto, era a fé profunda de Israel em Yahweh. Muitos povos teriam concedido finalmente a evidência e teriam reconhecido a supremacia de outras divindades sobre Yahweh. Mas esse não era o caminho da fé. A profunda tragédia do desastre proporcionou o contexto de novas descobertas sobre o que significava ser "o povo de Deus". Novas coisas deveriam nascer do sofrimento no exílio. | Jeremias e Ezequiel, ambos demolidores apaixonados da falsa esperança, agora "ofereceram esperança positiva, pois ambos consideraram o exílio como provisório (Jeremias 29: 11-14 ; Ezequiel 11: 16-21) além do qual é o futuro de Deus "(Bright, página 318). A esperança de Jeremias era para um novo ato de redenção pelo qual o Senhor estabeleceria uma nova aliança com um povo chamado e redimido habilitado pela graça divina para manter as exigências da aliança (Jeremias 31: 31-34). Ezequiel pensou mais sobre a restauração nacional sob o domínio davídico sobre um povo purificado e castigado, renovado e habilitado pelo Espírito de Javé (Eze. 34: 23-31 ; 37: 15-28 ; 37: 1-14 ; 36: 25-27) . O reino restaurado se centraria no santuário de Jerusalém sob o domínio de Deus (capítulos 40-48). Deutero-Isaiah esperava a restauração da nação depois de uma nova e alegre jornada do "Êxodo" da Babilônia para uma

Jerusalém ansiosa. Javé, o único deus e senhor soberano da história, faria isso. Ainda mais ele estenderia seu governo aos gentios através do testemunho da comunidade de fé restaurada. Na figura dramática do Servo de Javé (Isaías 42: 1-4 ; 49: 1-6 ; 50: 4-11 ; 52: 13-53: 12), a interpretação exílica do futuro de Israel encontrou sua melhor expressão. |

Por mais absurdo que possa aparecer, Ageu está no fluxo da tradição profética. Trabalhando durante os amargos e decepcionantes primeiros anos do empreendimento de restauração, ele estava preocupado com a questão prática de reconstruir o Templo. Ele mesmo associa o estabelecimento do futuro reinado de Yahweh com a iniciação e conclusão desta construção. A esperança de Ageu, portanto, era mais mundana do que as esperanças de Jeremias, Ezequiel e o profeta desconhecido do Segundo Isaías, mas não era menos nobre.

Poucos judeus retornaram da Babilônia em 537 AC e depois com Sheshbazzar e Zorobabel. Aqueles que fizeram foram incapazes de lidar adequadamente com as situações políticas, econômicas e religiosas que enfrentam. A Pérsia tinha lentidão para dar a essa parte remota de sua organização efetiva do império, de modo que o status político da comunidade de restauração permanecia ambíguo por anos. Elementos hostis na população indígena, judeus e não-judeus, opuseram-se ao reassentamento dos exilados em Jerusalém. Essas pessoas consideravam que a terra era sua e considerava o influxo de imigrantes como uma intrusão. Os exilados retornados agravaram a situação por sua consideração um tanto arrogante de si mesmos como o verdadeiro Israel. A tensão e até mesmo a violência entre esses dois grupos judeus foi uma das realidades que tornaram a vida difícil na comunidade restaurada. Além disso,

Nestas circunstâncias, os exilados retornados fizeram bem para obter telhados sobre suas cabeças. Pouco foi feito para restabelecer o culto que o SENHOR foi adorado nas ruínas do Templo sem ordem e propósito. Ageu trabalhou em um tempo "de coisas pequenas" (Zech. 4:10).

As esperanças dos profetas exilistas haviam sido grandiosas e muitas vezes sua descrição poética dessas esperanças, além de comparar. Eles apareceram, no entanto, pouco realistas, ou pelo menos até 520 AC, eles não foram percebidos. Ninguém em Jerusalém, neste momento, imaginou que o dia da glória de Javé tinha percebido que uma nova comunidade da aliança poderia enfrentar o futuro assegurado da presença de Javé, ou que uma vida nacional bem estruturada pudesse ser prontamente restaurada.

Ageu (e Zacarias), no entanto, esperavam o futuro - não tão grande como o dos profetas anteriores e muito mais prosaicamente expresso - mas mais prático. Ele falou concretamente e diretamente da necessidade de reconstruir um santuário, o pré-requisito necessário para a realização das esperanças de seus antecessores mais impressionantes. Mas há pouco no livro de Ageu para apoiar a freqüente sugestão de que Ageu ajudou a iniciar o movimento que culminou como judaísmo. Seus interesses não eram comuns com aqueles que entendiam o futuro de Israel em termos estreitos e provinciais.

Ninguém deveria dizer que Ageu era um profeta mais pobre do que qualquer outro, mesmo que seus temas e seu estilo não se comparem com os dos grandes profetas. Ele recebeu uma ligação como todos os outros e foi um porta-voz de Deus para o dia e a

geração. Como von Rad sugeriu, os únicos critérios adequados pelos quais qualquer profeta deve ser julgado são se, ao dar sua mensagem, eles eram ministros verdadeiros para o dia de hoje e se eles conseguiram ou falharam em sua tarefa.

III. Composição, Estilo e Estrutura

Os oráculos de Ageu foram aparentemente compilados e editados por um dos amigos ou discípulos do profeta, que adicionaram certos elementos contextuais que colocam os oráculos em seu cenário histórico. Esta pequena coleção dificilmente pode representar tudo o que Ageu disse em qualquer uma das quatro ocasiões em que ele teria falado, nem há motivo para assumir que essas eram as únicas ocasiões em que ele falava. Os dois capítulos preservados certamente não representam todas as palavras proféticas de Ageu. Os oráculos coletados podem ser a própria seleção do profeta de materiais importantes, mas é mais provável que os coletores escolham os oráculos através dos quais o profeta influenciou mais profundamente a reconstrução do Templo. Seu namoro cuidadoso e correto indica que eles foram coletados e editados logo depois de serem entregues, no máximo alguns anos depois.

Os oráculos de Ageu estão em poesia, na forma métrica de versos curtos. Infelizmente, essa característica não foi preservada no RSV. Um breve exemplo de seu caráter poético, no entanto, ilustra seu estilo.

> *É um tempo para você mesmo habitar em*
> *casas com telhados,*
> *enquanto esta casa está em ruínas?*
> *Agora, portanto, diz Yahweh Ts e baoth :*
> *Considere como você se retirou.*
> *Você semeou muito, mas trouxe pouco;*
> *Você come, mas não tem o suficiente;*
> *Você bebe mas não está cheio;*
> *Você vestiu roupas, mas ninguém está quente*
> *E o assalariado, ganha salários para colocar uma bolsa com furos.*

O livro é ordenado cronologicamente, com o contexto para cada oráculo sendo precisamente datado - tudo no segundo ano de Darius I, 520 AC

O texto está bem conservado com um mínimo de glosas e corrupções, mas com alguma perda de sequência. No texto Masoretic, e, portanto, também no RSV, o oráculo na colocação da pedra angular foi transposto, talvez por confusão em datas, desde o lugar apropriado depois de 1: 15a até sua posição atual em 2: 15-19 .

Esboço

I. Convocação judicial para reconstruir o Templo (1: 1-14)

1. A disputa do Senhor com a comunidade: dirigida a Zorobabel e a Josué (1: 1-2)

2. A disputa do Senhor com a comunidade: dirigida ao povo (1: 3-4)
3. A disputa do Senhor com a comunidade: dirigida a líderes e pessoas (1: 5-6 , 9-11)
4. Desafio para reconstruir o Templo (1: 7-8)
5. Resposta dos líderes e das pessoas (1:12)
6. Bênção e conclusão profética (1: 13-14)

II. Promessa profética à luz do início da construção (1: 15a ; 2: 15-19)

III. Promessa da magnitude futura do segundo templo (1: 15b-2: 9)
1. Comparação desfavorável do novo Templo com o Templo Preexilico (1: 15b-2: 3)
2. Bênção profética, promessa e tranquilidade (2: 4-9)

IV. Tora sacerdotal sobre o que é limpo e imundo (2: 10-14)
1. Pedido de instrução sacerdotal (2: 10-13)
2. Interpretação profética da Torá sacerdotal (2:14)

V. Esperança escatológica e promessa para Zorobabel (2: 20-23)

Bibliografia selecionada

ACKROYD, PETER. *Exílio e Restauração.* Filadélfia: The Westminster Press, 1968.

BRILHANTE, JOHN. UMA *história de Israel.* Londres: SCM Press, 1960.

DRIVER, SR *The Minor Prophets: Naum, Habacuque, Sofonias , Ageu, Zacarias, Malaquias.* ("A Bíblia do Século".) Edimburgo: TC e EC Jack, nd

MITCHELL, HINCKLEY G., SMITH, JM POWIS e BEWER, JULIUS A. *Um comentário crítico e exegético sobre Ageu , Zacarias , Malaquias e Jonas.* ("The International Critical Commentary".) Edimburgo: T. & T. Clark, 1912.

NELSON, HAROLD H., OPPENHEIM, A. LEO,
WRIGHT, G. ERNEST e FILSON, FLOYD V. "O Significado do Templo no Oriente Próximo antigo", *o Leitor do Arqueólogo Bíblico.* Garden City, NY: Doubleday Anchor Books, 1961.

VON RAD, GERHARD. *Teologia do Antigo Testamento,* II. Nova York: Harper e Row, 1965. Trans. DMG Stalker.

STINESPRING, WF "Temple, Jerusalem", *O Dicionário do Intérprete da Bíblia.* Vol. IV, Nashville: Abingdon Press, 1962.

THOMAS, D. WINTON. "Ageu", *a Bíblia do Intérprete.* Vol. VI, Nashville: Abingdon Press, 1954.

Comentário sobre o texto

I. Convocação Judgmental para Reconstruir o Templo (1: 1-14)

O livro de Ageu fica imediatamente em sua preocupação central, o problema cultual crucial que representa o culto em um templo arruinado. A ausência de um centro de culto adequado era mais do que uma vaga arquitetônica, uma trama destruída no plano da cidade. Era prova de que as pessoas desconheciam o compromisso com qualquer realidade grande o suficiente para mantê-los juntos, para realizar verdadeiros objetivos na existência cotidiana momento a momento e prometer um futuro significativo.

Quando os primeiros exilados retornaram da Babilônia em 537 AC , eles aparentemente ergueram um altar no local do antigo no santuário arruinado e, ao máximo, esvaziou alguns escombros das antigas muralhas. Dezoito anos depois, o trabalho não avançou mais. De acordo com Ezra 3: 8-13, o fundamento do segundo Templo foi posto pelos exilados que retornaram em 537 AC, Ageu e Zacarias não tem conhecimento de uma tentativa de reconstrução em 537. O Cronista de Esdras está muito mais afastado do evento do que eram os dois profetas. Tudo o que foi feito em 537 foi insignificante e para esses profetas culpadamente insatisfatórios. Então veio uma palavra desafiadora de Ageu para reconstruir o Templo.

Com repetições e transições abruptas 1: 1-14 preserva um cenário de adoração de julgamento e desafio profético, resposta comunitária, e depois promessa ou bênção profética. As palavras proféticas de Ageu aqui contidas representam quatro discursos que, juntos, formam um padrão semelhante aos "discursos de julgamento" aos indivíduos e contra Israel nos profetas preexilic (ver 1 Reis 21: 18-19 ; Amós 4: 1-4 ; Mic. 3 : 1-4).Esses discursos de julgamento seguem um padrão de acusação, ou fórmula de mensageiro (que afirma que o que se segue é uma palavra de Deus), a intervenção julgadora de Deus e uma declaração dos resultados dessa intervenção. Esses oráculos não pertencem a nenhuma configuração cultural específica. Eles foram usados por profetas em momentos que pareciam apropriados.

Os discursos do julgamento, particularmente aqueles que terminaram ou levaram a um desafio, foram particularmente apropriados para tempos de renovação da dedicação a Yahweh e por um tempo de lamentação. Eles ofereceram em sua palavra de julgamento uma explicação para a calamidade lamentada e em seu desafio um meio de libertação. Este é precisamente o contexto das palavras proféticas de Ageu. Ele falou sobre "o primeiro dia do mês", que foi um dia de festa religiosa de uma lua nova (ver 1 Sam. 20: 5 ; Eze. 46: 1 ; Ezra 3: 5 ; Num. 28: 11-15) talvez tenha celebrado nas ruínas do santuário preexilic (ver "esta casa" no v. 4). Nesta ocasião, a renovação da aliança deve começar com a construção de um santuário adequado para Deus. O povo respondeu e o trabalho no Templo foi renovado.

A época do ano, no sexto mês, e as referências à colheita sugerem um festival como os do início de Israel (Levítico 23: 39-42 ; Judg 9:27), que foram celebrações alegres da bondade de Javé, mostrada em culturas favoritas e que também se tornaram ocasiões sérias de redação para Yahweh na renovação da aliança. Assim, a comunidade deveria estar preocupada com a ação de graças e a dedicação responsável.

As colheitas imediatas e outras recentes, no entanto, foram pobres. As pessoas tristes e desesperadoras se reuniram para lamentar a má fortuna e pareceram pouco empenhadas em se comprometer com Yahweh. Ageu, portanto, dirigiu-se a dois líderes responsáveis da comunidade, Zorobabel e Josué, e a congregação reunida com palavras que vieram como explicação, mas mais como julgamento e desafio.

Embora a adoração no primeiro dia do sexto mês seja apenas fragmentariamente preservada, podemos reconstruí-la parcialmente como uma cerimônia de julgamento e desafio profético, de resposta comunitária e de promessa ou bênção profética. A seção tal como está no texto (MT e RSV) mostra algum rearranjo editorial ou de papelão. Os versículos 7 e 8 são estranhos na sua posição atual, interrompendo o desenvolvimento de um tema de forma suavemente fluente. Se forem colocados após v. 11 , onde fornecem uma conclusão adequada para um oráculo, a dificuldade é removida. Tanto o sentido quanto a estrutura da seção exigem esse ajuste.

1. Disputa do Senhor com a Comunidade: dirigida a Zorobabel e a Josué (1: 1-2)

1 No segundo ano do rei Dario, no sexto mês, no primeiro dia do mês, a palavra do SENHOR veio pelo profeta de Ageu a Zorobabel, filho de Sealtiel, governador de Judá, e a Josué, filho de Jozadak, o sumo sacerdote, 2 "Assim diz o SENHOR dos exércitos: Este povo diz que o tempo ainda não chegou a reconstruir a casa do SENHOR ".

O primeiro oráculo de Ageu foi dirigido a Zorobabel e a Joshua, responsáveis pelo santuário e pelo bem-estar da comunidade. O versículo 2 é tudo o que é preservado deste discurso. Zorobabel era filho de Shealtiel e, portanto, neto de Joaquim, rei de Judá. Em 597 AC, Joaquim foi deportado para Babilônia. Ele, no entanto, continuou a ser reconhecido como legítimo rei de Judá por ambos os judeus exilados e os babilônios (veja 2 Reis 24: 10ss). Zorobabel, então, era descendente direto de David (pelo que isso implicava a Ageu, comente em 2: 20-23) e, portanto, uma escolha lógica dos persas para a responsabilidade administrativa. Ele foi nomeado governador de Judá, uma designação bastante imprecisa de um escritório da natureza exata da qual não podemos estar certos. Talvez ele fosse um comissário responsável pela repatriação dos judeus.

Josué, filho de Jozadak, compartilhou autoridade com Zorobabel. Ele foi da linha dos sacerdotes zadoquitas introduzidos no culto de Jerusalém por Davi. Seu avô tinha sido o principal sacerdote em Jerusalém no momento da sua queda em Nabucodonosor e foi executado com outros líderes em Ribla (2 Reis 25: 18-21).

A palavra profética para esses líderes, preservada, não é uma acusação direta contra eles, mas do povo. Este povo diz que o tempo ainda não chegou a reconstruir a casa do Senhor. Alguma distinção entre o governador e o sumo sacerdote e a comunidade em geral é sugerida pela frase deste povo. Ageu, no entanto, claramente não pretende que esta seja uma acusação indireta, e a acusação certamente incluiu os líderes. Ageu não foi o primeiro profeta a responsabilizar a autoridade política e cultural pelas ações da comunidade (ver Oséias 5: 1-2 ; Amós 6: 1-3 ; Mic. 3: 1-3 ; 5-12). Em Israel, o comportamento dos líderes e das pessoas estava inseparavelmente unido sob a aliança com o Senhor. Esta é uma implicação do choro de Isaías (É um. 6: 5). Ageu poderia esperar de Zorobabel execução de responsabilidades que caíram para a realeza israelita, que foram comissionados para governar pelo próprio Deus e para governar com justiça e sabedoria. O rei idealmente deveria ser o benfeitor e pastor de seu povo para assegurar seu bem-estar e plenitude de vida. De Josué, ele poderia esperar instrução incisiva clara na vontade e propósito de Deus; ou seja, instrução em Torah.

Este oráculo, como a maioria dos outros de Ageu, é designado como a palavra do Senhor dos exércitos (cf. 1: 1 , 5 , 7 , 9 , 14 , 2: 4, 5 , 7, 8, 9 , 11 , 23). Esta frase aparece 285 vezes nos profetas e designa Yahweh como poderoso, mestre do universo, senhor de todas as nações e todas as forças cósmicas. Este epíteto, então, no contexto dos oráculos de Ageu está particularmente grávida de significado. O Deus que não recebeu o devido lugar é Yahweh *ts ᵉ ba'oth*. A falta de vontade da comunidade de construir para ele um santuário adequado é inacreditável. Ele é o criador de Yahweh do céu e da terra, criador e redentor de Israel, a realidade em que seu passado estava cheio de significado, sobre quem o seu presente depende, e quem detém seu futuro.

Além de Yahweh, não haveria Israel e a vida não teria sentido. Conhecer ele deve ser criado e resgatado. Ignorar ele deve ser completamente desfeito. E a comunidade de Ageu é perigosamente próxima da última ao se recusar a reconstruir o santuário. Eles o conhecerão no julgamento ou na salvação? Não há outra alternativa. A soberania de Javé é conhecida no julgamento; Somente aquele que é verdadeiramente o Senhor pode julgar. A senhoria de Javé também é conhecida na salvação. O poder pode redimir e transformar o homem e a sociedade. Ageu, portanto, fala em nome do Deus, cuja presença julgadora e redentora está sempre próxima e eficaz, porque nenhum outro é como ele como Senhor absoluto.

Ageu fala com os homens que parecem ter esquecido Yahweh *tse ᵉ ba'oth* . Sua referência a Este povo é sinistro com impaciência e desaprovação (ver Isaías 6: 9, 10 ; 8: 6 ; 28:11 , 14) e dá um tom de depreciação e acusação no que se segue. É como se o profeta e Deus os rejeitassem. As palavras "este povo" são desdenhosamente e degradantemente usadas quase como um insulto. Para Ageu, a comunidade restaurada não é mais o povo de Javé ou o povo da aliança. Eles são "esse povo" cujas ações ou melhor falta de ações, ridicularize-os e deprecie-os.

O tempo ainda não chegou a reconstruir a casa do Senhor poderia ser a resposta da comunidade a um apelo anterior da Ageu para reconstruir. Ou as palavras podem ser apenas a conclusão óbvia de sua inatividade e falta de construção. Ou como palavras realmente faladas ou como uma idéia implícita pela inação, elas representam uma preocupação inadequada com as coisas de Deus.

Muitos fatores reais e formidáveis tornaram difícil o trabalho no santuário. Das promessas do Segundo Isaías, eles esperavam melhores condições do que eles gostaram. As grandes expectativas trazidas da Babilônia foram substituídas por dificuldades, desgraças e falhas de colheita. O entusiasmo daqueles que retornaram para casa gradualmente diminuiu sob pressão de contínuas dificuldades econômicas, também por falta de apoio do governo persa e da população indígena de Judá. Os problemas enfrentados pela pequena comunidade em Jerusalém eram reais e severos. O trabalho no Templo foi difícil. Na raiz, no entanto, a objeção da comunidade à reconstrução era devido ao egoísmo. Eles estavam preocupados com assuntos pessoais para negligenciar questões maiores de importância para toda a comunidade. Em suma, eles se colocaram diante de Deus.

Este oráculo originalmente pode ter incluído palavras específicas para Zorobabel e Josué. Talvez estes não tenham sido incluídos por causa da semelhança com a seguinte acusação das pessoas.

2. Disputa do Senhor com a Comunidade: dirigida ao povo (1: 3-4)

[3] Então a palavra do SENHOR veio pelo profeta de Ageu, [4] "É tempo para vocês habitarem nas suas casas com painéis, enquanto esta casa está em ruínas?

Agora, Ageu volta sua desculpa de volta à comunidade com ironia quando ele os confronta com uma pergunta amarga e mordaz de Deus. Com este oráculo, a adoração se move para o clímax do confronto com a vontade e o julgamento do Senhor. Se eles soubessem ou não, gostei ou não, esse era o momento pelo qual eles haviam se unido na casa arruinada de Deus. Suas desculpas não podiam suportar a realidade. Suas casas foram finalizadas; Deus não era. Suas casas com painéis são melhor compreendidas como "cobertas". Poucas das casas daqueles dirigidos poderiam ter uma decoração dispendiosa. A maioria teria sido miseravelmente pobre, mas eles tinham paredes e telhados, enquanto a casa de Yahweh não tinha nenhum.

O povo de Jerusalém vivia em um estado de "segurança resignada" (von Rad, p. 281). A preocupação com os assuntos econômicos tinha preocupado a Deus. Em suas prioridades, a segurança econômica veio em primeiro lugar. Ageu inverteu essas prioridades. Israel já não era Israel se ela se recusasse a colocar Deus em primeiro lugar. Só então o Senhor lhes daria "bênção", que no contexto do pensamento israelita incluía segurança econômica. Para Ageu, a reconstrução do Templo era a maneira objetiva pela qual a comunidade poderia mostrar o desejo de colocar Deus em primeiro lugar. O Templo era, acima de tudo, o lugar onde Javé falou a Israel e onde ele estava presente no julgamento, perdão e bênção. A comunidade atual eo Israel do futuro de Deus, o Israel escatológico, que Ageu também tinha em mente, não poderia existir sem um centro sagrado que garantiu sua existência e sua posse da terra. Quando Abraham construiu altares em vários lugares onde ele parou ou viveu, foi uma ação cultual pela qual ele fez esses lugares sagrados e ganhou posse deles.

O homem não pode viver completamente sem um centro em que ele encontra o significado e a realidade - onde o poder que o fez, o redimiu e o sustentou pode ser encontrado em sua plenitude benéfica. Para Ageu, quanto ao culto de Israel antes dele, esse centro era o lugar que Javé escolheu para fazer conhecer e sentir sua presença, onde a sua glória morava e onde a bênção sacerdotal poderia ser devidamente pronunciada (cf. Números 6: 22-27). A reação de Ageu ao fracasso apropriadamente para reconstruir o Templo não era apenas para o fato de Deus ter sido dado segundo lugar, mas esse homem em colocar qualquer outra preocupação em primeiro lugar ou torná-lo central perderia toda identidade, lugar e significado. O que estava em jogo aqui era a própria existência de Israel como uma comunidade de fé e a integridade de cada israelita individual. A preocupação de Ageu foi muito além de qualquer campanha para construir. Ele estava interessado em um centro de orientação que encontrou o significado do passado e do presente e a esperança do futuro na presença de Deus.

3. Disputa do Senhor com a Comunidade: dirigida a Líderes e Pessoas (1: 5-6 , 9-11)

[5] Agora, pois, assim diz o SENHOR dos exércitos: Considere como você se retirou. [6] Você semeou muito e colheu pouco; você come, mas você nunca tem o suficiente; você bebe, mas você nunca se encheu; Vocês se vestem, mas ninguém está

quente; e aquele que ganha salários ganha salários para colocá-los em uma bolsa com furos.

9 Você procurou muito, e, então, isso foi pouco; e quando você o trouxe para casa, eu explodi. Por quê? diz o SENHOR dos exércitos. Por causa da minha casa que está em ruínas, enquanto você se ocupou cada um com sua própria casa. 10 Portanto, os céus acima de vós reteram o orvalho, e a terra reteve seus produtos. 11 E pedi uma seca sobre a terra e as colinas, sobre o grão, o vinho novo, o óleo, sobre o que a terra produz, sobre os homens e o gado, e sobre todos os seus trabalhos ".

Esses versículos continuam o argumento iniciado no v. 4, mas mudam a ênfase da acusação para o julgamento. Eles correspondem às seções de intervenção dos discursos de julgamento preexilico. O Senhor tem castigado a comunidade porque deixaram o Templo em ruínas. As condições precárias em Judá foram o resultado da negligência do santuário. As pessoas haviam oferecido uma desculpa, mas este oráculo atirou de volta em seus rostos como conseqüências e julgamento. Os seus problemas são a maldição do Senhor em seu povo. O impulso do oráculo está na pergunta e resposta divina: por quê? diz o Senhor dos exércitos. Por causa da minha casa que está em ruínas, enquanto você se ocupou cada um com sua própria casa.

A descrição do julgamento de Ageu é amplamente auto-explicativa. Quatro itens exigem um breve comentário. Eu soprei isso é interpretação do hebraico *napachti bo* , "Eu soprei sobre ele" A respiração poderia ter um efeito benéfico ou nocivo. Obviamente, a intenção aqui é que era prejudicial, seja no sentido dado pelo RSV de "soprar" ou com a idéia de estragar. O primeiro é apoiado por uma superstição do Oriente Próximo: "É no mais alto grau desagradável para os muçulmanos, se alguém assobia sobre uma eira amontoada com grãos. Então *vem* o diabo, dizem eles, na noite e leva uma parte da colheita "(Mitchell, página 48).

Dew in v. 10 parece ser um erro para a chuva (*matar* para *mital*). Em várias passagens, o orvalho é descrito como refrescante (ver Deuteronômio 33:28 ; Zacarias 8:12), mas a seca é causada pela ausência de chuva, não por orvalho (Deuteronômio 11:17 ; 1 Reis 8:35 ; Amós 4 : 7). O desastre referido é a seca, um terror particular na Palestina. O grão, o vinho novo e o petróleo eram os três produtos básicos da Palestina (Deuteronômio 11:14 , Hos. 2: 8 , 22). Quando faltavam, a situação era extremamente ruim. *Pedi* uma seca (*chorebh*) envolve um jogo de palavras com a referência anterior na v. 9 , minha casa que está em ruínas (*charebh*).

4. Desafio para Reconstruir o Templo (1: 7-8)

7 "Assim diz o SENHOR dos exércitos: Considera como você se foi. 8 Suba até as colinas e traga madeira e construa a casa, para que eu possa aproveitar e que eu apareça na minha glória, diz o SENHOR .

A principal preocupação do Ageu não era pronunciar o julgamento, mas incentivar a comunidade a reconstruir o Templo. A ameaça e o lembrete do julgamento foram um meio para um fim construtivo. Considere como você se retirou. Ir para cima. . . . O desafio é direto e prático: suba para as colinas e traga madeira e construa a casa. A palavra profética de Ageu nunca carece de franqueza e convicção porque, como todos os verdadeiros oráculos proféticos, é sempre "Assim diz o Senhor". A moral para a pregação é óbvia. Os atos falam frequentemente da pregação ousada dos primeiros cristãos (ver 4:31 ; 9: 27-29 ; 14: 3 ; 19: 8). A palavra de pregação deve sempre ser proclamada com uma suposição ousada de que é a palavra relevante de Deus para a situação abordada. Na medida em que é verdadeiramente a palavra de Deus, ela alcançará seu propósito.

Vá até as colinas. Não sabemos o suficiente sobre as áreas florestais no sul da Palestina no horário de Ageu para ter certeza dessa referência. Talvez a área significasse por volta de Kiriath-Jearim ao oeste. O nome significa "cidade da floresta", mas isso não teria acontecido. Líbano ou Carmel poderiam ser significados, particularmente se a madeira fosse de uma boa qualidade usada para o trabalho acabado. No entanto, a necessidade urgente era para as principais madeiras de construção. O imediatismo do comando e a necessidade talvez indiquem Hebron ao sul, que está em alta e onde as madeiras para encenação, etc., podem estar disponíveis. A urgência dos imperativos de Ageu significa: "Busque suas mãos com a construção imediatamente!" Nada é dito de pedra porque estava à mão. Na verdade, os principais segmentos das paredes antigas ainda estavam em pé.

O motivo para a reconstrução é tão direto quanto o desafio de fazê-lo e é a base para a urgência do desafio: para que eu possa me divertir e que eu apareça em minha glória. Este é o coração do oráculo. A frase crucial é que eu possa aparecer na minha glória. Infelizmente, o significado aqui não é tão óbvio quanto a afirmação. *A glória* é "esse bem que faz povos ou indivíduos e até objetos, impressionantes, e geralmente isso é entendido como algo que pode ser percebido ou expresso". A glória de Javé é a presença concreta do poder e da honra de Yahweh através da qual ele pode ser conhecido e suas pessoas obedientes são abençoadas. A glória do Senhor está associada ao Sinai (Ex. 24: 16-18 ; 34: 29-35), o tabernáculo (Num 14:10), e a arca e o Templo (1 Sam. 4: 21-22 ; Salmos 24: 7-10 ; Isaías 6: 3 ; Eze. 11.23). A glória do Senhor representou assim a divina majestade e a honra de Deus presentes no meio do seu povo, isto é, no santuário culto. Às vezes, a glória é a majestade inacessível do juízo (Isaías 3: 8 ; 6: 3). Novamente é uma revelação graciosa pela qual Deus declara sua vontade e abençoa seu povo (Ex. 24: 15-18 ; 1 Reis 8: 10). Sempre é evidência de sua presença.

Em um nível, a referência de Ageu à aparição futura de Javé em glória implica que a honra e a majestade de Deus foram prejudicadas pela morada inadequada de sua presença. Isso seria corrigido pela construção de uma estrutura digna de sua importância. Mas muito mais também significa que este primeiro é apenas simbólico. Ezequiel imaginou a partida da "glória" do sacrício (10: 18-19). Isso simbolizava a retirada de Deus de um povo que não honrou sua soberania e vontade. Quando ele recebe novamente o primeiro lugar, o Senhor promete sua presença genuína no poder efetivo, com bênçãos particulares para o povo. Isso implicaria a reversão da triste situação econômica e histórica da comunidade. Mas ainda mais, o que o profeta mais tarde diz sobre a derrubada das nações e a escolha de Zorobabel como o signet de Deus implica que aqui ele poderia estar prometendo a chegada da glória

escatológica ou messiânica. Na medida em que a aparência da glória de Deus está relacionada aos aspectos físicos da construção de um novo Templo, está sujeita a abusos e mal-entendidos. Mas, relacionado ao reconhecimento próprio do homem sobre o primado de Deus, leva à compreensão do mesianismo e da escatologia.

No messianismo, a auto-manifestação de Deus assume finalmente a forma humana. "O Messias se torna uma figura de glória divina, cujo esplendor irradia dele" (cf. Dan 7:14 ; Enoque 51: 3). Jesus Cristo para a igreja é a glória de Deus e o "Senhor da glória" (1 Cor. 2: 8 ; Tiago 2: 1), que como "esperança da glória" compartilha sua glória com os fiéis (Col. 1: 27). Escateticamente, a glória de Deus é plenamente realizada no Verbo feito carne, em Jesus, a presença encarnada de Deus. Ageu, é claro, não entendia tudo isso porque a "plenitude do tempo" e da revelação era para ele e para todos os homens da antiga aliança ainda futuro. No entanto, ele antecipou a revelação universal do reino de Javé reconciliando Deus e o homem e restaurando o paraíso (veja o comentário 2: 20-23). Nada menos do que isso é inerente à esperança do aparecimento da glória de Yahweh.

5. Resposta dos Líderes e Pessoas (1:12)

12 Então Zorobabel, filho de Sealtiel, e Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, com todo o resto do povo, obedeciam a voz do SENHOR, seu Deus, e as palavras do profeta Ageu, como o SENHOR, seu Deus, tinha enviou-o; e as pessoas temiam diante do SENHOR .

Com a tensão e a antecipação climáticas, a comunidade no culto estava no momento crucial da resposta. Sua resposta foi "medo diante do Senhor", um termo técnico que descreve uma resposta litúrgica de reverência e obediência na presença de Deus. Na palavra profética, eles haviam sido confrontados com a presença julgadora e desafiadora de Yahweh. Esta palavra alcançou seu propósito e as atitudes e ações da comunidade foram alteradas. Eles obedeceram a voz do Senhor seu Deus. Talvez neste momento as oferendas da colheita tenham sido apresentadas a Javé, em quem as pessoas colocaram sua esperança e a quem se entregaram. Que a sua obediência não fosse meramente cultual é clara na v. 14que afirma, eles vieram e trabalharam na casa do Senhor dos anfitriões. A experiência cultual válida leva sempre a uma mudança de vida ou ação.

6. Bênção profética e conclusão (1: 13-14)

13 Então Ageu, o mensageiro do SENHOR , falou ao povo com "a mensagem do SENHOR :" Eu estou contigo, diz o SENHOR ". 14 E o SENHOR despertou o espírito de Zorobabel, filho de Shealtiel, governador de Judá, e o espírito de Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, e o espírito de todo o resto do povo; e eles vieram e trabalharam na casa do Senhor dos exércitos, seu Deus,

Através deste capítulo, percebemos a progressão da adoração no festival da colheita e renovação da aliança. O julgamento profético (vv. 1-6 , 9-11) e o desafio (vv. 7-8) inspiraram uma resposta favorável (v. 12 , 14). Agora há uma bênção profética, eu estou com você, diz o Senhor. Ageu promete, assim, a presença de Javé esperada para a

benção, e a palavra criativa e profética que promete de alguma forma o afeta poderosamente (ver Isa. 55:11). Ao falar a bênção, a benção com todas as possibilidades inerentes é efetivamente concedida. O melhor comentário sobre isso é Números 6: 23-27 . "Dize a Arão e a seus filhos: assim vós abençoarão o povo de Israel; dize-lhes:

> *O Senhor te abençoe e mantém você:*
> *O Senhor faça resplandecer o rosto sobre você e tenha graça para você:*
> *A vida do Senhor, seu semblante sobre você, e dê-lhe paz.*

"Assim eles colocam meu nome sobre o povo de Israel, e os abençoarei" (itálicos adicionados). Na realidade, portanto, da presença de Javé, o povo abençoado se dispersou para trabalhar na casa do Senhor.

II. Promessa profética à luz do início da construção (1: 15a ; 2: 15-19)

15 ***no vigésimo quarto dia do mês, no sexto mês.***

15 ***Reze agora, considere o que acontecerá a partir deste dia em diante. Antes que uma pedra fosse colocada sobre uma pedra no templo do Senhor, 16 como você classificou? Quando se chegou a um monte de vinte medidas, havia dez; Quando alguém chegou ao vinho para desenhar cinquenta medidas, havia mais de vinte. 17 Eu feri você e todos os produtos do seu trabalho com ferrugem e oídio e granizo; Mas você não voltou para mim, diz o SENHOR . 18Considere, a partir deste dia, a partir do vigésimo quarto dia do nono mês. Desde o dia em que o fundamento do templo do SENHOR foi posto, considere: 19A semente ainda está no celeiro? A videira, a figueira, a romã e a oliveira ainda não produzem nada? A partir deste dia vou abençoar você ".***

A data deste oráculo é o vigésimo quarto do sexto mês. A ocasião foi o momento culpadamente auspicioso quando a pedra fundamental foi colocada (v. 18), particularmente significativa no contexto mais amplo da renovação da aliança. Para os homens que viviam em uma sociedade religiosa, colocar uma pedra fundamental não era apenas um momento estrutural crucial. As possibilidades religiosas emocionantes aderiram à cerimônia que representava a fundação do orden no meio do caos, estabelecendo um lugar onde o refúgio poderia ser encontrado no santuário dos santos. O santuário seria um centro de poder, um mundo em si mesmo. Salmos como o Salmo 24com implicações cósmicas foram cantadas na dedicação de um santuário. Colocando a pedra fundamental representada, portanto, a criação de um lugar sagrado que, embora diferente de outros lugares, influenciou de alguma forma o caráter de todos os lugares.

A reação e a dedicação de uma estrutura sagrada estabelecem as raízes presentes e os compromissos foram feitos - e abre o futuro: novas oportunidades, desafios e responsabilidades são oferecidos. A colocação da pedra fundamental é, portanto, ser entendida como um ato cultual que estabelece para a comunidade de crentes um cosmos ordenado do caos de sua infortúnio. O que estava sendo construído não era apenas um santuário, mas uma nova possibilidade de existência significativa para Israel.

Ageu simbolizava a esperança suscitada pela dedicação do santuário. Os infortúnios que acompanharam a negligência do santuário - a fome, a seca e a pobreza - se transformariam em boa fortuna e prosperidade como se fosse de magia quando a pedra fundamental foi colocada para a nova casa de Javé (v. 18, 19). A última frase do v. 17 , no hebraico, é intraduzível. O KJV e o RSV emendaram ("ainda assim você não voltou para mim") com base nas palavras finais de Amós 4: 9.Uma leitura mais simples, "Eu não estava com você", não envolve nenhuma alteração do hebreu consonantique texto e faz todo o sentido. Os desastres que eles encontraram foram devidos à ausência de Yahweh. A magia transformadora, é claro, era o poder da presença prometida por Yahweh.

Obviamente, o Templo era para Ageu um símbolo da maior realidade do compromisso da aliança de Israel com Yahweh. Ele ajudou o povo de Jerusalém a ver sua construção como sua dedicação a Deus, que por sua vez poderia garantir sua segurança. No entanto, ele também simplesmente reivindicou a prosperidade material e nacional como recompensa e conseqüência da dedicação a Yahweh. Já havia aqueles em Israel que tinham entendido melhor do que isso. Em comparação, por exemplo, com o conceito do Servidor Sofredor do Segundo Isaías, as promessas de Ageu aqui são limitadas, mesmo superficiais, principalmente porque são excessivas.

Ao contrário da ênfase aparentemente semelhante de Jesus em Mateus 6:33 , que promete comida e roupa necessárias (ver a oração em 6: 7-13), a promessa de Ageu implica abundância. Em retrospectiva, as promessas do profeta parecem vãs desde que a reconstrução do Templo não acabou com os tempos difíceis. No entanto, no momento culpado da fundação, o profeta enfatizou adequadamente o primado de Yahweh e afirmou legitimamente que a ação voluntária das pessoas para construir o santuário abriu para eles possibilidades no futuro, de outra maneira indisponíveis.

III. Promessa da Magnitude Futura do Segundo Templo (1: 15b-2: 9)

Ainda no tempo da celebração da colheita e da aliança (na verdade, o sétimo dia da Festa dos Estandes), Ageu encorajou os líderes e as pessoas que trabalhavam no Templo com uma promessa oracular de surpreendentes dimensões escatológicas.

1. Comparação desfavorável do Novo Templo com o Templo Preexilic (1: 15b-2: 3)

No segundo ano de Dario, o rei,

1 no sétimo mês, no vigésimo primeiro dia do mês, a palavra do SENHOR veio pelo profeta Ageu, 2 "Fala agora a Zorobabel, filho de Sealtiel, governador de Judá, e a Josué, filho de Josadac, o sumo sacerdote e todos os remanescentes do povo, e 3 'Quem fica entre vós que viu esta casa em sua antiga glória? Como você vê isso agora? Não é à sua vista como nada?

O profeta sentiu insatisfação com a aparência do edifício em construção, não é à sua vista como nada? Até certo ponto, a inadequação era em estrutura e aparência. Com recursos muito limitados, eles de maneira alguma poderiam ter construído como um grande templo, como Salomão com as riquezas do seu reino. Poucos se algum dos

presentes, quase certamente não o profeta ou Zorobabel ou Josué, teria visto o Templo de Salomão. As tradições de seu esplendor foram lembradas, no entanto, e, em comparação, a nova estrutura era dolorosamente inferior. Pouco poderia ter sido feito nas últimas semanas de construção, mas já era óbvio que o Templo em que trabalhavam era inferior ao de memória e tradição. Isso, no entanto, foi de menor importância em comparação com a ausência da antiga glória do Templo (*kabodh*). Aquilo que fez o prédio do santuário e do templo estava faltando. A glória de Javé não o encheu (veja o comentário em 1: 8); Yahweh não estava presente ali em criar e redimir o poder.

2. Bênção Profética, Promessa e Reassurance (2: 4-9)

4 Contudo, agora tome coragem, ó Zorobabel, diz o SENHOR ; tome coragem, ó Josué, filho de Joszadaque, sumo sacerdote; Tome coragem, todos os povos da terra, diz o SENHOR ; trabalhe, pois estou com você, diz o SENHOR dos exércitos, 5 de acordo com a promessa que fiz de você quando você saiu do Egito. Meu Espírito permanece entre vocês; Não temas. 6 Pois assim diz o SENHOR dos exércitos: Mais uma vez, em pouco tempo, abalarei os céus, a terra, o mar e a terra seca; 7 e abalarei todas as nações, de modo que os tesouros de todas as nações entrarão, e preencherei esta casa com esplendor, diz o SENHOR dos exércitos. 8A prata é minha, e o ouro é meu, diz o SENHOR dos exércitos. 9 O último esplendor desta casa será maior que o primeiro, diz o SENHOR dos exércitos; e neste lugar darei prosperidade, diz o SENHOR dos exércitos. "

A frase hebraica traduzida de acordo com a promessa que eu fiz quando você saiu do Egito é difícil e o equivalente está ausente da Septuaginta. Alguns, portanto, consideram essas palavras como um brilho editorial (Thomas, pág. 1045; Driver, p. 160; Mitchell, p. 60). Eles são melhor considerados um eco da liturgia da renovação da aliança e, como tal, fornecem o contexto para as promessas escatológicas do oráculo. Duas coisas são prometidas: a presença de Javé e a glória escatológica de Israel e dele. A menção duas vezes repetida da presença de Yahweh, **eu**estou com você, . . . Meu Espírito permanece entre vocês, enfatiza seu retorno ao zion para habitar com seu povo. Anteriormente, Ezequiel falou da partida da glória de Javé do santuário abusado e da cidade pecadora de Jerusalém (capítulos 10, 11), que ele abandonou para a profanação e a pilhagem. Em seus primeiros oráculos, Ageu prometeu o retorno da glória de Javé. Agora ele diz que a promessa é cumprida. A glória de Yahweh retornou a um povo cujo trabalho entusiasmado no Templo evidenciou sua vontade de aceitar a soberania de Deus e sua presença criativa significativa.

Ageu disse apenas isso para pessoas desanimadas que teria sido suficiente. Mas seu conceito de retorno da glória de Yahweh teve importantes implicações escatológicas. O povo da comunidade de Ageu é chamado a ser a comunidade de uma nova era. O retorno de Yahweh ao santuário abriu esta nova era que o profeta descreve brevemente e um tanto enigmáticamente em 2: 6-9 . Toda a ordem cósmica seria radicalmente derrubada (ver também Isaías 13:13 , Mic. 1: 4). Em passagens semelhantes em outros lugares, Jerusalém é elevada para ser universalmente visível e conhecida (Zacarias 14:10).). Por causa da presença de Javé em Jerusalém, as nações viriam lá e trarão tesouros com eles, os tesouros de todas as nações entrarão. Tradicionalmente, tanto no

judaísmo quanto no cristianismo, esta frase foi interpretada para se referir à vinda do Messias, "o *Desejo* de todas as nações devem vir "(KJV, itálico adicionado). Esta interpretação está fora de harmonia com o contexto que enfatiza prata e ouro. O verbo é plural e o assunto deve, naturalmente, ser plural. O RSV, portanto, é correto em traduzir "os tesouros". Não nesta frase, mas em seu estresse sobre a presença da glória de Yahweh, Ageu deu sua melhor promessa messiânica.

De outras maneiras, porém, suas idéias sobre a riqueza das nações são intrigantes. Na primeira leitura, a ganância para o ganho pode parecer a principal preocupação; mas como von Rad mostrou, não é assim. O profeta está falando corajosamente sobre a soberania de Yahweh sobre o mundo inteiro e seu direito exclusivo à riqueza das nações. O Senhor enriquecerá o novo santuário, não só com a glória de sua presença, mas também com a prosperidade e, podemos assumir, o compromisso das nações com a aliança com Javé. Tudo isso pode parecer ser o engrandecimento de Israel. Alguns israelitas inevitavelmente o interpretaram com um egoísmo estreitamente materialista. Pelo contrário, a glória é a de Javé, cuja presença na glória inspira tudo. Note também que nada aqui é exigido das nações que tradicionalmente não foram exigidas de Israel.

E neste lugar vou dar prosperidade. A palavra traduzida "prosperidade" é shalom (paz) e aqui se refere à paz escatológica na qual o homem pode desfrutar de uma vida boa, plena e significativa. O requisito essencial para isso é a presença de Yah-weh, a quem os homens podem dar fidelidade incessante e plena. Só então eles poderiam viver de forma responsável um com o outro. A promessa oracular de *Shalom*em certo sentido, pretendia estabelecer essa ordem correta de coisas. Ageu aparentemente acreditava no imediatismo do eschaton e tinha pouco sentido de um futuro contínuo. Por conseguinte, não teve uma profunda realização do destino e da missão de Israel. Uma inevitável e indesejável conseqüência da sobre-ênfase ou preocupação com a escatologia é a incapacidade de manter contato com o presente e o futuro imediato e proclamar uma palavra de Deus para ambos.

IV. Tora sacerdotal sobre o que é limpo e impuro (2: 10-14)

No vigésimo quarto dia do nono mês, Ageu pediu aos sacerdotes uma série de perguntas sobre "contaminação". O pedido de tora sacerdotal pode ter sido feito na apresentação das primeiras ofertas no novo santuário - "o que eles oferecem" (v. 14) sugere tanto.

1. Solicitação de instruição sacerdotal (2: 10-13)

10 No vigésimo quarto dia do nono mês, no segundo ano de Dario, a palavra do SENHOR veio pelo profeta Ageu, 11 "Assim diz o SENHOR dos exércitos: Peça aos sacerdotes que decidam esta questão, 12 " Se um carrega carne sagrada na saia de sua roupa e toca com a saia de pão, ou potinho, ou vinho, ou óleo, ou qualquer tipo de comida, se torna sagrado? "Os sacerdotes responderam:" Não. " Então disse Ageu: "Se alguém que é impuro pelo contato com um cadáver toca nesses, torna-se impuro?" Os sacerdotes responderam: "Isso se torna impuro".

Ageu pediu instrução sacerdotal. “Pergunte aos sacerdotes para *Torá* " é uma boa prestação do hebraico no v. 11 . *Torah* é a instrução oracular dado pelos sacerdotes (Jer 2: 8. ; 18:18 ; Hos 4: 6.) Originalmente tal instrução foi dada. exclusivamente com base em oráculos e interpretações tradicionais da vontade divina. Como estes foram coletados e codificados, a *Torá* chegou a se referir aos códigos de lei em que a instrução de Yahweh poderia ser encontrada. Este pericope em Ageu indica que a *Torá* foi espontaneamente dado pelos sacerdotes, mesmo depois de grandes coleções de tais instruções terem sido feitas. Grande parte dos regulamentos de culto e legal de Israel originaram-se dessa maneira.

O significado das perguntas e respostas é claro: a santidade neste caso não é transferível (em alguns textos do Antigo Testamento, no entanto, a santidade é contagiosa); a impureza é.

2. Interpretação profética da Torá Sacerdotal (2:14)

14 Então, Ageu disse: "Assim é com este povo, e com esta nação perante mim, diz o SENHOR ; e assim com cada trabalho de suas mãos; e o que eles oferecem não é impuro.

Não está claro o que Ageu pretendia quando ele disse, então é com esse povo porque não há indicação para quem essas palavras são abordadas. Existem três possibilidades. (1) Como outros oráculos, este foi dirigido à comunidade que trabalhou no Templo e celebrou sua dedicação. Mas por que eles deveriam ser descritos como impuros? (2) O povo impuro abordado era a população rural vizinha que ficara em Judá durante o exílio e que havia estado sob administração samaritana. (3) Ageu está rejeitando a comunidade samaritana que queria ajudar na reconstrução do Templo (ver Ezra 4: 1-5). Se esse fosse o fundo, o significado seria que o contato com samaritanos profanos e impuros contaminaria a comunidade de Jerusalém, para que a santidade de Judá não pudesse se espalhar para os Samaritanos mestiços. Não há outras evidências que indiquem que Ageu estava entre aqueles que rejeitaram o povo da terra ou os samaritanos. A exclusividade estreita que levou a tal rejeição foi um desenvolvimento posterior, embora alguns afirmem que começou aqui. O povo que permaneceu em Judá durante o exílio tinha adorado a Javé no santuário arruinado, tinha feito muito para preservar a herança preexilica e até contribuiu para as tentativas de remodelar construtivamente a teologia de Israel à luz da tragédia do exílio. (Quão extensivamente isso foi feito em Judá entre 586-538 ACé uma questão que precisa de uma investigação extensa.) A proclamação de alegria que abre o Segundo Isaías (40: 1-2) foi dirigida diretamente aos exilados, mas retoricamente a pessoas reais que viveram os tempos infernais e que agora poderiam se consolar e esperar na perspectiva de reconstruir a cidade de Deus. O conforto de Jerusalém, pelo menos, implica preocupação para quem vive lá. Para Ageu excluí-los é inconcebível.

O assunto é um pouco diferente se os samaritanos são abordados, já que as tensões e a animosidade entre eles e os judeus eram de longa data. Mas afirmar que Ageu está rejeitando-os como imundo é pressupor que ele era o tipo de fanático que defendia a estreita exclusividade nacionalista e religiosa. Ele não era.

O grupo mais logicamente abordado no v. 14 foi o mesmo grupo de líderes e pessoas a quem os outros oráculos do profeta foram abordados. As sugestões que qualquer outra audiência pretendia se baseiam em pressupostos insuportáveis.

O que, então, o significado do oráculo, quando entendido como dirigido aos que trabalharam no Templo, foi recomendado pelo profeta e quem recebeu suas promessas quase jubilosas? A pista está na indicação, o que eles oferecem lá, que eles estão no momento da adoração quando a oferta é feita. Mesmo aqueles que estão participando da construção do Templo estão agora, como sempre antes do altar de Yahweh, como homens pecadores responsáveis por falhas e pecados que nunca podem ser removidos por cultus. Mesmo a construção de um novo santuário deve ser representativa de um compromisso profundo e significativo para Yahweh.

O Templo como representante do "santo" foi devidamente considerado por Ageu para estar no centro de sua vida, mas mesmo a presença do Templo sagrado não garante, por si só, a santidade das pessoas. A comunidade chamada para ser a pessoa da nova era pode ser tão somente aceitando, como o povo de Deus de qualquer idade, as responsabilidades da aliança com Deus e com seus semelhantes. Não há eficácia automática no Templo, nenhuma garantia de que sua existência garanta a salvação. Aquele que descobriria no Templo os valores redentores representados, deve haver alguém que "ande irrepreensível, faça o que é certo e fale a verdade de seu coração" (Salmo 15: 2). Em tudo isso, portanto, Ageu está na melhor tradição profética, e todas as acusações de que seus oráculos estão sem considerações éticas estão incorretas.

V. Esperança e promessa escatológica para Zorobabel (2: 20-23)

Em 2: 1-9, a nova era, entendida por Ageu, centrou-se no Templo como o lugar da glória permanente de Javé. Então, em 2: 10-14, o profeta pareceu exigir que as pessoas da nova era sejam purificadas e se comprometam com Deus. O oráculo final de Ageu e aquele com o qual a série que pertence no capítulo 2 (2: 1-9, 10-14 , 20-23) alcança um clímax, oferece glória não qualificada para Israel sob a liderança de Zorobabel.

20 A palavra do SENHOR veio pela segunda vez a Ageu, no vigésimo quarto dia do mês, 21 "Fale com Zorobabel, governador de Judá, dizendo: Estou a ponto de abalar os céus e a terra, 22 e derrubar o trono dos reinos; Estou prestes a destruir a força dos reinos das nações, e derrubar os carros e os seus cavaleiros; E os cavalos e os seus cavaleiros descerão, cada um pela espada de seu companheiro. 23 Naquele dia, diz o SENHOR dos exércitos, tomarei você, ó Zorobabel, meu servo, filho de Sealtiel, diz o SENHOR , e faze-o como um anel de sinete; porque eu escolhi você, diz o SENHOR dos exércitos ".

O derrube escatológico do cosmos é novamente mencionado com ênfase no derrube das nações. Seja qual for o significado da linguagem guerreira do verso 22 (ver o uso semelhante no Salmo 2 , Ezequias 38-39 ; Zacarias 14: 1-3), pretende descrever poeticamente, mas com força, a sujeição de todos os estrangeiros poderes para a soberania final e absoluta de Javé. Em 520 ACDarius ainda não conseguiu dominar seus inimigos, e a segurança e o futuro do Império Persa eram incertos. Habitualmente, os

intérpretes relacionaram os oráculos escatológicos de Ageu com esta situação insegura na Pérsia, que os profetas podem ter pensado foram o prelúdio da intervenção divina. Esses oráculos, então, poderiam ter sido politicamente motivados e teriam tido implicações políticas, particularmente para Zorobabel.

As expectativas da Ageu não foram politicamente fundamentadas. Eles descansaram em uma confiança dinâmica na presença redentora e transformadora de Yahweh administrada por um servo leal e eficaz que seria como David da memória acrítica. Ageu aqui usa o termo normalmente futurista naquele dia, mas sua designação imediata de Zorobabel como príncipe no novo reino deixa bem claro que, como em 2: 6 , ele espera o amanhecer pronto de uma nova era.

Na nova era, Zorobabel seria o "executivo da vontade de Deus" (Ackroyd, p. 163). Dois títulos distinguem-no com a autoridade real do caráter messiânico, ou seja, ele é designado como o réu davídico ideal do último dia. O primeiro título, meu servo é usado por uma série de personalidades do Antigo Testamento: [13] os patriarcas, Moisés, os profetas, mas especialmente Davi e os reis davídicos (2 Sam. 3:18 ; 1 Reis 11:34 ; Ezek 34:23 f .; 37:24 f.) No entanto, nem toda linha do rei da Davi era um servo meritório, obediente e efetivo de Yahweh. Em memória acrítica, David permaneceu sempre o rei ideal e, portanto, o servo ideal. Quanto mais desastrosas as circunstâncias em Israel, a esperança mais intensa de Israel alcançou o ideal de Davi, servo de Deus, como sinal de promessa (Salmo 89: 3 , 20 , Jeremias 33: 21-26). Na designação de Zorobabel, o servo de Javé, Ageu, afirma com confiança que a esperança de Israel é cumprida e a promessa realizada.

Zorobabel é também o anel de selos de Yahweh. O selo tem o selo do soberano ou do dono, e seu carimbo identifica sua propriedade (assim, muitos alfinetes marcados encontrados na Palestina). Esperanças frustradas pelo desvio de reis anteriores agora seriam realizadas em Zorobabel (ver v. 23 com o oráculo de Jeremias sobre a rejeição de Joaquim em Jeremias 22: 24-30). Embora este oráculo seja dirigido diretamente a Zorobabel, não há nenhuma razão convincente para pensar que era privado. No mesmo contexto geral, se não o idêntico, Zacarias (3: 8 ; 6:12) designou Zorobabel como "o Ramo", um termo messiânico usado de um rei davídico em Isaías (11: 1) e Jeremias (23: 5- 6 ; 33: 14-16); Ele expressou o status messiânico de Zerubbabel por descrição de uma coroação. Ageu e Zacarias também são muito mais ousados em identificar especificamente o agente ideal do governo de Yahweh na Terra do que profetas anteriores. A reivindicação imediata que Ageu está fazendo, no entanto, é para a soberania de Yahweh, uma afirmação que é consistente com tudo o que ele disse.

Das fortunas de Zorobabel não ouvimos mais nada. Embora fosse como "um sinal na mão direita" que ele foi lembrado por ben Sirach (Ecclus. 49:11), nada veio da expectativa de Ageu de que Zorobabel era o rei messiânico para governar para Deus na nova era que se aproximava do retorno da glória do Senhor ao Templo restaurado. A tentativa de conectar esperanças messiânicas com um indivíduo histórico específico veio a nada. Ao invés de se tornar o Messias, Zorobabel abandona a história, talvez seja retirado do cargo e talvez seja executado para procurar libertar Judá.

Esta é a fraqueza da esperança que estava muito intimamente ligada à realização escatológica imediata. A expectativa da consumação imediata ou do cumprimento da história limita a visão e a expectativa histórica. A soberania de Deus que, em sua

presença, traz a paz de Deus deve, portanto, praticamente, se não ideal e, finalmente, separar-se de todo futuro utópico, independentemente da magnificência imaginada. De outra forma, podemos entender os oráculos de Ageu ou entender a declaração de Jesus "o reino de Deus está no meio de você" (Lucas 17:21 , cf. 10: 9 , 11 ; 11:20), o que deve significar que a regra de Deus sobre a vida está sempre presente para ser aceita por homens fiéis. Tirando sua antecipada errônea de que o eschaton era iminente e que Zorobabel seria o Messias, é precisamente o que Ageu dizia a pessoas ansiosas e desencorajadas, mas potencialmente fiel em Jerusalém em 520 AC

Sumagração: Ageu era um profeta da presença de Yahweh. Como tal, ele estava na melhor tradição profética de Israel. Ao contrário dos grandes profetas preexilicos, ele falou pouco em seus oráculos registrados sobre justiça social e moral, mas seu tempo não exigia essa ênfase. Alguns consideraram injustamente seu trabalho representativo do declínio profético e o surgimento da religião formal entre os judeus. Eles consideram a preocupação com o Templo uma preocupação com coisas materiais e nada mais.

Isso é injusto porque um templo como centro sagrado nunca é apenas um lugar material. Onde quer que a presença efetiva de Deus seja realmente sentida, esse lugar é um lugar de Deus. Então, com preocupação com o Templo, Ageu estava realmente preocupado com a orientação de Israel em relação ao significado e comunidade criativa. É certo que sua ênfase nas consequências materiais da reconstrução do Templo envolve implicações enganosas. Mas isso não invalida a preocupação de que sua comunidade represente de forma concreta e positiva a centralidade de Yahweh em seu cosmos, construindo o Templo. Toda orientação comunitária é expressa nas estruturas que erecta; muito melhor, portanto, o simbolismo de uma cidade coroada e dominada por uma catedral do que uma sobrecarregada por edifícios que representam apenas interesses industriais e comerciais, sem relação significativa com Deus ou com a humanidade.

A identificação errada de Ageu de Zorobabel como messias e sua antecipação incorreta do eschaton imediato não deve nos cegar a sua sensação mais significativa de orientação em que Deus é livre para estar presente em qualquer momento e o conseqüente sentido da presença divina que torna a vida possível no pior de tempos e em que todas as expectativas do futuro, em última instância, descansam.

Zacarias

John DW Watts

Introdução

Os primeiros oito capítulos de Zacarias são uma coleção de oráculos e visões. Cada um deles nomea cuidadosamente o profeta e o encontro da experiência profética. Estas datas estão correlacionadas com as do livro de Ageu. A última profecia em Ageu e a primeira em Zacarias se sobrepõem por um mês. O ministério total refletido nessas datas abrangeu um pouco mais de dois anos.

A segunda parte do livro (capítulos 9 a 14) mostra nenhuma dessas características. Nem está relacionado a pessoas ou eventos históricos da maneira como os primeiros capítulos são. Não há nenhuma pista de quem seu autor pode ser. Isso reflete um processo muito complicado de tradição profética em que os oráculos antigos são reutilizados em novas conexões e novas formas. As fases mudaram. A base teológica básica mudou. Um trabalho totalmente novo surgiu em fragmentos de profecias mais antigas. Ele também contém composições mais longas que quebraram os laços de motivos proféticos tradicionais para combinar características de hinotismo, profecia e pregação como Isaiah 40-48 .

Os títulos sobre os capítulos 9 e 12 são paralelos ao livro de Malaquias. O tom e o conteúdo desses capítulos têm muito em comum com Malaquias.

Assim, o livro de Zacarias é o membro médio de uma trilogia de profetas, dividindo seus relacionamentos com seus vizinhos uniformemente. Os capítulos 1-8 estão relacionados com Ageu na forma, conteúdo e histórico, enquanto os capítulos 9-14 refletem parentesco semelhante a Malaquias. Não é de admirar que os exegetas pensem que o livro não é uma unidade e muitas vezes se referem aos capítulos 1-8 como "Primeira Zacarias", enquanto os capítulos 9-14 , que não são atribuídos a nenhum profeta, exceto por sua posição, são chamados de "Segunda Zacarias "Por falta de um termo melhor".

No entanto, os capítulos de Zacarias demonstram uma unidade que justifica que sejam agrupados em um único livro. A unidade não é de autoria original. Somente os capítulos 1-8 são identificados com o profeta pelo nome. Nem é a unidade que se encontra na sua chegada do mesmo período, como o tratamento dos diferentes capítulos irá mostrar.

O tema unificador do livro é a proclamação da salvação. O Senhor vem a Jerusalém. Ele faz sua morada lá e exercerá sua regra universal a partir desse ponto. As nações virão para lá. adorá-lo. Os temas são: a salvação, o advento e o reino de Deus. A ocasião foi a celebração em Jerusalém, após o exílio, do festival que celebrou esses temas, ou seja, o Festival dos Estandes. Este foi um festival israelita muito antigo, assumido por David em Jerusalém. Ele proclamou o domínio de Deus sobre toda a terra, a eleição de Sião como sua habitação e o filho de Davi como seu vice-regente terrenal. Celebrava a entrada de Deus no Templo, o teste de seu povo e sua autoridade sobre as nações.

Os primeiros capítulos de Zacarias encorajam a construção do Templo. Eles proclamam sua validade em termos da vinda do Senhor para habitar lá e sua promessa de encontrar seu povo lá e responder às suas orações. Os capítulos posteriores são expressões adequadas do modo como a vinda do Senhor e seu domínio foram realmente celebrados durante o Festival dos Estandes no Templo completo. As formas Preexilic são adaptadas para o festival pós-exilic. Algumas partes explicam mudanças e adaptações de tipos preexilic, como a omissão da dinastia davídica a favor de uma maior ênfase no reinado direto de Deus. Estas adaptações se encaixam no período do início do segundo Templo (515 AC até meados do século VAC). Não há nada nesses capítulos que necessariamente devem ser mais tarde. O que foi anteriormente foi apanhado porque é ritualmente relevante para o período. Se o próprio Zacarias escolheu, adaptou e produziu algum ou todo esse material é impossível determinar.

Os capítulos 9-14 são semelhantes às formas em Isaiah 40-66 , Malaquias e alguns outros dos Profetas Menores. Cada seção é o resultado final de um longo desenvolvimento. Cada um constrói em torno de antigas peças proféticas, adicionando, ajustando e moldando-as para atender às necessidades atuais.

Os temas básicos da profecia de salvação preexilica são usados. Mas os materiais de origens muito diferentes às vezes são misturados. Os tipos de Zion-Jerusalém são misturados em abandono feliz com profecias de convênio-Israel. Na forma do material no entanto, duas características são típicas: o Messias está em segundo plano, enquanto o próprio Deus é o salvador (como Ezek e Isa. 40-66); A condenação dos líderes (em comum com Jer., Ezek. e Isa. 49ff.) é combinada com o motivo do Servo Sofredor (como Isa 50-53). Mas os pensamentos dominantes ainda são os do Senhor como rei, governam as nações e Israel, e o dia do Senhor. Todos são coloridos por um tom de conforto e salvação (ver Isa 40) em contraste com a ênfase no julgamento de profecias preexilic. Mas essas diferenças também são observadas nesses capítulos. Os capítulos 9 a 11 mostram sinais de preexilic. Eles lidam com a recuperação de terras e pessoas do Egito e da Assíria (10: 10-11). Eles falam do retorno de Efraim, mas não de Judá (10: 6ss). Devem ser reassentados no norte: Líbano e Gilead (10:10). Mesmo a história dos pastores parece terminar com referências a Zedequias, o último rei antes do exílio. Estes capítulos não têm nada a dizer sobre Jerusalém.

Os capítulos 12 a 14 tratam dos problemas de Jerusalém, Judá e as nações. Mas aqui, também, há diferenças. Os capítulos 12-13 vêem a segurança e a prosperidade alcançadas como objetivo. O Capítulo 14 vai além daquele para um universal de adoração para todas as nações.

Todos os capítulos podem vir da profecia litúrgica relacionada ao festival de estandes de outono. Eles devem ser distinguidos de acordo com os períodos em que foram usados e também talvez de acordo com os pontos de vista proféticos particulares que representavam.

I. Histórico histórico

Em contraste com a maioria dos profetas menores, tanto Ageu quanto Zacarias são mencionados fora de seus próprios livros. Eles são creditados em ser as forças motrizes por trás dos esforços renovados (*cerca de* 520-515 AC) para reconstruir o Templo (Ezra 5: 1 ; 6:14).

Zacarias voltou para a Palestina como padre com Iddo, seu pai ou avô. Ele experimentou pessoalmente os principais eventos formativos dessa geração.

A queda de Jerusalém em 586 AC selou o destino dos judeus, e o exílio resultante lançou sua sombra sobre as gerações seguintes de judeus. Sendo uma minoria, pessoas cativas em uma terra estrangeira fizeram que revivessem as experiências no Egito antes do Êxodo, tornaram-nos conscientes de sua missão espiritual como o chamado povo de Deus e os tornaram inesquecíveis conscientes da culpa que havia chamado esse julgamento de Deus em cumprimento de advertências proféticas.

Mas, então, maravilha de maravilhas, o terrível Império Babilônico desmoronou diante do poder persa em expansão! O novo imperador, Cyrus the Mede, substituiu a repressão

babilônica pela tolerância. Ele emitiu um edito permitindo que os judeus retornassem a Jerusalém para reconstruir seu Templo (Ezra 1: 2-4).

O pequeno grupo, composto pela maior parte dos sacerdotes e levitas fiéis, encontrou condições deploráveis em Jerusalém. Sua cidade despojada e indefesa havia sido saqueada por 50 anos por Edomites e por clãs itinerantes.

Eles, como parte da província de Judá, foram submetidos ao governo administrativo de Samaria antipática. O edifício teve que começar por nada, sem lugares para as pessoas viverem. Dentro de poucos anos, os tempos difíceis vieram sob Cambysis, o governante que seguiu Cyrus.

De acordo com Ezra 5:16, os judeus que retornavam sob o regime de Shesbazar, lançaram as bases para um novo Templo em Jerusalém, no ano de 538 AC, com a permissão que o rei persa Ciro lhes concedeu (cf. Esdras 6: 3-5). No entanto, o trabalho não foi concluído. Durante 18 anos, o Templo continuou em ruínas.

A lembrança da data em que o profeta realizou sua função é importante. A situação muito boa de 538 AC , quando o rei persa Ciro encorajou os judeus a voltarem e reconstruírem seu Templo, desapareceu. O entusiasmo dos judeus pioneiros e retornados também desapareceu. As discussões, particularmente com os samaritanos, as dificuldades com a reconstrução da cidade, e vários anos de colheitas ruins (ver Hag. 1: 6) diminuíram seus espíritos. A esperança de liberdade nacional após a morte do imperador Cambies, que até mesmo conquistou o Egito em 525 ACse foi. Muitas pessoas sujeitas tentaram se revoltar no momento da sua morte. Talvez até Judá tenha sido tentado a se juntar a eles. Mas o novo rei, Darius, provou ser um governante forte e inteligente que recuperou o controle sobre o império em poucos meses. Com o retorno da paz no império, a esperança de libertação nacional dos judeus morreu.

Naquele tempo de espíritos baixos, resignação, infelicidade e desesperança, Deus provou seu poder ao enviar Ageu para aquecer os corações da pequena banda em Judá com novo entusiasmo.

Ele convenceu a comunidade judaica a começar a trabalhar novamente no Templo em 520 AC. Mas suas palavras encorajadoras chegaram ao fim depois de um curto período. Zacarias pegou seu trabalho. Ezra 6:15 registra que o Templo reconstruído foi formalmente dedicado na primavera de 515 AC

As histórias bíblicas deixam os leitores no escuro em relação ao próximo meio século. Entre Ezra 6 e 7 há uma lacuna de pelo menos 70 anos. Mesmo os escritos que provavelmente pertencem a esse período fazem pouco ou nada para fornecer fatos. Mas foi um período criativo para profecia e ritual.

É muito provável que as obras não datadas do Antigo Testamento, como Zacarias 9-14 , Malaquias, Joel, Obadias e Isaías 40-66, se originaram ou encontraram sua forma final nesse período. A coleção e edição dos Antigos Profetas (Joshua-2 Kings) e os Últimos Profetas (Isaías, Jeremias, Ezequiel e o Livro dos Doze) pertencem a esse período.

Quando Ezra retornou a Jerusalém em meados do século V, ele aparentemente trouxe de volta um livro completo da Lei. Este deve ter sido um Pentateuco completo que foi editado e reunido em seus últimos estágios neste período.

O que se sabe sobre os períodos que, neste momento, os de Zorobabel e Neemias, indicam que os problemas continuaram a nível político com funcionários provinciais em Samaria e lugares vizinhos. As pessoas se estabeleceram em formas fáceis de compromisso com seus vizinhos que provocaram problemas de casamentos mistos, etc., que Ezra enfrentou.

Mas a qualidade da literatura que deve ser datada nesse período reflete uma vida religiosa ativa e criativa no Templo de Jerusalém, que provavelmente se centrou no Festival anual de peregrinação dos Estandes. Lá, os profetas trabalharam anonimamente e talvez em grupos, distinguidos pela preferência particular de cada um pelo trabalho e pensamento de um dos grandes profetas preexilicos, para moldar e polir as liturgias para o festival. Ao fazê-lo, reuniram e editaram os livros do cânone profético.

II. Zacarias e o Novo Testamento

O livro inteiro de Zacarias era conhecido pelos escritores do Novo Testamento. Os capítulos 1-8 exerceram uma tremenda influência na literatura apocalíptica do Novo Testamento. Eles são citados com maior freqüência no livro de Apocalipse. Os capítulos 9 a 14, por outro lado, influenciaram fortemente a redação dos Evangelhos. A interpretação do Messias como "servo sofredor" e o reino de Deus como "reino do servo" é apoiado por estes capítulos, Isaías 49-55 e alguns salmos. Eles fornecem a "subestrutura da teologia do Novo Testamento" e as fontes diretas da pregação e testemunho dos primeiros cristãos.

III. Interpretando Zacarias

Este comentário tentará evitar reenviar as idéias ou doutrinas de Zacarias, que vêm dos tempos posteriores, sejam eles o Novo Testamento ou as teorias milenares. O movimento deve ser o contrário. A verdadeira e genuína mensagem de Zacarias é usada pelo Novo Testamento para sustentar sua mensagem e os teólogos para apoiar sua doutrina.

A estrutura básica dentro da qual Zacarias prega é um conceito da obra de Deus em que o julgamento é seguido pelo triunfo e pela glória. Em formas variadas, este tema atravessa as Escrituras do Êxodo através da Revelação. O padrão é repetido em muitas circunstâncias históricas e tem muito a ensinar sobre o modo como Deus lida com seu povo e com as nações. A contribuição particular de Zacarias será vista e entendida contra esse contexto comum.

A questão do cumprimento da profecia deve ser testada contra a compreensão do Novo Testamento das maneiras pelas quais toda profecia é cumprida em e através de Cristo. A interpretação cristã deve ter o cuidado de não traçar linhas diretas de Zacarias a algum tema (como o sionismo) sem passar por uma compreensão de Jesus Cristo, do Novo Testamento e da forma como a igreja se tornou o "verdadeiro Israel de Deus".

IV. A Mensagem e a Teologia de Zacarias

O tema do livro é o reino de Deus. Este tema é apresentado em muitas variações entrelaçadas com outros temas. A relação de Jerusalém com o reino é um fio que atravessa todo o livro. A intenção do Senhor de restabelecer sua morada é a razão para construir o Templo. A vinda e habitação de Deus em Jerusalém são sinais de sua eleição. Ela é a peça central do drama de "naquele dia". Quando tudo mais cai sob o julgamento final do Senhor, Jerusalém ficará exaltada e confirmada.

O Templo simboliza o reino de Deus. É a sala do trono do Senhor. Seus rituais explicam e proclamam o reino. Sua reunião são oportunidades para experimentar e celebrar o reino.

Os reis que reinaram em Jerusalém estão sob o juízo do reino de Deus. Eles são condenados por ser falsos pastores. O julgamento de Deus coloca grande responsabilidade sobre eles pela queda de seu reino e pelo sofrimento de seu povo. Deus sozinho será rei sem a necessidade de trabalhar com esses reis.

A relação de Judá com o reino é cuidadosamente definida. Sua participação ao lado de Jerusalém na eleição de Deus é dada por certo ao longo do livro e especificamente enfatizada no capítulo 12 .

As nações são levadas sob a autoridade do reino. A sua rebelião é derrotada. O julgamento traz punição sobre eles. Eles acabam se tornando uma parte do povo de adoração de Deus na festa de Jerusalém (2:11 ; 6:15 ; 8: 20-23 ; 14: 16-19).

A autoridade do reino no cosmos e na natureza é abordada. As decisões sobre fertilidade e colheita são do Senhor (8:12 ; 9:17 ; 14: 6). Ele é o doador da chuva (10: 1 ; 14:17). A sua partida divide a montanha (14: 4-5) e faz Judá ser uma planície (14:10).

Os meios pelos quais as funções do reino são claramente delineados. O Espírito de Deus é seu agente (4: 3 ; 6: 8). As batalhas de Deus são combatidas trazendo pânico ao inimigo (12: 4 ; 14:13) e por uma praga sobre eles (14:12 , 15). O Espírito do Senhor muda a moral do povo, dando-lhes vitória e alegria.

O reino usa o grande dia do Senhor para seus propósitos. Isso é verdade tanto no sentido do dia alto do Festival dos Cabos, que reconhece o Senhor como o rei de toda a terra, e também no sentido do evento decisivo na história que inaugurará uma nova era. A primeira parte de Zacarias proclama que esse evento decisivo já ocorreu. Os últimos capítulos deixam o tempo indefinido.

O Templo, o símbolo da morada de Deus com seu povo em Sião e o lugar onde o Senhor se encontra com pessoas que vêm buscá-lo, é outro meio pelo qual o reino opera.

Os inimigos do reino são superados ou julgados. Eles incluem as nações que se levantam contra o Senhor, sua cidade e seu povo. Idolatria, superstição e seus apoiantes são julgados e punidos. Os reis infiéis nas histórias de "os pastores" também eram obstáculos para o cumprimento do reino e seus objetivos. Em seu lugar, o próprio Deus se torna o pastor do seu povo.

Zacarias coloca o reino de Deus no centro do culto no Templo de Jerusalém. Lá, ele é proclamado rei sobre a criação. Ele é reconhecido como rei sobre Israel e sua história e sua aliança. Ele é louvado como rei em Sião sobre o rei messiânico, o Servo Sofredor. E, finalmente, ele é revelado como rei sobre as nações. Verdadeiramente, essa celebração o exaltou como rei sobre toda a terra.

Com esta alta compreensão da realeza de Deus, é compreensível que o livro tenha contribuído tanto para a compreensão do Novo Testamento do reino de Deus.

Esboço

I. Ligue e prometa 520 AC (1: 1-6)

II. Visões e profecias 519 AC (1: 7-6: 15)

1. O homem no cavalo vermelho (1: 7-17)
2. Quatro chifres e quatro smiths (1: 18-21)
3. O homem com uma linha de medição (2: 1-13)
4. Joshua em julgamento (3: 1-10)
5. O candelabro dourado (4: 1-5 , 10b-14)
6. A palavra para Zorobabel (4: 6-10a)
7. O pergaminho voador (5: 1-4)
8. Uma mulher em uma cesta (5: 5-11)
9. Quatro carros (6: 1-8)
10. A coroa: um sinal profético (6: 9-15)

III. Profecias sobre jejum 518 AC (7: 1-8: 23)

1. Introdução: a delegação de Bethel (7: 1-3)
2. Preocupações proféticas no culto (7: 4-14)
3. Dez mensagens do Senhor (8: 1-23)

IV. A palavra do Senhor contra Hadrach (9: 1-11: 3)

1. Introdução: A recuperação das províncias da Assíria. Um oráculo contra as nações; (9: 1-8)
2. O Rei da paz vem (9: 9-10)
3. O Senhor retorna os cativos (9: 11-17)
4. O Senhor fornece (10: 1)
5. O Senhor cuida de Judá e José (10: 2-11)
6. O Senhor fortalece seu povo (10:12)
7. Conclusão: a conquista do Líbano e de Basã (11: 1-3)

V. O pastor e os pastores (11: 4-17)

1. O rebanho condenado ao abate (11: 4-6)
2. O pastor, os pastores e as equipes (11: 7-14)
3. O pastor sem valor (11: 15-17)

VI. A palavra do Senhor a respeito de Israel: Judá e Jerusalém (12: 1-13: 9)

1. Jerusalém, Judá e os povos (12: 1-6)
2. A casa de Davi e Jerusalém (12: 7-13: 1)
3. A limpeza da idolatria (13: 2-6)
4. O rebanho pastoreiro (13: 7-9)

VII. O Rei de toda a terra (14: 1-21)

1. As nações se reuniram para a batalha (14: 1-2)
2. O Senhor guerreia contra as nações (14: 3)
3. O Monte das Oliveiras é dividido (14: 5-5)
4. Harmonia cósmica à medida que o Senhor se torna Rei (14: 6-9)
5. Judá, uma planície - Jerusalém exaltada, habitada, segura (14: 10-11)
6. O Senhor castiga as nações (14: 12-15)
7. As nações adoram em Jerusalém (14: 16-21)

Bibliografia selecionada

Comentários:

FEINBERG, CHARLES L. *God lembra.* Wheaton: Van Kampen Press, 1950.

JONES, DR *Ageu, Zacarias e Malaquias* . ("The Torch Bible Commentaries".) Londres: SCM Press, 1962.

MITCHELL, HINCKLEY G. *Um comentário crítico e exegético sobre Ageu e Zacarias.* ("The International Critical Commentary"). Edimburgo: T & T Clark, 1912.

THOMAS, D. WINSTON e RC DENTAN, "O Livro de Zacarias", *A Bíblia do Intérprete*, Vol. VI, Nashville: Abingdon Press, 1956.

UNGER, MERRILL F. *Comentário sobre Zacarias.* Grand Rapids: Zondervan, 1963.

Estudos sobre as visões:

BIČ MILOŠ. *Die Nachtgesichte des Sacharia.* Biblische Studien 42, Neukirchener Verlag, 1964.

RIGNELL, LG *Die Nachtgesichte des Sacharja.* Lund: Gleerups, 1950.

Estudos nos capítulos 9-14 :

JONES, DR "Uma nova interpretação de Zacarias IX-XI", *Vetus Testamentum* XII (1962) pp. 241-259.

LAMARCHE, P. *Zacharie IX-XIV, Estrutura litt. et messinisme* (Etudes bibliques) Paris: J. Gabalda, 1961.

LUTZ, HM *Jahwe, Jerusalém e morrer Völker. Zur Vorgeschichte von Sach. 12: 1-8 e 14: 1-5* . (Wissenschaftliche Monographien zunt Alten und Neuen Testament 27.) Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1968.

OTZEN, B. *Studien über Deutero-Sacharja.* (Acta Theologica Danica 6.) Copenhaga: Munskgaard, 1964.

PLOEGER, O. *Teologia e Eschatology.* Inglês trans. S. Rudman. Richmond: John Knox Press, 1968.

SAEBO, M. *Sacharja 9-14.* (*Untersuchungen von Text und Form.*) Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1969.

Comentário sobre o texto

I. Chamada e Promessa (1: 1-6)

1 No oitavo mês, no segundo ano de Dario, a palavra do SENHOR veio a Zacarias, filho de Berequias, filho de Iddo, o profeta, dizendo: 2 "O SENHOR estava muito irritado com seus pais. 3 Portanto, dize-lhes: Assim diz o SENHORdos exércitos: Volta para mim,. diz o SENHOR dos exércitos, e eu retornarei a você, diz o SENHOR dos exércitos. 4 Não sejais como seus pais, aos quais os profetas anteriores clamaram: "Assim diz o SENHOR dos exércitos: Volta dos vossos caminhos do mal e das tuas más ações". Mas eles não me ouviram nem me prestaram atenção, diz o SENHOR . 5 Seus pais, onde estão eles? E os profetas, eles vivem para sempre? 6 Mas as minhas palavras e os meus estatutos, que ordenei a meus servos, os profetas, não alcançaram seus pais? - Então eles se arrependeram e disseram: Como o SENHOR dos exércitos se propôs a lidar com nós por nossos modos e ações, assim ele nos lidou com nós ".

O verso 1 é uma introdução editorial a esta primeira profecia e também serve para apresentar o livro. A data é outubro-novembro 520 AC. A prática de profecias de namoro exatamente foi transferida de Ezequiel e Ageu. O trabalho no novo Templo em Jerusalém já havia começado (ver Int.).

Zacarias é um nome comum que significa "O Senhor se lembrou". É um nome muito apropriado para o profeta que lembra a Israel que Deus realmente se lembrou dela. Ezra e Neemias listaram Zacarias como sacerdote da família de Iddo. Seu avô provavelmente era um sacerdote no Templo de Salomão que foi deportado para a Babilônia. Zacarias como Ezequiel combinam a herança sacerdotal com o dom carismático da profecia. O Templo em ambas as profecias tem significado escatológico.

A ira de Deus que foi derramada em seus pais refere-se à grande destruição de Jerusalém e à deportação de seu povo. Zacarias não precisava expandir a idéia. As ruínas e entulho em todos os lados eram uma ampla evidência disso.

O profeta usa o nome pessoal íntimo de Deus, que na Bíblia hebraica é escrito com quatro letras YHWH (Yahweh) e é representado no RSV como "Senhor". O israelita ouviu nesse nome as notas de "Eu sou quem eu sou" (Êxodo 3:14), que havia salvado Israel do Egito. As palavras de Isaías 54: 7 , "por um breve momento eu abandonei" são aplicável à profecia que Zacarias agora dá. As pessoas estão completamente conscientes desse momento de raiva.

O coração da mensagem vem na v. 3, enquanto o profeta apresenta ao povo a boa notícia do convite de Deus. Volte-se para mim e eu vou voltar para você. Isso contrasta com a raiva do Senhor. As primeiras palavras deveriam ser melhor traduzidas, "Mas você deve dizer a elas". A ênfase é sobre o contraste entre a oportunidade presente e o julgamento passado.

A mensagem essencial é expandida com uma exortação em vv. 4-6 . O profeta sabe que mensagens semelhantes foram dadas a Israel antes do exílio, mas que as pessoas as ignoraram. Ele exorta as pessoas agora a aprender com as experiências de seus pais para evitar seus erros.

A mensagem é um simples convite para que pessoas separadas sejam reconciliadas com seus deuses. Não há menção aos pecados. O arrependimento tem a ver com a reconciliação entre Deus e uma pessoa estranha. Aqui significa simplesmente virar-se para Deus. As idéias de tristeza pelo pecado ou a renúncia ao mal são conhecimentos secundários da ideia básica.

O versículo 5 lê E os profetas, eles vivem para sempre? Em seguida, leva o resto da v. 6 como um apelo à geração atual. Mas a intenção original é melhor entendida como uma imagem do passado.

II. Visões e profecias de 519 aC (1: 7-6: 15)

Esta seção do livro está sob uma única inscrição dando uma data: o vigésimo quarto dia, décimo primeiro mês, segundo ano de Darius (519 aC). Tem uma unidade de tema e movimento que apoia esse sinal externo de sua unidade. É um discurso (ou escrita) reunido e entregue pelo profeta neste momento.

Seu propósito é incentivo. O Senhor está trabalhando para fazer com que Israel (e o mundo) seja o que ele prometeu. Os sinais específicos são a reconstrução do Templo que é encorajado por estas palavras e a presença de Josué, o sumo sacerdote, e Zerubabbel, o governador. Tudo isso é compreendido e proclamado como mais do que a provisão de Deus para as necessidades de seu povo naquele momento. Eles são sinais da própria atividade salvadora de Deus: que habitará no novo Templo em santidade e glória, que ele reine na história sobre as nações, que ele ajuntará o povo a Sião e os abençoe, e que ele tenha e fará julgue o mal e purgue o dele.

A ênfase é que Deus mesmo é a chave para tudo isso: "Eu sou. . . com ciúmes. . . Sião. . . . Eu voltei . . . com compaixão; minha casa será construída. . . As minhas cidades devem. . . transbordamento "(1: 14-17). "Eu serei para ela um muro de fogo ao redor. . . e eu serei a glória dentro dela "(2: 5). "Não pelo poder, nem pelo poder, mas pelo meu Espírito" (4: 6). "Eles fizeram com que meu Espírito se estabelecesse no país do norte" (6: 8). Outras coisas - seu povo, sua cidade, seu servo -

têm significado como instrumentos de seu trabalho. Como Javé dos exércitos (1:12 , 14 , 17 ; 2: 8 , 11 ; 3: 7 , 9, 10; 4: 6 , 9 ; 5: 4 , 15), o Deus de Israel é identificado com "o Senhor de toda a terra" (4:14 ; 6: 5).

Esta mensagem responde ao problema das pessoas. Este problema é definido na primeira visão e no choro do anjo. As pessoas esperavam que a nova era fosse interrompida de forma repentina e completa com tumulto e violência. A paz do período e da ordem dentro do império são, portanto, perturbadoras. Eles choram: "Quanto tempo?" Na visão o anjo expressa o sentimento dessas pessoas. Toda a mensagem do profeta destina-se a apontar sinais, pequenos e insignificantes, embora possam parecer (ver Hag. 2: 3 , Zacarias 4:10), que são desprezados como apenas para "o dia das pequenas coisas". Ele insiste que essas "pequenas coisas" são sinais do supremo: o reino de Deus. Ele pede apoio para Josué e Zorobabel na construção do Templo e no despertar da fé e da esperança. Deus está aqui. Ele está no trabalho.

Assim, as visões se aproximam da imagem do Espírito dominante e ativo de Deus, que tem raiz firme na ordem mundial. A profecia final exige um sinal. A coroa, o sinal do governo de Deus, é permanecer no Templo como um lembrete de que ele está realmente no controle. Ele exige uma fé que não exige exigências instantâneas e óbvias em cada momento da história, mas que é capaz de fazer o trabalho do dia com alegria e se alegrar em ver o trabalho de Deus sendo feito por pessoas escolhidas por ele

1. O homem no cavalo vermelho (1: 7-17)

***7** No vigésimo quarto dia do décimo primeiro mês que é o mês de Sibade, no segundo ano de Dario, a palavra do SENHOR veio a Zacarias, filho de Berequias, filho de Iddo, o profeta; e Zacarias disse: **8** "Vi na noite, e eis um homem que andava sobre um cavalo vermelho! Ele estava de pé entre as miradouras no vale, e atrás dele estava vermelho, azeda e cavalos brancos. **9** Então eu disse "O que são estes, meu senhor?" O anjo que falou comigo disse-me: "Vou mostrar-lhe o que são". **10** Então o homem que estava entre os miradors respondeu: "Estes são os que o SENHOR enviou para patrulhar a terra". **11** E eles responderam o anjo da SENHOR que estava de pé entre os mirtilos: "Patrulhamos a terra, e eis que toda a terra permanece em repouso". **12** Então o anjo do SENHOR disse: SENHOR dos exércitos, quanto tempo não tendes piedade de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais tens tido indignação estes setenta anos? **13** E o SENHOR respondeu palavras graciosas e reconfortantes ao anjo que falava comigo. **14** Então o anjo que falou comigo disse-me: "Clama, assim diz o SENHOR dos exércitos: sou extremamente ciumento de Jerusalém e de Sião". **15** E estou muito irritado com as nações que estão à vontade; enquanto eu estava com raiva, mas um pouco eles ajudaram o desastre. **16** Portanto, assim diz o SENHOR , voltei para Jerusalém com compaixão; Minha casa será edificada, diz o SENHOR dos exércitos, e a linha de medição será esticada sobre Jerusalém. **17** Gritai novamente: Assim diz o SENHOR dos exércitos: As minhas cidades voltarão a transbordar com*

prosperidade, e o SENHOR novamente consolarão a Sion e novamente escolherá Jerusalém ".

Em 519 AC, Darius assumiu o controle sobre seu império turbulento. Ordem e paz foram restaurados. O relatório da patrulha na visão reflete esse estado de coisas. Quando o profeta pede uma explicação, ele é informado de que os cavaleiros dos cavalos foram enviados pelo Senhor para patrulhar a Terra. O relatório deles é que tudo está em repouso. Eles tiveram um passeio sem intercorrências.

Essa mensagem reconfortante provoca um grito de lamento angustiado do anjo do Senhor, seu líder. Não se dirige a eles, mas ao Senhor dos exércitos, e começa com a fórmula familiar de lamento, por quanto tempo?

Do seu choro, é claro que o estado pacífico e sem problemas do mundo é uma má notícia para alguns: para os prisioneiros que aguardam resgatar, para os escravos que esperam a liberdade, aos oprimidos que procuram uma mão amiga.

Os setenta anos (v. 12) durante os quais a indignação do Senhor foi mostrada contra o seu povo retoma a referência de Jeremias 29:10 . Jerusalém havia caído e o Templo havia sido destruído em 586 AC. O cerco começara bastante mais cedo. A visão não ocorre 70 anos após essa data.

O grito do anjo do Senhor reflete o desapontamento de acreditar nos israelitas na notícia de que a plena intervenção do Senhor, como profetizado em Isaiah 40 ss. e pelo profeta Ageu ainda não é aparente. Eles esperavam uma ação catastrófica e espetacular.

Zacarias não tem permissão para ouvir o que o Senhor diz ao anjo do Senhor. No entanto, o Senhor dá uma mensagem para Zacarias através do seu anjo interpretativo em palavras graciosas e reconfortantes (v. 13). Estas duas palavras descrevem adequadamente o caráter específico de toda a mensagem de Zacarias e sua tarefa. Ele é um profeta de conforto e de esperança.

As mensagens que ele deve trazer estão em palavras diretamente do Senhor dos anfitriões. A invocação desse nome toca com ecos de poderosos atos divinos no passado. O Senhor anuncia que sou extremamente ciumento por Jerusalém e por Sion. A revelação do ser essencial de Deus para Israel foi dada em termos de seu ciúme. Em Êxodo 20: 5, ele suporta o seu comando contra a idolatria com palavras "porque eu, o Senhor, seu Deus, sou um Deus ciumento". Ele então relaciona esse ciúme com o castigo dos pecados e com o cumprimento fiel do amor da aliança.

Zacarias tem poderes para anunciar que o Senhor é o mesmo, que o seu particular zelo se aplica a Jerusalém e a Sião. Mesmo que esse zelo tenha levado à sua destruição em sua raiva e julgamento, agora é a fonte de sua compaixão. Sua raiva é com as nações que estão à vontade e que oprimem seu povo.

Ele, portanto, anuncia que ele voltou a Jerusalém com compaixão. Os resultados serão a construção do Templo e uma reconstrução geral de toda a cidade simbolizada pela linha de medição que se estende sobre a cidade (ver 2: 1 ; Ezek. 40).

No v. 17, uma segunda mensagem é instada ao profeta. Nas traduções habituais, isso parece dar uma promessa de prosperidade incondicionada. Rignell pediu uma tradução mais exata do estouro. A palavra hebraica é comum, com um significado básico de "dispersão" ou "quebra". O versículo deve ser traduzido: "Mesmo que minhas cidades ainda sejam despojadas das coisas boas, o Senhor consolará a Sion novamente e elegerá Jerusalém novamente".

Esta tarefa de conforto foi a dada ao profeta em Isaías 40 . Os amigos de Job foram confiados com a mesma tarefa, e eles falharam miseravelmente. Aqui Zacarias recebe instruções para preencher esse papel. Isso mantém uma tensão semelhante entre a necessidade atual e o conforto prometido que a primeira mensagem teve.

O significado da primeira visão é que a nova era da salvação está a caminho, apesar das dificuldades do povo e apesar da passividade das nações. Alguns exegetas pensaram nessa visão como o chamado de Zacarias para a profecia. Em contraste com alguns profetas anteriores, ele deve ser um profeta da salvação. Mas a chamada não está estressada no texto.

2. Quatro Chifres e os Quatro Smiths (1: 18-21)

18 E levantei os olhos e vi, e eis quatro chifres! 19 E eu disse ao anjo que falou comigo: "O que são estes?" E ele me respondeu: "Estes são os chifres que dispersaram Judá, Israel e Jerusalém" .20 Então o Senhor me mostrou quatro ferreiros. 21 E eu disse: "O que estão acontecendo?" Ele respondeu: "Estes são os chifres que dispersaram Judá, de modo que ninguém levantou a cabeça; e estes vieram para aterrorizá-los, para lançar os chifres das nações que levaram os seus chifres contra a terra de Judá para espalhá-lo ".

A segunda visão vem em duas partes. O primeiro é de chifres que são símbolos de força ou império. Muitos intérpretes tentaram identificar os reinos envolvidos como o livro de Daniel. No entanto, a visão não exige essa identificação. Está satisfeito em falar em termos gerais de poderes que trouxeram o povo de Deus ao seu atual estado triste.

A terceira referência ao povo como Judá, Israel e Jerusalém é digna de comentários. Judah é apropriado e preciso, já que as pessoas realmente retornaram a essa província. A adição de Israel é uma afirmação de que Judá agora representa o remanescente de Israel e como tal é herdeiro de sua eleição e convênio. Jerusalém retoma a alegação das misericordias de Davi e da eleição de Sião. Quando Judá é definido em termos de Israel e Jerusalém, entende-se que ela é herdeira das promessas a Abraão, Moisés e Davi.

O segundo estágio da visão consiste em quatro trabalhadores. A palavra hebraica pode se referir a qualquer trabalhador qualificado, como carpinteiros ou forjadores. O profeta pergunta sobre o seu trabalho. A resposta é que estes correspondem aos quatro chifres que realizaram resultados tão desoladores. Eles vieram para derrubar as nações que haviam espalhado a terra de Judá com seus chifres.

O número quatro dos chifres e dos smiths pode ser entendido como uma série de completos em vez de tentar identificar impérios históricos específicos aos quais eles possam se referir.

Outras visões foram seguidas por pequenos oráculos ou discursos que aplicam o significado da visão. Embora nenhum oráculo seja gravado neste ponto, é muito provável que a mensagem curta citada em 2: 9 se encaixa nesta posição. Pode muito bem ter surgido da visão. Proclama a palavra do Senhor: "Eis que eu aperto a mão sobre eles, e eles se tornarão fundadores para os que os serviram".

A primeira visão (1: 7-17) confirmou a compaixão e zelo de Deus por Jerusalém, apesar da óbvia estabilidade de eventos que não deram sinais de sua ação. Esta segunda visão retoma o tema da ira de Deus com as nações de 1:15 e torna específico em proclamar seu julgamento sobre aqueles que serviram como instrumentos de sua ira contra Judá.

3. O Homem com uma Linha de Medição (2: 1-13)

1 E levantei meus olhos e vi, e eis um homem com uma linha de medição na mão dele! 2 Então eu disse: "Onde você está indo?" E ele me disse: "Para medir Jerusalém, para ver o que é a largura e o comprimento." 3 E eis que o anjo que falou comigo veio para a frente, e outro anjo veio ao encontro dele, 4 e disse-lhe: "Corre, diz ao jovem: Jerusalém será habitada como aldeias sem muros, por causa da multidão de homens e gado nele. 5 Porque eu serei para ela um muro de fogo ao redor, diz o SENHOR , e eu serei a glória dentro dela ".

O Capítulo 2 é composto por uma visão e uma mensagem entusiasta em que cinco, ou seis oráculos são tecidos.

Em resposta à pergunta do profeta, o homem com a linha diz que sua tarefa é tomar as medidas de Jerusalém. Como em Ezequiel 40, a implicação óbvia é muito positiva e positiva. Os planos estão a caminho da reconstrução e ampliação da cidade.

Neste ponto, dois anjos ou mensageiros aparecem na cena. O anjo que geralmente interpreta as visões para Zacarias está a caminho de encontrá-lo quando outro anjo aparece com uma mensagem. A mensagem, como Rignell afirmou corretamente, é destinada ao profeta que é chamado de jovem. A mensagem explica a operação de medir a cidade. O crescimento esperado da cidade requer planejamento. A população derramará seus limites normais crescendo em todas as direções com a forma alargada e natural que as aldeias assumem sob a pressão do crescimento da população (ver Isa. 49: 19 s.). Este é um forte contraste com a visão de Ezequiel, onde a cidade foi planejada com exatidão matemática.

O crescimento da população de Jerusalém será tão rápido e repentino que a cidade terá a aparência de uma constelação de aldeias. Isso significa que as ruas irão se deslocando onde podem entre moradias temporárias ou tendas e provisões para gado.

Mas a glória e estabilidade de uma cidade implica muito mais do que um lugar onde muitas pessoas vivem. Exige uma dinâmica distinta e um caráter para ser sua glória. Precisa de paredes e ameias para proteger os habitantes e seus tesouros. Essas Jerusalém terão também porque o próprio Senhor habitará no meio dela. Ele será um muro de fogo como ele tem sido uma coluna de fogo para os primeiros israelitas no deserto. A presença do Senhor no meio de Jerusalém proporcionará a glória e característica distintiva que é necessária.

Várias palavras são dignas de comentários. A figura da linha de medição é retirada de 1:16 como um desses sinais esperançosos para a cidade. Não deve ser entendido como uma ação errada que precisa de correção, como alguns comentadores pensaram. Isso é claro quando as palavras do segundo anjo são entendidas como destinadas ao profeta, e não para o homem que está segurando a linha de medição.

O profeta é chamado de jovem. É interessante notar que, nos outros três lugares do Antigo Testamento, aparece o imperativo de "corrida", o contexto também fala de um jovem (1 Sam. 20:36 ; 2 Reis 4:25 se .; 2 Sam. 18:23).

O versículo 5 é um dos maiores textos do Antigo Testamento. A presença do Senhor será tudo o que Israel precisa. O fogo e a glória eram sinais de sua presença. Eles eram particularmente proeminentes nos três escritos mais importantes do exílio e um período pouco depois do exílio (Ezek., Isa. 40-66).

Esta mensagem tem aplicação direta para a tarefa em questão. Se o aspecto mais importante da cidade reconstruída e reabsentada será a presença de Deus, a atenção para o surgimento de sua casa deve ser a principal prioridade.

6 Ho! ho! Fuga da terra do norte, diz o SENHOR ; pois o espalhei como os quatro ventos dos céus, diz o SENHOR . 7 Ho! Escape para Sião, você que habita com a filha da Babilônia. 8 Pois assim disse o SENHOR dos exércitos, depois que a sua glória me enviou às nações que te saquearam, porque aquele que te toca toca a maça do olho; 9 "Eis que eu aperto a mão sobre eles e eles se tornarão pilhagem para aqueles que os serviram. Então você saberá que o SENHOR dos Exércitos me enviou. 10 Canta e regozija-te, ó filha de Sião; Pois, eu venho e vou morar no meio de você, diz o SENHOR. 11 E muitas nações se unirão ao SENHOR naquele dia, e será meu povo; e habitarei no meio de vós, e sabereis que o SENHOR dos exércitos enviou-me para ti. 12 E o SENHOR herdará a Judá como sua porção na terra santa, e novamente escolherá Jerusalém ".

Essas exortações entusiasmadas se baseiam no significado das três primeiras visões. Eles parecem deliberadamente mudar as expressões que foram usadas sobre os julgamentos que caíram sobre Jerusalém. Eles reconhecem uma inversão completa das atitudes de Deus. Ele agora transforma sua compaixão e seu rosto em direção a Israel e a Sião enquanto se preparava para derramar seu julgamento e ira sobre as nações.

A primeira mensagem exige que os israelitas exilados escapem da terra do norte. Esta é provavelmente uma referência à Babilônia. O julgamento de Deus está prestes a cair

nesse país, e eles devem fugir das cidades que eles reconheceram como lar, mesmo quando eram cidadãos de segunda classe ou estranhos dentro deles.

A referência ao seu estar no exterior é mais fraca que nas declarações de julgamento. Em vez da palavra "para espalhar" ele usa a propagação da palavra mais amena. . . no exterior, como se estivesse espalhando uma roupa ou esticassem os braços. A tendência continua com uma referência a eles como os quatro ventos dos céus, que não traz termos negativos. Nestes dois breves oráculos do Senhor, a conclusão a ser extraída das visões é esclarecida.

Esta passagem está claramente dividida no texto hebraico em três seções: vv. 6-7 , vv. 8-9 e vv. 10-12 . A interpretação da passagem foi difícil porque a passagem do meio rompe a unidade clara das primeira e terceira passagens. Os versículos 8 a 9 são palavras adequadas para seguir a visão dos quatro chifres e quatro smiths (1: 18-21) conforme observado acima. O próprio Senhor trará julgamento sobre os chifres para que os seus próprios escravos e cativos os saqueiem.

Parece que esta seção, vv. 8-9 , que originalmente se encaixava tão perfeitamente na visão de chifres e smiths foi movido para sua localização atual por um escriba para fornecer o motivo do vôo recomendado em vv. 6-7 . Como tal um brilho na margem do texto, seu significado teria sido muito claro como um tipo de comentário. No entanto, quando lido como parte do discurso em si, é perturbador e confuso.

Os versículos 6-7 e 10-12 são uma única unidade. Esta música lírica e extática é uma espécie de resposta às profecias do retorno do Senhor ao Filho, a sua ira sobre as nações e o crescimento inacreditável da cidade.

Estes versos ecoam o estilo lírico e os temas de Isaías (ver Isa. 12: 6-7 com v. 14, Isaías 2: 6 e 66: 19-21 com v. 15). Seu tema é a vinda e habitação do Senhor no meio do seu povo. A proclamação inverte o tema da parte anterior de Ezequiel. Ezequiel havia dito que a verdadeira ação de Deus para o seu povo estava acontecendo na Babilônia. Jerusalém naquela época já não era significativo para a atividade salvadora de Deus. Seu julgamento estava na cidade. Zacarias escolhe os temas da última parte de Ezequiel e Isaías para proclamar que Jerusalém é novamente o centro da obra salvadora de Deus.

Os versículos 6-7 assumem a forma de "aflições" que exigem que as pessoas escapem das áreas que estão em perigo pelo julgamento de Deus sobre as nações. A terra do norte é vaga. Os inimigos de Israel ao longo dos séculos desceram do norte. O versículo 7 especifica os habitantes da Babilônia.

O povo de Deus é chamado a fugir e escapar a Sião. Zion é o lugar de refúgio feliz e seguro, o único. O versículo 10 convida a filha de Sião a cantar e se alegrar. Deus está vindo e fará sua morada no coração da cidade. Ele já está a caminho. Todos os pronomes de segunda pessoa no vv. 10-11 são femininos, referindo-se à filha de Sião. No meio dele, o Senhor habitará, e ela saberá que o profeta foi enviado a ela.

No v. 11, as palavras naquele dia marcam a profecia como uma relacionada com "o dia do Senhor". Este é o tema sobre o qual as profecias de Amós e Isaías seguiram através dos profetas do exílio. Este tema provavelmente estava intimamente relacionado com

um festival anual de outono. Ele uniu os temas da intervenção de Deus no julgamento e a salvação, o estabelecimento de seu reinado como rei sobre toda a terra e sobre Israel e o anúncio de uma nova criação que possibilite uma nova era em que a vontade de Deus seja cumprida perfeitamente . Os ecos desses temas tocam em toda a passagem.

A importância da profecia é que este dia do Senhor chegou. Por causa disto, as aflições são ditas sobre as nações sob julgamento e parabéns a Sion, que será exaltado naquele dia através da presença do Senhor. Muitos refugiados pagãos se juntarão ao Senhor. Esta é uma expressão para a conversão completa. Não diz que eles se juntarão a Israel. Sua conversão ocorrerá diretamente em relação ao Senhor, e eles pertencerão a ele, assim como Israel faz.

O versículo 12 é um lembrete da eleição de Deus que determina tanto do que ele faz naquele dia. As palavras herdam, porção, terra santa e escolha são extraídas do ensinamento sobre o relacionamento de Israel com Canaã e Jerusalém. A vinda do Senhor será um cumprimento de sua eleição de Israel. Ao estabelecer sua morada, ele estará tomando Judá como sua herança, sua parcela designada, na terra santa.

Esta profecia adapta o ensino do Deuteronômio 32: 9 às necessidades atuais. Deus ainda diminuiu sua escolha e aceitou Judá, o restante de todo o Israel, para ser a sua parcela distribuída na terra santa. Então ele reconfirma sua eleição de Jerusalém para ser a sua morada.

13 Silêncio, toda carne, diante do Senhor; pois ele se despertou de sua santa habitação.

Este aviso é paralelo a Habacuque 2:20 e a Sofonias 1: 7 . Todos começam com uma palavra hebraica que é muito próxima do "silêncio" inglês. Isto é motivado pelo fato da presença de Deus. O silêncio é exigido em sua presença.

Aqui e em Habacuque é exigida a reverência de toda a terra ou toda a carne. Todos os três se referem ao dia do Senhor, como um uso semelhante da partícula em Amós 6:10 e 8: 3 .

Com isso, o ciclo de significado que começou na primeira visão foi concluído. A consternação do mensageiro em ouvir que tudo estava calado na terra e sua conclusão de que isso significava uma nova demora em esperar que o Senhor redimisse seu povo mostrou ser falso. A passividade do povo é enganadora, pois o Senhor não é passivo nem está parado. Ele se despertou de sua habitação no céu. Ele está prestes a apertar a mão sobre as nações e a estabelecer sua morada em Sião. Diante do fato impressionante de que o próprio Senhor veio a estar presente na história, toda a carne é chamada a fazer reverência silenciosa.

A importância para o Novo Testamento e fé cristã dos temas que esta passagem proclama deve ser enfatizada. A vinda do Senhor, a sua habitação entre o seu povo e o lugar que os crentes gentios teriam no dia da ação do Senhor estão todos aqui.

4. Joshua on Trial (3: 1-10)

[1] Então ele me mostrou Josué, o sumo sacerdote, diante do anjo do SENHOR , e Satanás a sua mão direita para acusá-lo. [2] E o SENHOR disse a Satanás: "O SENHOR te repreenda, ó Satanás! O SENHOR que escolheu Jerusalém te repreende! Não é uma marca arrancada do fogo? " [3] Agora, Josué estava diante do anjo, vestido com roupas sujas. [4] E o anjo disse aos que estavam diante dele: "Retire as suas roupas imundas dele". E ele disse: "Eis que eu te levei a sua iniqüidade, e eu vestirei roupas ricas". [5]E eu disse: "Deixe-os colocar um turbante limpo em sua cabeça." Então eles colocaram um turbante limpo na cabeça e o vestiram de roupas, e o anjo do SENHOR estava de pé.

A pessoa que introduz esta visão não é identificada. Ele poderia ser o anjo que conversou com o profeta ou com o próprio Senhor. A cena mostra o mensageiro do Senhor com Josué, o sumo sacerdote, e seu acusador de pé ao lado dele.

A cena recorda o modo de resolver uma disputa ao ter a acusação feita "perante o Senhor". Na prática, isso significava entrar no Templo com o acusador e o acusado. Eles ficaram diante do padre. A acusação foi declarada diretamente na presença do Senhor. O acusado fez sua declaração, incluindo uma oração ao Senhor. Vários salmos parecem ser as orações dos acusados. Então, de alguma forma, o julgamento de culpado ou não culpado pelo Senhor foi indicado. Se o acusado fosse indicado pela palavra do Senhor, ele geralmente teve que cumprir um voto ao declarar à congregação a justiça do Senhor. Há uma série de salmos que também se encaixam nesta classificação.

Na visão, o mensageiro do Senhor preenche o papel que normalmente pertence ao sacerdote. Obviamente, se o sumo sacerdote está em julgamento, não há mais ninguém para fazer isso. Pode ser que ele não seja simplesmente julgado por seus próprios pecados, mas que ele serve vicariamente para responder pelos pecados das pessoas como um todo. Isto era verdade para o trabalho do sumo sacerdote no Dia da Expiação, e também possível das ações dos reis davídicos em Jerusalém durante a monarquia. É de acordo com este padrão que o Servo do Senhor em Isaías 53 é acusado e sofre de forma indireta.

Satan translitera a palavra hebraica usada para o acusador, exceto que no hebraico há um artigo. Isso deve ser lido: o satanás, o prosecuter ou o acusador. Não há motivo para identificar essa figura com o diabo, que se torna uma parte importante da fé israelita e cristã em um período posterior. Ele pode ter sido um homem como o sumo sacerdote ou um anjo.

O grande sacerdote é um termo que exige comentários. Toda a história do sacerdócio em Israel é difícil de descrever. A do sumo sacerdote é muito mais difícil do que o sacerdócio em geral. Este escritório sacerdotal está claramente definido nas seções sacerdotais do Pentateuco, mas raramente é referido na história a seguir. O título é usado mais frequentemente em referência a este Joshua do que a qualquer outra figura no Antigo Testamento. No período postexilico em que vivia Josué, aparentemente o sumo sacerdote já havia começado a assumir muitas das funções que formalmente pertenciam ao rei. Pouco depois, o sumo sacerdote veio a ser o líder religioso reconhecido em Israel. Isso continuou sendo o caso nos tempos do Novo

Testamento. Um período naquela história registra o reinado dos Hasmonianos, que combinou sacerdotes e reis em suas próprias pessoas. A acusação contra Joshua não está registrada. Seu crime pode ter sido uma recusa em aceitar Zorobabel como o verdadeiro governante messiânico ou o de participar de uma festa com roupas de jejum. Isso teria sido um ato de incredulidade no anúncio profético de que o período messiânico da redenção já era um fato. Alegre festa foi a ordem do dia. Ou ele pode ter sido acusado de não empurrar a construção do Templo tão rapidamente quanto ele deveria ter. Seja qual for a acusação, o Senhor, como é costume em tal julgamento, traz o veredicto. Joshua não é culpado, e o acusador é repreendido. Seu crime pode ter sido uma recusa em aceitar Zorobabel como o verdadeiro governante messiânico ou o de participar de uma festa com roupas de jejum. Isso teria sido um ato de incredulidade no anúncio profético de que o período messiânico da redenção já era um fato. Alegre festa foi a ordem do dia. Ou ele pode ter sido acusado de não empurrar a construção do Templo tão rapidamente quanto ele deveria ter. Seja qual for a acusação, o Senhor, como é costume em tal julgamento, traz o veredicto. Joshua não é culpado, e o acusador é repreendido. Seu crime pode ter sido uma recusa em aceitar Zorobabel como o verdadeiro governante messiânico ou o de participar de uma festa com roupas de jejum. Isso teria sido um ato de incredulidade no anúncio profético de que o período messiânico da redenção já era um fato. Alegre festa foi a ordem do dia. Ou ele pode ter sido acusado de não empurrar a construção do Templo tão rapidamente quanto ele deveria ter. Seja qual for a acusação, o Senhor, como é costume em tal julgamento, traz o veredicto. Joshua não é culpado, e o acusador é repreendido. Ou ele pode ter sido acusado de não empurrar a construção do Templo tão rapidamente quanto ele deveria ter. Seja qual for a acusação, o Senhor, como é costume em tal julgamento, traz o veredicto. Joshua não é culpado, e o acusador é repreendido. Ou ele pode ter sido acusado de não empurrar a construção do Templo tão rapidamente quanto ele deveria ter. Seja qual for a acusação, o Senhor, como é costume em tal julgamento, traz o veredicto. Joshua não é culpado, e o acusador é repreendido.

O Senhor que escolheu Jerusalém, implica que esta acusação está fora de lugar neste momento. Poderia ter sido apropriado durante o tempo que o julgamento do Senhor se deitou na cidade. Mas agora que o Senhor se voltou para eles com piedade e conforto, a carga estava fora de lugar.

Isto é confirmado pela segunda declaração que se refere a Joshua como uma marca arrancada do fogo. A implicação é que ele já sofreu o fogo do julgamento. A misericórdia do Senhor e sua decisão de redimir seu povo o resgataram da destruição total. Portanto, ele não deve ser julgado. O mesmo raciocínio poderia ser aplicado a todos os repatriados em Jerusalém.

Josué estava de pé diante do anjo do Senhor com roupas sujas. Esses símbolos de contrição e jejum não são mais apropriados após a reivindicação do acusado. O anjo ordena que os que estão ao seu redor no tribunal para remover as roupas sujas. Com a cerimônia apropriada, ele anuncia que a iniqüidade de Joshua foi removida pela declaração do Senhor e que ele será vestido de acordo. O rico vestuário refere-se a capas inferiores e externas, tais como normalmente usadas por reis e nobres. Neste ponto, o profeta invoca um apelo para que eles colocem um turbante limpo na cabeça dele. Obviamente, considerou isso uma parte importante dos procedimentos.

Êxodo 39:28 , 31 descrevem uma peça de cabeça para o sumo sacerdote feito de linho fino com uma placa dourada gravada. O historiador judeu Josephus relata um elaborado turbante usado pelos sacerdotes e o sumo sacerdote. Os sumos sacerdotes se distinguiram dos sacerdotes comuns por uma segunda ligação de tecido com uma placa dourada sobre a testa.

Êxodo 28:36 diz que este prato deve ter gravado sobre ele "Santo para o Senhor". Na explicação que se segue, este prato está relacionado com a tomada de Aarão sobre qualquer culpa que o povo envolve ao trazer seus presentes para o Senhor. Esta placa em sua testa é uma garantia que encoraja as pessoas a trazer seus sacrifícios sem medo. Zacarias está preocupada com o fato de que não só a iniqüidade do homem seja removida, mas também que a culpa do povo seja removida, para que a presença plena do Senhor seja conhecida no novo Templo.

6 E o anjo do SENHOR ordenou a Josué: 7 "Assim diz o SENHOR dos exércitos: Se andares nos meus caminhos e guardares a minha carga, então governarás a minha casa e te acusarão das minhas cortes, e eu te darei o direito de acesso entre os que estão aqui. 8 Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, você e seus amigos que se sentam diante de ti, porque são homens de bom presságio. eis que trarei o meu servo, o Renovo 9 para Eis que, sobre a pedra que eu coloquei diante de Josué, numa pedra única com sete facetas, gravo a sua inscrição, diz o SENHOR dos exércitos, e retirarei a culpa desta terra num só dia. 10 Naquele dia , diz oSENHOR dos exércitos, cada um de vocês convidará seu vizinho sob sua videira e sob sua figueira ".

No anjo da carga do Senhor a Josué, duas condições prepatam a promessa. Os meus caminhos não apontam para um modo de vida moralmente impecável, mas para uma verdadeira dedicação ao Senhor em contraste com a adoração dos ídolos (ver 1 Reis 3:14 , 11 , 33, 38; Salmos 81:14 ; também Ezequiel 5:11 ; cap. 8)

Para manter a minha carga cumpre instruções para adoração (cf. Lv 8:35 ; Números 1:53 ; 3:38 ; 18: 4). Você deve interpretar significa literalmente exercer o juízo sobre a casa do Senhor e especialmente sobre o próprio sacrifício para ele e para ele sozinho. Isso não se refere tanto ao Templo quanto à congregação. Ele supervisionou todos os arranjos para adoração no Templo. A última promessa garante a Joshua sua posição em Jerusalém entre seus pares.

O significado da visão é claro. As acusações contra Josué são desviadas, e ele é confirmado como o sumo sacerdote de Deus em Jerusalém.

O versículo 8 , que marca o início de um oráculo profético, começa com um forte apelo à atenção de Josué e de seus companheiros sacerdotes. Eles são, obviamente, o mesmo grupo que esteve presente durante a cena retratada na visão.

A profecia está agora contida no resto da vv. 8, 9 . Pois é uma partícula que também pode significar se ou quando. Desta forma, pode introduzir cláusulas condicionais ou cláusulas de tempo. Há três cláusulas introduzidas dessa maneira. Outra partícula hebraica é traduzida aqui. Aparece três vezes nesta passagem (Não é traduzido em RSV

antes de "Grabar") com duas das três vezes seguidas pelo pronome de primeira pessoa "eu" indicando ações que o próprio Senhor está fazendo.

As três primeiras cláusulas são subordinadas aos dois últimos. A primeira cláusula subordinada estabelece o fato de que Joshua e seus amigos com ele são homens de uma "maravilha" (RSV "bom presságio"). A tradução dada no RSV é totalmente enganosa. O hebraico é a palavra traduzida "maravilha" em conexão com o Êxodo "sinais e maravilhas". Em Isaías 8:18, Isaías se refere aos seus filhos que apresentaram nomes simbólicos como "sinais e maravilhas em Israel". Isaías 20: 3 fala de si mesmo e sua profecia visual como "um sinal e uma maravilha". Ezequiel 12: 6 fala de ser "um sinal" e usa a mesma palavra hebraica. Todos estes se referem a sinais que testemunham o trabalho de Deus. Este é claramente o significado aqui. Esses homens são testemunhas da obra salvadora de Deus. Esta frase dá direção a toda a profecia. Refere-se ao ato decisivo de Deus naquele momento.

A segunda cláusula condicional lembra-lhes que eles devem ver esta ação no contexto do trabalho de Deus em trazer seu servo chamado Ramo, sem dúvida um nome messiânico. Jeremias 23: 5 e 33:15 usaram a palavra para descrever o filho de Davi que governaria com justiça e justiça para trazer a paz para a terra. Uma imagem semelhante do rei que trará prosperidade e paz é encontrada em Isaías 11: 1-2 , embora os sinônimos sejam usados em vez dessa palavra exata. As testemunhas são lembradas de que Deus está no processo de cumprir a profecia messiânica e que o que está a ponto de ser dito deve ser entendido nesse contexto.

A terceira cláusula chama a atenção para a pedra que o Senhor estabeleceu diante de Josué, sobre a qual a pedra tem sete facetas. O oráculo a vir tem a ver com esta pedra, a pedra de Joshua. A pedra foi interpretada de várias maneiras diferentes. Porque é para ser gravado, como o final do verso mostra, é melhor entendido como o emblema que será colocado no turbante do sumo sacerdote. Em Êxodo 28:36 , um emblema tão gravado é feito de ouro. Apesar dessa discrepância, essa interpretação tem mais sentido do que qualquer outra.

A palavra para facetas é masculina em vez da forma feminina usual. Talvez isso indique que estes não são olhos comuns ("facetas" traduzidas em RSV). Podem marcar indentações na pedra ao redor da sua borda. O número sete é um número sagrado. É característico da apresentação da criação (ver Gén. 1) e é identificado com expiação (cf. Lv 4: 6 , 17 ; 16: 14) . Os olhos do Senhor expressam a onisciência de Deus e seu cuidado providencial .

Tendo estabelecido a configuração pela nomeação das testemunhas do ato divino (v. 8b), as referências à era messiânica que está sendo trazida à existência (v. 8c) e à pedra maravilhosamente simbólica que simboliza o alto sacerdotal escritório de Joshua (v. 9a), a palavra profética é introduzida com uma aparência de partículas simples (RSV "vou gravar"). Deus está gravando algo na pedra. O que está gravado não é mencionado aqui. O paralelo em Êxodo 28:36 com o turbante do sumo sacerdote indicaria que as palavras gravadas são "Santo para o Senhor". Filo e Josefo dizem que o diadema do sumo sacerdote foi marcado apenas com o nome de "Javé".

As palavras, diz o Senhor dos anfitriões, indicam isso como a proclamação profética real. O Senhor estabeleceu Josué como sumo sacerdote na terra com todos os direitos e

privilégios desse escritório. A terra pode mais uma vez ser entendida como santa: o mais profanado por ter sido julgado.

A segunda parte do oráculo deixa isso claro. Por esse único ato, o Senhor removeu o estigma da culpa da terra profanada. A ordenação do sumo sacerdote era um sinal da presença irrestrita de Deus entre seu povo e sua terra.

Prosperidade e paz existirão nesse dia. No reino messiânico, Deus habitará entre o seu povo. O sacerdócio recém-ordenado verificará que a terra e as pessoas são verdadeiramente sagradas para o Ramo apareceu ao comando do Senhor. As referências à videira e à figueira provavelmente refletem pequenos pomares de jardim onde as pessoas estavam acostumadas a se reclinar com a sombra legal. Eles eram usados regularmente como símbolos de paz e prosperidade. Perto do tempo da colheita, era costume que o fazendeiro movesse toda a família para fora em cabines que haviam sido instaladas nas vinhas que, ao mesmo tempo, faziam híbridos. Havia muito trabalho a fazer na colheita, mas também era necessário proteger a fruta madura pela presença deles. Foi um tempo de comunhão de vizinhança e alegria.

5. O candelabro dourado (4: 1-5 , 10b-14)

1 E o anjo que falou comigo veio novamente, e me despertou, como um homem que é despertado de seu sono. 2 E ele me disse: "O que você vê?" Eu disse: "Eu vejo, e vejo, um candelabro de ouro, com uma tigela no topo dela, e sete lâmpadas sobre ela, com sete lábios" Cada uma das lâmpadas que estão no topo dela. 3 E há duas oliveiras, uma à direita da tigela e outra à sua esquerda. " 4 E falei ao anjo que falou comigo:" O que são estes, meu senhor? " 5 Então o anjo Quem falou comigo me respondeu: "Você não sabe o que é isso?" Eu disse: "Não, meu senhor".

"Estes sete são os olhos do SENHOR , que atravessam toda a terra". 11 Então eu disse a ele: "Quais são essas duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro?" 12 E, pela segunda vez, eu disse para ele: "Quais são esses dois ramos das oliveiras, que estão ao lado dos dois tubos de ouro a partir dos quais o óleo é derramado?" 13 Ele me disse: "Você não sabe o que é isso?" Eu disse: " Não, meu senhor. " 14 Então ele disse:" Estes são os dois ungidos que estão ao lado do Senhor de toda a terra ".

O reaparecimento do intérprete dos anjos abre a cena. Ele desperta Zacarias para a realidade da visão. Sua ação alerta o profeta para a cena. As perguntas e respostas ao longo da visão são semelhantes às da forma tradicional de visões proféticas (cf. Amós 7: 8 ; 8: 2 ; Jer. 1:11 , 13).

O que Zacarias vê é um assunto muito complicado descrito em detalhes em vv. 2-3 , 10 b-14. A conta é interrompida em vv. 6-10a por uma palavra profética não diretamente relacionada à visão. Será tratada após a interpretação completa da visão. A conta inclui uma série de palavras raras que são parcialmente compreendidas.

O que Zecharia vê é um candelabro dourado com uma espécie de vaso ou tigela no topo. Este topo de arco possui sete lâmpadas, cada uma com sete lábios ou tubos. O que este suporte de candelabro representa não é exatamente interpretado exatamente. O

tabernáculo tinha um candelabro de sete ramificações (Ex. 25: 31-37). O Templo de Salomão também teve um candelabro (1 Reis 7:49). De acordo com a descrição de Josefo, o antigo historiador judeu e a imagem no arco de Tito em Roma, o Templo de Herodes tinha um candelabro com sete braços. Zacarias tem muito em comum com essas fotos, mas não é idêntico a elas. O significado de seu candelabro pode ser muito semelhante, no entanto. Representa a presença e a bênção do Senhor nos escritórios sagrados do Templo.

Oliveiras e azeite aparecem frequentemente no Antigo Testamento. As lâmpadas no tabernáculo foram fornecidas com óleo (Ex. 27:20 , Levítico 24: 2). O óleo de oliva foi usado na unção de reis e sacerdotes (Ex 30: 23 f.) Na festa dos Tabernáculos, os ramos de oliveiras foram acenados (Ne. 8:15). É altamente provável que as oliveiras crescessem nos tribunais do Templo naquele momento, como hoje.

As duas oliveiras na visão (v. 3) estão relacionadas à tigela do candelabro. A segunda vez que o profeta perguntou o significado das árvores (v. 12), ele usou uma palavra muito incomum (RSV "tubos dourados"). Ele vem de uma raiz que significa "pendurar para baixo" e pode ser usado de uma orelha de grão, pois é pesado para a colheita, ou do final dos ramos de oliveira pesados pelas azeitonas maduras. Mas também pode ser usado de um fluxo ou saias, além de um caminho ou caminho. Como tal, poderia se referir aos ramos de oliveira pesadamente carregados que pendiam sobre a tigela, representando simbolicamente o fluxo de azeite na lâmpada. Ou ainda pode se referir mais adequadamente a um canal ou tubo através do qual o óleo caiu na lâmpada.

O resto do verso retoma esse significado, referindo-se a dois tubos dos quais o óleo é derramado (v. 12). A palavra traduzida dourada ocorre duas vezes no texto hebraico, mas provavelmente não tem nada a ver com o ouro. Em vez disso, é uma formação incomum da palavra que significa "pingos". Provavelmente, a questão poderia ser traduzida: "Quais são essas duas condutas de azeite, que estão conectadas aos dois bicos para os pingos que estão derramando, os pingos de acima."

Embora seja difícil desenhar a imagem exatamente, a concentração de interesse é obviamente sobre algum dispositivo destinado a fornecer as lâmpadas com óleo. A atenção do profeta é fixada nestes. A resposta a sua pergunta fornece a chave para o pleno significado da visão.

Na v. 14, o anjo responde a pergunta. Estes, ele diz, são os dois filhos de óleo fresco, que permanecem permanentemente pelo Senhor de toda a terra. A tradução do RSV diz mais do que o texto hebraico permite. A palavra "óleo" não é a normal usada para unir óleo e não pode significar isso neste contexto. Em qualquer caso, a idéia de unção não se encaixa na visão.

A palavra Senhor é literalmente traduzida do hebraico e não substitui o nome pessoal de Deus.

Os "filhos do petróleo" (ungidos), à luz do quadro dado às suas funções, são aqueles que servem a causa da presença do Senhor entre o seu povo. São eles que construíram a casa, que trazem as ofertas e que são servos da santidade que deve cercar o lugar onde o Senhor habita.

Mas este serviço não é simplesmente uma das circunstâncias e ofertas externas. Os verdadeiros servos ficam à direita e à esquerda de Deus, que governa toda a terra, e não simplesmente a área do Templo em Jerusalém. A visão deve ser vista no quadro messiânico geral da profecia de Zacarias. O Senhor está retornando a Sião e estabelecerá seu reino lá. Ao fazê-lo, cumpre todas as promessas feitas a Israel e a David. Este ato não é apenas um conforto para Israel, mas um fator chave na consumação de seu reinado para a Terra inteira.

É apropriado identificar esses dois servos com Zorobabel, o líder do poder civil em Jerusalém, e Josué, o líder em assuntos religiosos. Ambos estão diretamente envolvidos em servir o reino do Senhor. Estes dois são os representantes atuais de uma longa fila de promessas que atinge de Arão por meio dos sacerdotes de Silo e Jerusalém a Josué, e de Moisés por meio de Samuel e Davi a Zorobabel. O contexto para isso começa com a promessa de David em 2 Samuel 7 . As promessas para a casa davídica e sobre o Templo estão intimamente juntas lá. Uma conexão semelhante pode ser vista em muitas Escrituras (Salmo 132 : Jeremias 33: 14-18).

6. A Palavra a Zorobabel (4: 6-10a)

6 Então ele me disse: "Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel: não por força, nem pelo poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos exércitos. 7 O que você é, ó grande montanha? Antes de Zorobabel você deve torne-se uma planície, e ele apresentará a pedra superior entre gritos de "Graça, graça para ela". " 8 E veio a mim a palavra do SENHOR , dizendo: 9 " As mãos de Zorobabel estabeleceram os alicerces desta casa; Suas mãos também devem completá-lo. Então você saberá que o SENHOR dos Exércitos enviou-me para você. 10Pois quem desprezou o dia das pequenas coisas se alegrará, e verá o despencar na mão de Zorobabel.

A profecia sobre Zorobabel no vv. 6-10a corre paralelo ao dado no capítulo 3: 8 e fornece a chave para a aplicação da visão do candelabro dourado e dos ramos de oliveira.

Estes são dois oráculos seguidos de duas exortações. O primeiro oráculo (v. 6) é especificamente dirigido a Zorobabel. É um dos textos mais citados do Antigo Testamento. Consiste no hebraico de três pares de palavras. Pode referir-se ao poder militar ou governamental. O poder é um sinônimo que fortalece o primeiro significado. Eles aparecem juntos (2 Crônicas 26:13) para significar poder de guerra, e em sentido negativo no Salmo 33:16 .

O Espírito de Deus está relacionado no Antigo Testamento de maneira especial ao período Mosaico e à repetição dos atos dessa época na era messiânica (ver Isa. 11: 2 ; 63:11 ; Salmo 106: 32 ; Neh. 9:20). Ageu 2: 4-5 prometeu que o Senhor estará com Zorobabel e Josué do mesmo modo que o seu Espírito foi com Israel durante o êxodo do Egito.

Alguns comentaristas entenderam este versículo como uma repreensão a Zorobabel, que se tornara entusiasmado na construção do Templo e estava tentando forçar as pessoas a apressar o trabalho. Outros comentaristas entenderam isso como uma repreensão para

usar a situação para consolidar sua posição. Não há nada neste texto para suportar esses pontos de vista.

A palavra de Deus para Zorobabel foi um lembrete de que a nova época havia chegado. Era particularmente uma era do Espírito. Zorobabel era "o rei" daquela época. Ao mesmo tempo, o Senhor diz Não! Aos poderes do mundo. Ele não está contando com eles. O oráculo encoraja Zorobabel e as pessoas a respeito de sua missão.

O versículo 7 aborda uma questão sarcástica para uma montanha que se considera grande. Zacarias anuncia que antes de Zorobabel deve ser nivelado para uma planície. A montanha representa um problema ou um obstáculo. Pode ser a tremenda pilha de escombros que era tudo o que restava do antigo Templo. Nesse caso, o nivelamento dele apontará para a conclusão do novo Templo e seus tribunais. Ou poderia ser uma referência às grandes potências e a possíveis desvantagens políticas para Zorobabel. As montanhas aparecem com bastante freqüência nas profecias desse período (ver Jeremias 51: 24 e Isaías 40: 4 ; 41:15).

Então é anunciada uma pedra que Zorobabel irá apresentar ao acompanhamento de gritos de alegria. É literalmente uma "lápide". Isso pode significar a primeira pedra, implicando a base, ou pode designar o topo ou a pedra angular no arco.

Isso não tem nada a ver com a pedra do turbante de Joshua no capítulo 3 . Está relacionado ao Templo. Rignell pensa que esta é uma citação de uma profecia falada anteriormente quando o prédio foi iniciado. Ele entende, portanto, como uma pedra fundamental. Ele cita Ezra 3: 10ff. , onde é relatada a resposta alegre das pessoas ao lançamento do fundamento, e paralelos em Isaías 28:16 e Jeremias 51:26, que indicam a importância de colocar a pedra fundamental.

Le Bas identifica a pedra como a chave de um arco ou cúpula (cf. Atos 4:11 ; Salmo 118: 22 ; Isaías 28:16 - todos os quais mostram o significado messiânico de uma pedra angular). Ele cita uma prática de construção na Inglaterra, na qual o construtor fabrica a pedra angular antes do início do prédio. Então ele dá instruções a seus trabalhadores para construir o arco de tal maneira que essa pedra de chave corresponda exatamente. Quando é colocado no arco, ele prova e confirma todo o trabalho até esse ponto. A imagem aqui implica que a pedra angular anterior é encontrada nos escombros e trazida para ser colocada no arco. Sua colocação confirma o trabalho nesse momento.

Hans Schmidt considera a montanha ser a pilha de escombros no monte Sião e a pedra para ser a rocha sagrada que marcou o centro dos santos santos e que ainda marca o centro da Mesquita de Omar na área do Templo. O sucesso prometido para Zorobabel seria que sua remoção dos escombros da área do Templo levaria esse símbolo antigo e reverenciado à luz. A descoberta desta pedra seria então recebida com júbilo.

Estes não esgotam os significados encontrados para a pedra. A explicação final ainda escapa ao intérprete, mas a linha geral é clara. Terá que ver com a conclusão do Templo e isso, por si só, será um sinal da era messiânica. Zorobabel é o instrumento escolhido por Deus para realizar isso.

O verso 9 transmite esta idéia com clareza. O oráculo profético reconhece o trabalho de Zorobabel no início da casa e promete que suas mãos o completarão. O profeta

acrescenta seu reconhecimento de que o cumprimento confirmará sua palavra profética e seu ministério.

Isso transforma uma palavra relacionada contra os duvidosos. A partícula no início é em hebraico um pronome interrogativo e deve ser traduzida como tal, embora provavelmente deveria ser entendido com sarcasmo: "Quem desprezou um dia de pequenas coisas?" O dia referido é provavelmente o começo do Templo. A referência é para o tipo de pessoas que se queixaram em Ageu 2: 3 que isso não era nada em comparação com a glória do Templo de Salomão.

As duas palavras seguintes continuam sintaticamente a questão e provavelmente são melhor compreendidas com uma repetição do interrogativo: e quem se regozijará quando verem a queda na mão de Zorobabel? Uma parte da resposta a esta segunda pergunta é fornecida através da justaposição direta da questão com os sete olhos em cima do candelabro (v. 10b). A resposta implícita é que certamente estes se regozijam e com eles o Senhor deles.

Plummet in Hebrew é duas palavras. O primeiro é pedra e o segundo é liderado. Os intérpretes foram enganados ao tentar fazer essa pedra e os v. 7 e 3: 9 têm um significado comum. Neste verso simplesmente significa um peso. Está devidamente relacionado com a seguinte palavra para significar um peso de chumbo usado por um pedreiro para determinar se uma parede é verdadeiramente perpendicular.

Conforme mencionado acima, é claro que vv. 6-10 foram inseridos na conta da visão. Provavelmente é uma profecia falada pelo profeta muito mais cedo, quando o Templo foi iniciado. Foi inserido aqui, provavelmente pelo próprio profeta, para acentuar o significado da visão. Foi feito com muito cuidado de uma maneira que faz a última parte do v. 10 fazer duplo dever em responder a questão da profecia e na interpretação de uma característica da visão.

7. O rolão voador (5: 1-4)

1 Mais uma vez eu levantei meus olhos e vi, e segure, um pergaminho voador! 2 E ele me disse: "O que você vê?" Eu respondi: "Eu vejo um pergaminho voador; o comprimento é de vinte côvados e sua largura de dez côvados. " 3Então ele me disse:" Esta é a maldição que se passa sobre a face de toda a terra; porque todo aquele que roubará será cortado, de acordo com ele, e todo aquele que jura falsamente será cortado, de acordo com ele. 4 Eu o enviarei, diz o Senhor dos exércitos, e entrará na casa do ladrão, e a casa daquele que jura falsamente pelo meu nome; e permanecerá em sua casa e consumirá, tanto madeira quanto pedras ".

Uma fórmula um pouco mais complicada do que antes sugere uma quebra na seqüência. O profeta agora retorna, ergue os olhos e vê um pergaminho voador. Esta é uma palavra comum que pode se aplicar ao livro da Lei ou a um rolo contendo profecias (ver Jer. 36 ; Ezek. 2; 3).

Quando perguntado sobre a visão, ele descreve o pergaminho novamente como pairando no ar sem suporte. É enorme, cerca de 30 pés por 15 pés. A escrita sacerdotal dá as

medidas desta maneira (ver Ex. 26: 2 ; 27:18 ; 36: 9). Caso contrário, apenas as medidas do Templo, seja de Salomão ou de Ezequiel, estão assim listadas. Os números correspondem aos da varanda do Templo de Salomão (1 Reis 6: 3). Provavelmente só pretendem enfatizar o enorme tamanho do pergaminho.

A visão é então interpretada para o profeta. A maldição traduz uma palavra que constantemente descreve o juramento da aliança (ver Deuteronômio 29: 18-20). A cerimônia da aliança incluiu um juramento que reconheceu ambas as bênçãos sobre aqueles que o mantêm e amaldiçoam aqueles que não o fazem (ver Deut. 27; 28). Esta palavra também poderia ser usada para descrever e definir o julgamento que veio sobre Israel no exílio (cf. Dan. 9:11, onde a palavra está relacionada com a lei de Moisés e com a sua realização no julgamento). O pergaminho voador cobrirá toda a terra, ou seja, o Land of Promise.

O resto da visão descreve a função real desse rolo. Os intérpretes não chegaram a um acordo sobre o seu significado. Três palavras são chaves para esta interpretação. A primeira é a maldição já mencionada. Deve ser entendido como o juramento da aliança que carregava obrigações, mas era potencialmente uma maldição ou uma benção. A maldição da tradução comprometeu a passagem para um sentido que o texto original não suporta necessariamente. Poderia ser uma benção.

A segunda é a palavra traduzida no RSV por ser cortada. O significado normal desta palavra é: ser limpo ou purgado; para ser livre de culpa ou para ser inocente de alguma coisa; para ser livre de obrigação ou para ser livre de juramento. Se o sujeito deste verbo fosse toda a terra, o verbo poderia ter o significado dado a ele no RSV. Mas este não é o caso. O assunto é aquele que rouba e alguém que jura.

A terceira palavra é que no v. 4 que é traduzido consumir. O verbo tem o significado simples de "ser completo ou terminado". Daniel 9:24 usa-o com transgressão como objeto na frase significativa "para terminar a transgressão, pôr fim ao pecado e expiar a iniqüidade, trazer justiça eterna, para selar visão e profeta e ungir um lugar muito santo ".

A interpretação errou em pensar no pergaminho em termos da lei que, por sua vez, foi entendida como base para o julgamento.

A parte do Decálogo que proíbe a vaga justiça assegura que o Senhor não "livre de culpa ou seja inocente" (a palavra é exatamente a mesma que é usada aqui em Zacarias) quem toma seu nome em vão. A visão, obviamente, se refere a essa passagem (Ex. 20: 7) e até mesmo cita exatamente essa lei. Isso implica que o Senhor através do rolo voador fará exatamente isso.

A função da lei na era messiânica será diferente daquele no período anterior. Tinha sido um meio de julgamento. Agora, acabaria com o pecado santificando todo o povo e purgando seus pecados da terra. O versículo 3b deve ler: "Todo aquele que roubar será purgado *dele* (de roubar) de acordo com ele (o pergaminho voador)". O mesmo é verdade para todo aquele que jura falsamente.

O versículo 4 apresenta a promessa do Senhor dos exércitos de enviar o pergaminho. Sua função universal é mostrada na sua chegada à casa do ladrão e ao

perjurador. Ele permanecerá em suas casas e "completá-lo" ("consumir", isto é, completar a purga) tanto da madeira quanto das pedras da casa.

Essa visão deve ser comparada à função da lei no Novo Testamento.

A afirmação de Paulo é que já não tem a função anterior na nova era de Jesus Cristo que acaba de começar. Nisto, ele está seguindo exatamente a compreensão da era messiânica que molda essa visão.

8. Uma mulher em uma cesta (5: 5-11)

5 Então o anjo que falou comigo se aproximou e me disse: "Levante os olhos e veja o que é isso que está acontecendo". 6 E eu disse: "O que é?" Ele disse: "Esta é a efa que "E ele disse:" Esta é a sua iniqüidade em toda a terra ". 7E eis que a capa de chumbo foi levantada, e havia uma mulher sentada no efa! 8 E ele disse:" Isto é maldade ". E ele a empurrou de volta para o efa, e empurrou o peso de chumbo sobre a boca. 9 Então levantei os olhos e vi, e eis que duas mulheres se aproximavam! O vento estava em suas asas, tinham asas como as asas de uma cegonha, e levantaram a efa entre a terra e o céu. 10Então eu disse ao anjo que falou comigo: "Onde eles estão tomando o efa?" 11 Ele me disse: "Para a terra de Shinar, para construir uma casa para ele; e quando isso for preparado, eles vão colocar o ephah lá embaixo em sua base ".

O anjo interpretativo aponta para que algo se afaste. O profeta não o reconhece e precisa ser informado sobre o que é.

Um efa é uma medida de grão (ver "Ephah" no BID). Esta é uma cesta desse tamanho. A segunda explicação é a iniqüidade traduzida; Isto é de acordo com a versão grega. Em vez de iniqüidade, o hebraico lê "seus olhos". O hebraico para "iniqüidade" seria semelhante. O tradutor grego traduziu o texto com base na descrição do conteúdo do cesto no v. 8 . Rignell e Bič observaram adequadamente que o texto hebraico pode ser mantido, entendendo a frase como "o que os olhos vêem" e não os próprios olhos. O significado é: "Isto é o que é visto em toda a terra".

O versículo 7 acrescenta duas coisas sobre a cesta. Tem uma capa de chumbo que está sendo levantada. Dentro da cesta está a figura sentada de uma mulher. Uma cesta de ephah seria muito pequena para uma pessoa de tamanho completo. A visão tem uma mulher muito pequena ou uma figura parecida com uma mulher, isto é, um ídolo.

O verso 8 identifica a figura como a perversa ou a perversidade. No Antigo Testamento, isso pode ser entendido de muitas maneiras. Um é o culto dos ídolos. Galling pensa que representa a figura da deusa babilônica Ishtar. Rignell considera a figura de uma deusa que representa a adoração dos ídolos em geral. O anjo empurrou-a bruscamente de volta para a cesta e pressionou a tampa do chumbo no lugar, como se alguém colocasse uma rolha em uma garrafa.

Uma segunda cena tem duas mulheres com asas fortes voando para levantar o ephah e tirá-lo. O destino é a terra de Shinar, aquele antigo lugar onde Nimrod fundou o primeiro império mundial e onde a Torre de Babel foi construída. Assim que um templo for construído e uma plataforma adequada for concluída, o cesto será estabelecido para ficar.

A idolatria não terá lugar para o povo de Deus na nova era. O objeto de tal adoração é removido para uma terra distante, onde estará sob o juízo de Deus, que será para as nações. A visão é paralela à anterior em que o pecado e a rebelião são totalmente superados na nova era.

9. Quatro Chariots (6: 1-8)

1 E, novamente, levantei os olhos e vi, e eis que quatro carruagens saíram de entre dois montes; e as montanhas eram montanhas de bronze. 2 A primeira carruagem tinha cavalos vermelhos, os dois cavalos negros, 3 os três cavalos brancos e a quarta carruagem dappled cavalos cinzentos. 4 Então eu disse ao anjo que falou comigo: "O que são estes, meu senhor?" 5 E o anjo me respondeu: "Estes estão indo para os quatro ventos do céu, depois de se apresentarem diante do SENHOR de toda a terra . 6 A carruagem com os cavalos negros vai para o país do norte, os brancos vão para o país ocidental, e os dappled vão para o país do sul. " 7Quando os corcundos saíram, eles estavam impacientes para sair e patrulhar a Terra. E ele disse: "Vá, patrulha a terra". Então eles patrulharam a terra. 8 Então ele clamou a mim: "Eis que os que se dirigem para o país do norte puseram meu espírito em repouso no país do norte".

O significado da visão faz pouco uso dos detalhes da visão. O poder de Deus é sugerido pelos carros como instrumentos de guerra. Como patrulhas através do mundo inteiro em seu serviço, eles implicam sua omnipresença.

A interpretação desta visão é dada em vv. 5 e 8. Activa o significado das palavras Espírito, repouso e país do norte.

A mesma palavra traduz-se nos ventos v. 5 e espírito na v. 8 . Pode significar adequadamente ambos. Mas uma vez que é uma palavra-chave para a passagem, deve ser o mesmo em ambos os lugares. O KJV provavelmente é melhor. O RSV traduziu erroneamente o v. 5 , que lê literalmente: "Estes são os quatro espíritos (ou ventos) do céu que saem", como o NEB e o KJV leram corretamente.

Os espíritos representam a presença constante de Deus no mundo e seu controle sobre isso. A visão enfatiza a obra soberana de Deus como Senhor de toda a terra. A preocupação de Israel com o Templo em Jerusalém e a vinda do Senhor para habitar em santidade no meio do seu povo não altera o fato de que Deus sempre governa toda a Terra e cumpre sua vontade em todos os lugares.

Defina meu espírito em repouso no v. 8 precisa de um comentário. Definir em repouso adequadamente significa iluminar, descer ou se instalar ou seguir. A mesma palavra ocorre com "espírito" em Isaías 11: 2 - O Espírito de Deus estabeleceu o profeta. Em Zacarias 6: 8, a carruagem fez com que o Espírito do Senhor se instalasse no país do norte. O verso não descreve qual é o resultado. Pode ser dinâmico e tranquilo. Pode implicar julgamento, bem como silêncio e paz. A presença dinâmica do Senhor está no meio do império. O país do Norte apontou para o grande poder mundial, a Babilônia, agora controlada pela autoridade persa. Mas a palavra traz armadilhas que simbolizam os inimigos de Israel de qualquer período, até mesmo sobrenaturais.

Esta última visão aborda os temas da primeira visão (1: 7-11). Cavalos ou carros que patrulham toda a terra são comuns a ambos. Ambos representam a autoridade e a responsabilidade universal de Deus. O relatório da patrulha de que toda a terra está resolvida e silenciosa traz uma pergunta angustiada sobre as promessas do Senhor de "fazer algo" sobre o sofrimento de seu povo. As outras visões mostram passo a passo o que o Senhor está fazendo, mesmo que as nações mantenham ordem e paz.

Esta última visão retorna à cena do primeiro. Isso enfatiza que o Senhor é realmente o Senhor de toda a terra. Ele está em contato com todos os seus eventos e situações. Mas o forte grito do anjo para o profeta enfatiza a aplicação relevante: O Espírito do Senhor estabeleceu-se firmemente no país do norte. Lá, no coração do poder mundial, ele está fazendo o que é necessário para promover e estabelecer a era messiânica que se concentra em Jerusalém.

As pequenas coisas que caracterizam o trabalho do Senhor na tarefa decepcionante e tentadora de reconstruir o Templo das ruínas de Jerusalém são sinais das grandes coisas que o Senhor de toda a Terra está fazendo. Seu reinado universal sobre os grandes impérios é uma verdade tão importante do reino do Senhor como suas ações específicas em favor de seu povo e da sua cidade. Seu Espírito está efetivamente trabalhando em ambos os lugares para cumprir sua vontade.

10. A Coroa: Um Sinal Profético (6: 9-15)

9 E veio a mim a palavra do SENHOR : 10 "Peguei dos exilados Heldai, Tobias e Jedaías, que chegaram de Babilônia; e vá no mesmo dia à casa de Josias, filho de Sofonias. 11 Pegue deles prata e ouro, e faça uma coroa, e coloque-o sobre a cabeça de Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote; 12 e dize-lhe: Assim diz o SENHOR dos exércitos: "Eis que o homem cujo nome é ramo; porque crescerá no seu lugar, e edificará o templo do SENHOR . 13 É ele quem edificará o templo do SENHOR, e dará honra real, e se sentará e governará o seu trono. E haverá um sacerdote pelo seu trono, e haverá um entendimento pacífico entre ambos. " 14 E a coroa estará no templo do SENHOR, como lembrança de Heldai, Tobias, Jedaías e Josias, filho de Sofonias.

15 "E os que estão longe, virão e ajudarão a edificar o templo do SENHOR , e sabereis que o SENHOR dos exércitos me enviou a você. E isso acontecerá, se você obedecer diligentemente a voz de o SENHOR seu Deus ".

Esta passagem profética não está diretamente relacionada à visão anterior. Como 2: 6-13 e 4: 6-10a , é colocado no contexto das visões porque fala sobre o tema básico e se encaixa nesse tempo. O que se aplica a Josué, o sacerdote, e o que Zorobabel, o governador, não está imediatamente claro. A divisão de versos e a tradução do RSV não são tão úteis quanto poderiam ser.

Toda a passagem trata tanto do sacerdote quanto do governador, como o n . ° 13 deixa claro. A sintaxe hebraica sugere que a passagem tem três partes: vv. 9-12 , vv. 13-15a , e v. 15bc.

Os versículos 9-12 são uma unidade literária compacta de uma forma e um estilo que fornece um quadro para o oráculo na v. 12 . O profeta é instruído a receber presentes de ouro e prata de representantes de um grupo na Babilônia. Uma coroa deve ser formada a partir destes e colocada na cabeça de Josué, o sumo sacerdote

O oráculo que interpreta a coroação não aponta para o escritório que Joshua enche. Chama Josué a tomar nota do homem a quem a coroa realmente se encaixa. O ato simboliza algo diferente que, por algum motivo, não pode ser feito. A referência óbvia é a Zorobabel, "o ramo" (ver 3: 8).

A coroa real de Zorobabel não é possível. Judá é uma província dependente do Império Persa. Zorobabel é um oficial nomeado do império. Para proclamá-lo, o rei seria visto como rebelião e traição. Essa suspeição não se aplicaria ao padre. O próprio oráculo tem o cuidado de não mencionar o nome de Zorobabel.

O oráculo (v. 12) é tipicamente breve e críptico: "Eis um homem - o nome dele é Ramo. Do seu lugar ele brotará - e ele edificará o Templo do Senhor ". É uma palavra que se fala *de* Josué, não sobre Josué.

O Ramo (ou o Sprout) é uma referência clara à Zerubbabel. Seu nome na língua akkadiana significa "Sprout da Babilônia". O nome é carregado com significância messiânica. Em Isaías 11: 1, a casa real de Davi foi humilde e não tem prerrogativas reais, mas não está morto. Do tronco aparece um novo broto ou ramo. Jeremias profetizou (Jeremias 23: 5 ; 33:15). Zacarias proclamou (Zacarias 3: 8 ; 6:12).

Ele deve crescer usa a mesma raiz do verbo como Branch, fazendo assim uma palavra-jogo no nome. Seu lugar se refere à sua herança como o herdeiro davídico do trono. Ele profetiza que ele crescerá em sua herança. Como herdeiro de Davi, ele cumprirá uma função importante do ofício: construa o templo do Senhor. Esta foi a promessa feita a Davi (2 Sam. 7:13) e cumprida por Salomão. Agora, este último filho de Davi vai satisfazer esta necessidade novamente - e também será herdeiro das outras promessas para a casa davídica.

Assim, a coroação de Joshua aponta além de seu próprio escritório para o lugar apropriado da coroa sobre o herdeiro do trono de Davi: Zorobabel.

Os versículos 13-15a são muito diferentes em forma e sintaxe. Eles consistem em cinco linhas, em cada cláusula de que o sujeito com a conjunção precede o verbo, uma ordem incomum para o hebraico. A primeira linha tem duas partes apresentadas com pronomes

que devem ser lidos como demonstrativos. Quando repetidos em frases consecutivas, significam "este" e "esse".

A profecia se expande no oráculo anterior: "E este (Zorobabel) construirá o Templo do Senhor. E aquele (Joshua) suportará a sacral glória. E ele (Zorobabel) deve sentar-se e governar o seu trono. E ele (Josué) será sacerdote no seu trono ".

A palavra traduzida pela honra real tem sido geralmente entendida como referente à realeza, contribuindo assim para um mal entendimento desse texto. É raramente usado de reis; muitas vezes, no entanto, é usado de Deus ou de pessoas em geral. O apócrifo Eclesiástico (45: 7) aplica-o diretamente ao sumo sacerdote.

A passagem continua, usando exatamente a mesma forma sintática e estilo rítmico (exceto para a inserção dos nomes das testemunhas, que quebram a forma métrica): "E a compreensão pacífica estará entre os dois e a coroa se tornará uma Lembrete no Templo do Senhor (a Heldai, Tobija, Jedaiah e Josias, filho de Sofonias). E chegarão os que estão longe, e construirão o Templo do Senhor ".

Tendo estabelecido os papéis duplos de Joshua e Zorobabel, a passagem pega temas do cenário para expor sobre eles. Estes dois devem cooperar na causa da preocupação central. A rivalidade está excluída.

A coroa, que as circunstâncias políticas não permitem ser usadas por um rei, deve ser mantida no Templo: um lembrete perpétuo da realidade da realeza de Deus e de sua eleição da casa de Davi e de Sião.

A delegação da Babilônia trazendo presentes aparentemente veio a Jerusalém com uma pergunta sobre o messias, assim como os mensageiros de João Batista vieram a Jesus (Mateus 11: 2-3). A coroa no Templo é a resposta à sua pergunta.

A cláusula final fala daqueles que estão longe (ou seja, os exilados) que vêm ajudar a construir o Templo. Isso também foi dirigido à delegação da Babilônia. A tarefa para o seu tempo é a construção do Templo. A sua visita e interesse no messias são apreciados, mas é necessário mais: sua cooperação ativa na obra de construção (ver Isa. 57:19 ; 60: 4 , 9).

Em v. 15bc, o profeta submete a sua confiabilidade como um profeta à prova de que as previsões de que o Templo será completado (ver 2: 11c , 4: 9 c) serão cumpridas. Apela, ao estilo de Deuteronômio, a participação na ótima obra de Deus. Estas coisas certamente acontecerão se as pessoas apenas ouvirem diligentemente a voz do Senhor seu Deus. Os grandes atos de Deus exigem a cooperação ativa de seu povo da mesma maneira que o dom da terra de Canaã exigiu a conquista ativa por Israel.

III. Profecias Sobre Jejum (7: 1-8: 23)

Uma terceira seção principal das profecias de Zacarias é datada de 518 AC , quase dois anos após a primeira data (1: 1) e 21 meses após a segunda (1: 7). Nada enche a lacuna dos eventos. Um interesse no Templo e uma compreensão comum dos tempos no propósito de Deus unem as partes. Esta seção não faz referência às visões anteriores.

Uma série de oráculos são coletados como um tipo de sermão para responder a pergunta trazida pelos mensageiros de Betel. O que o tempo original ou configuração para o oracle foi desconhecido. Nem é importante. A resposta direta à questão aparece em 8: 18-19 . Também não se sabe se a coleção foi feita pelo próprio profeta para ser falada nessa ocasião ou se o editor, cujo trabalho é evidente em 7: 1-3 e 7: 8 , expandiu a resposta de Zacarias em 8: 18-19 organizando este grupo de seus oráculos.

As mensagens foram habilmente organizadas para apresentar um todo unificado e significativo. Eles estabeleceram a resposta à questão dos mensageiros no contexto de profecias anteriores questionando a integridade do culto de Israel (7: 1-7) e descrevendo o julgamento de Deus sobre aqueles que se recusaram a ouvir (7: 8-14). Então, dez mensagens (capítulo 8) explicam as aplicações e os significados contemporâneos.

1. Introdução: A Delegação de Betel (7: 1-3)

1 No quarto ano do rei Dario, a palavra do SENHOR veio a Zacarias no quarto dia do nono mês, que é Chislev. 2 Ora, o povo de Betel enviou a Compensador e Regeméleque e seus homens, para pedir o favor do SENHOR , 3 e pedir aos sacerdotes da casa do SENHOR dos exércitos e dos profetas: "Devo lutar e jejuar no quinto mês, como fiz por tantos anos? "

A data indicada indicaria que o trabalho no Templo tinha feito progressos observáveis. Com este sinal de sucesso, a autoridade de Jerusalém em assuntos religiosos cresceu.

Quem é essa delegação? O texto é difícil, conforme mostram as variadas traduções. Bethel fica sozinho no hebraico, sem indicação clara de sua relação com o resto da frase. Ou a gente de Bethel ou "um de Bethel" é uma tradução satisfatória. Outra sugestão coloca Bethel com o que se segue como um nome pessoal. Neste caso, a delegação seria da Babilônia. Mas isso parece estar muito longe para dar relevância à história.

Os dois nomes ou títulos, Shareger e Regem-melech, poderiam estar em aposição do assunto (e entre eles) ou poderiam indicar as pessoas enviadas. Eles soam como títulos honoríficos muito ótimos para a pequena aldeia insignificante de Bethel: "Chefe do Tesouro" e "O Amigo do Rei". O verso então enfatiza os homens que vieram com eles.

Esta delegação de pequena cidade com tão magníficos títulos descreve sua missão: implorar o favor do Senhor. Literalmente, significa "acalmar ou pacificar" ou "adoçar o rosto" do Senhor. Isso pode ser um esforço sério para buscar uma mudança no julgamento ou raiva do Senhor. Mas também soa como lisonjas, "relações públicas" baratas, quer para o próprio Senhor (apenas no caso) ou para as autoridades religiosas em Jerusalém.

Bethel era um foco central de julgamento profético na época de Amós. Aparentemente, sobreviveu à destruição e continuou como um lugar de culto (ver "Bethel" no BID). Isso fornece o ponto de partida para a revisão de Zacarias de profecias anteriores e seus resultados.

A questão é trazida aos sacerdotes da casa do Senhor e aos profetas. O Templo já havia dado aos sacerdotes levíticos retornando em Jerusalém status e autoridade. Era costume que profetas e sacerdotes servissem em santuários israelitas, e ambos estavam integrados no culto e no trabalho do todo.

A questão diz respeito à forma adequada de adoração. Mas vai muito mais profundo. A forma de adoração é determinada pela atitude e ação de Deus. O negócio do profeta é proclamar e interpretar isso.

A questão lê literalmente: "Vou continuar a chorar no quinto mês, consagrando-me como fiz por tantos anos?" Antes do exílio, as ocasiões religiosas anuais eram celebrações de alegria. Mais partes solenes se aproximaram do início de cada um, mas a conclusão e o tom geral foram de alegria.

O exílio mudou isso, colocando um véu de tristeza e chorando em toda a vida religiosa. Lamentações (ver o livro das Lamentações) substituíram hinos e ações de graças. A prática sobreviveu neste século no chamado "Muro das Lamentações" em Jerusalém.

Os profetas do retorno chamam de fim de lamentar porque o Senhor "consolou o povo" (Zacarias 1:16 , Isaías 40: 1 , etc.). Pessoas vindas das aldeias vêm pedindo instruções claras.

Antes de responder diretamente à pergunta, o profeta lembra o significado da adoração verdadeira que os profetas preexilicos ensinaram. Ele lembra os julgamentos que caíram sobre essas gerações. Ele não responde a uma pergunta litúrgica técnica, como um sacerdote poderia ter feito, mas faz com que eles enfrentem o desafio central do culto.

2. Preocupações proféticas na adoração (7: 4-14)

(1) Quando você é rápido, para o quê? (7: 4-7)

4 Então veio a mim a palavra do SENHOR dos exércitos; 5 "Dize a todo o povo da terra e aos sacerdotes, Quando você jejuou e lamentou no quinto mês e no sétimo, por estes setenta anos, foi para mim que você jejuou? 6 E, quando você come e quando você bebe, não coma por si mesmo e beba por si mesmo? 7 Quando Jerusalém foi habitada e em prosperidade, com suas cidades ao redor dela, e o Sul e a planície estavam habitados, não eram essas as palavras que o SENHOR proclamou pelos ex-profetas?

A gramática enfatiza a relação da palavra com a situação descrita: então veio a mim a palavra do Senhor dos Exércitos. A mensagem é dirigida a um público mais amplo do que apenas a delegação. Eles levantaram uma questão de aplicação mais ampla. O Senhor usa a ocasião para uma palavra para todos.

O povo da terra tinha vários significados em diferentes períodos da história de Israel. Foram aqueles que apoiaram as reformas de Josias (2 Reis 21:24). Eles representavam pessoas fora de Jerusalém que eram patriotas e fieles adoradores do

Senhor. Após o exílio, eles eram aqueles que preferiam permanecer em Israel em vez de irem para a Babilônia (Ezra 4: 4ss). Geralmente pobres, eles eram suspeitos de serem menos do que totalmente comprometidos com o Senhor. Alguns dos conhecimentos dos primeiros usos da frase para descrever os cananeus pré-conquista foram retirados novamente.

Aqui, o termo provavelmente se refere a judeus espalhados por Judá, que foram representados pela delegação de Betel. Os sacerdotes também são abordados porque são responsáveis por ensinar o significado do ritual, além de realizá-lo.

O profeta contesta a questão com outro sobre a natureza de sua adoração e seus jejuns durante esses setenta anos. O Templo foi destruído em 586 AC. Os jejuns foram ordenados a chorar sua destruição. A data desse encontro é de 518 AC , quase exatamente 70 anos depois. A referência a setenta anos dá a questão e também responde outra dimensão. Ele pega a promessa de que o julgamento duraria tanto (Jeremias 29:10). É um símbolo de completude. A promessa do fim do julgamento e do início da misericórdia está na frase.

O jejum no quinto mês recordou a destruição de Jerusalém e do Templo. A tradição ensinou que os babilônios invadiram o Templo no sétimo do mês, profanaram-no até o nono e permitiram que ele abalou até o décimo (2 Reis 25: 8-9 , Jeremias 52: 12 p.).

O sétimo mês marcou o assassinato de Gedaliah no primeiro dia. Porque este já era um dia de festa, o jejum estava definido para o segundo (2 Reis 25:25 ; Jer. 41: 1-2). Zacarias acrescenta uma referência a um rápido paralelo.

Fasted e lamentado são as palavras técnicas adequadas. A delegação usou termos menos diretos. O jejum indica uma abstinência da comida como um sinal de envolvimento interno profundo nas orações de ajuda e arrependimento. Os ritos de luto, como aqueles para os mortos, indicam o sentimento de perda do povo no Templo e na capital, juntamente com tudo o que eles defendiam: a presença de Deus, sua benção e sua liderança.

Mas o profeta está ciente de que a adoração pode tornar-se egoísta. Em vez de ser direcionado a Deus, em vez de ser um diálogo com atenção do outro, é transformado no adorador. Torna-se um monólogo de auto-recriminação e auto-piedade. Não há nada redentor ou útil nisso!

O Senhor faz a questão com ênfase: foi para mim que você jejuou? O hebraico repete-me de forma acusativa, mas não tem preposição. Significa uma adoração dirigida a Deus, dedicada a Deus.

O versículo 6 altera a questão. As mudanças tensa. Refere-se à possível mudança de jejum. Não adorar, então simplesmente seja o mesmo: um exercício auto-centrado e egoísta?

A resposta à pergunta no v. 5 é não. A resposta esperada no v. 6 é provavelmente sim. Realmente não importa se eles são rápidos ou comemoram com um banquete. Não há adoração verdadeira em qualquer exercício.

O versículo 7 pergunta se esta não é exatamente a mesma situação que enfrentava profetas anteriores. Essa acusação foi repetida durante os últimos 250 anos por profetas como Amós, Oséias, Isaías e Jeremias. Todos criticaram o culto vazio e prometeram o julgamento. Suas profecias foram cumpridas. As pessoas experimentaram a amarga mensagem do julgamento completo. Mas eles não aprenderam nada. Zacarias encontra-se ecoando as próprias palavras de profetas anteriores.

Zacarias mostra um conhecimento de profecias anteriores a cada passo do livro. Esta é uma das referências explícitas a tal.

(2) Resumo da Profecia Anterior (7: 8-14)

8 E veio a palavra do SENHOR a Zacarias, dizendo: 9 "Assim diz o SENHOR dos exércitos: Produzidos julgamentos verdadeiros, mostre bondade e misericórdia a cada um ao seu irmão, 10 não oprimem a viúva, o órfão, o estrangeiro ou o pobre; e que nenhum de vós conceja o mal contra o seu irmão em seu coração ". 11 Mas eles se recusaram a ouvir, e viraram um ombro teimoso e pararam os ouvidos para que não ouvissem. 12 Eles fizeram seus corações como inflexíveis, para que não ouvissem a lei e as palavras que o SENHOR dos exércitos havia enviado pelo seu Espírito através dos ex-profetas. Portanto, a grande ira veio do SENHOR dos exércitos.13 "Como eu liguei, e eles não ouviram, então eles chamaram, e eu não ouvirei", diz o SENHOR dos exércitos, 14 "e eu os espalhei com um redemoinho entre todas as nações que não conheceram. Assim, a terra que deixaram foi desolada, de modo que ninguém foi de um lado para o outro, e a terra agradável ficou desolada ".

Tendo estabelecido a relevância da profecia anterior ao seu próprio tempo, o profeta agora recebe uma palavra que resume essa mensagem profética e observa o fracasso daquela geração em prestar atenção, bem como o julgamento subseqüente,

O resumo em vv. 9-10 enfatiza temas através de substantivos no início de cada uma das quatro afirmações. Todos eles paralelam profecias anteriores e resumos semelhantes (Isaías 1: 16-17 , Amós 5:14 , 24 , Mic. 6: 8). O profeta apresenta outro resumo em 8: 16-17 que é aplicável ao seu próprio tempo. Esses resumos éticos se baseiam fortemente na antiga lei do pacto de Israel, conforme v. 12 nota com precisão.

A primeira afirmação no v. 8 lê literalmente, "julgamentos verdadeiros que você deve julgar". A palavra verdade é emparelhada com juízos ou justiça (ver Eze. 18: 8). O segundo deve ser traduzido: "Que cada um de vocês pratique solidariedade e compaixão em relação ao seu irmão" (NEB). As quatro palavras - justiça, verdade, solidariedade e compaixão - expressam o conceito de sociedade que Israel havia dado no Sinai e que os profetas reviviam.

A justiça é administrada e medida pelas leis da aliança. Não é abstrato, mas é o que resulta dos processos de julgamento. Isso ocorre em cada um dos outros resumos também.

A verdade é o que se mantém firme, especialmente o que é medido por um padrão. O verbo para ser firme e a fidelidade nominal são termos relacionados. O julgamento verdadeiro é aquele que é fiel ao seu padrão, à lei e ao legislador, e ao Senhor. A palavra não ocorre em nenhum dos resumos anteriores, embora não seja desconhecida nos profetas.

A bondade é uma palavra usada para descrever o comportamento adequado dentro de uma relação contratada, como o casamento ou a aliança. É devidamente entendido como lealdade ou solidariedade. O resumo de Miqueias enfatiza isso. Oséias ensina que Deus o pratica mesmo quando Israel não consegue manter uma lealdade mútua.

A misericórdia talvez possa ser melhor "compaixão". Falta nos outros resumos, mas é um aspecto básico do ensino profético. Um deve ser para com o irmão o que ele reza para que Deus seja para si mesmo.

Estes termos aplicam-se à estrutura da aliança e às relações mútuas dentro da aliança, como mostra cada um deles para o irmão. A terceira afirmação lista pessoas cuja causa está fora do âmbito da aliança. Como "não cidadãos", eles não têm direitos civis. As primeiras formas de aliança para Israel enfatizam a preocupação pessoal de Deus por pessoas que não têm direitos. Ele prometeu falar para aqueles que não tinham nenhum defensor. Ele então colocou em cada cidadão israelita a responsabilidade de defender o interesse de Deus pela causa dos desamparados: a viúva e o órfão. Com o tempo, especialmente no Deuteronômio, as pessoas itinerantes ou migrantes (o estrangeiro) foram adicionadas a esta lista. Com o crescimento da disparidade econômica, os pobres também precisam dessa preocupação. Amos, mais de dois séculos antes, tornou-se seu porta-voz.

A última declaração do resumo enfatiza a necessidade ética de olhar além da ação para o motivo ou a intenção *em seu coração.* Isso caracterizou a lei israelita desde o momento em que os dez mandamentos terminaram em tal nota. Jesus tomou essa direção ao tratar esses comandos no Sermão da Montanha.

O verso 11 descreve a resposta negativa. O versículo 12 coloca a responsabilidade sobre uma clara recusa de aceitar a palavra. Sua resposta foi à lei, que eles conheciam dentro da aliança e à palavra profética.

A lei e as palavras através dos antigos profetas constituíram a base para conhecer a vontade de Deus nos dias de Zacarias.

Com o tempo, eles, juntamente com suas palavras e outras, tornaram-se as Escrituras. Com estes, vem a cada geração a palavra viva, dada pelo Espírito, dos porta-vozes de Deus. Ele interpreta e aplica a revelação anterior. Os israelitas tiveram os dois e recusaram ambos.

Sua recusa trouxe grande ira. . . do Senhor dos exércitos, pois ambas eram suas palavras. Recusar-se era negar-lhe a sua autoridade legítima. A ira é uma referência óbvia ao exílio. Em vv. 13, 14 uma mensagem adicional torna isso claro. A tradução do NEB é impressionante: "Como eles não ouviram quando liguei, então não escutei quando eles ligaram". Isso faz eco do passado de 1: 3 .

O julgamento espalhou o povo e deixou a terra desolada. O conhecimento que os parentes estavam dispersos em países distantes e a visão da paisagem desolada eram lembretes diários aos ouvintes de Zacarias da amarga realidade dessas palavras.

O retorno às profecias anteriores de julgamento foi suscitado pela pergunta da delegação, que mostrou que sua atitude em relação ao culto não era diferente daquela que estava sendo julgada. Foi um reconhecimento amargo para este profeta de conforto e de um novo dia.

3. Dez Mensagens do Senhor (8: 1-23)

Este capítulo contém mensagens separadas ou "palavras" do Senhor. Cada um é introduzido com a fórmula: "Assim diz o Senhor dos exércitos". Cada um deles fala uma palavra relevante do grande plano de Deus e seu trabalho com seu povo. Eles resumem a mensagem de Zacarias, e cada uma é paralela a outros neste livro ou em Ageu.

O profeta pode ter citado uma série de mensagens de ocasiões anteriores para conduzir a resposta na vv. 18-19 à questão da delegação de Betel. A fórmula "Assim diz o Senhor" pode com a mesma precisão ser "Assim, o Senhor disse." Todas essas mensagens são vistas como ainda aplicáveis ao tempo em que a série é falada.

(1) Eu sou ciumento para Sião (8: 1-2)

1 E veio a mim a palavra do SENHOR dos exércitos, dizendo: 2 Assim diz o SENHOR dos exércitos: eu tenho ciúmes para Sião com grande ciúme, e estou com ciúmes com grande ira.

A curta mensagem profética é apresentada em medidor perfeito e com um uso típico hebraico de paralelismo e repetição. Ele fala de apenas um tema, o ciúme de Deus, que é a força motriz para a sua redenção de Israel.

A mensagem é quase uma citação direta de 1:14 . Mas, onde 1:15 continua com uma descrição da ira de Deus contra as nações, este verso se concentra no amor celoso de Deus para Israel. A ira de RSV dá uma impressão errada. É uma palavra diferente de 1:15 . Seu significado aqui é simplesmente o calor. Muitas vezes, é usado para expressar o calor da ira de Deus. Aqui, ele simplesmente se refere ao calor de seu ciúme, como o contexto deixa claro.

Para que Deus diga que está com ciúmes, Zion deve proclamar o grande motivo de zelo e amor que leva a sua ação determinada a redimir e santificar o povo.

(2) Eu retornarei e morarei (8: 3)

3 Assim diz o SENHOR : Voltarei a Sião, e habitará no meio de Jerusalém, e Jerusalém será chamada a cidade fiel, e o monte do SENHOR dos exércitos, o monte sagrado.

Este oráculo perfeitamente formado em três linhas de duas partes tem uma simples mensagem: o Senhor decidiu retornar a Sião e pegar sua habitação lá. Como a mensagem anterior, os verbos estão no tempo perfeito, que pode ser chamado de "perfeito profético". Eles indicam uma decisão já alcançada pelo Senhor que, embora a sua realização seja futura, pode ser chamado de fato.

O último sinal do julgamento de Deus em Israel foi a proclamação de que ele abandonou o Templo em Jerusalém (cf. Eze. 8-11). Agora, o tempo da misericórdia de Deus anuncia um retorno em glória (ver Ezequiel 43). Seu Espírito está chegando ao seu povo em Jerusalém.

Profetas anteriores notaram a mudança de Jerusalém da "cidade fiel" para uma "prostituta" (Isaías 1:21). Zacarias proclama a restauração de seu status como cidade fiel quando o Senhor se instala novamente. A cidade pode ser devidamente chamada pelo nome do Senhor, e pode ser dada a designação santa quando ele estiver realmente lá em sua residência estabelecida. Ele prometeu isso. Esta é a razão para reconstruir o Templo (ver 1:16 ; 2: 10-17).

(3) As ruas de Jerusalém (8: 4-5)

4 Assim diz o SENHOR dos exércitos: velhos e velhos se sentarão novamente nas ruas de Jerusalém, cada um com o pessoal em mãos por muito tempo. 5 E as ruas da cidade estarão cheias de meninos e meninas que tocam nas suas ruas.

Esta mensagem continua em excelente forma poética hebraica. Seu tema é encontrado no uso triplo das ruas de Jerusalém. Os sinais de homens e mulheres normais da vida da cidade lentamente seguindo seu caminho, bastões na mão, entre jogar crianças - devem ser típicos da nova cidade. A descrição é paralela ao que Zacarias deu em 3:10 da vida pacata e próspera da vila (ver Isa. 65: 20-23).

(4) Isto é maravilhoso (8: 6)

6 Assim diz o SENHOR dos exércitos: se é maravilhoso à vista do remanescente deste povo nestes dias, também seja maravilhoso aos meus olhos, diz o SENHOR dos exércitos?

O resto desse povo descreve o pequeno grupo miserável que retornou à Jerusalém arruinada. Eles são sobreviventes dos terríveis julgamentos que caíram sobre a terra. Mas profetas anteriores enfatizaram que a esperança para o futuro ficaria em um remanescente tão fiel (Isaías 37:32 ; 46: 3 ; Mic 2:12 ; 5: 6-7 ; 7:18 ; Jeremias 23: 3 ; 31: 7 ; Sf 2:. 7 , 9). O tema é recuperado novamente em vv. 11, 12 . A mensagem confirma que o Senhor atribui tanto significado milagroso a esses eventos como fazem as pessoas espantadas.

(5) O Senhor salvando o seu povo (8: 7-8)

[7] Assim diz o SENHOR dos exércitos: Eis que eu salvarei o meu povo do país oriental e do país ocidental; [8] e os levarei a habitar no meio de Jerusalém; e eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus, com fidelidade e justiça ".

Esta mensagem chama a atenção para o Senhor salvando seu povo. A ação não é colocada no futuro, pois a tradução pode implicar, mas chama a atenção para algo que está acontecendo agora. Literalmente, lê: "Eis-me salvando meu povo".

O uso do termo meu povo implica que eles foram aceitos novamente na relação da aliança com Deus (cf. Hos. 1: 9 ; Amós 8: 2). Todos os atos e propósitos de Deus neste tempo são atos de salvação. No início da história de Israel, Deus os salvou da escravidão egípcia e os trouxe para a terra prometida. Nos dias de Zacarias, esse ato estava sendo repetido.

Em termos de conteúdo profético, as duas últimas linhas do verso completam o sentido desse desafio. Na fidelidade traduz-se a mesma palavra que em 7: 9 foi traduzida "verdadeira" ou verdade. A justiça descreve a qualidade de estar à direita. Ambas as palavras devem ser entendidas no contexto dos propósitos anunciados por Deus para Israel e de sua aliança com ela. Nesse sentido, ele é fiel e correto em salvar seu povo.

Entre estas declarações, existem três linhas que definem e expandem a idéia. O primeiro descreve o lugar do trabalho de salvação de Deus, que se estende desde o nascente até o sol pontilhado. Ele trará seus povos de todos os lugares. As palavras trazem e causam a habitação são palavras familiares nas descrições de Deus trazendo o povo do Egito para viver em Canaã. Da mesma forma, ele agora traz pessoas de terras estrangeiras para habitar no coração de Jerusalém.

Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus proclama o significado da aliança (Levítico 26:12). É uma fórmula repetida muitas vezes em Jeremias e Ezequiel e é uma descrição mais adequada do que significa que as pessoas sejam salvas. O Senhor não só preparou a cidade como sua própria morada, mas também como um lugar para todos os que foram salvos das nações (cf. 2: 6ss).

(6) Construa o Templo (8: 9-13)

[9] Assim diz o SENHOR dos exércitos: "Que as vossas mãos sejam fortes, vós que, nestes dias, ouviram estas palavras da boca dos profetas, desde o dia em que foi posto o fundamento da casa do SENHOR dos exércitos, que O templo pode ser construído. [10] Pois, antes desses dias, não havia salário para o homem ou qualquer salário para animais, nem havia segurança do inimigo para aquele que saiu ou entrou; pois eu coloco todos os homens contra os seus companheiros. [11] Mas agora não vou lidar com o remanescente deste povo como nos dias anteriores, diz o SENHOR dos exércitos. [12] Pois haverá uma semeadura de paz; A videira dará o seu fruto, e a terra dará o seu aumento, e os céus darão o seu orvalho; e farei com que o remanescente desse povo possua todas essas coisas. [13] E como você tem sido um

indício de maldição entre as nações, ó casa de Judá e casa de Israel, assim eu vou te salvar e você será uma benção. Não tenha medo, mas deixe suas mãos fortes.

O Senhor encoraja os construtores do Templo. Ele lembra as garantias proféticas dadas para sua conclusão. O edifício está ligado aos tempos de mudança. O desemprego e as condições caóticas dão lugar à ordem e à prosperidade. A atitude do Senhor em relação ao seu povo havia mudado. Não é mais uma insatisfação e julgamento. Agora ele está preparado para conceder graça e benção.

Os construtores são aqueles que respondem aos apelos proféticos. A última parte do v. 9 é um texto difícil. No entanto, o NEB certamente tomou seu sentido: "Tome coragem, você que, nestes dias, ouviu, dos profetas que estavam presentes quando os fundamentos foram colocados para a casa do Senhor dos Exércitos, sua promessa de que o templo deve ser reconstruído "A grandeza deste versículo, como de todo o ministério de Ageu e Zacarias, encontra-se na estreita ligação entre a pregação (ou a profecia) e o trabalho prático de construção que ocupa as energias de todo o povo de fé. Deus considera ambos, a pregação e a construção, para se inspirarem em serviços.

O versículo 10 descreve as condições em Jerusalém, pois o juízo e a ira de Deus se baseiam fortemente nela. A economia estava parada e a discórdia estava em todo lugar.

O versículo 11 gira para o tema de todas as profecias de Zacarias: os tempos mudaram. Especificamente, a atitude de Deus mudou para as pessoas. Ele se "virou" (1: 3). Sua resolução e propósito para as pessoas agora são diferentes. Esta é a idade da graça. Este é o "evangelho", a boa notícia da profecia.

As palavras-chave para a descrição desta nova era são paz e prosperidade. Toda a natureza será amigável. Os eleitos e o remanescente fiel terão todas essas coisas.

O versículo 13 esboça o contraste em termos de maldição e bênção (ver 5: 1-4 ; Deut. 27-29). O destino de Israel no julgamento e no exílio a fez sinônimo de maldição. Agora Deus move-se para salvá-la e fala com ela as palavras graciosas, você será uma benção. Nestas palavras, lembre-se do chamado de Abraão e da promessa que lhe foi feita (Gn 12: 2-3). O ato salvífico de Deus em relação a Israel permitirá que ela atenda o imperativo na promessa de benção de Abraão

A mensagem fecha com a exortação: Não temas! Este é um grito que se encontra em antigas exortações aos soldados que se preparam para se mudar ao comando do Senhor para lutar contra os inimigos do Senhor. O choro foi ouvido de Josué quando Israel se mudou contra as cidades cananitas. Gideon chorou essas palavras para a pequena empresa que colocaria as hostas do inimigo para derrotar, sem sequer uma arma nas mãos. Onde que esse ouvido seja ouvido é uma lembrança dessas guerras do Senhor e o chamado para se juntar em suas conquistas.

Os construtores de Jerusalém são encorajados em seu trabalho, entendendo que é o trabalho do Senhor. Sua promessa reside nele. Suas palavras carregam-no para a frente. Seu espírito, derramado em seu povo, fornece os motivos para a construção.

(7) O novo propósito de Deus (8: 14-17)

14 Pois assim diz o SENHOR dos exércitos: "Como eu me propus a fazer-te mal, quando os vossos pais me provocaram a ira, e não me cai, diz o SENHOR dos exércitos 15; então, de novo, eu me propus a fazer nestes dias Bom para Jerusalém e para a casa de Judá; Não temas. 16 Estas são as coisas que você deve fazer: fale a verdade uns aos outros, faça em seus ventos os julgamentos verdadeiros e faça paz, 17 não conceba o mal em seus corações uns contra os outros e não ame nenhum juramento falso, para todos Isto odeio, diz o SENHOR ".

O Senhor confirma a mudança em sua atitude em relação às pessoas. Ele os convida a fazer uma nova aliança, a estabelecer uma nova relação. Isso sempre começa com a iniciativa de Deus, com o anúncio de seu propósito na graça. Ele continua anunciando seus requisitos para as pessoas que entrarão em aliança com ele.

O versículo 14 é um lembrete de que a atitude de Deus em relação a Israel era de julgamento. Ele havia determinado a destruição e a ruína para as pessoas que se haviam rebelado contra ele. Até que essa sentença fosse cumprida, ele não cedeu. A palavra hebraica traduzida como "recuar" é a mesma que significa arrepender-se. Ele não mudou de opinião, mas realizou toda a intenção de julgamento.

O versículo 15 anuncia que, com a mesma determinação de propósito, o Senhor vem nos dias de hoje para fazer o bem. É uma idade de graça de Jerusalém e da casa de Judá. Sob o anúncio deste amor, o remanescente do povo deve se reunir, tomar coragem e fazer a vontade de Deus. Ele tornará possível para eles cumprir sua vontade e receber o cumprimento de sua promessa.

Fiel ao padrão de fazer aliança em todo o Antigo Testamento, Zacarias já anunciou que o Senhor voltará a Jerusalém (1: 3) e habitarei no meio deles (2: 5 , 10). A experiência da presença de Deus sempre foi uma coisa terrível. No Sinai, as pessoas se recusaram a aproximar-se da montanha e insistiram em que Moisés deveria subir sozinho. Quando voltou a apresentar-lhes o convite à aliança, ele disse: "Não temas" (Êx 20:20).

Enquanto a proximidade e a santidade de Deus é uma coisa terrível, quem é convidado na graça para entrar na aliança não precisa ter medo. A graça de Deus é suficiente. Ele forneceu meios para colmatar o fosso entre sua impureza e sua santidade. Então, está aqui na palavra através de Zacarias: hoje eu tenho que fazer o bem. . . . Não tenha medo.

Os versículos 16-17 continuam no padrão de fabricação de alianças (ver Ex. 20ff .; Deut.). Este é um resumo dos requisitos de Deus para aqueles que entrarão em aliança com ele. É comparável em função dos Dez Mandamentos nas cerimônias anteriores da aliança.

A lei tinha duas funções principais dentro da aliança. Em 7: 8-11, este resumo é a base para o julgamento da aliança. Nesta profecia, é o fundamento do compromisso da aliança.

As coisas no v. 16 também podem significar palavras ou mandamentos. É a mesma palavra usada para descrever os Dez Mandamentos (ou palavras) no Êxodo 34: 27-

28 . Os Dez Mandamentos são literalmente as "dez palavras". Portanto, o significado aqui também pode ser: "Estes são os mandamentos que você deve fazer".

São quatro em número, comparáveis aos quatro citados em 7: 9 . Somente o meio dois são paralelos ao primeiro e último em 7: 9 . Um contraste interessante é o uso de "seu vizinho" (RSV um ao outro) em vez de "seu irmão".

Em contraste com o Decálogo, os comandos relativos às relações com as pessoas são os primeiros. Somente o Quarto Mandamento aqui é paralelo à primeira seção do Decálogo que prescreve o culto apropriado. Essa ênfase no comportamento ético como sendo a forma mais elevada de adoração e do cumprimento da aliança é verdadeira ao melhor da tradição profética.

Os requisitos da aliança são simples: a verdade na conversa diária, o julgamento que é tanto factual quanto favorável à paz, o fim das conspirações pessoais mútuas entre as pessoas e uma renovada apreciação pela honestidade e fidelidade na adoração e em todas as outras fases da vida . Estes são os requisitos simples do Senhor em aliança. A presença do

O Senhor entre o seu povo pede a adaptação de toda a vida ao que o agrada. O que ele odeia deve ser eliminado.

(8) Fasts Torna-se Seasons of Joy (8: 18-19)

18 E veio a mim a palavra do SENHOR dos exércitos, dizendo: 19 Assim diz o SENHOR dos exércitos: o jejum do quarto mês, o jejum do quinto, o jejum do sétimo e o jejum do décimo, será para a casa de Judá temporadas de alegria e alegria, e festas alegres; portanto, ame a verdade e a paz.

Enquanto estas três últimas profecias pertencem claramente ao grupo maior de dez, elas são uma unidade para si, separadas das sete primeiras. Os primeiros sete traçaram a relação de Deus com o seu povo desde o grande julgamento até o tempo da graça, a construção do Templo e a renovação da aliança. Os últimos três referem-se a resultados específicos desse novo tempo que se relacionam com o culto.

A primeira mensagem é uma resposta direta à questão levantada pela delegação de Bethel (7: 3). Ele expande a questão para incluir todos os jejuns observados desde a queda de Jerusalém. Não menciona o Dia da Expiação (Levítico 16), que não teve nada a ver com o julgamento de Deus sobre o povo.

O jejum do quarto mês havia memorializado a violação feita na parede e a entrada do exército babilônico na cidade (Jeremias 39: 2 ; 52: 6-7). O décimo mês observou a chegada de Nabucodonosor e o início do cerco (2 Reis 25: 1 , Jer. 39: 1 ; 52: 4 ; Ez. 1: 2). Os outros dois jejuns foram identificados nos comentários em 7: 3 , 5 .

A palavra é que os jejuns devem ser abolidos. Eles pertencem ao antigo tempo do julgamento e não são mais aplicáveis. As estações da alegria e os festivais do bem devem substituí-los. Esses festivais devem promover o amor à verdade e o amor à paz. Nesse sentido, eles cumprem os requisitos da aliança (v. 16).

(9) Peregrinos a Jerusalém (8: 20-22)

20 "Assim diz o SENHOR dos exércitos: virão os povos, até os habitantes de muitas cidades; 21 os habitantes de uma cidade irão para outro, dizendo: "Vamos imediatamente implorar o favor do SENHOR , e procurar o SENHOR dos exércitos; Eu estou indo.' 22 Muitos povos e nações fortes virão buscar o SENHOR dos exércitos em Jerusalém, e implorar o favor do SENHOR .

Jerusalém se tornará o centro de peregrinação do mundo. De muitos povos e de grandes cidades, os peregrinos fluirão em direção a Jerusalém. Com fervor evangélico, eles encorajarão uns aos outros a seguir as palavras, eu vou.

Isaías 2: 3 tinha imaginado as nações que estavam indo a Jerusalém para instrução. Foi exatamente isso que os homens de Betel estavam fazendo. O propósito da peregrinação será implorar o favor do Senhor, assim como os homens de Betel fizeram, e procurar o Senhor dos exércitos. Zacarias profetiza que os povos do mundo responderão à exortação de Amós 5: 4 , 6 . Sua profecia é paralela a Isaías 56: 7-8, em que o Templo é chamado de "casa de oração para todos os povos".

(10) Deixe-nos ir com você (8:23)

23 Assim diz o SENHOR dos exércitos: naqueles dias, dez homens das nações de toda língua tomarão a veste de um judeu, dizendo: "Vamos com você, porque ouvimos que Deus está com você". "

A mensagem climática proclama a importância universal de Deus para esse tempo. Dez gentios são comparados a um judeu. As pessoas que têm o conhecimento e a garantia da presença de Deus, embora uma pequena minoria, são as mais importantes de todas. Este não é um serviço missionário ativo como o versículo 21 . É uma profecia que o povo de Deus pela integridade de sua fé atrairá outros.

Os gentios de todas as línguas (Isaías 45:23 ; Rom 14:11) aproveitarão o manto do judeu. Isso descreve exatamente o que os prosélitos do judaísmo fizeram em séculos posteriores.

A base dessa atração é que Deus está com você. Este é o tema do trabalho inteiro de Zacarias. Deus determinou retornar a Sião para estabelecer sua morada ali, para renovar a aliança com o povo e no sentido mais completo possível para ele com eles. Sua presença é a fonte da santidade e da justiça, elementos básicos da religião. Isto é o que os gentios querem compartilhar. O objetivo de todos os tempos será que os povos da terra compartilhem a salvação do Senhor e a benção de sua presença (cf. 2:11 ; 6:15 ; Isaías 60: 20-21 ; Phil 2: 10-11). Aqui as visões e profecias de Zacarias terminam. Os capítulos 9-14 são muito diferentes em forma e propósito (ver Int \.).

IV. A Palavra do Senhor contra Hadrach (9: 1-11: 3)

Esta passagem em contraste com os capítulos anteriores é uma única peça excelente. Começa por anunciar a ação de Deus para recuperar a terra no norte de Israel: Hadrach e Damasco; Hamath e Tire-Sidon. As cidades filisteus que estavam sujeitas à fenícia também são recuperadas, mas a atenção está no norte.

Esta ação contra as nações é recuperada novamente em 11: 1-3 . É um quadro para as palavras dirigidas a Israel. Em 9: 9, Sion é chamado para cumprimentar o rei, que traz paz e domínio em proporções conhecidas do tempo de Davi. Em 9: 11-12 exilados, já libertados da prisão, são chamados a retornar. No passado, o Senhor os usou na batalha (9:13), mas agora é ele quem luta (v. 14), protege (v. 15) e salva (v. 16).

Em 10: 1, a congregação é chamada a pedir suas necessidades (chuva) do Senhor. Nos versículos seguintes do capítulo 10, o Senhor castiga os líderes pelas condições de superstição e culto falso que permitiram na terra (v. 2-3a); Ele mostra seus cuidados para Judá (v. 3b-6a) e para Joseph (v. 6b-11). Em 10:12 há uma terceira declaração do governo do Senhor sobre o seu povo.

O estresse de toda a passagem é sobre o Senhor, sobre o nome de Javé e sobre a adoração. No entanto, a relevância histórica do anúncio do quadro é transferida para cada uma das outras seções. O Senhor, ao restabelecer sua soberania sobre as províncias do norte, faz um lugar para os exilados que retornam. Tudo isso é um sinal de sua realeza e cuida de Israel.

A interpretação de Zacarias 9: 1-11: 3 é dificultada pela mudança confusa dos tempos na tradução, muitos dos quais não podem ser justificados pelo hebraico. [5] O motivo disso é que os verbos hebraicos não estão vinculados a um ponto de vista de tempo (presente, passado ou futuro), como são os verbos em inglês. O tempo deve ser estabelecido a partir do contexto Uma vez estabelecido, este ponto de vista do tempo controla todos os tempos verbais até que um novo ponto de vista do tempo seja estabelecido. Os tradutores, ao que parece, negligenciaram manter uma verificação consistente das mudanças sintáticas. Alguns dos problemas no capítulo podem ser esclarecidos mantendo um ponto de vista consistente

A primeira indicação de tempo é em 9: 4 seguindo a partícula lo (behold). O tempo é um imperfeito. A implicação é que a atenção está sendo chamada a uma ação a ser realizada. "Eis que o Senhor prossegue para (está prestes a) possuí-la". Se é futuro, é o futuro imediato.

As principais seções da composição são controladas por imperativos: "Regocitem" (9: 9); "Retorno" (9:12); "Pergunte" (10: 1); "Abrir" (11: 1). Cada um, por sua vez, é apoiado por uma declaração usando o tempo imperfeito: "Eis que o seu rei vem" (9: 9b); "Hoje eu restauro para você duplo" (9: 12b); "O Senhor faz e dá" (10: 1b); "Para que o fogo possa devorar" (11: 1b).

Os tempos hebraicos são as chaves do ponto de vista do tempo. Eles são ajudados por "hoje" em 9:12 . Os imperativos exigem respostas a ações que são atuais ou que acabaram de ser anunciadas. O ponto de vista dominante é presente e futuro imediato.

Isto é mais apropriado para uma celebração do festival (ou ritual). Baseia-se no que Deus é, no que ele está fazendo e no que ele está fazendo. Os anúncios e interpretações

são suportados por lembretes de ações passadas e seus resultados. A seção deve ser traduzida e interpretada predominantemente no tempo presente. Quando tudo é traduzido como futuro, deve ser entendido como apontando para o futuro imediato. Não representa o futuro distante.

As referências a lugares e reinos e circunstâncias são claras o suficiente para definir a hora original de apresentação. Era uma época em que as cidades fenícias controlavam as antigas cidades filisteus. Foi um momento em que alguns israelitas estavam no exílio (9: 11-12). Esses exilados devem, pelo menos, incluir as tribos do norte (10: 6-12), mas não necessariamente Judá (10: 3b-5). Era um momento em que alguém pensava realisticamente em um reino reunificado. Era uma época em que a Assíria e o Egito eram as principais potências, mas também um tempo em que ambos eram fracos o suficiente para que Israel pensasse que a expansão em seu território era uma possibilidade.

Otzen reviveu a identificação do período como o de Josiah (626-609 AC). Um renascimento do Yahwism e do nacionalismo trouxe promessas e esperanças de Davi de volta à vida. A minúscula província de Judéia, que só tinha um rei fantoche para os poderes assírios, agora estava crescendo em influência e território sob Josias. Estava se expandindo para o norte, embora já não seja possível determinar o quão longe. Assíria estava se aproximando de seu fim como uma potência mundial e o Egito só fazia tentativas esporádicas de exercer influência no corredor cananês. Esse período corresponde a todas as condições mencionadas.

Uma palavra tem sido um problema para os intérpretes ao aceitar esta data inicial. É "Grécia" (v. 13). Otzen conheceu isso mostrando que o Egito estava usando mercenários jônicos em seus exércitos já em 663 AC. Neste caso, o verso se refere a essas tropas egípcias. É importante que o texto original fale de "gregos", ou mais exatamente, "filhos de Ionia", e não a terra em si, um ponto que o RSV perdeu.

Se a origem desta seção pode ser tão datada, resta identificar a ocasião. Estes dois capítulos têm uma repetição de temas e uma ordem que aponta para a influência litúrgica. O anúncio da vinda do rei (9: 9) e o endereço para a filha de Sião são chaves para a ocasião e o lugar. É um festival real em Jerusalém. O tema é o reino do Senhor e sua expressão terrena em Sião (9: 9-10 ; 10: 1 , 12). A eleição de Sião eo domínio de Deus sobre as nações preenchem os motivos litúrgicos.

Os temas atemporais têm relevância histórica pelo modo como o julgamento sobre as nações é moldado e pela sua aplicação às necessidades particulares do norte de Israel (chamado Efraim ou José) e Judá (9: 11-17 ; 10: 2-11).

Isso dá um esboço de temas recorrentes que se parecem com isto:

Quadro: A recuperação das províncias assírias (9: 1-8)

A. O Rei da paz vem (9: 9-10)

B. O Senhor retorna os cativos (9: 11-17)

A. O Senhor fornece (10: 1)

B. O Senhor cuida de Judá e José (10: 2-11)

A. O Senhor fortalece seu povo (10:12)

Quadro: A conquista do Líbano e Basã (11: 1-3)

Os capítulos refletem o dia do Senhor quando ele toma seu trono para julgar as nações e Israel. Ele é reconhecido como rei sobre ambos. Ele traz ordem e justiça. Ele chama os governantes a prestar contas, incluindo o rei de Israel. Ele cria paz e prosperidade para o seu povo. Israel é chamado de rebanho do Senhor. Tanto ele como o rei são chamados de pastor.

Esta é uma evidência suficiente para colocar a ocasião no Festival de Estadas do outono, que tradicionalmente foi realizada em Jerusalém como uma festa real que comemorava a vinda de Javé como rei em Sião e o governo de seu vice-regente, filho de Davi, trono. Proclamou o seu domínio comum sobre as nações, incluindo Israel, bem como sobre os dons providenciais da natureza, como a chuva, que o Senhor providenciou para o seu povo. A luta contra a idolatria é um tema constantemente recorrente.

A seção em todas as suas partes se encaixa nessa ocasião. É provável que tal ritual tenha sido repetido ao longo dos séculos em ocasiões de festividades similares. As referências históricas tão claras e relevantes para a primeira ocasião assumiram um significado simbólico. Os grandes temas do governo do Senhor sobre o seu povo e as nações eram tão novos e significativos quanto a primeira vez que eles eram usados.

1. Introdução: A Reclamação das Províncias Assírias. Oracle Against the Nations (9: 1-8)

Um Oracle

1 A palavra do SENHOR é contra a terra de Hadrach
e descansará sobre Damasco.
Para que o SENHOR pertença às cidades de Aram,
assim como todas as tribos de Israel;
2 Hamath também, que faz fronteira com o mesmo,
Tire e Sidon, embora sejam muito sábios.
3 Tire construiu uma rampa,
e amontoou prata como pó,
e ouro como a sujeira das ruas.
4 Mas baixo, o Senhor tira-a de seus bens
e atira sua riqueza no mar,
e ela será devorada pelo fogo.
5 Ashkelon deve vê-lo, e tenha medo;
Gaza também, e se contorcerá de angústia;
Ekron também, porque suas esperanças são confundidas.
O rei perecerá de Gaza;

Ashkelon deve estar desabastecido;
6 um mestiço habitará em Ashdod;
e vou acabar com o orgulho da filisteia.
7 Vou tirar o sangue da boca,
e as abominações entre os dentes;
também será um remanescente para o nosso Deus;
será como um clã em Judá,
Ekron será como os jebuseus.
8 Então eu acamparei na minha casa como guarda,
para que ninguém marche de um lado para outro;
nenhum opressor deve voltar a invadir-los,
por agora vejo com meus próprios olhos.

A inscrição inclui corretamente um Oráculo: a palavra do Senhor contra a terra de Hadrach. Oracle é literalmente "um fardo" e designa isso como uma declaração de julgamento. É mais freqüentemente usado em conexão com profecias contra nações estrangeiras - exatamente o que é essa passagem.

O coração da seção é a profecia contra o Tire em vv. 3-4 . Sua forma é semelhante às profecias estrangeiras que são pelo menos tão antigas quanto o século VIII (Amós 1-2). As profecias normalmente lidam com os povos vizinhos e fazem parte de um cenário maior que proclama a proteção e a salvação de Deus para Israel.

Na forma, é uma ameaça direta (v. 4) precedida de um motivo (v. 3) e seguida de uma descrição das conseqüências (v. 5a). Tire era uma poderosa cidade comercial construída em uma península ou ilha. Foi fortemente fortificado e sobreviveu a assaltos repetidos. A descrição de sua fortificação e riqueza é verdadeira em seu caráter histórico. Parece freqüentemente em profecias estrangeiras (Eze. 26: 12 , 27 ; 28: 4 f. , Isaías 23 , Joel 4: 4 ss. Salmo 45:13). A destruição pelo fogo também é comum para a profecia estrangeira (ver Amós 1-2).

O resultado da destruição de Tire foi uma onda de choque de medo que atravessava as cidades filisteus, que provavelmente eram dependências de Tire. Eles também são nomes familiares em profecias estrangeiras (ver Isaías 20 , Jeremias 25 , Amós 1 , Zeph 2). As mesmas quatro cidades aparecem em outro lugar (deixando de fora apenas Gath da península filisteu).

A expansão da profecia contra as cidades filisteus (v. 5b-7) anuncia sua destruição. Isso é consistente com outros tratamentos nas profecias estrangeiras. A passagem cresceu através de mais de um estágio, como revela a mudança para a primeira pessoa (v. 6). Sua relação com o oráculo original sobre o Tire é através da colocação paralela com v. 5a . No entanto, não está fora de lugar. Ele acrescenta outro oráculo contra um povo vizinho de uma maneira costumeira para profecias estrangeiras.

Este núcleo expandido da passagem foi então enquadrado pelo vv. 1-2 e v. 8 . A palavra do Senhor, o grande fardo, recai (ou se instala) na área que se chama. Não é uma destruição bélica, mas uma ocupação reivindica essas áreas.

Hadrach era a capital de um país chamado La'ash em algum lugar ao norte da Síria. O fardo se move para o sul em Damasco. A reivindicação de posse é estressada pela segunda parte do verso. Aram é uma suposição para a palavra original, que é literalmente "um olho de homem". Tem sido um problema para os intérpretes. Outra tradução, "o olho da terra", poderia significar a superfície da terra. A cláusula explica o direito do Senhor de reivindicar essas áreas, pois não só as tribos de Israel, mas toda a superfície da terra pertence a ele.

Um segundo movimento de norte a sul reivindica Hamath, uma cidade no norte da Síria, e as cidades fenícias gêmeas Tire e Sidon. Com exceção de Hadrach, que só ocorre aqui, as cidades são nomes familiares nas profecias estrangeiras.

Por que essas cidades específicas são nomeadas? Eles ficaram de fora do território reivindicado pelo império de Davi. Normalmente não eram uma ameaça para Judá. Se fossem parte de uma lista mais longa, por que os países a leste da Jordânia foram omitidos? A melhor resposta parece ser que eles implicam um movimento para possuir cidades e estados para o norte para garantir a Judá e Jerusalém contra "o inimigo do norte". Neste sentido, eles anunciam um cumprimento de 6: 8 . A palavra do Senhor que descansa como um fardo nos lugares do norte é paralela ao Espírito do Senhor sendo "descansado no país do Norte".

A sabedoria de Tire e Sidon é mencionada. Nem isso nem suas riquezas e fortificações (v. 3) impedirão a reivindicação de Deus sobre ela.

O verso 8 retoma o tema da segurança no final da passagem. A presença do Senhor em Sião significa que ele não depende mais dos relatos de mensageiros (ver 1:10 ; 6: 5). Ele vê com seus próprios olhos e servirá pessoalmente como guarda sobre sua casa.

A partir desses elementos mais antigos, a passagem presente proclama o movimento de Deus para recuperar uma área comparável ao império de Davi. Esta lista de lugares corresponderia aos nomes das províncias no período assírio. Se essa profecia foi dita durante o reinado de Josias, ela se reflete nas aspirações e esperanças para a reconstituição do poder e do império de Davi naquele momento.

2. Chega o Rei da Paz (9: 9-10)

> *9 Alegra-te muito, ó filha de Sião!*
> *Grita em voz alta, ó filha de Jerusalém!*
> *Eis que o seu rei vem até você;*
> *triunfante e vitorioso é ele,*
> *humilde e andando em uma bunda,*
> *Em um potro, o potro de um burro.*
> *10 Vou cortar a carruagem de Efraim*
> *e o cavalo de guerra de Jerusalém;*
> *e o arco de batalha deve ser cortado,*
> *e ele mandará paz às nações;*
> *seu domínio será de mar a mar,*

e do rio até os confins da terra.

O apelo do heraldo precede a entrada do rei em sua capital e é adequado às cerimônias reais do festival em Jerusalém. O arranjo dessas passagens se adequa à ordem do festival (ver Salmos 47; 48). A vitória sobre as nações precede a entrada do Senhor em Jerusalém.

Em Israel preexil, a vinda do rei terrenal foi sinal da vinda do Senhor (cf. Salmos 2: 7 ; 110) e a realização de seu propósito (Salmos 97; 98 ; Isaías 40: 9 ; 52: 7, 8) .

Esta seção fornece evidências de origem em Jerusalém antes do exílio. Sua presença no livro de Zacarias indica que continuou a ser uma tradição ritual viva na comunidade pós-exílica para a celebração do Festival dos Estandes. Por esta razão, nenhuma referência explícita ao rei terrenal aparece. O Senhor como rei está em primeiro plano. Esta mutação no sentido profético em que os oráculos que se referem ao rei-messias davídico se tornam referência ao rei divino é uma preparação muito importante para a interpretação de Jesus, filho de Davi e Filho de Deus e de seu reino.

A filha de Zion dá um endereço no singular que se aplica a todo o povo. O triunfo é literalmente "justo", o que significa que ele é o governante legítimo. Vitorioso é literalmente "salvo". Ambos os termos se encaixam no ritual real em que o rei sofre testes e sofrimento até a morte. Ele é então resgatado pelo Senhor. Esse resgate é o sinal da legitimidade na regra. Esta fase do ritual da aliança real é o pano de fundo para entender o "Servo Sofredor".

Humble é literalmente "afligido", que se encaixa com a tradução literal da linha anterior. Ele também se encaixa na história de fundo do retorno de Davi após a rebelião de Absolom. Cavalgar em uma bunda é um tipo comum de transporte, não o habitual de pompa para um rei reinante. Quando Davi voltou, um "par de burros" foi providenciado "para que a casa do rei andasse" (2 Sam. 16: 1, 2). O anúncio da vinda do rei de Sião, vindicado em seu julgamento sofredor, salvo depois de ser afligido, montando o animal humilde de um camponês, era uma imagem apropriada do reinado de Deus entre seu povo na comunidade postexil. Era ainda mais apropriado explicar o Cristo e sua entrada em Jerusalém (Mateus 21: 5 ; João 12:15).

Os tempos em v. 10 devem corresponder com o v. 9 . A proclamação elimina a pompa militar e mostra do reino, seja na capital ou nas áreas do norte. Esta redação ecoa a descrição do orgulho de Absalão em dirigir "uma carruagem e cavalos com cinquenta homens para correr diante dele" (2 Sam. 15: 1). Muitos salmos mostram quão íntimo as histórias de David foram relacionadas ao culto ao templo. A reação contra tal pompa seria conforme ao julgamento contra líderes (10: 3). Era esperado que os líderes em Israel deram glória a Deus. O pensamento de "guerra santa" foi que Deus deu a vitória (cf. 10: 5 , 7 , 12).

O grau da autoridade do rei é medido pelos meios e pela extensão de sua regra. A paz é alcançada pela palavra falada. O domínio se estende desde o Mediterrâneo até o Mar Morto, e do Eufrates até o "fim da terra". Os limites da pátria prometidos a Israel e a David estão indicados. Quando o rei israelita pode exercer autoridade tão extensa e completa, verdadeiramente o reino de Deus veio.

3. O Senhor retorna os cativos (9: 11-17)

11 Quanto a você também, por causa do sangue da minha aliança com você,
Eu deixarei seus cativos livres do poço sem água.
12 Volta para a tua fortaleza, ó prisioneiros da esperança;
hoje eu declaro que vou restaurar você duas vezes.
13 Porque inclinei Judá como meu arco;
Eu fiz Ephraim sua flecha.
Eu vou brandir seus filhos, ó Zion,
sobre os seus filhos, ó Grécia,
e exerce-o como a espada de um guerreiro.

O endereço é estendido a outros que compartilham os direitos do convênio. Estes não estão em Zion. Originalmente, eles provavelmente eram israelitas exilados do Reino do Norte pelos assírios em 721 AC Eles ainda são pessoas de Deus. No entanto, não há registro histórico de um retorno para cumprir esta palavra.

O tempo na segunda metade do v. 11 deve ser passado. Eles já foram liberados da pior parte do cativeiro, aqui descrito como o poço sem água. Esta versão é um sinal da graça contínua de Deus para eles. Muitos israelitas no exílio viveram muito bem com a semi-independência. Alguns até se tornaram ricos. Estes exilados são instados a retornar a Jerusalém. A tradução do NEB, "vocês prisioneiros que esperam na esperança", é uma boa paráfrase e interpretação da interpretação literal do RSV. Este é o segundo imperativo da passagem e é a chave para esta parte.

Neste importante dia do festival, a restauração é anunciada para os exilados. O anúncio é uma boa notícia (ver Isa. 61: 2 , 7) em vez da dupla medida do castigo (Isaías 40: 2).

O versículo 13 é uma frase explicativa e deve ser traduzido no tempo passado. O tempo é perfeito. Em tempos, Judá e Efraim serviram como armas nas mãos do Senhor. Brandish é literalmente "despertar", ou pode significar strip ou unsheath.

A Grécia é literalmente "gregos" ou "Ionianos". Alguns intérpretes tomaram isso como um sinal de que a profecia deve ser datada depois que Alexandre conquistou a Palestina em 330 AC, mas isso não é necessariamente verdadeiro. Muitos outros sinais apontam para uma data do século VII para o capítulo que esta uma palavra deve ser explicada de alguma outra maneira. Talvez a sugestão de que se refere aos mercenários gregos no exército egípcio seja a melhor.

O contraste entre o papel guerreiro de Judá, Efraim e Sião no passado e seu atual papel silencioso como espectador dos atos poderosos do Senhor é consistentemente mantido ao longo de esses capítulos.

14 Então o SENHOR aparecerá sobre eles,
e a flecha dele aparece como um raio;
O SENHOR Deus soará a trombeta,

e marchar nos torundos do sul.
15 O SENHOR dos exércitos os protegerá,
e eles devem devorar e pisar os rebentos;
e beberão o sangue deles como vinho,
e esteja cheio como uma tigela,
encharado como os cantos do altar.
16 Naquele dia, o SENHOR seu Deus os salvará
pois eles são o rebanho de seu povo;
como as jóias de uma coroa
eles devem brilhar em sua terra.
17 Sim, quão bom e quão justo será!
O grão fará florescer os jovens,
e vinho novo as donzelas.

Quatro vezes o nome de Deus é colocado em posição enfática nesta passagem. O Senhor ou Javé é o nome da aliança que foi revelado a Moisés (Êxodo 3:15 ; 6: 2). Ele simboliza todas as promessas e o significado da aliança. O Senhor Deus é literalmente o "Senhor Javé". Sua autoridade soberana sobre tudo e todos no céu e na terra está estressada no título. O Senhor dos exércitos é o título intimamente associado à arca da aliança e ao ensino sobre o reino de Deus. Os anfitriões podem se referir aos exércitos de Israel, ao exército celestial dos anjos, ou às estrelas. O Senhor seu Deus é uma frase da cerimônia da aliança. Somente a pessoa que está pessoalmente relacionada com ele na aliança tem o direito de reivindicar Deus como seu.

A passagem enfatiza a participação direta do Senhor na luta. Ele faz essas coisas: aparece, toca a trombeta, protege e salva. Os primeiros relatos do Israel principal de Deus em direção à Terra Prometida misturaram promessas de fazer de Israel um poderoso poder militar com os da luta do Senhor em nome de Israel. Sem dúvida, a luta na fé provocou uma vitória sangrenta para os exércitos de Israel. Mas sempre houve uma forma paralela em que o medo, enviado de Deus, derrotou o inimigo sem derramamento de sangue (Gideon: Judg. 7). Mesmo na sangrenta batalha, Israel creditou Deus a colocar seu medo no coração do inimigo.

Essas passagens, como outras profecias posteriores, enfatizam o papel passivo de Israel. Deus mesmo é o libertador ativo. Slingers é literalmente "ardósia" (marg.). Isso faria um sentido mais consistente aqui. As pedras da argila serão usadas para caminhar em vez de jogar com intenção mortal. O sangue é uma emenda pobre do hebraico. O NEB faz isso: "Eles estarão bêbados", e são mais precisos. É uma imagem de seus espíritos altos e é positivo, não crítico.

Os versículos 14-16 têm o mesmo tempo no original e devem ser traduzidos como presentes. A segunda linha do v. 16 deveria ler "como o rebanho de seu povo". Os exilados terão a mesma parcela de graça que o resto do povo de Deus. O rebanho é uma figura que dominará os dois capítulos seguintes: os povos de Israel, considerados ovelhas e seus líderes (ou o Senhor) como seu pastor. É uma figura apropriada com uma longa história de uso no Antigo Testamento.

As pessoas salvas retornaram à sua própria terra como jóias brilhantes em uma coroa, cada um símbolo da graça e da glória de Deus. O versículo 17 exclama sobre a imagem justa do povo de Deus desfrutando a generosidade de sua terra. A celebração dos presentes de terras férteis e seus frutos com ação de graças e petição foi um elemento original do festival. Os tempos presentes devem ser continuados através deste versículo.

4. O Senhor providencia (10: 1)

> [1] *Peça chuva ao Senhor*
> *na estação da chuva da primavera,*
> *do Senhor que faz nuvens de tempestade,*
> *que dá aos homens chuva de chuva,*
> *a cada um a vegetação no campo.*

O último versículo do capítulo anterior fornece a ponte em pensamento. Alegou os frutos da prosperidade e da abundância. O imperativo aqui exige que a congregação reze pela chuva do Senhor. O dom da chuva era uma expressão importante de seu gracioso domínio sobre Israel.

A relação do festival com o ciclo da natureza já estava fixa antes de Israel assumir o festival sazonal dos cananeus no início de sua vida em Canaã. O festival é realizado no equinócio da queda. Na Palestina, isso ocorre no final do longo verão seco, apenas no momento em que as chuvas estavam previstas. Essas chuvas eram uma necessidade vital para a terra que não tinha outra fonte de água. Se não houvesse chuva, era uma catástrofe. Se as chuvas vieram como nuvens, eles trouxeram inundações destrutivas.

Os cananeus reconheceram o papel vital das chuvas para a agricultura. Eles acreditavam que o deus Baal trouxe a chuva. Eles tiveram rituais elaborados pelos quais tentaram garantir a bênção da chuva. Quando os israelitas ensinaram que o Senhor seu Deus era o Senhor da natureza e aquele que enviou a chuva, isso fez com que ele e Baal competiam para as atenções dos adoradores nesta área. Esta é uma parte do motivo da luta entre Elijah e os sacerdotes Baal (1 Reis 18: 41-46).

Era importante para o povo de Deus reconhecer que ele era a fonte de todas as coisas boas. Quando eles oraram por isso, uma prova de sua lealdade e compromisso com Deus estava no fato de que eles oravam por ele. A prova da verdadeira adoração de cada pessoa é encontrada na maneira como eles rezam quanto aos fundamentos e as catástrofes da vida. É um erro tanto para espiritualizar a religião que é considerado irrelevante para coisas tão mundanas.

A alegação é apoiada pela afirmação de que o Senhor é o criador das nuvens e da chuva. O significado é o Senhor, não um outro poder ou força. Esta polêmica continua pelo ataque ao culto falso e idólatra no v. 3 .

5. O Senhor cuida de Judá e José (10: 2-11)

A realeza do Senhor normalmente garante o bem-estar e é expressa através do seu rei designado em Sião. Esta passagem trata das soluções do Senhor para problemas que obstruem o bem-estar de Israel.

2 Para os terafins absurdos absurdos,
e os adivinhadores vêem mentiras;
os sonhadores contam falsos sonhos,
e dê um consolo vazio.
Portanto, as pessoas vagam como ovelhas;
Eles são afligidos por falta de um pastor.
3 "Minha raiva é quente contra os pastores,
e eu punirei os líderes;
porque o Senhor dos exércitos se importa com o seu rebanho, a casa de Judá,
e os fará como seu corcel orgulhoso na batalha.

Para melhor traduzir "mas". Em vez do reconhecimento do Senhor como doador de todas as coisas boas, a idolatria e a superstição abundam. Os reis como líderes das pessoas (pastores) eram responsáveis. Eles não conseguiram preencher seu papel.

Terafins são ídolos domésticos pequenos. Os adivinhos são adivinhos que usam muitos dispositivos para determinar o futuro. Os sonhadores são aqueles que produzem sonhos como profecias ou que interpretam sonhos. Todos estes são julgados como falsos profetas que induziram as pessoas em erro. O perigo dessas pessoas é duplo. Eles falam falsidades e despertam falsas esperanças. Mas também ensinam fé falsa. As pessoas colocam sua fé na magia e superstição e perdem a capacidade de uma fé pessoal no Deus verdadeiro.

Esta era uma questão básica na fé de Israel ao longo dos séculos. Os Dez Mandamentos começam com o chamado para adorar o Senhor sozinho excluindo toda adoração de ídolos. No entanto, a atração do culto pagão e idólatra continuou a ser um problema para o exílio. O reinado de Manassés, menos de meio século antes desta profecia, tinha visto a erecção de enormes ídolos na área do Templo (2 Reis 21: 3-7).

Os resultados da idolatria - a busca pela realidade das religiões nos lugares errados - levaram à confusão. As pessoas não encontraram unidade nem liderança. A figura da ovelha aparece novamente, mas no sentido negativo da confusão e da vagabundagem. Todo o v. 2 deve ser traduzido no passado. Aparentemente, ele se refere a uma situação histórica, provavelmente o período de Manassés e meados do século VIII, quando Amós e Oséias pregaram. O castigo do povo veio em baixa liderança ou falta de liderança. Faltava um pastor. Os reis de Israel, seja em Jerusalém ou em Samaria, eram sub-pastores de Deus para o seu rebanho. A prática da idolatria e da magia pelos reis e as pessoas significava que eles haviam falhado em suas responsabilidades e deixaram esta posição vaga.

A prática de rezar ao Senhor pela chuva é simbólica de uma compreensão de que toda a vida e todo o apoio vem dele. Para recorrer a terafins, adivinhadores e sonhadores, reflete descrença e desconfiança que corta o fluxo de energia espiritual que é tão necessário para a vida das pessoas e a regra de seus reis. O ritual do festival exige fé positiva ao mesmo tempo que adverte contra atos de descrença com ilustrações do passado.

O versículo 3 deve continuar no tempo passado. A ira de Deus inflamou-se contra tais pastores, e ele puniu os líderes. O destino dos últimos reis do Reino do Norte e de Manassés pode ser refletido neste versículo. Eles foram responsáveis por Deus, e ele os julgou em conformidade.

As palavras punem e se importam *para* traduzir a mesma palavra hebraica. Muitas vezes é traduzida "visita". A vinda de Deus e sua ação significam coisas diferentes para pessoas diferentes, dependendo de suas circunstâncias e sua relação com ele. A mesma "visita" é o castigo aos falsos líderes e os cuidados prometidos para o seu bando eleito. Isso sempre é verdade sobre a vinda de Deus. É um julgamento para alguns, a salvação para os outros.

O versículo 3 faz a distinção entre líderes e pessoas que é tão importante para os próximos dois capítulos. Deus depôs e puniu líderes, mas depois mudou-se para realizar pessoalmente o cuidado e a liderança diretos. Ele assume o rebanho confuso e errante, levanta moral, traz a unidade, para torná-los um povo efetivo, até um povo heróico.

> *4 Fora deles virá a pedra angular,*
> *fora deles a barraca da tenda,*
> *fora deles o arco de batalha*
> *para fora de cada régua.*
> *5 Juntos, serão como homens poderosos na batalha,*
> *pisoteando o inimigo na lama das ruas;*
> *eles lutam porque o SENHOR está com eles,*
> *e eles devem confundir os cavaleiros nos cavalos.*

Os versículos 3b-6a lidam com Judá. Os versículos 4-5 podem ser entendidos em tempo presente, indicando fatos de validade contínua. Se a data sugerida para esta passagem é correta, isso diz sobre coisas que Deus já havia feito para elas nas reformas do reinado de Josias. Tornaram-se novamente uma nação autoconsciente. O verso 4 pega palavras usadas para descrever os reis davídicos e a promessa de que o Messias viria de Judá. Isso continuou verdadeiro na medida em que um filho de Davi ainda está no trono.

O verso 5 mostra a restauração da autoridade e da proeza na batalha. O elemento chave é que a unidade de Deus e seu povo foi restabelecida: o Senhor está com eles. Por causa disso, não o tamanho do seu exército, eles ganham respeito e vitória.

> *6 "Eu fortalecerei a casa de Judá,*
> *e eu salvarei a casa de Joseph.*
> *Vou trazê-los de volta porque tenho compaixão deles,*
> *e eles serão como se eu não os tivesse rejeitado;*
> *Pois eu sou o Senhor seu Deus e eu responderei.*
> *7 Então Efraim se tornará como um guerreiro poderoso,*
> *e os seus corações serão felizes como com o vinho.*
> *Seus filhos devem vê-lo e se alegrar,*

seus corações se exultariam no SENHOR .
8 "Vou sinalizar para eles e reuni-los,
pois os redimi,
e eles serão tão antigos.
9 Embora os espalhei entre as nações,
ainda em países distantes eles devem se lembrar de mim,
e com seus filhos eles viverão e retornarão.
10 Vou trazê-los para casa da terra do Egito,
e recolhe-os da Assíria;
e os trarei para a terra de Gileade e para o Líbano,
até que não haja espaço para eles.
11 Passarão pelo mar do Egito,
e as ondas do mar serão feridas,
e todas as profundezas do Nilo secaram.
O orgulho da Assíria será reduzido,
e o cetro do Egito partirá.

A primeira parte de v. 6 resume o cuidado de Deus por Judá: fortalecerei a casa de Judá. A palavra é a mesma usada de um guerreiro ou de um herói. Ele reflete um comportamento, uma atitude e um estilo de vida diferentes, o que contrasta com o bandido desordenado de 10: 2 .

Esta seção agora se volta para o cuidado de Deus para Efraim (ver 9: 11s acima). Sua situação é diferente de Judá. O Reino do Norte foi invadido pelos exércitos assírios em 721 AC. A maior parte da população havia sido deportada e aparentemente espalhada por todo o Império Assírio. Um grupo pequeno fugiu para se tornar refugiado em Judá. Em contraste com o destino de Judá, quando foi exilado sob Babilônia em 586 AC , esses habitantes do norte aparentemente não conseguiram manter a vida comunitária. Nenhum relatório existe de sua vida no exílio nem há registro do retorno de qualquer uma dessas "dez tribos perdidas".

Apesar disso, a esperança de seu retorno e sua participação na comunidade de Deus foi mantida viva por profecias como essa. A primeira frase em v. 6 reflete a diferença em sua necessidade com a de Judá. Deus promete salvar e trazer de volta a casa de Joseph. Os tempos também são diferentes em que os imperfeitos dominam a cena aqui. Embora o tom ainda possa ser o do presente olhando para o futuro próximo, é mais provisório do que o outro.

As sentenças sobre a compaixão e a não rejeição são passados. A compaixão e a aceitação de Deus são fatos estabelecidos, não promessas tentativas. O propósito de Deus para Efraim é comparável ao de Judá. Seu espírito renovado e autoconciência são refletidos em vv. 7 e 12 com termos semelhantes aos de Judá. A ênfase nestes versículos é consistente com a da seção. O Senhor também é Senhor para eles (vv. 6d , 7d, 12a). A salvação para eles só pode ser uma no Senhor.

O tema do retorno que se tornou tão familiar para a profeia pós-xilica é usado pelos subornos do norte nesta profecia anterior (v. 8). Observe que a redenção é tratada como um fato realizado. Isso reflete a atitude de Deus em relação a eles, sua aceitação deles. O retorno dá manifestação externa do fato espiritual.

O versículo 9 estabelece uma reação positiva à punição e ao julgamento. Lembre-se é uma importante atitude e exercício espiritual. É particularmente enfatizado como necessário pelo livro de Deuteronômio: "Vocês se lembrarão do Senhor seu Deus" (Deuteronômio 8:18). As recompensas são as posses mais valiosas possíveis: a vida e o retorno, e para um povo que conheceu o exílio forçado e o status incerto, o valor mais alto: a unidade da família.

Os versículos 10-11 abordam temas litúrgicos e teológicos familiares relacionados ao êxodo do Egito e à ocupação da Terra Prometida. Mas eles são particularmente relevantes para esta situação e essa passagem. Os poderes a serem superados são o Egito e a Assíria, as duas potências mundiais daquele dia, que estavam diretamente no caminho do retorno e da extensão dos limites do reino. O objetivo dos repatriados é visto como Gileade e Líbano. Estas regiões ricas no norte da Palestina eram lógicas para o assentamento de pessoas que vieram originalmente de Efraim. Mas eles também se adequam à profecia que iniciou esta seção (9: 1-8) e à seção que a fechará (11: 1-3). O tema é consistente por toda parte.

A referência aos exilados no Egito foi um enigma para os intérpretes. No entanto, há indícios de que mesmo Salomão enviou soldados israelitas ao Egito em troca de carros. Certamente, nos séculos IV e IV, havia muitos lá como Jeremias 42-44e os papiros elefantinos testemunham.

Até que não haja espaço para eles é, literalmente, "e não estará cheio deles". O significado é que haverá espaço suficiente para todos, a impressão oposta do que é obtido com a tradução do RSV.

6. O Senhor fortalece o seu povo (10:12)

> *12 Eu os tornarei fortes no Senhor*
> *e se gloriarão em seu nome "*
> *diz o Senhor.*

O verso 12 fecha a seção com a mesma ênfase que 10: 3b , 6b . A nova força de Efraim, como a de Judá, estará no Senhor, suas exultações em seu nome, não em ídolos ou superstições. Ele será tudo e em tudo por eles. Isto, na Bíblia, é a imagem consistente do reino de Deus e da sua realização. Glory literalmente é "andar". É um contraste deliberado ao "andar de lado" em 10: 2 . As ações de Deus corrigirão os erros de líderes falsos e fracos.

7. Conclusão: A Conquista do Líbano e Basã (11: 1-3)

> *1 Abra suas portas, O Líbano,*
> *Que o fogo possa devorar seus cedros!*

[2] Wail, O cipreste, pois o cedro caiu,
pois as árvores gloriosas estão arruinadas!
Wail, carvalhos de Basã,
Para a floresta espessa foi derrubada!
[3] Hark, o lamento dos pastores,
Por sua glória é despojada!
Hark, o rugido dos leões,
Para a selva da Jordânia é desperdiçada!

Esta lamentação lírica ocupa os temas da destruição anunciada de Tire e Aram (9: 1-2). Nomes poéticos que eram símbolos de beleza natural e riquezas são usados. Ambas as terras eram maravilhas de campos e florestas para palestinos. A força destrutiva é o fogo (ver 9.4b), a forma clássica do julgamento direto de Deus (Amós 1-2). Um paralelo na figura e no idioma é encontrado em Jeremias 25: 34-38 .

Este lamento traz a seção para um círculo completo e estabelece a unidade eo significado do todo. O festival de outono, ao qual foram feitas referências repetidas nos comentários, que tem como um dos seus elementos o reconhecimento do dom de fertilidade de Deus, mas está sob o maior reconhecimento da santidade de Deus, que devora os símbolos dessa mesma fertilidade quando Eles estão no caminho de Deus. A fertilidade não era o objetivo e o significado do festival, como era freqüentemente nas celebrações pagãs. O reinado do Senhor sobre Israel eo mundo era o único tema digno. Tudo mais serviu o objetivo final de sua soberania.

V. O Pastor e os Pastores (11: 4-17)

A passagem é única neste livro. Ele contém duas instruções claras para que os símbolos proféticos sejam atuados (vv 4-6, 15-16). Estes são razoavelmente claros no sentido. Mas ambos são negativos em relação às pessoas e ao reino. Isso é estranho, já que o resto do livro tem tais porções negativas apenas como partes de unidades maiores que são positivas em propósito.

O vv. 7-14 relatam a atuação das instruções (vv. 7ac, 8b-9, 11b). Mas eles adicionam um apêndice (vv. 12-13) que parece não ter conexão com a ação simbólica. Aparecem dois novos elementos que não correspondem às instruções e que não se encaixam perfeitamente com a ação original. Um envolve duas equipes (vv. 7b , 10-11a, 14). O segundo conta da destruição de três pastores em um mês (v. 8). No entanto, todos os elementos mantêm a atitude negativa em relação ao reino, aos governantes e ao povo, sem esforços para ajustá-los ao resto do livro.

As muitas tentativas de intérpretes para encontrar uma aplicação apropriada para uma situação histórica em tempos pós-tempos não produziram nada que seja convincente. Os símbolos atuados, bem como as expansões, só fazem sentido em uma configuração preexilica. Eles são aqui interpretados em conformidade.

Um sinal agido por um profeta ocorre com bastante freqüência no Antigo Testamento. Caminho de Zedekiah (1 Reis 22:11), casamento de Oseias e filhos (Hos. 1-3), tabuleta de Isaías e filhos (Isaías 8: 1-4), jugo de Jeremias (Jeremias 27: 2) e

cidade de Ezequiel na areia (Ez., 4: 1-3) são alguns exemplos excepcionais. O oráculo agido teve o mesmo propósito e validade como uma "palavra de Deus" como a palavra falada.

Pode-se presumir que a figura do pastor do povo se refere ao rei ou ao Senhor. Mas também pode ser uma referência para ambos (como em Ezek. 34), onde a figura se move gradualmente de um para o outro. A compreensão de Israel sobre a posição dos reis davídicos se emprestou a essa ambivalência. O rei era o instrumento de Deus para o cumprimento de seus propósitos. Na verdade, o rei poderia ser chamado de filho de Deus (2 Sam. 7:14 ; Salmo 2: 7). Ele era ungido de Deus, seu messias.

1. O rebanho condenado ao abate (11: 4-6)

4 Assim disse o SENHOR meu Deus: "Sejam pastor do rebanho condenado ao abate. 5 Aqueles que os compram matam e ficam impunes; e aqueles que os vendem dizem: "Bendito seja o SENHOR , fiquei rico"; e seus próprios pastores não têm piedade neles. 6 Pois não tenho mais piedade dos habitantes desta terra, diz o Senhor. Eis que farei cair homens na mão de seu pastor, e cada um na mão de seu rei; e eles amarrarão a terra, e não livrarei de suas mãos ".

Na forma autobiográfica, o profeta conta como o Senhor o instruiu a se tornar um pastor de ovelhas preparado para o abate. Isso o traz em contato com homens que lidam regularmente com essas ovelhas: compradores que esperam matar as ovelhas, mas que não são punidos como uma pessoa que mata uma ovelha pode ser em outras circunstâncias; vendedores, que sem sentimentos para as ovelhas, felicitam-se por uma venda rentável; Pastores que cuidam das ovelhas até o momento do abate sem a sensação normal de um pastor por sua ovelha.

Um lugar de negócios de carneiro de carneiro coloca todo o quadro de ovelhas e pastores em uma luz grotesca e espalhafatosa. Por que o profeta deve representar este drama macabro? Os homens ao redor do lugar sabiam que sua ação era a palavra do Senhor (v. 11b).

O Senhor dá o motivo de suas instruções. Ele chegou a um ponto em sua relação com Israel no qual ele não terá mais piedade de seu povo (v. 6a). A graça e a eleição de Deus, que tornam possível a sua aliança com o seu povo e a sua vida nele, estão no fim. Não há motivo para esta cessação, mas as profecias do oitavo e do sétimo século fornecem ampla documentação para a culatra. Oséias foi instruída a nomear seus filhos "Não Pitied" e "Not My People" (Hos. 1: 6 , 9). Amós havia profetizado: "O fim veio para o meu povo Israel" (Amós 8: 2).

O julgamento de Deus toma a forma de abandonar o povo para a vontade arbitrária de seu rei, que também é chamado seu pastor. Nesta visão, o próprio reino era uma espécie de julgamento sobre as pessoas (ver 1 Sam. 8 ; 12). Porque é o próprio juízo de Deus, ele não os livrará.

2. O Pastor, os Pastores e os Staffs (11: 7-14)

7 Então fiquei o pastor do rebanho condenado a ser morto por aqueles que traficaram na ovelha. E peguei duas equipes; um que eu chamo Grace, o outro que eu nomeei Union. E eu cuidava da ovelha. 8 Em um mês destruí os três pastores. Mas fiquei impaciente com eles, e eles também me detestaram. 9 Então eu disse: "Eu não serei seu pastor. O que é morrer, deixá-lo morrer; o que deve ser destruído, seja destruído; e deixem que os que ficam devorem a carne um do outro. " 10 E peguei meu pessoal, Grace, e eu quebrei, anulando a aliança que fiz com todos os povos. 11 Então foi anulado naquele dia, e os traficantes das ovelhas, que estavam me observando, souberam que era a palavra do SENHOR. 12 Então eu disse a eles: "Se lhe parece certo, dê-me o meu salário; mas, se não, mantenha-os. "E pesaram como meu salário trinta siclos de prata. 13 Então o SENHOR me disse: "Ponha-o no tesouro" - o preço do senhor em que fui pago por eles. Então peguei os trinta siclos de prata e coloquei-os no tesouro na casa do SENHOR . 14 Então eu quebrei minha segunda União de funcionários, anulando a irmandade entre Judá e Israel.

A história é contada ao longo do estilo de primeira pessoa da autobiografia profética. No entanto, alguns deles parecem mais prováveis de se referir ao Senhor como palestrante do que ao profeta. Conforme mencionado acima, existem três temas diferentes que são difíceis de entender em um plano.

O quadro da passagem é o relato da obediência do profeta às instruções do Senhor. Ele se tornou um cuidador de ovelhas designado para o matadouro. Como tal, ele se misturou com os traficantes de ovelhas. Quanto tempo ele ocupou essa posição não é conhecido, ele cuida de registrar que ele cuidou da ovelha.

Os empregadores do profeta o observaram com cuidado. Eles conheciam seus motivos para assumir essa posição. Eles sabiam que era a palavra do Senhor que estava sendo atualizada diante de seus olhos. É de se esperar que o povo de Israel também o observou e que eles, também, reconheceram em seu comportamento estranho a palavra do Senhor. Pois esse era seu propósito. Certamente, a pregação do profeta deixou claro o significado do mercado de filmes para o abate. Quando as pessoas se identificaram com essas pobres ovelhas, a profecia teria cumprido o propósito.

Os versículos 12-13 contam o fim da história que vai além das instruções do Senhor. No final do período requerido, ele perguntou sobre o salário dele. Ele não tinha certeza de que ele seria pago. Os salários lhe pagavam trinta siclos de prata. Êxodo 21:32 lista isso como a compensação a pagar por uma lesão a um escravo. Seu valor relativo é desconhecido.

O Senhor instrui-o a lançar o dinheiro em um lugar no Templo. O original lê "a cerâmica", mas uma emenda muito leve faz com que leia o tesouro (ver Mal 3:10). Ele estava fazendo a obra do Senhor e o dinheiro pertencia ao Senhor.

Outro tópico é tecido nesta história que tende a tornar sua aplicação mais precisa. O palestrante tem duas equipes. O próprio uso da equipe poderia ser um símbolo de julgamento

Uma equipe é chamada de Graça ou mais especificamente, "Beleza". Em Zacarias 9:17, a palavra é traduzida "quão justo!" A exclamação é uma resposta à imagem de Israel como o rebanho do povo de Deus. A equipe simbolizava o propósito de Deus de ter todo o Israel como seu povo. Ele quebra esta equipe publicamente (v. 10). Aqui (e talvez em todos os versos sobre as equipes) o falante só pode ser o próprio Deus.

A quebra da equipe chamada Grace é explicada como anulação da aliança. Profetas anteriores como Oséias e Amós anunciaram o fim da aliança feita no Sinai e confirmadas muitas vezes em Canaã. Mas a aliança aqui é feita com todos os povos. Outras coisas nesta passagem apontam para o reino davídico. Se isso também for entendido como a aliança feita com David, é possível que o plural possa se referir aos vários países que se uniram no pequeno império de Davi. Através de Davi, eles também entraram em uma relação de vassal com o Senhor. Esta relação, com todas as suas obrigações mútuas, é liquidada nesta ação simbólica.

A segunda equipe é chamada de "bandas" ou União. É um plural e pode ser traduzido de forma abstracta como "Unidade". A unidade do povo de Deus é um tema importante na profecia e particularmente em Zacarias. Esta equipe também está quebrada. Isso simbolicamente representa a anulação da fraternidade entre Judá e Israel. Se isso for relacionado ao reino davídico, a referência seria a ruptura do reino em 926 AC , Jeroboão, encorajado pelo profeta Ahijah, levou dez tribos a separar-se do domínio de Roboão (1 Reis 11: 26-40 ; 12: 12ss. , Veja também 2 Reis 17: 21-23).

A adição do tema das equipes, então, aponta a aplicação da profecia atuada até o fim do Reino Unido. A interrupção do império de Davi foi possível porque Deus anulou as obrigações para com os povos que Davi conquistara, bem como os laços unificadores que continham norte e sul em Israel juntos. O rebanho condenado ao abate é o reino unido que terminou em 926 AC

Outra adição à conta é vv. 8-9 . Embora seja dito em primeira pessoa, eles também devem ser entendidos como falados pelo Senhor. A referência a três pastores (reis) destruídos em um mês testou a ingenuidade dos intérpretes para encontrar uma ocasião histórica apropriada.

Alguns que consideram que o livro inteiro é muito tarde identificam estes como os três sumos sacerdotes maccabeanos que seguiram Onias III: Jason, Menelaus e Lysimoches. Outros identificaram o período como pouco antes do exílio em 586 AC e os reis como Joaquaz, Joaquim e Joaquim. Outros pensaram em um período próximo ao fim do Reino do Norte, cerca de 730 AC , e os reis como Zacarias, Shallum e Menahem. Recentemente Otzen, de acordo com as outras evidências apontando para o Reino Unido, sugeriu Saul, David e Salomão.

Todas essas interpretações tiveram problemas com um mês. A referência histórica permanece obscura.

O profeta chamado para pastorear o rebanho condenado ao abate é mais provável que tenha vivido no período imediatamente anterior ao exílio de 587 AC. O tratamento que ele recebeu mostra muitos paralelos com Jeremias. A interpretação negativa básica da atitude de Deus em relação ao seu povo se encaixa nesse tempo. As equipes Graça e União parecem ser um olhar histórico atrasado no período do Reino Unido, enquanto a

destruição dos três pastores (v. 8a) desenha a aplicação de volta ao período preexilic imediato. A referência mais provável é para Jeoiaquim, Joaquim e Zedequias (ver 2 Reis 24).

3. O Pastor sem valor (11: 15-17)

15 Então o SENHOR me disse: "Tirei uma vez mais os utensílios de um pastor sem valor. 16 Pois assim, estou levantando na terra um pastor que não se preocupa com a perência, nem procuram a vagar, nem curar os mutilados, nem nutrir o som, mas devora a carne dos gordo, arrancando até os cascos. .

17 Ai do meu pastor sem valor,
Quem deserta o rebanho!
Que a espada fure seu braço
e seu olho direito!
Deixe seu braço ser totalmente seco,
seu olho direito totalmente cegado! "

Um segundo sinal profético é prescrito. O profeta deve assumir o papel, a roupa e as ferramentas de um pastor sem valor. Sem valor também pode ser denominado "tolo". O que essas evidências são não é dito. Talvez eles sejam obviamente inadequados para as tarefas a serem realizadas. Sua falta de habilidade observável é suficiente para o sinal.

Esta ação indicará que o Senhor está instalando um pastor (um rei) que não faça as tarefas mais elementares do pastor: cuide do perecer, procure o vagabundo, cure os mutilados ou alimente o som. Pelo contrário, ele usa sua posição para viver à custa da ovelha.

Este sinal leva a idéia do reino de Israel como um julgamento um pouco mais. Destina-se a apontar para um rei específico que trará este processo para um clímax. A ênfase, mais uma vez, o vincula claramente com o sinal profético anterior, indicando que ele vem do mesmo período. Neste caso, o pastor sem valor é Zedequias, o compromisso, vacilante e último rei de Judá. Os ataques de Jeremias e Ezequiel sobre Sedequias são importantes paralelos (Jeremias 24: 8-10 ; 29: 16-19 ; 27: 12-15 ; 34 ; Ez. 17 ; 19 ; 21: 30-32 ; e talvez outros) .

Este capítulo apresenta uma imagem do reino israelita que se estende por toda a sua história. Ele toca as crises de 926, 721, 597 e 587 AC. Ele apresenta o reino como simultaneamente constituído pelo Senhor pelo bem de seu povo e como um meio de julgamento sobre eles. Ao longo de sua imagem devastadora de fracasso e julgamento, ela ainda mantém os ideais do rei davídico. O versículo 16 reflete esses ideais, mesmo que descreva o contrário no rei reinante. Nesta visão dupla, o capítulo é semelhante ao julgamento do historiador de Deuteronômio (1 Sam.-2 Kings).

O signo é clímaxado por uma terrível maldição pronunciada contra o pastor sem valor, que deserta o rebanho. Se isso realmente se destina a Zedequias, a referência poderia ser ao deixar a cidade sitiada de noite, em vez de abandoná-la (2 Reis 25: 4). A maldição

foi cumprida. O julgamento de Nabucodonosor sobre ele por sua rebelião foi a morte de seus filhos e a perda de sua visão (2 Reis 25: 7).

Uma outra passagem no livro de Zacarias é um paralelo próximo ao v. 17 . São 13: 7-9 . Parece pertencer ao mesmo período, consulte os mesmos eventos. Eles podem ter sido parte de uma única profecia.

As referências de pastores em Zacarias são, portanto, muito complexas. O Senhor é o pastor de Israel (10: 3b e, por implicação, 13: 9b). Os reis são retratados como pastores ruins ou sem valor e Israel como um rebanho de sofrimento (10: 2b ;11: 6b , 16). Os reis são retratados como julgados (10: 3a ; 11: 8a ; 11:17 ; 13: 7); as pessoas são retratadas como punidas pelos reis que são instrumentos do Senhor (11: 6 , 16). As pessoas são punidas e testadas pela destruição do rei (13: 7b-9a). Deus julga o reino como tal (11: 7b , 10, 14 ; talvez também v. 9). Outras passagens apresentam os temas messiânicos davídicos de uma maneira muito positiva.

Se as seções principais desta parte do livro (9: 1-11: 3 ; 12: 1-13: 1 ; 14) mostram as maneiras pelas quais Deus trabalha com Israel por períodos de guerra e violência para atingir seu objetivo para ela, Talvez essas seções negativas (11: 4-17 ; 13: 2-9a) sejam incluídas para ilustrar o julgamento sobre Israel, que é mencionado nas outras contas (10: 3 ; 12: 2 ; 14: 2 , 14a , 17-19).

Era tradicional na celebração do rei de Sião que o rei e o reino fossem julgados pela provação Salvação e a vitória não viesse até que tivessem sobrevivido com a graça de Deus esse teste. Este ato de indulto foi uma reconfirmação das eleições. Este elemento de julgamento e punição no ritual real tornou-se amarga realidade histórica para Israel e Zion nas catástrofes de 926, 721, 597 e 587 AC. O elemento está presente em cada um dos três rituais proféticos registrados nesses capítulos, todos os quais pertencia ao festival real, o Festival dos Estandes, em Jerusalém. Estas seções mais extensas sobre os pastores devem ser identificadas com este elemento do ritual e interpretadas em conformidade.

VI. A Palavra do Senhor sobre Israel: Judá e Jerusalém (12: 1-13: 9)

A abertura da passagem é paralela à de 9: 1 e Malaquias 1: 1 . As nações aparecem nesta seção, mas a atenção é sobre Israel. A referência às nações é geral, em vez de específica ou listada como em 9: 1ff.

A passagem é complexa e evidencia a presença de vários fios de várias vertentes. Essas vertentes são marcadas por diferenças na ênfase, na gramática e, em certa medida, na visão da atitude de Deus em relação aos tempos.

Jerusalém está enfaticamente no coração de 12: 1-13: 1 . Isso é semelhante no capítulo 14 , mas diferente dos capítulos 9-11 . Mas Jerusalém está relacionada a outros temas de forma diferente. O Senhor, Jerusalém e as pessoas são temas dominantes em 12: 2a, 3 , 9 , que também são gramaticamente distintivos (veja abaixo). Jerusalém e Judá são de preocupação central em 12: 2b , 4b-7, enquanto a casa de Davi (a dinastia real) e Jerusalém ocorrem em 12: 7-13: 1 .

Um elemento comum através desta passagem é a frase "naquele dia". Ele se refere a um momento específico. Aqui é o tempo da ação de Deus descrita em 12: 2 . As duas últimas seções (13: 2-6 e 13: 7-9) também centram "naquele dia".

Enquanto os capítulos 1-8 viram o grande ato de Deus marcando a nova era como o retorno e a construção do Templo, e os capítulos 9 a 11 viram na vinda do rei de Sião, que fala paz para as nações, os capítulos 12 e 14 anunciam como a reunião das nações contra Jerusalém e sua libertação posterior.

A data e a autoria desses capítulos são muito difíceis de determinar. Eles se encaixam numa tradição de profecia que vai de Isaías a Daniel. Eles evitam referências históricas específicas e não mencionam eventos datáveis nem pessoas identificáveis. Eles são capazes de se aplicar a vários períodos históricos desde o cerco de Jerusalém em 587 AC até o período dos Macabeus em 165 AC. Seja qual for o tempo de sua origem, eles foram, sem dúvida, aplicados em vários momentos, como continuaram no Judaísmo e em Cristandade.

Parece que não há motivo para namorar nenhuma parte desses capítulos (exceto possivelmente 13: 7-9) antes dos primeiros oito capítulos do livro. Nem há nenhuma razão decisiva para que eles não pudessem ter alcançado sua forma atual no final do sexto ou na primeira metade do século V AC. Eles pertencem à grande parte do Antigo Testamento que foi moldada no período pós-exilic . Por falta de informações históricas precisas sobre o desenvolvimento religioso dos tempos, eles só podem ser localizados e datados de maneira muito geral e relativa. A falta de tal, no entanto, não prejudica o seu significado ou importância.

A forma literária da seção ajuda a determinar algo sobre a forma como ela surgiu. Após o anúncio de abertura começando com "Lo" em 12: 2 , vv. 3 e 9 começam com palavras que, traduzidas literalmente, são: "E será nesse dia". Esta é uma forma sintática típica de muitas passagens proféticas que tratam do dia da intervenção do Senhor. Também o tema desses versículos é consistente com o Senhor, Jerusalém e os povos. Eles fornecem o núcleo do capítulo em torno do qual as outras seções se cristalizaram.

O resto dos dois capítulos (exceto 13: 7-9) usa "naquele dia" em cada uma de suas profecias, mas sem a conjunção correlativa e o verbo que a precede. Esses oráculos contêm três centros temáticos diferentes. A relação de Judá com o destino de Jerusalém domina os 12: 2b e 4b-7. O lugar da casa davídica no destino de Jerusalém é o coração de 12: 7-13: 1 . A passagem 13: 2-6 , que está ligada ao tema geral "naquele dia", não está relacionada com o destino de Jerusalém. Aparentemente, pega e expande o tema da "limpeza" de 13: 1 .

A última passagem (13: 7-9) parece ser uma profecia independente, distinta da passagem da prosa antes e depois da sua forma poética e tema diferente.

1. Jerusalém, Judá e os povos (12: 1-6)

Um Oracle

1 ***A palavra do SENHOR EM relação a Israel: Assim diz o Senhor, que esticou os céus e fundou a terra e formou o espírito do homem dentro dele:*** ***2*** ***"Eis que estou a***

ponto de fazer de Jerusalém um cálice de todos os povos ao redor; Seria contra Judá também no cerco contra Jerusalém. [3] ***Naquele dia, farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; Todos os que levantarem se machucarão gravemente. E todas as nações da terra se unirão contra ela.*** [4]***Naquele dia, diz o Senhor, irei a todos os cavalos com pânico, e seu cavaleiro com loucura. Mas, na casa de Judá, abrirei os meus olhos, quando eu atacar todos os cavalos dos povos com cegueira.*** [5] ***Então os clãs de Judá dirão a si mesmos: Os habitantes de Jerusalém têm força pelo SENHOR dos exércitos, seu Deus.***

[6] ***"Naquele dia, farei dos clãs de Judá como um pote ardente no meio da madeira, como uma tocha flamejante entre as galinhas; e devorará à direita e à esquerda todos os povos ao redor, enquanto Jerusalém ainda será habitada em seu lugar, em Jerusalém.***

Um Oráculo: a palavra do Senhor foi tratada sob 9: 1 . Isso é exatamente paralelo. No que diz respeito a Israel, no entanto, dá à passagem uma perspectiva diferente. Israel, embora não seja mencionado novamente no capítulo, deve ser entendido em seu sentido teológico ou ritual específico, como o povo eleito de Deus como distinto das nações, os pagãos. Isso marca uma palavra que se aplica à congregação presente no momento da fala. Ele também coloca a mensagem no contexto da aliança do Sinai. Isto faz com que ele se aumente com a maior parte da seção que introduz, uma vez que se concentra mais em Jerusalém e a aliança com Davi. Apenas 13: 7-9é, estritamente falando, claramente com base na aliança do Sinai. Começa com julgamento sobre o rei e um retorno às condições da aliança anterior.

Uma segunda fórmula marca o que se segue como uma expressão direta do Senhor apresentada por seu mensageiro. O Senhor é identificado como o grande criador em linhas híbridas que relembram Amós 4:13 e 5: 8ss. É particularmente próximo de Isaías 42: 5 . A parte do Ano Novo do Festival dos Cabos celebrou a criação do mundo do Senhor e o estabelecimento do seu trono sobre as inundações no início dos tempos (ver Salmos 95; 96 , etc.). O Senhor, que governou o princípio, também governa o mundo dos homens e traz a história ao seu clímax.

Ele convoca toda a congregação para observar o que está fazendo. Make é literalmente "constituir ou ordenar". Toda a frase chama a atenção para algo que está acontecendo: "Eis-me constituindo Jerusalém como um copo de bobo". A ação diz respeito ao lugar que o Senhor está atribuindo a Jerusalém neste evento dramático

Jerusalém desempenha o papel principal. O que ela é e se torna relacional a todos os povos. Estas não são tantas unidades políticas ou geográficas como em 9: 1-8 . São todos os grupos étnicos do mundo.

Um copo de bobagem usa palavras não encontradas em outras partes do Antigo Testamento. Mas a figura é familiar como símbolo da ira e do juízo do Senhor contra os injustos e os ímpios (Hab. 2:16 , Salmo 75: 9), contra Edom (Jeremias 49:12 , Lam. 4:21), contra Judá e Samaria (Eze. 23: 32ss), e contra os povos (Jeremias 51: 7 ; Obad 16). Isso significa que Jerusalém se torna o instrumento ou a ocasião através da qual a ira de Deus nos povos se realiza.

Uma frase paralela é usada na v. 3 . Deus constituirá Jerusalém como uma pedra pesada, literalmente uma "pedra de levantamento", para todos os povos. Quando eles tentam levantá-lo, eles serão gravemente feridos. Mais uma vez, em uma redação semelhante em 12: 9 , o Senhor anuncia que seu propósito é tentar "destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém".

Esses três lugares do capítulo são exatamente paralelos na gramática, no tema e nos conteúdos. Eles formam o núcleo ao qual outras partes foram reunidas. São exemplos de uma tradição muito antiga que as nações se reunirão para sitiar a Sião, a cidade de Deus, e que o Senhor os derrotará (cf. Salmos 46 ; 48 ; 76 ; Isaías 8: 9ss .; 17 : 12-14 , Joel 2: 1-20), fazendo com que o pânico se espalhe entre eles (Salmos 48: 6 f .; 76: 6 f.).

Em uma espécie de teofania, a congregação é chamada a ver Deus preparando o cenário para um julgamento no qual os povos serão reunidos, testados e destruídos em Jerusalém. A imagem é antiga. Este símbolo grande e familiar está se tornando realidade.

Mas há outro elemento entretecido com esta imagem. Ele tenta determinar o papel de Judá no drama. Isso não faz parte das formas mais antigas desta imagem. Mas Jeremias e Ezequiel são testemunhas do papel que ela vem a desempenhar nos séculos VI e VI. O fato de que este elemento aparentemente tenha sido tecido em um texto já existente às vezes dificulta a compreensão.

A segunda parte do v. 2 é introduzida com a partícula "também" que o RSV infelizmente colocou mais tarde na frase. Através dele, a adição está claramente marcada como tal. Este verso descreve um cerco, um detalhe não mencionado na primeira parte. Ele assegura que Judá é notado ao lado de Jerusalém como o destinatário da ação do povo e, assim, como um ser salvo pela intervenção do Senhor. A adição realmente teria sido mais suave e mais fácil de entender depois da v. 3,onde a figura do cerco já está presente.

Em v. 4, uma segunda menção de Judá está relacionada com o motivo da cegueira. Na primeira forma, relacionava-se aos cavalos do inimigo. É invertido a falar da conversão de Judá. Deus abrirá os olhos *em* Judá, ou seja, olhá-los com graça. Ele exigirá o reconhecimento de que a verdadeira força de Jerusalém é o Senhor dos Exércitos, seu Deus.

Alguma tensão entre Jerusalém e Judá existiu desde o tempo em que Davi fez Jerusalém sua cidade. Os príncipes da cidade da capital eram principalmente da antiga população jebuseus, agora leal a David. Jerusalém tornou-se "a cidade de Davi", mas não foi necessariamente pensado como uma das cidades de Judá.

Algumas dessas diferenças de atitude em relação a Jerusalém podem ser vistas em contraste com a atitude de Isaías em relação a Jerusalém, a sua casa e a atitude de Mica, que representavam aqueles que estavam fora da cidade. Essas diferenças tornaram-se marcadas na época de Josias, quando o rei chamou seu apoio principalmente do "povo da terra" e não dos príncipes da cidade. Continuou a ser uma questão aguda, como mostram as profecias de Jeremias e Ezequiel.

No período pós-dia, a preeminência da cidade tornou-se ainda mais pronunciada. Sua importância em matéria de autoridade religiosa, bem como seu significado político como centro provincial para a autoridade persa, afiou alguns desses sentimentos.

Nenhuma parte deste capítulo desafia essa preeminência. Mas as seções de Judá tentam assegurar o reconhecimento e o lugar de Judá em relação a Jerusalém. Essa ênfase é única no Antigo Testamento.

Quando o Senhor abrir os olhos em benção sobre Judá (v. 4), ela reconhecerá que a força e autoridade dos Jerusalém é dada pelo Senhor dos exércitos, seu Deus. Não há nada mágico ou místico sobre a cidade. O seu significado está em Deus e na escolha da cidade para servir o seu propósito. Portanto, a relação de Judá com Jerusalém deveria ser determinada pela relação com o Senhor.

A profecia desse tipo muitas vezes contrasta o militarismo e os caminhos do Senhor. A dependência de cavalos e carros é um sinal de falta de fé no Senhor (Isaías 31: 1). Um tremendo aparelho militar de cavalos e carros é listado junto com o materialismo e a idolatria como razões pelas quais o Senhor rejeitou seu povo e isso contrasta com o ato do Senhor de exaltar Jerusalém (Isaías 2: 7). O ponto de vista estabelecido na lei vê o perigo em ter um rei por causa de sua dependência de construir seu número de cavalos e carros (Deuteronômio 17:16). O Senhor promete salvar Judá, mas não com cavalos e carros (Hos. 1: 7).

Os versículos 4-5 se encaixam nessa multa de pensamento. O guerreiro e invejoso Judá virá a ver que a força real de Jerusalém não está em suas fortificações nem em sua cavalaria, como ela pensou, mas simplesmente no Senhor dos exércitos, seu Deus. A fé no Senhor está em antítese da fé no poder e nas armas. "Não pelo poder, nem pelo poder, mas pelo meu espírito, diz o Senhor" (Zacarias 4: 6) foram as palavras que Zacarias recebeu para Zorobabel. Eles também se encaixam aqui.

A força é um texto original obscuro. Literalmente, é um substantivo que não ocorre em nenhum outro lugar do Antigo Testamento com uma partícula que, em conjunto, significa "eu tenho força". No entanto, todas as traduções anteriores trataram-no como um verbo e ignoraram a seguinte partícula ou a aplicaram para as seguintes palavras. O RSV manteve o substantivo, mas emendou a partícula.

As letras hebraicas podem ser lidas como um verbo com o significado de "drenar" um copo ou copa (ver Isaías 51:17 ; Ezequiel 23:34). Isso se ajusta à configuração dada na v. 2 . O versículo deve então ser traduzido: "Quando os clãs de Judá se disserem:" Eu vou drenar para mim os habitantes de Jerusalém (como uma xícara de vinho) pela ajuda do Senhor dos exércitos, seu Deus ".

Neste sentido, o versículo afirma a determinação de Judá, quer para derrotar Jerusalém ou destruí-la. É uma expressão de seu ciúme da posição privilegiada da cidade e da determinação de reafirmar suas próprias prerrogativas a favor do Senhor.

Se este é o significado das palavras difíceis no v. 5 , então eles devem ser interpretados com os olhos abertos na casa de Judá (v. 4) e com vv. 6, 7 , em que o Senhor reconhece alguma justiça na determinação de Judá.

O favor do Senhor a Judá abre o caminho para ela desempenhar um papel ativo como agente de julgamento contra as nações (v. 6a), mas Jerusalém não deve ser destruída (v. 6b). Judá será mesmo permitido a primeira vitória como contra-medida contra o possível orgulho excessivo em Jerusalém e na casa davídica. Tal orgulho custou a Roboão seu reino (1 Reis 12).

2. A Casa de Davi e Jerusalém (12: 7-13: 1)

7 "E, em primeiro lugar, o SENHOR dará vitória às tendas de Judá, para que a glória da casa de Davi e a glória dos moradores de Jerusalém não sejam exaltadas sobre o de Judá. 8 Naquele dia, o SENHOR colocará um escudo sobre os habitantes de Jerusalém, de modo que os mais fracos entre eles naquele dia serão como Davi, e a casa de Davi será como Deus, como o anjo do SENHOR , à sua cabeça. 9 E naquele dia procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém.

10 "E derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém espírito de compaixão e súplica, de modo que, quando olharem para aquele a quem perpassaram, eles lamentarão por ele, como alguém chora por um único filho , e chora amargamente sobre ele, como se lê sobre um primogênito. 11 Naquele dia, o luto em Jerusalém será tão grande quanto o luto por Hadadrimmon na planície de Megiddo. 12 A terra deve lutar, cada família por si só; a família da casa de Davi por si só, e suas esposas por si só; a família da casa de Nathan por si só, e suas esposas por si só; 13 a família da casa de Levi por si só, e suas esposas por si só; a família dos ximeites por si só, e suas esposas por si só;14 e todas as famílias que são deixadas, por si só, e suas esposas por si só.

1 Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e os habitantes de Jerusalém, para limpá-los do pecado e da impureza.

Esta passagem continua a ênfase em Jerusalém (v. 9) e em Judá (v. 7). Mas aqui é introduzido um terceiro elemento dominante: o papel da dinastia davídica. Com isso, a complexidade do capítulo está completa.

A primeira menção da casa de Davi (v. 7) simplesmente fala disso ao lado dos habitantes de Jerusalém, de frente para os judeus. No v. 8, a declaração principal é sobre os Jerusalém. Entre eles, a casa de David, isto é, a realeza, ainda é considerada a mais alta e a mais nobre da população. No dia da vitória de Jerusalém, o menor e o mais fraco da população terá o status de realeza. A casa davidica será ainda maior. A população verá seus membros como sendo como Deus. A palavra "Deus" em hebraico é um plural.

Isso também pode significar seres sobrenaturais, ou anjos. Isto aparentemente seria o sentido aqui como a próxima frase mostra, como um anjo (ou mensageiro) do Senhor de frente para eles. O verso indica uma escalada de status e valor pessoal para todos, desde o mais baixo até o mais alto em Jerusalém. Diante disso, Judá deve ter sua posição garantida por sua vitória anterior.

O verso 9 representa o elemento original de Jerusalém no capítulo e é explicado acima com vv. 2, 3 .

Três declarações básicas sobre a casa de Davi aparecem nesta passagem (12: 8 , 10 ; 13: 1). Eles são paralelos de várias maneiras.

O Senhor prometeu colocar um escudo sobre os habitantes de Jerusalém. Este símbolo do trabalho salvador de Deus está emparelhado com seu ato de salvação, traduzido para dar vitória (v. 7). As duas palavras são encontradas no mesmo contexto em 9: 15-16 . A tela protetora do cuidado do Senhor faz com que todos os habitantes permaneçam altos e ótimos.

A segunda promessa é derramar. . . um espírito de compaixão e súplica sobre eles (v. 10). As palavras compaixão e súplica são da mesma raiz "para ser graciosas". O espírito aqui provavelmente deve ser entendido como dando-lhes uma disposição para ser misericordioso e para buscar esse favor.

A implicação é que Jerusalém e a casa davídica não são normalmente assim. Isso se encaixa na implicação em versos anteriores de que Deus precisava tomar medidas especiais para restringir essa tendência em relação a Judá. O espírito de Deus na cidade, seus habitantes e governantes, os torna misericordiosos com os outros e capazes de orar pela graça de Deus por si mesmos.

O corolário do dom de Deus de um espírito gracioso está na v. 10 . O versículo tem sido difícil de entender desde os primeiros tempos, como as variações nas versões testemunham. No entanto, o texto original não mostra sinais de mudanças na transmissão. Lê literalmente: "e eles olharão para mim, a quem eles tenham perfurado (ou morto), e eles devem lutar por ele como luto por um único filho".

O problema reside na mudança de pessoa, eu para ele. Algumas das versões mudaram o "eu" para "ele" e assim se livraram do problema (como aparentemente é o caso do texto lido por João 19:37). Embora isso torne a tradução possível, não facilita a compreensão do que o autor quis dizer neste contexto. Alguns intérpretes entendem isso como uma referência à morte de Josias (2 Reis 23: 29-30). Outros viram uma referência às cerimônias do servo-rei que sofreu no ritual de Jerusalém e tiraram o significado messiânico dele. Nessa configuração, no entanto, nenhum desses se encaixa na passagem. Certamente, nem se encaixa na leitura original literal.

Jones (TBC , p. 162) deu uma interpretação que faz justiça à tradução literal e ao contexto. A frase "olhar para mim" é freqüentemente usada no Antigo Testamento para oração (ver Isaías 22:11 , Salmo 34: 5). O contexto exige "eu" referir-se ao Senhor, que é o falante nas linhas anteriores.

Aonde eles foram perfurados é introduzido no original com uma partícula indicando o caso acusativo. Esta primeira partícula também pode significar referente, em relação a, etc. Em caso afirmativo, a cláusula deve ser traduzida, "em relação ao único (ou aqueles) a quem eles mataram". Os únicos no contexto que podem merecer tal preocupação e a oração seria os soldados judaicos que haviam sido mortos pelos povos atacantes em defesa de Jerusalém.

Assim, o verso deve ser lido: quando eles me parecem (em oração) "em relação" (aqueles) a quem eles (as nações) penetraram (isto é, soldados de Judá), eles devem lutar por ele (um coletivo).

O significado do v. 10 é que Deus derramará sobre Jerusalém e seus governantes um espírito tão humilde que eles estarão prontos para rezar pela libertação, em vez de depender de seus próprios braços ou eleger o status. Nessa condição, eles poderão reconhecer sua dívida com seus aliados que lutaram por eles. Por conseguinte, organizarão um período adequado de luto nacional, um luto que será pelo menos tão intenso e sincero como um para perda pessoal grave ou o luto ritual mais solene.

Somente crianças e primogênitos são significativas em seu sentido literal. No entanto, eles também eram palavras freqüentemente usadas nas cerimônias pagãs do luto sobre a morte do deus Baal. No v. 11, tais cerimônias de luto são comparadas com o luto que se espera em Jerusalém. Hadad-rimmon era um deus aramaico-babilónico de trovão e chuva (2 Reis 5:18). Ele apareceu como um touro e como andando sobre as nuvens. Ele estava intimamente relacionado com o deus canaico Baal. Como um deus da vegetação, ele foi chorado como morto nos meses secos do verão. O paralelo aqui é usado apenas como comparação e não tem outro significado.

A planície de Megiddo é o lugar onde Josias morreu (2 Reis 23:29) e também é o lugar do Armagedon (Apocalipse 16:16). Encontra-se no norte da Palestina e era uma cidade fortificada que guardava um importante passe na principal rodovia norte-sul. Esta referência sugere que também foi um centro de culto para a adoração de Hadad-rimmon. A adoração desse tipo poderia ter sido conhecida por Israel nos tempos mais antigos. Mas também é apropriado para a situação naquela parte do país após 721 AC

No período de luto nacional, os grupos são divididos por família e sexo para os ritos de luto. Os principais elementos da elite de Jerusalém são mencionados. Ainda não existiram essas famílias no período que se aproxima do exílio. Eles podem simplesmente ser usados simbolicamente, recorrendo aos principais grupos associados a nomes importantes desde o tempo de David e Solomon.

A terceira promessa sobre Jerusalém e a casa de Davi (13: 1) é de uma fonte aberta para eles. O texto original é mais abrupto e conciso do que a tradução do RSV, embora o sentido seja o mesmo. Literalmente, é simplesmente uma fonte "para o pecado e para a impureza".

Jerusalém conheceu sua parte da idolatria radical sob os reis no século VIII, sob Manassés, e novamente sob Zedequias. Ezequiel retratou os extremos a que caiu e lembrou que era originalmente uma cidade pagã cuja população continuava a viver com os israelitas (Eze. 16: 3).

Há poucas dúvidas, porém, que os judeus culparam Jerusalém pelos males da terra, especialmente pelas invasões dos babilônios em 597 e 587 AC. Um grande problema para eles teria sido a necessidade de limpar a cidade de sua culpa em apostasia e idolatria.

3. Limpeza da Idolatria (13: 2-6)

2 ***"E naquele dia, diz o SENHOR dos exércitos, cortarei os nomes dos ídolos da terra, para que não sejam mais lembrados; E também retirarei da terra os profetas e o espírito imundo.*** ***3*** ***E, se alguém aparecer novamente como profeta, seu pai e sua mãe, que o levaram, dir-lhe-ão: "Não vivas, porque falas mentiras em nome do SENHOR "; e seu pai e mãe que o aborrecerão o atravessarão quando ele profetiza.*** ***4*** ***Naquele dia, todo profeta se envergonhará da sua visão quando profetiza; ele não colocará um manto peludo para enganar,*** ***5*** ***mas ele dirá: "Eu não sou um profeta, sou um leme do solo; pois a terra tem sido minha possessão desde a minha juventude.*** ***6*** ***E se alguém lhe perguntar: quais são essas feridas nas costas? ele dirá: as feridas que recebi na casa dos meus amigos. "***

A declaração básica aparece na v. 2 . As ações de Deus naquele dia incluirão erradicar a idolatria. O poder pernicioso e destrutivo da idolatria é difícil para os modems conceberem. Se alguém pensa em sua influência total em termos impessoais como o secularismo, etc., pode-se ter uma idéia disso. O aumento do interesse hoje em coisas ocultas pode dar aos cristãos do século XX ocasião para lutar contra uma idolatria moderna, com várias formas de magia, misticismo sensual, espiritualismo e horóscopo. Este Israel experimentou ao longo de sua história. As leis contra isso são as primeiras no decálogo. É inimigo do amor e da devoção ao Senhor, pois seduz para todos os outros pecados.

Incluídos com a idolatria são os profetas e o espírito impuro. O espírito imundo é exatamente o oposto do "Espírito Santo".

Os versículos 3-6 descrevem um momento em que tal profecia é completamente desacreditada (paralela ao esquecimento dos nomes dos ídolos). O versículo 3 diz aos pais que matarão seu próprio filho por ser um profeta (ver Deuteronômio 13: 9). Devemos notar que estes não são simplesmente "falsos profetas" ou profetas otimistas no sentido do Antigo Testamento. Estes são, na verdade, homens ao serviço do inimigo de Deus, um espírito estrangeiro, que levaria as pessoas a uma adoração falsa e impura.

Os versículos 4-6 retratam a total perda de respeito que caiu sobre esse tipo de profeta. Ele não usará a roupa de sua guilda e até mesmo nega qualquer conexão com ela. As feridas provavelmente se referem ao tipo recebido em cerimônias orgiásticas, como os profetas de Baal que se lamentaram durante suas orações frenéticas (1 Reis 18:28). Em outras ocasiões, eles podem ser feridas para se orgulhar. Mas agora eles são encolhidos de ombros, sem um significado particular.

Estes versos expandem o tema da limpeza da terra que apareceu pela primeira vez em 13: 1 . Eles formam um tipo de apêndice para 12: 1-13: 1 . Um apêndice semelhante segue em 13: 7-9, mas com um tema diferente.

4. O Rebanho Sem Pastor (13: 7-9)

7 *"Desperte, ó espada, contra o meu pastor,*

contra o homem que fica ao meu lado, "
diz o SENHOR dos exércitos.
"Golpeie o pastor, para que as ovelhas se espalhem;
Vou virar a mão contra os pequeninos.
8 Em toda a terra, diz o SENHOR ,
dois terços serão cortados e perecerão,
e um terço ficará vivo.
9 E colocarei este terceiro no fogo,
e aperfeiçoe-os à medida que se refina a prata,
e teste-os como o ouro é testado.
Eles chamarão meu nome,
e eu vou respondê-los.
Eu direi: "Eles são meus povos";
e eles dirão: O SENHOR é meu Deus. "

Esta seção poética é diferente do seu contexto. No tema e na forma poética é muito parecido com 11:17 e pode ter sido originalmente uma parte da mesma peça. No entanto, seu lugar atual não é acidental. Sua tendência anti-monárquica é muito próxima da dos Deuteronômios, esse movimento baseado no livro do Deuteronômio que encontrou o poder político no "povo da terra" e apoiou as reformas políticas de Josias.

A espada é convocada para executar o pastor do Senhor (cf. Salmos 22:21). Isso significa que o rei davídico que poderia ser visto como filho de Deus (2 Sam. 7:14 ; Salmo 2: 7) é confirmado pelas palavras que o homem que fica ao meu lado.

O julgamento do pastor implica ação contra o rebanho. O rei representa o povo diante de Deus. Eles estão identificados com ele. Com o colapso do poder dominante, as pessoas ficam indefesas e desamparadas. O pedido de julgamento sobre a casa do governo não pode fazer deles um bode expiatório para a responsabilidade das pessoas.

Em toda a terra define o escopo do julgamento. Isso pode ser visto como um julgamento sobre a casa davídica e o reino. Como no capítulo 11 , a realeza pode ser vista na história total do reino ou em termos de crise final em 587 AC. O corte pode ser uma referência a ser removido da terra. Este grupo perecerá. Se isso se refere às experiências dos exilados do Reino do Norte em 721 AC ou à remoção da população de Jerusalém e outros em 597 e 587 AC não é claro.

O terceiro que permanece como um remanescente será refinado pelo fogo. Este é um motivo freqüente (ver Mal. 3: 2). Poderia aplicar-se ao povo de Judá que permaneceu na terra quando tantos líderes de Jerusalém foram deportados. Seus problemas eram um processo de teste e refinação. Se esta passagem se refere a eles, documenta uma tendência oposta à de Ezequiel, que pregava que a esperança para o povo verdadeiro de Deus estava com os exilados na Babilônia, e não em Jerusalém (Ezequiel 4 , 18) .

Este remanescente testado e purgado adorará o Senhor sinceramente (ligue para o meu nome). Sua adoração trará resultados genuínos (eu responderei). O resultado será uma

restauração das relações verdadeiras e imperturbáveis previstas na aliança que o Senhor fez com Israel através de Moisés (Levítico 26:12 , Jeremias 11: 4 ; 30:22).

Nestas palavras, uma relação direta entre Deus e o povo é efetuada sem o rei davídico. Ele reflete a terra da situação que veio na reinstituição de Josias da aliança mosaica na forma exigida pelo Deuteronômio.

Toda a passagem sugere que o problema da casa real corrompida exige sua remoção. Reconhece os problemas e os custos que isso envolverá (ou envolveu), mas o acolhe como um meio para alcançar o objetivo final de Deus com Israel em fazê-la ser, no sentido mais completo, seu povo.

VII. O Rei de Toda a Terra (14: 1-21)

1. As Nações Reunidas para a Batalha (14: 1-2)

1 Eis que um dia do SENHOR virá, quando o despojo tirado de você será dividido no meio de você. 2 Porque reunirei todas as nações contra Jerusalém para a batalha, e a cidade será tomada e as casas saqueadas e as mulheres arrebatadas; metade da cidade vai para o exílio, mas o resto das pessoas não será cortado da cidade.

Lutz mostrou recentemente que o Senhor, Jerusalém e os povos aparecem em três configurações diferentes no Antigo Testamento. Um é como a cena em Zacarias 12: 1-8, que retrata a batalha dos povos contra Jerusalém (Joel 2: 1-20 , Isaías 8: 9 , 17: 12-14). Um segundo cenário é aquele em que a guerra do Senhor aos povos é central: 14: 1-3 e os capítulos 12-13 são deste tipo (Joel 4: 1-3, 9-12, 13f .; Ezek. 38 -39 ; Isa. 34: 1-8 ; Mic. 4: 11-13). Uma terceira forma retrata a batalha do Senhor contra Jerusalém (cf. Zeph. 3: 6-8 , Isaías 29: 1-8).

Estes versos pertencem claramente ao segundo formulário. Eles anunciam um próximo dia que pertence ao Senhor. A formulação não é futurista. Ele fala de algo que já está ocorrendo. Literalmente, diz: Eis um dia. . . está chegando que pertence ao Senhor. Esta linguagem se encaixa em um drama litúrgico ou em um sinal profético. Todo o capítulo é esquemático em vez de temporal ou histórico.

Que esse dia pertence ao Senhor é importante. Todo o capítulo se baseia em seu clímax no anúncio da realeza do Senhor na v. 9 . Cada parte deve ser interpretada a partir desse ponto de vista.

O v. 1 não está definido. Mas é claro na v. 2 que os habitantes de Jerusalém são significados. Os versículos 10 , 21 indicam que os habitantes de Judá devem ser incluídos.

A divisão do spoil contém em cápsula todo o conteúdo do capítulo. O sacrifício da cidade, o contra-ataque do Senhor, o seu real decreto do futuro de Jerusalém e do julgamento sobre as nações, e o estabelecimento de Jerusalém como centro de peregrinação universal para o culto ao Senhor como rei universal são entendidos nela.

Isso implica uma conclusão, uma liquidação de contas, depois que a batalha acabou. Isso implica uma decisão clara sobre o direito de dividir o despojo.

O lugar desse ato conclusivo está no meio de você, ou seja, em Jerusalém em si. Na verdade, Jerusalém e seus arredores são as cenas de cada parte do capítulo.

O caráter causal dado à v. 2 pelo RSV não é encontrado no original, nem a seqüência temporal observada no início do v. 3 . Estes fornecem descrições de detalhes que se encaixam na grande imagem do dia e na divisão do despojo.

O Senhor reúne todas as nações contra Jerusalém. A cena é descrita como uma batalha na qual a cidade é levada, saqueada e devastada. Metade da cidade é enviada para o exílio, mas a outra metade continua lá.

Desta forma, a cena de batalha está configurada. O Senhor provoca o encontro decisivo. Seus inimigos são todas as nações. O aspecto universal é claro. (Não são os países pequenos vizinhos dos capítulos 9-10 ou mesmo os grandes poderes de volta deles.) A tela é esticada tão larga como a história, assim como é tão larga quanto o cosmos em vv. 6-8 .

As nações procuram o último desafio para o Senhor, na medida em que revoltam e despojem o seu povo e a cidade que ele escolheu como habitação na terra. Isso ocasiona o "confronto" final que este capítulo descreve.

O livro dos Salmos mostra os vários motivos do festival real do Ano Novo em Jerusalém, que estão relacionados aos deste capítulo. Especialmente, os salmos que proclamam o seu reinado baseiam-se no fato de o Senhor ter estabelecido sua autoridade primeiro sobre todos os poderes divinos no céu, depois sobre os poderes do caos e da desordem através da sua criação do mundo e, finalmente, sobre os povos e nações da história. Israel e Jerusalém desempenham um papel decisivo na última fase. Este capítulo descreve uma parte da última frase do grande drama.

Embora essa imagem da cidade derrotada e saqueada tenha trazido lembranças horríveis para quem lê ou ouviu isso depois de 587 AC , não há tentativa de relacioná-la com essa destruição de Jerusalém. Nada é adquirido na interpretação ao tentar fazê-lo.

2. O Senhor Guerras Contra as Nações (14: 3)

3 Então o SENHOR irá e lutar contra essas nações como quando luta em um dia de batalha.

A ideia de que o Senhor está a lutar contra os seus inimigos é pelo menos tão antiga em Israel quanto a Canção de Deborah (Judg. 5: 4). Ainda estava muito vivo na grande cena de batalha em Habacuque 3:13 . O fator distintivo na imagem das nações que sitiam Jerusalém é a entrada do Senhor na batalha com todo o poder e superação da força que essas cenas anteriores apresentaram. Sua aparição na cena da batalha transforma a derrota negra em vitória.

O movimento para a batalha é retratado em termos de uma teofania como mostram os seguintes versículos. Outras passagens do Antigo Testamento falam em termos semelhantes quando não estão fazendo uma aplicação histórica (Salmos 46 ; 48 ; 76 ; Eze. 38s).

3. O Monte das Oliveiras Split (14: 4-5)

4 Naquele dia, os seus pés permanecerão no monte das Oliveiras, que fica diante de Jerusalém ao oriente; e o Monte das Oliveiras será dividido em dois de leste a oeste por um vale muito largo; de modo que metade do Monte se retire para o norte e a outra metade para o sul. 5 E o vale das minhas montanhas será parado, porque o vale das montanhas tocará o lado dela; e você fugirá enquanto fugiu do terremoto nos dias de

Uzias, rei de Judá. Então o SENHOR **seu Deus virá, e todos os santos com ele.**

A imagem da vinda do Senhor inclui um elemento incomum. O Monte das Oliveiras não ocorre frequentemente no Antigo Testamento. Mas há uma referência significativa. A glória do Senhor fica ali quando ele sai do Templo (Ezequiel 11:23). Mesmo as mesmas palavras (ficar na montanha ao leste da cidade) aparecem em ambos os lugares.

Se o profeta realmente conhece a profecia de Ezequiel, significa que ele retrata deliberadamente o retorno do Senhor como tendo a mesma rota que a sua partida. Mas então a imagem se move para descrever a montanha sendo dividida em dois de leste a oeste. Os terremotos são muitas vezes retratados como acompanhando o Senhor e sendo um sinal de seu poder, mas raramente são tão específicos em sua missão. Uma exceção é a mesma mencionada no próximo verso.

Um terremoto é uma característica comum da vinda do Senhor (ver Judg. 5 ; Ezequ. 38 ; Joel 4; Mic. 1 ; Hab. 3 ; Salmos 18 ; 46 ; 68). A imagem de Zacarias continua essa tradição. O uso do verbo dividido (ver Mic. 1: 4 ; Hab. 3: 9) é prova disso.

Mas, enquanto o terremoto geralmente é simplesmente um símbolo do terrível poder de Deus, tem uma função especial aqui para abrir um abrigo para os habitantes sobreviventes de Jerusalém. O motivo do terremoto foi misturado com o de um esconderijo nas rochas e cavernas (ver Isaías 2:10 , 19 de fevereiro).

O versículo 5 tem um problema especial. Uma palavra ocorre três vezes. O RSV traduz-se pela primeira vez como parado e as segundas e terceiras vezes fugiram. A tradução mais antiga traduz todos eles "parados". Duas das traduções de segunda geração sustentam a leitura hebraica dos três como "fugiram". O Targum traduz o primeiro "parado" e os dois seguintes como "fugiram". O RSV e os comentadores mais modernos seguiram o Targum.

O texto hebraico faz sentido: "E você fugirá para o vale das montanhas (isto é, entre as partes da montanha dividida). . . sim, você fugirá quando você fugir do terremoto. "A

cláusula que começa por ser difícil é explicar. A palavra no final é Asal e pode ser um nome de lugar para indicar o quão longe o vale se estendeu.

O terremoto é comparado com aquele nos dias de Uzias (2 Crônicas 26: 16ss. , Josefo, *Antiq.*, Ix.10). Nenhuma referência a tal terremoto aparece nos livros históricos, mas o terremoto mencionado em Amós 1: 1 e aquele que quebrou o altar em Betel (Amós 9: 1) caberia no período e na descrição dada aqui. Se esta identificação é correta, o fato de ser mencionado aqui traz consigo os conhecimentos de julgamento que acompanharam o terremoto em Amós.

A sequência de tempo mostrada até então (v. 5b) não é justificada pelo texto original. A vinda do Senhor é mais uma parte da imagem maior. Mas as várias partes não são mencionadas na ordem de sua ocorrência. Em todos esses eventos, a vinda do Senhor é a mais significativa. Os pronomes possessivos lêem literalmente: "O Senhor meu Deus". Todos os santos com você. "O RSV tentou suavizar essa aspereza como praticamente todas as outras traduções têm. Mas pode ser que o texto simplesmente tenha sido citado de um provérbio antigo, sem alterar os pronomes pessoais para esse contexto.

Os santos podem se referir a pessoas como sacerdotes ou adoradores (Deuteronômio 33: 3 ; Salmos 16: 3 ; 34:10 ; Dan 8:24). Em outros lugares aparentemente descreve anjos (Salmo 89: 6 , 8 ; Jó 5: 1 ; 15: 5 ; Dan 8:13). O último significado parece mais apropriado aqui.

Estes versículos, então, mostram o Senhor vindo a Jerusalém. À medida que seus pés tocam o Monte das Oliveiras, ele é dividido, deixando um barranco profundo que se torna um abrigo para pessoas que fogem de Jerusalém. Desta forma, o Senhor, a caminho da batalha com as nações, faz sua aparição com seus exércitos angélicos diante da cidade sitiada e saqueada.

4. Harmonia cósmica à medida que o Senhor se torna rei (14: 6-9)

6 Naquele dia não haverá frio nem geada. 7 E haverá um dia contínuo (é sabido para o Senhor), não dia e não noite, pois na hora da tarde haverá luz.

8 Naquele dia, as águas vivas fluirão de Jerusalém, metade delas para o mar oriental e metade delas para o mar ocidental; Continuará no verão como no inverno.

9 E o Senhor se tornará rei sobre toda a terra; naquele dia o Senhor será um e seu nome um.

A plenitude do reinado do Senhor é mostrada aqui naquela luz e o calor já não compartilham um lugar com seus opostos (Isaías 60: 1 , 11a , 19-20). As partes quentes do ano não compartilharão tempo com o inverno, nem o dia desaparecerá na noite (cf. Ap 21:25 ; 22: 5). Esta imagem, em muito o mesmo quadro, é levada ao seu cumprimento em Apocalipse 21 . Lá vem a nova Jerusalém, e a presença de Deus entre os homens acaba com as tensões da alegria - tristeza e vida - a morte. Em Apocalipse 22, a ênfase está no trono de Deus e seu reinado na nova Jerusalém. Do seu trono fluem as águas da vida. E eles levam à "cura das nações".

Os mesmos motivos são evidentes aqui. As águas vivas (v. 8) são literalmente "águas da vida". Mesmo a "vida" é plural, enfatizando a plenitude e a plenitude da vida. Este é um jogo de palavras, pois as águas vivas descrevem um fluxo fresco e fluido em contraste com uma cisterna de água coletada. Mas o significado aqui é muito mais as águas vivificantes.

Zacarias não desenvolve esse tema tanto como Joel (3:18), Ezequiel (47: 1-12) e João (4: 10-14 , 21-24), mas é reconhecidamente o mesmo. A presença governante vitoriosa do Senhor em Jerusalém significa uma unção de harmonia e vida para todos. As águas fluem em todas as direções, levando a metade a adoçar o Mar Morto (o mar oriental) ea outra metade para renovar o Mediterrâneo (o mar ocidental). Eles alcançam simbolicamente proporções universais. Eles não dependem das chuvas sazonais do inverno, mas fluem com igual vigor na seca do verão.

O reino real do Senhor se torna realidade em toda a terra. Os primeiros versículos do capítulo mostram o seu domínio sobre as nações conquistadas através da batalha. Esta seção mostrou sua subjugação total de elementos hostis da natureza e a libertação da cura, renovando as águas da vida de sua habitação. Os seguintes versículos mostrarão que ele suaviza todos os problemas para Judá e Jerusalém. A imagem é do reino de Deus vem em plena força e poder.

A unidade expressa no dia contínuo de v. 7 é reforçada com o anúncio na v. 9b de que o Senhor será um e seu nome, um. Isso quebra a ordem tradicional de passagens sobre o Dia do Senhor ou a vitória de Zion. Ele escolhe a grande afirmação teológica de Deuteronômio 6: 4 : "Ouve, Israel: o Senhor nosso Deus é um Senhor".

O efeito do governo do Senhor é que sua unidade na glória, majestade e poder é revelada. Que seu nome é um significa que a consistência interna e a unicidade de seu ser são conhecidas. Essas grandes declarações da unicidade e unidade de Deus (ver o comentário sobre Deut. 6: 4) são as âncoras do monoteísmo que mantêm o judaísmo firmemente em crença em um deus e cristianismo para a doutrina do Deus trino.

A influência da teologia de Deuteronômio sobre esta afirmação é mostrada em que o Senhor será um repete as palavras de Deuteronômio 6: 4 . Seu nome não aparece em tantas palavras, mas a ênfase no nome de Deus, que ele faz morar entre seu povo, é tão grande que essa ênfase às vezes sugeriu uma teologia do nome. Que seu nome é um meio que ele será conhecido em uma singularidade de caráter e estar sem variação ou inconsistência.

Para esse dia, uma regra tão completa é profetizada para o Senhor que quaisquer inconsistências e sincretismos serão impossíveis. As tendências fortemente unificadoras do único Templo em Jerusalém eo desenvolvimento de um único canhão de Escrituras entre 526 AC e 90 AD tornaram-se os meios práticos para uma única teologia e uma fé única no Senhor.

5. Judá uma planície - Jerusalém exaltada, habitada, segura (14: 10-11)

[10] Toda a terra será transformada em planície de Geba a Rimom ao sul de Jerusalém. Mas Jerusalém permanecerá no alto da porta de Benjamim até o lugar do

antigo portão, até o Portão do Canto e da Torre de Hananel às pranchas de vinho do rei. [11] ***E será habitada, pois não haverá más maldição; Jerusalém deve habitar em segurança.***

O ajuste da topografia para a vinda do Senhor-Rei aparece em outro lugar (ver Isaías 40: 4), assim como no v. 4 . A planície também se adapta às necessidades da água corrente do v. 8 . O nivelamento do vale profundo do Jordão possibilita uma distribuição uniforme das águas vivas.

O reino é descrito aqui nos limites restritos de Judá antes do reinado de Josias (2 Reis 23: 8 ; contraste Ezra 2:28 ; Neh. 3:16 ; 7:32). De Geba, o limite norte se estende até Rimmon (ver Josué 15:32 ; 19: 7). Como tal, um plano simples, forma uma espécie de tribunal para Jerusalém como o trono do trono do Senhor.

Só Jerusalém permanece sozinha. A elevação de Jerusalém é um tema antigo (ver Isaías 2: 2). Aqui é parte do juízo justo de Deus. A justiça para Jerusalém sob a nova autoridade real erigida significa ser dado o seu lugar legítimo, alto e exaltado, como a morada do rei.

As dimensões da cidade são exatamente definidas, embora não sejam mais significativas para nós. Mas a sua listagem deixa claro que a cidade real é designada, não uma "cidade celestial".

Jerusalém está habitada é estressada por uma repetição tripla do verbo. Permanecer em cima de seu site é literalmente "e ela será alta e ela habitará o lugar debaixo dela", enquanto habita é mencionado duas vezes na v. 11 . A horrível lembrança das ruínas desoladas e vazias que seguem o exílio deve ser dissipada.

Isso é possível porque a maldição foi removida. Literalmente, esta é a antiga proibição colocada sobre as cidades que foram destruídas ao comando do Senhor. Refere-se aqui à sentença de julgamento que o Senhor colocou sobre a cidade tornando-a vulnerável ao ataque pagão. Agora, a proibição é levantada. O antigo status como o assento eleito do trono do Senhor é restaurado. A cidade pode florescer.

A segurança é da mesma raiz da confiança. As pessoas podem viver lá com confiança, sem medo ou ansiedade.

6. O Senhor castiga as nações (14: 12-15)

[12] E esta será a praga com que o SENHOR ferirá todos os povos que levam a guerra contra Jerusalém; a sua carne apodrecerá enquanto ainda estiverem de pé; os seus olhos apodrecerão nas suas bases, e as suas línguas apodrecerão nas suas bocas . [13] E naquele dia, um grande pânico do SENHOR cairá sobre eles, para que cada um se apodere da mão de seu semelhante, e a mão daquele será levantada contra a mão do outro; [14] Judá, mesmo, lutar contra Jerusalém. E a riqueza de todas as nações ao redor será recolhida, ouro, prata e roupas em grande abundância. [15] E uma praga

como essa praga cairá sobre os cavalos, as mulas, os camelos, os jumentos e quaisquer animais que estejam nos campos.

A contrapartida da reabilitação de Judá e Jerusalém pelo decreto judicial do Rei divino é o castigo colocado nas nações pagãs. O salário deve estar devidamente no passado e ser traduzido como "guerra". Este não é um ato de guerra pelo Senhor, mas um decreto judicial de punição. Esta distinção entre os atos de batalha (como 12: 3) e as ações de punição após a vitória é vencida pode ser observada em descrições paralelas da exaltação do Senhor como Rei.

O significado da passagem no contexto é claro na v. 12 . É possível que a experiência concreta da libertação de Jerusalém do cerco de Senaquerib (Isaías 37:36 ; 2 Reis 19:35) é o padrão para essa expressão de julgamento.

Na v. 13, a imagem da guerra santa retorna. O pânico do Senhor se instala sobre os povos causando confusão e conflito mútuo. Este parece ser um verso acrescentado para expandir a idéia da praga, mas deve ter chegado em um momento em que a distinção entre o papel da batalha e a do julgamento já não era conhecida.

O versículo 14 apresenta mais dois elementos. O papel de Judá na batalha perto de Jerusalém vem em primeiro lugar. A partícula mesmo (também) mostra que a frase simplesmente foi adicionada ao anterior. Contra pode significar em, ou com também. A questão do lugar de Judá nos eventos críticos é familiar nos capítulos 12 e 13 , mas ainda não esteve presente neste capítulo. É melhor explicado como uma tentativa de um editor posterior para compensar essa falta de definição. Provavelmente significa que Judá vai lutar "em" Jerusalém.

O segundo elemento reintroduz o tema-chave de 12: 1 sobre o estraga. Ele informa que a riqueza dos países em torno de Jerusalém será reunida ali, aparentemente para uma divisão entre os vencedores. Um motivo muito antigo também pode estar na mente do escritor e dos primeiros leitores. Quando os israelitas deixaram o Egito com Moisés, é relatado que despojaram os egípcios, que estavam preparados para entregar suas jóias para se livrar dos israelitas (Êx 12: 35-36). A reparação de erros de Deus equilibra essa desigualdade também.

Os paralelos com o início do capítulo são impressionantes. As palavras reunidas (recolhidas) e todas as nações são comuns aos 12: 2 e v. 14b . Isto é, obviamente, colocado aqui em contraponto expresso para as características dominantes do início do capítulo. Mas este não é o fim do que o capítulo tem a dizer sobre as nações, como mostra a próxima seção.

O versículo 15 retorna à idéia da praga sobre o inimigo e inclui os animais nele também, da mesma maneira que 12: 4 fez.

7. O culto das nações em Jerusalém (14: 16-21)

16 Então todo aquele que sobrevive de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirá ano após ano para adorar o rei, o SENHOR dos exércitos, e para manter a festa das cabines. 17 E, se alguma das famílias da terra não subir a

Jerusalém para adorar o rei, SENHOR dos exércitos, não haverá chuva sobre eles. [18] ***E se a família do Egito não subir e se apresentar, então sobre eles virá a praga com que o SENHOR aflige as nações que não subiram para guardar a festa das cabines.*** [19] ***Este será o castigo ao Egito e o castigo a todas as nações que não subam para manter a festa das cabines.***

[20] ***E naquele dia haverá inscrição nos sinos dos cavalos, "Santo ao Senhor". E as panelas da casa do SENHOR serão como as taças diante do altar;*** [21] ***e todo vaso em Jerusalém e Judá será sagrado para o SENHOR dos exércitos, para que todos os que se sacrificem vierem e tomem deles e ferverão a carne do sacrifício neles. E naquele dia já não haverá comerciante na casa do SENHOR dos exércitos.***

O capítulo já chegou a um ciclo completo para o tema em que começou. Mesmo quando as nações se reuniram para lutar contra Jerusalém, eles agora vêm adorar anualmente.

Os adoradores são compostos do remanescente que sobrevive à sangrenta batalha. Isso é um pouco diferente de Isaías 2: 2-4 (ver Isa. 66:23). A salvação e seus frutos só vêm para aqueles que passaram pela provação. Isso é verdade para Israel e também para as nações. Há uma verdade espiritual profunda aqui que também está no coração do evangelho do Novo Testamento.

Os sobreviventes das nações participam do culto de Israel. Este é um recurso em comum com outras passagens. Não se espera que venha a todos os três festivais principais. Mas eles mostram sua sujeição ao Senhor ao reconhecer sua soberania. Um tema semelhante é encontrado em Isaiah 2 e Miqueias 4 . Considerando que, em Isaías 56: 6-8, as nações vieram para guardar o sábado, e em Isaías 66:23, eles vieram cada lua nova e sábado, aqui vêm uma vez por ano.

O tempo é escolhido por uma boa razão. O Festival dos Cabos está particularmente ligado aqui ao culto do Rei, o Senhor dos Exércitos. Eles estão vindo porque foram feitos para reconhecer o Senhor como rei. Eles o trazem honra real e o reconhecimento deles exigiu como seus súditos. Seu bem-estar depende disso, pois o próximo versículo diz que aqueles que não virão serão punidos com a seca. A realeza do Senhor não é simplesmente de natureza política e histórica, mas é cósmica e universal no sentido mais profundo possível.

As ameaças anexas para ausentes parecem destinar-se a promover a participação no festival de peregrinação, especialmente para judeus de países distantes na era postexílica. A ameaça de retenção de chuva retoma uma característica básica e original do festival que ocorre apenas na época em que a estação das chuvas na Palestina começa.

O Egito é especialmente mencionado, talvez porque os judeus nessa área tendem a separar-se da influência de Jerusalém. Talvez seja porque o Egito, em contraste com a Palestina, não é regado pela chuva, mas pelo rio Nilo (ver Deut. 11: 10-11). A punição é, portanto, diferente para ela.

Egito, que sempre foi tentado a se sentir independente, dizendo: "Meu rio é meu. Eu fiz isso "(Eze. 29: 3), será obrigado a reconhecer sua dependência sobre o Rei, o Senhor dos exércitos, para o cumprimento de todas as suas necessidades.

O capítulo fecha com a proclamação de que toda Jerusalém será sagrada naquele dia. Não apenas o Templo, mas tudo em Jerusalém e Judá. Santo para o Senhor foram as palavras inscritas no turbante do Sumo Sacerdote (Zacarias 3: 9). Mas agora as distinções entre os lugares mais sagrados e as coisas e as mais comuns são discriminadas.

Estes servem de uma forma como uma medida prática para cuidar das necessidades das hordas de peregrinos. Mas em um sentido mais profundo, eles sinalizam o levantamento das barreiras anteriormente necessárias que impediram a profanação. É um sinal da unidade de culto que combina a unidade da teologia e o ser espiritual de Deus (12: 9).

A dedicação de toda a vida da cidade para servir os peregrinos torna o comerciante desnecessário. A palavra hebraica é semelhante à palavra cananeus. A sentença desempenha essa semelhança para levar a sensação de uma completa limpeza do Templo.

Jesus escolhe esses temas quando proclama ao Templo uma casa de oração para todas as nações e expulsa os comerciantes (ver Marcos 11: 15-18 e paralelos). O evangelho reconhece a relevância deste tema para a crucificação quando descreve o rasgo do véu do Templo (Marcos 15:38 ; Heb. 10: 19-20).

Malaquias

T. Miles Bennett

Introdução

I. O Profeta Malaquias

Não se sabe nada deste profeta, exceto o que pode ser deduzido de seus enunciados. No livro que leva seu nome, nem os nomes de seus pais nem o lugar de seu nascimento são dados. Na verdade, não se pode ter certeza se "Malaquias", que significa "meu mensageiro" ou "meu anjo", é o nome pessoal do profeta ou simplesmente o título dele (ver 3: 1). Como um nome próprio, não ocorre em nenhum outro lugar da Bíblia, fato que levou à absurda conjectura de que o profeta Malaquias era um anjo encarnado. Se é um nome próprio, dificilmente pode significar meu mensageiro, mas deve ser considerado como uma forma abreviada para *mal'akiyah* , "mensageiro de Yahweh".

Algumas das versões mais antigas não o reconhecem como um nome próprio. Os tradutores da Septuaginta renderam Malaquias 1: 1 , "O oráculo da palavra do Senhor a Israel pela mão de seu anjo", em vez de "por Malaquias", como nas versões inglesas. O Targum de Jonathan acrescenta, depois das palavras "por Malaquias", a nota, "cujo nome se chama Ezra, o escriba". Jerônimo, no ANÚNCIO DO século IV , mencionou uma tradição entre os judeus de que Malaquias era idêntica ao sacerdote Ezra. É

interessante notar que John Calvin, em uma data muito posterior, concordou com essa conjectura. E sem maior probabilidade, Malaquias foi identificada como Mardoqueu, Neemias, Zorobabel e até mesmo o profeta Aggai, chamado "mensageiro do Senhor" (Hag 1:13).

Tal inconclusão em relação à identidade do profeta resultou em uma abordagem de autoria que considera o livro de Malaquias como uma das três coleções de oráculos anônimos que originalmente serviram como apêndice ao Livro dos Doze Profetas (ver Denton, p. 1117). Esses oráculos são claramente distinguidos um do outro e do material precedente por títulos, cada um dos quais começa com a expressão única, como se expressa no KJV, "O peso da palavra do Senhor" (Zacarias 9: 1 ; 12: 1 ; Mal 1: 1).

Para manter o número sagrado doze para os livros dos profetas menores, as duas primeiras dessas coleções foram simplesmente consideradas como parte do livro anterior de Zacarias, e a coleção restante que teve uma unidade própria acabou por ser considerada como um livro separado. Um editor posterior que erroneamente pensou ter descoberto o nome do autor nas primeiras palavras do capítulo 3 na palavra hebraica *mal'aki* (meu mensageiro) é aquele a quem o crédito é devido para atribuir este material anônimo a um profeta com o nome de Malaquias. Tudo o que é dizer que, de acordo com a maioria dos estudiosos modernos, a designação "Malaquias" é um termo descritivo e não um nome pessoal.

No entanto, deve-se afirmar que a posição acima não é universalmente aceita.

Há evidências de peso considerável, de que Malaquias não é simplesmente um termo descritivo de um escritório, mas sim o nome de uma pessoa, o autor das palavras no livro com seu nome. A menor evidência é o fato de que nenhum dos outros livros dos chamados "profetas menores" tem o nome do profeta faltando no título (cf. Hos. 1: 1 ; Amós 1: 1 ; Ná 1: 1 ; Hag. 1: 1). Seria um pouco estranho se este fosse deixado anônimo. Além disso, 2 Esdras, que datam do ANÚNCIOdo segundo século, mas que representam uma tradição muito mais antiga, enumera os doze profetas menores, nomeando como os últimos três "Ageu, Zacarias e Malaquias, que também é chamado de anjo (messenger) do Senhor" (1:40)). Pelo segundo século AD numerosas versões da Escritura considerado Malaquias como um nome próprio (ver versões de Aquila, Símaco e Theodotion).

Embora uma decisão relativa ao termo seja difícil, não parece haver evidência conclusiva contra a probabilidade de que Malaquias seja um nome próprio, altamente significativo do personagem e do trabalho dele que o suportou. Embora a questão ainda esteja aberta, devemos nos referir ao profeta como Malaquias. Felizmente, a autenticidade da mensagem do profeta não depende da sua identidade.

Pode ser impossível ter certeza sobre o nome do profeta, mas há dificuldade em chegar a uma conclusão definitiva sobre a personalidade de Malaquias. O livro que tem seu nome testemunha um pregador vigoroso e vigoroso, que pediu a santidade de vida e sinceridade de adoração de forma a torná-lo um verdadeiro sucessor dos conhecidos profetas e digno de ser chamado de "mensageiro de Yahweh ".

II. Data e Fundo

A quantidade de evidências conclusivas para chegar a uma data definitiva para o livro de Malaquias é relativamente pequena. A evidência externa confiável é escassa. A evidência de dentro do próprio livro está aberta a uma variedade de interpretações, e inúmeras possibilidades foram propostas. Não é surpreendente que tenham sido propostas datas que variem desde um período anterior ao de Ageu e Zacarias (último quarto do século VI AC) para um no período grego (final do século IV AC).

É quase universalmente reconhecido, no entanto, que a profecia de Malaquias pertence ao período após o exílio, quando os judeus estavam sob um governador (1: 8) e os edomitas foram expulsos de sua antiga casa (1: 2ss). Além disso, há concordância geral de que a data de Malaquias é posterior ao tempo de Ageu e Zacarias, o Templo foi reconstruído, e o sistema sacrificial e seus serviços eram parte integrante da vida das pessoas. Na verdade, havia decorrido um tempo suficiente desde que o ministério dos dois profetas pelo entusiasmo provocado por eles diminui e a adoração no Templo se corrompe. Além disso, as ofensas morais e religiosas condenadas por Malaquias são diferentes das condenadas por Ageu e Zacarias.

Por outro lado, uma comparação com os livros de Ezra e Neemias revela que os pecados condenados por Malaquias e as reformas que ele tentou são em grande parte os próprios pecados condenados e as reformas pedidas por Esdras e Neemias. Além disso, parece claro que os judeus estão sujeitos a um poder que é bastante indulgente com eles, pois o livro não contém nenhuma palavra de julgamento sobre os pagãos. Pelo contrário, o profeta reconhece que, entre os pagãos, o verdadeiro Deus, Javé, é adorado "desde o nascimento do sol até a sua configuração" (1:11). O único julgamento anunciado é sobre a parte desobediente de Israel, cujo orgulho e sucesso causaram desespero aos fiéis do povo da aliança (ver 2:17; 3: 13). Esta evidência parece sugerir um momento em que os judeus foram bem tratados por seus senhores persas. O tempo poderia muito bem ter sido durante o reinado de Artaxerxes I (465-425 AC), um reinado suficientemente longo para incluir todo o período Ezra-Nehemiah. Qualquer estudo sério do livro de Malaquias dará atenção cuidadosa aos livros com os nomes desses dois homens.

Consequentemente, a mensagem de Malaquias seria inteligível contra um fundo que abranja qualquer parcela do período a partir de *ca.* 500-430 BC No geral, no entanto, parece melhor considerar o ministério do profeta como ocorrido durante a era Ezra-Nehemiah, *ca.* 458-430 BC O fato de que nenhum dos homens menciona o profeta, nem Malaquias, nenhum desses dois homens, não é evidência de peso suficiente para impedir ministérios concorrentes por parte do profeta e qualquer um dos homens. Qualquer argumento baseado apenas no silêncio é sempre precário.

A comparação dos males contra os quais Malaquias falou com as condições em Judá durante a era de Ezra-Neemias deixa pouca dúvida senão que o profeta Malaquias pertencia ao seu dia e idade. Embora o Templo tivesse sido restaurado, o passar do tempo deixara irrelevantes as grandes esperanças e gloriosas expectativas de Ageu e Zacarias bem como muitos dos profetas preexilicos. A glória do Templo de Salomão não havia sido atingida, muito menos superada (ver Hag 2: 9). As colheitas haviam falhado novamente, resultado de secas e pragas de gafanhotos (ver Hag 2:19 , Mal. 3: 9). Em suma, a era messiânica não havia chegado.

Além disso, a própria Jerusalém perdeu sua importância. Estava pouco habitada e até a primeira visita de Neemias (*cerca de* 445 AC) em grande parte em ruínas. A escassa população da cidade foi assediada pela hostilidade aberta dos samaritanos. Caso contrário, eles foram deixados sozinhos, pelos persas e pelo mundo. A história estava em construção, mas os judeus não tinham parte significativa em seus eventos. A era de ouro da cultura grega estava próxima. Mas em toda essa ação, Jerusalém não desempenhou nenhum papel.

Um espírito de aborrecida depressão havia se estabelecido sobre os habitantes de Jerusalém; o ceticismo e a indiferença espiritual levaram as pessoas ao seu alcance. Em todos os lugares, a palavra do profeta foi desafiada, como os homens consideravam inútil servir a Deus (3:14). Esses desafios não foram proferidos por blasfemos, mas por homens bons e piedosos que, ao não ver a mão de Deus no governo do mundo, gritaram com a angústia de suas dúvidas: "Onde está o Deus da justiça?" E "O que É provável que Deus nos ame? "

Esta inundação de ceticismo no exterior afetou as pessoas e seus líderes religiosos. A religião tornou-se em grande parte uma questão de ritual. Atitudes e piedade para com Deus prevaleceram. Esta atitude foi mostrada na vida dos leigos por sua falta de cumprimentos feitos a Deus e pela oferta de animais defeituosos e imperfeitos para o sacrifício (1:14). Muitos deles também reteram seus dízimos e ofertas (3: 8ss).

Os líderes espirituais designados da terra, os sacerdotes, foram igualmente afetados pelo humor cínico do dia. Eles desempenharam os deveres de seu ofício de forma superficial e ofereceram animais cegos, coxos e doentes, dos quais ficariam envergonhados e com medo de oferecer ao governador persa (1: 8ss). Caracterizados por um profissionalismo seco, queixaram-se na própria execução do dever: "Que cansaço é isso" (1:13). Tanto pelo exemplo quanto pelo preceito, eles fizeram errar o povo, até que todos não conseguissem render a Yahweh a honra devido ao seu santo nome.

Este declínio no fervor religioso e integridade foi acompanhado com um declínio correspondente na moral. A imoralidade prevaleceu. Todo homem tratou traiçoeiramente com seu irmão (2:10). A opressão dos pobres, feitiçaria, adultério, divórcio, perjúrio e fraude foram praticadas sem restrições (3: 5 , ver Neh. 5).

Para tal situação, o profeta Malaí se dirigiu corajosamente a si mesmo. Era uma situação que exigia um porta-voz corajoso. Malaquias era o mensageiro de Deus para esta era crucial na história de seu povo escolhido.

III. A Mensagem do Profeta

O estilo literário ou a forma da mensagem é raro se não é único entre os profetas do Antigo Testamento. Embora seja verdade que os profetas anteriores não eram estranhos ao "poder de convicção do interrogativo" (por exemplo, Amós 3: 3-7 ; Jer. 13: 12-14 ; Ez. 18: 1-24), permaneceu para Malaquias para forçar a fórmula de pergunta-resposta em um modelo acadêmico rígido mas bem equilibrado. Em Malaquias temos que fazer com um dispositivo literário que nos lembra o método de Sócrates, um filósofo grego do século V AC. Esse fato levou vários escritores para se referir a Malaquias como o "Sócrates hebraico". É um estilo que mais tarde se tornou atual entre os rabinos e é amplamente utilizado no Talmud.

Este novo método é facilmente compreendido e foi empregado pelo profeta com efeito revelador. Primeiro, uma acusação ou acusação foi feita contra as pessoas. Então com as palavras "Mas você diz", o profeta propôs uma objeção por parte de seus ouvintes. Esta objeção foi posteriormente refutada em alguns detalhes e, ao fazê-lo, a verdade de sua carga original ou afirmação foi conduzida para casa de verdadeira moda profética. Sete exemplos distintos deste método único de instrução profética são encontrados neste breve livro de apenas 55 versos.

Este dispositivo de diálogo empregado pelo profeta para condenar os pecados do povo e chamá-los para o arrependimento não foi o resultado de uma simples idiossincrasia pessoal. Em vez disso, reflete a situação real em que Malaquias se encontrou. Era uma época de racionalismo, e até mesmo os judeus começavam a exigir argumentos fundamentados e lógicos. Um profeta não podia mais chamar a atenção das pessoas com a antiga fórmula introdutória: "Assim diz o Senhor".

Malaquias era sábio o suficiente para reconhecer a necessidade de uma mudança na metodologia profética. Ele assumiu o papel de professor ou debatedor mestre que ocupa um ponto após o outro e conduz a verdade de casa em linhas simples ou parágrafos. Conseqüentemente, o estilo do profeta enquanto puro e polido é essencialmente prosac.

Enquanto o livro de Malaquias contém flashes ocasionais de percepção poética e imaginação, não possui - ao contrário da maioria dos escritos proféticos - as características da poesia em pensamento, espírito ou forma. O leitor então deve estar em guarda para que o método literário de Malaquias obscureça o genuíno espírito profético que permeia a mensagem do profeta. Era uma verdadeira visão profética que permitia a Malaquias ver que a raiz a partir da qual tudo mais surgiu era a fraca vida religiosa do povo. Essa vida religiosa enfraquecida trouxe a nação à beira de uma destruição da qual ela poderia escapar somente por um retorno a Deus. Malaquias chamou repetidamente esse retorno.

No chamado do profeta, as verdades proféticas antigas são constantemente enfatizadas com originalidade e sinceridade singulares: o amor eterno de Israel para o Israel, a paternidade e a santidade, seus ideais para o sacerdócio e as pessoas, a necessidade de um arrependimento provado pelas ações, o dia do Senhor e o julgamento entre o mal e o justo. Na verdade, foi sugerido que, em Malaquias, encontre um resumo de tudo o que os profetas anteriores ensinaram (Calkins, p.134).

A verdadeira grandeza e originalidade do profeta, no entanto, não são encontradas no que ele reitera dos ensinamentos de seus predecessores, mas nesses flashes de percepção e discernimento que parecem quase ocasionais a temas proféticos muito ensinados. A primeira delas é a assombrosa afirmação de que toda verdadeira adoração, mesmo dos pagãos que estão adorando outros deuses, é, na realidade, oferecida a Javé, que é o Deus de toda a terra (ver 1:11).

Seja qual for a interpretação deste versículo (veja o comentário sobre o texto), é duvidoso que se a expressão clara e abrangente do monoteísmo universalista seja encontrada em algum outro lugar entre os profetas, embora em muitos pontos em seus escritos a idéia da participação de não-judeus na adoração de Deus é expressa (por exemplo, Isaías 2: 2 f. , Zacarias 14:16). Nessas palavras, Malaquias repreendeu os

sacerdotes descuidados no Templo em Jerusalém com a declaração enfática de que, em qualquer lugar, o Senhor pode ser adorado de maneira aceitável e que, enquanto seu nome é desprezado pelo próprio povo, é ampliado entre os pagãos. Jesus apelou para a verdade dessas palavras em sua conversa com a mulher de Samaria (João 4: 21-24) quando ele levantou a religião acima do nível do lugar e da raça e declarou que estava enraizado no espírito e na verdade.

Um segundo ponto em que a mensagem do livro de Malaquias é única diz respeito à sua atitude em relação ao divórcio. O profeta apresenta a doutrina do casamento do antigo testamento em sua forma mais elevada. Ele vê a sua verdadeira natureza como uma relação de aliança sancionada por Deus, com o propósito de providenciar companheirismo e procriação de descendentes piedosos. Yahweh, de acordo com Malaquias, odeia o divórcio. É um pecado contra o amor de Deus e um crime contra a fraternidade do homem. O divórcio significava a ruptura de uma aliança sagrada com Deus. Foi traição para a esposa da juventude e frustrou o propósito de Deus de garantir "descendência piedosa", destruindo a santidade da casa. Assim, Malaqua aproximou-se de antecipar por cerca de 500 anos a atitude de Cristo em relação ao divórcio.

Uma indicação final da originalidade e das alturas sublimes alcançadas pela mensagem de Malaquias é encontrada em sua admoestação em relação à paternidade de Deus e à fraternidade do homem: "Não temos todos um pai? Um Deus não nos criou? Por que, então, somos infiéis uns aos outros? "(2:10). Embora pareça certo de que o profeta estava aqui falando apenas de judeus, na mente desse escritor e de seus contemporâneos mais pensativos, a proposição teria aplicado igualmente bem a toda a humanidade. Um pensamento tão sublime dificilmente está sujeito a restrições. Como Deus é o Pai de todos, ele ama a todos; eles, por sua vez, devem manifestar um amor fraternal uns com os outros.

A mensagem total de Malaquias foi apropriadamente descrita como "Profecia com a Lei" (GA Smith, pág. 340). Por um lado, reitera muitos dos principais ensinamentos dos grandes profetas preexilicos: o cuidado paternal e amoroso de Jeová de seu povo, a santidade e a justiça, o seu terrível julgamento a respeito dos ímpios e a suprema exaltação dos justos. Por outro lado, a mensagem de Malaquias, contrariamente ao ensino profético anterior, enfatiza a lei, condena amargamente aqueles que a observam vagamente e conclui com a forte exortação: "Lembre-se da lei de meu servo Moisés" (4: 4).

Mas note que sua mensagem é profecia *dentro* da lei, não *por* ela. Pois nada é mais claro sobre a mensagem de Malaquias do que isso, o espírito de profecia ainda não foi esmagado por um legalismo que acabou por matá-lo. O profeta observou e procurou fazer cumprir as exigências da lei deuteronômica, mas rastreou cada exigência para um princípio espiritual, a uma qualidade essencial no caráter de Deus, que foi duvida ou ignorada por seu povo em sua prática frouxa da lei.

A ênfase de Malaquias na lei, incluindo as formas e as instituições da religião, não se deveu a concepções religiosas mais baixas, mas a uma interpretação diferente da necessidade religiosa do tempo. Como um verdadeiro profeta, Malaquias deve se adaptar e sua mensagem às necessidades de uma era nova e diferente. Ele percebeu claramente que a profecia, tal como representada pelos profetas preexilicos, não conseguiu produzir a transformação para a qual haviam trabalhado tanto tempo. Após

gerações de liderança profética, o ideal de uma nação pura e santa ainda estava longe de ser realizado.

Conseqüentemente, surgiu a questão de saber se o antigo método profético era o mais adequado para atender às necessidades do tempo. Poderiam ser confiáveis as pessoas para aplicar os princípios da religião profética no cotidiano ou provariam a parte da sabedoria estabelecer regras específicas e exortar as pessoas a seguí-las, evitando assim as falhas do passado? Malaquias escolheu o último curso, e o legalismo postexilico finalmente resultou.

Deve-se enfatizar, no entanto, que este legalismo foi inicialmente permeado por um espírito de intensa seriedade moral. A exaltação da carta da lei foi um desenvolvimento posterior. Se Israel abusasse da lei e, portanto, forjasse grilhões para si mesma do que Deus tinha feito para ela, as pessoas eram culpas, não o profeta. No entanto, está no ponto da ênfase de Malaquias na lei externa que a mente moderna talvez seja mais perplexa. Ele estabeleceu muito estresse sobre a lei ritual e a prática como um meio pelo qual Israel poderia manter-se separado das nações.

Não se pode acusar Malaquias, porém, de uma concepção superficial da religião. Ele não considerava o ritual como essencial para o bem-estar de Deus ou como tendo um valor *per se* em seus olhos. O profeta não era um mero ritualista, mas um homem, de forma ética e espiritualmente fundamentada, em alto grau. Para ele, o ritual vazio era pior do que nenhum culto. Seria melhor que as portas do Templo estivessem fechadas (1:10).

O resumo de Malaquias com seu povo, incluindo os sacerdotes, era que sua negligência e falta de respeito pelas práticas de adoração eram sintomáticas de uma indiferença geral de mente e coração em relação a Deus. Isso revelou uma falta de reverência, fé e amor que foi um defeito primordial na vida religiosa de Israel. Pessoas e sacerdotes se preocupavam tão pouco com Deus que não observavam seus requisitos em assuntos relacionados ao ritual. O profeta do caule não podia permitir que tais práticas continuassem sem palavras de advertência contra eles. Ele, portanto, chamou as pessoas para a seriedade religiosa e insistiu na pureza e sinceridade em sua observância da lei cerimonial.

Do ponto de vista prático, o principal objetivo da mensagem de Malaquias era reavivar os incêndios da fé nos corações e mentes de pessoas desencorajadas e desiludidas. Para atingir este objetivo, o profeta enfatizou dois aspectos estreitamente relacionados do caráter de Deus que estão presentes em todas as relações entre Deus e o homem, ou seja, seu amor e justiça.

Nas primeiras palavras do primeiro capítulo, as pessoas questionaram o amor de Deus por elas (v. 2). No meio das dificuldades da comunidade pós-xilic, era fácil duvidar do amor de Deus. Malaquias estava preocupada em apresentar a prova desse amor, para mostrar que o gozo do amor de Deus estava sendo dificultado pelos pecados do povo e delinear como seu amor se mostraria no futuro.

De acordo com Malaquias, esse amor de Deus era tanto punitivo quanto compassivo. Seria julgável sobre o mal para varrer e destruí-lo. Mas também entraria em terna compaixão e graça para derramar no povo de Deus uma bênção transbordante

(3:10). Assim, enquanto o profeta poderia ser cauteloso e ameaçador, ele considerou o amor como o atributo mais ativo de Deus no relacionamento da aliança com seu povo.

Relativamente à justiça de Deus, as pessoas questionaram: "Se ele é justo e justo, por que as recompensas da vida não são mais distribuídas?" Malaquias tentou responder a essas questões mostrando, antes de tudo, que a dificuldade das condições atuais era justificada pela falta de lealdade do povo a Yahweh e pela negligência e abuso de serviços de sacrifício a seu Deus. Como resposta adicional às suas perguntas, o profeta deixou claro que o dia do julgamento de Deus não estava muito distante. Quando isso acontecer, Deus irá fazer recompensas e punições para que todos os homens reconheçam sua justiça e justiça.

Tendo em conta o amor imutável e a justiça inalterável de Deus, Malaquias repreendeu, suplicou e advertiu seus compatriotas em relação a três grandes males que, como um câncer maligno, estavam atacando os órgãos vitais da comunidade: culto poluído, casamento quebrado votos e corajosas irreverências e descrenças. Estes formam a urdidura e a perda da mensagem do talvo do profeta e preparam o caminho para o último e sincero apelo para que Israel se lembre da lei de Moisés, para que o SENHOR não venha a ferir a terra com uma maldição (4: 6).

Há algo peculiarmente solene neste livro final do cânone do Antigo Testamento. O vigor do caule de suas repreensões, a ansiedade de seus apelos e a sublime varredura de seus elevados ensinamentos se combinam para lhe dar um interesse intrínseco do caráter mais profundo. Este interesse é grandemente reforçado por sua posição. Está no ponto de transição entre as duas grandes eras da redenção - a última nota desse magnífico oratório de revelação, cujos lamentos de tristeza e coração gritam de esperança logo cederiam a essa música rica e gloriosa, que seria não só de Moisés, mas também do Cordeiro.

Malaquias pode não se classificar como o maior livro dos profetas, mas é um livro muito útil. Não encontramos aqui as alturas sublimes de Isaías ou as profundezas espirituais de Jeremias. A paixão de Amós e a visão clara de Habacuque podem estar faltando. Mas encontra-se consagrado na breve mensagem deste profeta de apenas 55 versículos, muitos dos princípios mais valiosos de seus predecessores. Embora esses versículos sejam apenas algumas palavras de um mensageiro de Javé há muito tempo, seu aviso, exortação e esperança os tornam dignos de atenção séria.

Esboço

1. Título verso (1: 1)

I. O amor de Deus por Israel (1: 2-5)

   1. O amor de Deus declarou (1: 2a)
   2. O amor de Deus duvidava (1: 2b)
   3. O amor de Deus demonstrou (1: 2c-5)

II. O fracasso de Israel em responder ao amor de Deus (1: 6-4: 3)

   1. Pecados do sacerdócio (1: 6-2: 9)
      1. Laxência e indiferença em seus deveres (1: 6-14)

2. Falha em servir como verdadeiros sacerdotes (2: 1-9)

2. Pecados das pessoas (2: 10-4: 3)

1. Casamento e divórcio mistos (2: 10-16)
2. Cínica incredulidade (2: 17-3: 6)
3. Robando a Deus (3: 7-12)
4. Ceticismo incipiente (3: 13-4: 3)

III. Uma exortação e uma promessa (4: 4-6)

Bibliografia selecionada

BARNES, EMERY W. *Ageu, Zacarias e Malaquias.* ("The Cambridge Bible".) Cambridge: University Press, 1917. |

CALKINS, RAYMOND. *A Mensagem Moderna dos Profetas Menores.* Nova Iorque: Harper Brothers, 1947.

DENTON, ROBERT C. "O Livro de Malaquias," *A Bíblia do Intérprete.* Vol . 6. Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.

EDGAR, SL *The Minor Prophets.* ("Epworth Preacher's Commentary"). Londres: The Epworth Press, 1962.

EISELEN, FREDERICK CARL. *Profecia e Profetas.* Nova York: Eaton & Mains, 1909.

GAILEY, JAMES H., JR. *Miqueias. . . Malaquias.* ("The Layman's Bible Commentary", vol. 15.) Richmond: John Knox Press, 1962.

KEIL, CARL F. *Os Doze Profetas Menores.* ("Comentário Bíblico sobre o Antigo Testamento"). Vol. II. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949.

MATTHEWS, IG "Malaquias", *um comentário americano sobre o antigo testamento.* Filadélfia: The Judson Press, 1935.

ROBINSON, GEORGE L. *Os Doze Profetas Menores.* Nova York: George H. Doran Company, 1926.

SMITH, GEORGE ADAM. *O Livro dos Doze Profetas.* Vol. II. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1928.

SMITH, JMP , WARD, WH e BEWER, JULIUS A. Um *Comentário Crítico e Exegético sobre o Livro de Malaquias.* ("The International Critical Commentary".) Edimburgo: T. & T. Clark, 1912.

YATES, KYLE M. *Preaching dos Profetas.* Nashville: Broadman Press, 1942.

Comentário sobre o texto

Título Verso (1: 1)

[1] *O oráculo da palavra do Senhor a Israel por Malaquias.*

Semelhante a outros livros dos profetas, o livro de Malaquias começa com um título ou inscrição. As opiniões variam quanto à confiabilidade das informações apresentadas

nesses títulos. O problema é ainda mais complicado neste caso, uma vez que há incerteza quanto à tradução da palavra hebraica *mal'aki* . É um título oficial que significa "meu mensageiro" (como traduzido em 3: 1), ou deve ser traduzido como um substantivo próprio, o nome do profeta cujas mensagens seguem? (Veja mais, Int \.)

Embora seja altamente provável que os versos do título não tenham sido escritos pelos autores das palavras que os seguem, mas são adições posteriores por escribas ou editores, é preciso reconhecer que eles constituem alguns dos comentários mais antigos existentes sobre os enunciados proféticos. A bolsa de estudos responsável, portanto, não ignorará a informação contida em tais versos.

A mensagem de Malaquias é descrita como O oráculo da palavra do Senhor. Enquanto as expressões, oráculo de Javé e palavra de Javé, são freqüentemente usadas no Antigo Testamento, esta é uma das três únicas passagens nas quais o *oráculo*é seguido pela *palavra do Senhor. Oracle* é derivado de uma palavra hebraica que significa levantar ou suportar. Por conseguinte, pode significar o que é imposto sobre um ser levado, com referência ao profeta ou ao povo. Pode também significar o enunciado ou a mensagem de um orador, que, em última instância, deriva da expressão ou frase "para levantar a voz". O oráculo de um profeta pode ser descrito de forma muito apropriada como seu "fardo" (KJV), uma vez que é literalmente "O que é levantado".

Quando as palavras proferidas por um profeta são condenáveis e ameaçam as pessoas com o julgamento de Deus, oracle transmite a idéia de uma mensagem ou carga pesada. Isto é claro a partir de uma passagem em Jeremias (23: 33-40), onde as pessoas com escárnio perguntaram se ele havia recebido qualquer novo "fardo" do Senhor. Assim, o profeta foi marcado com opróbrio, implicando que suas mensagens foram preenchidas com ameaças ameaçadoras e consequentemente pesadas. As palavras de Malaquias que se seguem são de fato um fardo: para o povo, eles contêm pesados avisos do julgamento de Deus e ao profeta por causa do peso de sua responsabilidade de não entregar suas palavras, mas a palavra de Javé.

Embora a palavra de Yahweh fosse pesada - pesada o suficiente para ser chamada de fardo - também havia uma nota de consolo, porque não era contra, mas para Israel. Desde a divisão da monarquia unida logo após a morte de Salomão (931 AC), o nome de Israel tinha sido usado como a designação comum do Reino do Norte como distinto do Reino do Sul (Judá). Agora, a nação voltou a retomar o nome comum a todas as tribos. Referência específica, no entanto, é a pequena colônia de judeus que havia retornado à Judéia da Babilônia. Israel era agora o ponto focal das ameaças divinas, bem como o herdeiro das promessas divinas.

Por Malaquias é literalmente "pela mão de Malaquias". Ou seja, o profeta deve ser a instrução através da qual Deus trabalhará para tornar sua vontade conhecida pelo seu povo. Na ausência de provas incontestáveis em contrário, parece ser parte da razoabilidade considerar a palavra Malaquias como um substantivo próprio, o nome do profeta cujas mensagens seguem e um nome apropriado para todo verdadeiro profeta de Deus.

I. O amor de Deus para Israel (1: 2-5)

Em vv. 2-5 , temos uma ilustração perfeita do estilo de debate e de leitura de Malaquias (ver discussão em Int.). Essa característica do livro torna a mais argumentativa de todas as profecias do Antigo Testamento.

1. O amor de Deus é declarado (1: 2a)

> *2* ***"Eu te amei", diz o SENHOR .***

Tendo em vista o fato de que a profecia de Malaquias é principalmente uma repreensão dos pecados do povo, é surpreendente que seu primeiro oráculo comece quase que abruptamente com a palavra macia e chata do Senhor, eu te amei. Um poderia ter esperado que a primeira palavra do profeta fosse uma merecida repreensão. Em vez disso, ele coloca diante de seus ouvintes o amor imutável de Deus, que foi a fonte e o motivo de todas as suas palavras e atua ao longo de sua história.

Este amor constante de Deus para o seu povo, então, é o verdadeiro fardo da mensagem de Malaquias, e tudo o mais deve ser visto à luz desta reivindicação fundamental. A força da declaração é: "Eu amei e ainda te amo". Seu amor não só funcionou no passado, mas também é eficaz no presente. Esta simples declaração de seu amor coloca-lhes a obrigação de amá-lo em troca e manter seus mandamentos. O amor de Deus também lhes revelaria o terrível fato de que seu pecado era o mais hediondo de todos os pecados, ou seja, um pecado contra o amor infinito de Deus. Mas os homens, então, como hoje se recusaram a aceitar este gracioso fato sobre o caráter e a natureza de Deus.

2. O amor de Deus duvida (1: 2b)

> *2b* ***Mas você diz: "Como você nos amou?"***

As questões em torno das quais as profecias de Malaquias são construídas são aquelas que o profeta coloca sobre os lábios dos israelitas desiludidos e céticos de seus dias. Seja ou não realmente expressado, certamente foram encontrados nos corações das pessoas.

Sua primeira pergunta, como você nos amou? trai uma ausência de confiança, falta de verdadeira piedade e exibe em toda a sua nudez a ingratidão do desespero de Israel. A questão exigia uma declaração de detalhes por parte do profeta. Que evidência concreta poderia reunir para provar que Deus ainda amou seu povo? Nenhum fato de sua situação indicava que Deus deixara de cuidar dele?

Essa atitude mental em Judá resultou dos sofrimentos das pessoas e desapontamentos repetidos. Eles voltaram do exílio com uma boa esperança pela chegada precoce do reino messiânico. Eles foram desafiados a reconstruir o Templo por promessas repetidas de Ageu e Zacarias. Mas o Messias ainda impedia sua vinda; o poder da Pérsia ainda era ininterrupto. O lote de Judá foi uma dificuldade e opressão. No entanto, apenas os corações de pedra poderiam ter sido inconscientes das inúmeras evidências do amor de Deus e da preocupação com o povo da aliança. Quão surpreendente então ouvi-los dizer em efeito ao profeta: "Não vimos nenhuma evidência de seu amor, dê-nos alguns". A resposta do profeta foi imediata e direta.

3. O Amor de Deus Demonstrou (l: 2c-5)

"Não é Esaú

O irmão de Jacó? ", Diz o SENHOR . **"No entanto, amei Jacob [3,] mas detestei Esaú; Deixei de perder a sua região montanhosa e deixei sua herança aos chacais do deserto. " [4] Se Edom diz:" Estamos quebrados, mas vamos reconstruir as ruínas ", diz o** SENHOR **dos exércitos:" Eles podem construir, mas vou rasgar até que sejam chamados de país perverso, as pessoas com quem o** SENHOR **está irritado para sempre ". [5 Os] seus próprios olhos verão isso, e você deve dizer:" Ótimo é o** SENHOR , **além da fronteira de Israel ".**

Malaquias mostrou evidências do amor de Deus ao se referir a uma ilustração de um evento contemporâneo. Na linguagem "personificadora" de seu tempo, ele perguntou: "Não é o irmão de Esaú-Jacó? e depois continuou: ainda amei Jacob, mas detestei Esaú. Mais precisamente, o profeta continua mostrando que Yahweh ainda ama Israel porque seu lote está em um contraste tão marcante com o de Edom. Israel, embora exilado, voltou do cativeiro depois de apenas uma disciplina temporária. Edom, por outro lado, fora expulsado permanentemente de sua fortaleza da montanha e irremediavelmente banido, para nunca mais voltar.

Embora as duas nações fossem parentes de sangue e vizinhos vizinhos, eram radicalmente diferentes em caráter, e sua relação mútua era uma hostilidade contínua. A história de seu nascimento ancestral simbolizou de forma marcada o curso real de sua história tribal e nacional (ver Gênesis 25: 22-26 ; Números 20: 14-21 , Salmo 137: 7). O antagonismo entre eles encontrou expressão não só na guerra, mas também em recriminações e ciúmes mútuos. Nos dias em que a força do reino de Israel estava no auge, Edom foi freqüentemente oprimido e forçado a prestar tributo (ver 2 Sam. 8:13 ; 1 Reis 11: 14-22). Mas com o cerco babilônico de Jerusalém em 586 ACas mesas foram viradas, e os edomitas se alegraram com a sua queda (Lam. 4: 21 e Obad 14). Como resultado, durante o período pós-dia Edom, porque um símbolo vivo de crueldade e fé, maduro para o julgamento de Deus.

Sem dúvida, a expulsão dos edomitas do seu antigo território do monte Seir, no sudeste do Mar Morto, pelos árabes de Nabataen foi vista como um ato de vingança divina por seus atos desumanos e sem tréguas. Embora não se saiba exatamente quando ocorreu a invasão de Nabatean, aparentemente era recente o suficiente no momento do ministério de Malaquias para estar fresco nas mentes de seus compatriotas. O apelo do profeta ao desastre que aconteceu com Edom, como prova do amor de Deus por Israel, certamente ganharia a atenção de seus ouvintes.

De acordo com Malaqua, a prova do amor de Deus por Israel deve ser encontrada na atitude contrastada de Deus em relação a Edom e a Israel. O ex-povo, a própria encarnação da irreligião e do mundanismo, nunca mereceram ou receberam o favor especial de Deus. Mas Israel, que havia carregado em seu coração, apesar de infiel às vezes, o verdadeiro conhecimento de Deus e seu dever para com ele, jamais foi o objeto de seu eterno amor.

Eu amei Jacob, mas detestei Esaú. Essas palavras se mostraram desconcertantes para muitos leitores, e por causa do sentimento aparente que expressou, alguns acusaram

Deus de injustiça, de discriminação e de paixão pecaminosa. Uma consideração cuidadosa da declaração revelará que tais conclusões não são justificadas. O profeta não está falando de um amor absoluto de Deus abraçando apenas uma nação e de seu ódio absoluto dirigido contra outra nação. Se Deus tivesse odiado Esaú absolutamente, ele não teria concedido a ele uma escolha de benção como ele recebeu (ver Gen. 27: 39f.), Nem fez com ele uma nação tão próspera e poderosa.

No uso comum da língua hebraica, amado significa "favorecido", e odeia, além de seu sentido usual, significa "menos favorecido, desconsiderado, negligenciado" (Gênesis 29: 30ss. , Deut. 21: 15 p.). O uso da palavra odiada nesta instância então é uma hipérbole oriental típica e não deve ser tomada em seu sentido mais forte. Em comparação com o amor de Deus por Jacó, seu favor a Esaú parecia como se não fosse amor, mas ódio. No entanto, Deus havia abençoado e prosperado Esaú.

É incorreto, portanto, ler nas palavras de Malaquias qualquer conceito de "predestinação" das duas nações além da escolha de sua própria vontade. Deus sabia de antemão o curso que cada um escolheria em completa liberdade. À luz desta presciência, ele utilizou as carreiras de ambas as nações para o avanço de seus planos e propósitos para toda a humanidade.

Talvez seja dito ainda que esta passagem não diz nada sobre os destinos eternos de Israel ou Edom. Sua eleição ou rejeição teve referência apenas aos acontecimentos da história e ao desenvolvimento do reino de Deus aqui na Terra. A eleição de Israel era servir apenas, para que todos os homens pudessem eventualmente compartilhar o conhecimento de Deus como revelado em e através de Jesus Cristo.

Israel deveria ter sido humilhado por sua eleição. Em vez disso, ela arrogantemente se tornou indiferente ao amor de Deus. Assim, Malaquias enfrentou a nação com essa evidência concreta do amor de Deus para atacar os corações de seu povo a seriedade dos seus pecados. A nação rebelde repetidamente havia roubado o amor de Deus e até agora estava desafiando sua realidade.

É perfeitamente possível, apesar de o Senhor ter desperdiçado sua região montanhosa [Edom] e deixou sua herança aos chacais do deserto, que as pessoas objetaram que a derrubada de Edom não era definitiva, mas apenas temporária. "Ela tinha caído antes", disse Judá, "apenas para ressurgir". Portanto, o profeta está preocupado em deixar claro que a situação de Edom era permanente: se Edom diz: "... vamos reconstruir as ruínas? Senhor dos Exércitos diz: "Eles podem construir, mas vou derrubar". A palavra de Javé é colocada contra a palavra de Edom no contraste paralisante, trazendo no foco claro a futilidade de seus esforços em oposição à vontade de Deus. A destruição completa de Edom foi fatal, não haveria recuperação disso.

O título Senhor dos Exércitos, usado por 24 vezes por Malaquias, é um dos nomes mais majestosos e inspiradores de Deus em todo o Antigo Testamento. Das 267 vezes esse título é usado por Deus, cerca de 247 destes são encontrados na literatura dos profetas. Não é surpreendente, então, que este nome tenha sido chamado de "título profético" para Deus. Seu uso enfatiza o fato de que o Deus de Israel tem incontáveis forças e poderes a seu comando. Ele é, portanto, invencível.

A eterna desolação de Edom será uma evidência duradoura da iniqüidade de seus habitantes e da ira feroz de Deus descansando sobre ela. Na verdade, os homens a chamarão de país perverso, as pessoas com quem o Senhor está irritado para sempre, como testemunho do fato de suas transgressões e do julgamento de Deus sobre ela por causa delas. Por uma questão de registro, Edom nunca voltou ao seu antigo status ou território. Os edomitas (Idumaeans) permaneceram instalados no sul da Palestina com sua capital em Hebron. É mais do que interessante interesse que a família dos Herodes do tempo de Cristo fosse descendente desses mesmos Idumeanos.

Essa prova do amor e do poder de Yahweh não será adiada indefinidamente, mas ficará evidente durante a vida daqueles que ouvem o profeta: seus próprios olhos devem ver isso. Como toda tentativa da parte dos edomitas de recuperar sua antiga glória é frustrada por Yahweh, Israel virá a perceber a extensão e profundidade de seus propósitos e a atualidade de seu amor em seu favor. E o que eles próprios vêem os farão dizer: Ótimo é o Senhor, além da fronteira de Israel! Quando os olhos dos judeus auto-justos vêem a evidência irrefutável de que o Senhor realmente os ama, eles confessarão que ele é grande em poder, majestade e graça mesmo além da fronteira de Israel.

II. Falha de Israel para responder ao amor de Deus (1: 6-4: 3)

Embora as pessoas e os sacerdotes fossem culpados, a acusação mais séria de Malaquias era contra os sacerdotes porque eles eram os professores espirituais da nação. Como um grupo, eles estavam em uma relação peculiar com Yahweh e estavam sob obrigação especial de atendê-lo fielmente em seu escritório sagrado. Eles foram especialmente culpados porque deveriam ter tomado a iniciativa de estabelecer um exemplo digno para as pessoas a seguir. Por terem deixado de cumprimentar as responsabilidades de seu alto cargo, seus compatriotas haviam se encaminhado para uma hipocrisia viciosa e um ritualismo vazio.

1. Pecados do Sacerdócio (1: 6-2: 9)

(1) Laxência e indiferença em seus deveres (1: 6-14)

6 "Um filho honra seu pai, e um servo seu mestre. Se eu sou pai, onde é minha honra? E se eu sou um mestre, onde está o meu medo? diz o SENHOR dos exércitos, ó sacerdotes, que desprezam o meu nome. Você diz: "Como desprezamos o seu nome?" 7 Ao oferecer comida poluída sobre o meu altar. E você diz: "Como nós poluímos?" Ao pensar que a mesa do SENHOR pode ser desprezada. 8 Quando você oferece animais cegos em sacrifício, isso não é mal? E quando você oferece aqueles que são coxos ou doentes, isso não é mal? Presente isso ao seu governador; Ele ficará satisfeito com você ou mostrará o favor? diz o SENHOR dos exércitos. 9 E agora implora o favor de

Deus, para que ele tenha graça para nós. Com esse presente da sua mão, ele mostrará favor a qualquer um de vocês? diz o SENHOR **dos exércitos. 10 Oh, que havia um entre vós que fecharia as portas, para que não acendiesse o fogo em meu altar em vão! Não tenho prazer em você, diz o** SENHOR **dos exércitos, e não aceito uma oferta da sua mão. 11 Porque desde o nascimento do sol até a sua**

configuração, meu nome é grande entre as nações, e em todos os lugares é oferecido incenso ao meu nome e oferta pura; Porque o meu nome é grande entre as nações, diz o SENHOR **dos exércitos.** [12] **Mas você profanarem, quando você diz que o** SENHOR ‘s**A mesa está poluída, e a comida para ela pode ser desprezada.** [13] **'Que cansaço é isso', você diz, e você cheira a mim, diz o** SENHOR **dos exércitos. Você traz o que foi tomado pela violência ou é coxo ou doente, e isso você traz como sua oferta! Devo aceitar isso da sua mão? diz o** SENHOR . [14] Maldito seja a trapaça que tenha um macho em seu rebanho, e o jure, e ainda sacrifica ao Senhor o que é manchado; Pois eu sou um grande rei, diz o SENHOR **dos exércitos, e meu nome é temido entre as nações.**

Malaquias começa com a declaração de dois princípios gerais com os quais houve um amplo consenso. Ao fazê-lo, ele empregou duas imagens familiares indicativas do relacionamento de Deus com seu povo Israel, ou seja, sua paternidade e sua senhoria (ver Deuteronômio 14: 1 , Levítico 25:55). Nenhum israelita negaria que um filho fosse obrigado a honrar seu pai. Este foi um dos Dez Mandamentos e, portanto, foi universalmente praticado entre essas pessoas antigas. Era igualmente evidente que um servo respeitava seu mestre.

Os sacerdotes sem dúvida deram atenção a ambas as idéias, mas suas vidas não conseguiram manifestar qualquer realidade além da figura do discurso. Talvez eles se vangloriaram de que Deus era pai e mestre para eles e até mesmo esperava bênçãos de sua mão. Mas Deus exigiu que eles demonstrem a sinceridade dessa afirmação, tratando-o como eles professaram considerá-lo.

Como eles não conseguiram combinar a profissão com a prática, eles foram caracterizados como aqueles que desprezam meu nome. Pela indiferença e irreverência com que eles se aproximaram do ministério que era seu para realizar, eles tinham amontoado a desonra pelo nome de Deus. Os sacerdotes, que de todos os homens deveriam ter mantido o Senhor em honra, são acusados de ter seu nome desprezado. Um nome com o povo hebreu era mais que uma mera denominação. Com eles, o nome e a personalidade estavam tão intimamente associados que eram quase idênticos. Desprezar seu nome, portanto, era desprezar o próprio Javé.

A acusação de Malaquias contra os sacerdotes de desonrar o nome de Deus trouxe uma rápida pergunta deles em resposta. Como desprezamos o nome de Deus? Indiferentes e insensíveis à sua condição espiritual, eles declararam não culpado. O profeta então apresentou evidências de seu desprezo por Deus, apontando sua atitude para o ritual do Templo como um exemplo. Eles ofereceram comida poluída sobre o altar de Deus. Como evidenciado pelo restante do capítulo, a palavra poluída é simplesmente uma expressão forte para o que é contaminado, impuro, imperfeito ou manchado, e com referência a sacrifícios e ofertas é inaceitável para o Senhor. Os sacerdotes indignados novamente questionam piedosamente, como a poluímos?

Malaquias respondeu com estas palavras: Ao pensar que a mesa do Senhor pode ser desprezada. O profeta não quis por um momento insinuar que os sacerdotes chegaram à conclusão fundamentada de que a adoração de Deus não era importante e estava ensinando isso. Mas suas ações falaram mais alto que as palavras que consideravam o serviço do Templo como um trabalho miserável, para serem realizadas com desprezo. A palavra mesa, sem dúvida, significa altar e lembra o tempo antigo em que se pensava

que o sacrifício era uma refeição em que a divindade compartilhava comunhão com seus adoradores.

No v. 8, o profeta se torna mais específico quando continua a acusar os sacerdotes de desprezar a mesa do Senhor. Eles são culpados de oferecer animais sacrificados que são cegos, coxos ou doentes. A lei e o costume exigem que toda vítima de sacrifício seja livre de mancha ou defeito, e soa em particular (ver Deuteronômio 15:21 , Levítico 22:18). Os sacerdotes de todas as pessoas estavam cientes disso; portanto, suas ações estavam em clara violação da lei. Na sua forma mais pura e simples, o sacrifício significava oferecer algo a Deus de custo e valor ao oferente, como um símbolo de seu conceito e consagração a Deus. Ao aceitar oferendas inferiores para o sacrifício, os sacerdotes estavam zombando de toda a instituição do culto.

Malaquias impressionou ainda mais os sacerdotes sobre a seriedade de seus pecados enquanto os desafiava a oferecer tais sacrifícios ao governador. Ele ficará satisfeito com você ou mostrará o favor? o profeta perguntou. A resposta foi clara. Os sacerdotes não se atreveriam a fazer a oferta como eles sabiam muito bem o que aconteceria com eles. No entanto, eles ofereceram oficiosamente animais poluídos ao Senhor dos anfitriões. Tais ações indicaram que eles não levaram a Javé e suas ofertas tão a sério como eles tomaram os requisitos do governador local.

Os sacerdotes então estavam trazendo ao altar de Deus o que eles não queriam oferecer ao seu governante civil. O Senhor dos anfitriões aceita seus presentes? Claro que não! A continuidade de tal prática apenas acrescenta pecado ao pecado. Seria melhor que cessassem os sacrifícios do que as oferendas fossem feitas com espírito de blasfêmia. Melhor que alguém perca as portas (do Templo) do que os sacerdotes continuam a realizar serviços que são apenas uma paródia insultante da adoração verdadeira. O Senhor dos exércitos não tem prazer em tal adoração e, conseqüentemente, não aceitará uma oferta da sua mão.

Em contraste com o desânimo de Deus quando ele é adorado em Jerusalém, Malaquias aponta para uma adoração além da cidade, que traz honra ao grande nome de Deus. Pois, desde o nascer do sol até a sua configuração, meu nome é grande entre as nações, ... o incenso é oferecido ao meu nome e uma oferta pura. Antigos comentadores interpretaram este versículo como uma profecia da era messiânica e o culto universal da igreja cristã. Tal interpretação baseia-se nos verbos "deve ser" (KJV) que ocorrem duas vezes no verso e que estão em itálico tanto no KJV quanto no ASV. Isso indica que o verbo está faltando no original. Enquanto a construção hebraica permitiria um futuro, é naturalmente entendido aqui como presente. O contexto também parece apoiar a leitura é.

Malaquias, portanto, refere-se quer à adoração de Deus pelos judeus dispersos em muitas terras, quer ao culto sincero dos deuses pagãos em qualquer terra. A primeira abordagem aponta para as colônias judaicas na Babilônia, no Egito e em outros lugares que, sem muitos dos privilégios encontrados em Jerusalém, eram mais zelosos do que aqueles dentro da cidade. Em favor desta abordagem, pode-se instar que a expressão meu nome pressupõe o conhecimento de Deus, que até este ponto da história era conhecido apenas pelos judeus. Portanto, a referência é para os judeus da dispersão, e o profeta contrasta o culto destes fiéis judeus com o dos sacerdotes sem fé.

Talvez o peso ainda maior seja a outra imagem da vasta extensão da adoração que traz honra ao nome de Javé: desde o nascimento do sol até a sua configuração, meu nome é ótimo. Esta imagem descreve o culto universal dos pagãos, cuja sinceridade e zelo na adoração de seus deuses é contrastada com a despreocupada indiferença dos sacerdotes de Jerusalém. A sinceridade da adoração pagã, diz o profeta, é uma repreensão mordaz à hipocrisia sem coração dos líderes religiosos de seu tempo. Onde quer que houvesse adoração sincera por qualquer pessoa, a divindade sob qualquer nome, essa adoração era mais aceitável para o Senhor do que a performance descuidada e indiferente dos sacerdotes.

O propósito do profeta, é claro, não era louvar os pagãos em sua adoração, mas envergonhar os líderes de seu próprio povo a uma maior devoção a Deus a seu serviço. Os pagãos, desprezados pelos judeus, reverenciaram o nome de Deus segundo a sua luz, mas Israel mostrou apenas desprezo por ele e suas instituições.

Este contraste entre a maior e menor honra ao nome de Deus, como demonstrado pelos dois grupos de adoradores, pagãos e sacerdotes, é ainda indicado pelas primeiras palavras de v. 12 : Mas você profana o nome de Deus quando diz. Ou seja, não em tantas palavras, mas por atitudes e ações, os sacerdotes trouxeram desonra para o nome de Deus (ver comentário na versão 7).

Em vv. 13-14, o Senhor repete a acusação contra os sacerdotes (e as pessoas) de desprezar e negligenciar seu culto. Na verdade, os sacerdotes fizeram seu serviço a Deus com um cansaço nascido de tédio e espírito estéril. Isso resultou em desprezíveis "cheirar" ao Senhor dos exércitos, mesmo que ofereçam animais de sacrifício tomados pela violência [roubada] ou pelos coxos ou doentios.

O profeta encerra esta seção com uma repreensão de toque endereçada às pessoas por seu tratamento demorado de Yahweh. Em tempo de problemas, eles fizeram um voto a Deus envolvendo um animal sem defeito. Este voto seria então pago oferecendo um animal manchado. Malaquias denunciou um tal como uma *trapaça* e pronunciou uma maldição sobre ele. Mas mesmo nessa prática do mal, os sacerdotes tinham a culpa de permitir que tais sacrifícios fossem apresentados. Essa conduta de sua parte só pode resultar no julgamento de Deus sobre eles.

(2) Falha em Servir como Sacerdotes Verdadeiros (2: 1-9)

1 "E agora, ó sacerdotes, esse comando é para você. 2 Se não quiseres ouvir, se não o colocarás em coração para dar glória ao meu nome, diz o SENHOR dos exércitos, enviarei a maldição sobre vós e amaldiçoarei as tuas bençãos; Na verdade, eu já os amaldiçoe, porque você não coloca isso no coração. 3 Eis que eu vou repreender a sua descendência, e espalhar o esterco sobre os seus rostos, o esterco das suas ofertas, e eu o afastarei da minha presença. 4 Então, você saberá que eu lhe enviei esse comando, para que a minha aliança com Levi possa sustentar, diz o SENHOR dos exércitos. 5Minha aliança com ele era um pacto de vida e paz, e eu os dei a ele, para que ele pudesse ter medo; e ele temia-me, ele ficou maravilhado com meu nome. 6 A verdadeira instrução estava em sua boca, e nenhum erro foi

encontrado em seus lábios. Ele andou comigo em paz e reto, e ele desviou muitos da iniqüidade. [7] ***Porque os lábios de um sacerdote devem guardar conhecimento, e os homens devem buscar instrução de sua boca, porque ele é o mensageiro do SENHOR dos exércitos.*** [8] ***Mas você se afastou do caminho; você causou muitos tropeçando com suas instruções; você corrompeu a aliança de Levi, diz o SENHOR dos exércitos,*** [9] ***e assim eu faço você desprezado e abatido diante de todas as pessoas, na medida em que você não manteve meus caminhos, mas mostrou parcialidade em suas instruções ".***

Malaquias encarregou os sacerdotes de seu tempo de laxismo e indiferença na realização de certos aspectos de seu ministério (1: 6-14). Agora, ele tem uma segunda e talvez mais séria acusação de trazer contra eles, ou seja, negligenciar seus deveres intelectuais (instrucionais). Isso é feito apresentando um contraste vívido entre o exemplo indigno dos presentes sacerdotes e o nobre ministério de seus ancestrais dignos, aqui representados por Levi.

A solenidade desta acusação é indicada pelas primeiras palavras do capítulo: E agora, ó sacerdotes, esse comando é para você. O comando referido não é imediatamente discernível. Não existe um comando expresso no contexto imediato. Talvez o significado seja encontrado nos versículos anteriores e seguintes. No capítulo anterior, os sacerdotes haviam sido chamados a explicar o seu serviço irreverente e desleixado no Templo, um serviço que envergonha o nome de Deus. Da mesma forma, nos versículos que se seguem, o estresse é colocado sobre a necessidade de glorificar a Deus. Por isso, o comando é mais facilmente explicado como a obrigação rigorosa de honrar o Senhor, que parece estar por trás de todo o contexto.

Malaquias, em seguida, advertiu sobre a maldição para acontecer com os sacerdotes se eles não conseguissem dar glória ao nome de Deus. A natureza da maldição é delineada nas palavras, eu amaldiçoarei suas bençãos. Deus amaldiçoará as bênçãos que os sacerdotes pronunciaram sobre as pessoas ou os benefícios que desfrutaram como ministros no Templo (ver Números 18: 8ss). Numerosos benefícios especiais foram anexados ao escritório sacerdotal, e os sacerdotes desfrutaram muitos privilégios. É talvez para este "benefício do clero" que a maldição de Deus será dirigida. Na verdade, a mão pesada de Deus já havia começado a cair: na verdade, eu já os amei. A maldição já havia começado e começaram a se estabelecer sobre eles desde o momento em que começaram a desonrar o nome de Deus.

A natureza da maldição é ainda indicada na v. 3 : Eu vou repreender ("corrompido", KJV) sua prole ("semente", KJV). A renderização KJV dá a sensação de que a maldição é afetar a produtividade da terra para que a receita do sacerdote seja reduzida. O RSV faz sementes no sentido natural mais metafórico da prole.

Além disso, Deus os sujeitará ao tratamento mais desdenhoso e humilhante, eu vou. . . espalhar esterco em seus rostos; isto é, a imundície dos intestinos dos animais sacrificados. Esta é uma expressão forte que indica a humilhação e a vergonha que esperam os sacerdotes. Como haviam contaminado o altar de Deus com seus sacrifícios manchados, eles próprios seriam contaminados. E se o esterco se refere ao excremento dos animais ou ao conteúdo das entranhas da vítima morta é de pouco momento. A

humilhação final foi acumulada sobre eles, e eles ficam contaminados, totalmente impróprios para cumprir seu dever sacerdotal.

Além disso, Deus os separará de sua presença, ou "um deve levá-lo embora" (KJV). Os sacerdotes profanados, impróprios para as exigências do dever, serão levados e depositados com o esterco nos despejos da cidade (ver Lev. 4: 11f). Assim, eles serão completamente desonrados e desonrados. Como Deus disse a Eli: "Para os que me honram, eu honrarei, e aqueles que me desprezam serão levemente estimados" (1 Sam. 2:30). Verdadeiramente só aqueles que o honram podem honrar Deus. É significativo, no entanto, que esta mensagem de julgamento fosse condicional, se você não colocá-la no coração. Deus sempre deseja que os homens se arrependam de que o julgamento possa ser suspenso.

Para retratar as imperfeições grosseiras dos sacerdotes presentes, o profeta pinta um quadro vívido, talvez um tanto idealizado, de um sacerdócio mais perfeito, iniciado pela aliança de Deus com Levi (v. 4-5). A aliança com Levi aludida nestes versículos está longe de ser claramente definida no Antigo Testamento. O autor de Números 25: 10-13 faz menção a uma aliança com Phinehas, o neto de Arão. Deuteronômio 33: 3-11provavelmente se refere ao mesmo incidente, mas lá, Levi representa a tribo sacerdotal. Malaquias, evidentemente, transferiu a lembrança do incidente com Phinehas eo estabelecimento de uma aliança especial com ele para Levi, seu antepassado tribal. Parece preciso, então, na imagem idealizada do caráter ideológico de Malaquias, considerar Levi como representante ou personificação da tribo sacerdotal.

As condições da aliança referida são delineadas na v. 5 . Javé, por sua vez, prometeu vida e paz. A vida fala de uma vida qualitativa e satisfatória conhecida apenas por aqueles que são receptores do favor de Deus como resultado de fazer a vontade dele. A paz é mais do que calma da alma, mas o bem-estar de todos os tipos - paz, silêncio, proteção e saúde. Estas coisas prometeu e prometeu na aliança.

Que ele [Levi] possa ter medo. Ou seja, como resultado de Deus lhe dar vida e paz, Levi realizou seus deveres em relação a Deus com bom reverência. Este era o lado humano da aliança, e ex-sacerdotes haviam cumprido com isso: Levi me temia. O medo e a reverência prestados a Yavé por Levi expressaram-se na fiel libertação de seus deveres sacerdotais (v. 6-7). A imagem do verdadeiro serviço sacerdotal é retratada de forma impressionante nestes versos. Malaquias magnifica a função de ensino do sacerdote em vez do seu dever na realização do rito sacrificial. Ao mesmo tempo, acrescentou uma nova vitalidade ao conceito de sacerdote como professor, relacionando esta função com atitudes espirituais e éticas, e não com as armadilhas das técnicas litúrgicas.

A verdadeira instrução estava em sua boca. A verdadeira instrução é preferível à "lei da verdade" (KJV). A instrução (*torah* , Heb.) Aqui não se refere nem à lei mosaica, nem a qualquer coisa tão abstrata e indefinida como o princípio da verdade. Em vez disso, é feita referência à decisão específica do sacerdote dada em casos que foram recorridos através dele a Yahweh. Em contraste com a prática atual de comprar e vender julgamentos nos tribunais sacerdotais, os verdadeiros sacerdotes (Levi), sem erros ... em seus lábios deram o oráculo de Javé ao recebê-lo, com justiça para os oprimidos e pena pela opressor. Levi pôde fazer isso porque, em paz e justiça, ele andava comigo [deus], e não falava apenas sobre Deus, que é a primeira tentação do pregador.

Caminar com Deus é adorar a Deus e seguir seus preceitos, como fez Enoque (Gênesis 5:22) e Noé (Gênesis 6: 9). Isso implica viver em uma estreita comunhão com Deus e o desejo resultante de estar totalmente de acordo com sua vontade. O termo paz indica uma comunhão com Deus que resulta em uma harmonia e tranqüilidade que não são perturbadas por ciúmes e ambições insatisfeitas. A justiça é o oposto do errado mencionado, em suma, uma iniqüível integridade moral.

O efeito de tal caminhada, então, como agora, foi a conversão dos pecadores; e ele virou muitos da iniqüidade. Desta declaração, JMP Smith disse: "O sacerdócio é concebido como muito mais do que um grupo de homens definido para o desempenho exato do ritual, ou como homens através dos quais a vontade de Deus é conhecida como mensagens são transmitidas através de um telefone . É antes uma agência dotada de grandes possibilidades como força positiva de instrução e reprovação na justiça "(p.39). Como resultado de um ministério fiel, o verdadeiro sacerdote ajudou muitos a encontrar o caminho da vida, outros para retornar a ele, e ainda outros permanecerem desse jeito (Dan 12: 3). Quão diferentes foram os sacerdotes do dia de Malaquias!

O profeta tornou clara a função adequada e esperada do sacerdote. Esta é a força do For que introduz v. 7 : Para os lábios de um sacerdote devem guardar o conhecimento. Este é o único uso de Malaquias na palavra conhecimento. Evidentemente, indica mais do que mero aprendizado, ou a posse de fatos, no entanto, ótimos. Malaquias fala aqui do conhecimento de Deus que é praticamente sinônimo dessa sabedoria cujo princípio é o "medo do Senhor" (cf. Hos. 4: 1 , 6 ; 6: 6). Tal conhecimento, os sacerdotes devem manter, observar, preservar, proteger, como um tesouro precioso - não como um benefício meramente pessoal, mas como uma bênção ou bênção pública.

Os homens devem buscar instrução de sua boca. Nessa afirmação, há uma dupla obrigação: por parte dos sacerdotes viver e realizar seus serviços de tal maneira que os homens procurem deliberadamente orientação deles; e por parte dos leigos para procurar cuidadosamente essa instrução do sacerdote (ministro). O fundamento da obrigação para ambos é encontrado no relacionamento do sacerdote com Deus: pois ele é o mensageiro do Senhor dos exércitos. O sacerdote e o profeta são o mensageiro do Senhor, com o dever de transmitir o conhecimento de Javé e suas leis.

Este título é aplicado a um sacerdote apenas aqui em todo o Antigo Testamento, com a possível exceção do Ecclesiastes 5: 6 . Em textos anteriores designa o anjo enviado por Senhor para revelar a sua vontade para homens (por exemplo, Gen. 16: 7 ss. ; Nm 22:.. 22ff ; Jz 5:23.). Malaquias está propondo que Yahweh, que anteriormente falou com seu povo através de um anjo especial, agora escolheu o sacerdócio para desempenhar essa função? Se assim for, aqui está um conceito do sacerdócio insuperável em qualquer parte do Antigo Testamento, o que torna ainda mais grave qualquer falha na responsabilidade de um cargo tão alto.

Antes de dar atenção à comparação mais nova de Malaquias do sacerdócio de seu tempo com a de um dia anterior, talvez seja provável examinar sua interpretação do caráter e da qualidade do sacerdócio anterior. Ele indicou que eles eram verdadeiros professores, não retinha nada, não mostra preferências e vivia em uma comunhão íntima com o Senhor. Mas este foi um tributo brilhante ao sacerdócio do passado merecido por todos os seus membros? Do mesmo modo, de acordo com o registro deixado por alguns de

seus contemporâneos entre os predecessores de Malaquias (por exemplo, Hos. 5: 1 ; 6:10 ; Isaías 28: 7ss , Mic. 3:11).

No entanto, suas palavras são dignas de homenagem aos ideais e esforços de muitos sacerdotes que serviram fielmente de Moisés a Ezra. Com cuidado e paciência, levaram as pessoas a um conhecimento mais completo da vontade de Deus. Na ausência de um canon de lei fixo que decidiu rigidamente todas as questões, eles com uma consciência certa tomaram apenas decisões como a situação exigia.

Malaquias pintou uma imagem gráfica de um sacerdócio que atendia aos padrões divinos, com a implicação óbvia de que aqueles que não cumpriam esses padrões estavam abandonados em seus deveres. Agora ele vem (v. 8) para carregar seus contemporâneos com o abandono sugerido nos versos anteriores. O primeiro item sobre o projeto de lei do profeta contra os sacerdotes de seu tempo é que você se desviou do caminho, isto é, o caminho de Yahweh e, mais especificamente, a maneira como ele ordenou (ver Ex. 32: 8 ; Deut 9:12 , 16 , Judg 2:17). Mais uma vez, *você causou muitos tropeçar.* A própria *instrução* ou a lei que veio da boca do sacerdote, que deveria ter guiado os homens no caminho de Javé, tinha sido usada para afastá-lo dele.

O significado completo aqui não é apenas carregar os sacerdotes com erro de ensino, mas afirmar que, por exemplo, como preceito, eles ensinaram as pessoas a quebrar a lei - tropeçar. Semelhante aos professores religiosos do dia de Cristo, eles eram líderes cegos do cego (Mateus 15:14). Consequentemente, os sacerdotes corromperam a aliança de Levi. Uma vez que uma aliança deve ser observada por ambos os partidos, a aliança que deveria ter trazido felicidade e benção sobre eles foi corrompida, isto é, arruinada, destruída, anulada.

Vimos então como os sacerdotes do dia de Malaquias não conseguiram atender às exigências divinas da aliança de Deus (real ou ideal) com Levi. Como líderes religiosos reconhecidos do dia do profeta, os sacerdotes tinham uma grande responsabilidade e mereciam severas repreensões e punições por sua falta de fé.

Na verdade, sua falta de viver no nível das exigências de Deus sobre eles (v. 6f.) Carregou sua própria retribuição; Eles foram desprezados e abaixados diante de todas as pessoas. Essa perda de prestígio e respeito foi a consequência da sua partida dos caminhos do Senhor vivo e da administração da instrução ("lei", KJV) com parcialidade em vez de com justiça. Apesar de Malaquias ter visto este julgamento como vindo diretamente de Deus, eu [Yahweh] faz você desprezar, foi, no entanto, a consequência lógica e inalterável de um sacerdócio hipócrita superado com tédio. Nenhum homem, nem um homem do mundo, tem qualquer respeito pelo líder religioso cuja vida não "quadrado" com sua profissão.

Alguns consideraram estranho que Malaquias colocasse tanta ênfase nos preceitos externos da lei. Eles têm dificuldade em entender a importância que ele atribuiu às instituições de religião, o alto valor que ele colocou no sacerdócio e as formas cerimoniais de adoração. Mas a lei ritual era um meio pelo qual Israel deveria ser separado do mundo durante o período em que estava prestes a entrar. As pessoas estavam em grave perigo de perder o controle sobre o ritual e tudo o que continha para eles. O profeta estava determinado que isso não aconteceria, afirmando que os ideais precisavam ser expressados não apenas em palavras, mas também em instituições.

As grandes verdades religiosas exigem a criação de formas que abraçam toda a vida comunitária. Os homens devem honrar Deus em sua casa, bem como em suas casas. Onde o altar é impuro, a vida sofre, resultando em moral reduzida. A atitude dos homens em relação ao lado ritual do culto nunca pode ser uma questão de indiferença ou insinceridade. Embora seja verdade que a adoração (ritual) em suas muitas formas não é um fim em si, mas a sua importância como impulso interno que exorta a alma a atingir a meta da justiça nunca deve ser ignorada.

A mensagem de Malaquias também contém palavras de sabedoria e alerta para aqueles que ministram as necessidades espirituais dos homens em todas as épocas.

É sempre "como pessoas, como sacerdote". O nível espiritual de um povo nunca pode se elevar acima do de seus líderes religiosos (sacerdotes). E que ministro entre nós não hesita ao ouvir a acusação de Malaquias sobre os sacerdotes de hoje? A conduta de culto é a tarefa mais alta, a mais sagrada e a mais difícil das tarefas que enfrentam os ministros modernos. Para se aproximar do altar de forma descuidada e indiferente, oferecer-lhe qualquer coisa menos do que o mais perfeito dos sacrifícios, é uma ofensa no nosso dia, não menos do que em os dias de Malaquias. O Senhor despreza esse serviço.

2. Pecados das pessoas (2: 10-4: 3)

O enfraquecimento da vida religiosa no tempo de Malaquias era bem visível e teve graves repercussões sociais. A perversidade no local de culto resultou em perversidade por parte daqueles que vieram adorar. As opiniões erradas de Deus e as falsas formas de culto levam inevitavelmente a relações sociais fraturadas. O profeta agora dá atenção a alguns dos pecados mais sérios de sua sociedade.

(1) Casamento Misturado e Divórcio (2: 10-16)

10 Não temos todos um único pai? Um Deus não nos criou? Por que, então, somos infiéis uns aos outros, profanando a aliança de nossos pais? 11 Judá foi infiel, e a abominação foi cometida em Israel e em Jerusalém; Pois Judá profanou o santuário do SENHOR , que ele ama, e se casou com a filha de um deus estrangeiro. 12 Que o SENHOR se separe das tendas de Jacó, para o homem que faz isso, algum para testemunhar ou responder, ou para oferecer uma oferta ao SENHOR dos exércitos.

13 E isso novamente você faz. Você cobre o altar do SENHOR com lágrimas, com lágrimas e gemidos, porque ele não mais considera a oferta ou aceita com um favor em sua mão. 14 Você pergunta: "Por que ele não?" Porque o SENHOR testemunhou a aliança entre você e a esposa da sua juventude, a quem você foi infiel, embora seja sua companheira e sua esposa por aliança. 15 O que Deus não fez e sustentou para nós, o espírito da vida? E o que ele deseja? Filhos divinos. Então, preste atenção a si mesmos, e deixe que ninguém seja infiel para a esposa da sua juventude. 16 "Porque

odeio o divórcio, diz o Senhor Deus de Israel, e cobre a roupa com violência, diz o SENHORdos hospedeiros. Portanto, lembre-se de si mesmo e não fique sem fé ".

Esta passagem por razões válidas tem sido chamada de mais intrigante no livro de Malaquias, e suas interpretações foram muitas e variadas (ver Matthews, pp. 21). O significado geral, no entanto, parece suficientemente claro. O profeta traz à luz novas evidências do fracasso de Israel em responder ao amor de Deus. Ele faz isso condenando a infidelidade do povo a sua antiga aliança com Javé.

Malaquias apontou seu fracasso em cumprir as obrigações da aliança denunciando dois abusos generalizados, a saber, casamentos com mulheres pagãs e o divórcio cruel de suas próprias esposas judaicas. Nos olhos do profeta, tal conduta era uma abominação para o Senhor, e resultaria em seu julgamento. Como o Senhor era pai de todo o Israel, todos eram membros de uma família e, portanto, eram obrigados a tratar uns aos outros com bondade e compaixão.

Como Malaquias abre abruptamente sua acusação contra o povo, ele segue muito a mesma abordagem que a repreensão dos sacerdotes (ver 1: 6). Primeiro, um princípio geral é declarado sob a forma de uma pergunta. Então, a partir desta declaração de grande alcance, ele deduz o erro inerente de casamentos com mulheres pagãs e de divorcios casuais. Independentemente de as duas ofensas serem ou não separadas ou relacionadas, no sentido de que a outra resultou do outro, não era a preocupação especial do profeta (embora seja para muitos comentaristas). Na sua mente, estava desagradando a Deus e exigiu uma advertência do profeta.

Não temos todos um pai? Um Deus não nos criou? Por meio dessas duas questões, as pessoas são lembradas de sua comunhão comum como membros da mesma família. O Pai se refere a Javé (cf. 1: 6), e é paralelo em significado para *um Deus*que *nos criou* na segunda questão. O pensamento de Deus como pai baseia-se no fato de que Deus é o criador e, portanto, impede qualquer possibilidade de referência a Abraão, Jacó ou mesmo Adão. O contexto indica que Malaquias está se referindo a Deus como o criador da nação judaica e não de todos os homens em todos os lugares. Ele está pensando na unidade espiritual que deve prevalecer em sua própria nação por causa da relação unicamente íntima que existe entre eles e o Criador (ver Isa 43: 1 ,7 , 21). Deus criou Israel como seu povo lhes deu uma nova existência, um novo relacionamento uns com os outros, uma nova unidade. Portanto, qualquer ofensa de um homem contra outro foi uma violação de sua relação com Deus, em quem, como seu Pai comum, sua unidade foi fundamentada.

O ideal de uma fraternidade comum enraizada em uma paternidade comum, que Malaquias avança como o verdadeiro padrão de vida para sua própria comunidade, é inerentemente capaz, sob os horizontes em expansão da fé profética, de incluir toda a raça humana. O homem moderno precisa refletir sobre essa verdade! A paz entre nações, raças e classes da sociedade nunca será alcançada com base apenas nas relações humanas. Deve ser fundada em uma fraternidade que deriva da paternidade de Deus como Criador e Redentor do homem.

Malaquias acusou aqueles que eram infelizes uns aos outros eram culpados de uma conduta traiçoeira totalmente inconsistente com o fato de serem membros da mesma família. Tal conduta resultou em profanar a aliança de nossos pais. A conduta específica

dos judeus (casamentos mistos e divórcio) é considerada na v. 11-16 ; aqui o profeta está preocupado com o efeito mais imediato de tal conduta - profanando a aliança. Ou seja, a santidade da relação entre Deus e seu povo estava sendo contaminada. A aliança de nossos pais é o único que o Senhor produziu com os antepassados de Israel (ver ex. 19: 5 f .; 24: 8) quando ele os escolheu entre os pagãos e os adotou como pessoas da aliança. Uma das obrigações deste pacto pela parte de Israel era abster-se do casamento com o estrangeiro (ver Ex. 34:16 ; Deut. 7: 3).

Alguns intérpretes (ver Matthews, página 22) consideram o v. 11-12 como vindo de outra mão em um último período, tratando exclusivamente do problema do casamento com as mulheres samaritanas e isolado da questão do divórcio (v. 10 ,13-16). Mas a acusação de Malaquias de que os infratores estavam profanando a aliança de seus pais é uma forte evidência da inter-relação de vv. 10-16 . Foi entre casamentos com os pagãos, como condenado na v. 11-12, que era uma ameaça constante à fé distinta que serviu de base à aliança de Deus com Israel. A prática de casamentos mistos estava repleta de consequências tão graves para a unidade religiosa e social de toda a comunidade que o profeta marcava aqueles que contratavam tais uniões como infiéis (KJV, "tratem" com seus irmãos (v. 10).

Malaquias repete a acusação de infidelidade na v. 11 e outras acusações de que uma abominação foi cometida em toda a terra, em Israel e em Jerusalém. O que Israel tinha feito é descrito como uma abominação, um termo usado principalmente para denotar o que é abominável para o Senhor, por exemplo, a idolatria, a impureza, as irregularidades rituais e as violações da lei moral.

Como resultado desta abominação, Judá profanou o santuário do Senhor. De acordo com esta representação, "a santidade do Senhor" (KJV) significaria santuário ou Templo. O hebraico permite isso e é apoiado pela proibição de pessoas pagãs que entram nos recintos sagrados do Templo, bem como pelo fato de que o Templo foi considerado como a morada de Deus. Mas a "santidade do Senhor" (KJV), isto é, o povo de Israel, é preferível e especialmente assim "para Israel ser santo para o Senhor" (Jeremias 2: 3); e o profeta fala do amor de Deus por ela (o que ele ama). O amor de Deus por seu povo parece mais apropriado aqui do que a idéia de seu amor pelo Templo. Além disso, o fato de que Israel é amado de Deus (ver 1: 2) agrava a traição de sua conduta.

Esta traição é definitivamente delineada, mas somente depois que o profeta chamou a atenção para a iniqüidade dela: não blasfêmia, assassinato ou roubo, mas o que deve ter parecido ao povo uma questão inofensiva - casamento com mulheres pagãs.

Judá se casou com a filha de um deus estrangeiro, isto é, uma mulher de um povo estrangeiro e um adorador de um deus estrangeiro. À medida que as mulheres estrangeiras mantêm suas lealdades a seus próprios deuses, acabaram por levar seus maridos aos atos mais flagrantes da idolatria. Os que escolheram as mulheres pagãs rejeitaram o Deus de Israel e pecaram gravemente contra ele. O profeta ataca então o próprio coração do pecado de Israel e mostra que é falta de fidelidade a Deus, que é a raiz desse pecado.

Um pecado tão sério exigiu o castigo grave que se segue: Que o Senhor se separe das tendas de Jacó, para o homem que faz isso, algum para testemunhar ou responder, ou

para oferecer uma oferta ao Senhor. O verbo cortado é a forma "jussiva" em hebraico, usado para expressar um forte desejo, desejo ou comando; daí o KJV, "O Senhor vai cortar." A expressão qualquer para testemunhar ou responder é difícil. O KJV torna-o, "o mestre e o erudito", ou seja, professor e aluno. Outros intérpretes tornam a frase "o observador e respondente", com referência ao relato dos levitas no Templo, quando um ficou acordado e ligou e outro respondeu.

Embora o significado exato do termo hebraico seja incerto, aparentemente significa totalidade, o que significa tudo, no sentido de todos. O Senhor destruirá todos os homens da família do homem que profana a santidade do Senhor por casamento com uma mulher estrangeira. Ele não terá ninguém para representá-lo nos tribunais, nenhum para testemunhar ou responder, e no Templo nenhum para oferecer uma oferta ao Senhor dos Exércitos! Não haverá nada de modo algum para suportar ou para ajudá-lo.

Em vv. 10-12 a acusação de infidelidade era para com Deus e com a comunidade. Em vv. 13-16 a acusação é infidelidade para as esposas. Novamente, Malaquias se aproxima indiretamente de seu pensamento, nomeando o pecado específico do qual as pessoas - realmente, os homens - eram culpadas somente depois que ele havia lidado com as conseqüências desse pecado.

E isso de novo você faz, mais literalmente, "E isso, uma segunda coisa, você faz." Rashi elabora a repreensão do profeta da seguinte maneira: "O primeiro crime pelo qual eu censuro você, que você não toma a sua própria esposa pessoas, mas uma mulher estrangeira, são ruins o suficiente; mas que você já tem uma esposa judaica e traz para a casa uma mulher estrangeira como esposa principal é imperdoável ".

Você cobre o altar do Senhor com lágrimas pode referir-se às lágrimas das esposas prejudicadas que vêm ao Templo queixam-se de seu lote cruel e derramam sua dor diante do altar. Suas lágrimas formam uma barreira para que Deus não considere mais a oferta ou a aceita com favor. Uma interpretação mais natural é que as lágrimas provêm das pessoas cujos dons e orações Deus rejeitaram.

Com lágrimas e gemidos, mas sem abandonar seus pecados (casamentos mistos e divórcios), eles vêm diante do altar buscando o favor de Deus. Na falta de encontrá-lo, eles questionam: por que ele não aceita nossa oferta? Para o qual Malaquias respondeu: Porque o Senhor testemunhou a aliança entre você e a esposa da sua juventude.

A convicção do profeta de que a recusa de Deus em aceitar suas ofertas era devido ao seu desprezo pelas obrigações solenes do casamento, uma aliança inalterável celebrada diante de Deus, uma testemunha sempre presente. A referência à esposa da sua juventude indica que as esposas judeus idosas estavam sendo postas de lado por seus maridos a favor de garotas mais jovens e mais atraentes dos países vizinhos. Ao fazê-lo o marido tinha sido infiel (KJV, “foste desleal”) para sua esposa *t* hough ela a tua companheira e sua esposa por convênio; isto é, embora ela seja obrigada a você por uma aliança solene testemunhada pelo próprio Deus.

O versículo 15 no hebraico é, sem dúvida, um dos versos mais obscuros e difíceis em todo o Antigo Testamento. Isto é particularmente verdadeiro para a primeira parte do versículo - que o RSV faz de forma inadequada: não o Deus que Deus fez e sustentou para nós o espírito da vida?

O exame de comentários padrão revela que há pouco acordo quanto ao significado desta afirmação. Uma interpretação precoce do v. 15 refere-se a Abraão: "Não um (isto é, Abraão) faz isso?", Ou seja, pegue um Agar nativo para ser sua esposa? O profeta responde: "Sim, mas foi com o propósito de levantar sementes piedosas".

Mas que razão existe para supor uma alusão a Abraão? Sua conduta com referência a sua esposa Sarah e sua serva Hagar (ver Gênesis 16: 1s.) Não era claramente paralela à reprovada pelo profeta. A negligência denunciada aqui é a de afastar as esposas da aliança e se casar com estrangeiros. Mas Abraão não guardou Sarah. Além disso, ele tomou Agar no pedido de Sara, não como os judeus fizeram nos dias de Malaquias, desconsiderando completamente os desejos de suas próprias esposas.

Uma segunda interpretação faz com que Deus é o sujeito e trata "um" equivalente a "uma só carne" (Gênesis 2:24): "E ele não (Deus) faz uma (carne)?" Agora, o sentido da passagem é: fez Deus não faz Adão e Eva uma só carne? Ele poderia ter dado a Adão muitas esposas porque tinha controle do espírito da vida. E por que ele os fez uma só carne? Por ter procurado uma semente piedosa (raça), um povo da aliança de uma religião pura. O divórcio então estava derrotando o propósito criativo de Deus. Esta abordagem enfatiza a permanência ou indissolubilidade do vínculo matrimonial (ver Marcos 10: 2-9). Ele também constrói um caso forte para a monogamia. Mas uma pluralidade de esposas não é o problema ou o mal contra o qual Malaquias está falando; Em vez disso, é o afastamento de uma aliança ou esposa judaica e levar um estrangeiro em seu lugar.

Talvez então uma interpretação adicional ou complementar seja considerada em conjunto com a última abordagem (acima). No início desta seção (2: 10-16) Malaquias argumentou pela unicidade do povo judeu pelo fato de terem um pai (Deus). Eles eram, portanto, um, e os casamentos mistos que violavam essa unicidade eram errados à vista de Deus. Depois de ter demonstrado que os judeus viviam contrários a esse arranjo e, assim sendo, maltratavam cruelmente as esposas da aliança, ele pergunta novamente como no início (v. 10): "Deus não nos fez um?" Ou seja, ele não nos separou de outras nações em uma unidade isolada? Mas isso não foi feito porque a sua benção era muito escassa para incluir outras nações, ou porque a plenitude infinita estava esgotada; pois o resíduo do Espírito estava com ele. Por que ele escolheu apenas uma nação? Foi que ele poderia fazer uma verdadeira semente de Deus, um povo entre os quais a verdadeira doutrina de Deus poderia ser nutrida no meio do politeísmo e da idolatria. Para trazer um elemento do paganismo entre os povos da aliança, permitindo casamentos mistos e a rejeição das esposas da aliança, era perturbar ou invalidar a separação e unidade que Deus desejava deles e derrubar sobre eles o seu julgamento.

As duas últimas interpretações, quando tomadas em conjunto, constituem a base da forte condenação do profeta aos homens de sua época. Ao se divorciar de suas esposas legais, eles estavam violando o princípio fundamental da unidade na relação matrimonial, e ao casar com a filha de um deus estrangeiro (v. 11) eles estavam perturbando sua unidade como o povo da aliança de Deus. Tais práticas chamaram a forte exortação deste versículo, então, tome cuidado com vocês mesmos, e não deixe que ele seja infiel para a esposa da sua juventude, e também a forte afirmação do versículo seguinte.

O versículo 16 , intermediário em seu ensino sobre o divórcio entre Deuteronômio 24: 1-4 e as palavras de Jesus (Marcos 10: 2-9), nos dá as palavras mais fortes sobre o assunto no Antigo Testamento. Tão claro quanto pode ser dito, o profeta falando por Deus disse: odeio o divórcio (lit., arrumando) e continua lembrando aos ouvintes que aquele que fala é o Senhor Deus de Israel, a única ocorrência disso Título para Deus em Malaquias. O profeta deu peso a este pronunciamento assinando o nome de Deus, por assim dizer, na íntegra. (O hebraico lê "odeia", mas odeio é certamente exigido pelo contexto.)

E cobrir a roupa com violência é paralelo em forma e significado para se divorciar, e Deus os odeia. O significado exato do primeiro não é inteiramente claro, e a figura não ocorre em nenhum outro lugar do Antigo Testamento. A base da figura pode estar em um costume antigo, segundo o qual o elenco de uma roupa sobre uma mulher era equivalente a reivindicá-la como esposa (ver Deuteronômio 22:30 ; Ezequiel 16: 8 ; Rute 3: 9). Há paralelos, na literatura árabe do uso figurativo do vestuário no sentido da esposa (ver Denton, p. 1136). Por isso, cobrir a roupa com violência era agir de maneira violenta e injusta em relação à esposa ou ao casamento.

Malaquias agora traz suas palavras sobre o divórcio ao fim com o aviso anteriormente dado na v. 15 : Portanto, tome cuidado com você mesmo e não fique sem fé. Tanto a compaixão quanto a percepção do profeta são mostradas no fato de que ele considerava o divórcio não só como um ato desleal em relação a Deus, mas também como uma ação traiçoeira e cruel feita à própria pessoa da esposa.

Em um mundo onde o divórcio é desenfreado, a verdade de que Deus "odeia o divórcio" exige uma consideração constante.

(2) Cínica incredulidade (2: 17-3: 6)

17 Você se cansou do SENHOR com suas palavras. No entanto, você diz: "Como o cansamos?" Ao dizer: "Todo aquele que faz o mal é bom aos olhos do SENHOR , e ele se deleita com eles". Ou perguntando: "Onde está o Deus da justiça?"

1 "Eis que envio meu mensageiro para preparar o caminho diante de mim, e o Senhor que você procura, de repente, virá ao seu templo; o mensageiro da aliança em quem se deleita, eis que ele vem, diz o SENHOR dos exércitos. 2Mas quem pode suportar o dia da sua vinda, e quem pode suportar quando ele aparece? "Pois ele é como um fogo de refinador e como sabão de fullers, 3 ele se sentará como refinador e purificador de prata, e ele purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e prata, até que eles ofereçam ofertas justas ao SENHOR . 4 Então a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao SENHOR , como nos dias antigos e como nos primeiros anos.

5 "Então vou me aproximar de você para julgamento; Seria um testemunho rápido contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que oprimem o mercenário no seu salário, a viúva e o órfão, contra aqueles que afastaram o estrangeiro e não me temem, diz o SENHOR dos exércitos.

6 ***"Pois eu, o SENHOR não muda; Portanto, ó filhos de Jacó, não são consumidos.***

Como evidência adicional do fracasso de Israel em responder ao amor de Deus, Malaquias aponta para a presença entre o povo daqueles que perderam a fé em Deus. Esta perda foi demonstrada pela negação da justiça de Deus e duvida da sua vinda para julgar e discriminar entre o mal e o bem. Em resposta a sua incredulidade, o profeta declarou que Deus enviaria seu mensageiro para se preparar para a vinda do dia do juízo, quando os sacerdotes fossem purificados e os pecadores de todo tipo seriam expostos e condenados. O Senhor, que deu a Israel uma aliança de santidade, não mudou seu caráter. Ele ainda era inalterável contra o pecado, e todos os pecadores não arrependidos em Israel devem perecer.

Você se cansou do Senhor. As pessoas, especialmente os sacerdotes, ficaram cansadas pelos cultos de adoração (1:13); agora o Senhor estava cansado de suas palavras (Isaías 1:14 ; 43:24). O povo respondeu, como era a sua prática (ver 1: 2 , 6 f; 3: 8 , 13), com uma pergunta, como o cansamos? esperando assim justificar-se e culpar a Deus.

Em resposta à sua pergunta, o profeta apontou sua incredulidade cínica. Eles estavam dizendo que a influência do Senhor era exercida em favor dos ímpios e não dos justos. Com amargura, eles perguntaram: Onde está o Deus da justiça? implicando que o governo moral do mundo estava fora de conjunto. Quando o mal parece florescer sem restrições, quando os homens bons não sentem valor aparente na adoração e se contentam em oferecer menos do que o seu melhor a Deus, a realidade do julgamento de Deus é sempre questionada.

Malaquias respondeu a pergunta final do versículo anterior com o anúncio de que os erros presentes deveriam ser corrigidos por Yahweh em pessoa, que já estava agora no momento de enviar seu precursor: Eis que envio meu mensageiro. A identidade desse mensageiro ou herdeiro não é revelada. Alguns intérpretes encontraram aqui uma previsão da vinda de João Batista (ver Marcos 1: 2f.); outros vêem este mensageiro como o profeta prometido em Isaías (40: 3ss) e identificado com Elijah em Malaquias 4: 5 . Ainda outros viram nela uma representação simbólica de toda a linha de profetas; ou uma figura ideal; ou um jogo de palavras sobre o nome do profeta Malaquias (ver Int \.).

Talvez não seja possível uma identificação segura do meu mensageiro, e é provável que o profeta não tenha nenhuma personalidade específica em mente. Sua referência à missão do mensageiro para preparar o caminho antes de mim é uma alusão ao costume oriental de enviar mensageiros às várias cidades e aldeias através das quais um rei deveria viajar para notificar os habitantes de sua abordagem, permitindo assim que eles preparassem uma recepção adequada para ele.

É erroneo atribuir a este mensageiro a tarefa adicional de purificar o Templo e o sacerdócio. Esta foi a obra do Senhor que você procura, que de repente virá ao seu templo. O nome Lord (*adon*), embora usado apenas aqui em Malaquias, evidentemente se refere a Javé, pois ele é aquele a quem as pessoas estão buscando (cf. 2:17 , Onde está o Deus da justiça? *). O mensageiro da aliança* é paralelo em forma e significado

ao *Senhor que você procura.* Este mensageiro será uma manifestação de Javé semelhante à do dia da entrega da aliança no Sinai (exemplo 19-20), uma aparição de Javé no caráter do Deus da aliança de Israel.

Seja a interpretação tradicional deste versículo que vê o primeiro mensageiro mencionado como João Batista e o segundo como o Messias ou Cristo é definitivo ou não (Isaías 40: 3-5 , Mateus 3: 1-3 ; 11: 10 f. , Lucas 3: 22ss.), Uma coisa é clara, a saber, a ênfase de Malaquias sobre a inesperada rapidez do julgamento de Deus, em contraste com o seu atraso aparente (cf. 2: 17d). Ele, ele vem afirmando a certeza de a palavra do Senhor dos exércitos.

O dia da sua vinda foi o "dia do Senhor", um dia esperado pelo povo angustiado de Deus. No tempo de Amosthe, o povo esperava por isso como um dia de prosperidade material e libertação de seus inimigos. O profeta, no entanto, devido à sua alta concepção ética de Deus, proclamou-o como um tempo de trevas, não luz, um dia do julgamento severo de Deus de que nenhum homem poderia escapar (veja Amós 5: 18-20 ; 2: 13-16). Malaquias também imaginava o dia como um tempo que ninguém poderia suportar e cuja vinda marcaria a presença de um, contra quem ninguém poderia suportar.

Contrariamente a Amós, no entanto, Malaquias não vê o julgamento de Deus como destrutivo de líderes ou pessoas. Para Malaquias, este julgamento ou acuidade de Yahweh é para fins de purificação ou purificação em vez de destruição. Ele usa dois comércios bem conhecidos, a refinação do ouro e a limpeza das roupas, para apresentar de forma simbólica a idéia para o seu povo: pois ele é como um fogo de refinador e como sabão de fullers. Os processos de purificação e purificação continuarão até apresentarem oferendas corretas ao Senhor (ver 1: 6-2: 9), ou seja, até que sejam apresentadas de acordo com todos os requisitos do ritual. O KJ é preferível, "para oferecerem ao Senhor uma oferta em justiça", isto é, em santidade de vida e como expressão de um espírito justo.

O julgamento de Deus então cairá primeiro sobre os sacerdotes como os mais privilegiados, os mais responsáveis e conseqüentemente os mais culpados. Quando este julgamento tiver feito seu trabalho de purificação sobre eles, as ofertas de Judá serão novamente aceitáveis para o Senhor, como nos *dias* dourados *do passado.* O passado é idealizado e o tempo referido pode ser um dos vários períodos anteriores da história de Israel antes de terem afundado nos pecados flagrantes e do formalismo vazio de um culto falso.

Mas as pessoas não são menos culpadas (cf. 2: 10-17) do que os sacerdotes; Então, para eles, Deus também se aproximará. . . para julgamento, e os que presumiram que o Senhor estava longe (cf. 2: 17d) o acharão muito perto. O julgamento de Deus não vai parar com o sacerdócio corrupto, mas passará a envolver os pecadores entre as pessoas. Seus pecados são resumidos como feitiçaria, adultério, perjúrio e exploração dos pobres e indefesos, crimes que têm sua raiz e explicação basicamente na falta de religião, pois não me temem, diz o Senhor dos exércitos.

Este v. 5 efetivamente refuta a acusação de que Malaquias era um ritualista rabioso, preocupado com os pecados cultuais para a exclusão dos pecados contra a humanidade. Com um discernimento espiritual tão afiado quanto a qualquer de seus

predecessores no escritório profético, ele viu os pecados contra o próximo como aqueles com os quais Deus é particularmente preocupado. No tribunal de julgamento para todos esses pecadores, Deus será juiz e testemunha, e a rapidez deste procedimento deixará claro que a sua aparente falta de ação anteriormente não foi resultado de sua indiferença nem de sua impotência.

O versículo 6 indica o motivo da limpeza completa descrita na v. 2-5 : Para eu, o Senhor não muda. A natureza de Deus é imutável; Ele é sempre o mesmo em relação à sua atitude em relação ao mal. A justiça deve, portanto, seguir o curso e o mal ser punido. Mas ele também é imutável em seu amor e compaixão para os seus: por isso você, ó filhos de Jacó, não é consumido. Deus purifica Israel, mas ele não os consumirá completamente. Até os seus julgamentos são atos de misericórdia, pois o seu propósito é sempre salvar e abençoar. Julgamento e misericórdia, purificação e restauração, ameaças e promessas, purificações e bênçãos são apenas a expressão de seu design gracioso para o povo da aliança. Este aspecto do caráter de Deus foi a fonte da única esperança de Israel. É verdadeiramente a única fonte de confiança para cada homem.

(3) Roubando a Deus (3: 7-12)

7 Desde os dias de seus pais, você se desviou dos meus estatutos e não os manteve. Volte para mim, e eu voltarei para você, diz o SENHOR dos exércitos. Mas você diz: "Como devemos voltar?" 8 O homem vai roubar a Deus? No entanto, você está me roubando. Mas você diz: 'Como nós estamos roubando você?' Em seus dízimos e ofertas. 9 Você está amaldiçoado com uma maldição, pois está me roubando; toda a nação de você. 10 Traga os dízimos cheios para o armazém, para que haja comida na minha casa; e, assim, me deixa testar, diz o SENHOR dos exércitos, se eu não abrir as janelas do céu para você e derramar para você uma bênção transbordante. 11Vou repreender o devorador por você, para que não destrua os frutos do seu solo; e a tua videira no campo não deixará de suportar, diz o SENHOR dos exércitos. 12 Então todas as nações te chamarão de abençoado, pois você será uma terra de delícia, diz o SENHOR dos exércitos.

O profeta retoma ainda mais uma prova do fracasso de Israel em responder ao amor de Deus, o fracasso em pagar o dízimo. Os termos da aliança com Deus exigiam o pagamento do dízimo, ou um décimo de seu aumento. Este dízimo foi dado para o apoio dos sacerdotes que não receberam uma parcela na terra de Canaã (ver Lev. 27:30 ; Deut. 14: 22 p.).

A questão da maior importância aqui, no entanto, não é o próprio dízimo, mas a obediência a Deus. Ao não cumprir este requisito, as pessoas estavam desobedientes. Foi esse defeito de caráter que afligiu o coração de Deus. Isso mostrou a ausência daquela fé e amor que desejava para que ele pudesse ser gracioso com o povo dele e abençoá-los. Deixe-os novamente honrar a Deus com dízimos e oferendas completas, e chuvas de bênçãos cairão sobre a terra. Então, o rendimento de suas colheitas será tão abundante que a terra de Israel se tornará a inveja de todos os povos.

Malaquias aponta antes de tudo que sua desobediência era um pecado antigo: desde os dias de seus pais você se desviou das minhas estátuas. Embora o povo tenha prometido sua obediência no início da relação da aliança com o Senhor (ver Ex. 19: 8), eles repetidamente não conseguiram viver de acordo com as estátuas de Deus (KJV, "ordenanças"). A palavra hebraica utilizada tem aplicação básica para um limite ou limite prescrito. As palavras de Malaquias, portanto, sugerem a metáfora de fazer uma falsa volta, embora o verdadeiro caminho seja claramente delineado. Israel repetidamente foi além dos limites ou limites prescritos pelo Deus da aliança. Mas, apesar de sua fé, Yahweh permaneceu fiel e continuou a ser misericordioso, gracioso, lento para a ira e abundante em amor e fidelidade firme. Aqui novamente, a sua misericórdia é manifestada antes do seu julgamento enquanto ele chama para Israel. Volte para mim, e eu retornarei para você. Este é o mesmo amor divino que se declarou nos versos iniciais da profecia (l: 2s).

Se eles retornarem a Deus, ele retornará a eles. A mensagem inicial de Deus para o homem é sempre um chamado ao arrependimento, em vez de um pronunciamento de julgamento. Israel é amorosamente convidado a retornar ao caminho prescrito por Deus e a andar ali. O povo como anteriormente (ver 1: 2 , 6-7 ; 2:17) responde com uma pergunta: como devemos retornar? O KJV é melhor, "Em que devemos retornar?" Ou seja, com referência a que pecado devemos retornar? Sua resposta ao gracioso convite de Deus para retornar provou quão completamente sua justiça própria os cegou para sua própria condição espiritual. Com auto-justificação hipócrita, fingiram ignorar quaisquer falhas de conduta que exigissem o arrependimento. Seu orgulho espiritual era tão impessoável quanto sempre.

Pacientemente, o Senhor respondeu a sua pergunta com mais uma para impressionar com eles a principal necessidade de arrependimento. O homem vai roubar deus? Gan um mero ser humano defraude Deus? Inconcebível! Tal acusação é absurda. No entanto, Deus respondeu: você está me roubando. O verbo hebraico que provoca roubo é encontrado em outro lugar apenas em Provérbios 22:22 . É preciso primeiro o significado de cobrir ou esconder, então suportará a sensação de defraudar ou roubar.

Se a última letra da palavra hebraica para rob é feita a inicial, a palavra resultante é idêntica à raiz a partir da qual o nome próprio Jacob é derivado. Esta raiz significa suplantar (Gênesis 27:36 , Jeremias 9: 4). A questão então diz: "O homem suplantará Deus?"

Para a acusação do profeta que estavam roubando (suplantando) Deus, as pessoas exigiam: como estamos roubando a Deus? Para o que Malaquias respondeu, respondeu, em seus dízimos e oferendas. Eles haviam roubado a Deus ao não trazer, como a lei exigia (ver Deuteronômio 14:22 , Levíticos 27:30), os dízimos e as ofertas no armazém ou tesouraria do Templo. Toda a nação está incluída na carga, toda a nação de você. Tal desonestidade trouxe uma maldição no fracasso de suas colheitas e no sofrimento que necessariamente seguiu. Mas que se arrependam e mostrem a sua penitência trazendo o dízimo cheio no armazém, e o Senhor, em troca, enviará chuva do céu e repreende o devorador por você. Então, seus campos produzirão suas colheitas abundantemente e sem falhas.

Eles duvidaram do amor de Deus (cf. 1: 2), mas o motivo de sua aparente indiferença e suas muitas decepções não estavam nele, mas neles. O fracasso de Israel em receber as

bênçãos de Yahweh foi devido apenas a sua falta de merecimento. Então, o Senhor diz, me faça testar e veja se eu não tomarei sobre você bênçãos em tal abundância que você terá mais do que suficiente para todas as necessidades. E quando as nações circundantes vêem a prosperidade que seguirá a sua liberalidade em relação a Deus, eles concluirão com razão que Deus é verdadeiramente convosco e que suas bênçãos são o resultado de suas ações. Aqui está uma oportunidade para o testemunho cristão em grande parte negligenciado pelo povo de Deus em todas as gerações.

Em vv. 6-12 não há dúvida de que os profetas tentam subornar seu povo para obedecer a Deus. Era simplesmente uma lógica profética que, se a barreira para o gozo do amor divino fosse removida, a doação gratuita e plena deste amor seguiria. Também não é estranho que no Antigo Testamento encontremos o aspecto material da benção de Deus enfatizou quase a negligência do aspecto espiritual. Um conceito claro e definido de vida após a morte é em grande parte faltando no Antigo Testamento. Portanto, um Deus justo, necessariamente, abençoará no "aqui e agora" ao invés de "lá e então", com tais bençãos assumindo forma concreta (em oposição ao espiritual) (Deuteronômio 28: 1-6 , 12 ; Amos 9: 13f.).

(4) Ceticismo Incipiente (3: 13-4: 3)

13 "Suas palavras foram fortes contra mim, diz o SENHOR . No entanto, você diz: "Como falamos contra você?" 14 Vocês disseram: "É inútil servir a Deus. Qual o bem de manter nossa carga ou de andar como de luto perante o SENHOR dos exércitos? 15 A partir daí consideramos o arrogante abençoado; Os malfeitores não apenas prosperam, mas quando eles colocam Deus à prova, eles escapam ". "

16 Então os que temiam o SENHOR falavam uns com os outros; O SENHOR atendeu e ouviu-os, e um livro de lembrança foi escrito antes dele daqueles que temiam o SENHOR e pensaram em seu nome. 17 "Eles serão meus, diz o SENHOR dos exércitos, a minha possessão especial no dia em que eu agir, e eu os poupará como um homem poupa seu filho que o serve. 18 Então mais uma vez distinguirás o justo e o ímpio, entre alguém que serve a Deus e aquele que não o serve.

1 Pois eis que chega o dia, queima como um forno, quando todos os arrogantes e todos os malfeitores serão rebanhos; O dia que vem os abate, diz o SENHOR dos exércitos, para que não os deixe nem raiz nem ramo. 2 Mas para vós que temeis o meu nome, o sol da justiça se levantará, com a cura nas suas asas. Você deve sair pulando como bezerros da barraca. 3 E pisarás os ímpios, porque eles serão cinzas debaixo da sola dos teus pés, no dia em que eu agir, diz o SENHOR dos exércitos.

Um outro obstáculo permaneceu para a libertação total de Deus de seu amor em relação a Israel, ou seja, um ceticismo incipiente ou leve por parte da piedosa ou piedosa da terra. Os intérpretes não são unânimes na conclusão de que as pessoas mencionadas na vv. 13ff. são idênticos aos doadores de Deus em vv. 16ff. Esta abordagem, no entanto, é preferível à visão que identifica aqueles na referência anterior como céticos godless. Isso é verdade por uma série de razões.

Em primeiro lugar, os altamente céticos já foram denunciados (cf. 2:17 ; 3: 5). Novamente, se a duvida (v. 13f.) São os ímpios em Israel, que são os arrogantes (v. 15)? Além disso, nenhum ponto definido de ligação no tempo pode ser encontrado para então (v. 16). E, finalmente, existe uma autoridade antiga (LXX e Syriac) para tornar a palavra de abertura de v. 16 como "assim" em vez de então.

As condições do dia (ver Int.) Geraram um espírito de ceticismo entre os mais piedosos ou piedosos das pessoas. Malaia carregou-os de falar palavras fortes ou fortes contra o Senhor. O profeta respondeu a sua objeção: como falamos contra Deus? chamando a atenção para o ceticismo incipiente por parte dos piedosos. Eles disseram que é inútil servir a Deus; Ou seja, não há lucro nesse serviço. Além disso, questionaram a eficácia das práticas da religião, acusando Deus de indiferença em relação a suas orações, jejuns e sacrifícios.

No humor escéptico dos tempos, então, os piedosos foram tentados a ignorar a manutenção da sua carga (isto é, comandos ou estátuas) e abster-se de caminhar como de luto perante o Senhor dos Exércitos com tristeza e arrependimento por seus pecados. Pois, afinal, não eram os arrogantes abençoados, e os malfeitores não só prosperavam, mas quando deixaram Deus à prova, escaparam do castigo que justamente mereciam?

Este problema dos piedosos - a prosperidade e o bem-estar dos ímpios - é comum aos cristãos em todas as épocas. O salmista estava familiarizado com isso (Salmo 73). Sua resposta foi encontrada em "o santuário de Deus". A resposta de Malaquias é diferente, mas ele tem uma resposta.

Então (assim) aqueles que temiam o Senhor falaram um com o outro. "Assim" é preferível (veja acima). O profeta muda para a terceira pessoa, pois ele agora começa a falar sobre os piedosos e não para eles. E o que ele tem a dizer é destinado a dissipar suas dúvidas. Malaquias, sem dúvida, considerou que as perguntas não eram necessariamente o sinal de um espírito irreligioso. Com Jeremias (cf. 12: 1s.), Habacuque (cf. 1: 2-4) e autor do livro de Jó, ele conseguiu ver que as dúvidas são muitas vezes indicativas de um crescimento desejável para a maturidade espiritual. Malaquias, portanto, lida gentilmente com os questionários sinceros entre seu povo.

É interessante notar que a resposta do profeta às dúvidas dos piedosos é essencialmente a mesma que a resposta aos cínicos em 2: 17-3: 6 . É a resposta escatológica. Muito em breve, o dia do Senhor está chegando. Embora o trigo e a joia agora cresçam juntos, chegará o tempo em que aqueles que temiam o Senhor e pensaram em seu nome serão reivindicados como possessão especial de Deus (ver Ex. 19: 5) ou propriedade privada.

No dia em que Deus age (no juízo), os fiéis de Israel serão separados dos perversos e poupados, porque os nomes deles são encontrados no livro de lembrança de Deus e serviram a Deus como filhos obedientes (filhos). Então a justiça divina será reivindicada. Todos verificam claramente que há uma distinção entre os justos e os ímpios, entre quem serve a Deus e aquele que não o serve.

Com 4: 1 a Septuaginta, a Vulgata e alguns manuscritos hebraicos começam um novo capítulo. A maioria dos tradutores ingleses segue a este respeito. Mas a melhor tradição

hebraica (MT) suporta a continuação do capítulo 3 até o final do livro. É lógico que pelo menos vv. 1-3 seja tratado com 3: 13-18, uma vez que os três versículos continuam pensando nos versículos finais do capítulo anterior: o castigo de Deus contra os ímpios e sua libertação dos piedosos.

Pois eis que vem o dia, queima como um forno. Para não só conecta vv. 1-3 com o versículo anterior (3:18), mas também serve para explicar a verdade, a saber, a realidade das ações de Deus no dia do Senhor, o que possibilitará a todos os homens a distinção entre o justo e o justo. perverso. Como o símbolo da santidade de Deus que consome todas as impurezas, muitas vezes o fogo é falado em relação ao julgamento. Essa representação é comum entre os profetas (ver Isaías 10: 16ss .; Amós 1: 3ss ; Jeremias 21:14 ; Ezequiel 21: 31 f .; Zeph. 1:18 ; 3: 8), e Malaquias usou isso com total compreensão e facilidade. Os ímpios, em comparação com o restolho, serão consumidos; em comparação com uma árvore, eles serão destruídos raiz e ramo, isto é, completamente destruído. No dia em que Deus age, os ímpios que agora parecem tão fortes e firmemente enraizados desaparecerão tão rapidamente quanto a chama de um forno consome um punhado de palha.

Não é o propósito de Malaquias aqui trazer o terror aos corações dos ímpios, mas sim confortar os piedosos que estão tentados a duvidar do valor da religião e a questionar a justiça de Deus (ver 3:13 f.). O profeta, portanto, assegura-lhes que terão sua recompensa quando chegar o dia do julgamento. A vinda de Yahweh significará libertação para eles. O sol da justiça se elevará, com a cura nas suas asas para os que temem o meu nome. Como o sol da manhã dissipa a escuridão da noite, a manifestação súbita dos juízos justos de Yahweh iluminará a espessa escuridão das aflições e duvidas de Israel e trará cura para sua dor.

É interessante notar que o deus do sol da Babilônia, Shamash, foi encarado como o deus da justiça. A imparcialidade absoluta dos raios do sol talvez tenha dado origem à associação da justiça com o sol (ver JMP Smith, página 80). A imagem impressionante do sol da justiça, com cura nas suas asas, é derivada do simbolismo das antigas religiões do Oriente Próximo, nas quais o disco alado do sol é representado como fonte de proteção e benção. Contrariamente ao KJV, "Sun", com uma letra maiúscula, a referência não é para um agente pessoal, mas sim para uma representação figurativa da própria justiça. Não era o propósito do profeta prever Cristo pessoalmente nesta frase, mas contrastar o que o dia do julgamento apresentaria aos justos com o que apresentaria aos ímpios.

Quando os justos foram entregues e viram da ação de Deus em juízo que ele faz distinção entre justos e injustos, eles seguirão pulando como bezerros da barraca. O sol da justiça deve acelerar e fortalecer os fiéis que a alegria de sua saúde espiritual e liberdade é comparada aos bezerros liberados de barracas escuras e solto no pasto aberto, onde eles atacam e pulam pela pura alegria ao sol de sua liberdade .

Os justos também pisarão os ímpios **como** cinzas sob a planta de seus pés. Uma interpretação muito literal é enganosa aqui, pois é só o Senhor que punirá os inimigos de seus filhos. A imagem do versículo destina-se a representar de forma tão simples e gráfica quanto possível o triunfo total do piedoso sobre todas as forças do mal. Os ímpios não poderão mais prejudicar e alarmar os justos, tendo sido consumidos no furioso fogo do juízo de Deus (cf. 4: 1) ".

III. Uma Exortação e uma Promessa (4: 4-6)

4 ***"Lembre-se da lei do meu servo Moisés, os estatutos e as ordenanças que eu lhe ordenei em Horebe para todo o Israel.***

5 ***"Eis que eu te enviarei o profeta Elias antes que o grande e terrível dia do SENHOR venha.*** ***6*** ***E ele virará os corações dos pais para os seus filhos e os corações dos filhos para os seus pais, para que não venha a ferir a terra com uma maldição ".***

A unidade do livro de Malaquias tem sido muito questionada no ponto de seus versículos finais (ver Denton, pp. 1143f., E Matthews, página 34). HH Rowley sugeriu que o editor geral de todo o Livro dos Doze (profetas) é responsável pelos versos finais de Malaquias, que não se destinam tanto a fechar o próprio livro como para concluir toda a coleção profética.

Mas é a ênfase do vv. 4-6 tão diferente do resto do livro para impedir a unidade ou a autoria comum? (Veja EW Barnes, p. 23.) Ao longo do livro, o profeta enfatizou a obediência à lei. É verdade que ele não o chamou de "lei de Moisés", mas o chamado urgente para sua observância é óbvio. Ele agora o chama a lei do meu servo Moisés, a fim de dar peso à sua exortação para obedecer aos estatutos e ordenanças que Deus lhe ordenou em Horeb. Horeb ou Sinai foi o lugar da entrega de Deus às leis da aliança para o seu povo através de Moisés (ver Ex. 19-23 ; Deut. 4:10 ; 18:16).

Além disso, e apesar da contínua ênfase do profeta na lei (de Moisés), é extremamente difícil sentir que ele desesperou do lugar da profecia na vida de seu povo e considerou a obediência à lei como única esperança para a libertação no dia do julgamento de Deus. Em vez disso, ele vê a sua salvação resultante do ministério de um grande profeta que é prometido: eis que eu enviarei o profeta Elija antes do dia grande e terrível do Senhor chegar. Como resultado do ministério deste profeta, Israel escapará da destruição (v. 6).

O profeta (Elijah) no v. 5 geralmente é identificado com o mensageiro de 3: 1 . Ambos aparecerão para preparar a vinda do Senhor para julgar o povo. Mas e a identidade do Elijah mencionada aqui? Ele é o profeta antigo que ganhou vida? Havia uma tradição generalizada entre os rabinos e os pais de que o profeta Elijah que foi levado para o céu (ver 2 Reis 2:11) reapareceria (Keil, p. 471).

No entanto, não é provável que o profeta proponha que Elijah apareça pessoalmente. Não mais do que outros dos profetas esperam uma ressurreição e retorno de Davi quando eles prometeram o envio de Davi, o rei, como o verdadeiro pastor de Israel (cf., por exemplo, Hos. 3: 5 ; Jeremias 30: 9 ; Ezek 34: 23) . Assim como o último ênfase foi sobre um rei que governaria o povo de Deus no poder e espírito de Davi, então o Elias para ser enviado era um profeta com o poder e o espírito de Elias, o Tisbite, que chamou os ímpios de sua geração para retornar ao deus de seus pais.

Profecia então, embora não estivesse sendo atendido, não havia feito seu trabalho completo. Chegou ainda outro profeta que, no espírito e zelo de Elijah, faria uma obra poderosa em preparação para o dia de Javé quando Deus apareceria em juízo e / ou redenção.

O ministério deste profeta semelhante a Elias transformará os corações dos pais para seus filhos e os corações dos filhos para seus pais. Isso não significa que sua única tarefa seja conciliar distanciamentos dentro de famílias individuais. O principal pecado da nação no tempo de Malaquias não era uma falta crítica de harmonia no lar, mas a alienação de Deus. Os pais mencionados são os antepassados da nação, que eram homens piedosos em seus dias. As crianças são seus descendentes carregados de pecado da idade de Malaquias.

Um grande fosso se separou entre os dois grupos, principalmente porque faltava um amor comum por Deus. Será tarefa de Elijah restaurar o coração dos pais nos filhos, dando-lhes as disposições e os desejos do pai. Então o coração dos filhos se voltará para seus pais, e ambos trarão honra ao nome de Javé.

Assim, Elija preparará seu povo para a vinda do Senhor e tornará desnecessária a sua batalha contra a terra com uma maldição.

Praga é o Hebrew *cherem* e envolveu a destruição total de tudo colocado sob uma interdição (cf. Lev 27:.. 28f ; Dt 13:.. 16f ; 1 Sm 15:.. 3ff ; Josh 6:17.).

Antes da chegada do grande dia do Senhor, então, um profeta do caráter e do zelo de Elija virá fazer um último esforço para converter o povo. Embora os cristãos do Novo Testamento viessem em João Batista o cumprimento dessas palavras (Mateus 11: 10ss. , Lucas 7: 27ss.), A ênfase do profeta é sobre a sublime verdade que Deus sempre se esforça para levar os homens ao arrependimento antes que ele vem em juízo sobre eles. E é significativo que o instrumento de seu esforço seja ser um profeta.

Os versículos finais de Malaquias servem como uma conclusão apropriada para a seção profética do Antigo Testamento, bem como para o próprio livro. Os profetas não eram opositores da lei nem destruidores de códigos de lei ou funções sacerdotais. Em vez disso, eram intérpretes da lei e procuravam reforçar seus ensinamentos, dar-lhe espírito e torná-lo relevante para a vida. Malaquias não estabeleceu sacerdote e lei contra profeta e profecia. Em vez disso, ele imaginava ambos como desempenhando papéis vitais nos apelos de Deus para o arrependimento dos homens.